



Allan Kardec

Estudo Sistematizado da

Doutrina Espírita

Programa Complementar
Tomo único



ESTUDO SISTEMATIZADO DA
Doutrina Espírita

ESTUDO SISTEMATIZADO DA Doutrina Espírita

Programa Complementar
Tomo único

Organização
Cecília Rocha



Copyright © 2008 by
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB

1ª edição – 18ª impressão – 2 mil exemplares – 11/2019

ISBN 978-85-7328-568-0

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do *copyright*.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA — FEB
SGAN 603 - Conjunto F - Avenida L2 Norte
70830-106 – Brasília (DF) – Brasil
www.febeditora.com.br
editorial@febnet.org.br
+55 (61) 2101-6198

Pedidos de livros à FEB
Comercial
Tel.: (61) 2101 6155/6177 – comercial@febnet.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Federação Espírita Brasileira – Biblioteca de Obras Raras)

R672e Rocha, Cecília (Org.), 1919–2012

Estudo sistematizado da Doutrina Espírita: programa complementar / Cecília Rocha (organizadora) – 1. ed. – 18. imp. – Brasília: FEB, 2019.

V. único; 491 p.; 25 cm

Inclui referências

ISBN 978-85-7328-568-0

1. Espiritismo – Estudo e ensino. 2. Espíritas – Educação.
I. Federação Espírita Brasileira. II. Título.

CDD 133.9
CDU 133.7
CDE 60.02.00

SUMÁRIO

Apresentação 9

Explicações necessárias 11

MÓDULO I – VIDA NO MUNDO ESPIRITUAL

Roteiro 1 – O fenômeno da morte 15

Roteiro 2 – Perturbação espiritual 27

Roteiro 3 – Ensaio teórico das sensações e percepções dos Espíritos.... 41

Roteiro 4 – Espíritos errantes 49

Roteiro 5 – Sorte das crianças depois da morte 57

Roteiro 6 – Esferas espirituais da Terra e mundos transitórios 65

Roteiro 7 – Ocupações e missões dos Espíritos 81

Roteiro 8 – Relações no Além-túmulo: simpatias e antipatias..... 91

Roteiro 9 – Afeição que os Espíritos votam a certas pessoas. Espíritos protetores 97

Roteiro 10 – Escolhas das provas 107

MÓDULO II – FLUIDOS E PERISPÍRITO

Roteiro 1 – Natureza, propriedades e qualidades dos fluidos 119

Roteiro 2 – Perispírito: formação, propriedades e funções 129

Roteiro 3 – Criações fluídicas..... 139

Roteiro 4 – Magnetismo: conceito e aplicação 147

Roteiro 5 – Aplicações do magnetismo humano 155

MÓDULO III – O FENÔMENO DA INTERCOMUNICAÇÃO MEDIÚNICA

Roteiro 1 – O fenômeno mediúnico através dos tempos.....	169
Roteiro 2 – Os médiuns precursores	183
Roteiro 3 – Finalidades e mecanismos das comunicações mediúnicas .	195
Roteiro 4 – Natureza das comunicações mediúnicas	203
Roteiro 5 – As evocações e as comunicações espontâneas dos Espíritos	211

MÓDULO IV – DOS MÉDIUNS

Roteiro 1 – Classificação e características dos médiuns	219
Roteiro 2 – Mediunidade nas crianças	229
Roteiro 3 – A influência moral do médium e do meio nas comunicações mediúnicas	239

MÓDULO V – DA PRÁTICA MEDIÚNICA

Roteiro 1 – Qualidades essenciais ao médium.....	255
Roteiro 2 – Identificação das fontes de comunicação mediúnica.....	265
Roteiro 3 – Contradições e mistificações.....	275
Roteiro 4 – Animismo	287
Roteiro 5 – O exercício irregular da mediunidade	297

MÓDULO VI – OBSESSÃO E DESOBSESSÃO

Roteiro 1 – Obsessão: conceito, causas e graus	307
Roteiro 2 – O processo obsessivo: o obsessor e o obsidiado	315
Roteiro 3 – Obsessão e enfermidades mentais.....	323
Roteiro 4 – Desobsessão.....	333

MÓDULO VII – FENÔMENOS DE EMANCIPAÇÃO DA ALMA

Roteiro 1 – Sono e Sonhos	345
Roteiro 2 – Letargia e catalepsia.....	357
Roteiro 3 – Sonambulismo, êxtase e dupla vista.....	369

MÓDULO VIII – A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO RELIGIOSO

Roteiro 1 – A base religiosa da humanidade.....	383
Roteiro 2 – Politeísmo	393
Roteiro 3 – Moisés e o decálogo.....	403
Roteiro 4 – Jesus e o Evangelho.....	411
Roteiro 5 – A revelação espírita	419
Roteiro 6 – Espiritismo: o Consolador prometido por Jesus	429

MÓDULO IX – MOVIMENTO ESPÍRITA E UNIFICAÇÃO

Roteiro 1 – Movimento Espírita: conceito e objetivo.....	443
Roteiro 2 – O Centro Espírita: conceitos, objetivos e atividades básicas...	451
Roteiro 3 – O trabalho federativo e de Unificação do Movimento Espírita: conceito, diretrizes e estrutura.....	465

APRESENTAÇÃO

Este livro – *Programa Complementar* – conclui a série proposta para a nova programação do Curso de Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita – ESDE.

Abrange os conteúdos doutrinários existentes em *O livro dos espíritos*, da Introdução à Conclusão, mas com ênfase na Parte Segunda desta obra espírita.

A atualidade dos ensinamentos transmitidos pelos Espíritos Superiores pode ser conferida nos seguintes temas que caracterizam os nove módulos e os quarenta e quatro roteiros de estudo: *Vida no mundo espiritual. Fluidos e perispírito. O fenômeno da intercomunicação mediúnica. Dos médiuns. Da prática mediúnica. Obsessão e desobsessão. Fenômenos de emancipação da alma. A evolução do pensamento religioso. Movimento Espírita e Unificação.*

EXPLICAÇÕES NECESSÁRIAS

O novo curso do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita-ESDE oferece uma visão panorâmica e doutrinária do Espiritismo, fundamentada na ordem sequencial dos assuntos existentes em *O livro dos espíritos*.

O objetivo fundamental deste curso, como do anterior, é propiciar condições para estudar o Espiritismo de forma séria, regular e contínua, tendo como base as obras codificadas por Allan Kardec e o Evangelho de Jesus.

O seu conteúdo doutrinário está distribuído em dois programas, assim especificado:

Programa Fundamental – subdividido em dois tomos, cada um contendo nove módulos de estudo.

Programa Complementar – constituído de um único tomo, também com nove módulos de estudo.

A formatação pedagógica-doutrinária utiliza, em ambos os programas, o sistema de módulos para agrupar assuntos semelhantes, os quais são desenvolvidos em unidades básicas denominadas *roteiros de estudo*.

A duração mínima prevista para a execução do curso é de dois anos letivos.

Cada roteiro de estudo deve, em princípio, ser desenvolvido numa reunião semanal de 1 hora e 30 minutos.

Todos os roteiros contêm: a) uma página de rosto, onde estão definidos o número e o nome do módulo; os objetivos, geral e específico; o conteúdo ou ideias básicas, norteadoras do assunto a ser desenvolvido em cada reunião; b) um formulário de sugestões didáticas que indica como aplicar e avaliar o assunto da aula, de forma dinâmica e diversificada, tendo em vista os seus objetivos e o seu conteúdo básico; c) formulários de subsídios, existentes em número variável, segundo a complexidade do tema; d) formulário de referências bibliográficas. Em alguns roteiros há anexos, glossários, notas de rodapé ou recomendação de atividades extraclasse.

Sugere-se que as reuniões semanais utilizem, na medida do possível, técnicas e recursos pedagógicos diversificados, com enfoque no trabalho em grupo, evitando-se reuniões monótonas e cansativas.

Sugere-se que as reuniões semanais enfoquem, na medida do possível, o trabalho em grupo, evitando a monotonia e o cansaço.

PROGRAMA COMPLEMENTAR | MÓDULO I

VIDA NO MUNDO ESPIRITUAL

OBJETIVO GERAL

Propiciar conhecimentos da vida no Mundo espiritual

VIDA NO MUNDO ESPIRITUAL

Roteiro 1

O FENÔMENO DA MORTE

Objetivo específico

- » Dizer o que sucede com a alma no instante da morte do corpo físico.
- » Explicar o processo de separação da alma do corpo.

Conteúdo básico

- » *Que sucede à alma no instante da morte?*
- » *Volta a ser Espírito, isto é, volta ao mundo dos Espíritos, donde se aparta momentaneamente.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 149.
- » *O último alento quase nunca é doloroso, uma vez que ordinariamente ocorre em momento de inconsciência, mas a alma sofre antes dele a desagregação da matéria, nos estertores da agonia, e, depois, as angústias da perturbação.* Allan Kardec: *O céu e o inferno*. Segunda parte, cap. 1, item 7.
- » *A extinção da vida orgânica acarreta a separação da alma em consequência do rompimento do laço fluídico que a une ao corpo, mas essa separação nunca é brusca.* Allan Kardec: *O céu e o inferno*. Segunda parte, cap. 1, item 4.
- » *A causa principal da maior ou menor facilidade de desprendimento é o estado moral da alma.* Allan Kardec: *O céu e o inferno*. Segunda parte, cap. 1, item 8.

- » *Na morte natural, a que sobrevém pelo esgotamento dos órgãos, em consequência da idade, o homem deixa a vida sem o perceber: é uma lâmpada que se apaga por falta de óleo. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 154 – comentário.*
- » *[...] em todos os casos de morte violenta, quando a morte não resulta da extinção gradual das forças vitais, mais tenazes são os laços que prendem o corpo ao perispírito e, portanto, mais lento o desprendimento completo. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 162 – comentário.*
- » *[...] No suicida, principalmente, [essa situação] excede a toda expectativa. Preso ao corpo por toda as suas fibras, o perispírito faz repercutir na alma todas as sensações daquele, com sofrimentos cruciantes. Allan Kardec: O céu e o inferno. Segunda parte, cap. 1, item 12.*

Sugestões didáticas

Introdução

- » Introduzir o tema explicando, em linhas gerais, o fenômeno da morte ou desencarnação, segundo a Doutrina Espírita.

Desenvolvimento

- » Solicitar, então, à turma que se divida em cinco grupos para a realização das seguintes tarefas:
- » Leitura do item determinado ao grupo;
- » Troca de ideias sobre o texto lido;
- » Elaboração de resumo, com base nas principais ideias desenvolvidas no texto estudado.

A distribuição dos assuntos, por grupo, pode seguir esta ordenação:

grupo 1: item 1 (Individualidade do Espírito após a desencarnação);

grupo 2: item 2 (Separação da alma do corpo na desencarnação);

grupo 3: item 3.1 (Separação da alma do corpo);

grupo 4: item 3.2 (Separação da alma do corpo na morte natural);

grupo 5: item 3.3 (Separação da alma do corpo na morte súbita).

- » Pedir aos grupos que indiquem um relator para apresentar as conclusões do trabalho, em plenária.
- » Ouvir os relatos, esclarecendo possíveis dúvidas.

Conclusão

- » Utilizar, como fechamento da aula e fixação do assunto estudado, esclarecimentos sobre os itens constantes do conteúdo básico deste roteiro. Se possível, apresentar o conteúdo em transparências de retroprojeter ou em cartaz.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- » os relatos indicarem que o assunto foi corretamente entendido pelos participantes.

Técnica(s): exposição; trabalho em pequenos grupos.

Recurso(s): *Subsídios* do roteiro; lápis/papel; transparências ou cartaz;

Atividade extraclasse

Pedir aos participantes que leiam o texto *Treino para a morte* – do Espírito Irmão X, psicografia de Francisco Cândido Xavier, constante no livro *Cartas e crônicas*, editado pela FEB – e, em seguida, destaquem as principais ideias desenvolvidas pelo autor (veja o texto no anexo).

No instante da morte, ou desencarnação, o *Espírito* [...] *volve ao mundo dos Espíritos, donde se apartara momentaneamente.*⁹ A individualidade do desencarnado é preservada e, graças ao seu perispírito, mantém os traços característicos de si mesmo, aprendendo a se relacionar com outros desencarnados.¹⁰ Como a morte é um fenômeno natural, a pessoa, em geral, guarda a [...] *lembrança e o desejo de ir para um mundo melhor, lembrança cheia de doçura ou de amargor, conforme*

*o uso que ela fez da vida. Quanto mais pura for, melhor compreenderá a futilidade do que deixa na Terra.*¹¹

Subsídios

1. Individualidade do Espírito após a desencarnação

Existem interpretações filosóficas e religiosas que defendem a hipótese de que, após a desencarnação, o Espírito perde a sua individualidade e se incorpora ao *todo universal*, por uns chamado de Deus; por outros, “Alma Universal”. O Espiritismo assim se pronuncia a respeito deste assunto: *O conjunto dos Espíritos não forma um todo? não constitui um mundo completo? Quando estás numa assembleia, és parte integrante dela; mas, não obstante, conservas sempre a tua individualidade.*¹² *Os que pensam que, pela morte, a alma reingressa no todo universal estão em erro, se supõem que, semelhante à gota d’água que cai no Oceano, ela perde ali a sua individualidade. Estão certos, se por todo universal entendem o conjunto dos seres incorpóreos, conjunto de que cada alma ou Espírito é um elemento. Se as almas se confundissem num amálgama só teriam as qualidades do conjunto, nada as distinguiria umas das outras. Careceriam de inteligência e de qualidades pessoais quando, ao contrário, em todas as comunicações [mediúnicas], denotam ter consciência do seu eu e vontade própria.*

[...] *Se, após a morte, só houvesse o que se chama o grande Todo, a absorver todas as individualidades, esse Todo seria uniforme e, então, as comunicações que se recebessem do mundo invisível seriam idênticas. Desde que, porém, lá se nos deparam seres bons e maus, sábios e ignorantes, felizes e desgraçados; que lá os há de todos os caracteres: alegres e tristes, levianos e ponderados, etc., patente se faz que eles são seres distintos. A individualidade ainda mais evidente se torna, quando esses seres provam a sua identidade por indicações incontestáveis, particularidades individuais verificáveis, referentes às suas vidas terrestres. Também não pode ser posta em dúvida, quando se fazem visíveis nas aparições. A individualidade da alma nos era ensinada em teoria, como artigo de fé. O Espiritismo a torna manifesta e, de certo modo, material.*¹³

2. Separação da alma do corpo na desencarnação

A separação entre a alma e o corpo não é, em geral, dolorosa. *O corpo quase sempre sofre mais durante a vida do que no momento da morte; a alma nenhuma parte toma nisso. Os sofrimentos que algumas vezes se experimentam no instante da morte são um gozo para o Espírito, que vê chegar o termo do seu exílio.*¹⁴ É importante considerar que, sendo a morte um fenômeno biológico natural, ocorrendo falência geral do sistema, a alma se liberta do corpo.¹⁵ *Por ser exclusivamente material, o corpo sofre as vicissitudes da matéria. Depois de funcionar por algum tempo, ele se desorganiza e decompõe. O princípio vital [que animava os órgãos do corpo], não mais encontrando elemento para sua atividade, se extingue e o corpo morre. O Espírito, para quem, este, carente de vida, se torna inútil, deixa-o, como se deixa uma casa em ruínas, ou uma roupa imprestável.*¹

O fenômeno da desencarnação é oposto ao da encarnação. Assim, quando [...] *o Espírito tem de encarnar num corpo humano em vias de formação, um laço fluídico, que mais não é do que uma expansão do seu perispírito, o liga ao gérmen que o atrai por uma força irresistível, desde o momento da concepção. [...] Sob a influência do princípio vito-material do gérmen, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria, se une, molécula a molécula, ao corpo em formação, donde o poder dizer-se que o Espírito, por intermédio do seu perispírito, se enraíza, de certa maneira, nesse gérmen, como uma planta na terra. [...] Por um efeito contrário, a união do perispírito e da matéria carnal, que se efetuara sob a influência do princípio vital do gérmen, cessa, desde que esse princípio deixa de atuar, em consequência da desorganização do corpo. Mantida que era por uma força atuante, tal união se desfaz, logo que essa força deixa de atuar. Então, o perispírito se desprende, molécula a molécula, conforme se unira, e ao Espírito é restituída a liberdade. Assim, não é a partida do Espírito que causa a morte do corpo; esta é que determina a partida do Espírito.*² Dessa forma, durante a reencarnação o [...] *Espírito se acha preso ao corpo pelo seu envoltório semimaterial ou perispírito. A morte é a destruição do corpo somente, não a desse outro invólucro, que do corpo se separa quando cessa neste a vida orgânica.*¹⁶

3. A desencarnação

3.1 Separação da alma do corpo

A desencarnação não provoca, em geral, sofrimento ao Espírito desencarnante.

*A [...] alma se desprende gradualmente, não se escapa como um pássaro cativo a que se restitua subitamente a liberdade. Aqueles dois estados [vida e morte do corpo] se tocam e confundem, de sorte que o Espírito se solta pouco a pouco dos laços que o prendiam. Estes laços se desatam, não se quebram.*¹⁵

*A observação demonstra que, no instante da morte, o desprendimento do perispírito não se completa subitamente; que, ao contrário, se opera gradualmente e com uma lentidão muito variável conforme os indivíduos. Em uns é bastante rápido, podendo dizer-se que o momento da morte é mais ou menos o da libertação. Em outros, naqueles sobretudo cuja vida foi toda material e sensual, o desprendimento é muito menos rápido, durando algumas vezes dias, semanas e até meses, o que não implica existir, no corpo, a menor vitalidade, nem a possibilidade de volver à vida, mas uma simples afinidade com o Espírito, afinidade que guarda sempre proporção com a preponderância que, durante a vida, o Espírito deu à matéria. É, com efeito, racional conceber-se que, quanto mais o Espírito se haja identificado com a matéria, tanto mais penoso lhe seja separar-se dela; ao passo que a atividade intelectual e moral, a elevação dos pensamentos operam um começo de desprendimento, mesmo durante a vida do corpo, de modo que, em chegando a morte, ele é quase instantâneo.*¹⁶

Nos estertores da desencarnação, ou agonia, [...] a alma, algumas vezes, já tem deixado o corpo; nada mais há que a vida orgânica. O homem já não tem consciência de si mesmo; entretanto, ainda lhe resta um sopro de vida orgânica. O corpo é a máquina que o coração põe em movimento. Existe, enquanto o coração faz circular nas veias o sangue, para o que não necessita da alma.¹⁷ Nos instantes finais da separação, muitas [...] vezes a alma sente que se desfazem os laços que a prendem ao corpo. Emprega então todos os esforços para desfazê-los inteiramente. Já em parte desprendida da matéria, vê o futuro desdobrar-se diante de si e goza, por antecipação, do estado de Espírito.¹⁸

Vale a pena destacar que o [...] último alento quase nunca é doloroso, uma vez que ordinariamente ocorre em momento de inconsciência,

mas a alma sofre antes dele a desagregação da matéria, nos estertores da agonia, e, depois, as angústias da perturbação. Demo-nos pressa em afirmar que esse estado não é geral, porquanto a intensidade e duração do sofrimento estão na razão direta da afinidade existente entre corpo e perispírito. Assim, quanto maior for essa afinidade, tanto mais penosos e prolongados serão os esforços da alma para desprender-se. Há pessoas nas quais a coesão é tão fraca que o desprendimento se opera por si mesmo, como que naturalmente; é como se um fruto maduro se desprendesse do seu caule, e é o caso das mortes calmas, de pacífico despertar.³

A causa principal da maior ou menor facilidade de desprendimento é o estado moral da alma. A afinidade entre o corpo e o perispírito é proporcional ao apego à matéria, que atinge o seu máximo no homem cujas preocupações dizem respeito exclusiva e unicamente à vida e gozos materiais. Ao contrário, nas almas puras, que antecipadamente se identificam com a vida espiritual, o apego é quase nulo. E desde que a lentidão e a dificuldade do desprendimento estão na razão do grau de pureza e desmaterialização da alma, de nós somente depende o tornar fácil ou penoso, agradável ou doloroso, esse desprendimento.⁴

3.2 Separação da alma do corpo na morte natural

Em se tratando de morte natural resultante da extinção das forças vitais por velhice ou doença, o desprendimento opera-se gradualmente; para o homem cuja alma se desmaterializou e cujos pensamentos se destacam das coisas terrenas, o desprendimento quase se completa antes da morte real, isto é, ao passo que o corpo ainda tem vida orgânica, já o Espírito penetra a vida espiritual, apenas ligado por elo tão frágil que se rompe com a última pancada do coração. Nesta contingência o Espírito pode ter já recuperado a sua lucidez, de molde a tornar-se testemunha consciente da extinção da vida do corpo, considerando-se feliz por tê-lo deixado. Para esse a perturbação é quase nula, ou antes, não passa de ligeiro sono calmo, do qual desperta com indizível impressão de esperança e ventura. Nesta situação, [...] o homem deixa a vida sem o perceber: é uma lâmpada que se apaga por falta de óleo.¹⁴

No homem materializado e sensual, que mais viveu do corpo que do Espírito, e para o qual a vida espiritual nada significa, nem sequer lhe toca o pensamento, tudo contribui para estreitar os laços materiais, e, quando a morte se aproxima, o desprendimento, conquanto se opere gradualmente também, demanda contínuos esforços. As convulsões da agonia são indícios da luta do Espírito, que às vezes procura romper os

*elos resistentes, e outras se agarra ao corpo do qual uma força irresistível o arrebatava com violência, molécula por molécula.*⁵

3.3 Separação da alma do corpo na morte súbita

A morte súbita pode ou não estar associada a um ato de violência. São mortes violentas: homicídios, torturas, suicídios, desastres, calamidades naturais ou provocadas pelo homem, etc. Tais mortes provocam ao desencarnante sofrimento que varia ao infinito.

*Na morte violenta as sensações não são precisamente as mesmas. Nenhuma desagregação inicial há começado previamente a separação do perispírito; a vida orgânica em plena exuberância de força é subitamente aniquilada. Nestas condições, o desprendimento só começa depois da morte e não pode completar-se rapidamente. O Espírito, colhido de improviso, fica como que aturdido e sente, e pensa, e acredita-se vivo, prolongando-se esta ilusão até que compreenda o seu estado. Este estado intermediário entre a vida corporal e a espiritual é dos mais interessantes para ser estudado, porque apresenta o espetáculo singular de um Espírito que julga material o seu corpo fluídico, experimentando ao mesmo tempo todas as sensações da vida orgânica. Há, além disso, dentro desse caso, uma série infinita de modalidades que variam segundo os conhecimentos e progressos morais do Espírito. Para aqueles cuja alma está purificada, a situação pouco dura, porque já possuem em si como que um desprendimento antecipado, cujo termo a morte mais súbita não faz senão apressar. Outros há, para os quais a situação se prolonga por anos inteiros. É uma situação essa muito frequente até nos casos de morte comum, que nada tendo de penosa para Espíritos adiantados, se torna horrível para os atrasados. No suicida, principalmente, excede a toda expectativa. Preso ao corpo por todas as suas fibras, o perispírito faz repercutir na alma todas as sensações daquele, com sofrimentos cruciantes.*⁶

O estado do Espírito por ocasião da morte pode ser assim resumido: Tanto maior é o sofrimento, quanto mais lento for o desprendimento do perispírito; a presteza deste desprendimento está na razão direta do adiantamento moral do Espírito; para o Espírito desmaterializado, de consciência pura, a morte é qual um sono breve, isento de agonia, e cujo despertar é suavíssimo.⁷

Para que cada qual trabalhe na sua purificação, reprima as más tendências e domine as paixões, preciso se faz que abdique das vantagens

imediatas em prol do futuro, visto como, para identificar-se com a vida espiritual, encaminhando para ela todas as aspirações e preferindo-a à vida terrena, não basta crer, mas compreender. Devemos considerar essa vida debaixo de um ponto de vista que satisfaça ao mesmo tempo à razão, à lógica, ao bom senso e ao conceito em que temos a grandeza, a bondade e a justiça de Deus. Considerado deste ponto de vista, o Espiritismo, pela fé inabalável que proporciona, é, de quantas doutrinas filosóficas que conhecemos, a que exerce mais poderosa influência.

O espírita sério não se limita a crer, porque compreende, e compreende, porque raciocina; a vida futura é uma realidade que se desenrola incessantemente a seus olhos; uma realidade que ele toca e vê, por assim dizer, a cada passo e de modo que a dúvida não pode empolgá-lo, ou ter guarida em sua alma. A vida corporal, tão limitada, amesquinha-se diante da vida espiritual, da verdadeira vida. Que lhe importam os incidentes da jornada se ele compreende a causa e utilidade das vicissitudes humanas, quando suportadas com resignação? A alma eleva-se-lhe nas relações com o mundo visível; os laços fluídicos que o ligam à matéria enfraquecem-se, operando-se por antecipação um desprendimento parcial que facilita a passagem para a outra vida. A perturbação consequente à transição pouco perdura, porque, uma vez franqueado o passo, para logo se reconhece, nada estranhando, antes compreendendo, a sua nova situação.⁸

Referências

1. Kardec, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 52.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 11, item 13, p.242.
2. _____. Item 18, p.245-246.
3. _____. *O céu e o inferno*. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. 60.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Segunda parte, cap. 1, item 7. p.182.
4. _____. Item 8 p.182-183.
5. _____. Item 9 p.183.
6. _____. Item 12 p.184-185.
7. _____. Item 13 p.185.
8. _____. Item 14 p.185-186.
9. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 91.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007, questão 149, p. 112.
10. _____. Questão 150, item a, p. 133.
11. _____. Questão 150, item b, p. 133-134.

12. _____. Questão 151, p.134.
13. _____. Questão 152 - comentário, p. 134-135.
14. _____. Questão 154 - comentário, p. 135.
15. _____. Questão 155 - comentário, p. 135.
16. _____. Questão 155 - comentário, p. 136.
17. _____. Questão 156, p. 137.
18. _____. Questão 157, p. 137.

Anexo

*Treino para a morte

Preocupado com a sobrevivência além do túmulo, você pergunta, espantado, como deveria ser levado a efeito o treinamento de um homem para as surpresas da morte.

A indagação é curiosa e realmente dá que pensar. Creia, contudo, que, por enquanto, não é muito fácil preparar tecnicamente um companheiro à frente da peregrinação infalível.

Os turistas que procedem da Ásia ou da Europa habilitam futuros viajantes com eficiência, por lhes não faltarem os termos analógicos necessários. Mas nós, os desencarnados, esbarramos com obstáculos quase intransponíveis.

A rigor, a Religião deve orientar as realizações do Espírito, assim como a Ciência dirige todos os assuntos pertinentes à vida material. Entretanto, a Religião, até certo ponto, permanece jungida ao superficialismo do sacerdócio, sem tocar a profundez da alma.

Importa considerar também que a sua consulta, ao invés de ser encaminhada a grandes teólogos da Terra, hoje domiciliados na Espiritualidade, foi endereçada justamente a mim, pobre noticiarista sem méritos para tratar de semelhante inquirição.

Pode acreditar que não obstante achar-me aqui de novo, há quase vinte anos de contado, sinto-me ainda no assombro de um

* Xavier, Francisco Cândido. *Cartas e crônicas*. Pelo Espírito Irmão X. 12. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 4, p. 21-24.

xavante, repentinamente trazido da selva matogrossense para alguma de nossas Universidades, com a obrigação de filiar-se, de inopino, aos mais elevados estudos e às mais complicadas disciplinas.

Em razão disso, não posso reportar-me senão ao meu próprio ponto de vista, com as deficiências do selvagem surpreendido junto à coroa da Civilização.

Preliminarmente, admito deva referir-me aos nossos antigos maus hábitos. A cristalização deles, aqui, é uma praga tiranizante.

Comece a renovação de seus costumes pelo prato de cada dia. Diminua gradativamente a volúpia de comer a carne dos animais. O cemitério na barriga é um tormento, depois da grande transição. O lombo de porco ou o bife de vitela, temperados com sal e pimenta, não nos situam muito longe dos nossos antepassados, os tamoios e os ciapós, que se devoravam uns aos outros.

Os excitantes largamente ingeridos constituem outra perigosa obsessão. Tenho visto muitas almas de origem aparentemente primorosa, dispostas a trocar o próprio Céu pelo uísque aristocrático ou pela nossa cachaça brasileira.

Tanto quanto lhe seja possível, evite os abusos do fumo. Infunde pena a angústia dos desencarnados amantes da nicotina.

Não se renda à tentação dos narcóticos. Por mais aflitivas lhe pareçam as crises do estágio no corpo, aguente firme os golpes da luta. As vítimas da cocaína, da morfina e dos barbitúricos demoram-se largo tempo na cela escura da sede e da inércia.

E o sexo? Guarde muito cuidado na preservação do seu equilíbrio emotivo. Temos aqui muita gente boa carregando consigo o Inferno rotulado de “amor”.

Se você possui algum dinheiro ou detém alguma posse terrestre, não adie doações, caso esteja realmente inclinado a fazê-las. Grandes homens, que admirávamos no mundo pela habilidade e poder com que concretizavam importantes negócios, aparecem, junto de nós, em muitas ocasiões, à maneira de crianças desesperadas por não mais conseguirem manobrar os talões de cheque.

Em família, observe cautela com testamentos. As doenças fulminatórias chegam de assalto, e, se a sua papelada não estiver em ordem, você padecerá muitas humilhações, através de tribunais e cartórios.

Sobretudo, não se apegue demasiado aos laços consanguíneos. Ame sua esposa, seus filhos e seus parentes com moderação, na certeza de que, um dia, você estará ausente deles e de que, por isso mesmo, agirão quase sempre em desacordo com a sua vontade, embora lhe respeitem a memória. Não se esqueça de que, no estado presente da educação terrestre, se alguns afeiçoados lhe registrarem a presença extraterrena, depois dos funerais, na certa intimá-lo-ão a descer aos Infernos, receando-lhe a volta inoportuna.

Se você já possui o tesouro de uma fé religiosa, viva de acordo com os preceitos que abraça. E' horrível a responsabilidade moral de quem já conhece o caminho, sem equilibrar-se dentro dele.

Faça o bem que puder, sem a preocupação de satisfazer a todos. Convença-se de que se você não experimenta simpatia por determinadas criaturas, há muita gente que suporta você com muito esforço.

Por essa razão, em qualquer circunstância, conserve o seu nobre sorriso.

Trabalhe sempre, trabalhe sem cessar.

O serviço é o melhor dissolvente de nossas mágoas. Ajude-se, através do leal cumprimento de seus deveres.

Quanto ao mais, não se canse nem indague em excesso, porque, com mais tempo ou menos tempo, a morte lhe oferecerá o seu cartão de visita, impondo-lhe ao conhecimento tudo aquilo que, por agora, não lhe posso dizer.

VIDA NO MUNDO ESPIRITUAL

Roteiro 2

PERTURBAÇÃO ESPIRITUAL

Objetivo específico

- » Analisar as experiências da perturbação espiritual, que ocorrem por ocasião da morte do corpo físico.

Conteúdo básico

- » *Na transição da vida corporal para a espiritual, produz-se [...] um outro fenômeno de importância capital – a perturbação. Nesse instante a alma experimenta um torpor que paralisa momentaneamente as suas faculdades, neutralizando, ao menos em parte, as sensações. É como se disséssemos um estado de catalepsia, de modo que a alma quase nunca testemunha conscientemente o derradeiro suspiro. Dizemos quase nunca, porque há casos em que a alma pode contemplar conscientemente o desprendimento [...]. A perturbação pode, pois, ser considerada o estado normal no instante da morte e perdurar por tempo indeterminado, variando de algumas horas a alguns anos. [...] Allan Kardec: O céu e o inferno. Segunda parte, cap. 1, item 6.*
- » *Por ocasião da morte, tudo, a princípio, é confuso. De algum tempo precisa a alma para entrar no conhecimento de si mesma. Ela se acha como que aturdida, no estado de uma pessoa que despertou de profundo sono e procura orientar-se sobre a sua situação. A lucidez das ideias e a memória do passado lhe voltam, à medida que se apaga a influência*

da matéria que ela acaba de abandonar, e à medida que se dissipa a espécie de névoa que lhe obscurece os pensamentos.

Muito variável é o tempo que dura a perturbação que se segue à morte. Pode ser de algumas horas, como também de muitos meses e até de muitos anos. Aqueles que, desde quando ainda viviam na Terra, se identificaram com o estado futuro que os aguardava, são os em quem menos longa ela é, porque esses compreendem imediatamente a posição em que se encontram.

[...] A perturbação que se segue à morte nada tem de penosa para o homem de bem, que se conserva calmo, semelhante em tudo a quem acompanha as fases de um tranquilo despertar. Para aquele cuja consciência ainda não está pura, a perturbação é cheia de ansiedade e de angústias, que aumentam à proporção que ele da sua situação se compenetra.

Nos casos de morte coletiva, tem sido observado que todos os que perecem ao mesmo tempo nem sempre tornam a ver-se logo. Presas da perturbação que se segue à morte, cada um vai para seu lado, ou só se preocupa com os que lhe interessam. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 165 – comentário.

Sugestões didáticas

Introdução

- » Explicar, em linhas gerais, o que é e como ocorre a perturbação espiritual por ocasião da morte do corpo físico.

Desenvolvimento

- » Concluídas as explicações, convidar os participantes para analisarem as diferentes experiências de perturbação espiritual, tendo como base os exemplos citados no anexo deste roteiro, extraídos da segunda parte do livro *O céu e o inferno*.
- » Solicitar a formação de quatro grupos e entregar a cada um deles um caso para ser lido, discutido e, posteriormente, debatido em plenário. (Veja anexo)

- » Realizar o debate dos casos, em plenário, orientando-se pelo seguinte roteiro:
 - a) breve descrição do caso;
 - b) análise, juntamente com a turma, da experiência vivida pelo Espírito por ocasião da sua desencarnação, destacando as possíveis causas que caracterizaram o estado de maior ou menor perturbação espiritual.

Conclusão

- » Destacar, como conclusão do estudo, a importância do conhecimento espírita ante a realidade da desencarnação que, cedo ou tarde, todos deveremos enfrentar. (Veja a referência bibliográfica n.º 3)

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- » os participantes analisarem as diferentes experiências de perturbação espiritual, por ocasião da morte do corpo físico, de acordo com o debate realizado em plenário.

Técnica(s): exposição; estudo de caso, adaptado.

Recurso(s): *Subsídios* deste roteiro; textos adaptados de relatos existentes no livro *O céu e o inferno*, segunda parte.

Subsídios

1. Perturbação espiritual por ocasião da desencarnação

Sabemos que [...] o Espírito não é uma abstração, é um ser definido, limitado e circunscrito. O Espírito encarnado no corpo constitui a alma. Quando o deixa, por ocasião da morte, não sai dele despido de todo o envoltório. Todos [os Espíritos] nos dizem que conservam a forma humana e, com efeito, quando nos aparecem, trazem as que lhes conhecíamos.

Observemo-los atentamente, no instante em que acabem de deixar a vida; acham-se em estado de perturbação; tudo se lhes apresenta

*confuso, em torno; veem perfeito ou mutilado, conforme o gênero da morte, o corpo que tiveram; por outro lado se reconhecem e sentem vivos; alguma coisa lhes diz que aquele corpo lhes pertence e não compreendem como podem estar separados dele. Continuam a ver-se sob a forma que tinham antes de morrer e esta visão, nalguns, produz, durante certo tempo, singular ilusão: a de se serem ainda vivos. Falta-lhes a experiência do novo estado em que se encontram, para se convencerem da realidade.*⁸

Desta forma, a consciência da própria morte, ou da desencarnação recente, ainda não é nítida para a maioria dos Espíritos. Em primeiro lugar o [...] *desprendimento opera-se gradualmente e com lentidão variável, segundo os indivíduos e as circunstâncias da morte. Os laços que prendem a alma ao corpo não se rompem senão aos poucos, e tanto menos rapidamente quanto mais a vida foi material e sensual.*⁹

Em segundo lugar, desconhecendo a realidade do Além-túmulo, o instante que se segue à morte é, em geral, confuso. A pessoa precisa de [...] *algum tempo para se reconhecer; ela conserva-se tonta, no estado do homem que sai de profundo sono e que procura compreender a sua situação. A lucidez das ideias e a memória do passado lhe voltam, à medida que se destrói a influência da matéria de que ela acaba de separar-se, e que se dissipa o nevoeiro que lhe obscurece os pensamentos. O tempo da perturbação, sequente à morte, é muito variável; pode ser de algumas horas somente, como de muitos dias, meses ou, mesmo, de muitos anos. É menos longa, entretanto, para aqueles que, enquanto vivos [encarnados] se identificaram com o seu estado futuro, porque esses compreendem imediatamente sua situação; porém, é tanto mais longa quanto mais materialmente o indivíduo viveu.*¹⁰

2. Níveis de perturbação espiritual, sequentes à desencarnação

A perturbação que se segue à separação entre a alma e o corpo, pelo fenômeno da morte, é variável de indivíduo para indivíduo, em grau e tempo de duração. Tudo [...] *depende da elevação de cada um. Aquele que já está purificado, se reconhece quase imediatamente, pois que se libertou da matéria antes que cessasse a vida do corpo, enquanto que o homem carnal, aquele cuja consciência ainda não está pura, guarda por muito mais tempo a impressão da matéria.*⁴

Para aquele cuja consciência não é pura e amou mais a vida corporal que a espiritual, esse momento é cheio de ansiedade e de angústias,

que vão aumentando à medida que ele se reconhece, porque então sente medo e certo terror diante do que vê e sobretudo do que entrevê. A sensação a que podemos chamar física, é a de grande alívio e de imenso bem-estar, fica-se como que livre de um fardo, e o Espírito sente-se feliz por não mais experimentar as dores corporais que o atormentavam alguns instantes antes; sente-se livre, desembaraçado, como aquele a quem tirassem as cadeias que o prendiam. Em sua nova situação, a alma vê e ouve ainda outras coisas que escapam à grosseria dos órgãos corporais. Tem, então, sensações e percepções que nos são desconhecidas.¹¹

2.1 Perturbação espiritual em Espíritos moralmente atrasados

Um fenômeno mui frequente entre os Espíritos de certa inferioridade moral é o acreditarem-se ainda vivos, podendo esta ilusão prolongar-se por muitos anos, durante os quais eles experimentarão todas as necessidades, todos os tormentos e perplexidades da vida.¹

Para o criminoso, a presença incessante das vítimas e das circunstâncias do crime é um suplício cruel.²

2.2 Perturbação em razão de morte violenta

Nos casos de morte violenta, por suicídio, suplício, acidente, apoplexia, ferimentos, etc., o Espírito fica surpreendido, espantado e não acredita estar morto. Obstinadamente sustenta que não o está. No entanto, vê o seu próprio corpo, reconhece que esse corpo é seu, mas não compreende que se ache separado dele. Acerca-se das pessoas a quem estima, fala-lhes e não percebe por que elas não o ouvem. Semelhante ilusão se prolonga até ao completo desprendimento do perispírito. Só então o Espírito se reconhece como tal e compreende que não pertence mais ao número dos vivos. Este fenômeno se explica facilmente. Surpreendido de improviso pela morte, o Espírito fica atordoado com a brusca mudança que nele se operou; considera ainda a morte como sinônimo de destruição, de aniquilamento. Ora, porque pensa, vê, ouve, tem a sensação de não estar morto. Mais lhe aumenta a ilusão o fato de se ver com um corpo semelhante, na forma, ao precedente, mas cuja natureza etérea ainda não teve tempo de estudar. Julga-o sólido e compacto como o primeiro e, quando se lhe chama a atenção para esse ponto, admira-se de não poder palpá-lo. [...] Ora, como pensam livremente e veem, julgam naturalmente que não dormem. Certos Espíritos revelam essa particularidade, se bem que a morte não lhes tenha sobrevivido inopinadamente. Todavia, sempre mais generalizada se apresenta entre os que,

*embora doentes, não pensavam em morrer. Observa-se então o singular espetáculo de um Espírito assistir ao seu próprio enterramento como se fora o de um estranho, falando desse ato como de coisa que lhe não diz respeito, até ao momento em que compreende a verdade.*⁵

2.3 Perturbação dos suicidas

A perturbação no caso dos suicidas é sempre penosa, independentemente do gênero de suicídio. *A observação, realmente, mostra que os efeitos do suicídio não são idênticos. Alguns há, porém, comuns a todos os casos de morte violenta e que são a consequência da interrupção brusca da vida. Há, primeiro, a persistência mais prolongada e tenaz do laço que une o Espírito ao corpo, por estar quase sempre esse laço na plenitude da sua força no momento em que é partido, ao passo que, no caso de morte natural, ele se enfraquece gradualmente e muitas vezes se desfaz antes que a vida se haja extinguido completamente. As consequências deste estado de coisas são o prolongamento da perturbação espiritual, seguindo-se à ilusão em que, durante mais ou menos tempo, o Espírito se conserva de que ainda pertence ao número dos vivos.*

*A afinidade que permanece entre o Espírito e o corpo produz, nalguns suicidas, uma espécie de repercussão do estado do corpo no Espírito, que, assim, a seu mau grado, sente os efeitos da decomposição, donde lhe resulta uma sensação cheia de angústias e de horror, estado esse que também pode durar pelo tempo que devia durar a vida que sofreu interrupção. Não é geral este efeito [...]. Em alguns, verifica-se uma espécie de ligação à matéria, de que inutilmente procuram desembaraçar-se, a fim de voarem para mundos melhores, cujo acesso, porém, se lhes conserva interdito. A maior parte deles sofre o pesar de haver feito uma coisa inútil, pois que só decepções encontram.*⁷

2.4 Perturbação em caso de morte coletiva

*Nos casos de morte coletiva, tem sido observado que todos os que perecem ao mesmo tempo nem sempre tornam a ver-se logo. Presas da perturbação que se segue à morte, cada um vai para seu lado, ou só se preocupa com os que lhe interessam.*⁶

Allan Kardec, em se reportando à necessidade de identificação com a vida espiritual – em detrimento da vida terrena –, com vistas

a um despertar mais tranquilo, assim se expressa: *Para que cada qual trabalhe na sua purificação, reprima as más tendências e domine as paixões, preciso se faz que abdique das vantagens imediatas em prol do futuro, visto como, para identificar-se com a vida espiritual, encaminhando para ela todas as aspirações e preferindo-a à vida terrena, não basta crer, mas compreender. Devemos considerar essa vida debaixo de um ponto de vista que satisfaça ao mesmo tempo à razão, à lógica, ao bom senso e ao conceito em que temos a grandeza, a bondade e a justiça de Deus. Considerado deste ponto de vista, o Espiritismo, pela fé inabalável que proporciona, é, de quantas doutrinas filosóficas que conhecemos, a que exerce mais poderosa influência.*

O espírita sério não se limita a crer, porque compreende, e compreende, porque raciocina; a vida futura é uma realidade que se desenrola incessantemente a seus olhos; uma realidade que ele toca e vê, por assim dizer, a cada passo e de modo que a dúvida não pode empolgá-lo, ou ter guarida em sua alma. A vida corporal, tão limitada, amesquinha-se diante da vida espiritual, da verdadeira vida. Que lhe importam os incidentes da jornada se ele compreende a causa e utilidade das vicissitudes humanas, quando suportadas com resignação? A alma eleva-se-lhe nas relações com o mundo visível; os laços fluídicos que o ligam à matéria enfraquecem-se, operando-se por antecipação um desprendimento parcial que facilita a passagem para a outra vida. A perturbação consequente à transição pouco perdura, porque, uma vez franqueado o passo, para logo se reconhece, nada estranhando, antes compreendendo, a sua nova situação.³

Referências

1. Kardec, Allan. *O céu e o inferno*. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. 60.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Primeira parte, cap. 7: Código penal da vida futura, 23º, p. 105.
2. _____. 24º, p.105.
3. _____. Segunda parte. Cap. 1 (O passamento), item 14, p. 185-186.
4. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 91.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007, questão 164, p.139-140.
5. _____. Questão 165 – comentário, p. 140.
6. _____. p. 141.
7. _____. Questão 957 – comentário, p. 498.
8. _____. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 80. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Segunda parte, cap. 1, item 53, p. 78-79.

9. _____. *O que é o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 55. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 3 (Solução de alguns problemas pela Doutrina Espírita), item 144 (O homem depois da morte), p. 229.
10. _____. item 145 (O homem depois da morte), p. 230-231.
11. _____. p. 231.

Anexo

Textos para debate

*Caso 1: Sanson

Antigo membro da Sociedade Espírita de Paris, faleceu a 21 de abril de 1862, depois de um ano de atrozes padecimentos. Pediu a Allan Kardec que o evocasse logo após a sua desencarnação, o que foi feito em duas diferentes ocasiões.

Resumo do Caso

Kardec: Fostes tão sofredor que podemos, penso eu, perguntar como vos achais agora... Sentis ainda as vossas dores? Comparando a situação de hoje com a de dois dias atrás, que sensações experimentais?
Sanson: A minha situação é bem ditosa; acho-me regenerado, renovado, como se diz entre vós, nada mais sentindo das antigas dores. A passagem da vida terrena para a dos Espíritos deixou-me de começo num estado incompreensível, porque ficamos algumas vezes muitos dias privados de lucidez. Eu havia feito no entanto um pedido a Deus para permitir-me falar aos que estimo, e Deus ouviu-me.

Kardec: Ao fim de que tempo recobrastes a lucidez das ideias?
Sanson: Ao fim de oito horas.

Kardec: Que efeito vos causa o vosso corpo aqui ao lado? Sanson: Meu corpo! pobre, mísero despojo... volve ao pó, enquanto eu guardo a lembrança de todos que me estimaram. Vejo essa pobre carne decomposta, morada que foi do meu Espírito, provação de tantos anos! Obrigado, mísero corpo, pois que purificaste o meu Espírito! O meu

* Kardec, Allan. *O céu e o inferno*. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. 60. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Segunda parte, capítulo 2. Sanson, p. 188-198.

sofrimento, dez vezes bendito, deu-me um lugar bem compensador, por isso que tão depressa posso comunicar-me convosco...

Kardec: Conservastes as ideias até ao último instante? Sanson: Sim. O meu Espírito conservou as suas faculdades, e quando eu já não mais via, pressentia. Toda a minha existência se desdobrou na memória e o meu último pensamento, a última prece, foi para que pudesse comunicar-me convosco, como o faço agora; em seguida pedi a Deus que vos protegesse, para que o sonho da minha vida se completasse.

Kardec: Tivestes consciência do momento em que o corpo exalou o derradeiro suspiro? que se passou convosco nesse momento? que sensação experimentastes? Sanson: [...] Eu não sentia, nada compreendia e, no entanto, uma felicidade inefável me extasiava de gozo, livre do peso das dores. [...] Não vos atemorize a morte, meus amigos: ela é um estádio da vida [...] Repito: coragem e boa-vontade! Não deis mais que medíocre valor aos bens terrenos, e sereis recompensados.

Kardec: Dissestes que por ocasião de expirar nada víeis, porém pressentíeis. Compreende-se que nada vísseis corporalmente, mas o que pressentíeis antes da extinção seria já a claridade do mundo dos Espíritos? Sanson: Foi o que eu disse precedentemente, o instante da morte dá clarividência ao Espírito; os olhos não veem, porém o Espírito, que possui uma vista bem mais profunda, descobre instantaneamente um mundo desconhecido, e a verdade, brilhando de súbito, lhe dá momentaneamente imensa alegria ou funda mágoa, conforme o estado de consciência e a lembrança da vida passada.

Kardec: Podeis dizer-nos o que vos impressionou, o que vistes no momento em que os vossos olhos se abriram à luz? Podeis descrever-nos, se é possível, o aspecto das coisas que se vos depararam? Sanson: Quando pude voltar a mim e ver o que tinha diante dos olhos, fiquei como que ofuscado, sem poder compreender, porquanto a lucidez não volta repentinamente. Deus, porém, que me deu uma prova exuberante da sua bondade, permitiu-me recuperasse as faculdades, e foi então que me vi cercado de numerosos, bons e fiéis amigos. Todos os Espíritos protetores que nos assistem, rodeavam-me sorrindo; uma alegria sem par irradiava-lhes do semblante e também eu, forte e animado, podia sem esforço percorrer os espaços. O que eu vi não tem nome na linguagem dos homens.

*Caso 2: Sra. Hélène Michel

Resumo do Caso

Jovem de 25 anos, falecida subitamente no lar, sem sofrimentos, sem causa previamente conhecida. Rica e um tanto frívola, a levandade de caráter predispunha-a mais para as futilidades da vida do que para as coisas sérias. Não obstante, possuía um coração bondoso e era dócil, afetuosa e caritativa. Evocada três dias após a morte por pessoas conhecidas, exprimia-se assim:

“Não sei onde estou... que turbção me cerca! Chamaste-me, e eu vim. Não compreendo por que não estou em minha casa; lamentam a minha ausência quando presente estou, sem poder fazer-me reconhecida. Meu corpo não mais me pertence, e no entanto eu lhe sinto a algidez.. Quero deixá-lo e mais a ele me prendo, sempre... Sou como que duas personalidades... Oh! quando chegarei a compreender o que comigo se passa? É necessário que vá lá ainda... meu outro “eu”, que lhe sucederá na minha ausência? Adeus.” Comentário de Kardec: O sentimento da dualidade que não está ainda destruído por uma completa separação, é aqui evidente. Caráter volúvel, permitindo-lhe a posição e a fortuna a satisfação de todos os caprichos, deveria igualmente favorecer as tendências de levandade. Não admira, pois, tenha sido lento o seu desprendimento, a ponto de, três dias após a morte, sentir-se ainda ligada ao invólucro corporal. Mas, como não possuísse vícios sérios e fosse de boa índole, essa situação nada tinha de penosa e não deveria prolongar-se por muito tempo. Evocada novamente depois de alguns dias, as suas ideias estavam já muito modificadas. Eis o que disse:

“Obrigada por haverdes orado por mim. Reconheço a bondade de Deus, que me subtraiu aos sofrimentos e apreensões consequentes ao desligamento do meu Espírito. À minha pobre mãe será difícilimo resignar-se; entretanto será confortada, e o que a seus olhos constitui sensível desgraça, era fatal e indispensável para que as coisas do Céu se lhe tornassem no que devem ser: tudo. Estarei ao seu lado até o fim da sua provação terrestre, ajudando-a a suportá-la.

* Kardec, Allan. *O céu e o inferno*. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. 60. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Segunda parte, capítulo 3. Hélène Michel, p. 264-266.

“Não sou infeliz, porém, muito tenho ainda a fazer para aproximar-me da situação dos bem-aventurados. Pedirei a Deus me conceda voltar a essa Terra para reparação do tempo que aí perdi nesta última existência. A fé vos ampare, meus amigos; confiai na eficácia da prece, mormente quando partida do coração. Deus é bom.”

Allan Kardec: Levastes muito tempo a reconhecer-vos?

Hélène: Compreendi a morte no mesmo dia que por mim orastes.

Allan Kardec: Era doloroso o estado de perturbação?

Hélène: Não, eu não sofria, acreditava sonhar e aguardava o despertar. Minha vida não foi isenta de dores, mas todo ser encarnado nesse mundo deve sofrer. Resignando-me à vontade de Deus, a minha resignação foi por Ele levada em conta. Grata vos sou pelas preces que me auxiliaram no reconhecimento de mim mesma. Obrigada; voltarei sempre com prazer. Adeus.”

*Caso 3: Novel

Resumo do Caso

O Espírito dirige-se ao médium, que em vida o conhecera.

“Vou contar-te o meu sofrimento quando morri. Meu Espírito, preso ao corpo por elos materiais, teve grande dificuldade em desembaraçar-se – o que já foi, por si uma rude angústia.

A vida que eu deixava aos 21 anos era ainda tão vigorosa que eu não podia crer na sua perda. Por isso procurava o corpo, estava admirado, apavorado por me ver perdido num turbilhão de sombras. Por fim, a consciência do meu estado e a revelação das faltas cometidas, em todas as minhas encarnações, feriram-me subitamente, enquanto uma luz implacável me iluminava os mais secretos âmagos da alma, que se sentia desnudada e logo possuída de vergonha acabrunhante. Procurava fugir a essa influência interessando-me pelos objetos que me cercavam, novos, mas que, no entanto, *já conhecia*; os Espíritos luminosos, flutuando no éter, davam-me a ideia de uma ventura a

* Kardec, Allan. *O céu e o inferno*. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. 60. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Segunda parte, capítulo 4. Novel, p. 284-285.

que eu não podia aspirar; formas sombrias e desoladas, mergulhadas umas em tedioso desespero; furiosas ou irônicas outras, deslizavam em torno de mim ou por sobre a terra a que me chumbava. Eu via agitarem-se os humanos cuja ignorância invejava; toda uma ordem de sensações desconhecidas, ou antes *reencontradas*, invadiram-me simultaneamente. Como que arrastado por força irresistível, procurando fugir à dor encarniçada, franqueava as distâncias, os elementos, os obstáculos materiais, sem que as belezas naturais nem os esplendores celestes pudessem acalmar um instante a dor acerba da consciência, nem o pavor causado pela revelação da eternidade. Pode um mortal prejulgar as torturas materiais pelos arrepios da carne; mas as vossas frágeis dores, amenizadas pela esperança, atenuadas por distrações ou mortas pelo esquecimento, não vos darão nunca a ideia das angústias de uma alma que sofre sem tréguas, sem esperança, sem arrependimento. Decorrido um tempo cuja duração não posso precisar, invejando os eleitos cujos esplendores entrevia, detestando os maus Espíritos que me perseguiam com remoques, desprezando os humanos cujas torpezas eu via, passei de profundo abatimento a uma revolta insensata.

Chamaste-me finalmente, e pela primeira vez um sentimento suave e terno me acalmou; escutei os ensinamentos que te dão os teus guias, a verdade impôs-se-me, orei; Deus ouviu-me, revelou-se-me por sua Clemência, como já se me havia revelado por sua Justiça.

*Caso 4: François-Simon Louvet

Resumo do Caso

A seguinte comunicação foi dada espontaneamente, em uma reunião espírita no Havre, a 12 de fevereiro de 1863:

“Tereis piedade de um pobre miserável que passa de há muito por cruéis torturas?! Oh! o vácuo... o Espaço... despenho-me... caio... morro... Acudam-me! Deus, eu tive uma existência tão miserável... Pobre diabo, sofri fome muitas vezes na velhice; e foi por isso que me habituei a beber, a ter vergonha e desgosto de tudo.

* Kardec, Allan. *O céu e o inferno*. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. 60. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Segunda parte, capítulo 5. François Simon Louvet, p. 322-324.

“Quis morrer, e atirei-me... Oh! meu Deus! Que momento! E para que tal desejo, quando o termo estava tão próximo? Orai, para que eu não veja incessantemente este *vácuo debaixo de mim*.... Vou despedaçar-me de encontro a essas pedras! Eu vo-lo suplico, a vós que conheceis as misérias dos que não mais pertencem a esse mundo. Não me conheceis, mas eu sofro tanto... Para que mais provas? Sofro! Não será isso o bastante? Se eu tivera fome, em vez deste sofrimento mais terrível e aliás imperceptível para vós, não vacilaríeis em aliviar-me com uma migalha de pão. Pois eu vos peço que oreis por mim... Não posso permanecer por mais tempo neste estado... Perguntai a qualquer desses felizes que aqui estão, e sabereis quem fui. Orai por mim.”

Palavras de um benfeitor espiritual: “Esse que acaba de se dirigir a vós foi um pobre infeliz que teve na Terra a prova da miséria; vencido pelo desgosto, faltou-lhe a coragem, e, em vez de olhar para o Céu como devia, entregou-se à embriaguez; desceu aos extremos últimos do desespero, pondo termo à sua triste provação: atirou-se da Torre Francisco I, no dia 22 de julho de 1857. Tende piedade de sua pobre alma, que não é adiantada, mas que lobriga da vida futura o bastante para sofrer e desejar uma reparação. Rogai a Deus lhe conceda essa graça, e com isso tereis feito obra meritória.”

Buscando-se informes a respeito, encontrou-se no *Journal du Havre*, de 23 de julho de 1857, a seguinte notícia local:

“Ontem, às 4 horas da tarde, os transeuntes do cais foram dolorosamente impressionados por um horrível acidente: um homem atirou-se da torre, vindo despedaçar-se sobre as pedras. Era um velho puxador de sirga, cujo pendur à embriaguez o arrastara ao suicídio. Chamava-se François-Victor-Simon Louvet. O corpo foi transportado para a casa de uma das suas filhas, à rua de la Corderie. Tinha 67 anos de idade.”

Comentário de Kardec: Seis anos fazia que esse homem morrera e ele se via ainda cair da torre, despedaçando-se nas pedras... Aterra-o o vácuo, horroriza-o a perspectiva da queda... e isso há 6 anos! Quanto tempo durará tal estado? Ele não o sabe, e essa incerteza lhe aumenta as angústias.

VIDA NO MUNDO ESPIRITUAL

Roteiro 3

ENSAIO TEÓRICO DAS SENSAÇÕES E PERCEPÇÕES DOS ESPÍRITOS

Objetivo específico

- » Explicar as principais sensações e percepções dos Espíritos.

Conteúdo básico

- » *O corpo é instrumento da dor. Se não é a causa primária desta é, pelo menos, a causa imediata. A alma tem a percepção da dor: essa percepção é o efeito. A lembrança que da dor a alma conserva pode ser muito penosa, mas não pode ter ação física. De fato, nem o frio, nem o calor são capazes de desorganizar os tecidos da alma, que não é suscetível de congelar-se, nem de queimar-se. [...] Toda gente sabe que aqueles a quem se amputou um membro costumam sentir dor no membro que lhes falta. Certo que aí não está a sede, ou, sequer, o ponto de partida da dor. O que há, apenas, é que o cérebro guardou desta a impressão. Lícito, portanto, será admitir-se que coisa análoga ocorra nos sofrimentos do Espírito após a morte. [...] Liberto do corpo, o Espírito pode sofrer, mas esse sofrimento não é corporal, embora não seja exclusivamente moral, como o remorso, pois que ele se queixa de frio e calor. Também não sofre mais no inverno do que no verão:*

temo-los visto atravessar chamas, sem experimentarem qualquer dor. Nenhuma impressão lhes causa, conseguintemente, a temperatura. [...] Sabemos que no Espírito há percepção, sensação, audição, visão; que essas faculdades são atributos do ser todo e não, como no homem, de uma parte apenas do ser; mas, de que modo ele as tem? Ignoramo-lo. [...] Dizendo que os Espíritos são inacessíveis às impressões da matéria que conhecemos, referimo-nos aos Espíritos muito elevados, cujo envoltório etéreo não encontra analogia neste mundo. Outro tanto não acontece com os de perispírito mais denso, os quais percebem os nossos sons e odores, não, porém, apenas por uma parte limitada de suas individualidades, conforme lhes sucedia quando vivos [encarnados]. [...] Eles ouvem o som da nossa voz, entretanto nos compreendem sem o auxílio da palavra, somente pela transmissão do pensamento. [...] Pelo que concerne à vista, essa, para o Espírito, independe da luz, qual a temos. A faculdade de ver é um atributo essencial da alma, para quem a obscuridade não existe. É, contudo, mais extensa, mais penetrante nas mais purificadas. A alma, ou o Espírito, tem, pois, em si mesma, a faculdade de todas as percepções [...]. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 257 – comentário.

Sugestões didáticas

Introdução

- » Apresentar, no início da reunião, o objetivo específico do tema, comentando-o rapidamente.

Desenvolvimento

- » Propor à turma, em seguida, leitura silenciosa dos *Subsídios* deste roteiro.
- » Concluída a leitura, pedir a cada participante que, com base no texto, registre numa folha de papel duas ou três ideias que, efetivamente, traduzam sensações e percepções evidenciadas pelos Espíritos no Além-túmulo.
- » Orientar a formação de pequenos grupos para a execução da seguinte tarefa:

- a) discussão das ideias selecionadas por cada participante;
- b) seleção ou integração dessas ideias, por consenso grupal;
- c) registro das conclusões do trabalho em grupo, em transparência ou material semelhante;
- d) indicação de um relator para apresentar as conclusões do trabalho;
- e) apresentação, seguida de explicações, de cada ideia registrada pelo grupo.

Conclusão

- » Emitir comentários sobre as conclusões apresentadas pelos relatores, fazendo os ajustes considerados importantes.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- » os participantes explicarem corretamente as principais sensações e percepções dos Espíritos desencarnados.

Técnica(s): exposição; estudo em pequenos grupos.

Recurso(s): *Subsídios* deste roteiro; materiais utilizados para dinamizar as apresentações dos relatores dos grupos.

Subsídios

Sensações e percepções dos Espíritos

*Sofrem os Espíritos? Que sensações experimentam? Tais questões nos são naturalmente dirigidas e vamos tentar resolvê-las. Inicialmente devemos dizer que, para isso, não nos contentamos com as respostas dos Espíritos. De certa maneira, através de numerosas observações, tivemos que considerar a sensação com o fato.⁶ Após essas considerações, registradas por Kardec na *Revista Espírita de 1858*, mês de dezembro, o Codificador pede ao Espírito São Luiz explicações sobre a penosa*

sensação de frio que um Espírito dizia sentir. Esse relato intrigou Kardec de tal forma que o levou a indagar de São Luiz: *Concebemos os sofrimentos morais, como pesares, remorsos, vergonha; mas calor e frio, a dor física, não são efeitos morais; experimentaríamos os Espíritos tais sensações?*⁷ O Espírito, então, lhe respondeu com outra pergunta: *Tua alma sente frio? Não; mas tem consciência da sensação que age sobre o corpo.*⁷ Refletindo sobre essas informações Kardec conclui: *Disso parece resultar que esse Espírito de avarento não sentia frio real, mas a lembrança da sensação do frio que havia suportado e essa lembrança, tida por ele como realidade, tornava-se um suplício.*⁷ No entanto, o benfeitor espiritual enfatiza: *É mais ou menos isso. Fique bem entendido que há uma distinção, que compreendeis perfeitamente, entre a dor física e a dor moral; não se deve confundir o efeito com a causa.*⁷

Allan Kardec nos apresenta, com a lucidez que lhe é peculiar, a seguinte análise deste assunto, tão útil quanto necessário à prática mediúnica.

*O corpo é o instrumento da dor. Se não é a causa primária desta é, pelo menos, a causa imediata. A alma tem a percepção da dor: essa percepção é o efeito. A lembrança que da dor a alma conserva pode ser muito penosa, mas não pode ter ação física. De fato, nem o frio, nem o calor são capazes de desorganizar os tecidos da alma, que não é suscetível de congelar-se, nem de queimar-se. Não vemos todos os dias a recordação ou a apreensão de um mal físico produzirem o efeito desse mal, como se real fora? Não as vemos até causar a morte? Toda gente sabe que aqueles a quem se amputou um membro costumam sentir dor no membro que lhes falta. Certo que aí não está a sede, ou, sequer, o ponto de partida da dor. O que há, apenas, é que o cérebro guardou desta a impressão. Lícito, portanto, será admitir-se que coisa análoga ocorra nos sofrimentos do Espírito após a morte. Um estudo aprofundado do perispírito, que tão importante papel desempenha em todos os fenômenos espíritas; nas aparições vaporosas ou tangíveis; no estado em que o Espírito vem a encontrar-se por ocasião da morte; na ideia, que tão frequentemente manifesta, de que ainda está vivo; nas situações tão comoventes que nos revelam os dos suicidas, dos supliciados, dos que se deixaram absorver pelos gozos materiais; e inúmeros outros fatos, muita luz lançaram sobre esta questão, dando lugar a explicações que passamos a resumir.*¹

As sensações e percepções sentidas e relatadas pelos Espíritos são mediadas pelo perispírito [...], o princípio da vida orgânica, porém

não o da vida intelectual, que reside no Espírito. É, além disso, o agente das sensações exteriores. No corpo, os órgãos, servindo-lhes de condutos, localizam essas sensações. Destruído o corpo, elas se tornam gerais. Daí o Espírito não dizer que sofre mais da cabeça do que dos pés, ou vice-versa. Não se confundam, porém, as sensações do perispírito, que se tornou independente, com as do corpo. Estas últimas só por termo de comparação as podemos tomar e não por analogia. Liberto do corpo, o Espírito pode sofrer, mas esse sofrimento não é corporal, embora não seja exclusivamente moral, como o remorso, pois que ele se queixa de frio e calor. Também não sofre mais no inverno do que no verão: temo-los visto atravessar chamas, sem experimentarem qualquer dor. Nenhuma impressão lhes causa, conseqüentemente, a temperatura. A dor que sentem não é, pois, uma dor física propriamente dita: é um vago sentimento íntimo, que o próprio Espírito nem sempre compreende bem, precisamente porque a dor não se acha localizada e porque não a produzem agentes exteriores; é mais uma reminiscência do que uma realidade, reminiscência, porém, igualmente penosa. Algumas vezes, entretanto, há mais do que isso, como vamos ver.²

Nos dias atuais, este assunto é de fácil assimilação, mesmo para o cidadão comum, devido ao progresso alcançado pelas ciências psíquicas no século vinte e no atual. Este fato, aliás, nos faz refletir sobre a incrível capacidade de análise de Kardec, pois sem contar com os conhecimentos que temos nos dias atuais, conseguiu compreender nitidamente o assunto. Continuando com as explicações, esclarece-nos o Codificador: *Ensina-nos a experiência que, por ocasião da morte, o perispírito se desprende mais ou menos lentamente do corpo; que, durante os primeiros minutos depois da desencarnação, o Espírito não encontra explicação para a situação em que se acha. Crê não estar morto, por isso que se sente vivo; vê a um lado o corpo, sabe que lhe pertence, mas não compreende que esteja separado dele. Essa situação dura enquanto haja qualquer ligação entre o corpo e o perispírito. Disse-nos, certa vez, um suicida: “Não, não estou morto.” E acrescentava: “No entanto, sinto os vermes a me roerem.” Ora, indubitavelmente, os vermes não lhe roíam o perispírito e ainda menos o Espírito; roíam-lhe apenas o corpo. Como, porém, não era completa a separação do corpo e do perispírito, uma espécie de repercussão moral se produzia, transmitindo ao Espírito o que estava ocorrendo no corpo. Repercussão talvez não seja o termo próprio, porque pode induzir à suposição de um efeito muito material. Era antes a visão do que se passava com o corpo, ao qual ainda o conservava ligado o perispírito, o que lhe causava a ilusão, que ele tomava por realidade.*

Assim, pois, não haveria no caso uma reminiscência, porquanto ele não fora, em vida, roído pelos vermes: havia o sentimento de um fato da atualidade. Isto mostra que deduções se podem tirar dos fatos, quando atentamente observados.

Durante a vida, o corpo recebe impressões exteriores e as transmite ao Espírito por intermédio do perispírito, que constitui, provavelmente, o que se chama fluido nervoso. Uma vez morto, o corpo nada mais sente, por já não haver nele Espírito, nem perispírito. Este, desprendido do corpo, experimenta a sensação, porém, como já não lhe chega por um conduto limitado, ela se lhe torna geral. Ora, não sendo o perispírito, realmente, mais do que simples agente de transmissão, pois que no Espírito é que está a consciência, lógico será deduzir-se que, se pudesse existir perispírito sem Espírito, aquele nada sentiria, exatamente como um corpo que morreu. Do mesmo modo, se o Espírito não tivesse perispírito, seria inacessível a toda e qualquer sensação dolorosa. É o que se dá com os Espíritos completamente purificados. Sabemos que quanto mais eles se purificam, tanto mais etérea se torna a essência do perispírito, donde se segue que a influência material diminui à medida que o Espírito progride, isto é, à medida que o próprio perispírito se torna menos grosseiro.³

Dizendo que os Espíritos são inacessíveis às impressões da matéria que conhecemos, referimo-nos aos Espíritos muito elevados, cujo envoltório etéreo não encontra analogia neste mundo. Outro tanto não acontece com os de perispírito mais denso, os quais percebem os nossos sons e odores, não, porém, apenas por uma parte limitada de suas individualidades, conforme lhes sucedia quando vivos. Pode-se dizer que, neles, as vibrações moleculares se fazem sentir em todo o ser e lhes chegam assim ao sensorium commune, que é o próprio Espírito, embora de modo diverso e talvez, também, dando uma impressão diferente, o que modifica a percepção. Eles ouvem o som da nossa voz, entretanto nos compreendem sem o auxílio da palavra, somente pela transmissão do pensamento. Em apoio do que dizemos há o fato de que essa penetração é tanto mais fácil, quanto mais desmaterializado está o Espírito. Pelo que concerne à vista, essa, para o Espírito, independe da luz, qual a temos. A faculdade de ver é um atributo essencial da alma, para quem a obscuridade não existe. É, contudo, mais extensa, mais penetrante nas mais purificadas. A alma, ou o Espírito, tem, pois, em si mesma, a faculdade de todas as percepções. Estas, na vida corpórea, se obliteram pela grosseria dos órgãos do corpo; na vida extracorpórea se vão desanuviando, à proporção que o invólucro semimaterial se eteriza.⁴

Podemos, então, concluir com Kardec: *Os Espíritos possuem todas as percepções que tinham na Terra, porém em grau mais alto, porque as suas faculdades não estão amortecidas pela matéria; eles têm sensações desconhecidas por nós, veem e ouvem coisas que os nossos sentidos limitados nos não permitem ver nem ouvir. Para eles não há obscuridade, excetuando-se aqueles que, por punição, se acham temporariamente nas trevas.*⁵

Referências

1. Kardec, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 91.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007, questão 257, comentário, p. 188-189.
2. _____. p. 189-190.
3. _____. p. 190-191.
4. _____. p. 192.
5. _____. *O que é o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 55.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 2 (Noções elementares de Espiritismo), item 17 (Dos Espíritos), p. 172.
6. _____. *Revista Espírita: Jornal de estudos psicológicos*. Ano 1858. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Ano I, dezembro de 1858, n.º 12, Ítem: Sensações dos Espíritos, p.498.
7. _____. p. 499.

VIDA NO MUNDO ESPIRITUAL

Roteiro 4

ESPÍRITOS ERRANTES

Objetivo específico

- » Conceituar Espírito errante.
- » Dar as principais características do estado de erraticidade.

Conteúdo básico

- » *Que é a alma no intervalo das encarnações? Espírito errante, que aspira a novo destino, que espera. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 224.*
- » *O estado de erraticidade pode durar desde [...] algumas horas até alguns milhares de séculos. Propriamente falando, não há extremo limite estabelecido para o estado de erraticidade, que pode prolongar-se muitíssimo, mas que nunca é perpétuo. Cedo ou tarde, o Espírito terá que volver a uma existência apropriada a purificá-lo das máculas de suas existências precedentes. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 224-a.*
- » *Essa duração depende da vontade do Espírito, ou lhe pode ser imposta como expiação?*
É uma consequência do livre-arbítrio. Os Espíritos sabem perfeitamente o que fazem. Mas, também, para alguns, constitui uma punição que Deus lhes inflige. Outros pedem que ela se prolongue,

a fim de continuarem estudos que só na condição de Espírito livre podem efetuar-se com proveito. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 224-b.

- » *Poder-se-á dizer que são errantes todos os Espíritos que não estão encarnados?*

Sim, com relação aos que tenham de reencarnar. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 226.

Sugestões didáticas

Introdução

- » Apresentar, em cartaz ou transparência, as seguintes palavras de Jesus: *Não se turbe o vosso coração. Credes em Deus, crede também em mim. Há muitas moradas na casa de meu Pai; se assim não fosse, já eu vo-lo teria dito, pois me vou para vos preparar o lugar. Depois que me tenha ido e que vos houver preparado o lugar, voltarei e vos retirarei para mim, a fim de que onde eu estiver, também vós aí estejais* (JOÃO, 14:1-3).
- » Fazer correlação das palavras de Jesus com o sentido de Espírito errante e de erraticidade, de acordo com o item 1 dos *Subsídios*.

Desenvolvimento

- » Logo após, dividir a turma em pequenos grupos para a realização das seguintes tarefas:
 - a) ler os *Subsídios* deste roteiro;
 - b) discutir o seu conteúdo;
 - c) apresentar resumo do assunto, no qual constem: conceito de Espírito errante; principais características da erraticidade;
 - d) indicar relator para apresentar o resumo, em plenário.
- » Solicitar aos representantes dos grupos que apresentem as conclusões do trabalho.
- » Ouvir os relatos esclarecendo possíveis dúvidas.

Conclusão

- » Voltar ao texto evangélico, citado na introdução, ressaltando que as palavras de Jesus podem referir-se, de acordo com a interpretação de Kardec, não apenas à pluralidade dos mundos habitados, mas também [...] *ao estado venturoso ou desgraçado do Espírito na erraticidade*. Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*, cap. 3, item 2.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- » os participantes explicarem corretamente o que é Espírito errante e citarem as principais características do estado de erraticidade.

Técnica(s): exposição; estudo em pequenos grupos.

Recurso(s): citação do Evangelho de Jesus; *Subsídios* deste roteiro.

Subsídios

1. Conceito de Espírito errante

O Espírito retorna ao mundo espiritual, após a morte do corpo físico. Depois de passar pelas experiências que caracterizam o desligamento entre a alma e o corpo, regressa ao [...] *mundo espírita, que preexiste e sobrevive a tudo*.¹ Começa, então, a fase de reintegração a uma nova forma de vida, em outro plano vibratório. O perispírito, desligado do corpo físico, revela com mais sutileza suas propriedades que, sob o comando do pensamento e da vontade do Espírito, proporcionam-lhe as transformações necessárias à sua adaptação no plano espiritual. Após um período, mais ou menos prolongado, nas regiões espirituais, o Espírito reinicia as experiências reencarnatórias. No intervalo das reencarnações, a alma recebe a denominação de *Espírito errante, que aspira a novo destino, que espera*.² O intervalo entre as reencarnações é de duração variável: *Desde algumas horas até alguns milhares de séculos. Propriamente falando, não há extremo limite estabelecido para o estado de erraticidade, que pode prolongar-se*

*muitíssimo, mas que nunca é perpétuo. Cedo ou tarde, o Espírito terá que volver a uma existência apropriada a purificá-lo das máculas de suas existências precedentes.*³

A palavra “errante” – utilizada por Kardec para designar o estado do Espírito que ainda precisa reencarnar – causa, às vezes, algumas dúvidas. Assim, importa considerar que errante, do francês *errant*, significa, neste contexto, o mesmo que em português: o que não é fixo, o que vagueia. Esse estado de erraticidade cessa quando o Espírito atinge o estágio da Perfeição Moral, tornando-se Espírito puro. Não é mais errante, visto que chegou à perfeição, seu estado definitivo.⁴

Dessa forma, os Espíritos que necessitam de melhoria – intelectual e moral – retornam inúmeras vezes à experiência reencarnatória. No espaço de tempo compreendido entre uma e outra reencarnação eles não se fixam numa determinada localidade no plano espiritual, em decorrência do aprendizado que necessitam desenvolver. Nessa situação, recebem a denominação de *Espíritos errantes*. Ainda que se encontrem na categoria de errantes, os Espíritos têm oportunidade de progredir. O estudo, o aconselhamento de Espíritos que lhes são superiores, a observação, as experiências vivenciadas, entre outros, lhes facultam os meios de melhoria espiritual.⁵ Situação diversa ocorre com os Espíritos evoluídos que, por não possuírem maiores necessidades de reencarnar, conforme o grau de perfeição que tenham alcançado, permanecem ligados a determinadas colônias na espiritualidade. Nessas regiões elevadas do plano espiritual atuam como orientadores, promovendo o progresso da humanidade terrestre.

2. Erraticidade

Espíritos errantes existem de diferentes níveis evolutivos, constituindo a maioria dos Espíritos desencarnados do nosso Planeta. São felizes ou desgraçados *mais [...] ou menos, conforme seus méritos. Sofrem por efeito das paixões cuja essência conservaram, ou são felizes, de conformidade com o grau de desmaterialização a que hajam chegado. Na erraticidade, o Espírito percebe o que lhe falta para ser mais feliz e, desde então, procura os meios de alcançá-lo. Nem sempre, porém, lhe é permitido reencarnar como fora de seu agrado, representando isso, para ele, uma punição.*⁶

Sendo assim, as [...] condições dos Espíritos e as maneiras por que veem as coisas variam ao infinito, de conformidade com os graus de desenvolvimento moral e intelectual em que se achem. Geralmente, os Espíritos de ordem elevada só por breve tempo se aproximam da Terra. Tudo o que aí se faz é tão mesquinho em comparação com as grandezas do infinito, tão pueris são, aos olhos deles, as coisas a que os homens mais importância ligam, que quase nenhum atrativo lhes oferece o nosso mundo, a menos que para aí os leve o propósito de concorrerem para o progresso da humanidade. Os Espíritos de ordem intermédia são os que mais frequentemente baixam a este planeta, se bem considerem as coisas de um ponto de vista mais alto do que quando encarnados. Os Espíritos vulgares, esses são os que aí mais se comprazem e constituem a massa da população invisível do globo terráqueo. Conservam quase que as mesmas ideias, os mesmos gostos e as mesmas inclinações que tinham quando revestidos do invólucro corpóreo. Metem-se em nossas reuniões, negócios, divertimentos, nos quais tomam parte mais ou menos ativa, segundo seus caracteres. Não podendo satisfazer às suas paixões, gozam na companhia dos que a elas se entregam e os excitam a cultivá-las. Entre eles, no entanto, muitos há, sérios, que veem e observam para se instruírem e aperfeiçoarem.⁷

Entretanto, as ideias, e, conseqüentemente, os conhecimentos dos Espíritos modificam-se na erraticidade. Com efeito, [...] sofrem grandes modificações, à proporção que o Espírito se desmaterializa. Pode este, algumas vezes, permanecer longo tempo imbuído das ideias que tinha na Terra; mas, pouco a pouco, a influência da matéria diminui e ele vê as coisas com maior clareza. É então que procura os meios de se tornar melhor.⁸

Outro ponto que merece destaque diz respeito à sobrevivência dos animais, após a morte do corpo físico. Os Espíritos Superiores nos esclarecem que a alma do animal fica [...] numa espécie de erraticidade, pois que não mais se acha unida ao corpo, mas não é um Espírito errante. O Espírito errante é um ser que pensa e obra por sua livre vontade. De idêntica faculdade não dispõe o dos animais. A consciência de si mesmo é o que constitui o principal atributo do Espírito. O do animal, depois da morte, é classificado pelos Espíritos a quem incumbe essa tarefa e utilizado quase imediatamente. Não lhe é dado tempo de entrar em relação com outras criaturas.⁹

Referências

1. Kardec, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 91.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007, questão 85, p. 102.
2. _____. Questão 224, p 177.
3. _____. Questão 224-a, p 178.
4. _____. Questão 226, p.178.
5. _____. Questão 227, p.179.
6. _____. Questão 231, p.180.
7. _____. Questão 317 - comentário, p. 216
8. _____. Questão 318, p.216.
9. _____. Questão 600, p. 333.

Mensagem

* Prece de Lúvia, filha de Basílio

Estrelas – ninhos da vida,
Entre os espaços profundos,
Novos lares, novos mundos,
Velados por tênue véu...
Aladas rosas de Ceres,

Nascidas ao sol de Elêusis,
Sois a morada dos deuses,
Que vos engastam no céu!...
Dizei-nos que tudo é belo,
Dizei-nos que tudo é santo,
Inda mesmo quando há pranto
No sonho que nos conduz.

* Xavier, Francisco Cândido. *Ave, Cristo!* 23. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Segunda parte, cap. 1 (Provas e lutas).

Proclamai à terra estranha,
Dominada de tristeza,
Que em tudo reina a beleza
Vestida de amor e luz.

Quando a noite for mais fria
Pela dor que nos procura,
Rompei a cadeia escura
Que nos prenda o coração,
Acendendo a madrugada
No campo de Novo Dia,
Onde a ventura irradia
Eterna ressurreição.

Dai consolo ao peregrino,
Que segue à mercê da sorte,
Sem teto, sem paz, sem norte,
Torturado, sofredor...
Templos do Azul Infinito,
Descerrai à humanidade
A glória da Divindade
Na glória do vosso amor.

Estrelas – ninhos da vida,
Entre os espaços profundos,
Novos lares, novos mundos,
Velados por tênue véu...
Aladas rosas de Ceres,
Nascidas ao sol de Elêusis,
Sois a morada dos deuses,
Que vos engastam no céu!...

VIDA NO MUNDO ESPIRITUAL

Roteiro 5

SORTE DAS CRIANÇAS DEPOIS DA MORTE

Objetivo específico

- » Identificar as causas espirituais da desencarnação na infância.
- » Dar informações sobre a situação das crianças depois da morte do corpo.

Conteúdo básico

- » *Não tendo podido praticar o mal, o Espírito de uma criança que morreu em tenra idade pertence a alguma das categorias superiores?*
Se não fez o mal, igualmente não fez o bem e Deus não o isenta das provas que tenha de padecer. Se for um Espírito puro, não o é pelo fato de ter animado apenas uma criança, mas porque já progredira até à pureza. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 198.
- » *A curta duração da vida da criança pode representar, para o Espírito que a animava, o complemento de existência precedentemente interrompida antes do momento em que devera terminar, e sua morte, também não raro, constitui provação ou expiação para os pais. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 199.*
- » *Quando [...] o Espírito já alcançou elevada classe evolutiva, assumindo o comando mental de si mesmo, adquire o poder de facilmente*

*desprender-se das imposições da forma [...]. Contudo, para a grande maioria das crianças que desencarnam o caminho não é o mesmo [...]. É por esse motivo que não podemos prescindir dos períodos de recuperação para quem se afasta do veículo físico, na fase infantil. André Luiz: *Entre a Terra e o céu*. Cap. X.*

- » No mundo espiritual há diversas instituições devotadas ao acolhimento e ao reajuste de Espíritos desencarnados na infância. André Luiz: *Entre a Terra e o céu*. Cap. 9, 4ª página. Rev. G. Vale Owen: *A vida além do véu*. Cap. 4.

Sugestões didáticas

Introdução

- » Apresentar o assunto e os objetivos da aula.

Desenvolvimento

- » Em seguida, fazer uma exposição sobre as causas espirituais da morte na infância, tendo como base o item 1 dos *Subsídios* deste roteiro. Estimular a participação de todos, seja por meio de perguntas, adequadamente inseridas durante a explanação, seja respondendo dúvidas.
- » Solicitar, então, à turma que se organize em três grupos para a realização das seguintes atividades:

Grupo 1: leitura do item 2 dos *Subsídios*; elaboração de quadro-mural contendo as principais características do Espírito da criança após a morte do corpo físico; apresentação do trabalho por um relator, previamente indicado pelo grupo.

Grupo 2: leitura dos itens 2 e 2.1 dos *Subsídios* (Lar da Bênção); elaboração de quadro-mural contendo as principais características desta localidade espiritual de auxílio à criança; apresentação do trabalho por um relator, previamente indicado pelo grupo.

Grupo 3: leitura dos itens 2 e 2.2 dos *Subsídios* (Cidade de Castrel); elaboração de quadro-mural contendo as principais

características desta localidade espiritual de auxílio à criança; apresentação do trabalho por um relator, previamente indicado pelo grupo.

Observação: colocar à disposição dos grupos materiais para a realização do quadro-mural: cartolinas, pincéis hidrográficos de cores variadas, fita adesiva etc.

- » Ouvir as conclusões do grupo fazendo os comentários pertinentes.

Conclusão

- » Concluir a aula, lembrando o ensinamento milenar “A natureza não dá saltos” –, relacionando-o ao desenvolvimento da criança, após a morte do corpo físico.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório, se:

- a) a turma participar, efetivamente, da exposição sobre a sorte das crianças após a desencarnação;
- b) registrar no quadro-mural informações sobre as instituições espirituais de auxílio à criança;
- c) participar da exposição feita pelo monitor.

Técnica(s): leitura; interpretação de texto; exposição; estudo em grupos.

Recurso(s): *Subsídios* do roteiro.

Subsídios

1. Causas espirituais da morte na infância

É comum, no nosso planeta, a morte na infância, mesmo no que se refere às comunidades que desfrutam de melhor qualidade de vida. *A curta duração da vida da criança pode representar, para o Espírito que a animava, o complemento de existência precedentemente interrompida antes do momento em que deveria terminar, e sua morte, também não*

raro, constitui provação ou expiação para os pais.⁴ O esclarecimento e o consolo oferecidos pelo Espiritismo tornam mais leve a tristeza que representa, em especial, a morte na infância. Se [...] *há males nesta vida cuja causa primária é o homem, outros há também aos quais, pelo menos na aparência, ele é completamente estranho e que parecem atingi-lo como por fatalidade. Tal, por exemplo, a perda de entes queridos e a dos que são o amparo da família.*¹

Analisando esta questão de perto, Allan Kardec assim se expressa: *Que dizer, enfim, dessas crianças que morrem em tenra idade e da vida só conheceram sofrimentos? Problemas são esses que ainda nenhuma filosofia pôde resolver, anomalias que nenhuma religião pôde justificar e que seriam a negação da bondade, da justiça e da providência de Deus, se se verificasse a hipótese de ser criada a alma ao mesmo tempo que o corpo e de estar a sua sorte irrevogavelmente determinada após a permanência de alguns instantes na Terra. Que fizeram essas almas, que acabam de sair das mãos do Criador, para se verem, neste mundo, a braços com tantas misérias e para merecerem no futuro uma recompensa ou uma punição qualquer, visto que não têm podido praticar nem o bem, nem o mal? Todavia, por virtude do axioma segundo o qual todo efeito tem uma causa, tais misérias são efeitos que não têm de ter uma causa e, desde que se admita um Deus justo, essa causa também há de ser justa. Ora, ao efeito precedendo sempre a causa, se esta não se encontra na vida atual, há de ser anterior a essa vida, isto é, há de estar numa existência precedente. Por outro lado, não podendo Deus punir alguém pelo bem que fez, nem pelo mal que não fez, se somos punidos, é que fizemos o mal; se esse mal não o fizemos na presente vida, tê-lo-emos feito noutra. É uma alternativa a que ninguém pode fugir e em que a lógica decide de que parte se acha a justiça de Deus.*²

O Espírito Sanson, ex-membro da Sociedade Espírita de Paris, em mensagem datada de 1863, esclarece, pondera e aconselha: *Quando a morte ceifa nas vossas famílias, arrebatando, sem restrições, os mais moços antes dos velhos, costumais dizer: Deus não é justo, pois sacrifica um que está forte e tem grande futuro e conserva os que já viveram longos anos cheios de decepções; pois leva os que são úteis e deixa os que para nada mais servem; pois despedaça o coração de uma mãe, privando-a da inocente criatura que era toda a sua alegria.*

Humanos, é nesse ponto que precisais elevar-vos acima do terra a terra da vida, para compreenderdes que o bem, muitas vezes, está onde

julgais ver o mal, a sábia providência onde pensais divisar a cega fatalidade do destino. Por que haveis de avaliar a justiça divina pela vossa? Podeis supor que o Senhor dos mundos se aplique, por mero capricho, a vos infligir penas cruéis? Nada se faz sem um fim inteligente e, seja o que for que aconteça, tudo tem a sua razão de ser. Se perscrutásseis melhor todas as dores que vos advêm, nelas encontraríeis sempre a razão divina, razão regeneradora, e os vossos miseráveis interesses se tornariam de tão secundária consideração, que os atiraríeis para o último plano.

Crede-me, a morte é preferível, numa encarnação de vinte anos, a esses vergonhosos desregramentos que pungem famílias respeitáveis, dilaceram corações de mães e fazem que antes do tempo embranqueçam os cabelos dos pais. Frequentemente, a morte prematura é um grande benefício que Deus concede àquele que se vai e que assim se preserva das misérias da vida, ou das seduções que talvez lhe acarretassem a perda. Não é vítima da fatalidade aquele que morre na flor dos anos; é que Deus julga não convir que ele permaneça por mais tempo na Terra. É uma horrenda desgraça, dizeis, ver cortado o fio de uma vida tão prenhe de esperanças! De que esperanças falais? Das da Terra, onde o liberto houvera podido brilhar, abrir caminho e enriquecer? Sempre essa visão estreita, incapaz de elevar-se acima da matéria. Sabeis qual teria sido a sorte dessa vida, ao vosso parecer tão cheia de esperanças? Quem vos diz que ela não seria saturada de amarguras? Desdenhais então das esperanças da vida futura, ao ponto de lhe preferirdes as da vida efêmera que arrastais na Terra? Supondes então que mais vale uma posição elevada entre os homens, do que entre os Espíritos bem-aventurados? Em vez de vos queixardes, regozijai-vos quando praz a Deus retirar deste vale de misérias um de seus filhos. Não será egoístico desejardes que ele aí continuasse para sofrer convosco? Ah! essa dor se concebe naquele que carece de fé e que vê na morte uma separação eterna. Vós, espíritas, porém, sabeis que a alma vive melhor quando desembaraçada do seu invólucro corpóreo. Mães, sabeis que vossos filhos bem-amados estão perto de vós; sim, estão muito perto; seus corpos fluídicos vos envolvem, seus pensamentos vos protegem, a lembrança que deles guardais os transporta de alegria, mas também as vossas dores desarrazoadas os afligem, porque denotam falta de fé e exprimem uma revolta contra a vontade de Deus. Vós, que compreendeis a vida espiritual, escutai as pulsações do vosso coração a chamar esses entes bem-amados e, se pedirdes a Deus que os abençoe, em vós sentireis fortes consolações, dessas que secam as lágrimas; sentireis aspirações grandiosas que vos mostrarão o porvir que o soberano Senhor prometeu.³

Por outro lado, reflitamos com Kardec: se [...] *uma única existência tivesse o homem e se, extinguindo-se-lhe ela, sua sorte ficasse decidida para a eternidade, qual seria o mérito de metade do gênero humano, da que morre na infância, para gozar, sem esforços, da felicidade eterna e com que direito se acharia isenta das condições, às vezes tão duras, a que se vê submetida a outra metade? Semelhante ordem de coisas não corresponderia à justiça de Deus. Com a reencarnação, a igualdade é real para todos. O futuro a todos toca sem exceção e sem favor para quem quer que seja. Os retardatários só de si mesmos se podem queixar. Forçoso é que o homem tenha o merecimento de seus atos, como tem deles a responsabilidade.*⁵

2. Sorte das crianças depois da morte

Ao desencarnar, o Espírito que animava o corpo de uma criança nem sempre retorna de imediato à fase adulta. É bem verdade que volta ao seu precedente vigor, uma vez que não sofre mais as limitações da vida no plano material. *Entretanto, não readquire a anterior lucidez, senão quando se tenha completamente separado daquele envoltório, isto é, quando mais nenhum laço exista entre ele e o corpo.*⁶ O livro *Entre a Terra e o céu*, de André Luiz, registra – a respeito da sorte das crianças após a desencarnação – interessante diálogo entre os Espíritos Hilário e Blandina, esta ao que parece, a vigilante mais responsável pelos pequeninos na instituição espiritual Lar da Bênção:

— *Antigamente, na Terra [considerou Hilário], conforme a teologia clássica, supúnhamos que os inocentes, depois da morte, permaneciam recolhidos ao descanso do limbo, sem a glória do Céu e sem o tormento do Inferno, e, nos últimos tempos, com as novas concepções do Espiritualismo, acreditávamos que o menino desencarnado retomasse, de imediato, a sua personalidade de adulto...*

— *Em muitas situações, é o que acontece – esclareceu Blandina, afetuosa —; quando o Espírito já alcançou elevada classe evolutiva, assumindo o comando mental de si mesmo, adquire o poder de facilmente desprender-se das imposições da forma, superando as dificuldades da desencarnação prematura. Conhecemos grandes almas que renasceram na Terra por brevíssimo prazo, simplesmente com o objetivo de acordar corações queridos para a aquisição de valores morais, recobrando, logo após o serviço levado a efeito, a respectiva apresentação que lhes era costumeira. Contudo, para a grande maioria das crianças que desencarnam, o caminho não é o mesmo. Almas ainda encarceradas*

*no automatismo inconsciente, acham-se relativamente longe do auto-governo. Jazem conduzidas pela natureza, à maneira das criancinhas no colo maternal. Não sabem desatar os laços que as aprisionam aos rígidos princípios que orientam o mundo das formas e, por isso, exigem tempo para se renovarem no justo desenvolvimento. É por esse motivo que não podemos prescindir dos períodos de recuperação para quem se afasta do veículo físico, na fase infantil, de vez que, depois do conflito biológico da reencarnação ou da desencarnação, para quantos se acham nos primeiros degraus da conquista de poder mental, o tempo deve funcionar como elemento indispensável de restauração. E a variação desse tempo dependerá da aplicação pessoal do aprendiz à aquisição de luz interior, através do próprio aperfeiçoamento moral.*¹⁰

Essas considerações justificam, assim, a existência de inúmeras instituições de auxílio à infância no plano espiritual, seja para adequá-las à realidade da nova moradia, seja para assisti-las numa nova encarnação. A título de ilustração, citaremos alguns exemplos extraídos da literatura espírita.

2.1 Lar da Bênção

Fonte: Livro *Entre a Terra e o céu*, ditado pelo Espírito André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier, edição FEB.

É uma [...] importante Colônia educativa, misto de escola de mães e domicílio dos pequeninos que regressam da esfera carnal.⁹ Essa Colônia, situada no espaço espiritual correspondente às terras brasileiras, tem como objetivo preparar mães para a maternidade responsável e atender às crianças que desencarnam e encarnam. Tais crianças encontram aí o apoio necessário ao seu reajustamento espiritual. Assim é que, nos primeiros momentos como libertos do corpo físico, ou enquanto lhes dure o equilíbrio, são abençoadas pela assistência superior e amiga dos benfeitores espirituais do Lar da Bênção e pelo afeto inesquecível daquelas que foram suas genitoras, as quais, ainda presas aos liames da carne, são, no entanto, levadas à Colônia para auxiliar e acompanhar o reerguimento dos filhos.¹¹

2.2 Cidade de Castrel

Fonte: Livro *A vida além do véu*, ditado por vários Espíritos, recebido pela escrita mediúnica mecânica do reverendo inglês G. Vale Owen, edição FEB, tradução de Carlos Imbassahy.

Essa Colônia espiritual, cujas informações nos chegaram com a primeira edição do livro acima citado (1920), tem como tarefa básica o atendimento à infância. Recebe Espíritos desencarnados na infância, prepara-os para a nova realidade da vida, reintegra-os aos planos que lhes são destinados após terem retornado à forma adulta, ou prepara Espíritos para a reencarnação, acompanhando-os na fase infantil. Apesar de a linguagem predominante no livro não ser atual, é uma obra de leitura agradável, que muito nos esclarece. A Colônia, situada entre montanhas, possui uma cúpula dourada no centro, cercada por um terraço cheio de colunas.⁷ Uma longa rua corta a cidade de um extremo ao outro, formando uma alameda, onde estão localizadas as residências dos seus dirigentes. Há muitos terrenos, espaçosos edifícios e construções para o atendimento à criança.⁷ Vivem aí muitos trabalhadores do campo, dedicados à horticultura, e muitos da cidade, dedicados a tarefas juntos à infância. É uma localidade muito bela e iluminada; há muitas fontes de água e predominância de ambiente harmônico. O desejo do bem é a nota reinante.⁸

Referências

1. Kardec, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 127. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 5, item 6, p. 109.
2. _____. p. 110.
3. _____. Item 21, p. 124-126.
4. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 91. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007, questão 199, p. 156.
5. _____. Questão 199-a - comentário, p. 157.
6. _____. Questão 381, p. 238.
7. OWEN, Vale G. A. Cidade e os domínios de Castrel. *A vida além do véu*. Tradução de Carlos Imbassahy. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. IV (Cidade e os domínios de Castrel), p. 127.
8. _____. p. 127 - 142.
9. Xavier, Francisco Cândido. *Entre a Terra e o céu*. Pelo Espírito André Luiz. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 9 (Lar da Bênção), p. 71.
10. _____. Cap. 10 (Preciosa conversação), p. 83-84.
11. _____. Cap. 9 e 11, p. 71-94.

VIDA NO MUNDO ESPIRITUAL

Roteiro 6

ESFERAS ESPIRITUAIS DA TERRA E MUNDOS TRANSITÓRIOS

Objetivo específico

- » Identificar as principais características das esferas espirituais.
- » Explicar o que são mundos transitórios.

Conteúdo básico

- » *Conforme se ache este [o Espírito] mais ou menos depurado e desprendido dos laços materiais, variarão ao infinito o meio em que ele se encontra, o aspecto das coisas, as sensações que experimente, as percepções que tenha. Enquanto uns não se podem afastar da esfera onde viveram, outros se elevam e percorrem o espaço e os mundos [...]. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. 3, item 2.*
- » *O mundo espiritual [...] para onde vamos após a morte, consiste de várias esferas, representando outros tantos graus de luminosidade e de felicidade; cada um de nós irá para aquela a que se adapta a nossa condição espiritual [...]. Arthur Conan Doyle: História do espiritismo. Cap. 1, p. 38.*

- » *O Espiritismo começou o inapreciável trabalho de positivar a continuação da vida além da morte, fenômeno natural do caminho de ascensão. Esferas múltiplas de atividade espiritual interpenetram-se nos diversos setores da existência. A morte não extingue a colaboração amiga, o amparo mútuo, a intercessão confortadora, o serviço evolutivo. As dimensões vibratórias do universo são infinitas, como infinitos são os mundos que povoam a Imensidade. Emmanuel: Prefácio de Obreiros da vida eterna. p. 9.*
- » *Há, de fato [...] mundos que servem de estações ou pontos de repouso aos Espíritos errantes? Sim, há mundos particularmente destinados aos seres errantes, mundos que lhes podem servir de habitação temporária, espécies de bivaques, de campos onde descansem de uma demasiado longa erradicidade, estado este sempre um tanto penoso. São, entre os outros mundos, posições intermédias, graduadas de acordo com a natureza dos Espíritos que a elas podem ter acesso e onde eles gozam de maior ou menor bem-estar. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 234.*

Sugestões didáticas

Introdução

- » Entregar, a cada participante, uma cópia do texto *A lenda do peixinho vermelho* para leitura silenciosa. (Veja anexo)
- » Terminada a leitura, realizar breve interpretação do texto, pedindo à turma que indique os pontos mais significativos.

Desenvolvimento

- » Em seguida, fazer uma ligeira explanação sobre as esferas espirituais e os mundos transitórios, fornecendo uma visão panorâmica do assunto (*Subsídios* deste roteiro, itens 1 e 2).
- » Solicitar, então, à turma que se organize em pequenos grupos para: leitura de uma das partes dos *Subsídios*; resumo, com base nas principais ideias do texto; apresentação do resumo por um relator indicado pelo grupo.

Observação: sugerimos, para a realização do trabalho em grupo, a seguinte distribuição de assuntos:

Grupo 1: leitura do subitem 1.1 dos *Subsídios*: Elementos constitutivos das esferas espirituais.

Grupo 2: leitura do subitem 1.2: Condições ambientais das esferas espirituais.

Grupo 3: leitura do subitem 1.3: Esferas espirituais nas regiões de trevas.

Grupo 4: leitura do subitem 1.4: Esferas espirituais no umbral.

Grupo 5: leitura do subitem 1.5: Esferas espirituais de transição.

Grupo 6: leitura do subitem 1.6: Esferas espirituais superiores.

Grupo 7: leitura do item 2: Mundos transitórios.

- » Ouvir as apresentações, fazendo comentários pertinentes.

Conclusão

- » Apresentar, em cartaz ou transparência, as seguintes palavras de Kardec, com respeito à situação dos Espíritos após a desencarnação: *Enquanto uns não se podem afastar da esfera onde viveram, outros se elevam e percorrem o espaço e os mundos [...]. O evangelho segundo o espiritismo. Cap. 3, item 2.*
- » Fazer, a seguir, correlação das ideias aí contidas com a situação vivida pelas principais personagens de *A lenda do peixinho vermelho*.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- » os participantes apresentarem, no resumo, as principais características das diferentes esferas espirituais e dos mundos transitórios.

Técnica(s): leitura; interpretação de texto; exposição; estudo em grupo.

Recurso(s): texto: *A lenda do peixinho vermelho*; *Subsídios* deste roteiro; cartaz / transparência com um trecho de *O evangelho segundo o espiritismo*.

Subsídios

1. Esferas Espirituais da Terra

Ensina-nos Jesus: *Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se não fosse assim, eu vos teria dito, pois vou preparar-vos o lugar, e quando for e vos tiver preparado o lugar, virei novamente e vos levarei comigo, a fim de que, onde eu estiver, estejais vós também, e para onde vou, conheceis o caminho.* (JOÃO, 14:2-4)

Segundo a Doutrina Espírita, estas palavras de Jesus se aplicam tanto aos diferentes mundos habitados no universo quanto aos planos evolutivos existentes no nosso planeta, objeto de estudo neste roteiro. Interpretando, porém, o ensinamento de Jesus podemos dizer que a [...] *casa do Pai é o universo. As diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito e oferecem, aos Espíritos que neles encarnam, moradas correspondentes ao adiantamento dos mesmos Espíritos. Independente da diversidade dos mundos, essas palavras de Jesus também podem referir-se ao estado venturoso ou desgraçado do Espírito na erraticidade. Conforme se ache este mais ou menos depurado e desprendido dos laços materiais, variarão ao infinito o meio em que ele se encontre, o aspecto das coisas, as sensações que experimente, as percepções que tenha. Enquanto uns não se podem afastar da esfera onde viveram, outros se elevam e percorrem o espaço e os mundos; enquanto alguns Espíritos culpados erram nas trevas, os bem-aventurados gozam de resplendente claridade e do espetáculo sublime do Infinito; finalmente, enquanto o mau, atormentado de remorsos e pesares, muitas vezes insulado, sem consolação, separado dos que constituíam objeto de suas afeições, pena sob o guante dos sofrimentos morais, o justo, em convívio com aqueles a quem ama, frui as delícias de uma felicidade indizível. Também nisso, portanto, há muitas moradas, embora não circunscritas, nem localizadas.*¹

O Espírito André Luiz nos presta inúmeras informações sobre a vida no plano espiritual. Esclarece que são [...] *mundos sutis, dentro dos mundos grosseiros, maravilhosas esferas que se interpenetram.*²⁴ Tais esferas espirituais permanecem invisíveis ao ser humano encarnado, no atual estágio evolutivo em que nos encontramos, em primeiro lugar pelas naturais limitações biológicas da nossa visão física, segundo em razão do pouco desenvolvimento das nossas faculdades espirituais.²⁵

Num esforço de síntese apresentamos, em seguida, as principais características das esferas espirituais existentes no Além-túmulo.

1.1 Elementos constitutivos das esferas espirituais

No plano espiritual, o homem desencarnado vai lidar, mais diretamente, com um fluido vivo e multiforme, estuante e inestancável, a nascer-lhe da própria alma, de vez que podemos defini-lo, até certo ponto, por subproduto do fluido cósmico, absorvido pela mente humana, em processo vitalista semelhante à respiração, pelo qual a criatura assimila a força emanante do Criador, esparsa em todo o Cosmo, transubstanciando-a, sob a própria responsabilidade, para influenciar na Criação, a partir de si mesma. Esse fluido é seu próprio pensamento contínuo, gerando potenciais energéticos com que não havia sonhado. Decerto que na esfera nova de ação, a que se vê arrebatado pela morte, encontra a matéria conhecida no mundo, em nova escala vibratória. Elementos atômicos mais complicados e sutis, aquém do hidrogênio e além do urânio, em forma diversa daquela que se caracterizam na gleba planetária, engrandecem-lhe a série estequiogenética [tabela estequiométrica ou Tabela periódica dos elementos químicos]. O solo do mundo espiritual, estruturado com semelhantes recursos, todos eles raiando na quintessência, corresponde ao peso específico do Espírito, e, detendo possibilidades e riquezas virtuais, espera por ele a fim de povoar-se de glória e beleza [...].⁸

1.2 Condições ambientais das esferas espirituais

Na moradia de continuidade para a qual se transfere, encontra, pois, o homem as mesmas leis de gravitação que controlam a Terra, com os dias e as noites marcando a conta do tempo, embora os rigores das estações estejam suprimidos pelos fatores de ambiente que asseguram a harmonia da natureza, estabelecendo clima quase constante e quase uniforme [isto em se tratando das esferas de mediana e superior evolução]. [...] Plantas e animais domesticados pela inteligência humana, durante milênios, podem ser aí aclimatados e aprimorados, por determinados períodos de existência, ao fim dos quais regressam aos seus núcleos de origem no solo terrestre, para que avancem na romagem evolutiva, compensados com valiosas aquisições de acrisolamento, pelos quais auxiliam a flora e a fauna habituais à Terra, com os benefícios das chamadas mutações espontâneas. As plantas, pela configuração celular mais simples, atendem, no plano extrafísico, à reprodução limitada,

*aí deixando descendentes que, mais tarde, voltam também à leira do homem comum [...]. Ao longo dessas vastíssimas regiões de matéria sutil que circundam o corpo ciclópico do Planeta, com extensas zonas cavitárias, sob as linhas que lhe demarcam o início de aproveitamento, qual se observa na crosta da própria Terra, a estender-se da superfície continental até o leito dos oceanos, começam as povoações felizes e menos felizes, tanto quanto as aglomerações infernais de criaturas desencarnadas que, por temerem as formações dos próprios pensamentos, se refugiam nas sombras, receando ou detestando a presença da luz.*⁹

1.3 Esferas espirituais das regiões de trevas

Os Espíritos Superiores nos esclarecem que há [...] *esferas de vida em toda parte [...], o vácuo sempre há de ser mera imagem literária. Em tudo há energias viventes e cada espécie de seres funciona em determinada zona da vida.*¹⁸ Chamamos Trevas as regiões mais inferiores que conhecemos.¹⁷ São regiões (ou esferas) espirituais situadas abaixo e na superfície do globo terráqueo, também conhecidas como abismo ou regiões abismais.^{17 22}

Transitando por essas regiões, em trabalho de auxílio, o Espírito André Luiz nos relata suas impressões sobre tais paragens espirituais: *Noutras circunstâncias e noutro tempo, não conseguiria eu dominar o pavor que nos infundia a paisagem escura e misteriosa, à nossa frente. Vagavam no espaço estranhos sons. Ouvia perfeitamente gritos de seres selvagens e, em meio deles, dolorosos gemidos humanos, emitidos, talvez, a imensa distância... Aves de monstruosa configuração, mais negras do que a noite, de longe em longe se afastavam do nosso caminho, assustadiças. E embora a sombra espessa, observava alguma coisa da infinita desolação ambiente. Após alguns minutos de marcha, surgiu-nos a Lua, como bola sangrenta, através do nevoeiro, espalhando escassos raios de luz. Poderíamos identificar, agora, certas particularidades do terreno áspero. [...] Atingimos zona pantanosa, em que sobressaía rasteira vegetação. Ervas mirradas e arbustos tristes assomavam indistintamente do solo. Fundamente espantado, porém, ao ladear imenso charco, ouvi soluços próximos. Guardava a nítida impressão de que as vozes procediam de pessoas atoladas em repelentes substâncias, tais as emanções desagradáveis que pairavam no ar. Oh! que forças nos defrontavam, ali! A treva difusa não deixava perceber minudências; todavia, convencera-me da existência de vítimas vizinhas de nós, esperando-nos amparo providencial.*²¹

1.4 Esferas espirituais do umbral

O Umbral [...] começa na crosta terrestre. É a zona obscura de quantos no mundo não se resolveram a atravessar as portas dos deveres sagrados, a fim de cumpri-los, demorando-se no vale da indecisão ou no pântano dos erros numerosos.¹³

Nas localidades umbralinas mais próximas da Crosta o clima é, predominantemente, frio, pela ausência de luz solar. Ventania sopra em todas as direções. A topografia ambiental forma um conjunto de paisagens misteriosas ou lúgubres, que observamos em alguns filmes. Há picos altíssimos, que se assemelham a agulhas de treva. Nos precipícios e abismos encontramos esquisita vegetação. Aves de aspecto horripilante enchem o silêncio de pios angustiantes.²³

O Umbral funciona, portanto, como região destinada a esgotamento de resíduos mentais; uma espécie de zona purgatorial, onde se queima a prestações o material deteriorado das ilusões que a criatura adquiriu por atacado, menosprezando o sublime ensejo de uma existência terrestre. [...] O Umbral é região de profundo interesse para quem esteja na Terra. Concentra-se, aí, tudo o que não tem finalidade para a vida superior. [...] Há legiões compactas de almas irresolutas e ignorantes, que não são suficientemente perversas para serem enviadas a colônias de reparação mais dolorosa, nem bastante nobres para serem enviadas a planos de elevação. Representam fileiras de habitantes do Umbral, companheiros imediatos dos homens encarnados, separados deles apenas por leis vibratórias. Não é de estranhar, portanto, que semelhantes lugares se caracterizem por grandes perturbações.¹⁴ Lá vivem, agrupam-se, os revoltados de toda espécie. Formam, igualmente, núcleos invisíveis de notável poder, pela concentração das tendências e desejos gerais. [...] É zona de verdugos e vítimas, de exploradores e explorados. [...] A zona inferior a que nos referimos é qual a casa onde não há pão: todos gritam e ninguém tem razão.¹⁵

1.5 Esferas espirituais de transição

Estão situadas acima do Umbral e abaixo das regiões superiores. Como exemplo, citamos a Colônia espiritual Nosso Lar. Nela ainda existe sofrimento, mas os seus habitantes, de evolução mediana, são mais esclarecidos. Essa posição espiritual favorece a natureza, caracterizada por belezas e harmonias inexistentes nos planos inferiores. A Colônia possui várias avenidas enfeitadas de árvores frondosas. O

ar aí é puro, e a atmosfera é de profunda tranquilidade espiritual. Não há, porém, qualquer sinal de inércia ou de ociosidade, visto que as vias públicas estão sempre repletas de entidades numerosas em constantes atividades, indo e vindo.¹¹ O Espírito André Luiz nos relata as suas impressões do ambiente de Nosso Lar, quando lá chegou: *O bosque, em floração maravilhosa, embalsamava o vento fresco de inebriante perfume. Tudo em prodígio de cores e luzes cariciosas. Entre margens bordadas de grama viçosa, toda esmaltada de azulíneas flores, deslizava um rio de grandes proporções. A corrente rolava tranquila, mas tão cristalina que parecia tonalizada em matiz celeste, em vista dos reflexos do firmamento. Estradas largas cortavam a verdura da paisagem. Plantadas a espaços regulares, árvores frondosas ofereciam sombra amiga, à maneira de pousos deliciosos, na claridade do Sol confortador. Bancos de caprichosos formatos convidavam ao descanso.*¹²

A Colônia, que é essencialmente de trabalho e realização, divide-se administrativamente em seis Ministérios, orientados, cada qual, por dozes ministros. São os Ministérios da Regeneração, do Auxílio, da Comunicação, do Esclarecimento, da Elevação e da União Divina. Os quatro primeiros aproximam-se das esferas terrestres, e os dois últimos ligam-se ao plano Superior, visto que a cidade espiritual é zona de transição.

Os serviços mais grosseiros localizam-se no Ministério da Regeneração, e os mais sublimes, no da União Divina.¹¹

1.6 Esferas espirituais superiores

Trata-se de regiões espirituais que, para as pessoas que desconhecem a realidade do Além-túmulo, são consideradas verdadeiros paraísos. Expressam, na verdade, [...] *diferentes graus de purificação e, por conseguinte, de felicidade.*⁷ André Luiz nos relata a inesquecível experiência vivida numa esfera espiritual para onde foi conduzido, durante o sono, enquanto o seu perispírito repousava no leito, em Nosso Lar. O que aconteceu com este amigo espiritual foi assim, segundo suas próprias palavras: *Daí a instantes, sensações de leveza invadiram-me a alma toda e tive a impressão de ser arrebatado em pequenino barco, rumando a regiões desconhecidas. Para onde me dirigia? Impossível responder. A meu lado, um homem silencioso sustinha o leme. E qual criança que não pode enumerar nem definir as belezas do caminho, deixava-me conduzir sem exclamações de qualquer natureza, extasiado embora com as magnificências da paisagem. Parecia-me que*

a embarcação seguia célere, não obstante os movimentos de ascensão. Decorridos minutos, vi-me à frente de um porto maravilhoso, onde alguém me chamou com especial carinho:

— *André!... André!...*

Desembarquei com precipitação verdadeiramente infantil. Reconheceria aquela voz entre milhares. Num momento, abraçava minha mãe em transbordamentos de júbilo. Fui conduzido, então, por ela, a prodigioso bosque, onde as flores eram dotadas de singular propriedade – a de reter a luz, revelando a festa permanente do perfume e da cor. Tapetes dourados e luminosos estendiam-se, dessa maneira, sob as grandes árvores sussurrantes ao vento. Minhas impressões de felicidade e paz eram inexcedíveis.¹⁶

As esferas superiores, à semelhança das inferiores, apresentam diferentes graus de elevação espiritual. As comunidades redimidadas, *Asclépios*, por exemplo, formam um conjunto do *Plano dos Imortais*. Estão situadas [...] *nas regiões mais elevadas da região espiritual da Terra.*¹⁹ O habitante dessas esferas vive [...] *muito acima de nossas noções de forma, em condições inapreciáveis à nossa atual conceituação da vida. Já perdeu todo o contacto direto com a Crosta Terrestre e só poderia fazer-se sentir, por lá, através de enviados e missionários de grande poder.*²⁰

2. Mundos transitórios

São [...] *mundos particularmente destinados aos seres errantes, mundos que lhes podem servir de habitação temporária, espécies de bivaques, de campos onde descansam de uma demasiado longa erraticidade, estado este sempre um tanto penoso. São, entre os outros mundos, posições intermédias, graduadas de acordo com a natureza dos Espíritos que a elas podem ter acesso e onde eles gozam de maior ou menor bem-estar.*² A Doutrina Espírita esclarece: [...] *os Espíritos que se encontram nesses mundos podem deixá-los, a fim de irem para onde devam ir. Figurai-os como bandos de aves que pousam numa ilha, para aí aguardarem que se lhes refaçam as forças, a fim de seguirem seu destino.*³ Durante a estada nessas localidades os Espíritos progridem, porque os [...] *que vão a tais mundos levam o objetivo de se instruírem e de poderem mais facilmente obter permissão para passar a outros lugares melhores e chegar à perfeição que os eleitos atingem.*⁴

Dois pontos merecem ser destacados, em relação a tais mundos:

a) Não se conservam perpetuamente destinados a receber Espíritos errantes: *a condição deles é meramente temporária*.⁵

b) Seres corpóreos não habitam esses mundos, pois a superfície estéril não favorece a reencarnação. Entretanto, esta esterilidade é também temporária, em razão da evolução natural do mundo.⁶

*Temos, assim, no Espaço Incomensurável, mundos-berços e mundos-experiências, mundos-universidades e mundos-templos, mundos-oficinas e mundos-Reformadores, mundos-hospitais e mundos-prisões.*²⁶ Dessa forma, a [...] *morte a ninguém propiciará passaporte gratuito para a ventura celeste. Nunca promoverá compulsoriamente homens a anjos. Cada criatura transporá essa aduana da eternidade com a exclusiva bagagem do que houver semeado, e aprenderá que a ordem e a hierarquia, a paz do trabalho edificante, são característicos imutáveis da Lei, em toda parte. Ninguém, depois do sepulcro, gozará de um descanso a que não tenha feito jus, porque “o reino do Senhor não vem com aparências externas”.*¹⁰ [LUCAS, 17:20]

Referências

1. Kardec, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 3, item 2, p.76.
2. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 91. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007, questão 234, p. 181.
3. _____. Questão 234-a, p. 181.
4. _____. Questão 235, p. 181.
5. _____. Questão 236, p. 181.
6. _____. Questão 236-a/b, p. 181.
7. _____. Questão 1017, p. 181-182.
8. Xavier, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Primeira parte, cap. 13 (Alma e fluidos) item: Fluido vivo, p.119-120.
9. _____. Item: Vida na espiritualidade, p. 120-122.
10. Xavier, Francisco Cândido. *No mundo maior*. Pelo Espírito André Luiz. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Prefácio de Emmanuel, p. 9.
11. _____. *Nosso Lar*. Pelo Espírito André Luiz. 59. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. cap. 8 (Organização de serviços), p.55-59.
12. _____. Cap.10 (No bosque das águas), p.68.

13. _____. Cap.12 (O Umbral), p. 79-80.
14. _____. p. 81.
15. _____. p. 82.
16. _____. Cap.36 (O sonho), p. 232-233.
17. _____. Cap.44 (As trevas), p. 291.
18. _____. p. 293.
19. _____. *Obreiros da vida eterna*. Pelo Espírito André Luiz. 33. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 3 (O sublime visitante), p.59-60.
20. _____. p.60.
21. _____. Cap. 6 (Dentro da noite), p.102-103.
22. _____. Cap. 7 (Leitura mental), p. 143 - último parágrafo.
23. _____. *Os mensageiros*. Pelo Espírito André Luiz. 44. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 15 (A viagem), p. 99.
24. _____. p. 100.
25. _____. p. 100-101.
26. _____. *Religião dos Espíritos*. Pelo Espírito Emmanuel. 20. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Capítulo: (Pluralidade dos mundos habitados), p. 220.

Anexo

*A Lenda do Peixinho Vermelho

No centro de formoso jardim, havia grande lago, adornado de ladrilhos azul-turquesa.

Alimentado por diminuto canal de pedra, escoava suas águas, do outro lado, através de grade muito estreita. Nesse reduto acolhedor, vivia toda uma comunidade de peixes, a se refestelarem, nédios e satisfeitos, em complicadas locas, frescas e sombrias. Elegeram um dos concidadãos de barbatanas para os encargos de rei, e ali viviam, plenamente despreocupados, entre a gula e a preguiça.

Junto deles, porém, havia um peixinho vermelho, menosprezado de todos.

* Xavier, Francisco Cândido. *Libertação*. Pelo Espírito André Luiz. 31. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007, prefácio (Ante as portas livres).

Não conseguia pescar a mais leve larva, nem refugiar-se nos nichos barrentos.

Os outros, vorazes e gordalhudos, arrebatavam para si todas as formas larvárias e ocupavam, displicentes, todos os lugares consagrados ao descanso.

O peixinho vermelho que nadasse e sofresse. Por isso mesmo era visto, em correria constante, perseguido pela canícula ou atormentado de fome.

Não encontrando pouso no vastíssimo domicílio, o pobrezinho não dispunha de tempo para muito lazer e começou a estudar com bastante interesse.

Fez o inventário de todos os ladrilhos que enfeitavam as bordas do poço, arrolou todos os buracos nele existentes e sabia, com precisão, onde se reuniria maior massa de lama por ocasião de aguaceiros.

Depois de muito tempo, à custa de longas perquirições, encontrou a grade do escoadouro.

À frente da imprevista oportunidade de aventura benéfica, refletiu consigo:

— “Não será melhor pesquisar a vida e conhecer outros rumos?”

Optou pela mudança.

Apesar de macérrimo pela abstenção completa de qualquer conforto, perdeu várias escamas, com grande sofrimento, a fim de atravessar a passagem estreitíssima.

Pronunciando votos renovadores, avançou, otimista, pelo rego d'água, encantado com as novas paisagens, ricas de flores e sol que o defrontavam, e seguiu, embriagado de esperança...

Em breve, alcançou grande rio e fez inúmeros conhecimentos.

Encontrou peixes de muitas famílias diferentes, que com ele simpatizaram, instruindo-o quanto aos percalços da marcha e descortinando-lhe mais fácil roteiro.

Embevecido, contemplou nas margens homens e animais, embarcações e pontes, palácios e veículos, cabanas e arvoredo.

Habitado com o pouco, vivia com extrema simplicidade, jamais perdendo a leveza e a agilidade naturais.

Conseguiu, desse modo, atingir o oceano, ébrio de novidade e sedento de estudo.

De início, porém, fascinado pela paixão de observar, aproximou-se de uma baleia para quem toda a água do lago em que vivera não seria mais que diminuta razão; impressionado com o espetáculo, abeirou-se dela mais que devia e foi tragado com os elementos que lhe constituíam a primeira refeição diária.

Em apuros, o peixinho aflito orou ao Deus dos Peixes, rogando proteção no bojo do monstro e, não obstante as trevas em que pedia salvamento, sua prece foi ouvida, porque o valente cetáceo começou a soluçar e vomitou, restituindo-o às correntes marinhas.

O pequeno viajante, agradecido e feliz, procurou companhias simpáticas e aprendeu a evitar os perigos e tentações.

Plenamente transformado em suas concepções do mundo, passou a reparar as infinitas riquezas da vida. Encontrou plantas luminosas, animais estranhos, estrelas móveis e flores diferentes no seio das águas. Sobretudo, descobriu a existência de muitos peixinhos, estudiosos e delgados tanto quanto ele, junto dos quais se sentia maravilhosamente feliz.

Vivia, agora, sorridente e calmo, no Palácio de Coral que elegera, com centenas de amigos, para residência ditosa, quando, ao se referir ao seu começo laborioso, veio a saber que somente no mar as criaturas aquáticas dispunham de mais sólida garantia, de vez que, quando o estio se fizesse mais arrasador, as águas de outra altitude continuariam a correr para o oceano.

O peixinho pensou, pensou... e sentindo imensa compaixão daqueles com quem convivera na infância, deliberou consagrar-se à obra do progresso e salvação deles.

Não seria justo regressar e anunciar-lhes a verdade? não seria nobre ampará-los, prestando-lhes a tempo valiosas informações?

Não hesitou.

Fortalecido pela generosidade de irmãos benfeitores que com ele viviam no Palácio de Coral, empreendeu comprida viagem de volta.

Tornou ao rio, do rio dirigiu-se aos regatos e dos regatos se encaminhou para os canaizinhos que o conduziram ao primitivo lar.

Esbelto e satisfeito como sempre, pela vida de estudo e serviço a que se devotava, varou a grade e procurou, ansiosamente, os velhos companheiros.

Estimulado pela proeza de amor que efetuava, supôs que o seu regresso causasse surpresa e entusiasmo gerais. Certo, a coletividade inteira lhe celebraria o feito, mas depressa verificou que ninguém se mexia.

Todos os peixes continuavam pesados e ociosos, repimpados nos mesmos ninhos lodacentos, protegidos por flores de lótus, de onde saíam apenas para disputar larvas, moscas ou minhocas desprezíveis.

Gritou que voltara a casa, mas não houve quem lhe prestasse atenção, porquanto ninguém, ali, havia dado pela ausência dele.

Ridiculizado, procurou, então, o rei de guelras enormes e comunicou-lhe a reveladora aventura.

O soberano, algo entorpecido pela mania de grandeza, reuniu o povo e permitiu que o mensageiro se explicasse.

O benfeitor desprezado, valendo-se do ensejo, esclareceu, com ênfase, que havia outro mundo líquido, glorioso e sem-fim. Aquele poço era uma insignificância que podia desaparecer, de momento para outro. Além do escoadouro próximo desdobravam-se outra vida e outra experiência. Lá fora, corriam regatos ornados de flores, rios caudalosos repletos de seres diferentes e, por fim, o mar, onde a vida aparece cada vez mais rica e mais surpreendente. Descreveu o serviço de tainhas e salmões, de trutas e esqualos. Deu notícias do peixe-lua, do peixe-coelho e do galo-do-mar. Contou que vira o céu repleto de astros sublimes e que descobrira árvores gigantescas, barcos imensos, cidades praiieras, monstros temíveis, jardins submersos, estrelas do oceano e ofereceu-se para conduzi-los ao Palácio de Coral, onde viveriam todos, prósperos e tranquilos. Finalmente os informou de que semelhante felicidade, porém, tinha igualmente seu preço. Deveriam todos emagrecer convenientemente, abstendo-se de devorar tanta larva e tanto verme nas locas escuras e aprendendo a trabalhar e estudar tanto quanto era necessário à venturosa jornada.

Assim que terminou, gargalhadas estridentes coroaram-lhe a preleção.

Ninguém acreditou nele.

Alguns oradores tomaram a palavra e afirmaram, solenes, que o peixinho vermelho delirava, que outra vida além do poço era francamente impossível, que aquela história de riachos, rios e oceanos era mera fantasia de cérebro demente e alguns chegaram a declarar que falavam em nome do Deus dos Peixes, que trazia os olhos voltados para eles unicamente.

O soberano da comunidade, para melhor ironizar o peixinho, dirigiu-se em companhia dele até à grade de escoamento e, tentando, de longe, a travessia, exclamou, borbulhante:

— “Não vês que não cabe aqui nem uma só de minhas barbatanas? Grande tolo! vai-te daqui! não nos perturbes o bem-estar... Nosso lago é o centro do universo... Ninguém possui vida igual à nossa!...”

Expulso a golpes de sarcasmo, o peixinho realizou a viagem de retorno e instalou-se, em definitivo, no Palácio de Coral, aguardando o tempo.

Depois de alguns anos, apareceu pavorosa e devastadora seca.

As águas desceram de nível. E o poço onde viviam os peixes pachorrentos e vaidosos esvaziou-se, compelindo a comunidade inteira a perecer atolada na lama...

Mensagem

*Prece aos anjos guardiães e aos Espíritos protetores

Espíritos bem-amados, anjos guardiães que, com a permissão de Deus, pela sua infinita misericórdia, velais sobre os homens, sede nossos protetores nas provas da vida terrena. Dai-nos força, coragem e resignação; inspirai-nos tudo o que é bom, detende-nos no declive do mal; que a vossa bondosa influência nos penetre a alma; fazei sintamos que um amigo devotado está ao nosso lado, que vê os nossos sofrimentos e partilha das nossas alegrias.

E tu, meu bom anjo, não me abandones. Preciso de toda a tua proteção, para suportar com fé e amor as provas que praza a Deus enviar-me.

* (*) Xavier, Francisco Cândido. *Libertação*. Pelo Espírito André Luiz. 31. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007, prefácio (Ante as portas livres).

VIDA NO MUNDO ESPIRITUAL

Roteiro 7

OCUPAÇÕES E MISSÕES DOS ESPÍRITOS

Objetivo específico

- » Explicar em que consistem as ocupações e as missões dos Espíritos.
- » Ilustrar, com exemplos, as missões espirituais destinadas a povos e a indivíduos

Conteúdo básico

- » *As almas, ou Espíritos, têm ocupações em relação com o seu grau de adiantamento, ao mesmo tempo que procuram instruir-se e melhorar-se. Allan Kardec: O que é o espiritismo. Cap. 3 (Solução de alguns problemas pela Doutrina Espírita), questão 159.*
- » *São incessantes as ocupações dos Espíritos?*
Incessantes, sim, atendendo-se a que sempre ativos são os seus pensamentos, porquanto vivem pelo pensamento. Importa, porém, não identifiqueis as ocupações dos Espíritos com as ocupações materiais dos homens. Essa mesma atividade lhes constitui um gozo, pela consciência que têm de ser úteis. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 563.
- » *Haverá Espíritos que se conservem ociosos, que em coisa alguma útil se ocupem?*

Há, mas esse estado é temporário e dependendo do desenvolvimento de suas inteligências. Há, certamente, como há homens que só para si mesmos vivem. Pesa-lhes, porém, essa ociosidade e, cedo ou tarde, o desejo de progredir lhes faz necessária a atividade e felizes se sentirão por poderem tornar-se úteis. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 564.

- » *As missões dos Espíritos têm sempre por objeto o bem. Quer como Espíritos, quer como homens, são incumbidos de auxiliar o progresso da humanidade, dos povos ou dos indivíduos, dentro de um círculo de ideias mais ou menos amplas, mais ou menos especiais e de velar pela execução de determinadas coisas. Alguns desempenham missões mais restritas e, de certo modo, pessoais ou inteiramente locais, como sejam assistir os enfermos, os agonizantes, os aflitos, velar por aqueles de quem se constituíram guias e protetores, dirigi-los, dando-lhes conselhos ou inspirando-lhes bons pensamentos. Pode dizer-se que há tantos gêneros de missões quantas as espécies de interesses a resguardar, assim no mundo físico, como no moral. O Espírito se adianta conforme à maneira por que desempenha a sua tarefa. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 569 – comentário.*

Sugestões didáticas

Introdução

- » Conceituar *missão* e *ocupação* dos Espíritos, tendo como base os *Subsídios* deste roteiro.
- » Entregar aos participantes algumas ilustrações, extraídas de revistas ou da *Internet*, que exemplifiquem cenas do cotidiano: pessoas cultivando a terra; cientista trabalhando; alguém auxiliando o próximo; um músico tocando algum instrumento; um professor dando aula; uma mãe cuidando do filho; um enfermo sendo assistido etc.

Observação: é importante que cada participante receba, no mínimo, duas gravuras.

- » Em seguida, pedir-lhes que classifiquem as ilustrações recebidas em dois grupos: as que caracterizam ocupações e as que são indicativas de missões.
- » Pedir-lhes que justifiquem a classificação realizada.

Desenvolvimento

- » Solicitar, então, à turma que se reúna em pequenos grupos para a realização das seguintes tarefas:
 1. ler os *Subsídios* do roteiro;
 2. tendo por base o conteúdo lido, explicar em que consistem as ocupações e as missões dos Espíritos;
 3. listar, com base nos *Subsídios*, as maiores dificuldades para o exercício das missões, nos planos espiritual e físico. Utilizar folhas de papel pardo ou de cartolina.
 4. Colocar as folhas de papel pardo ou de cartolina em local visível a todos.
- » Ouvir as conclusões dos grupos e prestar os esclarecimentos cabíveis.

Conclusão

- » Encerrar a aula, ressaltando os seguintes pontos: a) o valor do trabalho dos Espíritos superiores, desencarnados ou encarnados; b) o bem como único objeto de uma missão; c) a relação entre a importância das missões e o grau de adiantamento dos Espíritos

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório, se:

- » os participantes realizarem corretamente as tarefas propostas no trabalho em grupo.

Técnica(s): trabalho em pequenos grupos; exposição.

Recurso(s): *Subsídios* do roteiro; orientação para o trabalho em grupo; ilustrações diversas; folhas de papel pardo/cartolina; canetas hidrográficas; papel; lápis/caneta.

Subsídios

Os Espíritos Superiores concorrem [...] *para a harmonia do universo, executando as vontades de Deus, cujos ministros eles são. A*

*vida espírita é uma ocupação contínua, mas que nada tem de penosa, como a vida na Terra, porque não há a fadiga corporal, nem as angústias das necessidades.*¹ Os Espíritos inferiores e imperfeitos também desempenham função útil no universo, uma vez que todos [...] *têm deveres a cumprir.*² *As almas, ou Espíritos, têm ocupações em relação com o seu grau de adiantamento, ao mesmo tempo que procuram instruir-se e melhorar-se.*¹³

São incessantes as ocupações dos Espíritos [...] *atendendo-se a que sempre ativos são os seus pensamentos, porquanto vivem pelo pensamento.*³ Não podemos, entretanto, identificar [...] *as ocupações dos Espíritos com as ocupações materiais dos homens [encarnados]. Essa mesma atividade lhes constitui um gozo, pela consciência que têm de ser úteis.*³ Existem Espíritos, todavia, que se conservam ociosos, [...] *mas esse estado é temporário e dependendo do desenvolvimento de suas inteligências. [...] Pesa-lhes, porém, essa ociosidade e, cedo ou tarde, o desejo de progredir lhes faz necessária a atividade e felizes se sentirão por poderem tornar-se úteis.*⁴

Em relação às coisas deste mundo, pode dizer-se que [...] *os Espíritos se ocupam conformemente ao grau de elevação ou de inferioridade em que se achem. Os Espíritos superiores dispõem, sem dúvida, da faculdade de examiná-las nas suas mínimas particularidades, mas só o fazem na medida em que isso seja útil ao progresso. Unicamente os Espíritos inferiores ligam a essas coisas uma importância relativa às reminiscências que ainda conservam e às ideias materiais que ainda se não extinguiram neles.*⁵ Assim é que muitos destes últimos nos rodeiam constantemente, tomando parte ativa em tudo o que fazemos, de acordo com as suas naturezas.⁵

*As missões dos Espíritos têm sempre por objeto o bem. Quer como Espíritos, quer como homens, são incumbidos de auxiliar o progresso da humanidade, dos povos ou dos indivíduos, dentro de um círculo de ideias mais ou menos amplas, mais ou menos especiais e de velar pela execução de determinadas coisas. Alguns desempenham missões mais restritas e, de certo modo, pessoais ou inteiramente locais, como sejam assistir os enfermos, os agonizantes, os aflitos, velar por aqueles de quem se constituíram guias e protetores, dirigi-los, dando-lhes conselhos ou inspirando-lhes bons pensamentos. Pode dizer-se que há tantos gêneros de missões quantas as espécies de interesses a resguardar, assim no mundo físico, como no moral. O Espírito se adianta conforme à maneira por que desempenha a sua tarefa.*⁶ *A importância das missões corresponde*

às capacidades e à elevação do Espírito.⁷ Ele pede determinada missão [...] e ditoso se considera se a obtém.⁸

Em seguida, apresentaremos exemplos de missões para um melhor entendimento do assunto.

1. Missão espiritual de um povo

As seguintes palavras de Jesus – constantes do livro *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho* –, dirigidas a um dos mais elevados mensageiros do orbe terrestre, ilustram missão espiritual programada em benefício de um povo.

— Ismael [*Guia Espiritual do Brasil*], manda o meu coração que doravante sejas o zelador dos patrimônios imortais que constituem a Terra do Cruzeiro. [...] Reúne as incansáveis falanges do Infinito, que cooperam nos ideais sacrossantos de minha doutrina, e inicia, desde já, a construção da pátria do meu ensinamento. Para aí transplantei a árvore da minha misericórdia e espero que a cultives com a tua abnegação e com o teu sublimado heroísmo. [...] Guarda este símbolo da paz e inscreve na sua imaculada pureza o lema da tua coragem e do teu propósito de bem servir à causa de Deus e, sobretudo, lembra-te sempre de que estarei contigo no cumprimento dos teus deveres, com os quais abrirás para a humanidade dos séculos futuros um caminho novo, mediante a sagrada revivescência do Cristianismo.²⁰

Ismael recebe o lábaro bendito das mãos compassivas do Senhor, banhado em lágrimas de reconhecimento, e, como se entrara em ação o impulso secreto da sua vontade, eis que a nívea bandeira tem agora uma insígnia. Na sua branca substância, uma tinta celeste inscrevera o lema imortal: “Deus, Cristo e Caridade”.²¹

Ismael reuniu em grande assembleia os seus colaboradores mais devotados, com o objetivo de instituir um programa para as suas atividades espirituais na Terra de Santa Cruz [nome anterior do Brasil]:

— *Irmãos — exclamou ele no seio da multidão de companheiros abnegados — plantamos aqui, sob o olhar misericordioso de Jesus, a sua bandeira de paz e de perdão. Todo um campo de trabalhos se desdobra às nossas vistas. Precisamos de colaboradores devotados que não temam a luta e o sacrifício.*²² [...] *Quase todos os Espíritos santificados, ali presentes, se oferecem como voluntários da grande causa. Entre muitos, descobriremos José de Anchieta e Bartolomeu dos Mártires, Manuel da*

*Nóbrega, Diogo Jácome, Leonardo Nunes e muitos outros, que também foram dos chamados para esse conclave no mundo invisível.*²³

Emmanuel apresenta, no prefácio da obra supracitada, uma síntese da missão do Brasil:

O Brasil não está somente destinado a suprir as necessidades materiais dos povos mais pobres do planeta, mas, também, a facultar ao mundo inteiro uma expressão consoladora de crença e de fé raciocinada e a ser o maior celeiro de claridades espirituais do orbe inteiro. [...] Nossa tarefa visa a esclarecer o ambiente geral do país, argamassando as suas tradições de fraternidade com o cimento das verdades puras, porque, se a Grécia e a Roma da antiguidade tiveram a sua hora, como elementos primordiais das origens de toda a civilização do Ocidente; se o império português e o espanhol se alastraram quase por todo o planeta; se a França, se a Inglaterra têm tido a sua hora proeminente nos tempos que assinalam as etapas evolutivas do mundo, o Brasil terá também o seu grande momento, no relógio que marca os dias da evolução da humanidade.

*Se outros povos atestaram o progresso, pelas expressões materializadas e transitórias, o Brasil terá a sua expressão imortal na vida do Espírito, representando a fonte de um pensamento novo, sem as ideologias de separatividade, e inundando todos os campos das atividades humanas com uma nova luz.*¹⁹

2. Missão espiritual de desencarnados

André Luiz, pela mediunidade de Francisco Cândido Xavier, trouxe, por exemplo, importantes revelações acerca das missões desempenhadas pelos desencarnados incumbidos de retirar das zonas espirituais de sofrimento os Espíritos ainda ligados às paixões humanas. Narra, em um dos seus livros, o citado autor espiritual: *Ao soar das dezenove horas, orientados pela administradora da Casa [a irmã Zenóbia], preparamo-nos para pequena jornada ao abismo.*¹⁴ *Ao transpormos o limiar [da Casa Transitória], explicou-nos, cuidadosa: – Convém manter apagado, no trajeto, todo o material luminoso. – E fitando-nos, resoluta, informou: — Quanto a nós, sigamos silenciosos, a pé. Não será razoável utilizar a volitação em distância tão curta. Mais justo assemelharmo-nos aos pobres que habitam estes sítios, perante os quais, enquanto perdure a pequena caminhada, deveremos guardar a maior quietude. Qualquer desatenção prejudicar-nos-á o objetivo.*¹⁵

Continuando sua narrativa, assinala André Luiz: *Noutras circunstâncias e noutro tempo, não conseguiria eu dominar o pavor que nos infundia a paisagem escura e misteriosa, à nossa frente. Vagavam no espaço estranhos sons. Ouvia perfeitamente gritos de seres selvagens e, em meio deles, dolorosos gemidos humanos, emitidos, talvez, a imensa distância... Aves de monstruosa configuração, mais negras do que a noite, de longe em longe se afastavam de nosso caminho, assustadiças. E embora a sombra espessa, observava alguma coisa da infinita desolação ambiente. [...] Atingimos zona pantanosa, em que sobressaía rasteira vegetação. Ervas mirradas e arbustos tristes assomavam indistintamente do solo. Fundamente espantado, porém, ao ladear imenso charco, ouvi soluços próximos. Guardava a nítida impressão de que as vozes procediam de pessoas atoladas em repelentes substâncias, tais as emanções desagradáveis que pairavam no ar. Oh! que forças nos defrontavam, ali! A treva difusa não deixava perceber minudências; todavia, convencera-me da existência de vítimas vizinhas de nós, esperando-nos amparo providencial.¹⁶ Verificou-se, então, o imprevisto. Certamente, as entidades em súplica permaneciam jungidas ao mesmo lugar, mas figuras animais e rastejantes, lembrando sáurios de descomunais proporções, avançaram para a nossa caravana [...]. Eram em grande número e davam para estarrecer o ânimo mais intrépido. [...] Mais alguns minutos e havíamos varado a região dos charcos. [...] Prosseguindo a marcha, penetramos escarpada região e, atendendo ao sinal da Irmã Zenóbia, os vinte auxiliares que nos seguiam postaram-se em determinado ponto, com a recomendação de nos aguardarem a volta. A diretora da Casa Transitória, então, conduziu-nos os quatro, caminho adentro, acentuando que encetaríamos isoladamente a primeira parte do programa de serviço. [...] Logo após, evidenciando preocupação em sossegar-nos o íntimo, referentemente aos sofredores anônimos que encontráramos no caminho, explicou-nos delicadamente: — Não somos impermeáveis às rogativas dos nossos irmãos que ainda gemem no charco de dor a que se atiraram voluntariamente. Dilaceram-nos o Espírito as imprecções dos infelizes. No entanto, a Casa Transitória de Fabiano tem-lhes prestado o socorro possível, ajuda essa que, até hoje, vem sendo repelida pelos nossos irmãos infortunados. Debalde libertamo-los, periodicamente, dos monstros que os escravizam, organizando-lhes refúgio salutar. Fogem de nossa influência retificadora e tornam espontaneamente ao charco. É imprescindível que o sofrimento lhes solidifique a vontade, para as abençoadas lutas do porvir.¹⁷*

3. Missão espiritual de encarnados

A missão espiritual dos encarnados consiste em [...] *instruir os homens, em lhes auxiliar o progresso; em lhes melhorar as instituições, por meios diretos e materiais. As missões, porém, são mais ou menos gerais e importantes. O que cultiva a terra desempenha tão nobre missão, como o que governa, ou o que instrui. Tudo em a natureza se encadeia. Ao mesmo tempo que o Espírito se depura pela encarnação, concorre, dessa forma, para a execução dos desígnios da Providência. Cada um tem neste mundo a sua missão, porque todos podem ter alguma utilidade.*⁹

Em geral, reconhece-se que um homem tem na Terra uma determinada missão pelas [...] *grandes coisas que opera, pelos progressos a cuja realização conduz seus semelhantes.*¹⁰ É, por exemplo, o caso do artista, conforme assinala Emmanuel: *Sempre que a sua arte se desvencilha dos interesses do mundo, transitórios e perecíveis, para considerar tão somente a luz espiritual que vem do coração uníssono com o cérebro, nas realizações da vida, então o artista é um dos mais devotados missionários de Deus, porquanto saberá penetrar os corações na paz da meditação e do silêncio, alcançando o mais alto sentido da evolução de si mesmo e de seus irmãos em humanidade.*¹⁸

Há, contudo, missões pessoais de grande importância. Dizem os Espíritos Superiores que a paternidade é, [...] *sem contestação possível, uma verdadeira missão. É ao mesmo tempo grandíssimo dever e que envolve, mais do que o pensa o homem, a sua responsabilidade quanto ao futuro. Deus colocou o filho sob a tutela dos pais, a fim de que estes o dirijam pela senda do bem, e lhes facilitou a tarefa dando àquele uma organização débil e delicada, que o torna propício a todas as impressões. Muitos há, no entanto, que mais cuidam de aprumar as árvores do seu jardim e de fazê-las dar bons frutos em abundância, do que de formar o caráter de seu filho. Se este vier a sucumbir por culpa deles, suportarão os desgostos resultantes dessa queda e partilharão dos sofrimentos do filho na vida futura, por não terem feito o que lhes estava ao alcance para que ele avançasse na estrada do bem.*¹¹

Dessa forma, os [...] *Espíritos encarnados têm ocupações inerentes às suas existências corpóreas. No estado de erraticidade, ou de desmaterialização, tais ocupações são adequadas ao grau de adiantamento deles. Uns percorrem os mundos, se instruem e preparam para nova encarnação. Outros, mais adiantados, se ocupam com o progresso, dirigindo os acontecimentos e sugerindo ideias que lhe*

*sejam propícias. Assistem os homens de gênio que concorrem para o adiantamento da humanidade. Outros encarnam com determinada missão de progresso. Outros tomam sob sua tutela os indivíduos, as famílias, as reuniões, as cidades e os povos, dos quais se constituem os anjos guardiães, os gênios protetores e os Espíritos familiares. Outros, finalmente, presidem aos fenômenos da natureza, de que se fazem os agentes diretos. Os Espíritos vulgares se imiscuem em nossas ocupações e diversões. Os impuros ou imperfeitos aguardam, em sofrimentos e angústias, o momento em que praza a Deus proporcionar-lhes meios de se adiantarem. Se praticam o mal, é pelo despeito de ainda não poderem gozar do bem.*¹²

Referências

1. Kardec, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. de Guillon Ribeiro. 91. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Questão 558, p. 316.
2. _____. Questão 559, p. 316.
3. _____. Questão 563, p. 317.
4. _____. Questão 564, p. 318.
5. _____. Questão 567 – comentário, p. 319-320.
6. _____. Questão 569 – comentário, p. 320.
7. _____. Questão 571, p. 321.
8. _____. Questão 572, p. 321.
9. _____. Questão 573, p. 321.
10. _____. Questão 575, p. 322.
11. _____. Questão 582, p. 324.
12. _____. Questão 584 – comentário, p. 325-326.
13. _____. *O que é o espiritismo*. 55. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 3 (Solução de alguns problemas pela Doutrina Espírita), item: O homem depois da morte, p. 237.
14. Xavier, Francisco Cândido. *Obreiros da vida eterna*. Pelo Espírito André Luiz. 33. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 6, (Dentro da noite), p. 99.
15. _____. p. 101-102.
16. _____. p. 102-103.
17. _____. p. 104-106.
18. _____. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Questão 162, p. 101.
19. _____. *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 32. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Prefácio, p. 9.

20. _____. Cap. 3 (Os degredados), p. 36-37.
21. _____. p. 37.
22. _____. Cap. 4, (Os missionários), p. 43-44.
23. _____. p. 45.

VIDA NO MUNDO ESPIRITUAL

Roteiro 8

RELAÇÕES NO ALÉM-TÚMULO: SIMPATIAS E ANTIPATIAS

Objetivo específico

- » Explicar como se processa o relacionamento entre os Espíritos no Além-túmulo.
- » Identificar as causas que determinam as relações de simpatia e de antipatia entre os Espíritos.

Conteúdo básico

- » Os Espíritos evitam-se [...] ou se aproximam, conforme a simpatia ou a antipatia que reciprocamente uns inspiram aos outros, tal qual sucede entre vós. [...] Os da mesma categoria se reúnem por uma espécie de afinidade e formam grupos ou famílias [...]. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 278.
- » Continua a existir sempre, no mundo dos Espíritos, a afeição mútua que dois seres se consagraram na Terra?

Sem dúvida, desde que originada de verdadeira simpatia. Se, porém, nasceu principalmente de causas de ordem física, desaparece com a causa. As afeições entre os Espíritos são mais sólidas e duráveis

do que na Terra, porque não se acham subordinadas aos caprichos dos interesses materiais e do amor-próprio. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 297.

- » *Conservarão ressentimento um do outro, no mundo dos Espíritos, dois seres que foram inimigos na Terra?*

Não; compreenderão que era estúpido o ódio que se votavam mutuamente e pueril o motivo que o inspirava. Apenas os Espíritos imperfeitos conservam uma espécie de animosidade, enquanto se não purificam. [...] Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 293.

- » *A lembrança dos atos maus que dois homens praticaram um contra o outro constitui obstáculo a que entre eles reine simpatia?*

Essa lembrança os induz a se afastarem um do outro. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 294.

Sugestões didáticas

Introdução

- » Esclarecer, no início da reunião, que as manifestações de simpatia e antipatia existentes entre as pessoas não traduzem, necessariamente, relacionamento anterior, proveniente de outras reencarnações (veja *O livro dos espíritos*, questão 387).

Desenvolvimento

- » Em seguida, pedir à turma que leia silenciosa e atentamente os *Subsídios* deste roteiro.
- » Concluída a leitura, dividir os participantes em pequenos grupos, para a realização das seguintes tarefas: 1) troca de opiniões sobre as ideias contidas no texto lido; 2) elaboração de resumo do assunto, com os seguintes destaques: a explicação do processo de relacionamento entre os Espíritos, no Além-túmulo; identificação das causas que determinam as relações de simpatia e de antipatia entre os Espíritos.

Conclusão

- » Ouvir as conclusões apresentadas pelos grupos, esclarecendo possíveis dúvidas.
- » Encerrar a aula enfatizando a importância de eliminar ressentimentos, tendo como base a questão 293 de *O livro dos espíritos* e o ensinamento de Jesus, constante em Mateus, 5:25-26.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- » os participantes explicarem como se processa o relacionamento entre os Espíritos no Além-túmulo, e identificarem as causas que determinam as manifestações de simpatia e antipatia existentes entre as pessoas.

Técnica(s): exposição; leitura; estudo em pequenos grupos.

Recurso(s): *O livro dos espíritos*; Subsídios do roteiro; pequenos textos dos *Subsídios*; texto do evangelho de Mateus.

Subsídios

Allan Kardec indaga aos Instrutores da Humanidade se os Espíritos das diferentes ordens se acham misturados uns com os outros. Os Benfeitores esclarecem assim: [...] *eles se veem, mas se distinguem uns dos outros. Evitam-se ou se aproximam, conforme à simpatia ou à antipatia que reciprocamente uns inspiram aos outros, tal qual sucede entre vós. Constituem um mundo do qual o vosso é pálido reflexo. Os da mesma categoria se reúnem por uma espécie de afinidade e formam grupos ou famílias, unidos pelos laços da simpatia e pelos fins a que visam: os bons, pelo desejo de fazerem o bem; os maus, pelo de fazerem o mal, pela vergonha de suas faltas e pela necessidade de se acharem entre os que se lhes assemelham. Tal uma grande cidade onde os homens de todas as classes e de todas as condições se veem e encontram, sem se confundirem; onde as sociedades se formam pela analogia dos gostos; onde a virtude e o vício se acotovelam.*³ Note-se que nem todos os Espíritos têm acesso a esses diferentes grupos ou sociedades. Assim é que os bons podem ir [...] *a toda parte e assim deve ser, para que*

*possam influir sobre os maus. As regiões, porém, que os bons habitam estão interditadas aos Espíritos imperfeitos, a fim de que não as perturbem com suas paixões inferiores.*⁴ Cabe, desse modo, aos bons Espíritos [...] *combater as más inclinações dos outros, a fim de ajudá-los a subir. É sua missão.*⁵ Para isso, exercem sobre os Espíritos imperfeitos uma autoridade irresistível, porque alicerçada na superioridade moral.²

Os Espíritos se comunicam entre si pelo fluido universal, que estabelece entre eles constante intercâmbio, uma vez que é o veículo de transmissão dos seus pensamentos, como para nós o ar é o meio pelo qual se propaga o som. Constitui esse fluido [...] *uma espécie de telégrafo universal, que liga todos os mundos e permite que os Espíritos se correspondam de um mundo a outro.*⁶ Essa a razão por que os Espíritos não podem, reciprocamente, dissimular os seus pensamentos, particularmente os Espíritos imperfeitos em relação aos Espíritos Superiores, uma vez que, para estes, [...] *tudo é patente.*⁷

Além da simpatia geral, fundamentada na semelhança entre eles existente, os Espíritos se ligam uns aos outros por afeições particulares, tal como sucede entre os encarnados, sendo, porém, mais forte o laço afetivo no plano espiritual, uma vez que [...] *não se acha exposto às vicissitudes das paixões.*⁸ *A simpatia que atrai um Espírito para outro resulta da perfeita concordância de seus pendores e instintos. Se um tivesse que completar o outro, perderia a sua individualidade.*¹⁵ Desse modo, a afeição mútua que dois seres se consagraram na Terra continua a existir no mundo espiritual [...] *desde que originada de verdadeira simpatia. Se, porém, nasceu principalmente de causas de ordem física, desaparece com a causa. As afeições entre os Espíritos são mais sólidas e duráveis do que na Terra, porque não se acham subordinadas aos caprichos dos interesses materiais e do amor-próprio.*¹²

Não obstante essas considerações, é importante ressaltar que inexistente [...] *união particular e fatal, de duas almas. A união que há é a de todos os Espíritos, mas em graus diversos, segundo a categoria que ocupam, isto é, segundo a perfeição que tenham adquirido. Quanto mais perfeitos, tanto mais unidos. Da discórdia nascem todos os males dos humanos; da concórdia resulta a completa felicidade.*¹³ Assim, é inexistente a expressão *metades eternas*, usada para designar certos Espíritos simpáticos, unidos por uma grande afeição, uma vez que, se [...] *um Espírito fosse a metade de outro, separados os dois, estariam ambos incompletos.*¹⁴

O Espírito Emmanuel, por sua vez, utiliza-se do termo *almas gêmeas*, para designar dois Espíritos mais intimamente ligados nas

experiências evolutivas, ressaltando, contudo, que não se trata, no caso, das referidas *metades eternas*.²¹ E acrescenta que o amor das almas gêmeas não constitui restrição ao amor universal, [...] porquanto, *atingida a culminância evolutiva, todas as expressões afetivas se irmanam na conquista do amor divino. O amor das almas gêmeas, em suma, é aquele que o Espírito, um dia, sentirá pela humanidade inteira*.²⁰

Por outro lado, podem os Espíritos, se imperfeitos, sentir recíproca antipatia e, mesmo, ódio.⁹ Esses sentimentos são consequência das relações de inimizade do passado. A lembrança dos atos maus praticados durante a existência corpórea induz os Espíritos a se afastarem uns dos outros, constituindo-se, assim, obstáculo a que entre eles reine simpatia.¹¹ Essa animosidade se mantém [...] *enquanto se não purificam*.¹⁰

Pode-se dizer que a [...] *simpatia ou a antipatia têm as suas raízes profundas no Espírito, na sutilíssima entrosagem dos fluidos peculiares a cada um e, quase sempre, de modo geral, atestam uma renovação de sensações experimentadas pela criatura, desde o pretérito delituoso, em iguais circunstâncias. Devemos, porém, considerar que toda antipatia, aparentemente a mais justa, deve morrer para dar lugar à simpatia que edifica o coração para o trabalho construtivo e legítimo da fraternidade*.¹⁸ Isso porque o [...] *amor é uma força inexaurível, renova-se sem cessar e enriquece ao mesmo tempo aquele que dá e aquele que recebe*.¹⁶ Movidos pelo amor, os Espíritos [...] *constituem também agrupamentos separados, famílias que se foram pouco a pouco formando através dos séculos, pela comunidade das alegrias e das dores*.¹⁷ Essas famílias [...] *se fortalecem pela purificação e se perpetuam no mundo dos Espíritos, através das várias migrações da alma* [...].¹ *Quem pode descrever os sentimentos ternos, íntimos, que unem esses seres, as alegrias inefáveis nascidas da fusão das inteligências e das consciências, a união das almas sob o sorriso de Deus?*¹⁷

Em suma, o [...] *amor é a lei própria da vida e, sob o seu domínio sagrado, todas as criaturas e todas as coisas se reúnem ao Criador, dentro do plano grandioso da unidade universal*.¹⁹

Referências

1. Kardec, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 127. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 14, item 8, p. 265.
2. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Questão 274, p. 204.
3. _____. Questão 278, p. 205.

4. _____. Questão 279, p. 205-206.
5. _____. Questão 280, p. 206.
6. _____. Questão 282, p. 206.
7. _____. Questão 283, p. 206.
8. _____. Questão 291, p. 208.
9. _____. Questão 292, p. 209.
10. _____. Questão 293, p. 209.
11. _____. Questão 294, p. 209.
12. _____. Questão 297, p. 210.
13. _____. Questão 298, p. 210.
14. _____. Questão 299, p. 210.
15. _____. Questão 301, p. 211.
16. DENIS, Léon. *O problema do ser, do destino e da dor*. 30. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 25, p. 364.
17. _____. p. 366.
18. Xavier, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: 2007, questão 173, p. 106.
19. _____. Questão 322, p. 184.
20. _____. Questão 326, p. 187.
21. _____. (Nota à primeira edição), p. 233.

Mensagem

*Prece perante as aflições da vida

Deus Onipotente, que vês as nossas misérias, digna-te de escutar, benevolente, a súplica que neste momento te dirijo. Se é desarrazoado o meu pedido, perdoa-me; se é justo e conveniente segundo as tuas vistas, que os bons Espíritos, executores das tuas vontades, venham em meu auxílio para que ele seja satisfeito.

Como quer que seja, meu Deus, faça-se a tua vontade. Se os meus desejos não forem atendidos, é que está nos teus desígnios experimentar-me e eu me submeto sem me queixar. Faze que por isso nenhum desânimo me assalte e que nem a minha fé nem a minha resignação sofram qualquer abalo.

* Kardec, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 127. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 28, item 27.

VIDA NO MUNDO ESPIRITUAL

Roteiro 9

AFEIÇÃO QUE OS ESPÍRITOS VOTAM A CERTAS PESSOAS. ESPÍRITOS PROTETORES

Objetivo específico

- » Explicar por que os Espíritos votam afeição a certas pessoas.
- » Identificar o papel dos Espíritos protetores.

Conteúdo básico

- » *Os Espíritos se afeiçoam de preferência a certas pessoas?*
Os bons Espíritos simpatizam com os homens de bem, ou suscetíveis de se melhorarem. Os Espíritos inferiores com os homens viciosos, ou que podem tornar-se tais. Daí suas afeições, como consequência da conformidade dos sentimentos. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 484.
- » *Todos temos, ligado a nós, desde o nosso nascimento, um Espírito bom, que nos tomou sob a sua proteção. Desempenha, junto de nós, a missão de um pai para com seu filho: a de nos conduzir pelo caminho do bem e do progresso, através das provações da vida. Sente-se feliz, quando correspondemos à sua solicitude; sofre, quando nos vê sucumbir [...]. Invocamo-lo, então, como nosso anjo guardião, nosso bom gênio [...].*

Além do Anjo guardião, que é sempre um Espírito superior, temos Espíritos protetores que, embora menos elevados, não são menos bons e magnânimos. Contamo-los entre amigos, ou parentes, ou, até, entre pessoas que não conhecemos na existência atual. Eles nos assistem com seus conselhos e, não raro, intervindo nos atos da nossa vida. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. 28, item 11.

Sugestões didáticas

Introdução

- » Realizar uma breve exposição do assunto, tendo como base o conteúdo básico deste roteiro.

Desenvolvimento

- » Em seguida, dividir a turma em dois grupos.
- » Pedir-lhes que realizem a seguinte tarefa:
- » Grupo 1: leitura da questão 489 à 495 – primeiro parágrafo, de *O livro dos espíritos*.
- » Grupo 2: leitura da questão 513 e 514, de *O livro dos espíritos*.
- » Concluída a leitura, solicitar aos participantes a formação de um grande círculo para discussão do assunto, objeto deste roteiro.

Observação: sugerimos que o monitor prepare um questionário, tendo como referência os *Subsídios*, com a finalidade de dinamizar a discussão circular.

Conclusão

- » Destacar, ao final, o pensamento dos Espíritos Superiores assinalados, respectivamente, nas referências 12, 16 e 17.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- » os participantes opinarem, com acerto, nas atividades da discussão circular.

Técnica(s): exposição; leitura; discussão circular.

Recurso(s): conteúdo básico e *Subsídios* deste roteiro; *O livro dos espíritos*.

Subsídios

1. Os Espíritos Simpáticos

Ensina a Doutrina Espírita que os Espíritos se afeiçoam de preferência a certas pessoas. *Os bons Espíritos simpatizam com os homens de bem, ou suscetíveis de se melhorarem. Os Espíritos inferiores com os homens viciosos, ou que podem tornar-se tais. Daí suas afeições, como consequência da conformidade dos sentimentos.*³ Nem sempre, contudo, é exclusivamente moral a afeição que os Espíritos dedicam aos encarnados. Com efeito, a [...] *verdadeira afeição nada tem de carnal; mas, quando um Espírito se apegar a uma pessoa, nem sempre o faz só por afeição. À estima que essa pessoa lhe inspira pode agregar-se uma reminiscência das paixões humanas.*⁴ Assim, os Espíritos denominados [...] *simpáticos são os que se sentem atraídos para o nosso lado por afeições particulares e ainda por uma certa semelhança de gostos e de sentimentos, tanto para o bem como para o mal. De ordinário, a duração de suas relações se acha subordinada às circunstâncias.*¹⁴ Muitas vezes um Espírito se une particularmente a um indivíduo para protegê-lo. É o chamado *irmão espiritual, bom Espírito ou bom gênio*⁵, *Espírito familiar*¹³, ou, ainda, *anjo de guarda* ou *guardião*. Esta última denominação se destaca, por designar o [...] *Espírito protetor, pertencente a uma ordem elevada.*⁶ Há, desse modo, [...] *gradações na proteção e na simpatia.*¹³

Os Espíritos familiares se ligam a certas pessoas por laços mais ou menos duráveis, com o fim de lhes serem úteis, dentro dos limites do poder, quase sempre muito restrito, de que dispõem. São bons, porém

muitas vezes pouco adiantados e mesmo um tanto levianos. Ocupam-se de boamente com as particularidades da vida íntima e só atuam por ordem ou com permissão dos Espíritos protetores.¹⁴ A missão do anjo de guarda, por sua vez, é a [...] de um pai com relação aos filhos; a de guiar o seu protegido pela senda do bem, auxiliá-lo com seus conselhos, consolá-lo nas suas aflições, levantar-lhe o ânimo nas provas da vida.⁷ Essa proteção é exercida desde o nascimento até a desencarnação do indivíduo [...] e muitas vezes o acompanha na vida espírita, depois da morte, e mesmo através de muitas existências corpóreas [...].⁸ Quando vê que seus conselhos são inúteis pode o Espírito protetor afastar-se temporariamente do seu protegido, respeitando-lhe o livre-arbítrio, mas [...] não o abandona completamente e sempre se faz ouvir. É então o homem quem tapa os ouvidos. O protetor volta desde que este o chame.⁹

2. A Doutrina dos Anjos Guardiões

Afirmam os Espíritos São Luís e Santo Agostinho: É uma doutrina, esta, dos anjos guardiães, que, pelo seu encanto e doçura, devera converter os mais incrédulos. Não vos parece grandemente consoladora a ideia de terdes sempre junto de vós seres que vos são superiores, prontos sempre a vos aconselhar e amparar, a vos ajudar na ascensão da abrupta montanha do bem; mais sinceros e dedicados amigos do que todos os que mais intimamente se vos liguem na Terra? Eles se acham ao vosso lado por ordem de Deus. Foi Deus quem aí os colocou e, aí permanecendo por amor de Deus, desempenham bela, porém penosa missão. Sim, onde quer que estejais, estarão convosco. Nem nos cárceres, nem nos hospitais, nem nos lugares de devassidão, nem na solidão, estais separados desses amigos a quem não podeis ver, mas cujo brando influxo vossa alma sente, ao mesmo tempo que lhes ouve os ponderados conselhos.

“Ah! se conhecêsseis bem esta verdade! Quanto vos ajudaria nos momentos de crise! Quanto vos livraria dos maus Espíritos! Mas, oh! quantas vezes, no dia solene, não se verá esse anjo constrangido a vos observar: “Não te aconselhei isto? Entretanto, não o fizeste. Não te mostrei o abismo? Contudo, nele te precipitaste! Não fiz ecoar na tua consciência a voz da verdade? Preferiste, no entanto, seguir os conselhos da mentira!” Oh! interrogai os vossos anjos guardiães; estabelecei entre eles e vós essa terna intimidade que reina entre os melhores amigos. Não penseis em lhes ocultar nada, pois que eles têm o olhar de Deus

e não podeis enganá-los. Pensai no futuro; procurai adiantar-vos na vida presente. Assim fazendo, encurtareis vossas provas e mais felizes tornareis as vossas existências. Vamos, homens, coragem! De uma vez por todas, lançai para longe todos os preconceitos e ideias preconcebidas. Entrai na nova senda que diante dos passos se vos abre. Caminhai! Tendes guias, segui-os, que a meta não vos pode faltar, porquanto essa meta é o próprio Deus.

“Aos que considerem impossível que Espíritos verdadeiramente elevados se consagrem a tarefa tão laboriosa e de todos os instantes, diremos que nós vos influenciemos as almas, estando embora muitos milhões de léguas distantes de vós. O espaço, para nós, nada é, e, não obstante viverem noutra mundo, os nossos Espíritos conservam suas ligações com os vossos. Gozamos de qualidades que não podeis compreender, mas ficai certos de que Deus não nos impôs tarefa superior às nossas forças e de que não vos deixou sós na Terra, sem amigos e sem amparo. Cada anjo de guarda tem o seu protegido, pelo qual vela, como o pai pelo filho. Alegra-se, quando o vê no bom caminho; sofre, quando lhe ele despreza os conselhos.

*Não receeis fatigar-nos com as vossas perguntas. Ao contrário, procurai estar sempre em relação conosco. Sereis assim mais fortes e mais felizes”.*¹⁰

*A respeito desse assunto, assinala Kardec: Nada tem de surpreendente a doutrina dos anjos guardiães, a velarem pelos seus protegidos, mau grado a distância que medeia entre os mundos. É, ao contrário, grandiosa e sublime. Não vemos na Terra o pai velar pelo filho, ainda que de muito longe, e auxiliá-lo com seus conselhos correspondendo-se com ele? Que motivo de espanto haverá, então, em que os Espíritos possam, de um outro mundo, guiar os que, habitantes da Terra, eles tomaram sob sua proteção, uma vez que, para eles, a distância que vai de um mundo a outro é menor do que a que, neste planeta, separa os continentes? Não dispõem, além disso, do fluido universal, que entrelaça todos os mundos, tornando-os solidários; veículo imenso da transmissão dos pensamentos, como o ar é, para nós, o da transmissão do som?”*¹¹

Neste ponto, é oportuno esclarecer que os anjos, segundo o Espiritismo, não constituem seres privilegiados na Criação. São apenas Espíritos [...] chegados ao grau de perfeição que a criatura comporta, fruindo em sua plenitude a prometida felicidade. Antes, porém, de atingir

*o grau supremo, gozam de felicidade relativa ao seu adiantamento, felicidade que consiste, não na ociosidade, mas nas funções que a Deus apraz confiar-lhes [...].¹ Uma dessas funções consiste em assistir os homens, ajudando-os a progredirem. Desse modo, embora o anjo propriamente dito seja aquele que se elevou na hierarquia espiritual até atingir o estado de *puro Espírito*,¹ o chamado *anjo guardião* pode pertencer a uma ordem elevada⁶ sem, necessariamente, haver alcançado a perfeição moral.*

A propósito da relação de graus evolutivos entre o *anjo guardião* e o seu protegido, o Espírito André Luiz apresenta o seguinte esclarecimento: *Será justo lembrar que estamos plasmando nossa individualidade imperecível no espaço e no tempo, ao preço de continuadas e difíceis experiências. A ideia de um ente divinizado e perfeito, invariavelmente ao nosso lado, ao dispor de nossos caprichos ou ao sabor de nossas dívidas, não concorda com a justiça. Que governo terrestre destacaria um de seus ministros mais sábios e especializados na garantia do bem de todos para colar-se, indefinidamente, ao destino de um só homem, quase sempre renitente cultor de complicados enigmas e necessitado, por isso mesmo, das mais severas lições da vida? por que haveria de obrigar-se um arcanjo a descer da Luz Eterna para seguir, passo a passo, um homem deliberadamente egoísta ou preguiçoso? Tudo exige lógica, bom senso.¹⁶ Essas considerações, todavia, não significam que os anjos de guarda permaneçam distantes de nós, uma vez que o [...] *Sol está com o verme, amparando-o na furna, a milhões e milhões de quilômetros, sem que o verme esteja com o Sol.*¹⁶ Assim, entre nós e os nossos anjos guardiões pode existir uma grande desigualdade evolutiva. Tal circunstância, porém, não nos afasta da sua constante proteção, embora a sua influência possa exercer-se à distância. Teremos, no entanto, sempre à nossa volta Espíritos protetores, uma vez que, em [...] *qualquer região, convivem conosco os Espíritos familiares de nossa vida e de nossa luta. Dos seres mais embrutecidos aos mais sublimados, temos a corrente de amor, cujos elos podemos simbolizar nas almas que se querem ou que se afinam umas com as outras, dentro da infinita gradação do progresso.*¹⁷ É o que também ensinam os Instrutores da Codificação Espírita: *Todo homem tem um Espírito que por ele vela, mas as missões são relativas ao fim que visam. Não dais a uma criança, que está aprendendo a ler, um professor de filosofia. O progresso do Espírito familiar guarda relação com o do Espírito protegido. Tendo um Espírito que vela por vós, podeis tornar-vos, a vosso turno, o protetor de outro que vos seja**

*inferior e os progressos que este realize, com o auxílio que lhe dispense, contribuirão para o vosso adiantamento. Deus não exige do Espírito mais do que comportem a sua natureza e o grau de elevação a que já chegou.*¹²

*Todos temos, assim, [...] um desses Gênios tutelares que nos inspira nas horas difíceis e dirige-nos pelo bom caminho. [...] Saber que temos um amigo fiel e sempre disposto a socorrer-nos, de perto como de longe, influenciando-nos a grandes distâncias ou conservando-se junto de nós nas provações; saber que ele nos aconselha por intuição e nos aquece com o seu amor, eis uma fonte inapreciável de força moral. O pensamento de que testemunhas benévolas e invisíveis veem todos os nossos atos, regozijando-se ou entristecendo-se, deve inspirar-nos mais sabedoria e circunspeção. É por essa proteção oculta que se fortificam os laços de solidariedade que ligam o mundo celeste à Terra, o Espírito livre ao homem, Espírito prisioneiro da carne. É por essa assistência contínua que se criam, de um a outro lado, as simpatias profundas, as amizades duradouras e desinteressadas. O amor que anima o Espírito elevado vai pouco a pouco se estendendo a todos os seres sem cessar, revertendo tudo para Deus, pai das almas, foco de todas as potências efetivas.*¹⁵

*Podemos, então, dizer que, além dos Espíritos que nos são simpáticos, de um modo geral, todos [...] temos, ligado a nós, desde o nosso nascimento, um Espírito bom, que nos tomou sob a sua proteção. Desempenha, junto de nós, a missão de um pai para com seu filho: a de nos conduzir pelo caminho do bem e do progresso, através das provações da vida. Sente-se feliz, quando correspondemos à sua solicitude; sofre, quando nos vê sucumbir. Seu nome pouco importa, pois bem pode dar-se que não tenha nome conhecido na Terra. Invocamo-lo, então, como nosso anjo guardião, nosso bom gênio. Podemos mesmo invocá-lo sob o nome de qualquer Espírito superior, que mais viva e particular simpatia nos inspire. Além do Anjo guardião, que é sempre um Espírito superior, temos Espíritos protetores que, embora menos elevados, não são menos bons e magnânimos. Contamo-los entre amigos, ou parentes, ou, até, entre pessoas que não conhecemos na existência atual. Eles nos assistem com seus conselhos e, não raro, intervindo nos atos da nossa vida. [...] Deus, em o nosso anjo guardião, nos deu um guia principal e superior e, nos Espíritos protetores e familiares, guias secundários.*²

Referências

1. Kardec, Allan. *O céu e o inferno*. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. 60. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Primeira parte, cap. 8, item 13, p. 122.
2. _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 127. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 28, item 11, p. 455-456.
3. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 91. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Questão 484, p. 286-287.
4. _____. Questão 485, p. 287.
5. _____. Questão 489, p. 288.
6. _____. Questão 490, p. 288.
7. _____. Questão 491, p. 289.
8. _____. Questão 492, p. 289.
9. _____. Questão 495, p. 289-290.
10. _____. p. 290-291.
11. _____. p. 291-292.
12. _____. Questão 509, p. 296.
13. _____. Questão 514, p. 297.
14. _____. Questão 514 – comentário, p. 297.
15. DENIS, Léon. *Depois da morte*. Tradução de João Lourenço de Souza. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Parte Quarta (Além-túmulo), cap. 35 (A vida superior), p. 225.
16. Xavier, Francisco Cândido. *Entre a Terra e o céu*. Pelo Espírito André Luiz. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 33 (Aprendizado), p. 276-277.
17. _____. p. 278.

Mensagem

*A prece

O Senhor da Verdade e da Clemência
Concedeu-nos a fonte cristalina
Da prece, água do amor, pura e divina,
Que suaviza os rigores da existência.

Toda oração é a doce quinta-essência
Da esperança ditosa e peregrina,
Filha da crença que nos ilumina
Os mais tristes refolhos da consciência.

Feliz o coração que espera e ora,
Sabendo contemplar a eterna aurora
Do Além, pela oração profunda e imensa.

Enquanto o mundo anseia, estranho e aflito,
A prece alcança as bênçãos do Infinito,
Nos caminhos translúcidos da Crença.

* Xavier, Francisco Cândido. *Parnaso de além-túmulo*. 18. ed. (especial). Mensagem do Espírito João de Deus. Rio de Janeiro: FEB, 2006, p. 336.

VIDA NO MUNDO ESPIRITUAL

Roteiro 10

ESCOLHAS DAS PROVAS

Objetivo específico

- » Dizer em que consiste a escolha das provas, feita pelo Espírito antes de reencarnar.
- » Explicar como o Espírito se orienta na escolha das provas.
- » Correlacionar a prerrogativa da escolha das provas com o grau de adiantamento dos Espíritos.

Conteúdo básico

- » *Quando na erraticidade, antes de começar nova existência corporal, tem o Espírito consciência e previsão do que lhe sucederá no curso da vida terrena?*
Ele próprio escolhe o gênero de provas por que há de passar e nisso consiste o seu livre-arbítrio. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 258.
- » *Do fato de pertencer ao Espírito a escolha do gênero de provas que deva sofrer, seguir-se-á que todas as tribulações que experimentamos na vida nós as previmos e buscamos?*
Todas, não, porque não escolheste e previstes tudo o que vos sucede no mundo, até às mínimas coisas. Escolheste apenas o gênero das provações. As particularidades correm por conta da posição em que

vos achais; são, muitas vezes, consequências das vossas próprias ações. [...] Os acontecimentos secundários se originam das circunstâncias e da força mesma das coisas. Previstos só são os fatos principais, os que influem no destino. [...] Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 259.

- » *Que é o que dirige o Espírito na escolha das provas que queira sofrer?*

Ele escolhe, de acordo com a natureza de suas faltas, as que o levem à expiação destas e a progredir mais depressa. Uns, portanto, impõem a si mesmos uma vida de misérias e privações, objetivando suportá-las com coragem; outros preferem experimentar as tentações da riqueza e do poder, muito mais perigosas, pelos abusos e má aplicação a que podem dar lugar, pelas paixões inferiores que uma e outros desenvolvem; muitos, finalmente, se decidem a experimentar suas forças nas lutas que terão de sustentar em contacto com o vício. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 264.

- » *A escolha da prova, entretanto, não tem caráter absoluto, uma vez que Deus [...] pode impor certa existência a um Espírito, quando este, pela sua inferioridade ou má-vontade, não se mostra apto a compreender o que lhe seria mais útil, [...]. Allan Kardec. O livro dos espíritos, questão 262-a.*

Sugestões didáticas

Introdução

- » Realizar breve exposição sobre a escolha das provas, feita pelo Espírito antes de reencarnar.

Desenvolvimento

- » Em seguida, dividir a turma em três grupos para a realização das tarefas abaixo especificadas:
 - a) cada grupo deve ler um dos tópicos dos *Subsídios*, trocar opiniões sobre o assunto e redigir um pequeno resumo, com base nas principais ideias aí desenvolvidas;
 - b) indicação de um colega para ser relator do grupo;
 - c) rodízio dos relatores dos grupos, segundo esta ordem: 1—> 2—> 3—> 1;

d) cada relator lê, no grupo para onde se deslocou, o resumo elaborado por sua equipe. Se necessário, acrescenta outras informações, propostas no novo grupo;

e) os relatores continuam o rodízio, repetindo os passos anteriormente realizados, e, ao final, retornam a seus grupos de origem.

- » Fazer a integração do assunto com base nos objetivos da aula, esclarecendo as possíveis dúvidas.

Observações

- » tempo para a realização das tarefas “a” e “b”: 20 minutos;
- » tempo destinado a cada rodízio: 10 minutos, no máximo.

Conclusão

- » Concluir a aula, destacando a importância da escolha das provas como manifestação do livre arbítrio. Esclarecer que a liberdade dessa escolha está em consonância com as condições de fazer-se uma opção correta com vistas aos próprios interesses espirituais.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório, se:

- » os participantes oferecerem contribuições significativas no trabalho em grupo.

Técnica(s): exposição; painel integrado.

Recurso(s): *Subsídios* deste roteiro; lápis / papel.

Subsídios

1. A escolha das provas: em que consiste

Segundo o Espiritismo, as tribulações da existência física não são impostas por Deus ao ser humano, uma vez que o próprio Espírito,

na erraticidade, antes de reencarnar, [...] *escolhe o gênero de provas por que há de passar e nisso consiste o seu livre-arbítrio.*¹ Contudo, nada [...] *ocorre sem a permissão de Deus, porquanto foi Deus quem estabeleceu todas as leis que regem o universo. [...] Dando ao Espírito a liberdade de escolher, Deus lhe deixa a inteira responsabilidade de seus atos e das consequências que estes tiverem. Nada lhe estorva o futuro; abertos se lhe acham, assim, o caminho do bem, como o do mal. Se vier a succumbir, restar-lhe-á a consolação de que nem tudo se lhe acabou e que a bondade divina lhe concede a liberdade de recomeçar o que foi mal feito. Demais, cumpre se distinga o que é obra da vontade de Deus do que o é da do homem.*² Assim – dizem os Espíritos Superiores –, se[...] *um perigo vos ameça, não fostes vós quem o criou e sim Deus. Vosso, porém, foi o desejo de a ele vos expordes, por haverdes visto nisso um meio de progredirdes, e Deus o permitiu.*² Ensinam, ainda, os Instrutores da Humanidade que nem todas as tribulações experimentadas pelo Espírito encarnado foram por ele previstas: [...] *não escolheste e previstes tudo o que vos sucede no mundo, até às mínimas coisas. Escolheste apenas o gênero das provações. As particularidades correm por conta da posição em que vos achais; são, muitas vezes, consequências das vossas próprias ações. Escolhendo, por exemplo, nascer entre malfeitores, sabia o Espírito a que arrastamentos se expunha; ignorava, porém, quais os atos que viria a praticar. Esses atos resultam do exercício da sua vontade, ou do seu livre-arbítrio. Sabe o Espírito que, escolhendo tal caminho, terá que sustentar lutas de determinada espécie; sabe, portanto, de que natureza serão as vicissitudes que se lhe depararão, mas ignora se se verificará este ou aquele êxito. Os acontecimentos secundários se originam das circunstâncias e da força mesma das coisas. Previstos só são os fatos principais, os que influem no destino. Se tomares uma estrada cheia de sulcos profundos, sabes que terás de andar cautelosamente, porque há muitas probabilidades de caíres; ignoras, contudo, em que ponto cairás e bem pode suceder que não caias, se fores bastante prudente. Se, ao percorreres uma rua, uma telha te cair na cabeça, não creias que estava escrito, segundo vulgarmente se diz.*³

2. Critérios utilizados na escolha das provas

Para proceder à escolha das provas por que há de passar, o Espírito se orienta pela [...] *natureza de suas faltas [...]*⁶ Desse modo, escolhe aquelas que o levem à expiação dessas faltas [...] *e a progredir*

mais depressa. Uns, portanto, impõem a si mesmos uma vida de misé-rias e privações, objetivando suportá-las com coragem; outros preferem experimentar as tentações da riqueza e do poder, muito mais perigosas, pelos abusos e má aplicação a que podem dar lugar, pelas paixões inferiores que uma e outros desenvolvem; muitos, finalmente, se decidem a experimentar suas forças nas lutas que terão de sustentar em contacto com o vício.⁶ Se, ao contrário, apegados ainda aos desejos inferiores, os Espíritos escolhem um gênero de vida que lhes possibilite a satisfação desses desejos, nem por isso se afastarão dos efeitos dos seus atos. A prova vem por si mesma e eles a sofrem mais demoradamente. Cedo ou tarde, compreendem que a satisfação de suas paixões brutais lhes acarretou deploráveis consequências, que eles sofrerão durante um tempo que lhes parecerá eterno. E Deus os deixará nessa persuasão, até que se tornem conscientes da falta em que incorreram e peçam, por impulso próprio, lhes seja concedido resgatá-la, mediante úteis provações.⁷

Neste ponto é oportuno esclarecer que, embora, à primeira vista, possa parecer natural que o Espírito escolha provas menos dolorosas, tal fato não se dá com frequência, porque, logo [...] *que este se desliga da matéria, cessa toda ilusão e outra passa a ser a sua maneira de pensar.⁸ Com efeito, sob [...] a influência das ideias carnis, o homem, na Terra, só vê das provas o lado penoso. Tal a razão de lhe parecer natural sejam escolhidas as que, do seu ponto de vista, podem coexistir com os gozos materiais. Na vida espiritual, porém, compara esses gozos fugazes e grosseiros com a inalterável felicidade que lhe é dado entrever e desde logo nenhuma impressão mais lhe causam os passageiros sofrimentos terrenos. Assim, pois, o Espírito pode escolher prova muito rude e, conseqüentemente, uma angustiada existência, na esperança de alcançar depressa um estado melhor, como o doente escolhe muitas vezes o remédio mais desagradável para se curar de pronto.⁹ De igual modo, o Espírito pode, às vezes, enganar-se, e [...] escolher uma [prova] que esteja acima de suas forças e sucumbir. Pode também escolher alguma que nada lhe aproveite, como sucederá se buscar vida ociosa e inútil. Mas, então, voltando ao mundo dos Espíritos, verifica que nada ganhou e pede outra que lhe faculte recuperar o tempo perdido.¹¹*

Desse modo, a [...] *doutrina da liberdade que temos de escolher as nossas existências e as provas que devemos sofrer deixa de parecer singular, desde que se atenda a que os Espíritos, uma vez desprendidos da matéria, apreciam as coisas de modo diverso da nossa maneira de apreciá-los. Divisam a meta, que bem diferente é*

para eles dos gozos fugitivos do mundo. Após cada existência, veem o passo que deram e compreendem o que ainda lhes falta em pureza para atingirem aquela meta. Daí o se submeterem voluntariamente a todas as vicissitudes da vida corpórea, solicitando as que possam fazer que a alcancem mais presto. Não há, pois, motivo de espanto no fato de o Espírito não preferir a existência mais suave. Não lhe é possível, no estado de imperfeição em que se encontra, gozar de uma vida isenta de amarguras. Ele o percebe e, precisamente para chegar a fruí-la, é que trata de se melhorar.¹⁰

3. A prerrogativa da escolha das provas e suas limitações

A escolha das provas, como manifestação do livre-arbítrio, entretanto, não tem caráter absoluto, uma vez que Deus [...] *pode impor certa existência a um Espírito, quando este, pela sua inferioridade ou má-vontade, não se mostra apto a compreender o que lhe seria mais útil, e quando vê que tal existência servirá para a purificação e o progresso do Espírito, ao mesmo tempo que lhe sirva de expiação.⁵*

Assim, pode-se dizer que as [...] *leis inflexíveis da natureza, ou, antes, os efeitos resultantes do passado, decidem a sua reencarnação. O Espírito inferior, ignorante dessas leis, pouco cuidadoso de seu futuro, sofre maquinalmente a sua sorte [...]. O Espírito adiantado inspira-se nos exemplos que o cercam na vida fluídica, recolhe os avisos de seus guias espirituais, pesa as condições boas ou más de sua reaparição neste mundo, prevê os obstáculos, as dificuldades da jornada, traça o seu programa e toma fortes resoluções com o propósito de executá-las. Só volta à carne quando está seguro do apoio dos invisíveis, que o devem auxiliar em sua nova tarefa.¹²*

Por outro lado, quando, em sua origem, o Espírito é ainda inexperiente para escolher adequadamente as provas da sua existência, *Deus lhe supre a inexperiência, traçando-lhe o caminho que deve seguir [...]. Deixa-o, porém, pouco a pouco, à medida que o seu livre-arbítrio se desenvolve, senhor de proceder à escolha e só então é que muitas vezes lhe acontece extraviar-se, tomando o mau caminho, por desatender os conselhos dos bons Espíritos.⁴*

Ainda a propósito da questão da escolha das provas, são bastante elucidativos os comentários do instrutor Druso, trazidos por André Luiz no seguinte relato:

Há trinta anos, desfrutei o convívio de dois benfeitores, a cuja abnegação muito devo neste pouso de luz. Ascânio e Lucas, Assistentes respeitados na Esfera Superior, integravam-nos a equipe de mentores valorosos e amigos... Quando os conheci em pessoa, já haviam despendido vários lustros no amparo aos irmãos transviados e sofredores. Cultos e enobrecidos, eram companheiros infatigáveis em nossas melhores realizações. Acontece, porém, que depois de largos decênios de luta, nos prélios da fraternidade santificante, suspirando pelo ingresso nas esferas mais elevadas, para que se lhes expandissem os ideais de santidade e beleza, não demonstravam a necessária condição específica para o voo anelado. Totalmente absortos no entusiasmo de ensinar o caminho do bem aos semelhantes, não cogitavam de qualquer mergulho no pretérito, por isso que, muitas vezes, quando nos fascinamos pelo esplendor dos cimos, nem sempre nos sobra disposição para qualquer vistoria aos nevoeiros do vale... Dessa forma, passaram a desejar ardentemente a ascensão, sentindo-se algo desencantados pela ausência de apoio das autoridades que lhes não reconheciam o mérito imprescindível. Dilatava-se o impasse, quando um deles solicitou o pronunciamento da Direção Geral a que nos achamos submissos. O requerimento encontrou curso normal até que, em determinada fase, ambos foram chamados a exame devido. A posição imprópria que lhes era característica foi carinhosamente analisada por técnicos do Plano Superior, que lhes reconduziram a memória a períodos mais recuados no tempo. Diversas fichas de observação foram extraídas do campo mnemônico, à maneira das radioscópias dos atuais serviços médicos no mundo e, através delas, importantes conclusões surgiram à tona... Em verdade, Ascânio e Lucas possuíam créditos extensos, adquiridos em quase cinco séculos sucessivos de aprendizado digno, somando as cinco existências últimas nos círculos da carne e as estações de serviço espiritual, nas vizinhanças da arena física; no entanto, quando a gradativa auscultação lhes alcançou as atividades do século XV, algo surgiu que lhes impôs dolorosa meditação... Arrebatadas ao arquivo da memória e a doer-lhes profundamente no Espírito, depois da operação magnética a que nos referimos, reapareceram nas fichas mencionadas as cenas de ominoso delito por ambos cometido, em 1429, logo após a libertação de Orleães, quando formavam no exército de Joana d'Arc... Famintos de influência junto aos irmãos de armas, não hesitaram em assassinar dois companheiros, precipitando-os do alto de uma fortaleza no território de Gâtinais, sobre fossos imundos, embriagando-se nas

honorarias que lhes valeram, mais tarde, torturantes remorsos além do sepulcro. Chegados a esse ponto da inquietante investigação, pela respeitabilidade de que se revestiam, foram inquiridos pelos poderes competentes se desejavam ou não prosseguir na sondagem singular, ao que responderam negativamente, preferindo liquidar a dívida, antes de novas imersões nos depósitos da subconsciência. Desse modo, em vez de continuarem insistindo na elevação a níveis mais altos, suplicaram, ao revés, o retorno ao campo dos homens, no qual acabam de pagar o débito a que aludimos. – Como? – indagou Hilário, intrigado. – Já que podiam escolher o gênero de provação, em vista dos recursos morais amealhados no mundo íntimo – informou o orientador –, optaram por tarefas no campo da aeronáutica, a cuja evolução ofereceram as suas vidas. Há dois meses regressaram às nossas linhas de ação, depois de haverem sofrido a mesma queda mortal que infligiram aos companheiros de luta no século XV. – E o nosso caro instrutor visitou-os nos preparativos da reencarnação agora terminada? – inquiri com respeito. – Sim, por várias vezes os avistei, antes da partida. Associavam-se a grande comunidade de Espíritos amigos, em departamento específico de reencarnação, no qual centenas de entidades, com dívidas mais ou menos semelhantes às deles, também se preparavam para o retorno à carne, abraçando, assim, trabalho redentor em resgates coletivos. – E todos podiam selecionar o gênero de luta em que saldariam as suas contas? – perguntei, ainda, com natural interesse. – Nem todos – disse Druso, convicto. – Aqueles que possuíam grandes créditos morais, qual acontecia aos benfeitores a que me reporto, dispunham desse direito. Assim é que a muitos vi, habilitando-se para sofrer a morte violenta, em favor do progresso da aeronáutica e da engenharia, da navegação marítima e dos transportes terrestres, da ciência médica e da indústria em geral, verificando, no entanto, que a maioria, por força dos débitos contraídos e consoante os ditames da própria consciência, não alcançava semelhante prerrogativa, cabendo-lhe aceitar sem discutir amargas provas, na infância, na mocidade ou na velhice, através de acidentes diversos, desde a mutilação primária até a morte, de modo a redimir-se de faltas graves.¹³

Levando-se em conta tudo o que foi exposto, pode-se concluir que a prerrogativa de o Espírito escolher as provas da existência carnal está sempre em consonância com as suas condições de fazer uma escolha correta, com vistas aos próprios interesses espirituais.

Referências

1. Kardec, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 91. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Questão 258, p. 195.
2. _____. Questão 258-a, p. 195.
3. _____. Questão 259, p. 196.
4. _____. Questão 262, p. 197.
5. _____. Questão 262-a, p. 198.
6. _____. Questão 264, p.198.
7. _____. Questão 265, p. 198-199.
8. _____. Questão 266, p. 199.
9. _____. Comentário, p. 199.
10. _____. p. 199-200.
11. _____. Questão 269, p. 202.
12. DENIS, Léon. *Depois da morte*. Tradução de João Lourenço de Souza. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. XLI, p. 247.
13. Xavier, Francisco Cândido. *Ação e reação*. Pelo Espírito André Luiz. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 18, p. 247-249.

PROGRAMA COMPLEMENTAR | MÓDULO II

FLUIDOS E PERISPÍRITO

OBJETIVO GERAL

Propiciar conhecimentos sobre os fluidos e o perispírito

FLUIDOS E PERISPÍRITO

Roteiro 1

NATUREZA, PROPRIEDADES E QUALIDADES DOS FLUIDOS

Objetivo específico

- » Explicar a natureza, as propriedades e as qualidades dos fluidos.

Conteúdo básico

- » *O fluido cósmico universal é [...] a matéria elementar primitiva, cujas modificações e transformações constituem a inumerável variedade dos corpos da natureza. Como princípio elementar do universo, ele assume dois estados distintos: o de eterização ou imponderabilidade, que se pode considerar o primitivo estado normal, e o de materialização ou de ponderabilidade, que é, de certa maneira, consecutivo àquele. O ponto intermédio é o da transformação do fluido em matéria tangível. Mas, ainda aí, não há transição brusca, porquanto podem considerar-se os nossos fluidos imponderáveis como termo médio entre os dois estados. Allan Kardec: A gênese. Cap. 14, item 2.*
- » *A pureza absoluta, da qual nada nos pode dar ideia, é o ponto de partida do fluido universal; o ponto oposto é o em que ele se transforma em matéria tangível. Entre esses dois extremos, dão-se inúmeras transformações, mais ou menos aproximadas de um e de outro. Os fluidos mais próximos da materialidade, os menos puros, conseguintemente,*

compõem o que se pode chamar a atmosfera espiritual da Terra. É desse meio, onde igualmente vários são os graus de pureza, que os Espíritos encarnados e desencarnados, deste planeta, haurem os elementos necessários à economia de suas existências. Por muito sutis e impalpáveis que nos sejam esses fluidos, não deixam por isso de ser de natureza grosseira, em comparação com os fluidos etéreos das regiões superiores.
Allan Kardec: *A gênese*. Cap. 14, item 5.

Sugestões didáticas

Introdução

- » Apresentar, no início da reunião, um cartaz com a frase: *Fluido Cósmico Universal*.
- » Realizar breve comentário sobre o assunto, correlacionando-o com as ideias desenvolvidas no roteiro 1 (O fluido cósmico universal), módulo VII do Programa Fundamental, tomo I.

Desenvolvimento

- » Solicitar, então, aos participantes que leiam silenciosamente os *Subsídios* deste roteiro, assinalando as ideias que indiquem natureza, propriedade e qualidade dos fluidos.
- » Durante a atividade de leitura, afixar no mural da sala de aula dois cartazes contendo apenas os títulos: 1) Natureza; 2) Propriedade dos fluidos; 3) Qualidades dos fluidos.
- » Após a leitura, entregar, aleatoriamente, a cada participante uma tira de cartolina contendo frases copiadas dos *Subsídios*, referentes à natureza, propriedades e qualidades dos fluidos.
- » Pedir a cada aluno que afixe a tira de cartolina recebida em um dos três cartazes.
- » Verificar se a montagem dos cartazes está adequada, fazendo as correções necessárias.
- » Promover amplo debate sobre o assunto, a partir das frases constantes do mural, esclarecendo possíveis dúvidas.

Conclusão

- » Destacar os pontos relevantes do debate, e retornar aos objetivos deste roteiro, verificando se foram atingidos.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório, se:

- » a turma participar com interesse da montagem dos cartazes, e demonstrar compreensão do assunto durante o debate.

Técnica(s): exposição, leitura; montagem de cartaz, debate.

Recurso(s): *Subsídios* do Programa Fundamental (roteiro 1 do módulo VII); *Subsídios* deste roteiro; cartazes, tiras de cartolinas com frases, fita adesiva.

Subsídios

1. Natureza dos fluidos

Ao estudarmos – no roteiro 1 do módulo VII (Pluralidade dos Mundos Habitados) do Programa Fundamental, tomo I – os conceitos e as características gerais do fluido cósmico universal, vimos que ele é [...] *a matéria elementar primitiva, cujas modificações e transformações constituem a inumerável variedade dos corpos da natureza. Como princípio elementar do universo, ele assume dois estados distintos: o de eterização ou imponderabilidade, que se pode considerar o primitivo estado normal, e o de materialização ou de ponderabilidade, que é, de certa maneira, consecutivo àquele. O ponto intermédio é o da transformação do fluido em matéria tangível. Mas, ainda aí, não há transição brusca, porquanto podem considerar-se os nossos fluidos imponderáveis como termo médio entre os dois estados. Cada um desses dois estados dá lugar, naturalmente, a fenômenos especiais: ao segundo pertencem os do mundo visível e ao primeiro os do mundo invisível. Uns, os chamados fenômenos materiais, são da alçada da Ciência propriamente dita, os outros, qualificados de fenômenos espirituais ou psíquicos, porque se ligam de modo especial à existência dos Espíritos, cabem nas atribuições*

do Espiritismo. Como, porém, a vida espiritual e a vida corporal se acham incessantemente em contato, os fenômenos das duas categorias muitas vezes se produzem simultaneamente. No estado de encarnação, o homem somente pode perceber os fenômenos psíquicos que se prendem à vida corpórea; os do domínio espiritual escapam aos sentidos materiais e só podem ser percebidos no estado de Espírito.⁴

No estado de eterização, o fluido cósmico não é uniforme; sem deixar de ser etéreo, sofre modificações tão variadas em gênero e mais numerosas talvez do que no estado de matéria tangível. Essas modificações constituem fluidos distintos que, embora procedentes do mesmo princípio, são dotados de propriedades especiais e dão lugar aos fenômenos peculiares ao mundo invisível. Dentro da relatividade de tudo, esses fluidos têm para os Espíritos, que também são fluídicos, uma aparência tão material, quanto a dos objetos tangíveis para os encarnados e são, para eles, o que são para nós as substâncias do mundo terrestre. Eles os elaboram e combinam para produzirem determinados efeitos, como fazem os homens com os seus materiais, ainda que por processos diferentes.⁵

Assim, todos os corpos, substâncias e fluidos existentes na natureza se originam dessa matéria primitiva. Os fluidos, objeto de estudo deste roteiro, são variáveis ao infinito. Os mais puros se confundem com o fluido cósmico universal. O [...] ponto oposto é o em que ele se transforma em matéria tangível. Entre esses dois extremos, dão-se inúmeras transformações, mais ou menos aproximadas de um e de outro. Os fluidos mais próximos da materialidade, os menos puros, conseqüentemente, compõem o que se pode chamar a atmosfera espiritual da Terra. É desse meio, onde igualmente vários são os graus de pureza, que os Espíritos encarnados e desencarnados, deste planeta, haurem os elementos necessários à economia de suas existências. Por muito sutis e impalpáveis que nos sejam esses fluidos, não deixam por isso de ser de natureza grosseira, em comparação com os fluidos etéreos das regiões superiores.⁶

Entretanto não podemos esquecer que está a [...] natureza inteira mergulhada no fluido divino. Ora, em virtude do princípio de que as partes de um todo são da mesma natureza e têm as mesmas propriedades que ele, cada átomo desse fluido, se assim nos podemos exprimir, possuindo o pensamento, isto é, os atributos essenciais da Divindade e estando o mesmo fluido em toda parte, tudo está submetido à sua ação inteligente, à sua previdência, à sua solicitude.

Nenhum ser haverá, por mais ínfimo que o suponhamos, que não esteja saturado dele. Achemo-nos então, constantemente, em presença da Divindade; nenhuma das nossas ações lhe podemos subtrair ao olhar; o nosso pensamento está em contato ininterrupto com o seu pensamento, havendo, pois, razão para dizer-se que Deus vê os mais profundos refolhos do nosso coração. Estamos nele, como ele está em nós, segundo a palavra do Cristo.²

2. Propriedades dos fluidos

Esclarecendo-nos sobre as propriedades dos fluidos – agentes e meios de ação do mundo invisível constituindo uma das forças e potências da natureza – o Espiritismo nos dá a chave de inúmeros fatos e coisas inexplicadas e inexplicáveis de outro modo, fatos e coisas que passaram por prodígios, em outras eras. Do mesmo modo que o magnetismo, ele nos revela uma lei, senão desconhecida, pelo menos incompreendida, ou então, para melhor dizer, efeitos de todos os tempos conhecidos, pois que de todos os tempos se produziram, mas cuja lei se ignorava e de cuja ignorância brotava a superstição.¹

Citaremos, em seguida, algumas propriedades dos fluidos:

- » São utilizados como veículo do pensamento.⁸
- » O corpo físico e o perispírito, como subprodutos do fluido cósmico universal, possuem fluidos específicos, sendo que o fluido vital é um dos mais importantes.^{3, 13}
- » *Os fluidos espirituais, que constituem um dos estados do fluido cósmico universal, são, a bem dizer, a atmosfera dos seres espirituais; o elemento donde eles tiram os materiais sobre que operam; o meio onde ocorrem os fenômenos especiais, perceptíveis à visão e à audição do Espírito, mas que escapam aos sentidos carnis, impressionáveis somente à matéria tangível; o meio onde se forma a luz peculiar ao mundo espiritual, diferente, pela causa e pelos efeitos da luz ordinária.⁷*
- » Da mesma forma, utilizamos os elementos fluídicos condensados para construir os materiais existentes no plano físico, uma vez que a matéria é, em todos os estados, [...] o agente, o intermediário com o auxílio do qual e sobre o qual atua o Espírito [desencarnado ou não].¹²

3. Qualidades dos fluidos

Fora impossível fazer-se uma enumeração ou classificação dos bons e dos maus fluidos, ou especificar-lhes as respectivas qualidades, por ser tão grande quanto a dos pensamentos a diversidade deles. Os fluidos não possuem qualidades sui generis, mas as que adquirem no meio onde se elaboram; modificam-se pelos eflúvios desse meio, como o ar pelas exalações, a água pelos sais das camadas que atravessa. Conforme as circunstâncias, suas qualidades são, como as da água e do ar, temporárias ou permanentes, o que os torna muito especialmente apropriados à produção de tais ou tais efeitos. Também carecem de denominações particulares. Como os odores, eles são designados pelas suas propriedades, seus efeitos e tipos originais. Sob o ponto de vista moral, trazem o cunho dos sentimentos de ódio, de inveja, de ciúme, de orgulho, de egoísmo, de violência, de hipocrisia, de bondade, de benevolência, de amor, de caridade, de doçura, etc. Sob o aspecto físico, são excitantes, calmantes, penetrantes, adstringentes, irritantes, dulcificantes, suporíficos, narcóticos, tóxicos, reparadores, expulsivos; tornam-se força de transmissão, de propulsão, etc. O quadro dos fluidos seria, pois, o de todas as paixões, das virtudes e dos vícios da humanidade e das propriedades da matéria, correspondentes aos efeitos que eles produzem.¹⁰

Tem consequências de importância capital e direta para os encarnados a ação dos Espíritos sobre os fluidos espirituais. Sendo esses fluidos o veículo do pensamento e podendo este modificar-lhes as propriedades, é evidente que eles devem achar-se impregnados das qualidades boas ou más dos pensamentos que os fazem vibrar, modificando-se pela pureza ou impureza dos sentimentos. Os maus pensamentos corrompem os fluidos espirituais, como os miasmas deletérios corrompem o ar respirável. Os fluidos que envolvem os Espíritos maus, ou que estes projetam são, portanto, viciados, ao passo que os que recebem a influência dos bons Espíritos são tão puros quanto o comporta o grau da perfeição moral destes.⁹

Os Espíritos desencarnados imprimem aos fluidos do plano espiritual [...] tal, ou qual direção, os aglomeram, combinam ou dispersam, organizam com eles conjuntos que apresentam uma aparência, uma forma, uma coloração determinadas; mudam-lhes as propriedades, como um químico muda os gases ou de outros corpos, combinando-os segundo certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual. Algumas vezes, essas transformações resultam de uma intenção; doutras,

*são produto de um pensamento inconsciente. Basta que o Espírito pense uma coisa, para que esta se produza, como basta que modele uma ária, para que esta repercuta na atmosfera.*¹⁴

*Dir-se-á que se podem evitar os homens sabidamente mal intencionados. É fora de dúvida; mas, como fugiremos à influência dos maus Espíritos que pululam em torno de nós e por toda parte se insinuem, sem serem vistos? O meio é muito simples, porque depende da vontade do homem, que traz consigo o necessário preservativo. Os fluidos se combinam pela semelhança de suas naturezas; os dessemelhantes se repelem; há incompatibilidade entre os bons e os maus fluidos, como entre o óleo e a água. Que se faz quando está viciado o ar? Procedese ao seu saneamento, cuida-se de depurá-lo, destruindo o foco dos miasmas, expelindo os eflúvios malsãos, por meio de mais fortes correntes de ar salubre. A invasão, pois, dos maus fluidos, cumpre se oponham os fluidos bons e, como cada um tem no seu próprio perispírito uma fonte fluídica permanente, todos trazem consigo o remédio aplicável. Trata-se apenas de purificar essa fonte e de lhe dar qualidades tais, que se constitua para as más influências um repulsor, em vez de ser uma força atrativa. [...] Ora, como as suas qualidades guardam relação com as da alma, importa se trabalhe por melhorá-la, pois que são as imperfeições da alma que atraem os Espíritos maus. [...] Os maus Espíritos, igualmente, vão para onde o mal os atrai; eliminado o mal, eles se afastarão. Os Espíritos realmente bons, encarnados ou desencarnados, nada têm que temer da influência dos maus.*¹¹

Referências

1. Kardec, Allan. *O céu e o inferno* Tradução de Manuel Justiniano Quintão. 60. ed. Rio de Janeiro : FEB, 2007. Primeira parte. Cap. 10, item 10, p. 155-156.
2. _____. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 52. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 2, item 24, p. 74-75.
3. _____. Cap. 10, item 16, p. 227.
4. _____. Cap. 14, item 2, p. 314.
5. _____. Item 3, p. 315.
6. _____. Item 5, p. 316.
7. _____. Item 13, p. 322.
8. _____. Item 15, p. 324.
9. _____. Item 16, p. 325.

10. _____. Item 17, p. 325-326.
11. _____. Item 21, p. 328-329.
12. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 91. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Questão 22 -a, comentário, p. 74.
13. _____. Questão 427, p. 262.
14. _____. *Revista Espírita: Jornal de estudos psicológicos*. Tradução de Evandro Noletto Bezerra. Poesias traduzidas por Inaldo de Lacerda Lima. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Ano 1868, nº 6, item: Fotografia do pensamento, p. 239-240.

Mensagem

*Agradeço, Senhor!

Agradeço Senhor,
Quando me dizes “não”
Às súplicas indébitas que faço,
Através da oração.

Muitas daquelas dádivas que peço,
Estima, concessão, posse, prazer,
Em meu caso talvez fôssem espinhos,
Na senda que me deste a percorrer.

De outras vezes, imploro-te favores,
Entre lamentação, choro, barulho,
Mero capricho, simples algazarra,
Que me escapam do orgulho...

* Xavier, Francisco Cândido. *Antologia da espiritualidade*. ed. (especial). Mensagem do Espírito Maria Dolores. Rio de Janeiro: FEB, 2004, p. 336.

Existem privilégios que desejo,
Reclamando-te o “sim”,
Que, se me florescessem na existência,
Seriam desvantagens contra mim.

Em muitas circunstâncias rogo afeto,
Sem achar companhia em qualquer parte,
Quando me dás a solidão por guia
Que me inspire a buscar-te.

Ensina-me que estou no lugar certo,
Que a ninguém me ligaste de improviso,
E que desfruto, agora a melhor tempo
De melhorar-me em tudo o que preciso.

Não me escutes as exigências loucas,
Faze-me perceber
Que alcançarei além do necessário,
Se cumprir meu dever.

Agradeço, meu Deus,
Quando me dizes “não” com teu amor,
E sempre que te rogue o que não deva,
Não me atendas, Senhor!...

FLUIDOS E PERISPÍRITO

Roteiro 2

PERISPÍRITO: FORMAÇÃO, PROPRIEDADES E FUNÇÕES

Objetivo específico

- » Explicar a formação e as principais propriedades e funções do perispírito.

Conteúdo básico

- » *O perispírito, ou corpo fluídico dos Espíritos, é um dos mais importantes produtos do fluido cósmico [...]. Já vimos que também o corpo carnal tem seu princípio de origem nesse mesmo fluido condensado e transformado em matéria tangível. No perispírito, a transformação molecular se opera diferentemente, porquanto o fluido conserva a sua imponderabilidade e suas qualidades etéreas. O corpo perispíritico e o corpo carnal têm pois origem no mesmo elemento primitivo; ambos são matéria, ainda que em dois estados diferentes. Allan Kardec: A gênese. Cap. 14, item 7.*
- » *A natureza do envoltório fluídico está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do Espírito. Os Espíritos inferiores não podem mudar de envoltório a seu belprazer, pelo que não podem passar, à vontade, de um mundo para outro. Alguns há, portanto, cujo envoltório fluídico, se bem que etéreo e imponderável com relação à matéria tangível, ainda é por demais pesado, se assim nos podemos exprimir,*

com relação ao mundo espiritual, para não permitir que eles saiam do meio que lhes é próprio. Nessa categoria se devem incluir aqueles cujo perispírito é tão grosseiro, que eles o confundem com o corpo carnal, razão por que continuam a crer-se vivos [encarnados]. Allan Kardec: A gênese. Cap. 14, item 9.

- » *O perispírito não se acha encerrado nos limites do corpo, como numa caixa. Pela sua natureza fluidica, ele é expansível, irradia para o exterior e forma, em torno do corpo, uma espécie de atmosfera que o pensamento e a força da vontade podem dilatar mais ou menos. Allan Kardec: Obras póstumas. Primeira parte: Manifestações dos Espíritos, item 11.*
- » *O perispírito é o laço que à matéria do corpo prende o Espírito, que o tira do meio ambiente, do fluido universal. Participa ao mesmo tempo da eletricidade, do fluido magnético e, até certo ponto, da matéria inerte. Poder-se-ia dizer que é a quintessência da matéria. É o princípio da vida orgânica, porém não o da vida intelectual, que reside no Espírito. É, além disso, o agente das sensações exteriores. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 257.*

Sugestões didáticas

Introdução

- » Ao início da aula apresentar a turma à seguinte questão: – O que é *Perispírito*?
- » Em seguida, anotar em destaque as ideias emitidas pelos participantes.
- » Analisar, em conjunto, as ideias expressas, tendo como referência o comentário de Allan Kardec à questão 93 de *O livro dos espíritos*.

Desenvolvimento

- » Dividir a turma em grupos com igual número de participantes.
- » Distribuir os itens 1, 2 e 3 dos *Subsídios*, de forma equitativa. Por exemplo: dois grupos com o item 1, dois com o item 2, e dois grupos com o item 3.
- » Em seguida, cada grupo deverá ler, analisar e discutir o tema.

- » Após esta etapa, deverão retirar do texto duas a três ideias principais, escrevendo-as em folha de cartolina ou de papel.
- » Solicitar ao representante de cada grupo que apresente, em plenária, os registros feitos pelos seus participantes, tecendo breve comentário.
- » Ouvir a leitura das ideias selecionadas anteriormente, prestando os esclarecimentos necessários.

Conclusão

- » Fazer uma apreciação geral sobre as conclusões dos grupos, e estabelecer uma relação com os objetivos deste roteiro.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- » os participantes retirarem do texto estudado duas a três ideias que retratem fielmente os conceitos ali expressos.

Técnica(s): explosão de ideias; trabalho em grupo; exposição.

Recurso(s): *O livro dos espíritos; Subsídios; folha de cartolina / papel pardo.*

Subsídios

1. Natureza do perispírito

A palavra perispírito, criada por Allan Kardec para designar a substância que serve de envoltório ao Espírito, é descrita pelos mentores da Codificação, como uma substância [...] *ainda bastante grosseira para nós; assaz vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e transportar-se aonde queira.* Kardec explica que no [...] *gérmen de um fruto, há o perisperma; do mesmo modo, uma substância que, por comparação, se pode chamar perispírito, serve de envoltório ao Espírito propriamente dito.*⁶ *O perispírito é o laço que à matéria do corpo prende o Espírito, que o tira do meio ambiente, do fluido universal. Participa ao mesmo tempo da eletricidade, do fluido magnético e, até certo ponto, da*

*matéria inerte. Poder-se-ia dizer que é a quintessência da matéria. É o princípio da vida orgânica, porém não o da vida intelectual, que reside no Espírito. É, além disso, o agente das sensações exteriores.*⁷

*O perispírito, ou corpo fluídico dos Espíritos, é um dos mais importantes produtos do fluido cósmico; é uma condensação desse fluido em torno de um foco de inteligência ou alma. Já vimos que também o corpo carnal tem seu princípio de origem nesse mesmo fluido condensado e transformado em matéria tangível. No perispírito, a transformação molecular se opera diferentemente, porquanto o fluido conserva a sua imponderabilidade e suas qualidades etéreas. O corpo perispíritico e o corpo carnal têm pois origem no mesmo elemento primitivo; ambos são matéria, ainda que em dois estados diferentes.² Do meio onde se encontra é que o Espírito extrai o seu perispírito, isto é, esse envoltório ele o forma dos fluidos ambientes. Resulta daí que os elementos constitutivos do perispírito naturalmente variam, conforme os mundos. Dando-se Júpiter como orbe muito adiantado em comparação com a Terra, como um orbe onde a vida corpórea não apresenta a materialidade da nossa, os envoltórios perispírituais hão de ser lá de natureza muito mais quintessenciada do que aqui. Ora, assim como não poderíamos existir naquele mundo com o nosso corpo carnal, também os nossos Espíritos não poderiam nele penetrar com o perispírito terrestre que os reveste. Emigrando da Terra, o Espírito deixa aí o seu invólucro fluídico e toma outro apropriado ao mundo onde vai habitar.*³

A natureza do envoltório fluídico está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do Espírito. Os Espíritos inferiores não podem mudar de envoltório a seu bel-prazer, pelo que não podem passar, à vontade, de um mundo para outro. Alguns há, portanto, cujo envoltório fluídico, se bem que etéreo e imponderável com relação à matéria tangível, ainda é por demais pesado, se assim nos podemos exprimir, com relação ao mundo espiritual, para não permitir que eles saiam do meio que lhes é próprio. Nessa categoria se devem incluir aqueles cujo perispírito é tão grosseiro, que eles o confundem com o corpo carnal, razão por que continuam a crer-se vivos. Esses Espíritos, cujo número é avultado, permanecem na superfície da Terra, como os encarnados, julgando-se entregues às suas ocupações terrenas. Outros um pouco mais desmaterializados não o são, contudo, suficientemente, para se elevarem acima das regiões terrestres. Os Espíritos superiores, ao contrário, podem vir aos mundos inferiores, e, até, encarnar neles. Tiram, dos elementos constitutivos do mundo onde entram, os materiais para a formação do

*envoltório fluídico ou carnal apropriado ao meio em que se encontrem. [...] É assim que os Espíritos da categoria mais elevada podem manifestar-se aos habitantes da Terra ou encarnar em missão entre estes.*⁴

2. Propriedades do perispírito

*Os Espíritos, como já foi dito, têm um corpo fluídico, a que se dá o nome de perispírito. Sua substância é haurida do fluido universal ou cósmico, que o forma e alimenta, como o ar forma e alimenta o corpo material do homem. O perispírito é mais ou menos etéreo, conforme os mundos e o grau de depuração do Espírito. Nos mundos e nos Espíritos inferiores, ele é de natureza mais grosseira e se aproxima muito da matéria bruta.*¹⁰

*A camada de fluidos espirituais que cerca a Terra se pode comparar às camadas inferiores da atmosfera, mais pesadas, mais compactas, menos puras, do que as camadas superiores. Não são homogêneos esses fluidos; são uma mistura de moléculas de diversas qualidades, entre as quais necessariamente se encontram as moléculas elementares que lhes formam a base, porém mais ou menos alteradas. Os efeitos que esses fluidos produzem estarão na razão da soma das partes puras que eles encerram. [...] Os Espíritos chamados a viver naquele meio tiram dele seus perispíritos; porém, conforme seja mais ou menos depurado o Espírito, seu perispírito se formará das partes mais puras ou das mais grosseiras do fluido peculiar ao mundo onde ele encarna. O Espírito produz aí, sempre por comparação e não por assimilação, o efeito de um reativo químico que atrai a si as moléculas que a sua natureza pode assimilar. Resulta disso este fato capital: a constituição íntima do perispírito não é idêntica em todos os Espíritos encarnados ou desencarnados que povoam a Terra ou o espaço que a circunda. O mesmo já não se dá com o corpo carnal, que, como foi demonstrado, se forma dos mesmos elementos, qualquer que seja a superioridade ou a inferioridade do Espírito. Por isso, em todos, são os mesmos os efeitos que o corpo produz, semelhantes as necessidades, ao passo que diferem em tudo o que respeita ao perispírito.*⁵

Em estudos sobre as qualidades inerentes ao perispírito, autores encarnados encarnados e desencarnados identificaram, entre outras, as seguintes propriedades: plasticidade, densidade, ponderabilidade, luminosidade, penetrabilidade, visibilidade, tangibilidade, sensibilidade, expansibilidade, unicidade, mutabilidade.

- » **Plasticidade** é a capacidade que o Espírito tem de produzir alterações morfológicas no seu perispírito. Emmanuel nos fala que esta é [...] *a razão de encontrarmos, em grande número, compactas falanges de entidades libertas dos laços fisiológicos, operando nos círculos da perturbação e da crueldade, com admiráveis recursos de modificação nos aspectos em que se exprimem.*²⁰
- » **Densidade** é a propriedade que determina a constituição molecular do perispírito. Varia [...] *de acordo com o estado dos mundos. Parece que também varia, em um mesmo mundo, de indivíduo para indivíduo. Nos Espíritos moralmente adiantados, é mais sutil e se aproxima da dos Espíritos elevados; nos Espíritos inferiores, ao contrário, aproxima-se da matéria e é o que faz que os Espíritos de baixa condição conservem por muito tempo as ilusões da vida terrestre. Esses pensam e obram como se ainda fossem vivos.*⁹
- » **Ponderabilidade** é a propriedade relacionada ao peso específico do perispírito, que varia conforme a densidade. A nossa [...] *posição mental determina o peso específico do nosso envoltório espiritual e, conseqüentemente, o habitat que lhe compete. Mero problema de padrão vibratório.*¹⁸ *Entende-se, então, como o Espírito desencarnado pode sentir-se chumbado aos pântanos de psiquismo degenerado, que marcam as dimensões trevosas, ou naturalmente atraído para níveis superiores, condizentes com sua condição mental, a dizer, moral.*²¹
- » **Luminosidade**, ou brilho perispiritual, tem relação direta com a evolução moral do Espírito, que, por sua natureza, possui uma [...] *propriedade luminosa que se desenvolve sob o influxo da atividade e das qualidades da alma. [...] A intensidade da luz está na razão da pureza do Espírito: as menores imperfeições morais atenuam-na e enfraquecem-na. A luz irradiada por um Espírito será tanto mais viva, quanto maior o seu adiantamento. Assim, sendo o Espírito, de alguma sorte, o seu próprio farol, verá proporcionalmente à intensidade da luz que produz, do que resulta que os Espíritos que não a produzem acham-se na obscuridade.*¹
- » **Penetrabilidade** é a propriedade que permite o Espírito atravessar barreiras vibracionais, físicas ou não. *Matéria nenhuma lhe opõe obstáculo; ele as atravessa todas, como a luz atravessa os corpos transparentes. Daí vem que não há como impedir que os Espíritos entrem num recinto inteiramente fechado.*¹³
- » **Visibilidade** é a propriedade que o perispírito possui de se tornar visível. Usualmente, não percebemos o perispírito dos Espíritos,

encarnados ou desencarnados. Os Espíritos [...] *menos adiantados percebem o corpo espiritual de seus pares, captando-lhe o aspecto geral. Já os Espíritos Superiores podem perscrutar a intimidade perispirítica de desencarnados de menor grau de elevação, bem como a dos encarnados, observando-lhes as desarmonias e as necessidades.*²²

- » **Tangibilidade** é a possibilidade que tem o perispírito de [...] *tornar-se materialmente tangível, no todo ou em parte.*²² *Sob a influência de certos médiuns, tem-se visto aparecerem mãos com todas as propriedades de mãos vivas, que, como estas, denotam calor, podem ser palpadas, oferecem a resistência de um corpo sólido, agarram os circunstantes e, de súbito, se dissipam, quais sombras. [...] A tangibilidade que revelam, a temperatura, a impressão, em suma, que causam aos sentidos, porquanto se há verificado que deixam marcas na pele, que dão pancadas dolorosas, que acariciam delicadamente, provam que são de uma matéria qualquer. Seus desaparecimentos repentinos provam, além disso, que essa matéria é eminentemente sutil e se comporta como certas substâncias que podem alternativamente passar do estado sólido ao estado fluídico e vice-versa.*⁸
- » **Sensibilidade** é a propriedade que o perispírito tem de transmitir sensações, sentimentos e emoções do Espírito. As sensações não são percebidas por um órgão ou estrutura biológica, tal como acontece no corpo físico. Elas são gerais, percebidas em todo o perispírito. O Espírito, assim, [...] *vê, ouve, sente, enfim com o corpo espiritual inteiro [...], uma vez que as sedes dos sentidos não encontram localização tão específica quando se observa no estado de encarnação.*²³
- » **Expansibilidade** é a característica que permite ao perispírito sua expansão e exteriorização nos fenômenos anímicos, nas doações fluídicas e nos processos mediúnicos. *Pela sua natureza fluídica, ele é expansível, irradia para o exterior e forma, em torno do corpo, uma espécie de atmosfera que o pensamento e a força da vontade podem dilatar mais ou menos. Daí se segue que pessoas há que, sem estarem em contato corporal, podem achar-se em contato pelos seus perispíritos e permutar a seu mau grado impressões e, algumas vezes, pensamentos, por meio da intuição.*¹¹
- » **Unicidade** tem na estrutura perispirítica um reflexo da alma, significa dizer que cada pessoa traz no próprio perispírito a soma das suas conquistas evolutivas. Não há, portanto, dois perispíritos iguais.
- » **Mutabilidade** deve ser entendida como a capacidade que permite ao perispírito, pela ação da plasticidade, mudar seu aspecto com relação

à sua estrutura e forma, modificação esta sustentada pela mente em decorrência do processo evolutivo. *Esse corpo fluídico [...] depura-se e enobrece-se com a alma; segue-a através das suas inumeráveis encarnações; com ela sobe os degraus da escada hierárquica, torna-se cada vez mais diáfano e brilhante para, em algum dia, resplandecer com essa luz radiante [...].*¹⁴

3. Funções do perispírito

*Durante a encarnação, o Espírito conserva o seu perispírito, sendo-lhe o corpo apenas um segundo envoltório mais grosseiro, mais resistente, apropriado aos fenômenos a que tem de prestar-se e do qual o Espírito se despoja por ocasião da morte. O perispírito serve de intermediário ao Espírito e ao corpo. É o órgão de transmissão de todas as sensações. Relativamente às que vêm do exterior, pode-se dizer que o corpo recebe a impressão; o perispírito a transmite e o Espírito, que é o ser sensível e inteligente, a recebe. Quando o ato é de iniciativa do Espírito, pode dizer-se que o Espírito quer, o perispírito transmite e o corpo executa.*¹⁰

Temos, desse modo, algumas funções básicas do perispírito, tais como:

- » **Função Instrumental.** Como se [...] *depreende de seu próprio conceito, a função primordial do perispírito é servir de instrumento à alma, em sua interação com os mundos espiritual e físico.* ²⁴ *Projeção energética da alma, aglutina em si a energia cósmica matriz, consolidando, já, uma estrutura de natureza física, que, a refletir, sempre, a fonte, serve como seu elemento de ligação com o meio que o cerca, de modo que não só possa nele agir, influenciando, como também, dele receber influência, em regime de trocas e aproveitamentos, em sua gloriosa caminhada evolutiva.*²⁴
- » **Função Individualizadora.** O perispírito serve à [...] *sua individualização e identificação. A alma é única e diferenciada, e o perispírito, como seu envoltório perene, mostra-a, refletindo-a, assegurando-lhe a identidade exclusiva. [...]Essa identidade, que diz de suas qualidades positivas e negativas, transmite-se, quando em estado de encarnação, ao corpo físico, que, entretanto, nem sempre a reflete inteiramente.*²⁵
- » **Função Organizadora.** Esta função não se refere apenas à forma, aos aspectos anatômicos ou às peculiaridades [...] *fisionômicas do ser em gestação, mas, principalmente, com os diversos sistemas de sustentação psicofiológicas que regerão sua vida.*²⁶ *Ensina Emmanuel que, na [...] câmara*

*uterina, o reflexo dominante de nossa individualidade impressiona a chapa fetal ou o conjunto de princípios germinativos que nos forjam os alicerces do novo instrumento físico, selando-nos a destinação para as tarefas que somos chamados a executar no mundo, em certa quota de tempo.*¹⁹

- » **Função Sustentadora.** Garante vitalidade ao corpo físico, sustentando-o desde a sua formação até o completo crescimento, durante todo o tempo programado para a sua encarnação. Essa ação, durante a programação de cada indivíduo, garante e conserva a integridade do corpo físico, como explica Léon Denis: *insensível [...] às causas de desagregação e destruição que afetam o corpo físico, o perispírito assegura a estabilidade da vida em meio da contínua renovação das células.*¹⁵

*Sendo um dos elementos constitutivos do homem, o perispírito desempenha importante papel em todos os fenômenos psicológicos e, até certo ponto, nos fenômenos fisiológicos e patológicos. Quando as ciências médicas tiverem na devida conta o elemento espiritual na economia do ser, terão dado grande passo e horizontes inteiramente novos se lhes patentearão. As causas de muitas moléstias serão a esse tempo descobertas e encontrados poderosos meios de combatê-las.*¹²

Concluimos, assim, que o [...] *nosso estado psíquico é obra nossa. O grau de percepção, de compreensão, que possuímos, é fruto de nossos esforços prolongados. [...] O nosso invólucro fluídico, sutil ou grosseiro, radiante ou obscuro, representa o nosso valor exato e a soma de nossas aquisições.*¹⁶ *Assim cria o homem para si mesmo o bem ou o mal, a alegria ou o sofrimento. [...] Em si mesmo está gravada sua obra, visível para todos no Além. É por esse admirável mecanismo das coisas, simples e grandioso ao mesmo tempo, que se executa, nos seres e no mundo, a lei de causalidade ou de consequência dos atos [lei de causa e efeito], que outra não é senão o cumprimento da justiça.*¹⁷

Referências

1. Kardec, Allan. *O céu e o inferno*. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. 60. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Segunda Parte, cap.4 (Estudo sobre as comunicações de Claire), p. 313.
2. _____. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 52. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap.14, item 7, p. 317.
3. _____. Item 8, p. 317-318.
4. _____. Item 9, p. 319-320.

5. _____. Item 10, p. 319-320.
6. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 91. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Questão 93 - comentário, p. 104.
7. _____. Questão 257, p. 189.
8. _____. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 80. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Segunda parte, cap. 1, item 57, p. 82
9. _____. Cap. 4, item 74- XII, comentário, p. 96.
10. _____. *Obras póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro. 39. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Primeira parte (Manifestações dos Espíritos), item 9 (O perispírito com princípio das manifestações), p. 49.
11. _____. O perispírito como princípio das manifestações, item 11, p. 50.
12. _____. Item 12, p. 50.
13. _____. Item 16 (Manifestações visuais), p. 52.
14. DENIS, Léon. *Depois da morte*. Tradução de João Lourenço de Souza. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. 3ª Parte, Cap. 21 (O perispírito ou corpo espiritual), p. 175.
15. _____. *No invisível*. Tradução de Leopoldo Cirne. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. 1ª Parte, Cap. 3 (O Espírito e a sua Forma), p. 47.
16. _____. p. 51.
17. _____. p. 52.
18. Xavier, Francisco Cândido. *Entre a Terra e o céu*. Pelo Espírito André Luiz. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 20 (Conflitos da alma), p. 126.
19. _____. *Pensamento e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 11, p. 55.
20. _____. *Roteiro*. Pelo Espírito Emmanuel. 12. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 6 (O perispírito), p. 32-33.
21. ZIMMERMANN, Zalmino. *Perispírito*. 1. ed. Campinas, SP: CEAK, 2000. Cap. 2 (Propriedades do perispírito), p. 39.
22. _____. p. 44.
23. _____. p. 46.
24. _____. Cap. 3 (Funções do perispírito), p. 59.
25. _____. p. 60.
26. _____. p. 68.

FLUIDOS E PERISPÍRITO

Roteiro 3

CRIAÇÕES FLUÍDICAS

Objetivo específico

- » Identificar as principais características das criações fluídicas.

Conteúdo básico

- » *Pode-se, pois, dizer, com verdade, que há ondas nos fluidos e radiações de pensamento, que se cruzam sem se confundirem, como há, no ar, ondas e radiações sonoras. Ainda mais: criando imagens fluídicas, o pensamento se reflete no envoltório perispirítico como num espelho, ou, então, como essas imagens de objetos terrestres que se refletem nos vapores do ar, tomando aí um corpo e, de certo modo, fotografando-se. Allan Kardec: Obras póstumas. Primeira parte, item: fotografia e telegrafia do pensamento.*
- » *Desse modo é que os mais secretos movimentos da alma repercutem no envoltório fluídico; que uma alma pode ler noutra alma como num livro e ver o que não é perceptível aos olhos do corpo. Allan Kardec: A gênese. Cap. 14, item: 15.*
- » *A força mental, responsável pelas criações fluídicas humanas, [...] não é patrimônio de privilegiados. É propriedade vulgar de todas as criaturas, mas entendem-na e utilizam-na somente aqueles que a exercitam através de acuradas meditações. [...] No fundo, é a energia plástica da mente que a acumula em si mesma, tomando-a ao fluido universal*

em que todas as correntes da vida se banham e se refazem, nos mais diversos reinos da natureza, dentro do universo. Cada ser vivo é um transformador dessa força, segundo o potencial receptivo e irradiante que lhe diz respeito. André Luiz. *Libertação*. Cap. 11.

Sugestões didáticas

Introdução

- » Fazer breve exposição do assunto, apresentando informações genéricas sobre as principais características das criações fluídicas.
- » Em seguida, pedir à turma que faça leitura silenciosa dos *Subsídios* deste roteiro.
- » Afixar no mural da sala de aula três cartazes numerados e, respectivamente, intitulados:
 1. FRASES VERDADEIRAS
 2. FRASES FALSAS
 3. FRASES VERDADEIRAS OU FALSAS

Desenvolvimento

- » Dividir a turma em dois grupos, depois de concluída a leitura. Entregar-lhes um conjunto de tiras de cartolina com frases retiradas dos *Subsídios*, e um rolo de fita adesiva. Cada tira conterá uma frase verdadeira ou falsa. Deverá existir mais frases verdadeiras do que falsas.
- » Pedir-lhes, então, que leiam cada frase com atenção e, por consenso grupal, afixá-la em um dos três cartazes existentes no mural.
- » Após a colagem, verificar se as frases foram afixadas corretamente, caso contrário, mudá-las de posição, transferindo-as para um ou outro cartaz.
- » Solicitar à turma que releia as possíveis frases existentes no terceiro cartaz (*Frases verdadeiras / falsas*), transportando-as para o primeiro ou para o segundo, de forma que, ao final do estudo, permaneçam apenas os dois primeiros cartazes no mural.

Conclusão

- » Terminar a aula destacando o papel das criações fluídicas nos processos obsessivos (veja último parágrafo dos *Subsídios*).

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- » os participante conseguirem identificar as frases falsas e as verdadeiras, relacionadas ao tema estudado.

Técnica(s): exposição; leitura; técnica do consenso (adaptada).

Recurso(s): *Subsídios* deste roteiro; cartazes; tiras de cartolina com frases; fita adesiva.

Subsídios

1. O pensamento e as criações fluídicas

As criações fluídicas nascem do pensamento, entendido como [...] *força criadora de nossa própria alma e, por isto mesmo, é a continuação de nós mesmos. Através dele, atuamos no meio em que vivemos e agimos, estabelecendo o padrão de nossa influência, no bem ou no mal.*¹³ Significa também dizer [...] *que as nossas ideias exteriorizadas criam imagens, tão vivas quanto desejamos [...].*¹³

O pensamento é elaborado e produzido pela mente espiritual. A mente é [...] *o espelho da vida em toda parte. [...] Nos seres primitivos, aparece sob a ganga do instinto, nas almas humanas surge entre as ilusões que salteiam a inteligência, e revela-se nos Espíritos Aperfeiçoados por brilhante precioso a retratar a Glória Divina. Estudando-a de nossa posição espiritual, confinados que nos achamos entre a animalidade e angelitude, somos impelidos a interpretá-la como sendo o campo de nossa consciência desperta, na faixa evolutiva em que o conhecimento adquirido nos permite operar. Definindo-a por espelho da vida, reconhecemos que o coração lhe é a face e que o cérebro é o centro de suas ondulações, gerando a força do pensamento que tudo move, criando e transformando, destruindo e refazendo para acrisolar e sublimar.*¹⁶

Mantemos, assim, permanente contato com outras mentes, influenciando e sendo influenciados, pois ninguém [...] *pode ultrapassar de improviso os recursos da própria mente, muito além do círculo de trabalho em que estagia; contudo, assinalamos, todos nós, os reflexos uns dos outros, dentro da nossa relativa capacidade de assimilação. Ninguém permanece fora do movimento de permuta incessante. Respiramos no mundo das imagens que projetamos e recebemos. Por elas, estacionamos sob a fascinação dos elementos que provisoriamente nos escravizam e, através delas, incorporamos o influxo renovador dos poderes que nos induzem à purificação e ao progresso.*¹⁷

O pensamento, ou fluxo energético mental, manifesta-se sob a forma de ondas [...], *desde os raios super-ultra-curtos, em que se exprimem as legiões angélicas, através de processos ainda inacessíveis à nossa observação, passando pelas oscilações curtas, médias e longas em que se exterioriza a mente humana, até às ondas fragmentárias dos animais, cuja vida psíquica, ainda em germe, somente arroja de si determinados pensamentos ou raios descontínuos.*⁷ Como alicerce vivo de todas as realizações nos planos físico e extrafísico, encontramos o pensamento por agente essencial. Entretanto, ele ainda é matéria, – a matéria mental, em que as leis de formação das cargas magnéticas ou dos sistemas atômicos prevalecem sob novo sentido, compondo o maravilhoso mar de energia sutil em que todos nos achamos submersos e no qual surpreendemos elementos que transcendem o sistema periódico dos elementos químicos conhecidos no mundo.⁸ (Reveja informações sobre a tabela periódica dos elementos químicos no Programa Fundamental do ESDE, tomo I, módulo VI, roteiro 2)

Importa considerar que, independentemente do plano de vida no qual nos situemos [...], *o nosso pensamento cria a vida que procuramos, através do reflexo de nós mesmos, até que nos identifiquemos, um dia, no curso dos milênios, com a Sabedoria Infinita e com o Infinito Amor, que constituem o Pensamento e a Vida de Nosso Pai.*¹⁵ *Um pensamento superior, fortemente pensado, permita-se-nos a expressão, pode, pois, conforme a sua força e a sua elevação, tocar de perto ou de longe homens que nenhuma ideia fazem da maneira por que ele lhes chega, do mesmo modo que muitas vezes aquele que o emite não faz ideia do efeito produzido pela sua emissão. É esse um jogo constante das inteligências humanas e da ação recíproca de umas sobre as outras. Juntai-lhe a das inteligências dos desencarnados e imaginai, se o conseguirdes, o poder incalculável dessa força composta de tantas forças reunidas. Se se pudesse*

suspeitar do imenso mecanismo que o pensamento aciona e dos efeitos que ele produz de um indivíduo a outro, de um grupo de seres a outro grupo e, afinal, da ação universal dos pensamentos das criaturas umas sobre as outras, o homem ficaria assombrado! Sentir-se-ia aniquilado diante dessa infinidade de pormenores, diante dessas inúmeras redes ligadas entre si por uma potente vontade e atuando harmonicamente para alcançar um único objetivo: o progresso universal.⁴

2. Características das criações fluídicas

Ideias, elaboradas com atenção, geram formas, tocadas de movimento, som e cor, perfeitamente perceptíveis por todos aqueles que se encontrem sintonizados na onda em que se expressam.¹⁴ Ainda mais; criando imagens fluídicas, o pensamento se reflete no envoltório perispirítico como num espelho, ou, então, como essas imagens de objetos terrestres que se refletem nos vapores do ar, tomando aí um corpo e, de certo modo, fotografando-se. Se um homem, por exemplo, tiver a ideia de matar alguém, embora seu corpo material se conserve impassível, seu corpo fluídico é acionado por essa ideia e a reproduz com todos os matizes. Ele executa fluidicamente o gesto, o ato que o indivíduo premeditou. Seu pensamento cria a imagem da vítima e a cena inteira se desenha, como num quadro, tal qual lhe está na mente.²

A força mental, responsável pelas criações fluídicas humanas, [...] não é patrimônio de privilegiados. É propriedade vulgar de todas as criaturas, mas entendem-na e utilizam-na somente aqueles que a exercitam através de acuradas meditações. [...] No fundo, é a energia plástica da mente que a acumula em si mesma, tomando-a ao fluido universal em que todas as correntes da vida se banham e se refazem, nos mais diversos reinos da natureza, dentro do universo. Cada ser vivo é um transformador dessa força, segundo o potencial receptivo e irradiante que lhe diz respeito.¹² É assim que os mais secretos movimentos da alma repercutem no invólucro fluídico. É assim que uma alma pode ler noutra alma como num livro e ver o que não é perceptível aos olhos corporais. Estes veem as impressões interiores que se refletem nos traços fisionômicos: a cólera, a alegria, a tristeza; a alma, porém, vê nos traços da alma os pensamentos que não se exteriorizam.²

A teoria das criações fluídicas, ou da “fotografia do pensamento”, está também relacionada às visões fantásticas, simbólicas que aparecem nos sonhos ou que são relatadas por certos videntes.³

Os Espíritos manipulam os fluidos por intermédio do pensamento e da vontade. Formam aglomerações, conjuntos e diferentes edificações nas localidades onde vivem. Mudam-lhes as [...] *propriedades, como um químico muda a dos gases ou de outros corpos, combinando-os segundo certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.* ⁵ *Algumas vezes, essas transformações resultam de uma intenção; doutras, são produto de um pensamento inconsciente. [...] É assim, por exemplo, que um Espírito se faz visível a um encarnado que possua a vista psíquica, sob as aparências que tinha quando vivo na época em que o segundo o conheceu, embora haja ele tido, depois dessa época, muitas encarnações. Apresenta-se com o vestuário, os sinais exteriores – enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc. – que tinha então. [...] Se, pois, de uma vez ele foi negro e branco de outra, apresentar-se-á como branco ou negro, conforme a encarnação a que se refira a sua evocação e à que se transporte o seu pensamento. Por análogo efeito, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos que ele esteja habituado a usar. Um avarento manuseará ouro, um militar trará suas armas e seu uniforme, um fumante o seu cachimbo, um lavrador a sua charrua e seus bois, uma mulher velha a sua roca [ou outro objeto]. Para o Espírito, que é, também ele, fluídico, esses objetos fluídicos são tão reais, como o eram, no estado material, para o homem vivo [encarnado]; mas, pela razão de serem criações do pensamento, a existência deles é tão fugitiva quanto a deste.* ^{6,1}

Dessa forma, emitindo [...] *uma ideia, passamos a refletir as que se lhe assemelham, ideia essa que para logo se corporifica, com intensidade correspondente à nossa insistência em sustentá-la, mantendo-nos, assim, espontaneamente em comunicação com todos os que nos esposem o modo de sentir. É nessa projeção de forças, a determinarem o compulsório intercâmbio com todas as mentes encarnadas ou desencarnadas, que se nos movimenta o Espírito no mundo das formas-pensamento, construções substanciais na esfera da alma, que nos liberam o passo ou no-lo escravizam, na pauta do bem ou do mal de nossa escolha.*⁹

As formas-pensamento são facilmente percebidas pelos desencarnados, mesmo em se tratando de Espírito moralmente inferior, que as utiliza nos processos obsessivos. As ações desses Espíritos nos atingem, visto que eles não têm qualquer dificuldade em reconhecer o teor dos nossos pensamentos: [...] *todos possuímos, além dos desejos imediatistas comuns, em qualquer fase da vida, um “desejo central” ou “tema básico” dos interesses mais íntimos. Por isso, além dos pensamentos*

*vulgares que nos aprisionam à experiência rotineira, emitimos com mais frequência os pensamentos que nascem do “desejo-central” que nos caracteriza, pensamentos estes que passam a constituir o reflexo dominante de nossa personalidade. Desse modo, é fácil conhecer a natureza de qualquer pessoa, em qualquer plano, através das ocupações e posições em que prefira viver. Assim é que a crueldade é o reflexo do criminoso, a cobiça é o reflexo do usurário, a maledicência é o reflexo do caluniador, o escárnio é o reflexo do ironista e a irritação é o reflexo do desequilibrado, tanto quanto a elevação moral é o reflexo do santo...*¹⁰

No caso das obsessões, afirma um terrível obsessor: *Conhecido o reflexo da criatura que nos propomos retificar ou punir é, assim, muito fácil superalimentá-la com excitações constantes, robustecendo-lhe os impulsos e os quadros já existentes na imaginação e criando outros que se lhes superponham, nutrindo-lhe, dessa forma, a fixação mental. [...] Através de semelhantes processos, criamos e mantemos facilmente o “delírio psíquico” ou a “obsessão”, que não passa de um estado anormal da mente, subjugada pelo excesso de suas próprias criações a pressionarem o campo sensorial, infinitamente acrescidas de influência direta ou indireta de outras mentes desencarnadas ou não, atraídas por seu próprio reflexo.*¹¹

Referências

1. Kardec, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 52. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 14, item 14, p. 323.
2. _____. *Obras póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro. 39. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Primeira Parte, item: Fotografia e telegrafia do pensamento, p. 130.
3. _____. p. 131.
4. _____. p. 133.
5. _____. *Revista Espírita*: Jornal de estudos psicológicos. Ano 1868. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Ano XI, junho de 1868, n.º 06, Item: Fotografia do pensamento, p. 239-240.
6. _____. p. 240.
7. Xavier, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Mecanismos da mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 4 (Matéria mental), item: Pensamento das criaturas, p.48.
8. _____. Item: Corpúsculos mentais, p. 49.
9. _____. Item: Formas-pensamento, p.52.
10. Xavier, Francisco Cândido. *Ação e reação*. Pelo Espírito André Luiz. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 8 (Preparativos para o Retorno), p.135-136.

11. _____. p.136.
12. _____. *Libertação*. Pelo Espírito André Luiz. 31. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 11 (Valiosa Experiência), p.179-180.
13. _____. Cap. 17 (Assistência fraternal), p. 275.
14. _____. *Nos domínios da mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 34. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 12 (Clarividência e clariaudiência), p.132.
15. _____. *Pensamento e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Prefácio (Pensamento e vida), p.10.
16. _____. Cap. 1 (O espelho da vida), p.11-12.
17. _____. p. 13.

Mensagem

Trecho da prece do benfeitor Druso*

Senhor Jesus! – clamou, humilde – neste instante em que te oferecemos o coração, deixa que nossa alma se incline, reverente, para agradecer-te as bênçãos de luz que a tua incomensurável bondade aqui nos concedeu em cinquenta anos de amor...

Tu, Mestre, que ergueste Lázaro do sepulcro, levantaste-me também das trevas para a alvorada remissora, lançando no inferno de minha culpa o orvalho de tua compaixão...

Estendeste os braços magnânimos ao meu Espírito mergulhado na lodosa corrente do crime.

Trouxeste-me do pelourinho do remorso para o serviço da esperança.

Reanimaste-me quando minhas forças desfaleciam...

Nos dias agoniados, foste o alimento de minhas ânsias; nas sendas mais escabrosas, eras, em tudo, o meu companheiro fiel.

Ensinaste-me, sem ruído, que somente através da recuperação do respeito a mim mesmo, no pagamento de meus débitos, é que poderei empreender a reconquista de minha paz...

* Xavier, Francisco Cândido. *Ação e reação*. Pelo Espírito André Luiz. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 20 (Comovente surpresa), p. 342.

FLUIDOS E PERISPÍRITO

Roteiro 4

MAGNETISMO: CONCEITO E APLICAÇÃO

Objetivo específico

- » Conceituar: magnetismo; fluido magnético; magnetizador; médium curador.

Conteúdo básico

- » A palavra *magnetismo* tem origem no nome Magnésia, antiga cidade da Ásia Menor (Turquia, atualmente), onde existia um minério capaz de atrair o ferro, chamado *magnetite*, *pedra-ímã*, ou *pedra-magnética*.
- » Fluido magnético é a mesma coisa que fluido vital. *Para uns o princípio vital é uma propriedade da matéria, um efeito que se produz achando-se a matéria em dadas circunstâncias. Segundo outros, e esta é a ideia mais comum, ele reside em um fluido especial, universalmente espalhado e do qual cada ser absorve e assimila uma parcela durante a vida, tal como os corpos inertes absorvem a luz. Esse seria então o fluido vital que, na opinião de alguns, em nada difere do fluido elétrico animalizado, ao qual também se dão os nomes de fluido magnético, fluido nervoso, etc.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, introdução, item 2.
- » Magnetizador é a pessoa que tem a capacidade de doar fluidos magnéticos a outrem. Médium curador é uma pessoa que pode [...] *curar*

pelo simples toque, pelo olhar, mesmo por um gesto, sem o concurso de qualquer medicação. [...] Todos os magnetizadores são mais ou menos aptos a curar, desde que saibam conduzir-se convenientemente, ao passo que nos médiuns curadores a faculdade é espontânea e alguns até a possuem sem jamais terem ouvido falar de magnetismo. Allan Kardec: O livro dos médiuns. Cap. 14, item 175.

Sugestões didáticas

Introdução

- » Fazer breve exposição sobre o magnetismo, com base no primeiro parágrafo dos *Subsídios*.

Desenvolvimento

- » Após a exposição, dividir a turma em grupos numerados de um a três. Indicar-lhes a leitura de um item dos *Subsídios*, correspondente à divisão do grupo.
- » Terminada a leitura, orientá-los à troca de ideias sobre o assunto.
- » Em seguida, entregar-lhes um roteiro para a realização das seguintes atividades:
 - a) elaboração de resumo escrito, contendo as principais ideias do assunto discutido.
 - b) escolha de relator para apresentar o resumo em plenária, de acordo com os passos seguintes:
- » rodízio dos relatores, após o sinal dado pelo monitor, segundo esta ordenação: 1 - 2; 2 - 3; 3 - 1;
- » o relator fala, rapidamente, aos novos colegas sobre o assunto estudado no grupo onde se encontrava anteriormente; apresenta o resumo que foi elaborado; colhe sugestões para incorporação no resumo apresentado, registrando-as objetivamente;
- » rodízio subsequente dos relatores e repetição do procedimento anterior, até que cada relator retorne ao seu grupo de origem;

- » apresentação, em plenária, do resumo original acrescido das ideias dos grupos.
- » Ouvir os relatos, fazendo possíveis ajustes nos resumos apresentados.

Conclusão

- » Comentar rapidamente as seguintes palavras de Allan Kardec: “O magnetismo preparou o caminho do Espiritismo, e os rápidos progressos do Espiritismo se devem à vulgarização das ideias acerca do magnetismo. Dos fenômenos magnéticos, do sonambulismo e do êxtase às manifestações espíritas, não há senão um passo; sua conexão é tal, que é, por assim dizer, impossível falar de um sem falar de outro” (*Revista Espírita de 1858*).

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- » os participantes elaborarem adequadamente o resumo solicitado no trabalho em grupo.

Técnica(s): exposição; leitura; resumo.

Recurso(s): *Subsídios* deste roteiro; roteiro para o trabalho em grupo; papel / lápis.

Subsídios

1. Magnetismo: Conceito e Aplicação

1.1 Magnetismo

Trata-se de uma propriedade da matéria, presente em algumas substâncias. O nome “magnetismo” vem de *Magnésia*, cidade da Ásia Menor (atual Turquia), onde existia um minério chamado *magnetite*, conhecido como pedra-ímã ou pedra magnética, e que possuía a propriedade de atrair objetos ferrosos. O magnetismo, conhecido pelos chineses desde a Antiguidade, era por eles aplicado nas bússolas que

usavam em seus deslocamentos, já que as agulhas magnéticas sempre se orientam no sentido do eixo terrestre Norte-Sul-Magnético, que é próximo do eixo terrestre Norte-Sul-Geográfico.¹²

*Possuímos, na Terra, as chamadas substâncias magnéticas naturais e ainda aquelas que podem adquirir semelhantes qualidades artificialmente, como sejam mais destacadamente o ferro, o aço, o cobalto, o níquel e as ligas que lhes dizem respeito, merecendo especial menção o ferro doce, que mantém a imanização apenas no curso de tempo em que se acha submetido à ação magnetizante, e o aço temperado, que se demora imanizado por mais tempo, depois de cessada a ação referida, em vista de reter a imanização remanente.*¹⁰

O Espiritismo nos esclarece que o magnetismo é um fluido, ou energia radiante, originário do fluido cósmico universal. Sob forma de princípio vital, o fluido magnético é também chamado de fluido elétrico, animalizado ou fluido nervoso.² Na verdade, o fluido vital, magnético ou animalizado, é um fluido intermediário existente entre o Espírito, propriamente dito, e a matéria.³

Sobre o magnetismo, nos esclarece o Espírito Emmanuel: *O magnetismo é um fenômeno da vida, por constituir manifestação natural em todos os seres. Se a ciência do mundo já atingiu o campo de equações notáveis nas experiências relativas ao assunto, provando a generalidade e a delicadeza dos fenômenos magnéticos, deveis compreender que as exteriorizações dessa natureza, nas relações entre os dois mundos, são sempre mais elevadas e sutis, em virtude de serem, aí, uma expressão de vida superior.*¹¹

O magnetismo se expressa de diferentes formas: há o fluido animal, o espiritual, o vegetal, o mineral, etc. Sendo assim, no Codificador do Espiritismo: *A vontade desenvolve o fluido, seja animal, seja espiritual, porque, como sabeis agora, há vários gêneros de magnetismo, em cujo número estão o magnetismo animal e o magnetismo espiritual que, conforme a ocorrência, pode pedir apoio ao primeiro. Um outro gênero de magnetismo, muito mais poderoso ainda, é a prece que uma alma pura e desinteressada dirige a Deus.*⁵

1.2 Fluido magnético

O fluido magnético pode ser considerado sinônimo de fluido vital, ou, no mínimo, efeito deste. *Para uns, o princípio vital é uma propriedade da matéria, um efeito que se produz achando-se*

a matéria em dadas circunstâncias. Segundo outros, e esta é a ideia mais comum, ele reside em um fluido especial, universalmente espalhado e do qual cada ser absorve e assimila uma parcela durante a vida, tal como os corpos inertes absorvem a luz. Esse seria então o fluido vital que, na opinião de alguns, em nada difere do fluido elétrico animalizado, ao qual também se dão os nomes de fluido magnético, fluido nervoso, etc.² O fluido magnético de uma pessoa pode envolver outra, influenciando-a. Atua também sobre as células do organismo – particularmente as sanguíneas e os histocitárias [localizados nos tecidos] – determinando-lhes o nível satisfatório, a migração ou a extrema mobilidade, a fabricação de anticorpos ou, ainda, a improvisação de outros recursos combativos e imunológicos, na defesa contra as invasões bacterianas e na redução ou extinção de processos patogênicos, por intermédio de ordens automáticas da consciência profunda [Espírito].⁹

O fluido magnético [...], condensado no perispírito, pode fornecer princípios reparadores ao corpo; o Espírito, encarnado ou desencarnado, é o agente propulsor que infiltra num corpo deteriorado uma parte da substância do seu envoltório fluídico.¹ Dessa forma, a energia magnética transmitida por alguém atua no perispírito do beneficiário e, daí, chega ao corpo físico. Os princípios reparadores penetram o perispírito e o corpo físico, passando por vias específicas que o Espírito André Luiz denomina “centros de força”. O nosso perispírito possui sete principais centros de força principais, que se conjugam nas ramificações dos plexos do sistema nervoso: coronário, cerebral, laríngeo, cardíaco, esplênico, gástrico e genésico.

O fluido magnético [...] age de certo modo como agente químico, modificando o estado molecular dos corpos; nada há, pois, de admirável que possa modificar o estado de certos órgãos; mas igualmente se compreende que sua ação, mais ou menos salutar, deve depender de sua qualidade; daí as expressões “bom ou mau fluido; fluido agradável ou penoso”. Na ação magnética propriamente dita, é o fluido pessoal do magnetizador que é transmitido, e esse fluido, que não é senão o perispírito, sabe-se que participa sempre, mais ou menos, das qualidades materiais do corpo, ao mesmo tempo que sofre influência moral do Espírito. É, pois, impossível que o fluido próprio do encarnado seja uma pureza absoluta, razão por que sua ação curativa é lenta, por vezes nula, por vezes nociva, porque pode transmitir ao doente princípios mórbidos.⁶

1.3 Magnetizador e médium curador

Magnetizador é uma pessoa que, manipulando o fluido magnético, produz efeitos mais ou menos patentes. Em geral, o magnetizador, propriamente dito, é considerado sinônimo de médium curador, porque ambos são pessoas capazes de veicular fluidos vitais. Entretanto há diferenças fundamentais, entre um e outro, segundo a concepção espírita. *Pelo fato de um fluido ser bastante abundante e enérgico para produzir efeitos instantâneos de sono, de catalepsia, de atração ou de repulsão, não se segue absolutamente que tenha as necessárias qualidades para curar; é a força que derruba, e não o bálsamo que suaviza e restaura; assim, há Espíritos desencarnados de ordem inferior, cujo fluido pode mesmo ser maléfico, o que os espíritas a todo instante têm ocasião de constatar. Só nos Espíritos superiores o fluido perispiritual está despojado de todas as impurezas da matéria; está, de certo modo, quintessenciado; por conseguinte, sua ação deve ser mais salutar e mais imediata; é o fluido benfazejo por excelência. Visto que não pode ser encontrado entre os encarnados, nem entre os desencarnados vulgares, faz-se mister pedi-lo aos Espíritos elevados, como se vai procurar nas regiões distantes os remédios que não encontramos em nossa terra. O médium curador pouco emite de seu próprio fluido; sente a corrente do fluido estranho que o penetra e ao qual serve de “conduto”; é esse fluido que magnetiza, e aí caracteriza o magnetismo espiritual e o distingue do magnetismo animal: um vem do homem; o outro, dos Espíritos.⁷ Entre o magnetizador e o médium curador há, pois, esta diferença capital: o primeiro magnetiza com o seu próprio fluido, e o segundo com o fluido depurado dos Espíritos; donde se segue que estes últimos dão o seu concurso a quem querem e quando querem; que podem recusá-lo e, por conseguinte, tirar a faculdade daquele que dela abusasse ou a desviasse de seu fim humanitário e caritativo, para dela fazer comércio. Quando Jesus disse aos apóstolos: “Ide! Expulsai os demônios, curai os enfermos”, acrescentou: “Dai de graça o que de graça recebestes”⁸.*

Existindo no homem em diferentes graus de desenvolvimento, em todas as épocas, a vontade tem servido tanto para curar quanto para aliviar. É lamentável sermos obrigados a constatar que, também, foi fonte de muitos males, mas é uma das conseqüências do abuso que, muitas vezes, o ser faz do livre-arbítrio.⁵ Os médiuns curadores possuem um gênero de mediunidade que [...] consiste, principalmente no dom que possuem certas pessoas de curar pelo simples toque, pelo

olhar, mesmo por um gesto, sem o concurso de qualquer medicação. [...] Evidentemente, o fluido magnético desempenha aí importante papel; porém, quem examina cuidadosamente o fenômeno, sem dificuldade reconhece que há mais alguma coisa. A magnetização ordinária é um verdadeiro tratamento seguido, regular e metódico; no caso que apreciamos, as coisas se passam de modo inteiramente diverso. Todos os magnetizadores são mais ou menos aptos a curar, desde que saibam conduzir-se convenientemente, ao passo que nos médiuns curadores a faculdade é espontânea e alguns até a possuem sem jamais terem ouvido falar de magnetismo. A intervenção de uma potência oculta, que é o que constitui a mediunidade, se faz manifesta, em certas circunstâncias, sobretudo se considerarmos que a maioria das pessoas que podem, com razão, ser qualificadas de médiuns curadores recorre à prece, que é uma verdadeira evocação.⁴

Referências

1. Kardec, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 52. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 14, item 31, p. 336.
2. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 91. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Introdução II, p. 18.
3. _____. Questão 65, p. 93.
4. _____. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 80. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Segunda parte, cap. 14, item 175, p. 225-226.
5. _____. *Revista Espírita: Jornal de estudos psicológicos*. Ano 1864. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Ano VII, janeiro de 1864, n.º 01, item: Médiuns curadores, p.21.
6. _____. p. 22-23.
7. _____. p. 23.
8. _____. p. 24.
9. Xavier, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Segunda parte, cap. 15 (Passe Magnético), p. 255.
10. _____. *Mecanismos da mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 8 (Mediunidade e eletromagnetismo), item: Campo magnético essencial, p. 75.
11. Xavier, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007, questão 26, p.34.
12. <http://geocities.yahoo.com.br/jcc5000/oqueemagnetismo.htm>

Mensagem

* Trecho da prece do benfeitor Felix

Mestre, digna-te reconduzir ao caminho justo os homens e as mulheres, nossos irmãos, que, dominados pela obsessão ou traídos pela própria fraqueza, não conseguiram manter os compromissos de fidelidade ao tálamo doméstico; reequilibra os que fazem da noite pasto à demência; conforta os que exibem mutilações e moléstias resultantes dos excessos ou dos erros passionais que praticaram nesta ou em outras existências; reabilita a cabeça desvairada dos que exploram o filão de trevas do lenocínio; regenera o pensamento insensato dos que abusam da mocidade, propinando-lhe entorpecentes; e sustenta os que rogaram antes da reencarnação as lágrimas da solidão afetiva e as receberam na Terra, por medida expiatória aos desmandos sexuais, a que se afeiçoaram, em outras vidas, e que, muitas vezes, sucumbem de inanição e desalento, em cativo familiar, sob o desprezo de parentes insensíveis, a cuja felicidade consagraram a juventude!...

* Xavier, Francisco Cândido. *Sexo e destino*. 32. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Segunda parte, cap. 7, p. 314.

FLUIDOS E PERISPÍRITO

Roteiro 5

APLICAÇÕES DO MAGNETISMO HUMANO

Objetivo específico

- » Identificar as principais formas de aplicação do magnetismo humano-espiritual na Casa Espírita.
- » Explicar como o magnetismo humano-espiritual é utilizado na Casa Espírita.

Conteúdo básico

- » *A ação magnética pode produzir-se de muitas maneiras:*
 - 1.º pelo próprio fluido do magnetizador; é o magnetismo propriamente dito, ou magnetismo humano, cuja ação se acha adstrita à força e, sobretudo, à qualidade do fluido;*
 - 2.º pelo fluido dos Espíritos, atuando diretamente e sem intermediário sobre o encarnado [...]. É o magnetismo espiritual, cuja qualidade está na razão direta das qualidades do Espírito;*
 - 3.º pelos fluidos que os Espíritos derramam sobre o magnetizador [...]. É o magnetismo misto, semiespiritual, ou, se o preferirem, humano-espiritual. Allan Kardec: A gênese. Cap. 14, item 33.*

- » As principais formas de utilização do magnetismo humano, na Casa Espírita, são: o passe, a prece e a água fluidificada (ou magnetizada).
- » No passe [...] *cria-se a ligação sutil entre o necessitado e o socorrista e, por semelhante elo de forças, ainda imponderáveis no mundo, verte o auxílio da Esfera Superior, na medida dos créditos de um e outro.* André Luiz: *Mecanismos da mediunidade*, cap. 22.
- » As [...] *mais insignificantes substâncias, como a água, por exemplo, podem adquirir qualidades poderosas e efetivas, sob a ação do fluido espiritual ou magnético, ao qual elas servem de veículo, ou, se quiserem, de reservatório.* Allan Kardec: *A gênese*, cap. 15, item 25.
- » *A prece não é movimento mecânico de lábios, nem disco de fácil repetição no aparelho da mente. É vibração, energia, poder.* André Luiz: *Missionários da luz*, cap. 6.

Sugestões didáticas

Introdução

- » Explicar, em linhas gerais, como se produz a ação magnética, segundo o Espiritismo (veja item 1 dos *Subsídios* deste roteiro).

Desenvolvimento

- » Solicitar, em seguida, a formação de seis pequenos grupos (ou duplas), entregando a cada equipe tiras de cartolina e um pincel hidrográfico.
- » Esclarecer-lhes que o trabalho em grupo consistirá na leitura de um trecho dos *Subsídios* – indicado em seguida –, e no registro, nas tiras de cartolina, de duas informações que efetivamente caracterizem a utilização do magnetismo humano na Casa Espírita.

Trechos dos *Subsídios* para o trabalho em grupo:

Grupo 1: item 2 (Utilização do magnetismo humano-espiritual na Casa Espírita: o passe). Grupo 2: subitem 2.1 (A ação do perispírito no passe). Grupo 3: subitem 2.2 (Doação e recepção fluídica durante o passe). Grupo 4: subitem 2.3 (O colaborador espírita do passe). Grupo 5: item 3 (Utilização do magnetismo humano-espiritual na

Casa Espírita: a água fluidificada). Grupo 6: item 4 (Utilização do magnetismo humano-espiritual na Casa Espírita: a prece).

- » Concluída essa etapa, pedir aos grupos que indiquem um representante para afixar as tiras de cartolina no mural da sala, procedendo, em seguida, à apresentação dos trabalhos.
- » Ouvir os relatos, verificando se alguma informação importante deixou de ser registrada, fazendo as devidas correções.

Conclusão

- » Com base nos resultados do trabalho em grupo, justificar a importância da utilização do magnetismo humano-espiritual na Casa Espírita, e enfatizar a necessidade – para esse mister – de preparação cuidadosa dos seus trabalhadores.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- » os participantes identificarem, no texto lido, informações que efetivamente caracterizem a utilização do magnetismo humano-espiritual na Casa Espírita.

Técnica(s): exposição; leitura; trabalho em pequenos grupos.

Recurso(s): *Subsídios* deste roteiro; tiras de cartolinas com frases; pincel hidrográfico; mural da sala de aula.

Subsídios

1. Transmissão do magnetismo humano-espiritual

São extremamente variados os efeitos da ação fluidica sobre os doentes, de acordo com as circunstâncias. Algumas vezes é lenta e reclama tratamento prolongado, como no magnetismo ordinário; doutras vezes é rápida, como uma corrente elétrica. Há pessoas dotadas de tal poder, que operam curas instantâneas nalguns doentes, por meio apenas da imposição das mãos, ou, até, exclusivamente por ato da vontade. Entre

*os dois polos extremos dessa faculdade, há infinitos matizes. Todas as curas desse gênero são variedades do magnetismo e só diferem pela intensidade e pela rapidez da ação. O princípio é sempre o mesmo: o fluido, a desempenhar o papel de agente terapêutico e cujo efeito se acha subordinado à sua qualidade e a circunstâncias especiais.*⁵

A ação magnética pode produzir-se de muitas maneiras:

1.º pelo próprio fluido do magnetizador; é o magnetismo propriamente dito, ou magnetismo humano, cuja ação se acha adstrita à força e, sobretudo, à qualidade do fluido;

2.º pelo fluido dos Espíritos, atuando diretamente e sem intermediário sobre um encarnado, seja para o curar ou acalmar um sofrimento, seja para provocar o sono sonambúlico espontâneo, seja para exercer sobre o indivíduo uma influência física ou moral qualquer. É o magnetismo espiritual, cuja qualidade está na razão direta das qualidades do Espírito;

*3.º pelos fluidos que os Espíritos derramam sobre o magnetizador, que serve de veículo para esse derramamento. É o magnetismo misto, semiespiritual, ou, se o preferirem, humano-espiritual. Combinado com o fluido humano, o fluido espiritual lhe imprime qualidades de que ele carece. Em tais circunstâncias, o concurso dos Espíritos é amíúde espontâneo, porém, as mais das vezes, provocado por um apelo do magnetizador.*⁶

2. Utilização do magnetismo humano-espiritual na Casa Espírita: o Passe

O magnetismo misto é a forma usual de aplicação do passe na Casa Espírita. O passe é uma atividade espírita sistematicamente desenvolvida nas instituições espíritas por trabalhadores anônimos. *É muito comum a faculdade de curar pela influência fluídica e pode desenvolver-se por meio do exercício; mas, a de curar instantaneamente, pela imposição das mãos, essa é mais rara e o seu grau máximo se deve considerar excepcional. No entanto, em épocas diversas e no seio de quase todos os povos, surgiram indivíduos que a possuíam em grau eminente. Nestes últimos tempos, apareceram muitos exemplos notáveis, cuja autenticidade não sofre contestação. Uma vez que as curas desse gênero assentam num princípio natural e que o poder de operá-las não constitui privilégio, o que se segue é que elas não se operam fora da*

*natureza e que só são miraculosas na aparência.*⁷ A transmissão do passe deve ser considerada como um simples instrumento de auxílio, jamais recurso substitutivo de orientações médicas e psicológicas, porque – como nos informa o Espiritismo – doença e cura se encontram no Espírito. A ação moral desequilibrada do indivíduo afeta o seu perispírito e, como o perispírito do encarnado está intimamente ligado ao seu corpo físico, o desajuste vibratório de um afeta o outro, produzindo, em consequência, as doenças. *O corpo doente reflete o panorama interior do Espírito enfermo. A patogenia é um conjunto de inferioridades do aparelho psíquico. E é ainda na alma que reside a fonte primária de todos os recursos medicamentosos definitivos. A assistência farmacêutica do mundo não pode remover as causas transcendentais do caráter mórbido dos indivíduos. O remédio eficaz está na ação do próprio Espírito enfermo.*¹⁴

Não ignoramos, porém, que muitas pessoas procuram o Centro Espírita apenas em busca da cura ou alívio de seus males físicos, psicológicos e distúrbios espirituais. É dever, pois, dos trabalhadores da Instituição, prestar os necessários esclarecimentos.

2.1 A ação do perispírito no passe

Pela sua união íntima com o corpo, o perispírito desempenha preponderante papel no organismo. Pela sua expansão, põe o Espírito encarnado em relação mais direta com os Espíritos livres e também com os Espíritos encarnados. O pensamento do encarnado atua sobre os fluidos espirituais, como o dos desencarnados, e se transmite de Espírito a Espírito pelas mesmas vias e, conforme seja bom ou mau, saneia ou vicia os fluidos ambientes. Desde que estes se modificam pela projeção dos pensamentos do Espírito, seu invólucro perispíritico, que é parte constituinte do seu ser e que recebe de modo direto e permanente a impressão de seus pensamentos, há de, ainda mais, guardar a de suas qualidades boas ou más. Os fluidos viciados pelos eflúvios dos maus Espíritos podem depurar-se pelo afastamento destes, cujos perispíritos, porém, serão sempre os mesmos, enquanto o Espírito não se modificar por si próprio. Sendo o perispírito dos encarnados de natureza idêntica à dos fluidos espirituais, ele os assimila com facilidade, como uma esponja se embebe de um líquido. Esses fluidos exercem sobre o perispírito uma ação tanto mais direta, quanto, por sua expansão e sua irradiação, o perispírito com eles se confunde. Atuando esses fluidos sobre o perispírito, este, a seu turno, reage sobre o organismo material com que se acha em contato

molecular. Se os eflúvios são de boa natureza, o corpo ressentido uma impressão salutar; se são maus, a impressão é penosa. Se são permanentes e enérgicos, os eflúvios maus podem ocasionar desordens físicas; não é outra a causa de certas enfermidades. Os meios onde superabundam os maus Espíritos são, pois, impregnados de maus fluidos que o encarnado absorve pelos poros perispiríticos, como absorve pelos poros do corpo os miasmas pestilenciais [com que se acha em contato molecular].⁴

2.2 Doação e recepção fluídica durante o passe

No passe ou transmissão fluídica, não basta a existência de alguém com disposição para doar suas energias magnéticas. É necessário que ocorra uma interação entre o doador e o receptor. *Estabelecido o clima de confiança, qual acontece entre o doente e o médico preferido, cria-se a ligação sutil entre o necessitado e o socorrista e, por semelhante elo de forças, ainda imponderáveis no mundo, verte o auxílio da Esfera Superior, na medida dos créditos de um e outro. Ao toque da energia emanante do passe, com a supervisão dos benfeitores desencarnados, o próprio enfermo, na pauta da confiança e do merecimento de que dá testemunho, emite ondas mentais características, assimilando os recursos vitais que recebe, retendo-os na própria constituição fisiopsicossomática, através das várias funções do sangue. O socorro, quase sempre hesitante a princípio, corporifica-se à medida que o doente lhe confere atenção, porque, centralizando as próprias radiações sobre as províncias celulares de que se serve, lhes regula os movimentos e lhes corrige a atividade, mantendo-lhes as manifestações dentro de normas desejáveis, e, estabelecida a recomposição, volve a harmonia orgânica possível, assegurando à mente o necessário governo do veículo em que se amolda.¹²*

O processo de socorro pelo passe é tanto mais eficiente quanto mais intensa se faça a adesão daquele que lhe recolhe os benefícios, de vez que a vontade do paciente, erguida ao limite máximo de aceitação, determina sobre si mesmo mais elevados potenciais de cura. Nesse estado de ambientação, ao influxo dos passes recebidos, as oscilações mentais do enfermo se condensam, mecanicamente, na direção do trabalho restaurativo, passando a sugeri-lo às entidades celulares do veículo em que se expressam, e os milhões de corpúsculos do organismo fisiopsicossomático tendem a obedecer, instintivamente, às ordens recebidas, sintonizando-se com os propósitos do comando espiritual que os agrega.¹³

2.3 O colaborador espírita do passe

O trabalhador espírita que atua na transmissão do passe deve considerar a tarefa como uma oportunidade de servir ao próximo. Entende, primeiramente, que [...] *toda competência e especialização no mundo, nos setores de serviço, constituem o desenvolvimento da boa vontade. Bastam o sincero propósito de cooperação e a noção de responsabilidade para que sejamos iniciados, com êxito, em qualquer trabalho novo.*²⁴ Jamais esquecendo que [...] *Deus opera maravilhas por intermédio do trabalho de boa vontade.*²⁵

Em segundo lugar, é sempre oportuno recordar as orientações do benfeitor Alexandre, citadas no livro *Missionários da luz*, de autoria de André Luiz: *Todos, com maior ou menor intensidade, poderão prestar concurso fraterno, nesse sentido [...], porquanto, revelada a disposição fiel de cooperar a serviço do próximo, por esse ou aquele trabalhador, as autoridades de nosso meio designam entidades sábias e benevolentes que orientam, indiretamente, o neófito, utilizando-lhe a boa vontade e enriquecendo-lhe o próprio valor. São muito raros, porém, os companheiros que demonstram a vocação de servir espontaneamente. Muitos, não obstante bondosos e sinceros nas suas convicções, aguardam a mediunidade curadora, como se ela fosse um acontecimento miraculoso em suas vidas e não um serviço do bem, que pede do candidato o esforço laborioso do começo. Claro que, referindo-nos aos irmãos encarnados, não podemos exigir a cooperação de ninguém [...]; entretanto, se algum deles vem ao nosso encontro, solicitando admissão às tarefas de auxílio, logicamente receberá nossa melhor orientação, no campo da espiritualidade.*¹⁷ Dessa forma, o trabalhador do passe que se mantém constante na atividade e [...] *que o interesse dele nas aquisições sagradas do bem seja mantido acima de qualquer preocupação transitória, deve esperar incessante progresso das faculdades radiantes, não só pelo próprio esforço, senão também pelo concurso de Mais Alto, de que se faz merecedor.*¹⁸

Conseguida a qualidade básica, o candidato ao serviço precisa considerar a necessidade de sua elevação urgente, para que as suas obras se elevem no mesmo ritmo [...]. Antes de tudo, é necessário equilibrar o campo das emoções. Não é possível fornecer forças construtivas a alguém, ainda mesmo na condição de instrumento útil, se fazemos sistemático desperdício das irradiações vitais. Um sistema nervoso esgotado, oprimido, é um canal que não responde pelas interrupções havidas. A mágoa excessiva, a paixão desvairada, a inquietude obsidente, constituem barreiras que impedem a passagem das energias auxiliadoras. Por outro

lado, é preciso examinar também as necessidades fisiológicas, a par dos requisitos de ordem psíquica. A fiscalização dos elementos destinados aos armazéns celulares é indispensável, por parte do próprio interessado em atender as tarefas do bem. O excesso de alimentação produz odores fétidos, através dos poros, bem como das saídas dos pulmões e do estômago, prejudicando as faculdades radiantes, porquanto provoca dejeções anormais e desarmonias de vulto no aparelho gastrintestinal, interessando a intimidade das células. O álcool e outras substâncias tóxicas operam distúrbios nos centros nervosos, modificando certas funções psíquicas e anulando os melhores esforços na transmissão de elementos regeneradores e salutareos.¹⁹

Recomendam, também, os instrutores espirituais que é importante que os colaboradores, ligados a esse tipo de atividade, adquiram maiores conhecimentos sobre a atividade. *Decerto, o estudo da constituição humana lhes é naturalmente aconselhável, tanto quanto ao aluno de enfermagem, embora não seja médico, se recomenda a aquisição de conhecimentos do corpo em si. E do mesmo modo que esse aprendiz de rudimentos da Medicina precisa atentar para a assepsia do seu quadro de trabalho, o médium passista necessitará vigilância no seu campo de ação, porquanto de sua higiene espiritual resultará o reflexo benfazejo naqueles que se proponha socorrer. Eis por que se lhe pede a sustentação de hábitos nobres e atividades limpas, com a simplicidade e a humildade por alicerces no serviço de socorro aos doentes [...]. O investimento cultural ampliar-lhe-á os recursos psicológicos, facilitando-lhe a recepção das ordens e avisos dos instrutores que lhe propiciem amparo, e o asseio mental lhe consolidará a influência, purificando-a, além de dotar-lhe a presença com a indispensável autoridade moral, capaz de induzir o enfermo ao despertamento das próprias forças de reação.*¹¹

3. Utilização do magnetismo humano-espiritual na Casa Espírita: a água fluidificada

A [...] água é veículo dos mais poderosos para os fluidos de qualquer natureza,²³ informa o Espírito André Luiz, citando o benfeitor espiritual Lísias. Informa, ainda, que na Colônia Nosso Lar a água é empregada, sobretudo, como alimento e remédio, e que ali existem serviços consagrados exclusivamente à manipulação da água pura, pela captação de elementos oriundos do sol e do magnetismo espiritual.²³

É comum, na Casa Espírita, a magnetização da água pelos benfeitores espirituais, que incorporam ao líquido simples recursos magnéticos de subido valor para o equilíbrio psicofísico do enfermo.²⁰ Aliás, inúmeras substâncias existentes na natureza são passíveis de transformação; no entanto, a água é o veículo de escolha em razão da simplicidade da sua constituição molecular. *Este princípio explica o fenômeno conhecido de todos os magnetizadores e que consiste em dar-se, pela ação da vontade, a uma substância qualquer, à água, por exemplo, propriedades muito diversas: um gosto determinado e até as qualidades ativas de outras substâncias. Desde que não há mais de um elemento primitivo e que as propriedades dos diferentes corpos são apenas modificações desse elemento, o que se segue é que a mais inofensiva substância tem o mesmo princípio que a mais deletéria. Assim, a água, que se compõe de uma parte de oxigênio e de duas de hidrogênio, se torna corrosiva, duplicando-se a proporção do oxigênio [transforma-se em água oxigenada que, não diluída, é potente corrosivo]. Transformação análoga se pode produzir por meio da ação magnética dirigida pela vontade.*⁹ *É assim que as mais insignificantes substâncias [...] podem adquirir qualidades poderosas e efetivas, sob a ação do fluido espiritual ou magnético, ao qual elas servem de veículo, ou, se quiserem, de reservatório.*⁸

4. Utilização do magnetismo humano-espiritual na Casa Espírita: a prece

A prece caracteriza-se como uma importante prática espírita, re-comendada pelos próprios Espíritos Orientadores da Codificação Espírita. Sem dúvida.[...] *A oração é prodigioso banho de forças, tal a vigorosa corrente mental que atrai. [...] A oração, com o reconhecimento de nossa desvalia, co-loca-nos em posição de simples elos de uma cadeia de socorro, cuja orientação reside no Alto.*²² *Pela prece, obtém o homem o concurso dos bons Espíritos que acorrem a sustentá-lo em suas boas resoluções e a inspirar-lhe ideias sãs. Ele adquire, desse modo, a força moral necessária a vencer as dificuldades e a volver ao caminho reto, se deste se afastou. Por esse meio, pode também desviar de si os males que atrairia pelas suas próprias faltas.*¹ Neste sentido, a [...] *prece não é movimento mecânico dos lábios, nem disco de fácil repetição no aparelho da mente. É vibração, energia, poder. A criatura que ora, mobilizando as próprias forças, realiza trabalhos de inexprimível significação.*

Semelhante estado psíquico descortina forças ignoradas, revela a nossa origem divina e coloca-nos em contacto com as fontes superiores.¹⁶

Por exercer a prece uma como ação magnética, poder-se-ia supor que o seu efeito depende da força fluídica. Assim, entretanto, não é. Exercendo sobre os homens essa ação, os Espíritos, em sendo preciso, suprem a insuficiência daquele que ora, ou agindo diretamente em seu nome, ou dando-lhe momentaneamente uma força excepcional, quando o julgam digno dessa graça, ou que ela lhe pode ser proveitosa. O homem que não se considere suficientemente bom para exercer salutar influência, não deve por isso abster-se de orar a bem de outrem, com a ideia de que não é digno de ser escutado.²

Está no pensamento o poder da prece, que por nada depende nem das palavras, nem do lugar, nem do momento em que seja feita. Pode-se, portanto, orar em toda parte e a qualquer hora, a sós ou em comum. A influência do lugar ou do tempo só se faz sentir nas circunstâncias que favoreçam o recolhimento. A prece em comum tem ação mais poderosa, quando todos os que oram se associam de coração a um mesmo pensamento e colimam o mesmo objetivo, porquanto é como se muitos clamassem juntos e em uníssono. Mas, que importa seja grande o número de pessoas reunidas para orar, se cada uma atua isoladamente e por conta própria?! Cem pessoas juntas podem orar como egoístas, enquanto duas ou três, ligadas por uma mesma aspiração, orarão quais verdadeiros irmãos em Deus, e mais força terá a prece que lhe dirijam do que a das cem outras.³

Referências

1. Kardec, Allan. *Evangelho segundo o Espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 127. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 27, item 11, p. 425.
2. _____. Item 14, p. 427-428.
3. _____. Item 15, p. 428.
4. _____. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 52. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 14, item 18, p. 326-327.
5. _____. Item 32, p. 336-337.
6. _____. Item 33, p. 337.
7. _____. item 34, p. 338.
8. _____. Cap. 15, item 25, p. 372.
9. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 91. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. questão 33- nota nº 1, p. 77.

10. FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Reformador*. Editorial. Rio de Janeiro: FEB, 1992.
11. Xavier, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Mecanismos da mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 22, (Mediunidade curativa), item: Médium passista, p.175-176.
12. _____. Item: Mecanismo do passe, p. 176-177.
13. _____. Item: Vontade do paciente, p. 177-178.
14. Xavier, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007, questão 96, p.66.
15. _____. Questão 99, p. 68.
16. _____. *Missionários da luz*. Pelo Espírito André Luiz. 42. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 6 (A oração), p. 83.
17. _____. Cap. 19 (Passes), p. 407.
18. _____. p. 408.
19. _____. p. 408-409.
20. _____. *Nos domínios da mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 34. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 12 (Clarividência e clariaudiência), p. 123.
21. _____. Cap. 17 (Serviço de passes), p.191.
22. _____. p.192.
23. _____. *Nosso Lar*. Pelo Espírito André Luiz. 59. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 10 (No bosque das águas), p.70.
24. _____. *Os mensageiros*. Pelo Espírito André Luiz. 44. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 44 (Assistência), p. 271.
25. _____. p. 272.

PROGRAMA COMPLEMENTAR | MÓDULO III

O FENÔMENO DA INTERCOMUNICAÇÃO MEDIÚNICA

OBJETIVO GERAL

Dar condições de entendimento do fenômeno
mediúnico sob a ótica espírita

O FENÔMENO DA INTERCOMUNICAÇÃO MEDIÚNICA

Roteiro 1

O FENÔMENO MEDIÚNICO ATRAVÉS DOS TEMPOS

Objetivo específico

- » Indicar as principais características da manifestação do fenômeno mediúnico, ao longo do tempo.
- » Apresentar uma visão histórica representativa da expansão do fenômeno mediúnico.

Conteúdo básico

- » As características da manifestação do fenômeno mediúnico nem sempre foram as mesmas. De um modo geral, alteraram-se ao longo do tempo, acompanhando o progresso do Espírito encarnado. A respeito dos primórdios da prática mediúnica, esclarece o Espírito André Luiz que a [...] *intuição foi [...] o sistema inicial de intercâmbio, facilitando a comunhão das criaturas, mesmo a distância, para transfundi-las no trabalho sutil da telementação, nesse ou naquele domínio do sentimento e da ideia, por intermédio de remoinhos mensuráveis de força mental [...]*. André Luiz: *Evolução em dois mundos*. Cap. 17, item: Mediunidade inicial.
- » As primeiras manifestações mediúnicas apresentam-se sob a forma do animismo tribal, com a personalização das forças da natureza. Mais tarde, fundem-se a experiência e a imaginação do ser humano,

dando nascimento à mitologia popular. Em seguida, aparece a primeira expressão religiosa antropomórfica da humanidade: *o culto dos ancestrais*. Herculano Pires: *O espírito e o tempo*. Primeira parte. Cap. 2, item: Racionalização anímica.

- » Rompendo a fase do *mediunismo primitivo*, seguem-se os períodos do *mediunismo oracular* e do *mediunismo bíblico*. A culminância do fenômeno mediúnicos, porém, só é atingida com a Doutrina Espírita. Herculano Pires: *O espírito e o tempo*. Parte parte. Cap. 1, item: *Mediunismo e Espiritismo*.
- » *Os anais de todas as nações mostram que, desde épocas remotíssimas da História, a evocação dos Espíritos era praticada por certos homens que tinham feito disso uma especialidade*. Gabriel Delanne: *O fenômeno espírita*. Parte Primeira. Cap. 1.
- » É visível a expansão do fenômeno mediúnicos entre os principais povos em todas as épocas da humanidade. Da antiga Índia aos tempos atuais, o fenômeno mediúnicos intensifica-se e populariza-se, o que propiciou, no século XIX, o advento da Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec.

Sugestões didáticas

Introdução

- » Apresentar, no início da reunião, um cartaz com as palavras: “Fenômeno mediúnicos através do tempo.”
- » Fazer uma apresentação geral do tema, por meio da técnica expositiva, tendo como base o item 1 dos *Subsídios*.

Desenvolvimento

- » Em seguida, pedir aos participantes que formem um grande círculo, preparando-se para a técnica de discussão circular, do item 2 dos *Subsídios*.
- » Orientar o grupo no sentido de que cada um deverá ler um parágrafo em voz alta, enquanto é acompanhado por todos.

- » Após a leitura, promover um debate, incentivando o relato dos pontos mais significativos.
- » Prosseguir com a técnica até o final do roteiro.

Conclusão

- » Fazer o fechamento, destacando os principais pontos do assunto estudado, dirimindo possíveis dúvidas.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- » os participantes demonstrarem interesse e entendimento sobre o tema.

Técnica(s): exposição; discussão circular.

Recurso(s): cartaz ou transparências; *Subsídios* deste roteiro.

Subsídios

1. Principais características da manifestação do fenômeno mediúnico ao longo do tempo

Consoante os esclarecimentos do Espírito André Luiz, articulando, [...] *ao redor de si mesma, as radiações das sinergias funcionais das agregações celulares do campo físico ou do psicossomático [perispirítico], a alma encarnada ou desencarnada está envolvida na própria aura ou túnica de forças eletromagnéticas, em cuja tessitura circulam as irradiações que lhe são peculiares. Evidenciam-se essas irradiações, de maneira condensada, até um ponto determinado de saturação, contendo as essências e imagens que lhe configuram os desejos no mundo íntimo, em processo espontâneo de autoexteriorização, ponto esse do qual a sua onda mental se alonga adiante, atuando sobre todos os que com ela se afinem e recolhendo naturalmente a atuação de todos os que se lhe revelem simpáticos.*³²

Desse modo, pode-se dizer que a *aura* é [...] *a nossa plataforma onipresente em toda comunicação com as rotas alheias, antecâmara do*

Espírito, em todas as nossas atividades de intercâmbio com a vida que nos rodeia, através da qual somos vistos e examinados pelas Inteligências Superiores, sentidos e reconhecidos pelos nossos afins, e temidos e hostilizados ou amados e auxiliados pelos irmãos que caminham em posição inferior à nossa. Isso porque exteriorizamos, de maneira invariável, o reflexo de nós mesmos, nos contatos de pensamento a pensamento, sem necessidade das palavras para as simpatias ou repulsões fundamentais. É por essa couraça, [...] espécie de carapaça fluídica, em que cada consciência constrói o seu ninho ideal, que começaram todos os serviços da mediunidade na Terra, considerando-se a mediunidade como atributo do homem encarnado para corresponder-se com os homens liberados do corpo físico. Essa obra de permuta, no entanto, foi iniciada no mundo sem qualquer direção consciente, porque, pela natural apresentação da própria aura, os homens melhores atraíram para si os Espíritos humanos melhorados, cujo coração generoso se voltava, compadecido, para a esfera terrena, auxiliando os companheiros da retaguarda, e os homens rebeldes à Lei Divina aliciaram a companhia de entidades da mesma classe, transformando-se em pontos de contacto entre o bem e o mal ou entre a Luz e a Sombra que se digladiam na própria Terra.

Pelas ondas de pensamento a se enovelarem umas sobre as outras, segundo a combinação de frequência e trajeto, natureza e objetivo, encontraram-se as mentes semelhantes entre si, formando núcleos de progresso em que homens nobres assimilaram as correntes mentais dos Espíritos Superiores, para gerar trabalho edificante e educativo, ou originando processos vários de simbiose em que almas estacionárias se enquistaram mutuamente, desafiando de balde os imperativos da evolução e estabelecendo obsessões lamentáveis, a se elastecerem sempre novas, nas teias do crime ou na etiologia complexa das enfermidades mentais. A intuição foi, por esse motivo, o sistema inicial de intercâmbio, facilitando a comunhão das criaturas, mesmo a distância, para transfundi-las no trabalho sutil da telementação, nesse ou naquele domínio do sentimento e da ideia, por intermédio de remoinhos mensuráveis de força mental, assim como na atualidade o remoinho eletrônico infunde em aparelhos especiais a voz ou a figura de pessoas ausentes, em comunicação recíproca na radiotelefonía e na televisão.²⁷

Essas considerações, em torno da *aura* e da *intuição*, trazem uma explicação científica para a revelação histórica de que as [...]

*crenças na imortalidade da alma e nas comunicações entre os vivos [encarnados] e os mortos [desencarnados] eram gerais entre os povos da antiguidade.*⁵ Tais crenças, portanto, tiveram origem no exercício natural e empírico da mediunidade (*mediunismo primitivo*)²⁴ – no qual a *intuição*, como foi visto, constituiu o *sistema inicial de intercâmbio*.

As primeiras manifestações mediúnicas apresentam-se sob a forma do animismo tribal, com a personalização das forças da natureza. É o que se denomina *fetichismo*. Os fetiches básicos do homem primitivo eram a *Terra-Mãe* e o *Céu-Pai*.²⁵ O fenômeno mediúnico é, desse modo, conhecido [...] *desde as primeiras idades do mundo* [...].² Desse fato originou-se a crença na pluralidade dos deuses, uma vez que [...] *chamando deus a tudo o que era sobre-humano, os homens tinham por deuses os Espíritos*.²

Com o desenvolvimento mental do ser humano, fundem-se a experiência e a imaginação, dando nascimento à mitologia popular, com as suas divindades repletas de magia (os deuses do Olimpo grego, por exemplo). Em seguida, e ainda nessa fase primitiva das manifestações mediúnicas, aparece a primeira expressão religiosa antropomórfica da humanidade: *o culto dos ancestrais* (manes, deuses-lares, deuses locais).²⁶ Na verdade, os povos antigos transformaram os Espíritos em [...] *divindades especiais. As Musas* [deusas mitológicas] *não eram senão a personificação alegórica dos Espíritos protetores das ciências e das artes, como os deuses Lares e Penates simbolizavam os Espíritos protetores da família*.¹

Rompendo a fase do *mediunismo primitivo*, seguem-se os períodos do *mediunismo oracular* e do *mediunismo bíblico*.²⁵ Os oráculos predominam no início do processo civilizatório. Deles partem orientações diversas que abrangem as relações sociais, políticas e religiosas dos grandes povos da antiguidade.²⁶ No *mediunismo bíblico*, entretanto, o fenômeno mediúnico adquire nova dimensão, afastando-se do politeísmo até então reinante, para representar a manifestação do Deus Universal e Supremo.¹⁴

O fenômeno mediúnico continua a sua trajetória evolutiva e só atinge a culminância com a Doutrina Espírita, que define a mediunidade como condição natural do ser humano e a enfoca sob os aspectos racional e científico.²⁵

2. Visão histórica representativa da expansão do fenômeno mediúnico entre os principais povos

Os anais de todas as nações mostram que, desde épocas remotíssimas da História, a evocação dos Espíritos era praticada por certos homens que tinham feito disso uma especialidade. O mais antigo código religioso que se conhece, os Vedas, aparecido [na Índia] milhares de anos antes de Jesus Cristo, afirma a existência dos Espíritos. Eis como o grande legislador Manu se exprime a respeito: “Os Espíritos dos antepassados, no estado invisível, acompanham certos brâmanes [sacerdotes que oficiavam o sacrifício do Veda] convidados para as cerimônias em comemoração dos mortos, sob uma forma aérea; seguem-nos e tomam lugar ao seu lado quando eles se assentam”⁶ Assim é que desde [...] tempos imemoriais, os padres iniciados nos mistérios [doutrina secreta] preparam indivíduos chamados faquires para a evocação dos Espíritos e para a obtenção dos mais notáveis fenômenos do magnetismo.⁷ Também desde a mais remota antiguidade [...] o povo da China entrega-se à evocação dos Espíritos dos Avoengos. O missionário Huc refere grande número de experiências, cujo fim era a comunicação dos vivos com os mortos [...]. Com o tempo e em consequência das guerras que forçaram parte da população hindu a emigrar, o segredo das evocações espalhou-se em toda a Ásia, encontrando-se ainda entre os egípcios e entre os hebreus a tradição que veio da Índia.⁸

Com efeito, todos [...] os historiadores estão de acordo em atribuir aos padres do antigo Egito poderes que pareciam sobrenaturais e misteriosos. Os magos dos faraós realizavam estes prodígios que são referidos na Bíblia; mas, deixando de parte o que pode haver de legendário nessas narrações, é bem certo que eles evocavam os mortos, pois Moisés, seu discípulo, proibiu formalmente que os hebreus se entregassem a essas práticas: “Que entre nós ninguém use de sortilégio e de encantamentos, nem interrogue os mortos para saber a verdade.” A despeito dessa proibição, vemos Saul ir consultar a pitonisa de Endor e, por seu intermédio, comunicar-se com a sombra de Samuel. [...] Apesar da proibição de Moisés, houve sempre investigadores que foram tentados por essas evocações misteriosas; instituíam uma doutrina secreta a que chamavam Cabala, mas cercando-se de precauções e fazendo o adepto jurar inviolável segredo para o vulgo. “Qualquer pessoa que – diz o Talmud [livro que contém a doutrina da lei moisaica] –, sendo instruída nesse segredo (a evocação dos mortos), o guarda com vigilância em um coração puro pode contar com o amor de Deus e o

*favor dos homens; seu nome inspira respeito, sua ciência não teme o olvido, e torna-se ele herdeiro de dois mundos: aquele em que vivemos agora e o mundo futuro”.*⁹

Ainda com respeito ao povo hebreu, deve-se ressaltar que o [...] *profetismo em Israel, durante vinte consecutivos séculos, é um dos fenômenos transcendentais mais notáveis da História. [...] A verdade é que os profetas israelitas são médiuns inspirados [...].*¹⁴ *A origem do profetismo em Israel é assinalada por imponente manifestação. Um dia, Moisés escolhe 70 anciães e os coloca ao redor do tabernáculo. Jeová revela sua presença em uma nuvem, imediatamente as poderosas faculdades de Moisés se transmitem aos outros e “eles profetizaram”.*¹⁵

*Na Grécia, a crença nas evocações era geral. Todos os templos possuíam mulheres chamadas pitonisas encarregadas de proferir oráculos, evocando os deuses [Espíritos]; mas, às vezes, o consultante queria, ele próprio, ver e falar à sombra desejada, e, como na Judeia, conseguia-se pô-lo em comunicação com o ser ao qual desejava interrogar.*¹⁰ *Por outro lado, discípulos [...] de Sócrates referem-se, com admiração e respeito, ao amigo invisível que o acompanhava constantemente.*²⁸

*Na Itália sucede o mesmo que na Índia, no Egito e entre os hebreus. O privilégio de evocar os Espíritos, primitivamente reservado aos membros da classe sacerdotal, espalhou-se pouco a pouco entre o povo e, se crermos em Tertuliano, o Espiritismo era exercido entre os antigos pelos mesmos meios que, hoje, entre nós.*⁹ *Aliás, Tertuliano trata, em termos explícitos, das mesas girantes e falantes.*³

“Se é dado – diz ele – aos magos fazer aparecer fantasmas, evocar as almas dos mortos, poder forçar a boca das crianças a proferir oráculos; se eles realizam grande número de milagres, se explicam sonhos, se têm às suas ordens Espíritos mensageiros e demônios, em virtude dos quais as mesas que profetizam são um fato vulgar, com que redobrado zelo esses Espíritos poderosos não se esforçarão por fazer em próprio proveito o que eles fazem em serviço de outrem?” Em apoio das afirmações de Tertuliano, pode-se citar uma passagem de Amiano Marcelino sobre Patrício e Hilário, levados perante o tribunal romano por crime de magia, acusação esta de que eles se defenderam referindo “que tinham fabricado, com pedaços de loureiro, uma mesinha (mensulam) sobre a qual colocaram uma bacia circular feita de vários metais, tendo um

*alfabeto gravado nas bordas. Em seguida, um homem vestido de linho, depois de ter recitado uma fórmula e feito uma evocação ao deus da profecia, tinha suspenso por cima da bacia um anel preso a um fio de linho muito fino e consagrado por meios misteriosos. O anel, saltando sucessivamente, mas sem confusão, sobre várias letras gravadas, e parando sobre cada uma, formava versos perfeitamente regulares, em resposta às questões propostas.*¹⁰

*Em Roma, no templo de Minerva, Pausânias, ali condenado a morrer de fome, passou a viver, em Espírito, monoideizado na revolta em que se alucinava, aparecendo e desaparecendo aos olhos de circunstantes assombrados, durante largo tempo. Sabe-se que Nero, nos últimos dias de seu reinado, viu-se fora do corpo carnal, junto de Agripina e de Otávia, sua genitora e sua esposa, ambas assassinadas por sua ordem, a lhe pressagiarem a queda no abismo. Os Espíritos vingativos em torno de Calígula eram tantos que, depois de lhe enterrarem os restos nos jardins de Lâmia, eram ali vistos, frequentemente, até que se lhe exumaram os despojos para a incineração.*²⁸

Na Gália, o processo de intercâmbio com o plano espiritual era intenso. A comemoração dos mortos é de iniciativa gaulesa. No dia primeiro de novembro celebrava-se a festa dos Espíritos, não nos cemitérios – os gauleses não honravam os cadáveres –, mas sim em cada habitação, onde os bardos [poetas] e os videntes evocavam as almas dos defuntos. No entender deles, os bosques e as charnecas eram povoados por Espíritos errantes. Os Duz e os Korrigans eram almas em procura de novas encarnações.¹¹

Todavia, onde a mediunidade atinge culminâncias é justamente no Cristianismo nascituro. Toda a passagem do Mestre inesquecível, entre os homens, é um cântico de luz e amor, externando-lhe a condição de Medianeiro da Sabedoria Divina. E, continuando-lhe o ministério, os apóstolos que se lhe mantiveram leais converteram-se em médiuns notáveis, no dia de Pentecostes, quando, associadas as suas forças, por se acharem “todos reunidos”, os emissários espirituais do Senhor, através deles, produziram fenômenos físicos em grande cópia, como sinais luminosos e vozes diretas, inclusive fatos de psicofonia e xenoglossia, em que os ensinamentos do Evangelho foram ditados em várias línguas, simultaneamente, para os israelitas de procedências diversas. Desde então, os eventos mediúnicos para eles se tornaram habituais. Espíritos materializados libertavam-nos da prisão injusta. O magnetismo curativo era vastamente praticado pelo olhar e pela

imposição das mãos. Espíritos sofredores eram retirados de pobres obsessos, aos quais vampirizavam. Um homem objetivo e teimoso, quanto Saulo de Tarso, desenvolve a clarividência, de um momento para outro, vê o próprio Cristo, às portas de Damasco, e lhe recolhe as instruções. E porque Saulo, embora corajoso, experimente enorme abalo moral, Jesus, condoído, procura Ananias, médium clarividente na aludida cidade, e pede-lhe socorro para o companheiro que encetava a tarefa. Não somente na casa dos apóstolos em Jerusalém mensageiros espirituais prestam contínua assistência aos semeadores do Evangelho; igualmente no lar dos cristãos, em Antioquia, a mediunidade opera serviços valiosos e incessantes. Dentre os médiuns aí reunidos, um deles, de nome Agabo, incorpora um Espírito benfeitor que realiza importante premonição. E nessa mesma igreja, vários instrumentos medianímicos aglutinados favorecem a produção da voz direta, consignando expressiva incumbência a Paulo e Barnabé.³¹

Os fatos mediúnicos continuam a produzir-se no decorrer dos tempos. A Igreja Católica, mais do que qualquer outra, tinha necessidade de combater essas práticas, para si detestáveis, e, portanto, durante a Idade Média, milhares de vítimas foram queimadas sem piedade, sob o nome de feiticeiros e mágicos, por terem evocados os Espíritos.¹⁰

Nada obstante, nessa mesma época, destacam-se [...] duas grandes figuras históricas: Cristóvão Colombo, o descobridor de um novo mundo [...], e Joana d'Arc, que obedece às suas vozes. Em sua aventureosa missão, Colombo era guiado por um gênio invisível. Tratavam-no de um visionário. Nas horas das maiores dificuldades, ele escutava uma voz desconhecida murmurar-lhe ao ouvido: “Deus quer que teu nome ressoe gloriosamente através do mundo; ser-te-ão dadas as chaves de todos esses portos desconhecidos do oceano que se conservam atualmente fechados por formidáveis cadeias”. A vida de Joana d'Arc está na memória de todos. Sabe-se que, em todos os lugares, seres invisíveis inspiravam e dirigiam a heroica virgem de Domrémy. Todos os êxitos de sua gloriosa epopeia são previamente anunciados. Surgem aparições diante dela; vozes celestes ciciam-lhe ao ouvido. Nela, a inspiração flui como o borbotar de uma torrente impetuosa. Em meio dos combates, nos conselhos, como diante de seus juízes, por toda parte, essa criança de 18 anos comanda ou responde com segurança, consciente do sublime papel que desempenha, jamais variando na fé nem nas palavras, inquebrantável mesmo diante das súplicas, mesmo em face da morte [...].¹⁶

Além desses dois exemplos, resplandece a figura de Francisco de Assis, exalçando a mediunidade [...] *em luminosos acontecimentos [...]30. A esses nomes gloriosos temos o direito de acrescentar os dos grandes poetas. Depois da música é a poesia um dos focos mais puros da inspiração; provoca o êxtase intelectual, que permite entrar em comunicação com as esferas superiores. [...] Todos os grandes poetas heroicos principiam seus cantos por uma invocação aos deuses ou à musa; e os Espíritos inspiradores atendem à deprecação. Murmuram ao ouvido do poeta mil coisas sublimes, mil coisas que só ele entende, entre os filhos dos homens.*¹⁷

Aliás, pode-se dizer que os [...] *homens de gênio, de todas as espécies, artistas, sábios, literatos, são sem dúvida Espíritos adiantados, capazes de compreender por si mesmos e de conceber grandes coisas. Ora, precisamente porque os julgam capazes, é que os Espíritos, quando querem executar certos trabalhos, lhe sugerem as ideias necessárias e assim é que eles, as mais das vezes, são médiuns sem o saberem. Têm, no entanto, vaga intuição de uma assistência estranha, visto que todo aquele que apela para a inspiração, mais não faz do que uma evocação. Se não esperasse ser atendido, por que exclamaria, tão frequentemente: meu bom gênio, vem em meu auxílio?*⁴

Assim é que, por exemplo, Dante Alighieri [...] *é um médium incomparável. Sua “Divina Comédia” é uma peregrinação através dos mundos invisíveis. [...] É pelos olhos da sua Beatriz, morta, que Alighieri vê “o esplendor da viva luz eterna”, que iluminou toda a sua vida. Em meio daquela sombria Idade Média, sua vida e sua obra resplandecem como os cimos alpestres quando se coloram dos últimos clarões do dia e já o resto da Terra está mergulhada na sombra.*¹⁸ Desse modo, a mediunidade, que refulgia entre os primeiros cristãos, não se oculta; ao contrário, continua a produzir fenômenos grandiosos. Citaremos, mais adiante, outros exemplos não só de poetas-médiuns como também de músicos inspirados.

Prossegue a expansão do fenômeno mediúnico quando vemos, já na Idade Moderna, [...] *Lutero transitando entre visões; Teresa d’Ávila em admiráveis desdobramentos; José de Copertino levitando ante a espantada observação do papa Urbano VIII [...].*³¹

Tasso compõe aos 18 anos seu poema cavalheiresco “Renaud”, sob a inspiração de Ariosto, e mais tarde, em 1575, sua obra capital, a “Jerusalém Libertada”, vasta epopeia, que afirma haver-lhe sido igualmente inspirada.

*Shakespeare, Milton [...] foram também inspirados.*¹⁸ As obras principais de Shakespeare, dentre as quais *Hamlet* e *Macbeth*, [...] *contêm cenas célebres em que se movem aparições. Os espectros do pai de Hamlet e de Banquo, presos ao mundo material pelo jugo do passado, se tornam visíveis e impelem os vivos ao crime. Milton fazia suas filhas tocarem harpa antes de compor seus cantos do “Paraíso Perdido”, porque, dizia ele, a harmonia atrai os gênios inspiradores. [...] Goethe se abeberou amplamente nas fontes do invisível. [...] O “Fausto” é uma obra mediúnica e simbólica de primeira ordem. [...].*¹⁹

O famoso músico Mozart é também um grande médium inspirado. Numa [...] *de suas cartas a um amigo íntimo, nos inicia nos mistérios da inspiração musical: “Dizes que desejarias saber qual o meu modo de compor e que método sigo. Não te posso verdadeiramente dizer a esse respeito senão o que se segue, porque eu mesmo nada sei e não mo posso explicar. Quando estou em boas disposições e inteiramente só, durante o meu passeio, os pensamentos musicais me vêm com abundância. Ignoro donde procedem esses pensamentos e como me chegam; nisso não tem a minha vontade a menor intervenção.” No declínio de sua vida, quando já sobre ele se estendia a sombra da morte, em um momento de calma, de perfeita serenidade, ele chamou um de seus amigos que se achavam no quarto: “Escuta – disse ele – estou ouvindo música.” O amigo lhe respondeu: “Não ouço nada.” Mozart, porém, tomado de arroubo, continua a perceber as harmonias celestes. E seu pálido semblante se ilumina.*¹³ Finalmente, dentre os grandes médiuns dessa época, destaca-se a significativa presença do sueco Emmanuel Swedenborg, um dos mais importantes precursores do Espiritismo.

No período que abrange o fim da Idade Moderna e início da Idade Contemporânea, emerge, com todo o vigor, a figura inolvidável de Beethoven. Este músico famoso, [...] *referindo-se à fonte de que lhe provinha a concepção de suas obras-primas, dizia [...]: “Sinto-me obrigado a deixar transbordar de todos os lados as ondas de harmonia provenientes do foco da inspiração. Procuro acompanhá-las e delas me apodero apaixonadamente; de novo me escapam e desaparecem entre a multidão de distrações que me cercam. Daí a pouco, torno a apreender com ardor a inspiração; arrebatado, vou multiplicando todas as modulações, e venho por fim a me apropriar do primeiro pensamento musical.”*¹²

Ainda na fase inicial da Idade Contemporânea, pode-se citar Honoré de Balzac. Este grande escritor francês, em várias de suas obras, *tocou em todos os problemas da vida invisível, do ocultismo e do magnetismo. Todas essas questões lhe eram familiares. Trata-se com a competência do verdadeiro mestre, numa época em que ainda eram pouquíssimas conhecidas. Era não somente um profundo observador, mas também um vidente na mais elevada acepção do termo.*²⁰ O célebre músico Chopin, por sua vez, [...] *tinha visões que, à vezes, o aterravam. Suas mais belas composições – sua “Marcha Fúnebre”, seus “Noturnos” – foram escritas em completa obscuridade.*²¹

Em meados do século dezenove – em plena Idade Contemporânea – acontece uma popularização inesperada dos fenômenos mediúnicos, os quais se expandem rapidamente por todo o mundo. Essa expansão é tão marcante que levou o famoso escritor inglês Arthur Conan Doyle a afirmar que os fenômenos em questão possuíam todas as características de uma *invasão organizada*.²² Essa fase de popularização do fenômeno mediúnico propiciou o advento da Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec. Dentre os fatos que antecederam imediatamente a Codificação, os mais significativos foram, sem dúvida, os ocorridos em Hydesville, nos Estados Unidos, e os denominados *mesas girantes*,³ que se propagaram especialmente pela Europa. (Veja o roteiro 1 do módulo II do Programa Fundamental).

Finalmente, pode-se dizer que, após o advento da Doutrina Espírita, o fenômeno mediúnico continua a expandir-se. Médiuns notáveis têm possibilitado o intercâmbio entre os dois planos da vida. Apenas a título exemplificativo citaremos: Eusapia Paladino, na Itália; Florence Cook e Sra. d'Espérance, na Inglaterra; Sra. Piper, nos Estados Unidos; Amália Domigo Y Soler, na Espanha, e os excelentes médiuns brasileiros Ana Prado, Zilda Gama, Yvone Pereira e, especialmente, Francisco Cândido Xavier.

Referências

1. Kardec, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 91 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Questão 521, comentário, p. 300.
2. _____. Questão 668, p. 363.
3. _____. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 80. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Segunda parte. Cap. 2, item 60, p. 84.

4. _____. Cap. 15, item 183, p. 233-234.
5. DELANNE, Gabriel. *O fenômeno espírita*. Tradução de Francisco Raymundo Ewerton Quadros. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Parte primeira. Cap.1, p. 17.
6. _____. p. 17-18.
7. _____. p. 18.
8. _____. p. 19.
9. _____. p. 19-20.
10. _____. p. 20-21.
11. DENIS, Leon. *Depois da morte*. Tradução de João Lourenço de Souza. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 6, (A Gália), p. 63.
12. _____. *No invisível*. Tradução de Leopoldo Cirne. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 14, (Visão e audição psíquicas no estado de vigília), p. 173.
13. _____. p. 173-174.
14. _____. Cap. 26, (A mediunidade gloriosa), p. 386.
15. _____. p. 387.
16. _____. p. 396-397.
17. _____. p. 397.
18. _____. p. 398.
19. _____. p. 398-399.
20. _____. p. 403.
21. _____. p. 407.
22. DOYLE, Arthur Conan. *História do espiritismo*. Tradução de Júlio Abreu Filho. São Paulo: Editora Pensamento Ltda., 1992/1995. Cap. 1, p. 33.
23. PIRES, J. Herculano. *O espírito e o tempo*. 7. ed. Sobradinho, DF: EDICEL, 1995. 1a parte. Cap.1, p. 16.
24. _____. p. 16-17.
25. _____. Cap. 11, p. 29.
26. _____. p. 30-31.
27. Xavier, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Primeira parte, cap. 17 (Mediunidade e corpo espiritual), item: Mediunidade inicial, p. 164-165.
28. _____. *Mecanismos da mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Mensagem introdutória de Emmanuel (Mediunidade), p. 15.
29. _____. p. 15-16.
30. _____. p. 17-18.
31. _____. p. 18.
32. _____. Cap. 10 (Fluxo mental), item: Campo da aura, p. 89-90.

Mensagem

*Súplica de filho

Não me procures, Mãe, sob o jazigo
Que recobres de joias e açucenas!...
Fita o campo das lágrimas terrenas,
Levanta-te da lousa e vem comigo.

Aqui, chora a viuvez amargas penas,
Ali, geme a orfandade ao desabrigo,
Ergamos para a dor um pouso amigo
E as nossas dores ficarão pequenas!...

Transformemos o luxo, Mãe querida,
Em consolo, agasalho, pão e vida,
Na inspiração do bem que nos governa!...

E seguiremos juntos, dia a dia,
Convertendo a saudade escura e fria
Em bendito calor de luz eterna.

* Xavier, Francisco Cândido. *Poetas redivivos*. Mensagem do Espírito Luís Roberto. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Item 82, p. 117.

O FENÔMENO DA INTERCOMUNICAÇÃO MEDIÚNICA

Roteiro 2

OS MÉDIUNS PRECURSORES

Objetivo específico

- » Realizar resumo biográfico dos principais médiuns precursores do Espiritismo.
- » Destacar a contribuição desses médiuns para o Espiritismo nascente.

Conteúdo básico

- » Segundo informações de Arthur Conan Doyle, existentes em seu livro *História do espiritismo*, os principais médiuns precursores do Espiritismo (antes da publicação de *O livro dos espíritos*) foram: Emmanuel Swedenborg, Edward Irving, Andrew Jackson Davis, as irmãs Fox (veja o Programa Fundamental, módulo II, roteiro 1) e Daniel Dunglas Home.
- » *Emmanuel Swedenborg foi um engenheiro sueco que viveu no século dezoito. Possuía notável clarividência. Publicou alguns livros sobre a vida no mundo espiritual, afirmando, em um deles, que esse mundo consiste em várias esferas representando diversos graus de felicidade e luminosidade e que, após a morte, iremos para aquela à qual se adapte a nossa condição espiritual. É considerado o grande anunciador do influxo espírita dos últimos tempos, quando o fenômeno mediúnico deixa de ter caráter episódico, para transformar-se numa invasão organizada pelos Espíritos.* Arthur Conan Doyle: *História do espiritismo*. Cap. 1.

- » *Edward Irving foi um pastor protestante escocês, nascido em 1792, cuja mediunidade de inspiração atraía multidões para ouvir suas luminosas e eloquentes pregações evangélicas. Na igreja que dirigia, ocorreram notáveis fenômenos de psicofonia e voz direta. Pode-se dizer que as experiências mediúnicas de Irving constituíram-se, por sua singularidade, em um traço de união entre Swedenborg e um outro eminente precursor da Doutrina Espírita – Andrew Jackson Davis. Arthur Conan Doyle: História do espiritismo. Cap 2.*
- » *Andrew Jackson Davis, cognominado O Profeta da Nova Revelação, por ter previsto o advento do Espiritismo, nasceu em 1826, na cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos. A despeito da debilidade física que manifestava e do baixo nível de escolaridade, foi excelente médium clarividente, clariaudiente e de cura. Possuía, ainda, a natural capacidade de ver o futuro, de fazer diagnósticos e prognósticos médicos, e de exprimir-se em línguas desconhecidas, quando saía do corpo físico. Arthur Conan Doyle: História do espiritismo. Cap 3.*
- » *Daniel Dunglas Home, que possuía uma excepcional mediunidade de levitação, nasceu na Escócia, em 1833. A seu respeito assim foi dito: Quando Mr. Home passa, derrama em seu redor a maior de todas as bênçãos – a certeza da vida futura. Arthur Conan Doyle: História do espiritismo. Cap 9, 11a. página.*

Sugestões didáticas

Introdução

- » Citar os objetivos da aula, justificando a importância de se realizar um estudo biográfico, ainda que resumido, dos médiuns precursores do Espiritismo.

Desenvolvimento

- » Formar quatro grupos, para a realização das seguintes tarefas, com base nos *Subsídios* do roteiro:

Grupo I: leitura dos dados biográficos de *Emmanuel Swedenborg*.

Grupo II: leitura dos dados biográficos de *Edward Irving*.

Grupo III: leitura dos dados biográficos de *Andrew Jackson Davis*.

Grupo IV: leitura dos dados biográficos *Daniel Dunglas Home*.

Todos os grupos: troca de ideias, após a leitura; realização do exercício contido na *ficha de estudo*, em anexo; preparação de cartaz contendo os resultados das tarefas realizadas pelo grupo; escolha de um participante para apresentar, em plenária, esses resultados.

- » Observar a apresentação dos grupos, inserindo em bloco de anotações os pontos que reclamarem esclarecimentos.
- » Prestar os esclarecimentos necessários, reforçando a contribuição dos médiuns precursores biografados para o Espiritismo nascente, uma vez que apresentaram marcos bem definidos da presença do plano espiritual, antes e durante a chamada *Invasão organizada* pelo Plano Espiritual Superior.

Conclusão:

- » Concluir a aula apresentando, em transparência ou *data show* a nota de Davis, datada de 31 de março de 1848, em que ele percebe mediunicamente o início do trabalho da revelação espírita com os acontecimentos de Hydesville, nessa mesma data:

Esta madrugada um sopro fresco passou pelo meu rosto, e ouvi uma voz suave e firme, dizer-me: irmão, foi dado início a um bom trabalho, contempla a demonstração viva e surge.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório, se:

- » os participantes realizarem corretamente o trabalho proposto.

Técnica(s): estudo em pequenos grupos; estudo em ficha.

Recurso(s): *Subsídios* do roteiro; ficha de estudo; bloco de anotações; transparência; retroprojeto; cartolina/papel pardo; caneta hidrográfica.

Subsídios

Segundo informações colhidas na obra *História do espiritismo*, de Arthur Conan Doyle, os principais médiuns precursores do Espiritismo foram: Emmanuel Swedenborg, Edward Irving, Andrew Jackson Davis, as irmãs Fox e Daniel Dunglas Home, cujos resumos bibliográficos veremos a seguir, excluindo-se o das irmãs Fox, já apresentado no roteiro 1 do módulo II do Programa Fundamental.

Emmanuel Swedenborg – De acordo com o autor supracitado, seria impossível estabelecer-se uma data que marcasse o início da manifestação de uma força inteligente exterior ao homem, uma vez que esse fato existiu, embora de forma esporádica, em todas as épocas. Considera ele, entretanto, que Emmanuel Swedenborg – o grande vidente sueco do século dezoito – foi o grande anunciador do influxo espírita dos últimos tempos, quando o fenômeno mediúnico deixa de ter caráter episódico, para transformar-se numa *invasão organizada* pelo mundo espiritual.¹ Swedenborg era engenheiro de minas e uma autoridade em metalurgia, física e astronomia.² Desde criança foi médium clarividente: emancipado do corpo, conseguia ver o que se passava em outros lugares sem, aparentemente, sair do seu estado normal de consciência. Assim é que viu e descreveu, com perfeita exatidão, um incêndio que acontecia em Estocolmo, estando, ele, a trezentas milhas de distância, num jantar com dezesseis convidados. No entanto, a vidência propriamente dita, isto é, a possibilidade de ver os Espíritos, eclodiu subitamente em uma noite de abril de 1744, na cidade de Londres, Inglaterra, e o acompanhou durante toda a sua existência. *Na mesma noite – diz ele – o mundo dos Espíritos, do Céu e do Inferno, abriu-se convincentemente para mim, e aí encontrei muitas pessoas de meu conhecimento e de todas as condições. Desde então diariamente o Senhor abria os olhos de meu Espírito para ver, perfeitamente desperto, o que se passava no outro mundo e para conversar, em plena consciência, com anjos e Espíritos.*³

Eis alguns ensinamentos transmitidos por Swedenborg: 1. O mundo espiritual consiste de várias esferas representando diversos graus de felicidade e luminosidade. Após a morte iremos para aquela à qual se adapte a nossa condição espiritual. 2. O cenário, as condições e a estrutura do mundo espiritual assemelham-se aos da sociedade terrena. Há residências para as famílias, templos religiosos, auditórios e palácios. 3. A morte é suave, uma vez que os seres celestiais

ajudam os recém-chegados ao mundo espiritual, que passam, em seguida, por um período de absoluto repouso, reconquistando a consciência em pouco tempo. 4. Existem anjos e demônios, mas que não são de ordem diferente da nossa: são apenas almas humanas altamente evoluídas ou, então, retardatárias. 5. O homem não muda com a morte. Leva consigo os seus hábitos mentais adquiridos, os seus preconceitos, as suas preocupações. É julgado por uma lei espiritual que leva em consideração os resultados globais da sua vida. 6. As crianças são recebidas no mundo espiritual sem nenhum tipo de discriminação pelo fato de serem ou não batizadas. Crescem no outro mundo sob a orientação de jovens que lhes servem de mães até a chegada das mães verdadeiras. 7. Não há penas eternas. Os que estão no Inferno podem trabalhar para saírem de lá, desde que tenham vontade de fazê-lo. Os que estão no Céu também podem alcançar posições mais elevadas. Há casamento sob a forma de união espiritual, onde um homem e uma mulher formam uma unidade completa. Em sua descrição do mundo espiritual, Swedenborg descia aos mínimos detalhes. Assim é que falava, por exemplo, da sua arquitetura, da música, da literatura e da ciência ali cultivadas, das suas flores, escolas, bibliotecas, dos seus museus, dos esportes ali praticados.⁴ Escreveu as seguintes obras: *Céu e inferno*, *A Nova Jerusalém e Arcana Coelestia*.⁵

Edward Irving – Nasceu em 1792. Era de origem humilde, pertencendo à classe dos trabalhadores braçais escoceses. Tornou-se pastor protestante, com uma mediunidade de inspiração que atraía multidões para ouvir suas luminosas e eloquentes pregações evangélicas. Na igreja que dirigia, ocorreram, em 1831, notáveis fenômenos de psicofonia e voz direta, trazendo ensinamentos que contrariavam a ortodoxia e, por isso mesmo, foram considerados obra do “diabo”. Esses ensinamentos eram apresentados de forma dogmática, por meio de intermináveis arengas entremeadas de censuras, que se convertiam em carapuças para muitos que participavam dos fenômenos. Os sensíveis condenavam-se uns aos outros como heréticos. Tais manifestações evidenciavam a existência de uma verdadeira força psíquica, revelando de igual modo uma lei espiritual – mais tarde explicada pelos Espíritos Superiores –, segundo a qual os Espíritos são atraídos pela nossa maneira de ser. Se somos ainda presunçosos e orgulhosos, atraímos Espíritos malévolos, sendo deles joguetes. Essa a razão pela qual podemos explicar a forma contundente e mesmo descaridosa das citadas manifestações. Pode dizer-se que as experiências de Edward

Irving com as manifestações espíritas, num período que vai de 1830 a 1833, constituíram-se, pela sua singularidade, em um traço de união entre Swedenborg e um outro eminente precursor da Doutrina Espírita – Andrew Jackson Davis.⁶

Andrew Jackson Davis – Cognominado [...] o “Pai do Espiritualismo Moderno”, o “Allan Kardec americano”. Filho de pais humildes e incultos, nasceu, em 1826, num distrito rural do Estado de New York (E.U.A.), às margens do rio Hudson, entre gente simples e ignorante. Era um menino pouco atilado, falto de atividade intelectual, corpo mirrado, sem nenhum traço que denunciasse a sua excepcional mediunidade futura. [...] Jackson Davis começou a ouvir, nos derradeiros anos de sua infância, vozes agradáveis e gentis, seguidas de belas clarividências, nele se desenvolvendo ao mesmo tempo os dons mediúnicos com aplicação em diagnósticos médicos. Em 6 de março de 1844 [...], foi transportado da pequena localidade de Pough-keepsie, onde morava, às montanhas de Catskill, quarenta milhas distantes. Nestas montanhas encontrou dois anciões, que lhe revelaram ser seus mentores, posteriormente identificados como os Espíritos de Galeno e de Swedenborg. Foi este o primeiro contato que o rapazinho teve com os chamados mortos. Com o tempo, sua mediunidade ganhou novos rumos. Quando em transe, falava várias línguas, inclusive o hebraico, todas dele desconhecidas, expondo admiráveis conhecimentos de Geologia e discutindo, com rara habilidade, intrincadas questões de Arqueologia histórica e bíblica, de Mitologia, bem como temas linguísticos e sociais – apesar de nada conhecer de gramática [...] e sem quaisquer estudos literários ou científicos. [...] Durante dois anos Davis ditou, em transe inconsciente, um livro sobre os segredos da natureza, dado a público, em 1847, sob o título Os princípios da natureza. A ele Conan Doyle se referiu, dizendo ser “um dos livros mais profundos e originais de Filosofia” [...].⁸ Recebeu [...] muitos outros livros, cerca de trinta, em parte editados com o título geral de Filosofia Harmônica, a ele transmitidos pela entidade espiritual Swedenborg. [...] Davis não era místico nem um religioso no sentido vulgar, e nem aceitava a revelação bíblica na sua interpretação literal. Era honrado, sério, incorruptível, amante da Verdade e sinceramente compenetrado de sua responsabilidade naqueles acontecimentos renovadores. Na sua pobreza material, jamais esqueceu a justiça e a caridade para com todos. Suas faculdades medianímicas chegaram a maior desenvolvimento depois dos 21 anos de idade, e ele pôde então observar mais claramente o processo desencarnatório de várias pessoas, narrando-o em todas as minúcias.

[...] Antes de 1856, Jackson Davis profetizou o aparecimento dos automóveis e dos veículos aéreos movidos por uma força motriz de natureza explosiva, como também as máquinas de escrever e, ao que tudo indica, as locomotivas com motores de combustão interna. É extraordinária, pasmosa mesmo, a riqueza de detalhes que acerca desses inventos futuros Davis deixou estampados em sua obra *Penetrália* [...].

Afora isso, ele também predisse, em 1847, a manifestação ostensiva dos Espíritos com as criaturas humanas, frisando que não levaria muito tempo para que essa verdade se revelasse numa exuberante demonstração. Sua obra inicial, de grande luminosidade, foi uma preparação para o aparecimento do Espiritismo, e numa de suas notas, datada de 31 de março de 1848, lê-se este significativo trecho: “Esta madrugada um sopro fresco passou pelo meu rosto, e ouvi uma voz suave e firme dizer-me: “Irmão, foi dado início a um bom trabalho; contempla a demonstração viva que surge”. Pus-me a cismar no significado de tal mensagem.” Muito longe estava ele de supor que, justamente na noite do citado dia, as irmãs Fox, em Hydesville, conversariam, por meio de batidas, com o Espírito de um morto, inaugurando o grandioso movimento espiritista mundial. Por causa desse fato, Jackson Davis passou a ser citado por alguns escritores espíritas como o profeta da Nova Revelação, como fez Conan Doyle. [...] Mediante suas visões espirituais do Além, deste apresentou descrição bem aproximada da que os Espíritos forneceria em diversos países, inclusive no Brasil, aqui pela mediunidade de Francisco Cândido Xavier, nos livros do Espírito André Luiz. Davis viu por lá uma vida semelhante à da Terra, vida a que se poderia chamar semimaterial, com gostos e objetivos adaptados às nossas naturezas, que a morte não modifica. Viu que nesse vasto Além, o trabalho científico, o artístico, o literário e o humanitário não cessam. Viu as várias fases e graus do progresso espiritual, referindo-se às causas que retardam a evolução humana. [...] Jackson Davis avançou mais do que Swedenborg no levantamento dos véus que encobrem os mistérios da Vida, mas o emérito pedagogo Allan Kardec, missionário posterior, complementou-lhe e ampliou-lhe a obra, baseado nas comunicações de muitos Espíritos Superiores, sob a égide do Espírito da Verdade.⁹

Daniel Dunglas Home – Nasceu em 1833, na aldeia de Currie, próxima a Edimburgo, na Escócia. Era portador de mediunidade de efeitos físicos favorável à levitação e materialização de Espíritos. É considerado um missionário dos tempos modernos. A seu respeito foi dito: *Quando Mr. Home passa, derrama em seu redor a maior de*

*todas as bênçãos – a certeza da vida futura.*⁷ O Codificador considera que a presença de Daniel Dunglas Home em Paris, em outubro de 1855, foi de certa forma providencial, constituindo-se em poderoso auxiliar na propagação das ideias espíritas. Abalou Home, por suas notáveis faculdades mediúnicas, as convicções de muita gente, mesmo entre as pessoas que não puderam ser testemunhas oculares. Kardec elogia o caráter de Home, a sua modéstia, seus sentimentos nobres e elevação de alma, e passa a relatar os fatos por ele próprio (Kardec) constatados ou pelas testemunhas oculares mais dignas de fé. Home, médium sob cuja influência se produziam principalmente fenômenos físicos, sem excluir, por isso, as manifestações inteligentes, foi defendido por Allan Kardec contra os detratores e maledicentes. O mestre declara que alguns fenômenos foram observados, na França, por testemunhas sérias, muito esclarecidas e altamente colocadas. Entre esses fenômenos, relata a suspensão de Home no ar, fato comprovado não só em Paris e Florença, como, principalmente, em Bordéus. Não apenas ele (Home) mas também a mesa se elevavam no espaço sem nenhum contato. Esse fenômeno não se produzia por ato da vontade do médium. Kardec escreve que o próprio Home lhe disse não se aperceber do que se passava, julgando estar sempre no chão, salvo quando olhava para baixo. Allan Kardec considerava a produção de aparições a manifestação mais extraordinária devida a Home, e relata vários casos de formação de mãos fluídicas, em tudo semelhantes a mãos vivas, sólidas e resistentes, que apareciam e repentinamente se evaporavam ao tentarem agarrá-las. A seguir, fala de pianos e harmônicas que tocavam sozinhos, com o auxílio de mãos ora visíveis, ora invisíveis.¹⁰

Kardec, em várias ocasiões, defendeu Home de calúnias sobre ele levantadas por adversários das ideias espíritas. A certa altura, afirma, na *Revista Espírita: Seguramente, se alguém fosse capaz de vencer a incredulidade por efeitos materiais, este seria o Sr. Home. Nenhum médium produziu um conjunto de fenômenos mais surpreendentes, nem em melhores condições de honestidade, e, entretanto, bom número daqueles que o viram em ação o tratam ainda, na hora que passa, como hábil prestidigitador. Para muitos, eles faz coisas bem curiosas, mais curiosas que Robert Houdin [famoso prestidigitador da época], e eis tudo. Para Allan Kardec, o médium Home está acima de qualquer suspeita de charlatanismo: o que faltou aos que viram e não se convenceram foi a chave que lhes permitisse compreender as manifestações produzidas pelo médium. Ainda para ele, a vinda de Home à França contribuiu para ali acelerar o desenvolvimento do Espiritismo, quer pelo maravilhoso dos fenômenos, quer pela repercussão destes no mundo social que frequentou.*¹¹

Em suma, como se pôde ver aqui e, em relação às irmãs Fox, no roteiro respectivo anteriormente citado, é inegável a contribuição desses médiuns para o Espiritismo nascente, uma vez que representaram marcos bem definidos da presença do plano espiritual antes e durante a época da chamada *invasão organizada* pelos Espíritos Superiores, a qual compreende, notadamente, o período que se inicia com os fenômenos de Hydesville indo até à publicação de *O livro dos espíritos*. Foram anunciadores de uma nova era, pioneiros que tiveram a incumbência de preparar a humanidade para a recepção dos ensinamentos da Doutrina Espírita.

Referências

1. DOYLE, Arthur Conan. *História do espiritismo*. Tradução de Júlio Abreu Filho. São Paulo: Editora Pensamento Ltda., 1992/1995. Cap. 1, p. 33.
2. _____. p.34
3. _____. p. 36-37.
4. _____. p. 38-39.
5. _____. p. 42-43
6. _____. Cap. II, p. 45 a 52.
7. _____. Cap. IX, p. 179.
8. WANTUIL, Zeus e THIESEN, Francisco. *Allan Kardec*. II vol. 4 ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996. Cap. 8, p. 86-87.
9. _____. p. 88-89.
10. _____. Cap. 11, p. 171.
11. _____. p. 173.

Anexo

Ficha de estudo

1. Escrever os principais dados biográficos do médium precursor estudado pelo grupo.
2. Esclarecer por que este médium é denominado precursor do Espiritismo.

Mensagem

*Mas rogo-te, Senhor

Senhor, eu te agradeço
Não somente
As horas boas da felicidade,
Em que o meu coração tranquilo e crente
Dá-se ao louvor que te bendiz...
Agradeço igualmente os dias longos,
Em que varo o caminho, a pedra e vento,
Nos quais me ensinas sem barulho,
Através das lições do sofrimento,
Como ser mais feliz.

Agradeço a alegria
Que me dispensas pelas afeições,
A bênção de ternura,
Em cuja luz balsâmica me pões
Sob chuvas de flor;
E agradeço a amargura.
Que a incompreensão me traga,
O estilete da crítica ferina,
Que tanta vez me oprime o peito em chaga
Para que eu saiba amar sem reclamar amor.

* Xavier, Francisco Cândido. *Antologia da espiritualidade*. Mensagem do Espírito Maria Dolores. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Item 17, p. 61-63.

Agradeço o sorriso da esperança
Com que me fazes crer na verdade do sonho,
A segura certeza com que aguardo
O futuro risonho
Pela fé natural;
E agradeço-te a lágrima dorida,
Com que me alimpas a visão,
A fim de que eu prossiga, trilha afora,
Sem caminhar, em vão,
Sob a névoa do mal.

Agradeço por tudo o que me deste,
A ventura, a afeição, a dor, a prova,
O dom de discernir e o dom de compreender,
O fel da humilhação que me renova
Para que eu permaneça em ti no meu próprio dever...
Mas rogo-te, Senhor,
Quando me veja
Sob a perseguição e o sarcasmo das trevas,
No exercício do bem,
Não me deixes perder a paz a que me elevas,
Nem me deixes ferir ou condenar ninguém.

O FENÔMENO DA INTERCOMUNICAÇÃO MEDIÚNICA

Roteiro 3

FINALIDADES E MECANISMOS DAS COMUNICAÇÕES MEDIÚNICAS

Objetivo específico

- » Identificar as finalidades das comunicações mediúnicas, assinaladas por Allan Kardec.
- » Explicar os mecanismos das comunicações mediúnicas.

Conteúdo básico

- » *O fim providencial das manifestações é convencer os incrédulos de que tudo para o homem não se acaba com a vida terrestre [plano físico], e dar aos crentes ideias mais justas sobre o futuro. Allan Kardec: O que é o espiritismo. Cap. 2, item 50.*
- » Na compreensão dos mecanismos do intercâmbio mediúnico devemos destacar o papel do perispírito e o da mente, e a questão da sintonia e a influência moral do médium.
- » *Por meio do perispírito é que os Espíritos atuam sobre a matéria inerte e produzem os diversos fenômenos mediúnicos. [...] Allan Kardec: Obras póstumas. Primeira parte – Manifestações dos Espíritos, item 13.*

- » A [...] *mente permanece na base de todos os fenômenos mediúnicos*. André Luiz: *Nos domínios da mediunidade*. Cap. 1, p. 13.
- » *Em mediunidade [...] não podemos olvidar o problema da sintonia. Atraímos os Espíritos que se afinam conosco, tanto quanto somos por eles atraídos [...]*. André Luiz: *Nos domínios da mediunidade*. Cap. 1, p. 17.
- » A faculdade mediúcnica independe da moral. *O mesmo, porém, não se dá com o seu uso, que pode ser bom, ou mau, conforme as qualidades do médium*. Allan Kardec: *O livro dos médiuns*, cap. 22, item 226.

Sugestões didáticas

Introdução

- » Dar a conhecer o assunto e os objetivos da aula.
- » A seguir, informar aos participantes como é realizada a prática mediúcnica por pessoas que desconhecem o Espiritismo, ou o conhecem superficialmente. Pessoas que, em geral procuram médiuns – espíritas ou não – na busca de soluções para os seus problemas, por divertimento ou simples curiosidade.
- » Propor-lhes, então, a seguinte pergunta: – Como explicar esta prática, tendo em conta as palavras de Kardec: *As manifestações não são [...] destinadas a servir aos interesses materiais; sua utilidade está nas conseqüências morais que delas dimanam [...]*? Para essa atividade, utilizar a técnica do cochicho e o recurso do quadro / transparência.
- » Ouvir as respostas, tecendo breves comentários, fazendo observações relevantes.

Desenvolvimento

- » Comentar brevemente o assunto do item 1 dos *Subsídios* – Finalidades das comunicações mediúnicas – envolvendo os alunos, tanto quanto possível.
- » Solicitar aos participantes que leiam, silenciosamente, o item 2 dos *Subsídios* – Mecanismos das comunicações mediúnicas.

- » Após a leitura, dividi-los em três grupos e solicitar-lhes que expliquem, por escrito:
 - Grupo 1: o papel do perispírito nas comunicações mediúnicas;
 - Grupo 2: o papel da mente nas comunicações mediúnicas; – Grupo 3: sintonia mediúnica.
- » Proceder à apresentação dos trabalhos de tal forma que, após cada exposição, os dois outros grupos tenham oportunidade de contribuir com sugestões, observações e comentários pertinentes. Cabe ao monitor fazer os ajustes necessários.

Conclusão

- » Apresentar um cartaz com as principais ideias estudadas, retiradas dos itens 1 e 2 dos *Subsídios*.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- » os participantes responderem corretamente à pergunta proposta no início da aula, e explicarem, de modo satisfatório, os mecanismos das comunicações mediúnicas, constantes dos *Subsídios*.

Técnica(s): exposição; leitura; cochicho; trabalho em grupo.

Recurso(s): *Subsídios* deste roteiro; quadro / transparência; papel e lápis.

Subsídios

1. Finalidades das comunicações mediúnicas

O fim providencial das manifestações é convencer os incrédulos de que tudo para o homem não se acaba com a vida terrestre [plano físico], e dar aos crentes ideias mais justas sobre o futuro. Os bons Espíritos nos vêm instruir para nosso melhoramento e avanço e não para revelar-nos o que não devemos saber ainda, ou o que só deve ser conseguido pelo nosso trabalho.¹³ As manifestações não são, pois, destinadas a servir

aos interesses materiais; sua utilidade está nas conseqüências morais que delas dimanam; não tivessem elas, porém, como resultado senão fazer conhecer uma nova lei da natureza, demonstrar materialmente a existência da alma e sua imortalidade, e já isso seria muito [...].¹⁴

A possibilidade de nos pormos em comunicação com os Espíritos é uma dulcíssima consolação, pois que nos proporciona meio de conversarmos com os nossos parentes e amigos, que deixaram antes de nós a Terra. Pela evocação, aproximamo-los de nós, eles vêm colocar-se ao nosso lado, nos ouvem e respondem. Cessa assim, por bem dizer, toda separação entre eles e nós. Auxiliam-nos com seus conselhos, testemunham-nos o afeto que nos guardam e a alegria que experimentam por nos lembrarmos deles. Para nós, grande satisfação é sabê-los ditosos, informar-nos, por seu intermédio, dos pormenores da nova existência a que passaram e adquirir a certeza de que um dia nos iremos a eles juntar.⁴

As comunicação mediúnicas têm outra finalidade: [...] mostrar o estado futuro da alma, não mais em teoria, porém na realidade. Põem-nos diante de todas as peripécias da vida de Além-túmulo. Ao mesmo tempo, entretanto, no-las mostram como conseqüências perfeitamente lógicas da vida terrestre e, embora despojadas do aparato fantástico que a imaginação do homem criou, não são menos pessoais para os que fizeram mau uso de suas faculdades.⁵ Na verdade, o [...] que faz nascer na mente de muitas pessoas a dúvida sobre a possibilidade das comunicações de Além-Túmulo, é a ideia falsa que fazem do estado da alma depois da morte. Figuram ser ela um sopro, uma fumaça, uma coisa vaga, apenas apreensível ao pensamento, que se evapora e vai não se sabe para onde, mas para lugar tão distante que se custa compreender que ela possa tornar à Terra. Se, ao contrário, a considerarmos ainda unida a um corpo fluídico, semimaterial, formando com ele um ser concreto e individual, as suas relações com os viventes [encarnados] nada têm de incompatível com a razão.¹²

2. Mecanismos das comunicações mediúnicas

2.1 O papel exercido pelo perispírito

Sabemos que os Espíritos encarnados e desencarnados [...] têm um corpo fluídico, a que se dá o nome de perispírito. Sua substância é haurida do fluido universal ou cósmico, que o forma e alimenta [...]. O perispírito é mais ou menos etéreo, conforme os mundos e o

*grau de depuração do Espírito.*² Nas comunicações mediúnicas desempenha papel fundamental por ser o [...] *órgão de transmissão de todas as sensações. Relativamente às que vêm do exterior, pode-se dizer que o corpo recebe a impressão; o perispírito a transmite e o Espírito, que é o ser sensível e inteligente, a recebe. Quando o ato é de iniciativa do Espírito, pode dizer-se que o Espírito quer, o perispírito transmite e o corpo executa.*³ Durante a comunicação mediúnica o perispírito do médium capta os fluidos do Espírito comunicante que pode lhe provocar sensações, boas ou más, conforme o grau evolutivo do Espírito. Estas sensações e percepções variam, em tipos e graus, porque [...] *depende da organização [perispiritual] e da maior ou menor facilidade com que se pode operar a combinação dos fluidos. Influi também a maior ou menor simpatia do médium para com os Espíritos que encontram nele a força fluídica necessária.*⁶ *Atuando esses fluidos sobre o perispírito, este, a seu turno, reage sobre o organismo material com que se acha em contacto molecular. Se os eflúvios são de boa natureza, o corpo resente uma impressão salutar; se são maus, a impressão é penosa.*¹

2. 2 O papel exercido pela mente

O médium é um intérprete do pensamento e da vontade dos Espíritos que se comunicam por seu intermédio, assim [...] *como é preciso um fio elétrico para comunicar à grande distância uma notícia e, na extremidade do fio, uma pessoa inteligente, que a receba e transmita.*⁸ Usa, portanto a mente, para conhecer as intenções e as ideias do Espírito comunicante. *Examinando, pois, os valores anímicos como faculdades de comunicação entre os Espíritos, qualquer que seja o plano em que se encontrem, não podemos perder de vista o mundo mental do agente e do recipiente, porquanto, em qualquer posição mediúnica, a inteligência receptiva está sujeita às possibilidades e à coloração dos pensamentos em que vive, e a inteligência emissora jaz submetida aos limites e às interpretações dos pensamentos que é capaz de produzir.*¹⁶ Está, pois, a mente [...] *na base de todas as manifestações mediúnicas, quaisquer que sejam os característicos em que se expressem. [...] Procederam acertadamente aqueles que compararam nosso mundo mental a um espelho. Refletimos as imagens que nos cercam e arremessamos na direção dos outros as imagens que criamos. E, como não podemos fugir ao imperativo da atração, somente retrataremos a claridade e a beleza, se instalarmos a beleza e a claridade no espelho de nossa vida íntima.*¹⁷

Conjugando a ação do perispírito e a da mente podemos, então, perceber os fluidos ambientais, e os dos Espíritos que nos cercam, e entrar em sintonia com eles, captando-lhes as intenções, sentimentos, vontade e ideias. Este é o mecanismo básico das comunicações mediúnicas.

2.3 Sintonia mediúnica

A sintonia mediúnica se faz por meio da ligação da mente do Espírito comunicante à mente do médium. O Espírito André Luiz esclarece que durante a comunicação mediúnica forma-se um circuito mental que [...], *dessa maneira, expressa uma “vontade-apelo” e uma “vontade-resposta”, no trajeto de ida e volta, definindo o comando da entidade comunicante e a concordância do médium, fenômeno esse aplicável tanto à esfera dos Espíritos desencarnados, quanto à dos Espíritos encarnados, porquanto exprime conjugação natural ou provocada nos domínios da inteligência, totalizando os serviços de associação, assimilação, transformação e transmissão da energia mental. Para a realização dessas atividades, o emissor e receptor guardam consigo possibilidades particulares nos recursos do cérebro, em cuja intimidade se processam circuitos elementares do campo nervoso, atendendo a trabalhos espontâneos do Espírito, como sejam, ideação, seleção, autocrítica e expressão.*¹⁵ Importa considerar que durante o intercâmbio mediúnico, o médium está [...] *às vezes, num estado, mais ou menos acentuado, de crise [transe].*⁷ Dessa forma, a sintonia mediúnica é apenas uma das etapas do transe, obtida por meio da concentração e utilizando duas importantes ferramentas: o pensamento e a vontade.

2.4 Influência moral do médium

A influência moral do médium nas manifestações dos Espíritos – que será estudada com mais detalhes em outro momento –, é uma séria dificuldade encontrada na prática mediúnica. Os médiuns viciosos, que não se esforçam para combater as imperfeições, sobretudo o orgulho e a vaidade, são alvo do ataque de Espíritos imperfeitos, muito inescrupulosos, capazes de apropriar-se do nome de Entidades veneráveis.¹⁰

*Todas as imperfeições morais são outras tantas portas abertas ao acesso dos maus Espíritos. A que, porém, eles exploram com mais habilidade, é o orgulho [...].*¹¹

Referências

1. Kardec, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 52. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 14, item 18, p. 326-327.
2. _____. *Obras póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro. 39. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Primeira parte, cap. 1. item: O perispírito como princípio das manifestações, item 9, p. 49.
3. _____. Item 10, p. 49-50.
4. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 91. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007, questão 935, p. 486.
5. _____. Questão 973, p. 507.
6. _____. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 80. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 4, item 74, pergunta XIX, p. 98-99.
7. _____. Cap.19, item 223, pergunta 1, p. 278.
8. _____. Item 223, pergunta 6, p. 280.
9. _____. Cap. 20, item 226, pergunta 1, p. 294.
10. _____. Item 227, p. 299.
11. _____. Item 228, p. 299.
12. _____. *O que é o espiritismo*. 55. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. II (Noções Elementares de Espiritismo), item 23: Comunicação com o mundo invisível, p. 158.
13. _____. Item 50: Fim providencial das manifestações espíritas, p. 168-169.
14. _____. Item 53, p. 169-170.
15. Xavier, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Mecanismos da mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 6 (Circuito elétrico e circuito mediúnico), item: Conceito de circuito mediúnico, p. 59-60.
16. Xavier, Francisco Cândido. *Nos domínios da mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 34. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 1 (Estudando a mediunidade), p.16.
17. _____. p. 17-18.

O FENÔMENO DA INTERCOMUNICAÇÃO MEDIÚNICA

Roteiro 4

NATUREZA DAS COMUNICAÇÕES MEDIÚNICAS

Objetivo específico

- » Explicar a natureza das comunicações mediúnicas.

Conteúdo básico

- » As comunicações mediúnicas podem ser agrupadas, segundo a sua natureza, em grosseiras, frívolas, sérias e instrutivas. Allan Kardec: *O livro dos médiuns*. Cap. 10, itens 133 a 137.
- » *Comunicações grosseiras são as concebidas em termos que chocam o decoro [...] Allan Kardec: O livro dos médiuns. Cap. 10, item 134.*
- » *As comunicações frívolas emanam de Espíritos levianos, zombeteiros, ou brincalhões, antes maliciosos do que maus, e que nenhuma importância ligam ao que dizem. Allan Kardec: O livro dos médiuns. Cap. 10, item 135.*
- » *As comunicações sérias são ponderosas quanto ao assunto e elevadas quanto à forma. Toda comunicação que, isenta de frivolidade e de grosseria, objetiva um fim útil, ainda que de caráter particular, é, por esse simples fato, uma comunicação séria. Allan Kardec: O livro dos médiuns. Cap. 10, item 136.*

- » *Instrutivas são as comunicações sérias cujo principal objeto consiste num ensinamento qualquer, dado pelos Espíritos, sobre as ciências, a moral, a filosofia, etc. São mais ou menos profundas, conforme o grau de elevação e de desmaterialização do Espírito. [...] Allan Kardec: O livro dos médiuns. Cap. 10, item 137.*

Sugestões didáticas

Introdução

- » Realizar breve exposição sobre a natureza das comunicações mediúnicas, tendo como base o item 1 dos *Subsídios*.

Desenvolvimento

- » Em seguida, solicitar aos participantes que se organizem em 4 grupos e, respectivamente, façam leitura e resumo escrito dos itens 2 a 5 dos *Subsídios*.

Observação: colocar à disposição dos grupos lápis/caneta e papel.

- » Pedir-lhes que indiquem, então, um colega para relatar, em plenária, o resumo elaborado pelo grupo.
- » Ouvir os relatos, esclarecendo possíveis dúvidas.

Conclusão

- » Destacar, ao término da reunião, pontos significativos relacionados à natureza dos diferentes tipos de comunicação mediúnica estudados, enfatizando a diferença entre mensagem mediúnica séria e mensagem mediúnica instrutiva.

Avaliação:

O estudo será considerado satisfatório se:

- » Os participantes apresentarem, no resumo, o significado de comunicação mediúnica grosseira, frívola, séria e instrutiva.

Técnica(s): exposição; trabalho em grupo. **Recurso(s):** *Subsídios* deste roteiro, lápis e papel.

Subsídios

1. Natureza das comunicações mediúnicas

As comunicações que recebemos dos Espíritos podem ser boas ou más, justas ou falsas, profundas ou frívolas, consoante a natureza dos que se manifestam. Os que dão provas de sabedoria e erudição são Espíritos adiantados no caminho do progresso; os que se mostram ignorantes e maus são os ainda atrasados, mas que com o tempo hão de progredir. Os Espíritos só podem responder sobre aquilo que sabem, segundo o seu estado de adiantamento, e ainda dentro dos limites do que lhes é permitido dizer-nos, porque há coisas que eles não devem revelar, por não ser ainda dado ao homem tudo conhecer.¹⁰ Dessa forma, as manifestações mediúnicas dos desencarnados [...] hão de refletir a elevação, ou a baixaza de suas ideias, o saber e a ignorância deles, seus vícios e suas virtudes [...].¹ Da diversidade de qualidades e aptidões dos Espíritos, resulta que não basta dirigirmo-nos a um Espírito qualquer para obtermos uma resposta segura a qualquer questão; porque, acerca de muitas coisas, ele não nos pode dar mais que sua opinião pessoal, a qual pode ser justa ou errônea. Se ele é prudente, não deixará de confessar a sua ignorância sobre o que não conhece; se é frívolo ou mentiroso, responderá de qualquer forma, sem se importar com a verdade; se é orgulhoso, apresentará suas ideias como verdades absolutas.¹¹

Sendo assim, é sempre oportuno lembrar o conselho do apóstolo João: “Não creais em todos os Espíritos, mas examinai se eles são de Deus”. (I JOÃO, 4:1) *A experiência demonstra a sabedoria desse conselho. Há imprudência e leviandade em aceitar sem exame tudo o que vem dos Espíritos. É de necessidade que bem conheçamos o caráter daqueles que estão em relação conosco.¹¹ Reconhece-se a qualidade dos Espíritos por sua linguagem; a dos Espíritos verdadeiramente bons e superiores é sempre digna, nobre, lógica e isenta de contradições; nela se respira a sabedoria, a benevolência, a modéstia e a mais pura moral; ela é concisa e despida de redundâncias. Na dos Espíritos inferiores, ignorantes ou orgulhosos, o vácuo das ideias é quase sempre preenchido pela abundância de palavras. Todo pensamento evidentemente falso, toda*

*a máxima contrária à sã moral, todo conselho ridículo, toda expressão grosseira, trivial ou simplesmente frívola, enfim, toda manifestação de malevolência, de presunção ou arrogância, são sinais incontestáveis da inferioridade dos Espíritos.*¹²

*Em quatro categorias principais se podem grupar os matizes que [as comunicações dos Espíritos] apresentam. Segundo seus caracteres mais acentuados, elas se dividem em: grosseiras, frívolas, sérias e instrutivas.*¹

2. Comunicações mediúnicas grosseiras

*São [...] as concebidas em termos que chocam o decoro. Só podem provir de Espíritos de baixa estofa, ainda cobertos de todas as impurezas da matéria, e em nada diferem das que provenham de homens viciosos e grosseiros. Repugnam a quem quer que não seja inteiramente baldo de toda a delicadeza de sentimentos, pela razão de que, acordemente com o caráter dos Espíritos, elas serão triviais, ignóbeis, obscenas, insolentes, arrogantes, malévolas e mesmo ímpias.² Os Espíritos inferiores são, mais ou menos, ignorantes; seu horizonte moral é limitado, perspicácia restrita; eles não têm das coisas senão uma ideia muitas vezes falsa e incompleta, e, além disso, conservam-se ainda sob o império dos prejuízos terrestres, que eles tomam, às vezes, por verdades; por isso, são incapazes de resolver certas questões. E podem induzir-nos em erro, voluntária ou involuntariamente, sobre aquilo que nem eles mesmos compreendem.*¹³

*Pode estabelecer-se como regra invariável e sem exceção que [...] a linguagem dos Espíritos está sempre em relação com o grau de elevação a que já tenham chegado.⁷ Assim, a linguagem [...] dos Espíritos inferiores ou vulgares sempre algo refletem das paixões humanas. Toda expressão que denote baixeza, pretensão, arrogância, fanfarronice, acrimônia, é indício característico de inferioridade e de embuste, se o Espírito se apresenta com um nome respeitável e venerado.*⁸

3. Comunicações mediúnicas frívolas

As comunicações frívolas emanam de Espíritos levianos, zombeteiros, ou brincalhões, antes maliciosos do que maus, e que nenhuma importância ligam ao que dizem. Como nada de indecoroso encerram, essas comunicações agradam a certas pessoas, que com elas se divertem,

porque encontram prazer nas confabulações fúteis, em que muito se fala para nada dizer. Tais Espíritos saem-se às vezes com tiradas es-pirituosas e mordazes e, por entre facécias vulgares, dizem não raro duras verdades, que quase sempre ferem com justeza. Em torno de nós pululam os Espíritos levianos, que de todas as ocasiões aproveitam para se intrometerem nas comunicações. A verdade é o que menos os preocupa; daí o maligno encanto que acham em mistificar os que têm a fraqueza e mesmo a presunção de neles crer sob palavra. As pessoas que se comprazem nesse gênero de comunicações naturalmente dão acesso aos Espíritos levianos e falaciosos. Delas se afastam os Espíritos sérios, do mesmo modo que na sociedade humana os homens sérios evitam a companhia dos dodivanas.³ A frivolidade das reuniões [mediúnicas] dá como resultado atrair os Espíritos levianos que só procuram ocasião de enganar e mistificar.¹⁵

Em vão se alega a utilidade de certas experiências curiosas, frívo-las e divertidas, para convencer os incrédulos; é a um resultado contrário que se chega. O incrédulo, já propenso a escarnecer das mais sagradas crenças, não pode ver uma coisa séria naquilo de que se zomba, nem pode respeitar o que não lhe é apresentado de modo respeitável; por isso, retira-se sempre com má impressão das reuniões fúteis e levianas, onde não encontra ordem, gravidade e recolhimento. O que, sobretudo, pode convencê-lo, é a prova da presença de seres cuja memória lhe é cara [...]. Mas, pelo fato mesmo de ele ter respeito, veneração e amor à pessoa cuja alma se lhe apresenta, fica chocado e escandalizado ao vê-la mostrar-se em uma assembleia irreverente [...]. As reuniões dessa natureza fazem sempre mais mal que bem, porque afasta da Doutrina maior número de pessoas do que atraem; além de que, prestam-se à crítica dos detratores, que assim acham fundados motivos para zombarias.¹⁶

4. Comunicações mediúnicas sérias

As comunicações sérias são ponderosas quanto ao assunto e ele-vadas quanto à forma. Toda comunicação que, isenta de frivolidade e de grosseria, objetiva um fim útil, ainda que de caráter particular, é, por esse simples fato, uma comunicação séria. Nem todos os Espíritos sérios são igualmente esclarecidos; há muita coisa que eles ignoram e sobre que podem enganar-se de boa-fé. Por isso é que os Espíritos verdadeiramente superiores nos recomendam de contínuo que submetamos todas as comunicações ao crivo da razão e da mais rigorosa lógica.

No tocante a comunicações sérias, cumpre se distingam as verdadeiras das falsas, o que nem sempre é fácil, porquanto, exatamente à sombra da elevação da linguagem, é que certos Espíritos presunçosos, ou pseudossábios, procuram conseguir a prevalência das mais falsas ideias e dos mais absurdos sistemas. E, para melhor acreditados se fizerem e maior importância ostentarem, não escrupulizam de se adornarem com os mais respeitáveis nomes e até com os mais venerados. Esse um dos maiores escolhos da ciência, [espírita] prática [...].⁴

Os Espíritos superiores não vão às reuniões fúteis, como um sábio da Terra não vai a uma assembleia de rapazes levianos. O simples bom senso nos diz que isso não pode ser de outro modo; se acaso, porém, eles aí se mostram algumas vezes, é somente com o fim de dar um conselho salutar, combater vícios, reconduzir ao bom caminho os que dele se iam afastando; então, se não forem atendidos, retiram-se. Forma juízo completamente errôneo aquele que crê que Espíritos sérios se prestem a responder a futilidades, a questões ociosas em que se lhes manifestem pouca afeição, falta de respeito e nenhum desejo de se instruir; e ainda menos que eles venham dar-se em espetáculo para desfastio dos curiosos. Vivos [encarnados], eles não o fariam; mortos [desencarnados], também o não fazem.¹⁴

5. Comunicações mediúnicas instrutivas

Instrutivas são as comunicações sérias cujo principal objeto consiste num ensinamento qualquer, dado pelos Espíritos, sobre as ciências, a moral, a filosofia, etc. São mais ou menos profundas, conforme o grau de elevação e de desmaterialização do Espírito. Para se retirarem frutos reais dessas comunicações, preciso é que elas sejam regulares e continuadas com perseverança. Os Espíritos sérios se ligam aos que desejam instruir-se e lhes secundam os esforços, deixando aos Espíritos levianos a tarefa de divertirem os que em tais manifestações só veem passageira distração. Unicamente pela regularidade e frequência daquelas comunicações se pode apreciar o valor moral e intelectual dos Espíritos que as dão e a confiança que eles merecem. Se, para julgar os homens, se necessita de experiência, muito mais ainda é esta necessária, para se julgarem os Espíritos.⁵

O conceito espírita de reunião mediúnica está, necessariamente, associado ao de reunião instrutiva, conforme os seguintes esclarecimentos de Allan Kardec: *A primeira de todas é que sejam sérias, na*

integral aceção da palavra. Importa se persuadam todos que os Espíritos cujas manifestações se desejam são de natureza especialíssima; que, não podendo o sublime aliar-se ao trivial, nem o bem ao mal, quem quiser obter boas coisas precisa dirigir-se a bons Espíritos. Não basta, porém, que se evoquem bons Espíritos; é preciso, como condição expressa, que os assistentes estejam em condições propícias, para que eles assintam em vir. Ora, a assembleias de homens levianos e superficiais, Espíritos superiores não virão, como não viriam quando vivos [encarnados]. Uma reunião só é verdadeiramente séria, quando cogita de coisas úteis, com exclusão de todas as demais.⁹

Qualificando de instrutivas as comunicações, supomo-las verdadeiras, pois o que não for verdadeiro não pode ser instrutivo, ainda que dito na mais imponente linguagem. Nessa categoria, não podemos, conseqüentemente, incluir certos ensinamentos que de sério apenas têm a forma, muitas vezes empolada e enfática, com que os Espíritos que os ditam, mais presunçosos do que instruídos, contam iludir os que os recebem. Mas, não podendo suprir a substância que lhes falta, são incapazes de sustentar por muito tempo o papel que procuram desempenhar. A breve trecho, traem-se, pondo a nu a sua fraqueza, desde que alguma seqüência tenham os seus ditados, ou que eles sejam levados aos seus últimos redutos.⁶

Referências

1. Kardec, Allan. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 80. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 10, item 133, p. 188-189.
2. _____. Item 134, p.189.
3. _____. Item 135, p.189-190.
4. _____. Item 136, p.190.
5. _____. Item 137, p.190-191.
6. _____. p. 191.
7. _____. Cap. 24, item 263, p. 342-343.
8. _____. Item 267, no 4, p.345.
9. _____. Cap. 29, item 327, p. 443-444.
10. _____. *O que é o espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 2 (Noções elementares de Espiritismo). Item: Comunicação com o mundo invisível, nº 35, p. 180-181.
11. _____. no 36, p.181.
12. _____. no 37, p.181-182.

13. _____. no 38, p.182.
14. _____. no 43, p.183-184.
15. _____. no 44, p.184.
16. _____. no 46, p.184-185.

Mensagem

*Súplica de Natal

Senhor, tu que deixaste a rutilante esfera
Em que reina a beleza e em que fulgura a glória,
Acolhendo-te, humilde, à palha merencória
Do mundo estranho e hostil em que a sombra ainda impera!

Tu que por santo amor deixaste a primavera
Da luz que te consagra o poder e a vitória,
Enlaçando na Terra o inverno, a lama e a escória
Dos que gemem na dor implacável e austera...

Sustenta-me na volta à escura estrebaria
Da carne que me espera em noite rude e fria,
Para ensinar-me agora a senda do amor puro!...

E que eu possa em teu nome abraçar, renovada,
A redentora cruz de minha nova estrada,
Alcançando contigo a ascensão do futuro.

* Xavier, Francisco Cândido. *Antologia mediúnica de natal*. Mensagem do Espírito Carmem Cinira. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Item 10, p. 37.

O FENÔMENO DA INTERCOMUNICAÇÃO MEDIÚNICA

Roteiro 5

AS EVOCAÇÕES E AS COMUNICAÇÕES ESPONTÂNEAS DOS ESPÍRITOS

Objetivo específico

- » Analisar as vantagens e as desvantagens das evocações e das comunicações espontâneas.
- » Explicar como se dão atualmente as comunicações dos Espíritos nos grupos mediúnicos.

Conteúdo básico

- » *Os Espíritos podem comunicar-se espontaneamente, ou acudir ao nosso chamado, isto é, vir por evocação. [...] Cada uma destas duas maneiras de operar tem suas vantagens e nenhuma desvantagem haveria, senão na exclusão absoluta de uma delas. As comunicações espontâneas inconveniente nenhum apresentam, quando se está senhor dos Espíritos e certo de não deixar que os maus tomem a dianteira. Então, é quase sempre bom aguardar a boa vontade dos que se disponham a comunicar-se, porque nenhum constrangimento sofre o pensamento deles e dessa maneira se podem obter coisas admiráveis; entretanto, pode*

sucedem que o Espírito por quem se chama não esteja disposto a falar, ou não seja capaz de fazê-lo no sentido desejado. Allan Kardec: *O livro dos médiuns*. Cap. 25, item 269.

- » *O desejo natural de todo aspirante a médium é o de poder confabular com os Espíritos das pessoas que lhe são caras; deve, porém, moderar a sua impaciência, porquanto a comunicação com determinado Espírito apresenta muitas vezes dificuldades materiais que a tornam impossível ao principiante. Para que um Espírito possa comunicar-se, preciso é que haja entre ele e o médium relações fluídicas, que nem sempre se estabelecem instantaneamente. Só à medida que a faculdade se desenvolve, é que o médium adquire pouco a pouco a aptidão necessária para pôr-se em comunicação com o Espírito que se apresenta. Pode dar-se, pois, que aquele com quem o médium deseje comunicar-se, não esteja em condições propícias a fazê-lo, embora se ache presente, como também pode acontecer que não tenha possibilidade, nem permissão para acudir ao chamado que lhe é dirigido.* Allan Kardec: *O livro dos médiuns*. Cap. 27, item 203.

Sugestões didáticas

Introdução

- » Apresentar, no início da reunião, os objetivos da aula, realizando breves comentários a respeito.
- » Pedir aos participantes que, individual e silenciosamente, leiam os *Subsídios* deste roteiro, destacando os pontos que considerem especificamente relacionados aos objetivos citados.

Desenvolvimento

- » Concluída a leitura, solicitar a formação de dois grupos, entregando-lhes um envelope contendo um dos itens dos *Subsídios*, dividido em partes, previamente misturadas. Esclarecer-lhes que o trabalho em grupo deve ser realizado assim:
 - 1) os participantes de cada grupo devem montar numa cartolina, de forma lógica e sequencial, o texto recebido;

- 2) indicar um relator para apresentar a montagem do texto, em plenária;
- 3) apresentar as conclusões do trabalho em grupo.

Conclusão

- » Promover, em conjunto com a turma, um amplo debate sobre as vantagens e as desvantagens das evocações dos Espíritos, realizadas à época de Kardec.
- » Interpretar o esclarecimento que Emmanuel dá sobre a importância das manifestações mediúnicas espontâneas nos nossos grupos mediúnicos (veja referência bibliográfica 5).

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- » os participantes realizarem corretamente o trabalho proposto e, por consenso, entenderem que é melhor a manifestação espontânea dos Espíritos nas reuniões mediúnicas atuais.

Técnica(s): leitura individual; trabalho em grupo; minidebate.

Recurso(s): *Subsídios*, envelope com textos divididos em partes, cartolina e cola.

Subsídios

1. Evocações e comunicações espontâneas dos Espíritos

Os Espíritos podem comunicar-se espontaneamente, ou acudir ao nosso chamado, isto é, vir por evocação. Pensam algumas pessoas que todos devem abster-se de evocar tal ou tal Espírito e ser preferível que se espere aquele que queira comunicar-se. Fundam-se em que, chamando determinado Espírito, não podemos ter a certeza de ser ele quem se apresenta, ao passo que aquele que vem espontaneamente, de seu moto próprio, melhor prova a sua identidade, pois que manifesta assim o desejo que tem de se entreter conosco. Em nossa opinião isso é

um erro: primeiramente, porque há sempre em torno de nós Espíritos, as mais das vezes de condição inferior, que outra coisa não querem senão comunicarse; em segundo lugar e mesmo por esta última razão, não chamar a nenhum em particular é abrir a porta a todos os que queiram entrar. Numa assembleia, não dar a palavra a ninguém é deixá-la livre a toda gente e sabe-se o que daí resulta. A chamada direta de determinado Espírito constitui um laço entre ele e nós; chamamo-lo pelo nosso desejo e opomos assim uma espécie de barreira aos intrusos. Sem uma chamada direta, um Espírito nenhum motivo terá muitas vezes para vir confabular conosco, a menos que seja o nosso Espírito familiar. ²

Cada uma destas duas maneiras de operar tem suas vantagens e nenhuma desvantagem haveria, senão na exclusão absoluta de uma delas. As comunicações espontâneas inconveniente nenhum apresentam, quando se está senhor dos Espíritos e certo de não deixar que os maus tomem a dianteira. Então, é quase sempre bom aguardar a boa vontade dos que se disponham a comunicar-se, porque nenhum constrangimento sofre o pensamento deles e dessa maneira se podem obter coisas admiráveis; entretanto, pode suceder que o Espírito por quem se chama não esteja disposto a falar, ou não seja capaz de fazê-lo no sentido desejado. ³

Sabemos que o [...] desejo natural de todo aspirante a médium é o de poder confabular com os Espíritos das pessoas que lhe são caras; deve, porém, moderar a sua impaciência, porquanto a comunicação com determinado Espírito apresenta muitas vezes dificuldades materiais que a tornam impossível ao principiante. Para que um Espírito possa comunicar-se, preciso é que haja entre ele e o médium relações fluídicas, que nem sempre se estabelecem instantaneamente. Só à medida que a faculdade se desenvolve, é que o médium adquire pouco a pouco a aptidão necessária para pôr-se em comunicação com o Espírito que se apresente. Pode dar-se, pois, que aquele com quem o médium deseja comunicar-se, não esteja em condições propícias a fazê-lo, embora se ache presente, como também pode acontecer que não tenha possibilidade, nem permissão para acudir ao chamado que lhe é dirigido. Convém, por isso, que no começo ninguém se obstine em chamar determinado Espírito, com exclusão de qualquer outro, pois amiúde sucede não ser com esse que as relações fluídicas se estabelecem mais facilmente, por maior que seja a simpatia que lhe vote o encarnado. Antes, pois, de pensar em obter comunicações de tal ou tal Espírito, importa que o aspirante leve a efeito o desenvolvimento da sua faculdade, para o que deve fazer um apelo geral e dirigir-se principalmente ao seu anjo guardião. ¹

2. Manifestações dos Espíritos nos grupos mediúnicos

Nas reuniões mediúnicas, usuais nas casas espíritas, os Espíritos se manifestam de forma espontânea, segundo planejamento estipulado pela direção espiritual do grupo mediúnico. No entanto, é comum evocar a assistência dos benfeitores espirituais, os quais revelam a sua presença por meio de mensagens consoladoras e esclarecedoras. Deixar a manifestação dos Espíritos comunicantes a critério da direção espiritual indica comportamento prudente, evitando a ocorrência de alguns inconvenientes, tais como: o Espírito não pode ou não deve se manifestar; estimular, direta ou indiretamente, a provocação de fenômeno mediúnico, sem maior finalidade.

Emmanuel nos esclarece, a propósito, que nas [...] reuniões doutrinárias [mediúnicas], *acima de todas as expressões fenomênicas, devem prevalecer a sinceridade e a aplicação individuais, no estudo das leis morais que regem o intercâmbio entre o planeta e as esferas do invisível. De modo algum se deverá provocar as manifestações mediúnicas, cuja legitimidade reside nas suas características de espontaneidade, mesmo porque o programa espiritual das sessões está com os mentores que as orientam do plano invisível, exigindo-se de cada estudioso a mais elevada porcentagem de esforço próprio na aquisição de conhecimento, porquanto o plano espiritual distribuirá sempre, de acordo com as necessidades e os méritos de cada um. Forçar o fenômeno mediúnico é tisonar uma fonte de água pura com a vasa das paixões egoísticas da Terra, ou com as suas injustificáveis inquietações.*⁴

Este benfeitor não aconselha a evocação direta e pessoal de Espíritos nas reuniões mediúnicas, em caso algum.⁵ Justifica esta assertiva, explicando assim: *Se essa evocação é passível de êxito, sua exequibilidade somente pode ser examinada no plano espiritual. Daí a necessidade de sermos espontâneos, porquanto, no complexo dos fenômenos espíritos, a solução de muitas incógnitas espera o avanço moral dos aprendizes sinceros da Doutrina. O estudioso bem-intencionado, portanto, deve pedir sem exigir, orar sem reclamar, observar sem pressa, considerando que a esfera espiritual lhe conhece os méritos e retribuirá os seus esforços de acordo com a necessidade de sua posição evolutiva e segundo o merecimento do seu coração. Podereis objetar que Allan Kardec se interessou pela evocação direta, procedendo a realizações dessa natureza, mas precisamos ponderar, no seu esforço, a tarefa excepcional do Codificador, aliada a necessidades e méritos ainda distantes da esfera de atividade dos aprendizes comuns.*⁵

Referências

1. Kardec, Allan. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 80. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 17, item 203, p. 256-257.
2. _____. Cap. 25, item 269, p. 360-361.
3. _____. p. 361.
4. Xavier, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007, questão 368, p. 206-207.
5. _____. Questão 369, p. 207.

Mensagem

*Oração diante da injúria

Foste, ó Cristo, no mundo, o Servidor Sublime,
Perdão e caridade, ungiendo a natureza,
Fizeste da bondade a eterna luz acesa,
Qual estrela em que o Céu se condensa e se exprime;

Ao teu halo de amor, a Terra se redime,
E, entendimento alçado à Divina Grandeza,
Recuperas o fraco, extinguindo a fraqueza,
Salvas o criminoso e consumes o crime!...

Ante as farpas do mal, dá-nos paz e brandura,
Liberta-nos do ódio a alma pobre e insegura,
Rompe-nos os grilhões das heranças medievais...

E faze-nos sentir ao peito humilde e pasmo
Que mais vale gemer sob a cruz do sarcasmo
Que vencer e sorrir sob o aplauso das trevas!...

* Xavier, Francisco Cândido. *Poetas redivivos*. Mensagem do Espírito Lobo da Costa. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Item 38, p. 64.

PROGRAMA COMPLEMENTAR | MÓDULO IV

DOS MÉDIUNS

OBJETIVO GERAL

Favorecer o conhecimento das características do médium e da sua influência nas comunicações espíritas

DOS MÉDIUNS

Roteiro 1

CLASSIFICAÇÃO E CARACTERÍSTICAS DOS MÉDIUNS

Objetivo específico

- » Classificar os médiuns segundo a Codificação Espírita, dando as suas principais características

Conteúdo básico

- » *Podem dividir-se os médiuns em duas grandes categorias: Médiuns de efeitos físicos, os que têm o poder de provocar efeitos materiais, ou manifestações ostensivas. Médiuns de efeitos intelectuais, os que são mais aptos a receber e a transmitir comunicações inteligentes. Allan Kardec: O livro dos médiuns. Cap. 16, item 187.*
- » *As principais variedades de médiuns para os efeitos físicos são: médiuns típtólogos: produzem ruídos e pancadas; médiuns motores: produzem movimentos de corpos inertes; médiuns de translações e de suspensões: provocam a translação e a suspensão de corpos no espaço, sem ponto de apoio; médiuns de efeitos musicais: provocam execução de composições em instrumentos musicais, sem contato com estes; médiuns de aparições: os que podem provocar aparições tangíveis de Espíritos, visíveis aos circunstantes; médiuns de transporte: auxiliam os Espíritos*

no transporte de objetos; *médiuns curadores*: são os que têm o poder de curar ou aliviar doenças físicas. Allan Kardec: *O livro dos médiuns*. Cap. 16, item 189.

- » *As principais variedades de médiuns para os efeitos intelectuais são: médiuns audientes*: os que ouvem o que os Espíritos falam; *médiuns falantes* (ou psicofônicos): transmitem mensagens dos Espíritos pela voz; *médiuns videntes*: os que, em estado de vigília, veem os Espíritos; *médiuns inspirados*: recebem ideias ou sugestões relacionadas às ações da vida cotidiana ou aos grandes trabalhos da inteligência; *médiuns de pressentimentos*: os que têm intuição de acontecimentos futuros; *médiuns sonâmbulos*: os que, em estado de sonambulismo, são assistidos por Espíritos; *médiuns pintores ou desenhistas*: os que pintam ou desenhavam por influência dos Espíritos; *médiuns músicos*: os que compõem músicas ou executam instrumentos musicais sob ação dos Espíritos. Allan Kardec: *O livro dos médiuns*. Cap. 16, item 190.
- » Dentre os médiuns de efeitos intelectuais Kardec destaca, pela sua importância à época da elaboração da Codificação Espírita, os *escreventes ou psicógrafos*, classificando-os, entre outras variedades, em *médiuns mecânicos, semimecânicos e intuitivos*. Allan Kardec: *O livro dos médiuns*. Segunda Parte. Cap. 16, item 191.

Sugestões didáticas

Introdução

- » Fazer breve exposição sobre a classificação dos médiuns – segundo o conteúdo de *O livro dos médiuns* — e as principais características dos diferentes tipos, examinados por Kardec.

Desenvolvimento

- » Pedir aos participantes, em seguida, que leiam os *Subsídios* deste roteiro, destacando os pontos considerados relevantes.
- » Enquanto os participantes realizam a leitura recomendada, afixar no mural da sala de aula dois cartazes intitulados, respectivamente: a) *Médiuns de efeitos físicos*; b) *Médiuns de efeitos intelectuais*.

- » Concluídas a afixação dos cartazes e a leitura, entregar, aleatoriamente, a cada participante, uma tira de cartolina contendo as características dos diferentes tipos de médiuns.
- » Pedir à turma que colem a tira de cartolina recebida em um dos cartazes afixados no mural.
- » Após verificar se a montagem do mural está correta, solicitar a cada participante que faça breves comentários a respeito do tipo de médium que lhe coube examinar.

Conclusão

- » Após os comentários, fazer considerações sobre o trabalho realizado, destacando os pontos relevantes.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório, se:

- » os participantes fizerem a montagem do mural de forma correta, e tecerem comentários pertinentes sobre os tipos de médiuns e suas características.

Técnica(s): exposição; leitura; montagem de mural.

Recurso(s): *Subsídios* deste roteiro; tiras de cartolina com frases sobre as características dos diferentes tipos de médiuns.

Subsídios

Consoante o ensino de Allan Kardec, os [...] *médiuns apresentam numerosíssimas variedades nas suas aptidões, o que os torna mais ou menos próprios para obtenção de tal ou tal fenômeno, de tal ou tal gênero de comunicação.*¹⁵ *Podem dividir-se os médiuns em duas grandes categorias: Médiuns de efeitos físicos, os que têm o poder de provocar efeitos materiais, ou manifestações ostensivas. Médiuns de efeitos intelectuais, os que são mais aptos a receber e a transmitir comunicações inteligentes. [...] Se analisarmos os diferentes fenômenos produzidos sob a influência mediúnica, veremos que, em todos, há um efeito físico e que aos efeitos físicos se alia quase sempre um efeito inteligente. Difícil*

é muitas vezes determinar o limite entre os dois, mas isso nenhuma consequência apresenta. Sob a denominação de médiuns de efeitos intelectuais abrangemos os que podem, mais particularmente, servir de intermediários para as comunicações regulares e fluentes.²

1. Médiuns de efeitos físicos

São os seguintes os principais *médiuns de efeitos físicos*, de acordo com a classificação adotada por Kardec.³

Médiuns típtólogos: *aqueles pela influência dos quais se produzem os ruídos, as pancadas. Variedade muito comum, com ou sem intervenção da vontade.*

Médiuns motores: *os que produzem o movimento dos corpos inertes. [...]*

Médiuns de translações e de suspensões: *os que produzem a translação aérea e a suspensão dos corpos inertes no espaço, sem ponto de apoio. Entre eles há os que podem elevar-se a si mesmos. [...]*

Médiuns de efeitos musicais: *provocam a execução de composições, em certos instrumentos de música, sem contato com estes. [...]*

Médiuns de aparições: *[o mesmo que médiuns de materializações] os que podem provocar aparições fluídicas ou tangíveis, visíveis para os assistentes. [...]*

Médiuns de transporte: *os que podem servir de auxiliares aos Espíritos para o transporte de objetos materiais. Variedade dos médiuns motores e de translações. [...]*

Médiuns pneumatógrafos: *os que obtêm a escrita direta.³ Conforme seja maior ou menor o poder do médium, obtêm-se simples traços, sinais, letras, palavras, frases e mesmo páginas inteiras. Basta de ordinário colocar uma folha de papel dobrada num lugar qualquer, ou indicado pelos Espíritos, durante dez minutos, ou um quarto de hora, às vezes mais.¹*

Médiuns curadores: *Consiste a mediunidade desta espécie na faculdade que certas pessoas possuem de curar pelo simples contato, pela imposição das mãos, pelo olhar, por um gesto, mesmo sem o concurso de qualquer medicamento. Semelhante faculdade incontestavelmente tem o seu princípio na força magnética; difere desta, entretanto, pela energia e*

*instantaneidade da ação, ao passo que as curas magnéticas exigem um tratamento metódico, mais ou menos longo. Todos os magnetizadores são mais ou menos aptos a curar, se sabem proceder convenientemente; dispõem da ciência que adquiriram. Nos médiuns curadores, a faculdade é espontânea e alguns a possuem sem nunca ter ouvido falar em magnetismo.*¹⁴

2. Médiuns de efeitos intelectuais

A classificação adotada por Kardec para os médiuns de efeitos intelectuais é a seguinte:

Médiuns audientes: *Esses ouvem os Espíritos; é, algumas vezes, como se escutassem uma voz interna que lhes ressoasse no foro íntimo; doutras vezes é uma voz exterior, clara e distinta, qual a de uma pessoa viva [encarnada]. Os médiuns audientes também podem conversar com os Espíritos. Quando se habituam a comunicar-se com certos Espíritos, eles os reconhecem imediatamente pelo som da voz.*⁶

Médiuns falantes: [o mesmo que psicofônicos] *Os médiuns audientes, que nada mais fazem do que transmitir o que ouvem, não são propriamente médiuns falantes, os quais, as mais das vezes, nada ouvem. Com eles, o Espírito atua sobre os órgãos da palavra, como atua sobre a mão dos médiuns escreventes. [...] Em geral, o médium falante se exprime sem ter consciência do que diz e diz amiúde coisas inteiramente fora do âmbito de suas ideias habituais, de seus conhecimentos e, até, fora do alcance da sua inteligência. Não é raro verem-se pessoas iletradas e de inteligência vulgar expressar-se, em tais momentos, com verdadeira eloquência e tratar, com incontestável superioridade, de questões sobre as quais seriam incapazes de emitir, no estado ordinário, uma opinião. Se bem esteja perfeitamente acordado quando exerce a sua faculdade, raro é que o médium falante guarde lembrança do que disse. Nem sempre, porém, é integral a sua passividade. Alguns há que têm intuição do que dizem, no próprio instante em que proferem as palavras.*⁷

Médiuns videntes: *Dá-se esta qualificação às pessoas que, em estado normal e perfeitamente despertas, gozam da faculdade de ver os Espíritos. A possibilidade de vê-los em sonho resulta, sem contestação, de uma espécie de mediunidade, mas não são médiuns videntes, propriamente ditos.* [...] ⁸

Médiuns sonambúlicos: *Pode-se considerar o sonambulismo como uma variedade da faculdade mediúnica, ou, antes, são duas*

ordens de fenômenos que frequentemente se encontram ligados. O sonâmbulo age sob a influência do seu próprio Espírito; sua própria alma é que, em momentos de emancipação, vê, ouve e percebe além dos limites dos sentidos. O que ele exprime haure-o de si mesmo; suas ideias são, em geral, mais justas do que no seu estado normal, mais extensos os seus conhecimentos, porque livre se lhe acha a alma. Em suma, ele vive antecipadamente a vida dos Espíritos. O médium, ao contrário, é instrumento de uma inteligência estranha; é passivo e o que diz não vem do seu próprio eu. Em resumo: o sonâmbulo externa seus próprios pensamentos e o médium exprime os de outrem.⁹

Médiuns inspirados: *Nestes médiuns, muito menos aparentes são do que nos outros os sinais exteriores da mediunidade; é toda intelectual e moral a ação que os Espíritos exercem sobre eles e se revela nas menores circunstâncias da vida, como nas maiores concepções. Sobretudo debaixo desse aspecto é que se pode dizer que todos são médiuns, porquanto ninguém há que não tenha Espíritos protetores e familiares a empregar todos os esforços por lhe sugerir salutares ideias. No inspirado, difícil muitas vezes se torna distinguir as ideias que lhe são próprias do que lhe é sugerido. A espontaneidade é principalmente o que caracteriza esta última. Nos grandes trabalhos da inteligência é onde mais se evidencia a inspiração. Os homens de gênio, de todas as categorias, artistas, sábios, literatos, oradores, são sem dúvida Espíritos adiantados, capazes, por si mesmos, de compreender e conhecer grandes coisas; ora, precisamente porque são considerados capazes, é que os Espíritos que visam à execução de certos trabalhos lhes sugerem as ideias necessárias, de sorte que na maioria dos casos eles são médiuns sem o saberem. Têm, contudo, vaga intuição de uma assistência estranha, porquanto aquele que apela para a inspiração nada mais faz do que uma evocação. [...]¹⁰*

Médiuns de pressentimentos: *Pessoas há que, em dadas circunstâncias, têm uma imprecisa intuição das coisas futuras. Essa intuição pode provir de uma espécie de dupla vista, que faculta se entrevejam as consequências das coisas presentes; mas, doutras vezes, resulta de comunicações ocultas, que fazem de tais pessoas uma variedade dos médiuns inspirados.¹¹*

Médiuns proféticos: *É igualmente uma variedade dos médiuns inspirados. Recebem, com a permissão de Deus e com mais precisão do que os médiuns de pressentimentos, a revelação das coisas futuras, de interesse geral, que eles recebem o encargo de tornar conhecidas aos homens, para lhes servir de ensinamento. De certo modo, o pressentimento*

é dado à maioria dos homens, para uso pessoal deles; o dom da profecia, ao contrário, é excepcional e implica a ideia de uma missão na Terra.¹²

***Médiuns extáticos:** os que, em estado de êxtase, recebem revelações da parte dos Espíritos. [...]*

***Médiuns pintores** [o mesmo que **pictógrafos**] ou **desenhistas:** os que pintam ou desenham sob a influência dos Espíritos. Falamos dos que obtêm trabalhos sérios, visto não se poder dar esse nome a certos médiuns que Espíritos zombeteiros levam a fazer coisas grotescas, que desabonariam o mais atrasado estudante. [...]*

***Médiuns músicos:** os que executam, compõem, ou escrevem músicas, sob a influência dos Espíritos. Há médiuns músicos, mecânicos, semimecânicos, intuitivos e inspirados, como os há para as comunicações literárias.⁴*

Dentre os médiuns de efeitos intelectuais, Kardec destaca, pela sua importância à época da elaboração da Codificação Espírita, os *escreventes* ou *psicógrafos*, classificando-os segundo o modo de execução, segundo o desenvolvimento da faculdade, segundo o gênero e a particularidade das comunicações, segundo as qualidades físicas do médium, e segundo as qualidades morais do médium, conforme se encontra nos itens 191 a 195 do cap. 16 da segunda parte de *O livro dos médiuns*. Veremos aqui as principais características dos médiuns psicógrafos, considerando-se tão somente o modo de execução da sua faculdade, por apresentarem essas características os traços mais relevantes para a sua identificação.

A denominação de *médium psicógrafo* [...] é dada a pessoas que escrevem sob a influência dos Espíritos. Assim como um Espírito pode atuar sobre os órgãos vocais de um médium falante e fazê-lo pronunciar palavras, também pode servir-se da sua mão para fazê-lo escrever. A mediunidade psicográfica apresenta três variedades bem distintas: os médiuns mecânicos, os intuitivos e os semimecânicos. Com o **médium mecânico**, o Espírito lhe atua diretamente sobre a mão, impulsionando-a. O que caracteriza este gênero de mediunidade é a inconsciência absoluta, por parte do médium, do que sua mão escreve. O movimento desta independe da vontade do escrevente; movimenta-se sem interrupção, a despeito do médium, enquanto o Espírito tem alguma coisa a dizer, e para desde que este último haja concluído. Com o médium intuitivo, à transmissão do pensamento serve de intermediário o Espírito do médium. O outro Espírito, nesse caso, não atua sobre a mão para

movê-la, atua sobre a alma, identificando-se com ela e imprimindo-lhe sua vontade e suas ideias.

A alma recebe o pensamento do Espírito comunicante e o transcreve. Nesta situação, o médium escreve voluntariamente e tem consciência do que escreve, embora não grafe seus próprios pensamentos. Torna-se frequentemente difícil distinguir o pensamento do médium do que lhe é sugerido, o que leva muitos médiuns deste gênero a duvidar da sua faculdade. Podem reconhecer-se os pensamentos sugeridos pelo fato de não serem nunca preconcebidos; eles surgem à proporção que o médium vai escrevendo e não raro são opostos à ideia que este previamente concebera. Podem mesmo estar fora dos conhecimentos e da capacidade do médium. Há grande analogia entre a mediunidade intuitiva e a inspiração; a diferença consiste em que a primeira se restringe quase sempre a questões de atualidade e pode aplicar-se ao que esteja fora das capacidades intelectuais do médium; por intuição pode este último tratar de um assunto que lhe seja completamente estranho. A inspiração se estende por um campo mais vasto e geralmente vem em auxílio das capacidades e preocupações do Espírito encarnado. Os traços da mediunidade são, de regra, menos evidentes.

O médium semimecânico, ou semi-intuitivo participa dos outros dois gêneros. No médium puramente mecânico, o movimento da mão independe da sua vontade; no médium intuitivo, o movimento é voluntário e facultativo. O médium semimecânico sente na mão uma impulsão dada mau grado seu, mas ao mesmo tempo tem consciência do que escreve, à medida que as palavras se formam. Com o primeiro, o pensamento vem depois do ato de escrever; com o segundo, precede-o; com o terceiro, acompanha-o.¹³

Finalmente, Kardec inclui, ainda, entre médiuns psicógrafos, os seguintes:

Médiuns polígrafos: aqueles cuja escrita muda com o Espírito que se comunica, ou aptos a reproduzir a escrita que o Espírito tinha em vida.⁵

Médiuns políglotas: [o mesmo que médiuns de xenoglossia] os que têm a faculdade de [...] escrever [podem tais médiuns também falar], em línguas que lhes são desconhecidas. [...] Médiuns iletrados: os que escrevem, como médiuns, sem saberem ler, nem escrever, no estado ordinário.⁵

Referências

1. Kardec, Allan. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 80. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Segunda parte. Cap. 14, item 177, p. 228.
2. _____. Cap. 16, item 187, p. 238.
3. _____. Item 189, p. 239-240.
4. _____. Item 190, p. 241-242.
5. _____. Item 191, p. 243-244.
6. Kardec, Allan: *Obras póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro. 39. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Primeira parte. Cap. 6 (Dos médiuns), item 43, p. 66.
7. _____. Item 44, p. 66-67.
8. _____. Item 45, p. 67-68.
9. _____. Item 46, p. 68.
10. _____. Item 47, p. 68-69.
11. _____. Item 48, p. 69.
12. _____. Item 49, p. 69-70.
13. _____. Item 50, p. 70-71.
14. _____. Item 52, p. 72-73.
15. _____. *O que é o espiritismo*. 55. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 2 (Noções elementares de Espiritismo), item 54 (Dos médiuns), p. 188.

DOS MÉDIUNS

Roteiro 2

MEDIUNIDADE NAS CRIANÇAS

Objetivo específico

- » Reconhecer a inconveniência de se estimular o exercício da mediunidade nas crianças.
- » Indicar os procedimentos adequados ao atendimento das crianças portadoras de mediunidade.

Conteúdo básico

- » *Haverá inconveniente em desenvolver-se a mediunidade nas crianças? Certamente e sustento mesmo que é perigoso, pois esses organismo débeis e delicados sofreriam por essa forma grandes abalos, e as respectivas imaginações excessiva sobre-excitação. Assim, os pais prudentes devem afastá-las dessas ideias, ou, quando nada, não lhes falar do assunto, se não do ponto de vista das consequências morais. Allan Kardec: O livro dos médiuns. Cap. 18, item 221, 6ª pergunta.*
- » *Quando uma criança a faculdade se mostra espontânea, é que está na sua natureza e que a sua constituição se presta a isso. O mesmo não acontece, quando é provocada e sobre-excitada. Allan Kardec: O livro dos médiuns. Cap. 18, item 221, 7ª pergunta.*
- » *Em que idade se pode ocupar, sem inconvenientes, de mediunidade? Não há idade precisa, tudo dependendo inteiramente do desenvolvimento*

físico e, ainda mais, do desenvolvimento moral. Allan Kardec: *O livro dos médiuns*. Cap. 18, item 221, 8ª pergunta.

- » *A prática do Espiritismo [...] demanda muito tato, para a inutilização das tramas dos Espíritos enganadores. Se estes iludem a homens feitos, claro é que a infância e a juventude mais expostas se acham a ser vítimas deles. Sabe-se, além disso, que o recolhimento é uma condição sem a qual não se pode lidar com Espíritos sérios. As evocações feitas estouvadamente e por gracejo constituem verdadeira profanação, que facilita o acesso aos Espíritos zombeteiros, ou mal-fazejos. Ora, não se podendo esperar de uma criança a gravidade necessária a semelhante ato, muito de temer é que ela faça disso um brinquedo, se ficar entregue a si mesma.* Allan Kardec: *O livro dos médiuns*. Cap. 18, item 222.
- » São inúmeros os recursos de amparo às crianças portadoras de mediunidade: preces em favor dos Espíritos que delas tentam acercar-se; passes; frequência às aulas de evangelização; a oração, em conjunto, no lar, acompanhada de estudo do Evangelho.

Sugestões didáticas

Introdução

- » Comunicar aos participantes o tema e os objetivos da aula, chamando-lhes a atenção para a seriedade do assunto, já que aborda dois aspectos de capital importância para a família, casas espíritas e sociedade em geral: mediunidade na infância.
- » Por meio da técnica *tempestade cerebral*, fazer a seguinte pergunta, escrevendo-a no quadro, ou apresentando-a em cartaz: *Por que se pode dizer que é sério o assunto que envolve criança e mediunidade?*
- » Ouvir as respostas, registrando-as, de preferência, no quadro.
- » Destacar, com a participação da turma, as respostas mais significativas, fazendo breves comentários.

Desenvolvimento

- » Solicitar aos alunos que leiam silenciosamente os *Subsídios* deste roteiro.
- » Terminada a leitura, dividir a turma em cinco grupos, pedindo-lhes que escolham um coordenador e um relator.
- » A seguir, propor às equipes a realização das seguintes atividades, tendo em vista os conteúdos de estudo, abaixo indicados para cada grupo:
 - » Destacar e comentar os aspectos mais significativos do conteúdo de estudo que coube ao grupo;
 - » Selecionar de dois a três desses aspectos e registrá-los em folha de cartolina/ papel pardo, para posterior apresentação em plenária;
 - » Colocar, no alto da folha, o título do item (ou subitem) estudado pelo grupo.
 - Grupo I: parágrafos introdutórios dos subsídios e item 1 (Inconveniência e perigo no estímulo ao exercício da mediunidade nas crianças);
 - Grupo II: item 2 (Mediunidade espontânea nas crianças);
 - Grupo III: subitem 2.1 (A criança e os Espíritos protetores);
 - Grupo IV: subitem 2.2 (A criança e os problemas mediúnicos);
 - Grupo V: subitem 2.3 (Recursos de amparo às crianças portadoras de mediunidade).
- » Pedir aos coordenadores que afixem na parede os resultados dos trabalhos, dispondo-os em ordem, formando um mural.
- » Proceder à apresentação dos grupos, fazendo observações e comentários esclarecedores.

Conclusão

- » Fazer a integração do assunto, acompanhando, sequenciadamente, todos os passos mostrados no mural, estabelecendo relação com os objetivos da aula.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- » os participantes destacarem, comentarem e selecionarem os aspectos mais significativos do conteúdo examinado.

Técnica(s): tempestade cerebral; trabalho em pequenos grupos; mural sequenciado.

Recurso(s): *Subsídios* deste roteiro; quadro/ cartaz; folhas de cartolina/ papel pardo; canetas hidrográficas.

Subsídios

Ao tratar, em *O livro dos médiuns*, dos “inconvenientes e perigos da mediunidade”, Kardec indaga ao Espírito que o assistia naquela ocasião: *Haverá inconveniente em desenvolver-se a mediunidade nas crianças?*² Em resposta, o Espírito diz, de modo incisivo: *Certamente e sustento mesmo que é muito perigoso, pois que esses organismos débeis e delicados sofreriam por essa forma grandes abalos, e as respectivas imaginações, excessiva sobre-excitação. Assim, os pais prudentes devem afastá-las dessas ideias, ou, quando nada, não lhes falar do assunto, senão do ponto de vista das consequências morais.*² Mais adiante o Codificador insiste: *Há, no entanto, crianças que são médiuns naturalmente, quer de efeitos físicos, quer de escrita e de visões. Apresenta isto o mesmo inconveniente? Não; [responde o Espírito], quando numa criança a faculdade se mostra espontânea, é que está na sua natureza e que a sua constituição se presta a isso. O mesmo não acontece, quando é provocada e sobre-excitada.*³

Posto isso, dois aspectos ficam evidentes, no que diz respeito à mediunidade nas crianças, vista sob a ótica da Doutrina Espírita: a inconveniência de se estimular o exercício da mediunidade na fase infantil e a manifestação espontânea dessa faculdade nos pequeninos.

1. Inconveniência e perigo no estímulo ao exercício da mediunidade nas crianças

Com efeito, se o exercício da mediunidade requer do próprio adulto disciplina, sintonia com os Espíritos superiores, meditação constante, estudo sério e continuado, como exigir que a criança – incapaz ainda de tantos rigores – a exercite de modo adequado? Educar a mediunidade tem o sentido de colocar-se na dependência magnética,

mental e moral de Espíritos dos mais variados níveis evolutivos. Desse modo, sendo a criança inexperiente e possuindo um organismo frágil, fica necessariamente exposta aos efeitos de uma *aproximação obsidiante*.⁹ Em relação a este assunto, Kardec diz o seguinte: *A prática do Espiritismo [...] demanda muito tato para a inutilização das tramas dos Espíritos enganadores. Se estes iludem a homens feitos, claro é que a infância e a juventude mais expostas se acham a ser vítimas deles. Sabe-se, além disso, que o recolhimento é uma condição sem a qual não se pode lidar com Espíritos sérios. As evocações feitas estouvadamente e por gracejo constituem verdadeira profanação, que facilita o acesso aos Espíritos zombeteiros, ou malfazejos. Ora, não se podendo esperar de uma criança a gravidade necessária a semelhante ato, muito de temer é que ela faça disso um brinquedo, se ficar entregue a si mesma.*⁵

2. Mediunidade espontânea nas crianças

Se, em contrapartida, a mediunidade é espontânea na criança, fica claro – conforme já foi dito anteriormente – *que está na sua natureza e que a sua constituição se presta a isso*.⁴ Sendo assim, o que é natural tem um motivo a mais para ser tratado com naturalidade, segundo deduzimos das seguintes palavras do Espírito superior, dirigidas a Kardec: *Nota que a criança, que tem visões, geralmente não se impressiona com estas, que lhe parecem coisa naturalíssima, a que dá muito pouca atenção e quase sempre esquece. Mais tarde, o fato lhe volta à memória e ela o explica facilmente, se conhece o Espiritismo*.⁴ É certo que, com o crescimento, a criança vai-se desligando pouco a pouco das injunções do mundo espiritual, passando a envolver-se mais efetivamente com as ocorrências do plano físico e, como consequência, as manifestações mediúnicas podem escassear,¹⁴ ressurgindo, principalmente, na adolescência, se ela tem um compromisso maior com a mediunidade.

Como exemplo de espontaneidade mediúnica nas crianças, vejamos o que se passou com o médium Francisco Cândido Xavier – segundo Ramiro Gama –, quando contava apenas sete anos de idade:

Entregue pelo pai aos cuidados da madrinha – após a desencarnação da genitora –, o menino Chico padecia muito com os maus tratos que daquela recebia. O que o consolava eram os momentos que passava junto a Maria João de Deus, sua mãe desencarnada, abrigado à sombra das bananeiras, no fundo do quintal. Numa dessas preciosas

oportunidades, o menino, muito aflito, pediu ao bondoso Espírito que o retirasse da casa da madrinha. A mãe, em vista disso, receitou-lhe paciência e, confortando o filho, deu-lhe notícias do pedido que já havia feito a Jesus, no sentido de enviar um “anjo bom”, que tomasse conta dele e dos outros irmãos. Assim, cheio de esperanças, sempre que tinha oportunidade de estar com a mãe, Chico lhe perguntava sobre a chegada do “anjo”, ao que o Espírito serenamente respondia: *Espere, meu filho!*

Após algum tempo de viuvez, o senhor João Cândido Xavier, pai de Chico, resolveu casar-se em segundas núpcias com Cidália Batista, que logo reclamou os filhos de Maria João de Deus – inclusive o Chico –, que se encontravam espalhados por diversas casas. Ao ver a criança, Cidália não pôde esconder a amarga surpresa diante das inúmeras marcas estampadas em seu ventre, resultado das torturas causadas pela penetração de pontas de garfo. Assim, sob o impacto da emoção, beijou e abraçou o pequeno, que correspondeu totalmente aos gestos de carinho da bondosa senhora. Após esses instantes distinguidos pela ternura, a madrastra perguntou-lhe:

— *Você sabe quem sou, meu filho?*

O menino, prontamente, respondeu:

— *Sei sim. A senhora é o anjo bom de que minha mãe já falou...*⁸

2.1 As crianças e os Espíritos protetores

No prefácio da *prece aos anjos guardiães e aos Espíritos protetores*, capítulo XXVIII – Preces Espíritas – de *O evangelho segundo o espiritismo*, Kardec diz o seguinte: *Todos temos, ligados a nós, desde o nosso nascimento, um Espírito bom, que nos tomou sob sua proteção. Desempenha, junto de nós, a missão de um pai para com seu filho: a de nos conduzir pelo caminho do bem e do progresso, através das provas da vida [...]*.¹ A criança é, desse modo, *resguardada pela influência benéfica e controladora dos Espíritos protetores*¹³ (o caso do médium Francisco Cândido Xavier, supracitado, também é um exemplo do que estamos dizendo), deles recebendo intuições orientadoras e, não raro, avisos e recados aos familiares, a ela transmitidos através da vidência, da intuição ou de outras faculdades.¹³

É o que também podemos observar no seguinte relato da médium Yvonne A. Pereira: *Aos quatro anos de idade já eu me comunicava com Espíritos desencarnados, através da visão e da audição: via-os e*

falava com eles. Eu os supunha seres humanos, uma vez que os percebia com essa aparência e me pareciam todos muito concretos, trajados como quaisquer homens e mulheres. Ao meu entender de então, eram pessoas da família, e por isso, talvez, jamais me surpreendi com a presença deles. Uma dessas personagens era-me particularmente afeiçoada: eu a reconhecia como pai e a proclamava como tal a todos os de casa, com naturalidade, julgando-a realmente meu pai e amando-a profundamente. Mais tarde, esse Espírito tornou-se meu assistente ostensivo, auxiliando-me poderosamente a vitória nas provas e tornando-se orientador dos trabalhos por mim realizados como espírita e médium.¹¹

Nessas circunstâncias – estando a criança resguardada, controlada por seu Espírito protetor, ou anjo da guarda, segundo a compreensão da maioria das pessoas, e auxiliada por outros amigos espirituais que a amam –, não há o que temer, cabendo à família, em primeiro lugar, demonstrar tranquilidade, confiança nos desígnios superiores, facilitando, assim, a intervenção benéfica dessas entidades.

2.2 As crianças e os problemas mediúnicos

É oportuno considerar, no entanto, que, mesmo espontânea, nem por isso a faculdade mediúmica nas crianças deixa de ser, em muitos casos, dolorosa e preocupante. Em várias épocas da humanidade e nos quatro cantos do mundo, há notícias de famílias atormentadas pela presença de Espíritos, que se manifestam aos pequenos nas mais variadas formas, pelos diversos tipos de mediunidade, com os mais diferentes objetivos e intenções. O assunto é extremamente delicado, se considerarmos a dificuldade em se atinar com o que está ocorrendo com a criança, o que causa embaraço na busca de uma feliz solução para o caso, sobretudo se a família não tem conhecimento da Doutrina Espírita. É ainda Yvonne A. Pereira que, ao narrar suas próprias experiências com o fenômeno de desdobramento perispiritual, oferece um bom exemplo do assunto. São suas palavras: *em verdade, já por essa época [a do fenômeno de desdobramento em corpo “astral”] eu não passava de uma criança infeliz, pois [...] o sofrimento me acompanhava desde o nascimento, e eu sofria não só a saudade da minha existência anterior, da qual lembrava, como ainda a insatisfação no ambiente familiar, que eu estranhava singularmente [...]. Dentre as muitas angústias que então me afligiam, destacava-se o temor que eu experimentava por um dos meus irmãos, o qual, como sói acontecer entre proles numerosas, me surrava frequentemente por qualquer contrariedade durante*

nossas peraltices, fato que me pungia e aterrorizava muito, e que a minha talvez excessiva sensibilidade exagerava como se se tratasse de um martirologio por mim sofrido, tornando-me, então complexada no próprio lar paterno.¹²

Certa noite, inesperadamente, verificou-se o fenômeno de transporte em corpo astral [fenômeno de desdobramento perispiritual] com a característica de morte aparente [...]. Sob a ação do fenômeno, vi-me no interior da igreja que eu amava, diante da imagem do “Senhor dos Passos”, como frequentemente acontecia [...] O familiar acima citado torturava-me então com os habituais maus tratos, espancando-me furiosamente, despedaçando-me as roupas e puxando-me os cabelos. Sentindo-me aterrorizada, como sempre, em dado momento apelei para o socorro do Senhor. Então, como que vi a imagem desprender-se do andor, com a cruz nas costas, descer os degraus, estender as mãos livres para mim e dizer bondosamente.

— Vem comigo, minha filha... Será o único recurso que terás para suportar os sofrimentos que te esperam...

Aceitei a mão que se estendia, apoiei-me nela, subi os degrauzinhos da capela-mor... e de nada mais me apercebi, enquanto que a visão não foi jamais esquecida, constituindo antes grande refrigério para o meu coração, até hoje, sua lembrança.

Efetivamente, grandes provações e testemunhos, lágrimas ininterruptas, sem me permitirem um único dia de alegria neste mundo, se sobrepuseram no decurso da minha presente existência. Mas bem cedo eu me fortalecera para os embates, pois, naquela mesma idade, oito anos, li o primeiro livro espírita, uma vez que já lia correntemente, pela citada época.¹³

2.3 Recursos de amparo às crianças portadoras de mediunidade

Ainda com respeito à fala do Espírito superior sobre a questão do estímulo ao exercício da mediunidade nas crianças, colocada ao início dos *Subsídios*, queremos enfatizar o apelo feito à prudência dos pais, no sentido de afastar os filhos dessas ideias, de não lhes falar sobre o assunto, a não ser *do ponto de vista das consequências morais*. A esse sábio conselho, que encerra excelente recurso de amparo à criança – presente ou não indícios de mediunidade –, podemos aditar outros, igualmente valiosos, dos quais a família não pode prescindir: *prece em favor dos Espíritos que delas tentam acercar-se;*

*passes ministrados por companheiros responsáveis; frequência às aulas espíritas de Evangelho [Evangelização Espírita da infância], a fim de que possam, a pouco e pouco, ir assimilando noções doutrinárias compatibilizadas com sua idade.*¹⁰ É igualmente importante, para o equilíbrio dos familiares e da própria criança, a oração em conjunto no lar, *com o objetivo de reunir a família em torno dos ensinamentos evangélicos, à luz do Espiritismo, e sob a assistência dos Benfeitores Espirituais.* (Folheto *Evangelho no Lar*, FEB)⁷

Se, repetindo o Eclesiastes, *tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu;*⁶ se os frutos precisam estar sazoados e maduros para serem colhidos e saboreados, assim também os pais da Terra, seguindo os ditames da própria natureza, devem esperar a época oportuna para que os filhos exercitem a mediunidade, no cumprimento de deveres sagrados assumidos no mundo espiritual, antes de reencarnarem.

Referências

1. Kardec, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 127. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 28, item 11, p. 455-456.
2. _____. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 80. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Segunda parte. Cap. 18, item 221, pergunta 6ª, p. 275.
3. _____. Pergunta 7ª, p. 275.
4. _____. p. 275-276.
5. _____. Item 222, p. 276.
6. BÍBLIA DE JERUSALÉM. Tradução de Samuel Martins Barbosa et. al. São Paulo: Edições Paulinas, 1981. Eclesiastes, 3: 1.
7. FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Folheto Evangelho no Lar*.
8. GAMA, Ramiro. *Lindos casos de Chico Xavier*. 17. ed. São Paulo: LAKE, 1995. Segunda parte. O Anjo Bom, p. 39-40
9. PERALVA, Martins. *Mediunidade e evolução*. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Capítulo 38 (Mediunidade nas crianças), p. 137-138
10. _____. p. 139.
11. PEREIRA, Yvonne A. *Recordações da mediunidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. 2 (Faculdade Nativa), p. 27.
12. _____. p. 30-31.
13. _____. p. 31-32.
14. PIRES, J. Herculano. *Mediunidade*. São Paulo: Paideia, 1986. Conceito de Mediunidade, p. 11.

DOS MÉDIUNS

Roteiro 3

A INFLUÊNCIA MORAL DO MÉDIUM E DO MEIO NAS COMUNICAÇÕES MEDIÚNICAS

Objetivo específico

- » Dizer em que consiste a influência moral do médium e do meio nas comunicações mediúnicas.

Conteúdo básico

- » *O Espírito encarnado no médium exerce alguma influência sobre as comunicações que deva transmitir, provindas de outros Espíritos? Exerce, porquanto, se estes não lhe são simpáticos, pode ele alterar-lhes as respostas e assimilá-las às suas próprias ideias e a seus pendores; não influencia, porém, os próprios Espíritos, autores das respostas; constituiu-se apenas em mau intérprete.* Allan Kardec: *O livro dos médiuns*. Segunda Parte. Cap. 19, item 223, 7ª pergunta.
- » *Será essa a causa da preferência dos Espíritos por certos médiuns? Não há outra. Os Espíritos procuram o intérprete que mais simpatize com eles e que lhes exprima com mais exatidão os pensamentos.* Allan Kardec: *O livro dos médiuns*. Segunda Parte. Cap. 19, item 223, 8ª pergunta.

- » *O desenvolvimento da mediunidade guarda relação com o desenvolvimento moral dos médiuns? Não; a faculdade propriamente dita se radica no organismo; independe do moral. O mesmo porém, não se dá com o seu uso, que pode ser bom, ou mau, conforme as qualidades do médium. Allan Kardec: O livro dos médiuns. Cap. 20, item 226, 1ª pergunta.*
- » *Se o médium, do ponto de vista da execução, não passa de um instrumento, exerce, todavia, influência muito grande, sob o aspecto moral. Pois que, para se comunicar, o Espírito desencarnado se identifica com o Espírito do médium, esta identificação não se pode verificar, senão havendo, entre um e outro, simpatia e, se assim é lícito dizer-se, afinidade. A alma exerce sobre o Espírito livre uma espécie de atração, ou de repulsão, conforme o grau da semelhança existente entre eles. Ora, os bons têm afinidade com os bons e os maus com os maus, donde se segue que as qualidades morais do médium exercem influência capital sobre a natureza dos Espíritos que por ele se comunicam. Se o médium é vicioso, em torno dele se vêm agrupar os Espíritos inferiores, sempre prontos a tomar o lugar aos bons Espíritos evocados. Allan Kardec: O livro dos médiuns. Segunda Parte. Cap. 20, item 227.*
- » *Os Espíritos superiores procuram encaminhar para uma corrente de ideias sérias as reuniões fúteis? Os Espíritos superiores não vão às reuniões onde sabem que a presença deles é inútil. Allan Kardec: O livro dos médiuns. Cap. 21, item 231, 3ª pergunta.*
- » *Entretanto, os Espíritos superiores vão de boamente às reuniões pouco instruídas, mas onde há sinceridade de propósitos, ainda que os médiuns não ofereçam maiores recursos mediúnicos. Afastam-se, porém, dos grupos instruídos onde predominam a ironia, a vaidade e o orgulho. Allan Kardec: O livro dos médiuns. Cap. 21, item 231, 3ª pergunta.*

Sugestões didáticas

Introdução

- » *Introduzir o assunto referindo-se à responsabilidade de todos aqueles que realizam trabalhos mediúnicos, quer sejam os*

médiuns propriamente ditos, quer sejam os demais participantes desses trabalhos. Ressaltar que, embora a faculdade mediúnica se radique no organismo e independa do moral, o mesmo não se dá com os resultados do seu exercício. Esses serão bons ou maus, de acordo com as qualidades morais de todos os integrantes do grupo mediúnico.

Desenvolvimento

- » Em seguida, solicitar aos participantes que se dividam em cinco grupos, para a realização das seguintes tarefas:

Grupo 1: leitura individual dos dois primeiros parágrafos do item 1 dos *Subsídios*, anotando-se os pontos significativos.

Grupo 2: leitura individual da instrução do Espírito Erasto (item 1 dos *Subsídios*, 3º. parágrafo), anotando-se os pontos significativos.

Grupo 3: leitura individual do relato do Espírito André Luiz (item 1 dos *Subsídios*, 4º e 5º parágrafos), anotando-se os pontos significativos.

Grupo 4: leitura individual dos dois primeiros parágrafos do item 2 dos *Subsídios*, anotando-se os pontos significativos.

Grupo 5: leitura individual dos relatos do Espírito André Luiz e da médium E. d'Espérance (item 2 dos *Subsídios*, 3º. e 4º. parágrafos), anotando-se os pontos significativos.

TODOS OS GRUPOS: troca de ideias a respeito dos pontos assinalados; preparo de miniexposição sobre o assunto estudado; escolha do integrante do grupo que fará a exposição; apresentação do trabalho realizado pelo grupo.

Observação: serão colocados à disposição dos grupos recursos para o preparo da miniexposição, tais como: papel pardo ou cartolina; canetas hidrográficas de várias cores; papel; lápis/caneta; fita adesiva.

- » Ouvir a apresentação dos grupos, anotando, no quadro de giz ou *flip-chart*, alguns destaques, para posterior comentários.
- » Fazer a integração do assunto com base nos pontos destacados, esclarecendo eventuais dúvidas.

Conclusão

- » Usar, para concluir a aula, a prece de Aniceto constante no anexo. Pedir a um dos participantes que a leia pausadamente, a fim de proporcionar a todos ensejo de reflexão sobre as ideias ali contidas

Avaliação

A aula será considerada satisfatória se:

- » os participantes realizarem corretamente as tarefas propostas para os grupos;
- » ouvirem com atenção as exposições feitas e a leitura da prece de Aniceto

Técnica(s): exposição; trabalho em pequenos grupos; leitura

Recurso(s): *Subsídios* do roteiro; quadro de giz/*flip-chart*; papel pardo/ cartolina; canetas hidrográficas de várias cores; papel; lápis/ caneta; fita adesiva.

Subsídios

1. Influência moral do médium nas comunicações mediúnicas

A influência moral do médium nas comunicações mediúnicas baseia-se, de um modo geral, na simpatia que ele sente pelos Espíritos comunicantes [...] *porquanto, se estes não lhe são simpáticos, pode ele alterar-lhes as respostas e assimilá-las às suas próprias ideias e a seus pendores; não influencia, porém, os próprios Espíritos, autores das respostas; constitui-se apenas em mau intérprete.*² Sendo assim, os Espíritos naturalmente [...] *procuram o intérprete que mais simpatize com eles e que lhes exprima com mais exatidão os pensamentos. Não havendo entre eles simpatia, o Espírito do médium é um antagonista que oferece certa resistência e se torna um intérprete de má qualidade e muitas vezes infiel.*³ Portanto, embora a faculdade mediúnica se radique no organismo e independa do moral, o mesmo [...] *não se dá com o seu uso, que pode ser bom, ou mau, conforme as qualidades do médium.*⁴

De fato, se [...] o médium, do ponto de vista da execução, não passa de um instrumento, exerce, todavia, influência muito grande, sob o aspecto moral. Pois que, para se comunicar, o Espírito desencarnado se identifica com o Espírito do médium, esta identificação não se pode verificar, senão havendo, entre um e outro, simpatia e, se assim é lícito dizer-se, afinidade. A alma exerce sobre o Espírito livre uma espécie de atração, ou de repulsão, conforme o grau da semelhança existente entre eles. Ora, os bons têm afinidade com os bons e os maus com os maus, donde se segue que as qualidades morais do médium exercem influência capital sobre a natureza dos Espíritos que por ele se comunicam. Se o médium é vicioso, em torno dele se vêm agrupar os Espíritos inferiores, sempre prontos a tomar o lugar aos bons Espíritos evocados. As qualidades que, de preferência, atraem os bons Espíritos são: a bondade, a benevolência, a simplicidade do coração, o amor do próximo, o desprendimento das coisas materiais. Os defeitos que os afastam são: o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cupidez, a sensualidade e todas as paixões que escravizam o homem à matéria.⁵

De todos esses defeitos, o que os Espíritos inferiores [...] exploram com mais habilidade é o orgulho, porque é a que a criatura menos confessa a si mesma. O orgulho tem perdido muitos médiuns dotados das mais belas faculdades e que, se não fora essa imperfeição, teriam podido tornar-se instrumentos notáveis e muito úteis, ao passo que, presas de Espíritos mentirosos, suas faculdades, depois de se haverem pervertido, aniquilaram-se e mais de um se viu humilhado por amarríssimas decepções.⁶ Entretanto, o [...] médium que compreende o seu dever, longe de se orgulhar de uma faculdade que não lhe pertence, visto que lhe pode ser retirada, atribui a Deus as boas coisas que obtém. Se as suas comunicações receberem elogios, não se envaidecerá com isso, porque as sabe independentes do seu mérito pessoal; agradece a Deus o haver consentido que por seu intermédio bons Espíritos se manifestassem. Se dão lugar à crítica, não se ofende, porque não são obra do seu próprio Espírito. Ao contrário, reconhece no seu íntimo que não foi um instrumento bom e que não dispõe de todas as qualidades necessárias a obstar a imiscuência dos Espíritos atrasados. Cuida, então, de adquirir essas qualidades e suplica, por meio da prece, as forças que lhe faltam.¹

Sobre o assunto, o Espírito Erasto dá-nos a seguinte instrução: Em tese geral, pode afirmar-se que os Espíritos atraem Espíritos que lhes são similares e que raramente os Espíritos das plêiades elevadas se comunicam por aparelhos maus condutores, quando têm à mão bons

aparelhos mediúnicos, bons médiuns, numa palavra. Os médiuns levianos e pouco sérios atraem, pois, Espíritos da mesma natureza; por isso é que suas comunicações se mostram cheias de banalidades, frivolidades, ideias truncadas e, não raro, muito heterodoxas espiriticamente falando. Certamente podem eles dizer, e às vezes dizem, coisas aproveitáveis; mas, nesse caso, principalmente, é que um exame severo e escrupuloso se faz necessário, porquanto, de envolta com essas coisas aproveitáveis, Espíritos hipócritas insinuam, com habilidade e preconcebida perfídia, fatos de pura invencioneice, asserções mentirosas, a fim de iludir a boa-fé dos que lhes dispensam atenção. [...] Onde, porém, a influência moral do médium se faz realmente sentir, é quando ele substitui, pelas que lhe são pessoais, as ideias que os Espíritos se esforçam por lhe sugerir e também quando tira da sua imaginação teorias fantásticas que, de boa-fé, julga resultarem de uma comunicação intuitiva. É de apostar-se então mil contra um que isso não passa de reflexo do próprio Espírito do médium. Dá-se mesmo o fato curioso de mover-se a mão do médium, quase mecanicamente às vezes, impelida por um Espírito secundário e zombeteiro. É essa a pedra de toque contra a qual vêm quebrar-se as imaginações ardentes, por isso que, arrebatados pelo ímpeto de suas próprias ideias, pelas lentejoulas de seus conhecimentos literários, os médiuns desconhecem o ditado modesto de um Espírito criterioso e, abandonando a presa pela sombra, o substituem por uma paráfrase empolada. Contra este escolho terrível vêm igualmente chocar-se as personalidades ambiciosas que, em falta das comunicações que os bons Espíritos lhes recusam, apresentam suas próprias obras como sendo desses Espíritos.⁷

Na dúvida, abstém-te, diz um dos vossos velhos provérbios. Não admitais, portanto, senão o que seja, aos vossos olhos, de manifesta evidência. Desde que uma opinião nova venha a ser expandida, por pouco que vos pareça duvidosa, fazei-a passar pelo crisol da razão e da lógica e rejeitai desassombradamente o que a razão e o bom senso reprovarem. Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea. Efetivamente, sobre essa teoria poderíeis edificar um sistema completo, que desmoronaria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento edificado sobre areia movediça, ao passo que, se rejeitardes hoje algumas verdades, porque não vos são demonstradas clara e logicamente, mais tarde um fato brutal, ou uma demonstração irrefutável virá afirmar-vos a sua autenticidade.⁷

A par do ensino geral sobre este assunto, é importante ressaltar o trabalho específico de socorro aos Espíritos sofredores,

no exercício do qual médiuns prestimosos doam os seus recursos mediúnicos em auxílio de Espíritos em nível evolutivo inferior ao seu. Não se trata aí do intercâmbio com Espíritos simpáticos ao médium, mas de tarefa de sacrifício por amor, supervisionada pelos Orientadores Espirituais.

O Espírito André Luiz fornece muitos exemplos sobre a influência moral dos médiuns no exercício da mediunidade. Podem-se, no entanto, destacar os casos das médiuns Eugênia e Celina, narrados no livro *Nos domínios da mediunidade*. Diz-nos o mencionado autor espiritual, reproduzindo palavras do mentor Aulus, acerca de determinada tarefa de Eugênia: *É o fenômeno da psicofonia consciente ou trabalho dos médiuns falantes. Embora senhoreando as forças de Eugênia, o hóspede enfermo do nosso plano permanece controlado por ela, a quem se imana pela corrente nervosa, através da qual estará nossa irmã informada de todas as palavras que ele mentalize e pretenda dizer. Efetivamente apossa-se ele temporariamente do órgão vocal de nossa amiga, apropriando-se de seu mundo sensório, conseguindo enxergar, ouvir e raciocinar com algum equilíbrio, por intermédio das energias dela, mas Eugênia comanda, firme, as rédeas da própria vontade, agindo qual se fosse enfermeira concordando com os caprichos de um doente, no objetivo de auxiliá-lo. Esse capricho, porém, deve ser limitado, porque, consciente de todas as intenções do companheiro infortunado a quem empresta o seu carro físico, nossa amiga reserva-se o direito de corrigi-lo em qualquer inconveniência. Pela corrente nervosa, conhecer-lhe-á as palavras na formação, apreciando-as previamente, de vez que os impulsos mentais dele lhe percutem sobre o pensamento como verdadeiras marteladas. Pode, assim, frustrar-lhe qualquer abuso, fiscalizando-lhe os propósitos e expressões, porque se trata de uma entidade que lhe é inferior, pela perturbação e pelo sofrimento em que se encontra, e a cujo nível não deve arremessar-se, se quiser ser-lhe útil. O Espírito em turvação é um alienado mental, requisitando auxílio. Nas sessões de caridade qual a que presenciamos, o primeiro socorrista é o médium que o recebe, mas, se o socorrista cai no padrão vibratório do necessitado que lhe roga serviço, há pouca esperança no amparo eficiente. O médium, pois, quando integrado nas responsabilidades que esposa, tem o dever de colaborar na preservação da ordem e da respeitabilidade na obra de assistência aos desencarnados, permitindo-lhes a livre manifestação apenas até o ponto em que essa manifestação não colida com a harmonia necessária ao conjunto e com a dignidade imprescindível ao recinto.*¹⁷

A assistência mediúnica prestada por Celina, através do fenômeno da psicofonia sonambúlica, é assim relatado por André Luiz: *A nobre senhora fitou o desesperado visitante [Espírito desencarnado] com manifesta simpatia e abriu-lhe os braços, auxiliando-o a senhorear o veículo físico [...]. Qual se fora atraído por vigoroso ímã, o sofredor arrojou-se sobre a organização física da médium, colando-se a ela, instintivamente. Auxiliado pelo guardião que o trazia, sentou-se com dificuldade, afigurando-se-me intensivamente ligado ao cérebro mediúnico. Se Eugênia revelava-se benemérita enfermeira, dona Celina surgia aos nossos olhos por abnegada mãezinha, tal a devoção afetiva para com o hóspede infortunado. Dela partiam fios brilhantes a envolvê-lo inteiramente e o recém-chegado, em vista disso, não obstante senhor de si, demonstrava-se criteriosamente controlado. Assemelhava-se a um peixe em furiosa reação, entre os estreito limites de um recipiente que, em vão, procurava dilacerar. Projetava de si estiletos de trava, que se fundiam na luz com que Celina-alma o rodeava, dedicada. Tentava gritar impropérios, mas de balde. A médium era um instrumento passivo no exterior, entretanto, nas profundezas do ser, mostrava as qualidades morais positivas que lhe eram conquista inalienável, impedindo aquele irmão de qualquer manifestação menos digna.*¹⁸

2. Influência do meio nas comunicações mediúnicas

O meio onde se encontra o médium também exerce influência nas manifestações mediúnicas, uma vez que todos [...] *os Espíritos que cercam o médium o auxiliam, para o bem ou para o mal.*⁸ Podem, no entanto, os Espíritos superiores, quando julgam necessário, vencer a influência negativa do meio.⁹ Não comparecem, todavia, às reuniões onde sabem, de antemão, que a sua presença será inútil. Junto a pessoas pouco instruídas, mas sinceras, eles, de boa mente, se apresentam, ainda mesmo quando ali não encontram bons instrumentos mediúnicos. Não vão, porém, aos ambientes instruídos onde predomina a ironia.¹⁰ *Em tais meios, é necessário se fale aos ouvidos e aos olhos: esse o papel dos Espíritos batedores e zombeteiros. Convém que aqueles que se orgulham da sua ciência sejam humilhados pelos Espíritos menos instruídos e menos adiantados.*¹¹

Com efeito, fora [...] *erro acreditar alguém que precisa ser médium, para atrair a si os seres do mundo invisível. Eles povoam o espaço; temo-los incessantemente em torno de nós, [ao nosso lado,*

vendo-nos, observando-nos], *intervindo em nossas reuniões, seguindo-nos, ou evitando-nos, conforme os atraímos ou repelimos. A faculdade mediúnica em nada influi para isto: ela mais não é do que um meio de comunicação.*¹² De acordo com o que já foi dito a respeito das causas de simpatia e antipatia entre os Espíritos (roteiros 7 e 8 do Módulo 1), [...] *facilmente se compreenderá que devemos estar cercados daqueles que têm afinidade com o nosso próprio Espírito, conforme é este graduado, ou degradado. [...] Partindo deste princípio, suponhamos uma reunião de homens levianos, inconsequentes, ocupados com seus prazeres; quais serão os Espíritos que preferentemente os cercarão? Não serão de certo Espíritos superiores, do mesmo modo que não seriam os nossos sábios e filósofos os que iriam passar o seu tempo em semelhante lugar. Assim, onde quer que haja uma reunião de homens, há igualmente em torno deles uma assembleia oculta, que simpatiza com suas qualidades ou com seus defeitos, feita abstração completa de toda ideia de evocação. Admitamos agora que tais homens tenham a possibilidade de se comunicar com os seres do mundo invisível, por meio de um intérprete, isto é, por um médium; quais serão os que lhes responderão ao chamado? Evidentemente, os que os estão rodeando de muito perto, à espreita de uma ocasião para se comunicarem. Se, numa assembleia fútil, chamarem um Espírito superior, este poderá vir e até proferir algumas palavras ponderosas, como um bom pastor que acode ao chamamento de suas ovelhas desgarradas. Porém, desde que não se veja compreendido, nem ouvido, retira-se, como em seu lugar o faria qualquer de nós, ficando os outros com o campo livre.*¹³ No entanto, nem [...] *sempre basta que uma assembleia seja séria, para receber comunicações de ordem elevada. Há pessoas que nunca riem e cujo coração, nem por isso, é puro. Ora, o coração, sobretudo, é que atrai os bons Espíritos. Nenhuma condição moral exclui as comunicações espíritas; os que, porém, estão em más condições, esses se comunicam com os que lhes são semelhantes, os quais não deixam de enganar e de lisonjear os preconceitos. Por aí se vê a influência enorme que o meio exerce sobre a natureza das manifestações inteligentes.*¹⁴

O Espírito André Luiz, na obra *Nos domínios da mediunidade*, ao tratar de uma reunião de efeitos físicos para socorro a enfermos no plano físico, refere-se ao comportamento negativo de alguns irmãos encarnados, desatentos aos altos objetivos da referida sessão: *Alguns encarnados, como habitualmente acontece, não tomavam a sério as responsabilidades do assunto e traziam consigo emanções tóxicas, oriundas do abuso de nicotina, carne e aperitivos, além das*

formas pensamentos menos adequadas à tarefa que o grupo devia realizar.¹⁹ Prosseguindo, reproduz comentário do Assistente Aulus: A posição neuropsíquica dos companheiros encarnados que nos compartilham a tarefa, no momento, não ajuda. Absorvem-nos os recursos, sem retribuição que nos indenize, de alguma sorte, a despesa de fluidos laboriosamente trabalhados.²⁰ Em seguida, acrescenta o mencionado autor: Efetivamente, escuras emissões mentais esguichavam contínuas, entrechocando-se de maneira lastimável. Os amigos, ainda na carne, mais se nos figuravam crianças inconscientes. Pensavam em termos indesejáveis, expressando petições absurdas, no aparente silêncio a que se acomodavam, irrequietos. Exigiam a presença de afeições desencarnadas, sem cogitarem da oportunidade e do merecimento imprescindíveis, criticavam essa ou aquela particularidade do fenômeno ou prendiam a imaginação a problemas aviltantes da experiência vulgar.²⁰

Em o livro *No país das sombras*, a famosa médium de materializações Elizabeth d'Espérance refere-se a um fato ocorrido em uma de suas sessões mediúnicas, causado por um dos participantes da reunião, fato esse que lhe acarretou séria enfermidade física. São suas palavras: *O triunfo que tinha coroado as nossas experiências havia-me, em grande parte, cegado acerca das condições exigidas para a produção das manifestações espíritas. Talvez que o mesmo se tivesse dado com os meus amigos. Inconscientemente ou, talvez, por intuição, havíamos adotado muitos dos meios necessários para sermos bem sucedidos, e o resultado parecia justificar a ideia que bastaria reunirmos toda a energia para obtermos o que desejávamos a respeito dos fenômenos. Como os fatos se produzem é o que não podíamos compreender. Sabíamos que a presença de certas pessoas os favorecia, ao passo que a de outras os contrariava [...]. O nosso constante êxito foi para nós uma fonte de perigos.¹⁵ Continua adiante: Não sei como a sessão principiou; tinha visto Iolanda [Espírito materializado] colocar seu jarro no ombro e sair do gabinete. Mais tarde, entretanto, soube o que se passou. O que experimentei foi uma sensação angustiada e horrível, como se me quisessem sufocar ou esmagar, como se eu fosse uma boneca de borracha violentamente apertada nos braços de uma pessoa. Depois, senti-me invadida pelo terror, constrangida pela agonia da dor; julguei que ia perder a razão e precipitar-me num abismo medonho, onde nada via, nada ouvia, nada compreendia, a não ser o eco de um grito penetrante que parecia vir de longe. Sentia-me cair, mas não sabia em que lugar. Tentava segurar-me, prender-me a alguma coisa, mas o apoio faltava-me; desmaiei, e só tornei a mim para estremecer de horror, com a ideia de haver recebido um golpe mortal. Os meus sentidos*

pareciam dispersos, e não foi senão aos poucos que pude concentrá-los suficientemente para compreender o que sucedera. Iolanda tinha sido agarrada por alguém, que a tomou por mim própria. Foi o que me contaram. Esse fato era tão extraordinário que, se me não achasse em tão penoso estado de prostração, eu teria rido, porém não pude pensar nem em mover-me. Sentia que pouca vida restava em mim, e esse sopro de vida era para mim um tormento. A hemorragia pulmonar, que durante a minha estada no Sul fora aparentemente curada, reapareceu, e uma onda de sangue quase me sufocou. Dessa sessão resultou para mim uma longa e grave enfermidade, que fez demorar por muitas semanas a nossa partida da Inglaterra, pois que eu não podia ser transportada.¹⁶

Sendo assim, por tudo que foi exposto, evidencia-se, para todos aqueles que se dedicam ao trato da mediunidade, a necessidade de empreenderem os melhores esforços para a própria renovação moral, buscando, dia a dia, transformar as antigas imperfeições em valores positivos da alma, uma vez que, só desse modo, encontrarão a paz da consciência pela certeza do dever cumprido.

Referências

1. Kardec, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 127. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 28, item 9, p. 453-454.
2. _____. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 80. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Segunda parte. Cap. 19, item 223 – 7ª pergunta, p. 280.
3. _____. Item 223 – 8ª pergunta, p. 280-281.
4. _____. Cap. 20, item 226 – 1ª pergunta, p. 294.
5. _____. Item 227, p. 299.
6. _____. Item 228, p. 299-300.
7. _____. Item 230, p. 301-304.
8. _____. Cap. 21, item 231 – 1ª pergunta, p. 305.
9. _____. Item 231 – 2ª pergunta, p. 305.
10. _____. Item 231 – 3ª pergunta, p. 305-306.
11. _____. p. 306.
12. _____. Item 232, p. 306.
13. _____. p. 306-307.
14. _____. Item 233, p. 307-308.
15. D'ESPÉRANCE, E. *No país das sombras*. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 21 (Uma experiência amarga), p. 192-193.

16. _____. p. 194-195.
17. Xavier, Francisco Cândido. *Nos domínios da mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 31. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007 Cap. 6 (Psicoconia Consciente), p. 61- 62.
18. _____. Cap 8 (Psicofonia sonambúlica), p. 83-84.
19. _____. Cap. 28 (Efeitos físicos), p. 296.
20. _____. p. 306.

Anexo

*Prece de Aniceto

“Senhor, ensina-nos a receber as bênçãos do serviço! Ainda não sabemos, Amado Jesus, compreender a extensão do trabalho que nos confiaste! Permite, Senhor, possamos formar em nossa alma a convicção de que a Obra do Mundo te pertence, a fim de que a vaidade não se insinue em nossos corações com as aparências do bem! Dá-nos, Mestre, o Espírito de consagração aos nossos deveres e desapego aos resultados que pertencem ao teu amor! Ensina-nos a agir sem as algemas das paixões, para que reconheçamos os teus santos objetivos! Senhor Amarável, ajuda-nos a ser teus leais servidores. Mestre Amoroso, concede-nos, ainda, as tuas lições. Juiz reto, conduze-nos aos caminhos direitos. Médico Sublime, restaura-nos a saúde. Pastor Compassivo, guia-nos à frente das águas vivas

Engenheiro Sábio, dá-nos o teu roteiro. Administrador Generoso, inspira-nos a tarefa. Semeador do Bem, ensina-nos a cultivar o campo de nossas almas. Carpinteiro Divino, auxilia-nos a construir nossa casa eterna. Oleiro Cuidadoso, corrige-nos o vaso do coração. Amigo Desvelado, sê indulgente, ainda, para com as nossas fraquezas. Príncipe da Paz, compadece-te de nosso Espírito frágil, abre nossos olhos e mostra-nos a estrada de teu reino!”

* Xavier, Francisco Cândido. *Os mensageiros*. Pelo Espírito André Luiz. 44. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 51 (Nas despedidas), p. 318-319.

*Prece dos Médiuns

Deus onipotente, permite que os bons Espíritos me assistam na comunicação que solicito. Preserva-me da presunção de me julgar resguardado dos Espíritos maus; do orgulho que me induza em erro sobre o valor do que obtenha; de todo sentimento oposto à caridade para com outros médiuns. Se cair em erro, inspira a alguém a ideia de me advertir disso e a mim a humildade que me faça aceitar reconhecido a crítica e tomar como endereçados a mim mesmo, e não aos outros, os conselhos que os bons Espíritos me queiram ditar.

Se for tentado a cometer abuso, no que quer que seja, ou a me envaidecer da faculdade que te aprovou conceder-me, peço que ma retires, de preferência a consentires seja ela desviada do seu objetivo providencial, que é o bem de todos e o meu próprio avanço moral.

* Kardec, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 127. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 28, item 10.

PROGRAMA COMPLEMENTAR | MÓDULO V

DA PRÁTICA MEDIÚNICA

OBJETIVO GERAL

Dar condições de entendimento da prática mediúnica

DA PRÁTICA MEDIÚNICA

Roteiro 1

QUALIDADES ESSENCIAIS AO MÉDIUM

Objetivo específico

- » Citar as qualidades essenciais ao médium e identificar as imperfeições que os afastam dos bons Espíritos.
- » Analisar as qualidades que o médium espírita deve desenvolver para merecer a assistência dos benfeitores espirituais.

Conteúdo básico

- » *A mediunidade séria não pode ser e não o será nunca uma profissão [...]. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. 26, item 9.*
- » *O médium espírita deve: Esquivar-se à suposição de que detém responsabilidades ou missões de avultada transcendência [...]. Silenciar qualquer prurido de evidência pessoal na produção desse ou daquele fenômeno. [...] Ainda quando provenha de círculos bem-intencionados, recusar o tóxico da lisonja. [...] Fugir aos perigos que ameaçam a mediunidade, como sejam a ambição, a ausência de autocrítica, a falta de perseverança no bem e a vaidade com que se julga invulnerável. [...]. André Luiz: Conduta espírita. Cap. 4.*
- » *Ora, a primeira condição para se granjear a benevolência dos bons Espíritos é a humildade, o devotamento, a abnegação, o mais absoluto*

desinteresse moral e material. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap.26, item 8.

- » *As qualidades que, de preferência, atraem os bons Espíritos são: a bondade, a benevolência, a simplicidade do coração, o amor do próximo, o desprendimento das coisas materiais. [...] Allan Kardec: O livro dos médiuns. Cap. 20, item 227.*

Sugestões didáticas

Introdução

- » Apresentar, no início da reunião, o assunto do roteiro e seus objetivos, realizando breves comentários a respeito.
- » Explicar que o tema será apresentado por meio de uma exposição, ao final da qual os participantes terão oportunidade de fazer perguntas.

Desenvolvimento

- » Fazer uma exposição detalhada do conteúdo do roteiro, usando os recursos disponíveis: cartazes/transparências/multimídia.
- » Em seguida, abrir espaço para que sejam feitas perguntas pe-los alunos, previamente elaboradas durante a explanação do assunto.
- » Esclarecer outras questões, por ventura colocadas pelos participantes, até que o assunto esteja bem compreendido.

Conclusão

- » Encerrar o estudo, enfatizando as qualidades que o médium espírita deve desenvolver para merecer a assistência dos Benfeitores Espirituais.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- » a turma participar da exposição de forma efetiva na elaboração das perguntas, e demonstrar interesse e compreensão do assunto.

Técnica(s): exposição.

Recurso(s): cartazes/transparências/ multimídia e perguntas.

Subsídios

Indiscutivelmente a mediunidade, no aspecto em que a conhecemos na Terra, é a resultante de extrema sensibilidade magnética, embora, no fundo, estejamos informados de que os dons mediúnicos, em graus diversos, são recursos inerentes a todos. Cada ser é portador de certas atividades e, por isso mesmo, é instrumento da vida. [...] Importa reconhecer, porém, que existem mentes reencarnadas, em condições especialíssimas, que oferecem qualidades excepcionais para os serviços de intercâmbio entre os vivos da carne e os vivos do Além. Nessas circunstâncias, identificamos os medianeiros adequados aos fenômenos de manifestação do Espírito liberto, nos círculos de matéria mais densa. Contudo, nem sempre os donos dessas energias são mensageiros da sublimação interior. [...] Mais de dois terços dos médiuns do mundo jazem, ainda, nas zonas de desequilíbrio espiritual, sintonizados com as inteligências invisíveis que lhes são afins. Reclamam, em razão disso, estudo e boa-vontade no serviço do bem, a fim de retomarem a subida harmônica aos cimos da luz [...].¹⁸ Os médiuns, em qualquer região da vida, filtros que são de rogativas e respostas, precisam, pois, acordar para a realidade de que viveremos sempre em companhia daqueles que buscamos, de vez que, por toda parte, respiramos ajustados ao nosso campo de atração.²⁰

1. Qualidades essências ao médium

O exercício da faculdade mediúnica não guarda relação com o desenvolvimento moral dos médiuns. A faculdade [...] *propriamente dita se radica no organismo; independe do moral. O mesmo, porém, não se dá com o seu uso, que pode ser bom, ou mau, conforme as qualidades do médium.*⁴

Forçoso reconhecer, todavia, que a mediunidade, na essência, quanto a energia elétrica em si mesma, nada tem a ver com os princípios

morais que regem os problemas do destino e do ser. Dela podem dispor, pela espontaneidade com que se evidencia, sábios e ignorantes, justos e injustos, expressando-se-lhe, desse modo, a necessidade de condução reta, quanto a força elétrica exige disciplina a fim de auxiliar.¹⁴ Sendo assim, se o [...] médium, do ponto de vista da execução, não passa de um instrumento, exerce, todavia, influência muito grande, sob o aspecto moral. Pois que, para se comunicar, o Espírito desencarnado se identifica com o Espírito do médium, esta identificação não se pode verificar, senão havendo, entre um e outro, simpatia e, se assim é lícito dizer-se, afinidade. A alma exerce sobre o Espírito livre uma espécie de atração, ou de repulsão, conforme o grau da semelhança existente entre eles. Ora, os bons têm afinidade com os bons e os maus com os maus, donde se segue que as qualidades morais do médium exercem influência capital sobre a natureza dos Espíritos que por ele se comunicam. Se o médium é vicioso, em torno dele se vêm grupar os Espíritos inferiores, sempre prontos a tomar o lugar aos bons Espíritos evocados. As qualidades que, de preferência, atraem os bons Espíritos são: a bondade, a benevolência, a simplicidade do coração, o amor do próximo, o desprendimento das coisas materiais.⁵

A par da questão moral, apresenta-se uma consideração efetiva não menos importante, que entende com a natureza mesma da faculdade. A mediunidade séria não pode ser e não o será nunca uma profissão, não só porque se desacreditaria moralmente, identificada para logo com a dos ledores da boa-sorte, como também porque um obstáculo a isso se opõe. É que se trata de uma faculdade essencialmente móvel, fugidia e mutável, com cuja perenidade, pois, ninguém pode contar. [...] A mediunidade [...], não é uma arte, nem um talento, pelo que não pode tornar-se uma profissão. Ela não existe sem o concurso dos Espíritos; faltando estes, já não há mediunidade. Pode subsistir a aptidão, mas o seu exercício se anula. Daí vem não haver no mundo um único médium capaz de garantir a obtenção de qualquer fenômeno espírita em dado instante. Explorar alguém a mediunidade é, conseguintemente, dispor de uma coisa da qual não é realmente dono.² A mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente.³

2. Imperfeições que afastam os bons Espíritos

Na extensa comunidade de almas da Terra avultam, em maioria, as consciências ainda enfermiças, por moralmente endividadas com a Lei

Divina; conseqüentemente, a maior parte das organizações medianímicas, no Planeta, não podem escapar a essa regra. Mais de dois terços dos médiuns do mundo jazem, ainda, nas zonas de desequilíbrio espiritual, sintonizados com as inteligências invisíveis que lhes são afins.¹⁸ Sendo assim, não se pode esquecer que a [...] mediunidade é uma energia peculiar a todos, em maior ou menor grau de exteriorização, energia essa que se encontra subordinada aos princípios de direção e à lei do uso, tanto quanto a enxada que pode ser mobilizada para servir ou ferir, conforme o impulso que a orienta, melhorando sempre, quando em serviço metódico, ou revestindo-se de ferrugem asfixiante e destrutiva, quando em constante repouso.¹⁵

As imperfeições morais são, assim, as portas que permitem o acesso aos maus Espíritos. As que mais se evidenciam são: [...] o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cupidez, a sensualidade e todas as paixões que escravizam o homem à matéria.⁵ [...] A que, porém, eles exploram com mais habilidade é o orgulho, porque é a que a criatura menos confessa a si mesma.

O orgulho tem perdido muitos médiuns dotados das mais belas faculdades e que, se não fora essa imperfeição, teriam podido tornar-se instrumentos notáveis e muito úteis, ao passo que, presas de Espíritos mentirosos, suas faculdades, depois de se haverem pervertido, aniquilaram-se e mais de um se viu humilhado por amaríssimas decepções. O orgulho, nos médiuns, traduz-se por sinais inequívocos, a cujo respeito tanto mais necessário é se insista, quanto constitui uma das causas mais fortes de suspeição, no tocante à veracidade de suas comunicações. Começa por uma confiança cega nessas mesmas comunicações e na infalibilidade do Espírito que lhas dá. Daí um certo desdém por tudo o que não venha deles: é que julgam ter o privilégio da verdade. O prestígio dos grandes nomes, com que se adornam os Espíritos tidos por seus protetores, os deslumbra e, como neles o amor próprio sofreria, se houvessem de confessar que são ludibriados, repelem todo e qualquer conselho; evitam-nos mesmo, afastando-se de seus amigos e de quem quer que lhes possa abrir os olhos. Se condescendem em escutá-los, nenhum apreço lhes dão às opiniões, porquanto duvidar do Espírito que os assiste fora quase uma profanação. Aborrecem-se com a menor contradita, com uma simples observação crítica e vão às vezes ao ponto de tomar ódio às próprias pessoas que lhes têm prestado serviço. Por favorecerem a esse insulamento a que os arrastam os Espíritos que não querem contraditores, esses mesmos

Espíritos se comprazem em lhes conservar as ilusões, para o que os fazem considerar coisas sublimes as mais polpudas absurdidades. Assim, confiança absoluta na superioridade do que obtém, desprezo pelo que deles não venha, irrefletida importância dada aos grandes nomes, recusa de todo conselho, suspeição sobre qualquer crítica, afastamento dos que podem emitir opiniões desinteressadas, crédito em suas aptidões, apesar de inexperientes: tais as características dos médiuns orgulhosos.

Devemos também convir em que, muitas vezes, o orgulho é despertado no médium pelos que o cercam. Se ele tem faculdades um pouco transcendentais, é procurado e gabado e entra a julgar-se indispensável. Logo toma ares de importância e desdém, quando presta a alguém o seu concurso.⁶ É necessário, portanto, fugir [...] aos perigos que ameaçam a mediunidade, como sejam a ambição, a ausência de autocrítica, a falta de perseverança no bem e a vaidade com que se julga invulnerável. O mediano carrega consigo os maiores inimigos de si próprio.⁸

3. Qualidades que o médium espírita deve desenvolver para obter assistência dos bons Espíritos

Faz-se mister que todos os Espíritos, vindos ao planeta com a incumbência de operar nos labores mediúnicos, compreendam a extensão dos seus sagrados deveres para a obtenção do êxito no seu elevado e nobilitante trabalho.¹² Todos os médiuns, para realizarem dignamente a tarefa a que foram chamados a desempenhar no planeta, necessitam identificar-se com o ideal de Jesus, buscando para alicerce de suas vidas o ensinamento evangélico, em sua divina pureza; a eficácia de sua ação depende do seu desprendimento e da sua caridade, necessitando compreender, em toda a amplitude, a verdade contida na afirmação do Mestre: “Dai de graça o que de graça receberdes.”¹³

Quem conhece as condições em que os bons Espíritos se comunicam, a repulsão que sentem por tudo o que é de interesse egoístico, e sabe quão pouca coisa se faz mister para que eles se afastem, jamais poderá admitir que os Espíritos superiores estejam à disposição do primeiro que apareça [...]. O simples bom senso repele semelhante ideia. [...] Quem, pois, deseje comunicações sérias deve, antes de tudo, pedi-las seriamente e, em seguida, inteirar-se da natureza das simpatias do médium com os seres do mundo espiritual. Ora, a

*primeira condição para se granjear a benevolência dos bons Espíritos é a humildade, o devotamento, a abnegação, o mais absoluto desinteresse moral e material.*¹

O médium espírita, em especial, deve: *Esquivar-se à suposição de que detém responsabilidades ou missões de avultada transcendência [...].*⁷ Como também deve buscar [...] *silenciar qualquer prurido de evidência pessoal na produção desse ou daquele fenômeno. [...] Estar atento para não envaidecer-se, [...] ainda quando provenha de círculos bem-intencionados, recusar o tóxico da lisonja. [...]*⁸ *A primeira necessidade do médium é evangelizar-se a si mesmo antes de se entregar às grandes tarefas doutrinárias, [...].*¹⁰ *O médium tem obrigação de estudar muito, observar intensamente e trabalhar em todos os instantes pela sua própria iluminação.*¹¹

*Para que ocorra uma educação desejável, é necessário o estudo da própria faculdade, assim como da Doutrina Espírita, a fim de identificar-se o mecanismo das forças de que se dispõe, bem como dos valores éticos e instrutivos do Espiritismo, que devem ser incorporados ao dia a dia, gerando conquistas morais que libertam o médium das paixões inferiores e atraem os Seres Espirituais interessados no progresso da humanidade. Adicione-se a disciplina como fator relevante, graças ao contributo da qual se fixam os hábitos salutareos no exercício da faculdade, para que se colimem os fins específicos dessa função a que denominam de natureza extrassensorial. [...] Certamente, esta não é uma tarefa para ser realizada de um golpe, em momento de empatia ou de entusiasmo, antes decorre de um processo de autocontrole de largo curso, que se logra mediante exercício constante, gerador do clima emocional harmonioso que favorece o silêncio mental indispensável. Ninguém estabelece que o médium deva ser um Espírito perfeito para atingir esse estado; no entanto, é desejável que ele se esforce por melhorar-se sempre, galgando mais altos degraus da evolução, aspirando por mais significativas conquistas morais.*²¹

*Por isso é que não basta a mediunidade para a concretização dos serviços que nos competem. Precisamos da Doutrina do Espiritismo, do Cristianismo Puro, a fim de controlar a energia medianímica, de maneira a mobilizá-la em favor da sublimação espiritual na fé religiosa, [...].*¹⁶ *O Espiritismo, simbolicamente, é Jesus que retorna ao mundo, convidando-nos ao aperfeiçoamento individual, por intermédio do trabalho construtivo e incessante.*¹⁷

Referências

1. Kardec, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 127. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 26, item 8, p. 416-417.
2. _____. Item 9, p. 417-418.
3. _____. Item 10, p. 418.
4. _____. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 80. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 20, item 226, pergunta nº 1, p. 294.
5. _____. Item 227, p. 299.
6. _____. Item 228, p. 299-300.
7. Xavier, Francisco Cândido. *Conduta espírita*. Pelo Espírito André Luiz. 31. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 4 (Do médium), p. 27.
8. _____. p. 28-29.
9. _____. p. 29-30.
10. _____. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Questão 387, p. 215.
11. _____. Questão 392, p. 218.
12. _____. *Emmanuel*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006 Cap. 11 (Mensagem aos médiuns), p. 65.
13. _____. Item Necessidade da exemplificação, p. 67-68.
14. _____. *Evolução em dois mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. (Mediunidade e o corpo espiritual), item Função da Doutrina Espírita, p. 171.
15. _____. *Libertação*. Pelo Espírito André Luiz.. 31. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007 Cap. 15 (Finalmente, o socorro), p. 248.
16. _____. *Nos domínios da mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 34. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 15 (Forças Viciadas), p.163.
17. _____. Cap. 18 (Apontamentos à margem), p. 208.
18. _____. *Roteiro*. Pelo Espírito Emmanuel. 12. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap 35 (Entre as forças comuns), p. 147-148.
19. _____. p. 148.
20. _____. p. 150.
21. FRANCO, Divaldo Pereira. *Temas da vida e da morte*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. Educação Íntima, p. 130-131.

Mensagem

*Súplica de Natal

Amado Jesus:
na excelsa manjedoura
que te esconde a glória sublime,
ouve a nossa oração!
Ajuda-nos
a procurar a simplicidade
que nos reúne ao teu amor...
Auxilia-nos
a renascer dentro de nós mesmos,
buscando em Ti a força
para sermos, em Teu Nome,
irmãos uns dos outros!
Mestre do Eterno Bem,
sustenta as nossas almas
a fim de que a alegria
de servir e ajudar
nos ilumine a senda,
não somente na luz
de teu Santo Natal,
mas em todos os dias,
aqui, agora e sempre..

* Xavier, Francisco Cândido. *Antologia mediúnica do Natal*. Mensagem do Espírito Aparecida. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Item 12, p. 42

DA PRÁTICA MEDIÚNICA

Roteiro 2

IDENTIFICAÇÃO DAS FONTES DE COMUNICAÇÃO MEDIÚNICA

Objetivo específico

- » Analisar as principais dificuldades na identificação das fontes de comunicação mediúmica.

Conteúdo básico

- » *É por vezes muito difícil distinguir, num dado efeito, o que provém diretamente da alma do médium do que promana de uma causa estranha [Espírito desencarnado], porque com frequência as duas ações se confundem e convalidam. [...] Mas, do fato de ser difícil fazer-se uma distinção como essa não se segue seja ela impossível. Allan Kardec: Obras póstumas. Primeira Parte, item: Controvérsias sobre a ideia da existência de seres intermediários entre o homem e Deus, p. 92.*
- » *A questão da identidade dos Espíritos é uma das mais controvertidas, mesmo entre os adeptos do Espiritismo. É que, com efeito, os Espíritos não nos trazem um ato de notoriedade e sabe-se com que facilidade alguns dentre eles tomam nomes que nunca lhes pertenceram. Esta, por isso mesmo, é, depois da obsessão, uma das maiores dificuldades*

do Espiritismo prático. Allan Kardec: O livro dos médiuns. Cap. 24 item 255.

- » Os [...] *Espíritos devem ser julgados, como homens, pela linguagem de que usam. Allan Kardec: O livro dos médiuns. Cap. 24, item 263.*

Sugestões didáticas

Introdução

- » Solicitar a um dos participantes que – após dividir quadro de giz, ou branco, em duas colunas – escrever, na primeira: FENÔMENO MEDIÚNICO e, na segunda: FENÔMENO ANÍMICO.
- » Em seguida, pedir à turma que preencha as duas colunas com palavras-chave, isto é, palavras cujo significado explica, identifica o contexto.
- » Realizar breve comentário sobre o exercício realizado, correlacionando-o aos objetivos do roteiro.

Desenvolvimento

- » Dividir a turma em três grupos, orientando-os na realização das tarefas que se seguem:
 - 1) Leitura dos três itens dos *Subsídios*, assim especificados:
 - Grupo I: *Distinção entre fenômeno mediúnico e fenômeno anímico.*
 - Grupo II: *Linguagem utilizada nas comunicações.*
 - Grupo III: *Identificação do Espírito comunicante.*
 - 2) Troca de ideias sobre o assunto lido.
 - 3) Elaboração de uma síntese sobre o assunto, para ser apresentada, em plenária, por um dos colegas indicado pelo grupo.
- » Ouvir os relatos, promovendo um debate sobre as ideias apresentadas na síntese.

Conclusão

- » Projetar, em transparência, um roteiro que caracterize a prática mediúnica segura, tendo como base os capítulos 4 (Do médium) e 27 (Perante a mediunidade) do livro *Conduta espírita*, do Espírito André Luiz, edição FEB (veja anexo).

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- » os participantes analisarem, no trabalho em grupo, as principais dificuldades na identificação das fontes de comunicação mediúnica.

Técnica(s): explosão de ideias; leitura; trabalho em grupo.

Recurso(s): quadro de giz ou branco; *Subsídios* deste roteiro; transparências; retroprojetor; capítulos do livro *Conduta espírita*.

Subsídios

Uma das maiores dificuldades que o médium encontra para a realização da sua tarefa – sobretudo se ele é iniciante – diz respeito à procedência das comunicações que transmite, ainda que tenha conhecimentos sobre os fenômenos anímicos e os mediúnicos. O assunto desperta, naturalmente, algumas indagações: é possível saber com segurança se a comunicação é mediúnica, propriamente dita, ou é anímica? Será que sob [...] *a evocação de certas imagens, o pensamento do médium não se tornaria sujeito a determinadas associações, interferindo automaticamente no intercâmbio entre os homens da Terra e os habitantes do Além?*⁹. Poderíamos definir [...] *o limite onde cessa a ação própria da alma e começa a dos Espíritos?*⁸

Saber distinguir se a comunicação é do próprio médium ou de um Espírito demanda tempo e aprendizado. Faz-se necessário observar com atenção a natureza das comunicações (veja módulo III, roteiro 4), a linguagem e a identidade dos Espíritos comunicantes. Não se trata, porém, de tarefa de fácil execução. Entretanto, é possível analisar as principais dificuldades para identificar as fontes de comunicação mediúnica.

1. Distinção entre fenômeno mediúnico e fenômeno anímico

É por vezes muito difícil distinguir, num dado efeito, o que provém diretamente da alma do médium do que promana de uma causa estranha, porque com frequência as duas ações se confundem e convalidam. É assim que nas curas por imposição das mãos, o Espírito do médium pode atuar por si só, ou com a assistência de outro Espírito; que a inspiração poética ou artística pode ter dupla origem. Mas, do fato de ser difícil fazer-se uma distinção como essa não se segue seja impossível. Não raro, a dualidade é evidente e, em todos os casos, quase sempre ressalta de atenta observação.⁸

Outro ponto que deve ser levado em conta, na distinção de um e do outro fenômeno, além da observação assinalada por Kardec, é o conhecimento sobre mediunidade: seus mecanismos, as influências a que o médium está sujeito, etc. *Buscando símbolo mais singelo, figuremos o médium como sendo uma ponte a ligar duas esferas, entre as quais se estabeleceu aparente solução de continuidade, em virtude da diferenciação da matéria do campo vibratório. Para ser instrumento relativamente exato, é-lhe imprescindível haver aprendido a ceder, e nem todos os artífices da oficina mediúnica realizam, a breve trecho, tal aquisição, que reclama devoção à felicidade do próximo, elevada compreensão do bem coletivo, avançado Espírito de concurso fraterno e de serena superioridade nos atritos com a opinião alheia.¹¹ No mediunismo comum, portanto, o colaborador servirá com a matéria mental que lhe é própria, sofrendo-lhe as imprecisões naturais diante da investigação terrestre; e, após adaptar-se aos imperativos mais nobres da renúncia pessoal, edificará, não de improviso, mas à custa de trabalho incessante, o templo interior de serviço, no qual reconhecerá a superioridade do programa divino acima dos caprichos humanos. Atingida essa realização, estará preparado para sintonizar-se com o maior número de desencarnados e encarnados, oferecendo-lhes, como a ponte benfeitora, oportunidade de se encontrarem uns com os outros, na posição evolutiva em que permaneçam, através de entendimentos construtivos.¹²*

Sendo assim, as influências anímicas diminuirão com o passar do tempo – sem jamais cessar de todo –, à medida que o médium adquirir mais conhecimento e mais experiência, porque a mediunidade, como tudo na vida, tem [...] sua evolução, seu campo, sua rota. Não é possível laurear o estudante no curso superior, sem que ele tenha tido

*suficiente aplicação nos cursos preparatórios, através de alguns anos de luta, de esforço, de disciplina.*¹⁰

2. Linguagem utilizada nas comunicações

*Os [...] Espíritos devem ser julgados, como os homens, pela linguagem de que usam. Suponhamos que um homem receba vinte cartas de pessoas que lhe são desconhecidas; pelo estilo, pelas ideias, por uma imensidade de indícios, enfim, verificará se aquelas pessoas são instruídas ou ignorantes, polidas ou mal-educadas, superficiais, profundas, frívolas, orgulhosas, sérias, levianas, sentimentais, etc. Assim, também, com os Espíritos. Devemos considerá-los correspondentes que nunca vimos e procurar conhecer o que pensaríamos do saber e do caráter de um homem que dissesse ou escrevesse tais coisas. Pode estabelecer-se como regra invariável e sem exceção que – a linguagem dos Espíritos está sempre em relação com o grau de elevação a que já tenham chegado. Os Espíritos realmente superiores não só dizem unicamente coisas boas, como também as dizem em termos isentos, de modo absoluto, de toda trivialidade. Por melhores que sejam essas coisas, se uma única expressão denotando baixeza as macula, isto constitui um sinal indubitável de inferioridade; com mais forte razão, se o conjunto do ditado fere as conveniências pela sua grosseria. A linguagem revela sempre a sua procedência, quer pelos pensamentos que exprime, quer pela forma, e, ainda mesmo que algum Espírito queira iludir-nos sobre a sua pretensa superioridade, bastará conversemos algum tempo com ele para a apreciarmos.*⁵

A bondade e a afabilidade são atributos essenciais dos Espíritos depurados. Não têm ódio, nem aos homens, nem aos outros Espíritos. Lamentam as fraquezas, criticam os erros, mas sempre com moderação, sem fel e sem animosidade. Admita-se que os Espíritos verdadeiramente bons não podem querer senão o bem e dizer senão coisas boas e se concluirá que tudo o que denote, na linguagem dos Espíritos, falta de bondade e de benignidade não pode provir de um bom Espírito.⁶ Em se submetendo todas as comunicações a um exame escrupuloso, em se lhes perscrutando e analisando o pensamento e as expressões, como é de uso fazer-se quando se trata de julgar uma obra literária, rejeitando-se, sem hesitação, tudo o que peque contra a lógica e o bom senso, tudo o que desmintam o caráter do Espírito que se supõe ser o que se está manifestando, leva-se o desânimo aos Espíritos mentirosos, que acabam por

se retirar, uma vez fiquem bem convencidos de que não lograrão iludir. Repetimos: este meio é único, mas é infalível, porque não há comunicação má que resista a uma crítica rigorosa. Os bons Espíritos nunca se ofendem com esta, pois que eles próprios a aconselham e porque nada têm que temer do exame.⁷

3. Identificação do Espírito comunicante

A questão da identidade dos Espíritos é uma das mais controvertidas, mesmo entre os adeptos do Espiritismo. É que, com efeito, os Espíritos não nos trazem um ato de notoriedade e sabe-se com que facilidade alguns dentre eles tomam nomes que nunca lhes pertenceram. Esta, por isso mesmo, é, depois da obsessão, uma das maiores dificuldades do Espiritismo prático. Todavia, em muitos casos, a identidade absoluta não passa de questão secundária e sem importância real. A identidade dos Espíritos das personagens antigas é a mais difícil de se conseguir, tornando-se muitas vezes impossível, pelo que ficamos adstritos a uma apreciação puramente moral. [...] Se um Espírito se apresenta com o nome de Fénelon, por exemplo, e diz trivialidades e puerilidades, está claro que não pode ser ele. Porém, se somente diz coisas dignas do caráter de Fénelon e que este não se furtaria a subscrever, há, senão prova material, pelo menos toda probabilidade moral de que seja de fato ele. Nesse caso, sobretudo, é que a identidade real se torna uma questão acessória. Desde que o Espírito só diz coisas aproveitáveis, pouco importa o nome sob o qual as diga.¹ À medida [...] que os Espíritos se purificam e elevam na hierarquia, os caracteres distintivos de suas personalidades se apagam, de certo modo, na uniformidade da perfeição; nem por isso, entretanto, conservam eles menos suas individualidades. É o que se dá com os Espíritos superiores e os Espíritos puros. Nessa culminância, o nome que tiveram na Terra, em uma das mil existências corporais efêmeras por que passaram, é coisa absolutamente insignificante. [...] De outro lado, se considerarmos o número imenso de Espíritos que, desde a origem dos tempos, devem ter galgado as fileiras mais altas e se o compararmos ao número tão restrito dos homens que não deixaram um grande nome na Terra, compreenderemos que, entre os Espíritos superiores, que podem comunicar-se, a maioria deve carecer de nomes para nós.²

Portanto, se numa reunião mediúnica um Espírito superior se comunica sob o nome de uma personagem conhecida, nada [...] prova que seja exatamente o Espírito dessa personagem; porém, se ele nada

*diz que desminta o caráter desta última, há presunção de ser o próprio e, em todos os casos, se pode dizer que, se não é ele, é um Espírito do mesmo grau de elevação, ou talvez até um enviado seu. Em resumo, a questão de nome é secundária, podendo-se considerar o nome como simples indício da categoria que ocupa o Espírito na escala espírita.*³

*Muito mais fácil de se comprovar é a identidade, quando se trata de Espíritos contemporâneos, cujos caracteres e hábitos se conhecem, porque, precisamente, esses hábitos, de que eles ainda não tiveram tempo de despojar-se, são que os fazem reconhecíveis e desde logo dizemos que isso constitui um dos sinais mais seguros de identidade. Pode, sem dúvida, o Espírito dar provas desta, atendendo ao pedido que se lhe faça; mas, assim só procede quando lhe convenha.*⁴

Referências

1. Kardec, Allan. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 80 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 24, item 255, p. 336-337.
2. _____. Item 256, p. 337.
3. _____. p. 338-339.
4. _____. Item 257, p. 339.
5. _____. Item 263, p. 342-343.
6. _____. Item. 264, p. 343.
7. _____. Item 266, p. 344-345.
8. _____. *Obras póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro. 39. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Primeira Parte, item: Controvérsias sobre a ideia da existência de seres intermediários entre o homem e Deus. Comentários de Kardec, p. 102.
9. Xavier, Francisco Cândido. *No mundo maior*. Pelo Espírito André Luiz. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 9 (Mediunidade), p. 149.
10. _____. p. 150-151.
11. _____. p. 152-153.
12. _____. p. 154.

Anexo

*Textos do livro *Conduta Espírita*

Capítulo 4: do médium

Esquivar-se à suposição de que detém responsabilidades ou missões de avultada transcendência, reconhecendo-se humilde portador de tarefas comuns, conquanto graves e importantes como as de qualquer outra pessoa.

O seareiro do Cristo é sempre servo, e servo do amor.

* * *

No horário disponível entre as obrigações familiares e o trabalho que lhe garante a subsistência, vencer os imprevistos que lhe possam impedir o comparecimento às sessões, tais como visitas inesperadas, fenômenos climatéricos e outros motivos, sustentando lealdade ao próprio dever.

Sem euforia íntima não há exercício mediúnicos produtivo.

* * *

Preparar a própria alma em prece e meditação, antes da atividade mediúnica, evitando, porém, concentrar-se mentalmente para semelhante mister durante as explicações doutrinárias, salvo quando lhe caibam tarefas especiais concomitantes, a fim de que não se prive do ensinamento.

A oração é luz na alma refletindo a Luz Divina.

* * *

Controlar as manifestações mediúnicas que veicula, reprimindo, quanto possível, respiração ofegante, gemidos, gritos e contorções, batimentos de mãos e pés ou quaisquer gestos violentos.

O mediano será sempre o responsável direto pela mensagem de que se faz portador.

* VIEIRA, Waldo. *Conduta espírita*. Pelo Espírito André Luiz. 31. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 4 (Do médium), p. 27-30. Cap. 27 (Perante a mediunidade), p. 99 -101

* * *

Silenciar qualquer prurido de evidência pessoal na produção desse ou daquele fenômeno. A espontaneidade é o selo de crédito em nossas comunicações com o reino do Espírito. Mesmo indiretamente, não retirar proveito material das produções que obtenha.

Não há serviço santificante na mediunidade vinculada a interesses inferiores.

* * *

Extinguir obstáculos, preocupações e impressões negativas que se relacionem com o intercâmbio mediúnico, quais sejam, a questão da consciência vigilante ou da inconsciência sonambúlica durante o transe, os temores inúteis e as suscetibilidades doentias, guiando-se pela fé raciocinada e pelo devotamento aos semelhantes.

Quem se propõe avançar no bem, deve olvidar toda causa de perturbação.

* * *

Ainda quando provenha de círculos bem-intencionados, recusar o tóxico da lisonja.

No rastro do orgulho, segue a ruína.

Fugir aos perigos que ameaçam a mediunidade, como sejam a ambição, a ausência de autocrítica, a falta de perseverança no bem e a vaidade com que se julga invulnerável.

O medianeiro carrega consigo os maiores inimigos de si próprio.

“Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um, para o que for útil:” – Paulo

(I CORÍNTIOS, 12 :7.)

Capítulo 27: perante a mediunidade

Reprimir qualquer iniciativa tendente a assinalar a mediunidade, o médium ou os fatos mediúnicos como extraordinários ou místicos.

O intercâmbio mediúnico é acontecimento natural, e o médium é um ser humano como qualquer outro.

* * *

Certificar-se de que o exercício natural da mediunidade não exime o médium da obrigação de viver profissão honesta na sociedade a que pertence.

Não pode haver assistência digna onde não há dever dignamente cumprido.

* * *

Precaver-se contra as petições inadequadas junto à mediunidade.

Os médiuns são companheiros comuns que devem viver normalmente as experiências e as provas que lhes cabem.

* * *

Por nenhuma razão elogiar o medianeiro pelos resultados obtidos através dele, lembrando-se que é sempre possível agradecer sem lisonjear.

Para nós, todo o bem puro e nobre procede de Jesus Cristo, nosso Mestre e Senhor.

Ainda mesmo premido por extensas dificuldades, colocar o exercício da mediunidade acima dos eventos efêmeros e limitados que varrem constantemente os panoramas sociais e religiosos da Terra.

A mediunidade nunca será talento para ser enterrado no solo do comodismo

Conversar sobre fenômenos mediúnicos e princípios espíritas apenas em ambientes receptivos.

Há terrenos que ainda não estão amanhados para a semeadura.

* * *

Prosseguir sem vacilações no consolo e no esclarecimento das almas, esquecendo espinheiros e pedras do vale humano, para conquistar a luz da imortalidade que fulgura nos cimos da vida.

Desenvolver-se alguém mediunicamente, a bem do próximo, é ascender em espiritualidade.

“E nos últimos dias acontecerá, diz o Senhor, que do meu Espírito derramarei sobre toda carne.” (ATOS, 2:17.)

DA PRÁTICA MEDIÚNICA

Roteiro 3

CONTRADIÇÕES E MISTIFICAÇÕES

Objetivo específico

- » Identificar as causas das contradições e mistificações na prática mediúnica.

Conteúdo básico

- » *Quando começaram a produzir-se os estranhos fenômenos do Espiritismo, ou, dizendo melhor, quando esses fenômenos se renovaram nestes últimos tempos, o primeiro sentimento que despertaram foi o da dúvida, quanto à realidade deles e, mais ainda, quanto à causa que lhes dava origem. Uma vez certificados, por testemunhos irrecusáveis e pelas experiências que todos não podido fazer, sucedeu que cada um os interpretou a seu modo, de acordo com suas ideias pessoais, suas crenças, ou suas prevenções. [...] Allan Kardec: O livro dos médiuns. Primeira parte. Cap. 4, item 36.*
- » *Para se compreenderem a causa e o valor das contradições de origem espírita, é preciso estar-se identificado com a natureza do mundo invisível e tê-lo estudado por todas as suas faces. À primeira vista, parecerá talvez estranho que os Espíritos não pensem todos da mesma maneira [...]. Podendo manifestar-se Espíritos de todas as categorias, resulta*

que suas comunicações trazem o cunho da ignorância ou do saber que lhes seja peculiar no momento, o da inferioridade, ou da superioridade moral que alcançaram. [...] Allan Kardec: O livro dos médiuns. Segunda parte. Cap. 27, item 299.

- » *As mistificações constituem um dos escolhos mais desagradáveis do Espiritismo prático. Haverá meios de nos preservarmos dele? [...] Certamente que há para isso um meio simples: o de não pedirdes ao Espiritismo senão o que ele vos possa dar. Seu fim é o melhoramento moral da humanidade; se vos não afastardes desse objetivo, jamais sereis enganados [...]. Se acolhessem com reserva e desconfiança tudo o que se afasta do objetivo essencial do Espiritismo, os Espíritos levianos não as tomariam tão facilmente para juguete [...]. Allan Kardec: O livro dos médiuns. Segunda parte. Cap.27, item 303, 1ª pergunta.*
- » *A astúcia dos Espíritos mistificadores ultrapassa às vezes tudo o que se possa imaginar. A arte, com que dispõem as suas baterias e combinam os meios de persuadir, seria uma coisa curiosa, se eles nunca passassem dos simples gracejos; porém, as mistificações podem ter consequências desagradáveis para os que não se achem em guarda [...]. Allan Kardec: O livro dos médiuns. Cap. 27, item 303 – nota.*
- » *A mistificação experimentada por um médium traz, sempre, uma finalidade útil, que é a de afastá-lo do amor-próprio, da preguiça no estudo de suas necessidades próprias, da vaidade pessoal ou dos excessos de confiança em si mesmo. Emmanuel. O consolador. Questão 401.*

Sugestões didáticas

Introdução

- » Iniciar a reunião, destacando o objetivo da aula.
- » Apresentar um cartaz contendo as palavras: *mistificação e charlatanismo*.
- » Solicitar aos participantes que falem, resumidamente, segundo os seus próprios conhecimentos, o significado de cada uma destas palavras.
- » Ouvir as respostas fazendo breves comentários.

Desenvolvimento

- » Dividir a turma em dois grupos, solicitando-lhes a realização das seguintes tarefas:

Grupo 1:

- a) ler os *Subsídios*, item 1 (*Contradições e mistificações*);
- b) trocar opiniões a respeito do assunto;
- c) registrar num cartaz as ideias principais do texto;
- d) apresentar as conclusões do trabalho em grupo, em plenária, por um relator previamente indicado pelos participantes.

Grupo 2:

- a) ler os *Subsídios*, item 2 (*Atitude dos Espíritas diante das mistificações*);
- b) trocar opiniões a respeito do assunto;
- c) registrar num cartaz as ideias principais do texto;
- d) apresentar as conclusões do trabalho em grupo, em plenária, por um relator previamente indicado pelos participantes.

Ouvir os relatos, realizando correções, se necessário.

Conclusão

- » Encerrar o estudo, apresentando a página *Discernimento*, de Emmanuel, que consta do livro *Seara dos Médiuns*, psicografia de Francisco Cândido Xavier (veja anexo).
- » Destacar a necessidade do conhecimento Espírita como forma de se preservar das mistificações.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- » Os participantes demonstrarem entendimento do assunto estudado.
Técnica(s): explosão de ideias; trabalho em grupo; exposição.
Recurso(s): *Subsídios* deste roteiro; cartolina/papel-pardo para os cartazes; pincéis de cores diferentes; mensagem psicográfica.

Subsídios

Quando começaram a produzir-se os estranhos fenômenos do Espiritismo, ou, dizendo melhor, quando esses fenômenos se renovaram nestes últimos tempos, o primeiro sentimento que despertaram foi o da dúvida, quanto à realidade deles e, mais ainda, quanto à causa que lhes dava origem. Uma vez certificados, por testemunhos irrecusáveis e pelas experiências que todos não podiam fazer, sucedeu que cada um os interpretou a seu modo, de acordo com suas ideias pessoais, suas crenças, ou suas prevenções.²

1. Contradições e mistificações

Os adversários do Espiritismo não deixam de objetar que seus adeptos não se acham entre si de acordo; que nem todos partilham das mesmas crenças; numa palavra: que se contradizem. Ponderam eles: se o ensino vos é dado pelos Espíritos, como não se apresenta idêntico? Só um estudo sério e aprofundado da ciência pode reduzir estes argumentos ao seu justo valor. Apressemos-nos em dizer desde logo que essas contradições, de que algumas pessoas fazem grande cabedal, são, em regra, mais aparentes que reais; que elas quase sempre existem mais na superfície do que no fundo mesmo das coisas e que, por consequência, carecem de importância. De duas fontes provêm: dos homens e dos Espíritos.³ Para se compreenderem a causa e o valor das contradições de origem espírita, é preciso estar-se identificado com a natureza do mundo invisível e tê-lo estudado por todas as suas faces. À primeira vista, parecerá talvez estranho que os Espíritos não pensem todos da mesma maneira, mas isso não pode surpreender a quem quer que se haja compenetrado de que infinitos são os degraus que eles têm de percorrer antes de chegarem ao alto da escada. [...] Podendo manifestar-se Espíritos de todas as categorias, resulta que suas comunicações trazem o cunho da ignorância ou do saber que lhes seja peculiar no momento, o da inferioridade, ou da superioridade moral que alcançaram. A distinguir o verdadeiro do falso, o bom do mau, é a que devem conduzir as instruções que temos dado. Cumpra não esquecermos que, entre os Espíritos, há, como entre os homens, falsos sábios e semissábios, orgulhosos, presunçosos e sistemáticos. Como só aos Espíritos perfeitos é dado conhecerem tudo, para os outros há, do mesmo modo que para nós, mistérios que eles explicam à sua maneira, segundo suas ideias, e a cujo respeito podem formar opiniões

*mais ou menos exatas, que se empenham, levados pelo amor-próprio, por que prevaleçam e que gostam de reproduzir em suas comunicações.*⁴

*Diferindo estes [os Espíritos] muito uns dos outros, do ponto de vista dos conhecimentos e da moralidade, é evidente que uma questão pode ser por eles resolvida em sentidos opostos, conforme a categoria que ocupam [...]. Este é um ponto capital, cuja explicação alcançaremos pelo estudo. Por isso é que dizemos que estes estudos requerem atenção demorada, observação profunda e, sobretudo, como aliás o exigem todas as ciências humanas, continuidade e perseverança. [...] A contradição, demais, nem sempre é tão real quanto possa parecer. Não vemos todos os dias homens que professam a mesma ciência divergirem na definição que dão de uma coisa, quer empreguem termos diferentes, quer a encarem de pontos de vista diversos, embora seja sempre a mesma a ideia fundamental? Conte quem puder as definições que se têm dado de gramática! Acrescentaremos que a forma da resposta depende muitas vezes da forma da questão. Pueril, portanto, seria apontar contradição onde frequentemente só há diferença de palavras. Os Espíritos superiores não se preocupam absolutamente com a forma. Para eles, o fundo do pensamento é tudo.*¹

Se o ser enganado é desagradável, ainda mais o é ser mistificado. Esse, aliás, um dos inconvenientes de que mais facilmente nos podemos preservar. De todas as instruções precedentes ressaltam os meios de se frustrarem as tramas dos Espíritos enganadores. [...] Sobre o assunto, foram estas as respostas que nos deram os Espíritos: As mistificações constituem um dos escolhos mais desagradáveis do Espiritismo prático. Haverá meio de nos preservarmos deles? Parece-me que podeis achar a resposta em tudo quanto vos tem sido ensinado. Certamente que há para isso um meio simples: o de não pedirdes ao Espiritismo senão o que ele vos possa dar. Seu fim é o melhoramento moral da humanidade; se vos não afastardes desse objetivo, jamais sereis enganados, porquanto não há duas maneiras de se compreender a verdadeira moral, a que todo homem de bom senso pode admitir. Os Espíritos vos vêm instruir e guiar no caminho do bem e não no das honras e das riquezas, nem vêm para atender às vossas paixões mesquinhas. Se nunca lhes pedissem nada de fútil, ou que esteja fora de suas atribuições, nenhum ascendente encontrariam jamais os enganadores; donde deveis concluir que aquele que é mistificado só o é porque o merece. O papel dos Espíritos não consiste em vos informar sobre as coisas desse mundo, mas em vos guiar com segurança no que vos possa ser útil para o outro mundo. Quando vos

falam do que a esse concerne, é que o julgam necessário, porém não porque o peçais. Se vedes nos Espíritos os substitutos dos adivinhos e dos feiticeiros, então é certo que sereis enganados.⁵

Porém, há pessoas que nada perguntam e que são indignamente enganadas por Espíritos que vêm espontaneamente, sem serem chamados. Elas nada perguntam, mas se comprazem em ouvir, o que dá no mesmo. Se acolhessem com reserva e desconfiança tudo o que se afasta do objetivo essencial do Espiritismo, os Espíritos levianos não as tomariam tão facilmente para juguete.⁶

A astúcia dos Espíritos mistificadores ultrapassa às vezes tudo o que se possa imaginar. A arte, com que dispõem as suas baterias e combinam os meios de persuadir, seria uma coisa curiosa, se eles nunca passassem dos simples gracejos; porém, as mistificações podem ter consequências desagradáveis para os que não se achem em guarda. [...] Entre os meios que esses Espíritos empregam, devem colocar-se na primeira linha, como sendo os mais frequentes, os que têm por fim tentar a cobiça, como a revelação de pretendidos tesouros ocultos, o anúncio de heranças, ou outras fontes de riquezas. Devem, além disso, considerar-se suspeitas, logo à primeira vista, as predições com época determinada, assim como todas as indicações precisas, relativas a interesses materiais. Cumpre não se deem os passos prescritos ou aconselhados pelos Espíritos, quando o fim não seja eminentemente racional; que ninguém nunca se deixe deslumbrar pelos nomes que os Espíritos tomam para dar aparência de veracidade às suas palavras; desconfiar das teorias e sistemas científicos ousados; enfim, de tudo o que se afaste do objetivo moral das manifestações. Encheríamos um volume dos mais curiosos, se houvéramos de referir todas as mistificações de que temos tido conhecimento.⁷

2. Atitude dos Espíritos diante das mistificações

Pergunta-se também: como se pode distinguir, na vasta massa das comunicações, cujos autores são invisíveis, o que provém das entidades superiores e deve ser conservado? Para essa pergunta há uma só resposta. Como distinguimos nós os bons e maus livros dos autores falecidos há muito tempo? Como distinguir uma linguagem nobre e elevada de uma linguagem banal e vulgar? Não temos nós um estalão [padrão], uma regra para aquilatar os pensamentos, provenham eles do nosso mundo ou do outro? Podemos julgar as mensagens medianímicas principalmente pelos seus efeitos moralizadores, que inúmeras vezes têm melhorado

muitos caracteres e purificado muitas consciências. É esse o critério mais seguro de todo o ensino filosófico. Em nossas relações com os Invisíveis há também meios de reconhecimento para distinguir os bons Espíritos das almas atrasadas. Os sensitivos reconhecem facilmente a natureza dos fluidos, que, nos Espíritos bons, são sutis, agradáveis, e, nos maus, são violentos, glaciais, custosos de suportar. [...] Avalia-se a elevação de um Espírito pela pureza dos seus fluidos, pela beleza da sua forma e da sua linguagem.¹²

A mistificação experimentada por um médium traz, sempre, uma finalidade útil, que é a de afastá-lo do amor-próprio, da preguiça no estudo de suas necessidades próprias, da vaidade pessoal ou dos excessos de confiança em si mesmo. Os fatos de mistificação não ocorrem à revelia dos seus mentores mais elevados, que, somente assim, o conduzem à vigilância precisa e às realizações da humildade e da prudência no seu mundo subjetivo.³ A simples razão nos diz que os bons Espíritos não podem fazer senão o bem, pois, do contrário, não seriam bons, e que o mal só pode vir dos Espíritos imperfeitos. Portanto, as mistificações só podem provir de Espíritos levianos ou mentirosos, que abusam da credulidade e, muitas vezes, exploram o orgulho, a vaidade ou outras paixões. Tais mistificações têm o objetivo de pôr à prova a perseverança, a firmeza na fé e exercitar o julgamento. Se os bons Espíritos as permitem em certas ocasiões, não é por impotência de sua parte, mas para nos deixar o mérito da luta. [...] Os bons Espíritos velam por nós, assistem-nos e nos ajudam, mas sob a condição de nos ajudarmos a nós mesmos.⁹

É importante ressaltar que os médiuns [...] de mais mérito não estão ao abrigo das mistificações dos Espíritos embusteiros; primeiro, porque não há ainda, entre nós, pessoa assaz perfeita, para não ter algum lado fraco, pelo qual dê acesso aos maus Espíritos; segundo, porque os bons Espíritos permitem mesmo, às vezes, que os maus venham, a fim de exercitarmos a nossa razão, aprendermos a distinguir a verdade do erro e ficarmos de prevenção, não aceitando cegamente e sem exame tudo quanto nos venha dos Espíritos; nunca, porém, um Espírito bom nos virá enganar; o erro, qualquer que seja o nome que o apadrinhe, vem de uma fonte má. Essas mistificações ainda podem ser uma prova para a paciência e perseverança do espírita, médium ou não; e aqueles que desanimam, com algumas decepções, dão prova aos bons Espíritos de que não são instrumentos com que eles possam contar.⁸

Sabe-se que os Espíritos, em virtude da diferença entre as suas capacidades, longe se acham de estar, individualmente considerados,

na posse de toda a verdade; que nem a todos é dado penetrar certos mistérios; que o saber de cada um deles é proporcional à sua depuração; que os Espíritos vulgares mais não sabem do que muitos homens e até menos que certos homens; que entre eles, como entre estes, há presunçosos e pseudossábios, que julgam saber o que ignoram; sistemáticos, que tomam por verdades as suas ideias; enfim, que só os Espíritos da categoria mais elevada, os que já estão completamente desmaterializados, se encontram despidos das ideias e preconceitos terrenos; mas, também é sabido que os Espíritos enganadores não têm escrúpulo em tomar nomes que lhes não pertencem, para impingirem suas utopias. Daí resulta que, com relação a tudo o que seja fora do âmbito do ensino exclusivamente moral, as revelações que cada um possa receber terão caráter individual, sem cunho de autenticidade; que devem ser consideradas opiniões pessoais de tal ou qual Espírito e que imprudente fora aceitá-las e propagá-las levemente como verdades absolutas. O primeiro controle é, sem contradição, o da razão, ao qual cumpre se submeta, sem exceção, tudo o que venha dos Espíritos. Toda teoria em manifesta contradição com o bom senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos já adquiridos, deve ser rejeitada, por mais respeitável que seja o nome que traga como assinatura. Incompleto, porém, ficará esse exame em muitos casos, por efeito da falta de luzes de certas pessoas e das tendências de não poucas a tomar as próprias opiniões como juízes únicos da verdade. Assim sendo, que hão de fazer aqueles que não depositam confiança absoluta em si mesmos? Buscar o parecer da maioria e tomar por guia a opinião desta. De tal modo é que se deve proceder em face do que digam os Espíritos, que são os primeiros a nos fornecer os meios de consegui-lo. A concordância no que ensinam os Espíritos é, pois, a melhor comprovação.¹⁰

É por isso que no domínio arriscado, e tantas vezes obscuro, da experimentação, cumpre examinar, analisar as coisas com sereno critério e extrema circunspeção, e só admitir o que se apresenta com um caráter de autenticidade perfeitamente definido. O nosso conhecimento das condições da vida futura, como o próprio Espiritismo, assenta sobre os fenômenos mediúnicos. Convém estudar seriamente estes e eliminar inflexivelmente tudo o que não traga o cunho de origem extra-humana. É preciso não substituir, a pretexto de progresso, a incredulidade sistemática por uma cega confiança, por uma credulidade ridícula, mas separar com cuidado o real do fictício. Disso está dependendo o futuro do Espiritismo.¹¹

Referências

1. Kardec, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 91. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Introdução, item XIII, p. 48-49.
2. _____. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 80. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Primeira parte, cap. 4, item 36, p. 54-55.
3. _____. Segunda parte, cap. 27, item 297, p. 414.
4. _____. Item 299, p. 415-416.
5. _____. Item 303, 1ª pergunta, p. 424-425.
6. _____. 1ª pergunta- a, p. 425.
7. _____. Nota, p. 425-426.
8. _____. *O que é o espiritismo*. 55 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 2 (Qualidades dos médiuns), item 82, p. 198-199.
9. _____. *Revista Espírita: Jornal de estudos psicológicos*. Tradução de Evandro Noletto Bezerra. Poesias traduzidas por Inaldo de Lacerda Lima. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Ano 1863, item: Mistificações, p. 340.
10. _____. Ano 1864, item: Autoridade da Doutrina Espírita, p. 140-141.
11. DENIS, Léon. *No invisível*. Tradução de Leopoldo Cirne. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Terceira parte, cap. 24 (Abusos da mediunidade), p. 375.
12. _____. *O problema do ser do destino e da dor*. 30. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Primeira parte, cap. 2(O critério da doutrina dos Espíritos), p. 47-48.
13. Xavier, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Questão 401, p. 222.

Anexo

*Discernimento

Emmanuel

Encarecendo a prática do bem por base da cooperação com os instrutores desencarnados, no campo mediúnico, não será lícito esquecer o imperativo da educação.

Não somente ajudar, mas também discernir.

* Xavier, Francisco Cândido. *Seara dos médiuns*. Pelo Espírito de Emmanuel. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, p.173.

Não apenas derramar sentimentos como quem faz do peito cofre aberto, atirando preciosidades a esmo, mas articular raciocínios, aprendendo que a cabeça não é simples ornamento do corpo.

Coração e cérebro, sintonizados na criatura, assemelham-se de algum modo ao pêndulo e ao mostrador no relógio. O coração, à maneira do pêndulo, marca as pulsações da vida; entretanto, o cérebro, simbolizando o mostrador, estabelece as indicações. No trabalho em que se conjugam, um não vai sem o outro.

*

Tornemos ao domínio da imagem, para clareza do assunto.

Operário relapso não encontra chefe nobre.

Escrevente inculto não se laurea em provas de competência.

Enfermeiro bisonho complica a assistência médica.

Aluno vadio é problema para professor.

Na mediunidade, quanto em qualquer outro gênero de serviço, é indispensável que o colaborador se interesse pela melhoria dos próprios conhecimentos, a fim de valorizar o amparo que o valoriza.

*

Tarefa mediúnica sustentada através do tempo não brota da personalidade.

Exige burilamento, disciplina, renúncia e suor.

A educação confere discernimento. E o discernimento é a luz que nos ensina a fazer bem todo o bem que precisamos fazer.

É por isso que Jesus avisou no Evangelho: “Brilhe a vossa luz diante dos homens para que os homens vejam as vossas boas obras.” É ainda pela mesma razão que o Espírito da Verdade recomendou a Allan Kardec gravasse na Codificação do Espiritismo a inolvidável advertência: “Espíritas, amai-vos! - eis o primeiro ensino. Instruí-vos! - eis o segundo.”

***Prece dos cristãos sacrificados no circo romano**

Dá, Senhor, que nós possamos

Viver a felicidade

Nas bênçãos da Eternidade

Que não se encontram aqui;

O júbilo de reencontrar-Te

Nos últimos padeceres,

Acende em nós os prazeres

De bem morreremos por Ti!..

Senhor, perdoa os verdugos

De tua doutrina santa!

Protege, ampara, levanta

Quem no mal vive a morrer..

A caminho do Teu reino,

Toda a dor se transfigura,

Toda a lágrima é ventura,

O bem consiste em sofrer!..

Consola, Jesus amado,

Aqueles que nós queremos,

Que ficarão nos extremos

Da saudade e do amargor;

Dá-lhes a fé que transforma

Os sofrimentos e os prantos

Nos tesouros sacrossantos

Da vida de Teu amor!..

* Xavier, Francisco Cândido. *Cinquenta anos depois*. Pelo Espírito Emmanuel. 32. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Primeira parte, cap. VII (Nas festas de Adriano), p. 171-173.

*Cordeiro Santo de Deus,
Senhor de toda a Verdade,
Salvador da humanidade,
Sagrado Verbo de Luz!..
Pastor da Paz, da Esperança,
De Tua mansão divina,
Senhor Jesus, ilumina
As dores de nossa cruz!..*

*Também tiveste o Calvário
De dor, de angústia, de apodo,
Ofertando ao mundo todo
As luzes da redenção;
Tiveste a sede, o tormento,
Mas, sob o fel, sob as dores,
Redimiste os pecadores
Da mais triste escravidão!*

*Se também sorveste o cálix
De amargor e de ironia,
Nós queremos a alegria
De padecer e chorar..
Pois, ovelhas tresmalhadas,
Nós somos filhos do erro,
Que no mundo do desterro
Vivemos a Te esperar*

DA PRÁTICA MEDIÚNICA

Roteiro 4

ANIMISMO

Objetivo específico

- » Conceituar animismo.
- » Explicar o mecanismo básico do animismo.
- » Estabelecer a diferença entre o animismo e mistificação dentro do contexto Espírita.

Conteúdo básico

- » *As comunicações escritas ou verbais também podem emanar do próprio Espírito encarnado no médium?*

A alma do médium pode comunicar-se, como a de qualquer outro. Se goza de certo grau de liberdade, recobra suas qualidades de Espírito. Allan Kardec: O livro dos médiuns. Cap. 19, item 223, segunda pergunta.

- » *Não parece que esta explicação confirma a opinião dos que entendem que todas as comunicações provêm do Espírito do médium e não de Espírito estranho?*

Os que assim pensam só erram em darem caráter absoluto à opinião que sustentam [...]. Isso, porém, não é razão para que outros não atuem igualmente, por seu intermédio. Allan Kardec: O livro dos médiuns. Cap. 19, item 223, segunda pergunta, letra a.

- » *Como distinguir se o Espírito que responde é o do médium , ou outro?*
Pela natureza das comunicações [...]. No estado de sonambulismo, ou de êxtase, é que, principalmente, o Espírito do médium se manifesta, porque então se encontra mais livre. No estado [de transe] normal é mais difícil. Allan Kardec: *O livro dos médiuns*. Cap. 19, item 223, terceira pergunta.
- » *Muitos companheiros matriculados no serviço de implantação da Nova Era, sob a égide do Espiritismo, vêm convertendo a teoria animista num travão injustificável a lhes congelarem preciosas oportunidades de realização do bem; portanto, não nos cabe adotar como justas as palavras “mistificação inconsciente ou subconsciente” para batizar o fenômeno.* André Luiz: *Nos domínios da mediunidade*. Cap. 22, p. 247.

Sugestões didáticas

Introdução

- » Apresentar o tema e os objetivos da aula.
- » A seguir, escrever no alto do quadro - uma ao lado da outra – as palavras ANIMISMO E MISTIFICAÇÃO.
- » Pedir, então, aos alunos que externem o que sabem, ou o que já ouviram falar a respeito de *animismo* e de *mistificação* dentro do contexto espírita.
- » Registrar no quadro as respostas, à medida que forem sendo emitidas.
- » Tecer comentários breves sobre o assunto, tendo como ponto de partida as mais importantes ideias registradas.

Desenvolvimento

- » Pedir aos participantes que, individual e silenciosamente, leiam os *Subsídios*, destacando os pontos considerados relevantes.
- » Dividir a turma em três grupos orientando-os na realização das seguintes tarefas:
 - a) Grupo 1 – leitura, troca de ideias e resumo do item 1 dos *Subsídios* (Conceito de animismo);

- b) Grupo 2 – leitura, troca de ideias e resumo do item 2 dos *Subsídios* (Mecanismo básico do animismo);
- c) Grupo 3 – leitura, troca de ideias e resumo do item 3 dos *Subsídios* (Animismo e mistificação)
- » Concluídas as tarefas, solicitar aos grupos que indiquem um relator para apresentar, em plenária, as conclusões do trabalho.
- » Ouvir os relatos, realizando comentários pertinentes.

Conclusão

- » Destacar os pontos mais significativos apresentados pelos relatores, completando o estudo com uma breve exposição sobre *animismo e perturbação espiritual* (item 4 dos *Subsídios*).

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório, se:

- » Os participantes elaborarem corretamente os resumos solicitados no trabalho em grupo.

Técnica(s): explosão de ideias; leitura; trabalho em grupo; exposição.

Recurso(s): *Subsídios* deste roteiro; quadro de giz / branco.

Subsídios

1. Conceito de animismo

Animismo é o [...] *conjunto dos fenômenos psíquicos produzidos com a cooperação consciente ou inconsciente dos médiuns em ação.*⁷

Allan Kardec observa que há comunicações escritas ou verbais que podem emanar do próprio Espírito encarnado, uma vez que a [...] *alma do médium pode comunicar-se, como a de qualquer outro. Se goza de certo grau de liberdade, recobra suas qualidades de Espírito.*¹ Neste aspecto, se o médium traz consigo uma bagagem de conhecimentos,

adquirida em existências pretéritas, poderá retirar das profundezas da sua memória integral ideias que estão fora do alcance da sua atual instrução. *Isso acontece – pondera um Espírito Superior a Kardec – frequentemente, no estado de crise sonambúlica, ou extática, porém, ainda uma vez repito, há circunstâncias que não permitem dúvida. Estuda longamente e medita.*²

É importante considerar que toda comunicação mediúmica tem o seu componente anímico, uma vez que o médium age, necessariamente, como um intérprete das mensagens dos Espíritos, ainda que não se dê conta desse fato.³ A influência dos médiuns nas comunicações é observada, sobretudo, quando transmitem ideias de Espíritos com os quais não guardam afinidade (fluídica, moral, intelectual), podendo [...] *alterar-lhes as respostas e assimilá-las às suas próprias ideias e a seus pendores; não influencia, porém, os próprios Espíritos, autores das respostas; constitui-se apenas em mau intérprete.*⁴ Essa é a causa da preferência dos Espíritos por certos médiuns: *Os Espíritos procuram o intérprete que mais simpatize com eles e que lhes exprima com mais exatidão os pensamentos. Não havendo entre eles simpatia, o Espírito do médium é um antagonista que oferece certa resistência e se torna um intérprete de má qualidade e muitas vezes infel. É o que se dá entre vós, quando a opinião de um sábio é transmitida por intermédio de um estonteado, ou de uma pessoa de má-fé.*⁵

Reconhece-se, então, que o animismo é algo perfeitamente normal, pois o médium, ao interpretar as ideias de um Espírito comunicante, imprime características próprias, mesmo em se tratando dos chamados médiuns mecânicos. Dessa forma, *é passivo, quando não mistura suas próprias ideias com as do Espírito que se comunica, mas nunca é inteiramente nulo. Seu concurso é sempre indispensável, como o de um intermediário [...].*⁶

2. Mecanismo básico do animismo

O animismo produz [...] *muitas ocorrências que podem repontar nos fenômenos mediúnicos de efeitos físicos ou de efeitos intelectuais, com a própria inteligência encarnada comandando manifestações ou delas participando com diligência, numa demonstração que o corpo espiritual pode efetivamente desdobrar-se e atuar com os seus recursos e implementos característicos, como consciência pensante e organizadora, fora do carro físico. A verificação de semelhantes acontecimentos criou entre*

os opositores da Doutrina Espírita as teorias da negação, porquanto, admitida a possibilidade de o próprio Espírito encarnado poder atuar fora do traje fisiológico, apressaram-se os cépticos inveterados a afirmar que todos os sucessos medianímicos se reduzem à influência de uma força nervosa que efetua, fora do corpo carnal, determinadas ações mecânicas e plásticas, configurando, ainda, alucinações de variada espécie. Todavia, os estardalhaços e pavores levantados por esses argumentos indêbitos, arredando para longe o otimismo e a esperança de tantas criaturas que começam confiantemente a iniciação nos serviços da mediunidade, não apresentam qualquer significado substancial, porque é forçoso ponderar que os Espíritos desencarnados e encarnados não se filiam a raças antagônicas que se devam reencontrar em condições miraculosas.⁷

Acreditamos que o mecanismo básico do animismo pode ser entendido com a explicação que o Espírito André Luiz dá sobre mediunidade de psicofonia, usualmente conhecida como “incorporação”. O relato que se segue traz elucidações sobre a psicofonia e a influência anímica da médium Otávia, de Dionísio, Espírito desencarnado, recolhido numa das organizações socorristas do plano espiritual. André Luiz assim se expressa: *Otávia foi cuidadosamente afastada do veículo físico, em sentido parcial, aproximando-se Dionísio, que também parcialmente começou a utilizar-se das possibilidades dela. Otávia mantinha-se a reduzida distância, mas com poderes para retomar o corpo a qualquer momento num impulso próprio, guardando relativa consciência do que estava ocorrendo, enquanto que Dionísio conseguia falar, de si mesmo, mobilizando, no entanto, potências que lhe não pertenciam e que deveria usar, cuidadosamente, sob o controle direto da proprietária legítima e com a vigilância afetuosa de amigos e benfeitores, que lhe fiscalizavam a expressão com o olhar, de modo a mantê-lo em boa posição de equilíbrio emotivo. Reconheci que o processo de incorporação comum era mais ou menos idêntico ao da enxertia da árvore frutífera. A planta estranha revela suas características e oferece seus frutos particulares, mas a árvore enxertada não perde sua personalidade e prossegue operando em sua vitalidade própria. Ali também, Dionísio era um elemento que aderiu às faculdades de Otávia, utilizando-as na produção de valores espirituais que lhe eram característicos, mas naturalmente subordinado à médium, sem cujo crescimento mental, fortaleza e receptividade, não poderia o comunicante revelar os caracteres de si mesmo, perante os assistentes. Por isso mesmo, logicamente, não era possível isolar, por completo, a influência de Otávia, vigilante. A casa física era seu templo, queurgia defender contra qualquer expressão desequilibrante, e nenhum*

*de nós, os desencarnados presentes, tinha o direito de exigir-lhe maior afastamento, porquanto lhe competia guardar as suas potências fisiológicas e preservá-las contra o mal, perto de nós outros, ou à distância de nossa assistência afetiva.*⁹

3. Animismo e mistificação

*Alguns estudiosos do Espiritismo, devotados e honestos, reconhecendo os escolhos do campo do mediunismo, criaram a hipótese do fantasma anímico do próprio mediano, o qual agiria em lugar das entidades desencarnadas.*¹² Desconhecendo o mecanismo básico das comunicações mediúnicas e a ação anímica exercida pelos médiuns, muitos [...] *companheiros matriculados no serviço de implantação da Nova Era, sob a égide do Espiritismo, vêm convertendo a teoria animista num travão injustificável a lhes congelarem preciosas oportunidades de realização do bem; portanto, não nos cabe adotar como justas as palavras “mistificação inconsciente ou subconsciente” para batizar o fenômeno.*¹¹

Na verdade, precisamos adquirir maior cabedal de conhecimento sobre o animismo e agir com prudência em relação ao assunto, evitando rotular as naturais manifestações anímicas, comuns e necessárias, de mistificação. É impróprio e antifraterno este rótulo, uma vez que “mistificação” caracteriza o ato de alguém mentir, enganar, ludibriar. A propósito, o instrutor Calderaro, citado por André Luiz no livro *No Mundo Maior*, nos transmite oportunas elucidacões: *A tese animista é respeitável. Partiu de investigadores conscienciosos e sinceros, e nasceu para coibir os prováveis abusos da imaginação; entretanto, vem sendo usada cruelmente pela maioria dos nossos colaboradores encarnados, que fazem dela um órgão inquisitorial, quando deveriam aproveitá-la como elemento educativo, na ação fraterna. Milhares de companheiros fogem ao trabalho, amedrontados, recuam ante os percalços da iniciação mediúnica, porque o animismo se converteu em Cérbero [segundo a mitologia grega, cão guardião das portas do Inferno, que impedia a saída dos Espíritos]. Afirmacões sérias e edificantes, tornadas em opressivo sistema, impedem a passagem dos candidatos ao serviço pela gradação natural do aprendizado e da aplicacão. Reclama-se deles precisão absoluta, olvidando-se lições elementares da natureza. Recolhidos ao castelo teórico, inúmeros amigos nossos, em se reunindo para o elevado serviço de intercâmbio com a nossa esfera, não aceitam comumente os servidores, que hão de crescer e de aperfeiçoar-se com o*

*tempo e com o esforço. Exigem meros aparelhos de comunicação, como se a luz espiritual se transmitisse da mesma sorte que a luz elétrica por uma lâmpada vulgar. Nenhuma árvore nasce produzindo, e qualquer faculdade nobre requer burilamento.*¹³

Prosseguindo em seus arrazoados, Calderaro pondera: *Ninguém receberá as bênçãos da colheita, sem o suor da sementeira. Lamentavelmente, porém, a maior parte de nossos amigos parece desconhecerem tais imposições de trabalho e de cooperação: exigem faculdades completas. O instrumento mediúnico é automaticamente desclassificado se não tem a felicidade de exibir absoluta harmonia com os desencarnados, no campo tríplice das forças mentais, perispirituais e fisiológicas.*¹⁴

Em se tratando de animismo nunca é demais recordar que, [...] *em matéria de mediunismo, há tipos idênticos de faculdades, mas enorme desigualdade nos graus de capacidade receptiva, os quais variam infinitamente, como as pessoas.*¹⁵

4. Animismo e perturbação espiritual

Um ponto que merece ser considerado, em relação às manifestações anímicas, diz respeito às vinculações com processos de perturbação espiritual, alguns de difícil solução. *Muitas vezes, conforme as circunstâncias, [...] pode cair a mente nos estados anômalos de sentido inferior, dominada por forças retrógradas que a imobilizam, temporariamente, em atitudes estranhas ou indesejáveis. Neste aspecto, surpreendemos multiformes processos de obsessão, nos quais Inteligências desencarnadas de grande poder senhoreiam vítimas inabilitadas à defensiva, detendo-as, por tempo indeterminado, em certos tipo de recordação, segundo as dívidas cármicas a que se acham presas. Frequentemente, pessoas encarnadas, nessa modalidade de provação regeneradora, são encontráveis nas reuniões mediúnicas, mergulhadas nos mais complexos estados emotivos, quais se personificassem entidades outras, quando, na realidade, exprimem a si mesmas, a emergirem da subconsciência nos trajes mentais em que se externavam noutras épocas, sob o fascínio constante dos desencarnados que as subjugam.*⁸

Nesta situação, o animismo se manifesta descontrolado. O assunto está muito bem estudado no livro *Nos domínios da mediunidade*, de autoria do Espírito André Luiz, capítulo 22 (Emersão do Passado). Diz respeito à história de uma senhora enferma, que busca os serviços de auxílio espiritual numa instituição espírita. Em determinado

momento, essa pessoa fala e age como se estivesse sob efeito de transe mediúnicos, veiculando a comunicação de um perseguidor espiritual. Entretanto, não há, efetivamente, Espírito comunicante. Não existe, também, o menor vestígio de mistificação, consciente ou inconsciente. Trata-se de alguém, carente de auxílio, que [...] *imobilizou grande coeficiente de forças do seu mundo emotivo [em torno de uma experiência malsucedida, vivida em reencarnação anterior] [...], a ponto de semelhante cristalização mental haver superado o choque biológico do renascimento no corpo físico, prosseguindo quase que intacta. Fixando-se nessa lembrança, quando instada de mais perto pelo companheiro que lhe foi irrefletido algoz, passa a comportar-se qual se estivesse ainda no passado que teima em ressuscitar. É então que se dá a conhecer como personalidade diferente, a referir-se à vida anterior. [...] Sem dúvida, em tais momentos, é alguém que volta do pretérito a comunicar-se com o presente, porque ao influxo das recordações penosas de que se vê assaltada, centraliza todos os seus recursos mnemônicos tão somente no ponto nevrálgico em que viciou o pensamento. Para o psiquiatra comum é apenas uma candidata à insulino-terapia ou ao eletrochoque, entretanto, [...] é uma enferma espiritual, uma consciência torturada, exigindo amparo moral e cultural para a renovação íntima, única base sólida que lhe assegurará o reajustamento definitivo.*¹⁰

Referências

1. Kardec, Allan. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 80. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 19, item 223, 2.ª pergunta, p. 278-279.
2. _____. 4.ª pergunta, p. 279.
3. _____. 6.ª pergunta, p. 280.
4. _____. 7.ª pergunta, p. 280.
5. _____. 8.ª pergunta, p. 280-281.
6. _____. 10.ª pergunta, p. 281-282.
7. Xavier, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Mecanismos da mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 23 (Animismo), item: Mediunidade e animismo p. 179-180.
8. _____. Item: Obsessão e animismo, p. 181-182.
9. Xavier, Francisco Cândido. *Missionários da luz*. Pelo Espírito André Luiz. 39. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 16 (Incorporação), p. 344-345.
10. _____. *Nos domínios da mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 31. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 22 (Emersão do passado), p. 246.

11. _____. p. 247.
12. _____. *No mundo maior*. Pelo Espírito André Luiz. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 9 (Mediunidade), p. 149.
13. _____. p. 150.
14. _____. p. 152.
15. _____. p. 160.

DA PRÁTICA MEDIÚNICA

Roteiro 5

O EXERCÍCIO IRREGULAR DA MEDIUNIDADE

Objetivo específico

- » Dizer em que consiste o exercício irregular da mediunidade, indicando as suas consequências.
- » Explicar porque o exercício mediúnico não produz desarmonias mentais.

Conteúdo básico

- » *Como todas as outras faculdades, a mediunidade é um dom de Deus, que se pode empregar tanto para o bem quanto para o mal, e da qual se pode abusar [...]. O que abusa e a emprega em coisas fúteis ou para satisfazer interesses materiais, desvia-a do seu fim providencial, e, tarde ou cedo, será punido, como todo homem que faça mau uso de uma faculdade qualquer. Allan Kardec: O que é o espiritismo. Cap. 2, item 88.*
- » *O exercício muito prolongado de qualquer faculdade acarreta fadiga; a mediunidade está no mesmo caso, principalmente a que se aplica aos efeitos físicos, ela necessariamente ocasiona um dispêndio de fluido, que traz a fadiga, mas que se repara pelo repouso. Allan Kardec: O livro dos médiuns. Cap.18, item 221, 2ª questão.*

- » *Há casos em que é prudente, necessária mesmo, a abstenção, ou, pelo menos, o exercício moderado, tudo dependendo do estado físico e moral do médium.* Allan Kardec: *O livro dos médiuns*. Cap. 18, item 221, 3ª questão.
- » *Há pessoas relativamente às quais se devem evitar todas as causas de sobre-excitação e o exercício da mediunidade é uma delas.* Allan Kardec: *O livro dos médiuns*. Cap. 18, item 221, 4ª questão.
- » *A mediunidade não produzirá a loucura, quando esta já não exista em germen; porém, existindo este, o bom senso está a dizer que se deve usar de cautelas, sob todos os pontos de vista, porquanto qualquer abalo pode ser prejudicial.* Allan Kardec: *O livro dos médiuns*. Cap. 18, item 221, 5ª questão.

Sugestões didáticas

Introdução

- » Iniciar a aula solicitando a um dos participantes que opine sobre o significado das seguintes expressões: *mediunidade, perturbações mentais e loucura*.
- » Ouvir as opiniões, esclarecendo possíveis dúvidas.
- » Pedir, em seguida, que leiam individualmente os *Subsídios*, destacando os pontos considerados relevantes.

Desenvolvimento

- » Após a leitura, dividir a turma em dois grupos para a realização das seguintes tarefas:
 - a) Grupo 1 – elaborar um questionário sobre o item 1 dos *Subsídios: Exercício irregular da mediunidade*.
 - b) Grupo 2 – elaborar um questionário sobre o item 2 dos *Subsídios: A prática mediúnica e as perturbações mentais*.
 - c) Solicitar aos dois grupos que indiquem um colega para arguir um e outro grupo de acordo com os assuntos propostos.

- » Pedir aos grupos que se organizem em duas colunas, uma à direita outra à esquerda, e que apresentem os arguidores. Estes devem se posicionar à frente da turma
- » Passar, então, a palavra a um dos arguidores para que faça, aos participantes do outro grupo, a primeira pergunta, do questionário. Se os participantes arguidos responderem à pergunta de forma incorreta ou incompleta, intervir, esclarecendo. Prosseguir assim, até que todas as perguntas dos questionários tenham sido solucionadas

Observação: a dinâmica fica mais interessante se: a) alternar-se a participação dos arguidores; b) o monitor, antes de intervir, esclarecendo pontos incorretos ou incompletos, indagar se há alguém, na turma, que saiba responder corretamente o que foi perguntado pelo arguidor

Conclusão

- » Destacar, ao final, os benefícios propiciados pela prática mediúnica sadia, à luz do entendimento espírita e do Evangelho de Jesus.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- » os alunos participarem com entusiasmo do debate, num clima de harmonia e, apresentarem respostas corretas às perguntas que lhes forem dirigidas.

Técnica(s): explosão de ideias; leitura individual; trabalho em grupo; arguição; debate.

Recurso(s): *Subsídios*; questionário elaborado pelos grupos.

Subsídios

1. Exercício irregular da mediunidade

Como todas as outras faculdades, a mediunidade é um dom de Deus, que se pode empregar tanto para o bem quanto para o mal,

e da qual se pode abusar. Seu fim é pôr-nos em relação direta com as almas daqueles que viveram, a fim de recebermos ensinamentos e iniciações da vida futura. Assim como a vista nos põe em relação com o mundo visível, a mediunidade nos liga ao invisível. Aquele que dela se utiliza para o seu adiantamento e o de seus irmãos, desempenha uma verdadeira missão e será recompensado. O que abusa e a emprega em coisas fúteis ou para satisfazer interesses materiais, desvia-a do seu fim providencial, e, tarde ou cedo, será punido, como todo homem que faça mau uso de uma faculdade qualquer.⁸ Assim, a faculdade é concedida porque as pessoas [...] precisam dela para se melhorarem, para ficarem em condições de receber bons ensinamentos. Se não aproveitam da concessão, sofrerão as consequências. Jesus não pregava de preferência aos pecadores, dizendo ser preciso dar àquele que não tem?² Entretanto, o [...] exercício muito prolongado de qualquer faculdade acarreta fadiga; a mediunidade está no mesmo caso, principalmente a que se aplica aos efeitos físicos, ela necessariamente ocasiona um dispêndio de fluido, que traz a fadiga, mas que se repara pelo repouso.³ Há casos em que é prudente, necessária mesmo, a abstenção, ou, pelo menos, o exercício moderado, tudo dependendo do estado físico e moral do médium. Aliás, em geral, o médium o sente e, desde que experimente fadiga, deve abster-se.⁴

Existem situações, porém, em que o exercício da mediunidade é considerado irregular, não porque esteja acarretando debilidade física ou psíquica, mas pelos inconvenientes que produzem. O desenvolvimento da mediunidade nas crianças, por exemplo, é desaconselhado pelos Espíritos Superiores (veja maiores informações no módulo IV, roteiro 2, deste Programa). Outro ponto, não menos importante, diz respeito à inconstância de alguns trabalhadores espíritas às reuniões mediúnicas. São trabalhadores desatentos que não param para refletir sobre a importância e seriedade da tarefa, dela se furtando ante o menor obstáculo que surge no caminho.

Neste sentido, a Casa Espírita deve estar aparelhada para orientar com segurança, atenta às seguintes orientações de Kardec: *Todos os dias a experiência nos traz a confirmação de que as dificuldades e os desenganos, com que muitos topam na prática do Espiritismo, se originam da ignorância dos princípios desta ciência [...]. Se bem cada um traga em si o gérmen das qualidades necessárias para se tornar médium, tais qualidades existem em graus muito diferentes e o seu desenvolvimento depende de causas que a ninguém é dado conseguir se*

verifiquem à vontade. As regras da poesia, da pintura e da música não fazem que se tornem poetas, pintores, ou músicos os que não têm o gênio de alguma dessas artes. Apenas guiam os que as cultivam, no emprego de suas faculdades naturais. O mesmo sucede com o nosso trabalho. Seu objetivo consiste em indicar os meios de desenvolvimento da faculdade mediúnica, tanto quanto o permitam as disposições de cada um, e, sobretudo, dirigir-lhe o emprego de modo útil, quando ela exista. [...] De par com os médiuns propriamente ditos, há, a crescer diariamente, uma multidão de pessoas que se ocupam com as manifestações espíritas. Guiá-las nas suas observações, assinalar-lhes os obstáculos que podem e não de necessariamente encontrar, lidando com uma nova ordem de coisas, iniciá-las na maneira de confabular com os Espíritos, indicar-lhes os meios de conseguirem boas comunicações, tal o círculo que temos de abranger, sob pena de fazermos trabalho incompleto. [...] A essas considerações ainda aditaremos outra, muito importante: a má impressão que produzem nos novatos as experiências levianamente feitas e sem conhecimento de causa, experiências que apresentam o inconveniente de gerar ideias falsas acerca do mundo dos Espíritos e de dar azo à zombaria e a uma crítica quase sempre fundada. De tais reuniões, os incrédulos raramente saem convertidos e dispostos a reconhecer que no Espiritismo haja alguma coisa de sério. Para a opinião errônea de grande número de pessoas, muito mais do que se pensa têm contribuído a ignorância e a leviandade de vários médiuns. Desde alguns anos, o Espiritismo há realizado grandes progressos: imensos, porém, são os que conseguiu realizar, a partir do momento em que tomou rumo filosófico, porque entrou a ser apreciado pela gente instruída. Presentemente, já não é um espetáculo: é uma doutrina de que não mais riem os que zombavam das mesas girantes. Esforçando-nos por levá-lo para esse terreno e por mantê-lo aí, nutrimos a convicção de que lhe granjeamos mais adeptos úteis, do que provocando a torto e a direito manifestações que se prestariam a abusos.¹

2. A prática mediúnica e as perturbações mentais

A prática da mediunidade não produz perturbações mentais de qualquer natureza, sobretudo distúrbios graves, genericamente denominados de loucura. Entretanto, devemos considerar que existem pessoas que possuem uma estrutura psíquica delicada cujas emoções, por menores que sejam, lhes provocam abalos. São [...] pessoas

*relativamente às quais se devem evitar todas as causas de sobre-excitação e o exercício da mediunidade é uma delas.*⁵

Não devemos esquecer que é relativamente fácil estabelecer ligações mentais com Espíritos não suficientemente moralizados e ser por eles influenciados. Nesta situação, as nossas emoções, humor e comportamento podem ser negativamente alterados. Os integrantes da reunião mediúnic, em especial, por terem um contato mais assíduo com os desencarnados, devem ter consciência dos cuidados de que se reveste o exercício da mediunidade. Muitos colaboradores das atividades mediúnicas, a despeito da boa vontade demonstrada, esquecem [...] *de que toda edificação da alma requer disciplina, educação, esforço e perseverança. Mediunidade construtiva é a língua de fogo do Espírito Santo [alusão ao fenômeno de Pentecostes citado em Atos dos apóstolos, 2:1-4.], luz divina para a qual é preciso conservar o pavio do amor cristão, o azeite da boa vontade pura. Sem a preparação necessária, a excursão dos que provocam ingresso no reino invisível é, quase sempre, uma viagem nos círculos de sombra. Alcançam grandes sensações e esbarram nas perplexidades dolorosas. Fazem descobertas surpreendentes e acabam nas ansiedades e dúvidas sem fim. [...] Espírito algum dispensará o esforço de si mesmo, no aprimoramento íntimo...*⁹

Sabemos que o [...] *pensamento exterioriza-se e projeta-se, formando imagens e sugestões que arremessa sobre os objetivos que se propõe atingir. Quando benigno e edificante, ajusta-se às Leis que nos regem, criando harmonia e felicidade, todavia, quando desequilibrado e deprimente, estabelece aflição e ruína. A química mental vive na base de todas as transformações, porque realmente evoluímos em profunda comunhão telepática com todos aqueles encarnados ou desencarnados que se afinam conosco.*¹⁰ Percebe-se, portanto, que a mediunidade, em si, [...] *não produzirá a loucura, quando esta já não exista em gérmen; porém, existindo este, o bom senso está a dizer que se deve usar de cautelas, sob todos os pontos de vista, porquanto qualquer abalo pode ser prejudicial.*⁶ *Do seu exercício cumpre afastar, por todos os meios possíveis, as [pessoas] que apresentem sintomas, ainda que mínimos, de excentricidade nas ideias, ou de enfraquecimento das faculdades mentais, porquanto, nessas pessoas, há predisposição evidente para a loucura [genericamente considerada], que se pode manifestar por efeito de qualquer sobre-excitação. As ideias espíritas não têm, a esse respeito, maior influência do que outras, mas, vindo a loucura a declarar-se, tomará o caráter de preocupação dominante, como tomaria o caráter*

*religioso, se a pessoa se entregasse em excesso às práticas de devoção, e a responsabilidade seria lançada ao Espiritismo. O que de melhor se tem a fazer com todo indivíduo que mostre tendência à ideia fixa é dar outra diretriz às suas preocupações, a fim de lhe proporcionar repouso aos órgãos enfraquecidos.*⁷

Referências

1. Kardec, Allan. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 80. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Introdução, p. 12-16.
2. _____. Cap. 17, item 220, 14.^a pergunta, p. 272-273.
3. _____. Cap. 18, item 221, 2.^a pergunta, p. 274.
4. _____. 3.^a pergunta, p. 274.
5. _____. 4.^a pergunta, p. 275.
6. _____. 5.^a pergunta, p. 275.
7. _____. Item 222, p. 276-277.
8. _____. *O que é o espiritismo*. 54. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 2 (Noções elementares de Espiritismo – Observações Preliminares), item 88 (Qualidades dos médiuns), p. 201.
9. Xavier, Francisco Cândido. *Missionários da luz*. Pelo Espírito André Luiz. 39. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 3 (Desenvolvimento mediúnico), p. 33.
10. _____. *Nos domínios da mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 31. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 19 (Dominação telepática) p. 220.

PROGRAMA COMPLEMENTAR | MÓDULO VI

OBSESSÃO E DESOBSESSÃO

OBJETIVO GERAL

Possibilitar entendimento da obsessão da desobsessão sob a ótica espírita

OBSESSÃO E DESOBSESSÃO

Roteiro 1

OBSESSÃO: CONCEITO, CAUSAS E GRAUS

Objetivo específico

- » Conceituar obsessão.
- » Explicar as causas da obsessão.
- » Caracterizar os graus da obsessão.

Conteúdo básico

- » *Obsessão é [...] o domínio que alguns Espíritos logram adquirir sobre certas pessoas. Nunca é praticada senão pelos Espíritos inferiores, que procuram dominar [...]. Allan Kardec: O livro dos médiuns. Cap. 23, item 237.*
- » *Assim como as enfermidades resultam das imperfeições físicas que tornam o corpo acessível às perniciosas influências exteriores, a obsessão decorre sempre de uma imperfeição moral, que dá ascendência a um Espírito mau. [...] Allan Kardec: A gênese. Cap. 24, item 46.*
- » *A obsessão apresenta caracteres diversos, que é preciso distinguir e que resultam do grau do constrangimento e da natureza dos efeitos que produz. A palavra obsessão é, de certo modo, um termo genérico, pelo qual se designa esta espécie de fenômeno, cujas principais variedades*

são: a obsessão simples, a fascinação e a subjugação. Allan Kardec: *O livro dos médiuns*. Cap. 23, item 237.

Sugestões didáticas

Introdução

- » Fazer breve exposição sobre o conceito de obsessão.
- » Em seguida, pedir à turma que faça leitura silenciosa dos itens 2 e 3 dos *Subsídios*.

Desenvolvimento

- » Concluída a leitura, pedir aos participantes que, com base no texto lido, elaborem uma questão, registrando-a numa tira de papel.
- » Recolher as tiras de papel e, em seguida, embaralhá-las e redistribuí-las à turma, evitando que o aluno receba a própria questão.
- » Solicitar a um dos participantes que, após leitura da questão que tem em mãos, responda a ela, ouvindo a opinião dos demais colegas. Continuar assim, sucessivamente, até que todas as questões elaboradas tenham sido lidas e analisadas.
- » Esclarecer pontos que suscitaram dúvidas, evidenciando a orientação espírita a respeito das ideias analisadas.
- » Elaborar novas questões ou apresentar contribuições relevantes, não assinaladas no trabalho em plenária.

Conclusão

- » Recapitular as ideias principais estudadas, utilizando recursos didáticos, tais como, cartaz, transparências, quadro de pincel ou outros quaisquer recursos.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- » os participantes conseguirem responder, corretamente, às questões elaboradas pelos colegas e pelo monitor

Técnica(s): exposição; leitura; debate-modificado.

Recurso(s): *Subsídios* deste roteiro; tiras de papel com questões; cartaz.

Subsídios

1. Conceito de obsessão

Pululam em torno da Terra os maus Espíritos, em consequência da inferioridade moral de seus habitantes. A ação malfazeja desses Espíritos é parte integrante dos flagelos com que a humanidade se vê a braços neste mundo. A obsessão que é um dos efeitos de semelhante ação, como as enfermidades e todas as atribulações da vida, deve, pois, ser considerada como provação ou expiação e aceita com esse caráter. Chama-se obsessão à ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo.¹ Entre os escolhos que apresenta a prática do Espiritismo, cumpre se coloque na primeira linha a obsessão, isto é, o domínio que alguns Espíritos logram adquirir sobre certas pessoas. Nunca é praticada senão pelos Espíritos inferiores, que procuram dominar. Os bons Espíritos nenhum constrangimento infligem. Aconselham, combatem a influência dos maus e, se não os ouvem, retiram-se. Os maus, ao contrário, se agarram àqueles de quem podem fazer suas presas. Se chegam a dominar algum, identificam-se com o Espírito deste e o conduzem como se fora verdadeira criança.⁴

2. Causas da obsessão

As causas da obsessão variam, de acordo com o caráter do Espírito. É, às vezes, uma vingança que este toma de um indivíduo de quem guarda queixas da sua vida presente ou do tempo de outra existência. Muitas vezes, também, não há mais do que o desejo de fazer mal: o

Espírito, como sofre, entende de fazer que os outros sofram; encontra uma espécie de gozo em os atormentar, em os vexar, e a impaciência que por isso a vítima demonstra mais o exacerba, porque esse é o objetivo que colima, ao passo que a paciência o leva a cansar-se. Com o irritar-se e mostrar-se despeitado, o perseguido faz exatamente o que quer o seu perseguidor. Esses Espíritos agem, não raro por ódio e inveja do bem; daí o lançarem suas vistas malfazejas sobre as pessoas mais honestas. [...] Outros são guiados por um sentimento de covardia, que os induz a se aproveitarem da fraqueza moral de certos indivíduos, que eles sabem incapazes de lhes resistirem.⁹ Assim como as enfermidades resultam das imperfeições físicas que tornam o corpo acessível às perniciosas influências exteriores, a obsessão decorre sempre de uma imperfeição moral, que dá ascendência a um Espírito mau.²

Há Espíritos obsessores sem maldade, que alguma coisa mesmo denotam de bom, mas dominados pelo orgulho do falso saber. Têm suas ideias, seus sistemas sobre as ciências, a economia social, a moral, a religião, a filosofia, e querem fazer que suas opiniões prevaleçam. [...] São os mais perigosos, porque os sofismas nada lhes custam e podem tornar cridas as mais ridículas utopias. Como conhecem o prestígio dos grandes nomes, não escrupulizam em se adornarem com um daqueles diante dos quais todos se inclinam [...]. Procuram deslumbrar por meio de uma linguagem empolada, mais pretensiosa do que profunda, erçada de termos técnicos e recheada das retumbantes palavras – caridade e moral. Cuidadosamente evitarão dar um mau conselho, porque bem sabem que seriam repelidos [...]. A moral, porém, para esses Espíritos é simples passaporte, é o que menos os preocupa. O que querem, acima de tudo, é impor suas ideias por mais disparatadas que sejam.¹⁰

3. Graus da obsessão

Na obsessão, o Espírito atua exteriormente, com a ajuda do seu perispírito, que ele identifica com o do encarnado, ficando este afinal enlaçado por uma como teia e constrangido a proceder contra a sua vontade.³ A obsessão apresenta caracteres diversos, que é preciso distinguir e que resultam do grau do constrangimento e da natureza dos efeitos que produz. A palavra obsessão é, de certo modo, um termo genérico, pelo qual se designa esta espécie de fenômeno, cujas principais variedades são: a obsessão simples, a fascinação e a subjugação.⁴

A **obsessão simples**, geralmente denominada de influenciação espiritual, caracteriza-se pela ação de um Espírito malfazejo, que se impõe, se imiscui na vida da pessoa, causando-lhe inúmeros desconfortos. Neste gênero de obsessão, [...] *o médium [o termo médium pode, aqui, ser utilizado no sentido amplo] sabe muito bem que se acha presa de um Espírito mentiroso e este não se disfarça; de nenhuma forma dissimula suas más intenções e o seu propósito de contrariar [...]. Este gênero de obsessão é, portanto, apenas desagradável e não tem outro inconveniente, além do de opor obstáculo às comunicações que se desejara receber de Espíritos sérios, ou dos afeiçoados. Podem incluir-se nesta categoria os casos de obsessão física, isto é, a que consiste nas manifestações ruidosas e obstinadas de alguns Espíritos, que fazem se ouçam, espontaneamente, pancadas ou outros ruídos.*⁵

A obsessão simples apresenta, porém, alguns sinais que surgem esporadicamente, mas que se podem repetir e agravar, com o passar do tempo, se nada for feito para neutralizá-los. Os sinais mais comuns são: irritação, ciúme, inveja, ideia de perseguição, amargura, ansiedades, doenças-fantasma, vaidade, arrogância, irreverência, atitudes debochadas ou inconvenientes, etc. De alguma forma a pessoa passa a adotar comportamentos mais marcantes, diferentes do usual, que surpreendem os que a conhecem melhor.

A fascinação tem consequências muito mais graves. É uma ilusão produzida pela ação direta do Espírito sobre o pensamento do médium e que, de certa maneira, lhe paralisa o raciocínio, relativamente às comunicações. O médium fascinado não acredita que o estejam enganando: o Espírito tem a arte de lhe inspirar confiança cega, que o impede de ver o embuste e de compreender o absurdo do que escreve, ainda quando esse absurdo salte aos olhos de toda gente. A ilusão pode mesmo ir até ao ponto de o fazer achar sublime a linguagem mais ridícula. Fora erro acreditar que a este gênero de obsessão só estão sujeitas as pessoas simples, ignorantes e baldas de senso. Dela não se acham isentos nem os homens de mais Espírito, os mais instruídos e os mais inteligentes sob outros aspectos, o que prova que tal aberração é efeito de uma causa estranha, cuja influência eles sofrem.⁶ Já dissemos que muito mais graves são as consequências da fascinação. Efetivamente, graças à ilusão que dela decorre, o Espírito conduz o indivíduo de quem ele chegou a apoderar-se, como faria com um cego, e pode levá-lo a aceitar as doutrinas mais estranhas, as teorias mais falsas, como

se fossem a única expressão da verdade. Ainda mais, pode levá-lo a situações ridículas, comprometedoras e até perigosas. Compreende-se facilmente toda a diferença que existe entre a obsessão simples e a fascinação; compreende-se também que os Espíritos que produzem esses dois efeitos devem diferir de caráter. Na primeira, o Espírito que se agarra à pessoa não passa de um importuno pela sua tenacidade e de quem aquela se impacienta por desembaraçar-se. Na segunda, a coisa é muito diversa. Para chegar a tais fins, preciso é que o Espírito seja destro, ardiloso e profundamente hipócrita, porquanto não pode operar a mudança e fazer-se acolhido, senão por meio da máscara que toma e de um falso aspecto de virtude. Os grandes termos – caridade, humildade, amor de Deus – lhe servem como que de carta de crédito, porém, através de tudo isso, deixa passar sinais de inferioridade, que só o fascinado é incapaz de perceber. Por isso mesmo, o que o fascinador mais teme são as pessoas que veem claro. Daí o consistir a sua tática, quase sempre, em inspirar ao seu intérprete o afastamento de quem quer que lhe possa abrir os olhos. ⁶

A subjugação é uma constrição que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir a seu mau grado. Numa palavra: o paciente fica sob um verdadeiro jugo. A subjugação pode ser moral ou corporal. No primeiro caso, o subjugado é constrangido a tomar resoluções muitas vezes absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, ele julga sensatas: é uma como fascinação. No segundo caso, o Espírito atua sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários. Traduz-se, no médium escrevente, por uma necessidade incessante de escrever, ainda nos momentos menos oportunos. ⁷

Dava-se outrora o nome de possessão ao império exercido por maus Espíritos, quando a influência deles ia até à aberração das faculdades da vítima. A possessão seria, para nós, sinônimo da subjugação. Por dois motivos deixamos de adotar esse termo: primeiro, porque implica a crença de seres criados para o mal e perpetuamente votados ao mal, enquanto que não há senão seres mais ou menos imperfeitos, os quais todos podem melhorar-se; segundo, porque implica igualmente a ideia do apoderamento de um corpo por um Espírito estranho, de uma espécie de coabitação, ao passo que o que há é apenas constrangimento. A palavra subjugação exprime perfeitamente a ideia. Assim, para nós, não há possessos, no sentido vulgar do termo, há somente obsidiados, subjugados e fascinados. ⁸

Referências

1. Kardec, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 50. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 14, item 45, p. 347.
2. _____. Item 46, p. 347-348.
3. _____. Item 47, p. 349-351.
4. _____. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 80. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 23, item 237, p. 317.
5. _____. Item 238, p. 317-318.
6. _____. Item 239, p. 318-319.
7. _____. Item 240, p. 320.
8. _____. Item 241, p. 320-321.
9. _____. Item 245, p. 324.
10. _____. Item 246, p. 325.

Mensagem

*Trecho da prece de Ismália

“Senhor! [...] dignai-vos assistir os nossos humildes tutelados, enviando-nos a luz de vossas bênçãos santificantes. Aqui estamos, prontos para executar vossa vontade, sinceramente dispostos a secundar vossos altos desígnios. Conosco, Pai, reúnem-se os irmãos que ainda dormem, anestesiados pela negação espiritual a que se entregaram no mundo.

Despertai-os, Senhor, se é de vossos desígnios sábios e misericordiosos, despertai-os do sono doloroso e infeliz. Acordai-os para a responsabilidade, para a noção dos deveres justos!... Magnânimo Rei, apiedai-vos de vossos súditos sofredores; Criador compassivo, levantai as vossas criaturas caídas; Pai Justo, desculpai vossos filhos desventurados! Permitti caia o orvalho do vosso amor infinito sobre o nosso modesto Posto de Socorro!... Seja feita a vossa vontade acima da nossa, mas se é possível, Senhor, deixai que os nossos doentes recebam um raio vivificante do sol da vossa bondade!...” [...]

* Xavier, Francisco Cândido. *Os mensageiros*. Pelo Espírito André Luiz. 41. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, cap. 24 (A prece de Ismália)

“Temos, ao nosso lado, Senhor, infortunadas mães que não souberam descobrir o sentido sublime da fé, resvalando, imprudentemente, nos despenhadeiros da indiferença criminosa; pais que não conseguiram ultrapassar a materialidade no curso da existência humana, incapazes de ver a formosa missão que lhes confiastes; cônjuges desventurados pela incompreensão de vossas leis augustas e generosas; jovens que se entregaram, de corpo e alma, aos alvitres da ilusão!... Muitos deles, atolaram-se no pantanal do crime, agravando débitos dolorosos! Agora dormem, Pai, à espera de vossos desígnios santos. Sabemos, contudo, Senhor, que este sono não traduz repouso do pensamento... Quase todos os nossos asilados são vítimas de terríveis pesadelos, por terem olvidado, no mundo material, os vossos mandamentos de amor e sabedoria. Sob a imobilidade aparente, movimentam-se-lhes o Espírito, entre aflições angustiosas que, por vezes, não podemos sondar. São eles, Pai, vossos filhos transviados e nossos companheiros de luta, necessitados de vossa mão paternal para o caminho! Quase todos se desviaram da senda reta, pelas sugestões da ignorância que, como aranha gigantesca dos círculos carnais, tece os fios da miséria, enredando destinos e corações! [...] Sabemos que vossa bondade nunca falha e esperamos confiantes a bênção de vida e luz!...”

OBSESSÃO E DESOBSESSÃO

Roteiro 2

O PROCESSO OBSESSIVO: O OBSESSOR E O OBSIDIADO

Objetivo específico

- » Identificar quem é o obsessor e quem é o obsidiado.
- » Explicar como ocorre o processo obsessivo.

Conteúdo básico

- » *Quando um Espírito, bom ou mau, quer atuar sobre um indivíduo, envolve-o, por assim dizer, no seu perispírito, como se fora um manto. Interpenetrando-se os fluidos, os pensamentos e as vontades dos dois se confundem e o Espírito, então, se serve do corpo do indivíduo, como se fosse seu, fazendo-o agir à sua vontade, falar, escrever, desenhar, quais os médiuns. [...] Fá-lo pensar, falar, agir em seu lugar, impele-o, a seu mau grado, a atos extravagantes ou ridículos; magnetiza-o, em suma, lança-o num estado de catalepsia moral e o indivíduo se torna um instrumento da sua vontade. Tal a origem da obsessão, da fascinação e da subjugação [...]. Allan Kardec. Obras póstumas. Primeira parte (Manifestações dos Espíritos), parágrafo 7º, item 56.*

Sugestões didáticas

Introdução

- » Apresentar, no início da reunião, os objetivos do roteiro, realizando breves comentários.
- » Pedir aos participantes que, individual e silenciosamente, leiam os *Subsídios* deste roteiro, assinalando as principais ideias.

Desenvolvimento

- » Enquanto os participantes realizam a leitura, colocar em cima de uma mesa tiras de papel contendo frases copiadas dos *Subsídios*, numerando-as de acordo com a ordem de surgimento no texto.
- » Concluída esta etapa, pedir que cada participante pegue uma das tiras de papel, leia e comente a frase ali existente. O exercício prossegue assim até que todas as frases tenham sido lidas e comentadas.

Conclusão

- » Projetar uma transparência contendo uma síntese dos principais assuntos analisados em plenária.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- » Os comentários refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): exposição; estudo em plenária.

Recurso(s): *Subsídios* do roteiro; tiras de papel/cartolina contendo frases; transparência para retroprojetor.

Subsídios

Pululam em torno da Terra os maus Espíritos, em consequência da inferioridade moral de seus habitantes. A ação malfazeja desses Espíritos é parte integrante dos flagelos com que a humanidade se vê a braços neste mundo. A obsessão que é um dos efeitos de semelhante ação, como as enfermidades e todas as atribulações da vida, deve, pois, ser considerada como provação ou expiação e aceita com esse caráter.³

É importante considerar, entretanto, que [...] a obsessão decorre sempre de uma imperfeição moral, que dá ascendência a um Espírito mau.⁴

1. O Obsessor

Obsessor – Do latim obsessore. Aquele que causa a obsessão; que importuna. O obsessor é uma pessoa como nós. [...] Não é um ser diferente, que só vive de crueldades, nem um condenado sem remissão pela Justiça Divina. Não é um ser estranho a nós. Pelo contrário. É alguém que privou de nossa convivência, de nossa intimidade, por vezes com estreitos laços afetivos. É alguém, talvez, a quem amamos, outrora. [...] O obsessor é o irmão, a quem os sofrimentos e desenganos desequilibraram, certamente com a nossa participação.¹⁰ Os maus Espíritos são aqueles que ainda não foram tocados de arrependimento; que se deleitam no mal e nenhum pesar por isso sentem; que são insensíveis às reprimendas, repelem a prece e muitas vezes blasfemam do nome de Deus. São essas almas endurecidas que, após a morte, se vingam nos homens dos sofrimentos que suportam, e perseguem com o seu ódio aqueles a quem odiaram durante a vida, quer obsidiando-os, quer exercendo sobre eles qualquer influência funesta.² A figura do obsessor realmente impressiona, pelos prejuízos que a sua aproximação e sintonia podem ocasionar. E disto ele tira partido para mais facilmente assustar e coagir a sua vítima.¹¹ Os Espíritos sedutores se esforçam por nos afastar das veredas do bem, sugerindo-nos maus pensamentos. Aproveitam-se de todas as nossas fraquezas, como de outras tantas portas abertas, que lhes facultam acesso à nossa alma. Alguns há que se nos aferram, como a uma presa, mas que se afastam, em se reconhecendo impotentes para lutar contra a nossa vontade.¹

Contudo, devemos lembrar que os obsessores, não são Espíritos totalmente desprovidos de bons sentimentos, irremediavelmente

maus. São, antes de tudo, Espíritos carentes de compreensão, de carinho e amor. São na realidade seres solitários, doentes da alma. [...] *O obsessor é, em última análise, um irmão enfermo e infeliz. Dominado pela ideia fixa (monodéismo) de vingar-se, esquece-se de tudo o mais e passa a viver em função daquele que é o alvo de seus planos.*¹²

2. O Obsidiado

A Doutrina Espírita nos informa que, antes de tudo, o obsidiado é vítima de si mesmo; sendo descrito no dicionário como: importunado, atormentado, perseguido. Segundo Joanna de Ângelis, *Prisão interior*, [...] *“Cela pessoal”, onde grande maioria se mantém sem lutar por sua libertação, acomodada aos vícios, cristalizada nos erros. [...] Obsidiados! Cada um deles traz consigo um infinito de problemas que não sabe precisar. [...] O obsidiado é o algoz de ontem e que agora se apresenta como vítima. Ou então é o comparsa de crimes, que o cúmplice das sombras não quer perder, tudo fazendo por cerceá-lo em sua trajetória. As provações que o afligem representam oportunidade de reajuste, alertando-o para a necessidade de se moralizar, porquanto, sentindo-se açulado pelo verdugo espiritual, mais depressa se conscientizará da grandiosa tarefa a ser realizada: transformar o ódio em amor, a vingança em perdão, e humilhar-se, para também ser perdoado.*⁹

O Evangelho nos traz inúmeros exemplos de obsidiados, como os seguintes, citados por Emmanuel.

Relata Mateus que os obsidiados gerasenos chegavam a ser ferozes; refere-se Marcos ao obsidiado de Cafarnaum, de quem desventurado obsessor se retira clamando contra o Senhor em grandes vozes; narra Lucas o episódio em que Jesus realizara a cura de um jovem lunático, do qual se afasta o perseguidor invisível, logo após arrojá-lo ao chão, em convulsões epileptoides; e reporta-se João a israelitas positivamente obsidiados, que apedrejam o Cristo, sem motivo, na chamada Festa da Dedicção.

Entre os que lhe comungam a estrada, surgem obsessões e psicoses diversas.

Maria de Magdala, que se faria a mensageira da ressurreição, fora vítima de entidades perversas. Pedro sofria de obsessão periódica. Judas era engeguecido em obsessão fulminante. Caifás mostrava-se paranoico. Pilatos tinha crises de medo.

No dia da crucificação, vemos o Senhor rodeado por obsessões de todos os tipos, a ponto de ser considerado, pela multidão, inferior a Barrabás, malfeitor e obsessão vulgar.

E, por último, como se quisesse deliberadamente legar-nos preciosa lição de caridade para com os alienados mentais, declarados ou não, que enxameiam no mundo, o Divino Amigo prefere partir da Terra na intimidade de dois ladrões, que a Ciência de hoje classificaria por cleptomaniacos pertinazes.¹⁴

3. O processo obsessivo

O processo obsessivo se caracteriza pela ação do obsessor sobre o obsidiado, que aproveita a menor oportunidade para atingir a pessoa visada. *A interferência se dá por processo análogo ao que acontece no rádio, quando uma emissora clandestina passa a utilizar determinada frequência operada por outra, prejudicando-lhe a transmissão. Essa interferência estará tanto mais assegurada quanto mais forte, potente e constante ela se apresentar, até abafar quase por completo os sons emitidos pela emissora burlada.⁷*

O perseguidor age persistentemente para que se efetue a ligação, a sintonia mental, enviando os seus pensamentos, numa repetição constante, hipnótica, à mente da vítima, que, incauta, invigilante, assimila-os e reflete-os, deixando-se dominar pelas ideias intrusas.⁸

Allan Kardec esclarece que no processo obsessivo há, também, uma ação fluídica por parte do obsessor que [...] *atua exteriormente, com a ajuda do seu perispírito, que ele identifica com o do encarnado, ficando este afinal enlaçado por uma como teia e constrangido a proceder contra a sua vontade.⁵* Esta ligação fluídica entre obsessor e obsidiado permite que [...] *os pensamentos e as vontades dos dois se confundem e o Espírito, então, se serve do corpo do indivíduo, como se fosse seu, fazendo-o agir à sua vontade. [...] Fá-lo pensar, falar, agir em seu lugar, impele-o, a seu mau grado, a atos extravagantes ou ridículos; magnetiza-o, em suma, lança-o num estado de catalepsia moral e o indivíduo se torna um instrumento da sua vontade. Tal a origem da obsessão, da fascinação e da subjugação que se produzem em graus muito diversos de integridade.⁶*

Apresentamos, a seguir, como ilustração de processo obsessivo, o relato do Espírito André Luiz constante do livro *Ação e reação*.

Luís, cujo Espírito se afinava com os antigos sentimentos paternos, apegando-se aos lucros materiais exagerados – informou-nos a interlocutora –, sofria tremenda obsessão no próprio lar. Sob teimosa vigilância dos tios desencarnados, que lhe acalentavam a mesquinhez, detinha larga fortuna, sem aplicá-la em coisa alguma. Enamorara-se do ouro com extremada volúpia. Submetia a esposa e dois filhinhos às mais duras necessidades, receoso de perder os haveres que tudo fazia por defender e multiplicar. Clarindo e Leonel, não satisfeitos com lhe seveciarem a mente, conduziam para a fazenda usurários e tiranos rurais desencarnados, cujos pensamentos ainda se enrodilhavam na riqueza terrestre, para lhe agravarem a sovinice. Luís, desse modo, respirava num mundo de imagens estranhas, em que o dinheiro se erigia em tema constante. Perdera, por isso, o contato com a dignidade social. Tornara-se inimigo da educação e acreditava tão somente no poder do cofre recheado para solucionar as dificuldades da vida. Adquirira o doentio temor de todas as situações em que pudessem surgir despesas inesperadas. Possuía grandes somas em estabelecimentos bancários que a própria companheira desconhecia, tanto quanto mantinha em custódia no lar enormes bens. Fugia deliberadamente à convivência afetiva, relaxara a própria apresentação individual e encravara-se em deplorável misantropia, obcecado pelo pesadelo do ouro que lhe consumia a existência.

Em seguida, a distinta senhora, buscando orientar as nossas futuras atividades, participou-nos que o afogamento dos cunhados se verificara em seus tempos de recém-casada, quando o filhinho mal ensaiava os primeiros passos, e que, após seis anos sobre a dolorosa ocorrência, encontrara, ela também, a desencarnação no lago terrível. Antônio Olímpio lhe sobrevivera, na esfera carnal, quase três lustros e, por vinte anos, precisamente, padecia nas trevas. Luís, dessa forma, alcançava a madureza plena, tendo atravessado os quarenta anos de experiência física.

Ante a palavra do Assistente, que indagou quanto aos seus tentames de socorro ao marido desencarnado, Alzira declarou que isso lhe fora realmente impossível, porque as vítimas se haviam transformado em carcereiros ferozes do infeliz delinquente, e como, até então, não conseguira escudar-se em qualquer equipe de trabalho assistencial, não lhe permitiam os verdugos qualquer aproximação. Ainda assim, em ocasiões fortuitas, dispensava ao filho, à nora e aos dois netos algum amparo, o que se lhe fazia extremamente difícil, de vez que os obsessores velavam, irredutíveis, guerreando-lhe as influências.¹³

Referências

1. Kardec, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 127. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 28, item 11, p. 455-456.
2. _____. Item 75, p. 491-493.
3. _____. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 50.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. XIV, item 45, p. 347.
4. _____. Item 46, p. 347-349.
5. _____. Item 47, p. 349.
6. _____. *Obras póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro. 39.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Primeira parte (Manifestações dos Espíritos), item 56, (Da obsessão e da possessão), p. 74-75.
7. SCHUBERT, Suely Caldas. *Obsessão/desobsessão*. Primeira parte. Cap. 9 (O Processo Obsessivo), p. 50.
8. _____. p. 51.
9. _____. Cap. 11, p. 62.
10. _____. Cap.13, p. 67-68.
11. _____. p. 68.
12. _____. p. 69.
13. Xavier, Francisco Cândido. *Ação e reação*. Pelo Espírito André Luiz. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 8 (Preparativos para o retorno), p. 122-123.
14. _____. *Seara dos médiuns*. Pelo Espírito Emmanuel. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Item: Obsessão e Jesus, p. 60-61.

Mensagem

*Conversa com Jesus

Senhor! Não lastimamos tanto
 Contemplar no caminho a penúria sem nome,
 Porque sabemos que socorrerás
 Os famintos de pão e sedentos de paz;

* Xavier, Francisco Cândido. *Antologia da espiritualidade*. Pelo Espírito Maria Dolores. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002, item 36, p. 109-110

Dói encontrar na vida
Os que fazem a fome.

Ante aqueles que choram
Não lamentamos tanto,
Já que estendes o braço
Aos que gemem de angústia e de cansaço;
Deploramos achar nas multidões do mundo
Os que abrem na Terra as comportas do pranto.

Não lastimamos tanto os que se esfalfam
Carregando a aflição de férrea cruz,
De vez que nós sabemos quanto assiste
Os humildes e os tristes;
Lastimamos os cérebros que brilham
E sonegam a luz.

Não deploramos tanto os que suportam
Sarcasmo e solidão na carência de amor,
Porquanto tens as mãos, hora por hora,
No consolo e no apoio a todo ser que chora;
Lamentamos fitar os amigos felizes
Que alimentam a dor.

É por isso, Jesus, que nós te suplicamos:
Não nos deixes seguir-te o passo em vão,
Que o prazer do conforto não nos vença,
Livra-nos de tombar no pó da indiferença...
Inda que a provação nos seja amparo e guia,
Toma e guarda em serviço o nosso coração.

OBSESSÃO E DESOBSESSÃO

Roteiro 3

OBSESSÃO E ENFERMIDADES MENTAIS

Objetivo específico

- » Estabelecer relação entre obsessão e enfermidades mentais.

Conteúdo básico

- » *A subjugação corporal, levada a certo grau, poderá ter como consequência a loucura?*

Pode, a uma espécie de loucura cuja causa o mundo desconhece, mas que não tem relação alguma com a loucura ordinária. Entre os que são tidos por loucos, muitos há que apenas são subjugados; precisariam de um tratamento moral, enquanto que com os tratamentos corporais os tornamos verdadeiros loucos. Allan Kardec: O livro dos médiuns. Cap. 23, item 254, 6.ª pergunta.

- » *Pode a obsessão transformar-se em loucura?*

Qualquer obsessão pode transformar-se em loucura, não só quando a lei das provações assim o exige, como também na hipótese de o obsidiado entregar-se voluntariamente ao assédio das forças nocivas que o cercam, preferindo esse gênero de experiências. Emmanuel: O consolador, questão 395

Sugestões didáticas

Introdução

- » Pedir à turma, no início da aula, que leia silenciosamente os *Subsídios* deste roteiro, destacando os pontos considerados importantes.
- » Ouvir as informações dos participantes, relacionadas aos pontos destacados, comentando-as rapidamente.

Desenvolvimento

- » Concluído o comentário, dividir a turma em duplas e entregar a cada uma delas uma questão para ser analisada e respondida
Observação: ver sugestão de questões, no anexo 2.
- » Pedir que as duplas apresentem, em plenária, as conclusões do trabalho.
- » Esclarecer as possíveis dúvidas surgidas durante os relatos.

Conclusão

- » Entregar à turma cópia da mensagem mediúnica “Mediunidade e alienação mental”, do Espírito Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier, e constante do livro *Seara dos médiuns* (veja anexo).
- » Promover breve debate sobre as ideias desenvolvidas pelo autor espiritual, correlacionando-as com as que foram apresentadas no trabalho em plenária.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- » Os participantes: a) responderem corretamente às questões propostas; b) correlacionarem as ideias desenvolvidas na mensagem mediúnica com as apresentadas em plenária.

Técnica(s): leitura; estudo em duplas; debate

Recurso(s): *Subsídios* deste roteiro; questões; mensagem mediúnica.

Atividade extraclasse para a próxima reunião de estudo: Solicitar aos participantes a leitura atenta do próximo roteiro (Desobsessão), anotando as principais ideias desenvolvidas no texto.

Subsídios

O tema *obsessão* tem despertado a atenção de grande número de profissionais da saúde – em especial dos psiquiatras –, dada a sua estreita ligação com as enfermidades mentais.

Ao discorrer sobre a importância das ideias espíritas na elucidação das questões das doenças mentais, Kardec aponta a real causa desses distúrbios: a alma, isto é, o Espírito imortal.

Abrindo novos horizontes a todas as ciências, o Espiritismo vem [...] elucidar a questão tão obscura das doenças mentais, ao assinalar-lhes uma causa que, até hoje, não havia sido levada em consideração – causa real, evidente, provada pela experiência e cuja verdade mais tarde será reconhecida. Mas como fazer que tal causa seja admitida por aqueles que estão sempre dispostos a enviar ao hospício quem quer que tenha a fraqueza de crer que temos uma alma e que esta desempenha um papel nas funções vitais, sobrevive ao corpo e pode atuar sobre os vivos? Graças a Deus, e para o bem da humanidade, as ideias espíritas fazem mais progresso entre os médicos do que se podia esperar e tudo faz prever que, num futuro não muito remoto, a medicina saia finalmente da rotina materialista.³

Desse modo, sendo a alma (Espírito) a causa real de toda manifestação inteligente do ser, é fácil constatar-se que os desequilíbrios mentais estão ligados à rebeldia, à não-observância das leis de Deus. Neste sentido, quase [...] podemos afirmar que noventa em cem dos casos de loucura, excetuados aqueles que se originam da incursão microbiana [sífilis, AIDS] sobre a matéria cinzenta [do cérebro], começam nas consequências das faltas graves que praticamos, com a impaciência ou com a tristeza, isto é, por intermédio de atitudes mentais que imprimem deploráveis reflexos ao caminho daqueles que as acolhem e alimentam. Instaladas essas forças desequilibrantes no campo íntimo, inicia-se a desintegração da harmonia mental; esta por vezes perdura, não só numa

*existência, mas em várias delas, até que o interessado se disponha, com fidelidade, a valer-se das bênçãos divinas que o aljofram, para restabelecer a tranquilidade e a capacidade de renovação que lhe são inerentes à individualidade, em abençoado serviço evolutivo.*¹⁰

Da mesma forma, as [...] grandes preocupações do Espírito podem ocasionar a loucura: as ciências, as artes e até a religião lhe fornecem contingentes. A loucura tem como causa primária uma predisposição orgânica do cérebro, que o torna mais ou menos acessível a certas impressões. Dada a predisposição para a loucura, esta tomará o caráter de preocupação principal, que então se muda em ideia fixa, podendo tanto ser a dos Espíritos, em quem com eles se ocupou, como a de Deus, dos anjos, do diabo, da fortuna, do poder, de uma arte, de uma ciência, da maternidade, de um sistema político ou social. Provavelmente, o louco religioso se houvera tornado um louco espírita, se o Espiritismo fora a sua preocupação dominante, do mesmo modo que o louco espírita o seria sob outra forma, de acordo com as circunstâncias.¹

Podemos dizer então que, excetuados os [...] casos puramente orgânicos, o louco [ou enfermo mental] é alguém que procurou forçar a libertação do aprendizado terrestre, por indisciplina ou ignorância. Temos neste domínio um gênero de suicídio habilmente dissimulado, a autoeliminação da harmonia mental, pela inconformação da alma nos quadros de luta que a existência humana apresenta. Diante da dor, do obstáculo ou da morte, milhares de pessoas capitulam, entregando-se, sem resistência, à perturbação destruidora, que lhes abre, por fim, as portas do túmulo. A princípio, são meros descontentes e desesperados, que passam despercebidos mesmo àqueles que os acompanham de mais perto. Pouco a pouco, no entanto, transformam-se em doentes mentais de variadas gradações, de cura quase impossível, portadores que são de problemas inextricáveis e ingratos. Imperceptíveis frutos da desobediência começam por arruinar o patrimônio fisiológico que lhes foi confiado na Crosta da Terra, e acabam empobrecidos e infelizes. Aflitos e semimortos, são eles homens e mulheres que desde os círculos terrenos padecem, encovados em precipícios infernais, por se haverem rebelado aos desígnios divinos, preterindo-os, na escola benéfica da luta aperfeiçoadora, pelos caprichos insensatos.⁸

O doente mental, por obsessão, é alguém que, de alguma forma, [...] entregou o invólucro físico ao curso de ocorrências nefastas, e, por fim, situou-se mentalmente em zonas mais baixas da personalidade [...].⁹ Desarmonizado consigo mesmo, o doente identifica e acata

sugestões perturbadoras de outras mentes, igualmente doentes, com as quais sintoniza. Isto acontece porque, sendo a obsessão enfermidade da alma, a [...] *criatura desvalida de conhecimento superior rende-se, inerte, à influência aviltante, como a planta sem defesa se deixa invadir pela praga destruidora, e surgem os dolorosos enigmas orgânicos que, muitas vezes, culminam com a morte. Dispomos, contudo, na Doutrina Espírita, à luz dos ensinamentos do Cristo, e verdadeira ciência curativa da alma, com recursos próprios à solução de cada processo morboso da mente, removendo o obsessor do obsidiado, como o agente químico ou a intervenção operatória suprimem a enfermidade no enfermo, desde que os interessados se submetam aos impositivos do tratamento.*¹¹

*As enfermidades espirituais [por obsessão] produzem distúrbios ou lesões no corpo físico decorrentes de desarmonias psíquicas originadas das condições pessoais do enfermo, da influência de entidade espiritual, ou por ação conjunta de ambos. Podem ser consideradas como de baixa, média ou de alta gravidade. As de baixa gravidade [obsessões simples], mais fáceis de serem controladas, costumam surgir em momentos específicos da vida, quando a pessoa passa por algum tipo de dificuldade: perdas afetivas ou materiais; doenças físicas; insucesso profissional, entre outras. São situações em que as emoções afloram impetuosamente, gerando diferentes tipos de somatizações [...]. As doenças espirituais de média gravidade [fascinações] podem prolongar-se por anos a fio, mantendo-se dentro de um mesmo padrão ou evoluindo para algo mais grave. [...] Se não ocorre a desejável assistência espiritual em benefício do necessitado, nessa fase da evolução da enfermidade, os doentes podem desenvolver comportamentos caracterizados, sobretudo, por “manias” e pelo isolamento social. As ideias e os desejos do enfermo ficam girando dentro de um círculo vicioso, conduzindo à criação de formas-pensamento, alimentadas pela vontade do próprio necessitado e pela dos Espíritos desencarnados, sintonizados nesta faixa de vibração. [...]⁵ As enfermidades espirituais, classificadas como graves [subjugações], são encontradas em pessoas que revelam perdas temporárias ou permanentes da consciência. A perda da consciência, lenta ou repentina, pode estar associada a uma causa fisiológica (velhice) ou a uma patologia (lesões cerebrais de etiologias diversas). Nessa situação, o enfermo vive períodos de alheamentos ou alienações mentais, alternados com outros de lucidez. Esses períodos são particularmente difíceis, pois a pessoa passa a viver numa realidade estranha e dolorosa, sobretudo quando o Espírito enfermo vê-se associado a outras mentes enfermas, em processos de simbioses espirituais.*⁶

As obsessões por fascinação e por subjugação já revelam sinais visíveis de enfermidades mentais. Se nesta fase da evolução da doença não ocorrer uma assistência – médica, psicológica e espiritual –, a obsessão descamba para a loucura. Nos casos de subjugação, sobretudo, a obsessão pode levar a [...] *uma espécie de loucura cuja causa o mundo desconhece, mas que não tem relação alguma com a loucura ordinária* [orgânica propriamente dita]. *Entre os que são tidos por loucos, muitos há que apenas são subjugados; precisariam de um tratamento moral, enquanto que com os tratamentos corporais os tornamos verdadeiros loucos.*²

As enfermidades mentais produzidas pela obsessão nos fazem compreender que, [...] *semelhante a uma nuvem de gafanhotos, um bando de Espíritos malfazejos pode lançar-se sobre um certo número de indivíduos, deles se apoderar e produzir uma espécie de epidemia moral. A ignorância, a fraqueza das faculdades, a ausência de cultura intelectual naturalmente lhes facultam maior influência. É por isso que eles prejudicam, de preferência, certas classes, embora as pessoas inteligentes e instruídas nem sempre estejam isentas. Como diz [o Espírito] Erasto, foi provavelmente uma epidemia desse gênero que imperou no tempo do Cristo, tantas vezes mencionada no Evangelho. Mas por que só a sua palavra bastava para expulsar os chamados demônios? Isto prova que o mal não podia ser curado senão por uma influência moral.*⁴

Na atualidade, os processos obsessivos apresentam características de uma epidemia, podendo ser controlada ou neutralizada somente pela força do bem. Estamos cercados por inúmeros Espíritos perturbados, encarnados e desencarnados, que buscam nos influenciar de todas as formas. *Impossível desconhecer as dificuldades e problemas a que estamos sujeitos pela influência dos nossos companheiros apresados nas teias de revolta e desequilíbrio; entretanto, se a Bondade do Senhor no-los encaminha, é que partilhamos com eles o mesmo quinhão de débito a resgatar ou de serviço a desenvolver; se nos trazem sensações de tristeza ou de angústia, é que ainda temos os corações, quais os deles, arraigados à sombra de Espírito. Recebam-los na trilha do respeito, quando não nos seja possível acolhê-los no portal da alegria. E comecemos a obra do reajuste, acendendo no íntimo a chama da prece; ela clareará nossas almas e interpretá-los-emos tais quais são: nossos companheiros de caminhada e obreiros indispensáveis da vida.*⁷

Referências

1. Kardec, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 89 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Introdução XV, p. 51-53.
2. _____. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 80. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 23, item 254, 6.ª pergunta p. 334.
3. _____. *Revista Espírita: Jornal de estudos psicológicos*. Ano 1862. Tradução de Evandro Noletto Bezerra. Poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Ano V, abril de 1862, n.º 04, item: Epidemia demoníaca na Saboia, p.161.
4. _____. p.161-162.
5. MOURA, Marta A. Enfermidades espirituais. *Reformador*, Junho de 2004, ano 122, N.º 2. 103, p. 210.
6. _____. p. 210-211.
7. Xavier, Francisco Cândido. *Encontro marcado*. Pelo Espírito Emmanuel. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 33 (Companheiros de experiência. Tema: Espíritos obsessores), p. 107-108.
8. _____. *No mundo maior*. Pelo Espírito André Luiz. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 16 (Alienados mentais), p. 255-256.
9. _____. p. 257.
10. _____. p. 259-260.
11. _____. *Seara dos médiuns*. Pelo Espírito Emmanuel. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Item: Obsessão e cura, p. 195-196.

Anexos

*Mediunidade e alienação mental

Quantos não se resignam com as verdades que a Doutrina Espírita veio descerrar à mente humana, há mais de um século, dizem, inconscientemente, que a mediunidade gera a loucura.

E multiplicam teorias complicadas que lhes justifiquem o modo de pensar, observando-a simplesmente como “estado mórbido”, dando a ideia de especialistas que apenas examinassem os problemas do homem natural através do homem doente.

*

* Xavier, Francisco Cândido. *Seara dos médiuns*. Pelo Espírito Emmanuel. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, p. 135-136.

Considerando-se a mediunidade como percepção peculiar à estrutura psíquica de cada um de nós, encontrá-la-emos, nos mais diversos graus, em todas as criaturas.

À vista disso, podemos situá-la facilmente no campo da personalidade, entre os demais sentidos de que se serve o Espírito a fim de expressar-se e evolver para a vida superior.

Não ignoramos, porém, que os sentidos transviados conduzem fatalmente à deturpação e ao desvario.

Os olhos são auxiliares imediatos dos espíões e dos criminosos que urdem a guerra e povoam as penitenciárias; contudo, por esse motivo, não podem ser acusados como fatores de delinquência.

Os ouvidos são colaboradores diretos da crueldade e da calúnia que suscitam a degradação social, mas não apresentam, em si mesmos, semelhantes desequilíbrios.

As mãos, quando empregadas na fabricação de bombas destruidoras, são operárias da morte; entretanto, não deixam de ser os instrumentos sublimes da inteligência em todas as obras-primas da humanidade.

O sexo, que constrói o lar em nome de Deus, por toda parte é vítima de tremendos abusos pelos quais se amplia terrivelmente o número de enfermos cadastrados nos manicômios; contudo, isso não é razão para que se lhe deslustre a missão divina.

*

A manifestação é da instrumentalidade.

O erro é da criatura.

A faculdade mediúnica não pode, assim, responsabilizar-se pela atitude daqueles que a utilizam nos atos de ignorância e superstição, maldade e fanatismo.

E qual acontece aos olhos e aos ouvidos, às mãos e ao sexo que dependem do comando mental, a mediunidade, acima de tudo, precisa levantar-se e esclarecer-se, edificar-se e servir, com bases na educação.

Sugestão de questões para o trabalho em duplas

1. Qual a causa real das doenças mentais, segundo a percepção do Codificador? Justifique a resposta.
2. Que fatores podem ocasionar a loucura, propriamente dita?
3. Que argumentos poderiam ajudar a esclarecer a pessoa que considera o Espiritismo uma “fábrica de loucos”?
4. Em que consiste o gênero de “suicídio habilmente dissimulado”, aplicado ao enfermo mental?
5. Aponte – no quadro da doença mental por obsessão – todos os passos que culminam na ação obsessiva.
6. Qual a situação da pessoa que não possui conhecimentos superiores, diante do problema obsessivo?
7. Que recursos a Doutrina Espírita oferece àquele que enfrenta problemas de obsessão?
8. As obsessões produzem distúrbios no corpo físico? Justifique a resposta.
9. Quanto ao nível de gravidade, como podem ser consideradas as obsessões? Diga, resumidamente, as características de cada uma delas.
10. Explique: *Entre os que são tidos por loucos, muitos há que apenas são subjugados; precisariam de um tratamento moral, enquanto que com os tratamentos corporais os tornamos verdadeiros loucos.*

Mensagem

*Prece de Dr. Carneiro de Campos

“Jesus, Mestre Incomparável:

Aqui estamos, os Teus discípulos imperfeitos, pois que fazemos apenas e desordenadamente o que nos foi recomendado.

* FRANCO, Divaldo Pereira. *Trilhas da libertação*. Pelo Espírito Manoel P. de Miranda. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. (Considerações últimas), p. 327.

Permanece em nós a aspiração de amar e servir mais e melhor. Ajuda-nos a consegui-lo, não obstante os nossos teimosos limites.

Muitas vezes temos prometido renovar-nos para ascender, mas apesar disso não nos dispusemos a romper as algemas que nos retêm nos charcos das paixões. Hoje, no entanto, brilha em nosso íntimo diferente chama de entusiasmo e fé, apontando-nos o rumo libertador.

Desejamos agradecer-Te, Senhor, a incessante ajuda com que nos honraste durante estes dias de atividade grave. Jamais nos faltaram inspiração, apoio e discernimento para agir com equilíbrio. Se houve dificuldades para os que as geraram, rogamos misericórdia.

Abençoa, Jesus, todos aqueles que partilharam das nossas preocupações e tarefas, infundindo-lhes ânimo superior e disposição para o bem, especialmente naqueles que saíram da treva e se dispõem à renovação. Tem piedade deles, os irmãos recém-chegados da ignorância. Compadece-Te, também, daqueles outros que se demoram na demência do egoísmo e da presunção, esquecidos de Ti.

Roga a Nosso Pai por eles e por nós, os filhos do Calvário, que nos consideramos ainda. Despede-nos em Tua paz e prossegue conosco, pois que, sem Ti, é-nos impossível seguir com segurança na direção do porto da paz.”

OBSESSÃO E DESOBSESSÃO

Roteiro 4

DESOBSESSÃO

Objetivo específico

- » Identificar os meios de prevenir a obsessão.
- » Explicar o processo da desobsessão.

Conteúdo básico

- » A prevenção da obsessão consiste na prática do bem e na confiança em Deus. [...] *Guardai-vos de atender às sugestões dos Espíritos que vos suscitam maus pensamentos, que sopram a discórdia entre vós outros e que vos insuflam as paixões más. Desconfiai especialmente dos que vos exaltam o orgulho, pois que esses vos assaltam pelo lado fraco. Essa a razão por que Jesus, na oração dominical, vos ensinou a dizer: “Senhor! Não nos deixeis cair em tentação, mas livra-nos do mal.” Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 469.*
- » *Nos casos de obsessão grave, o obsidiado fica como que envolto e impregnado de um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutareis e os repele. É daquele fluido que importa desembaraçá-lo. Ora, um fluido mau não pode ser eliminado por outro igualmente mau. Por meio de ação idêntica à do médium curador, nos casos de enfermidade, preciso se faz expelir um fluido mau com o auxílio de um fluido melhor. Nem sempre, porém, basta esta ação mecânica; cumpre, sobretudo, atuar sobre o ser inteligente, ao qual é preciso se possua o*

direito de falar com autoridade, que, entretanto, falece a quem não tenha superioridade moral. Quanto maior esta for, tanto maior também será aquela. Mas, ainda não é tudo: para assegurar a libertação da vítima, indispensável se torna que o Espírito perverso seja levado a renunciar aos seus maus desígnios; que se faça que o arrependimento desponte nele, assim como o desejo do bem, por meio de instruções habilmente ministradas, em evocações particularmente feitas com o objetivo de dar-lhe educação moral. [...] O trabalho se torna mais fácil quando o obsidiado, compreendendo a sua situação, para ele concorre com a vontade e a prece. Outro tanto não sucede quando, seduzido pelo Espírito que o domina, se ilude com relação às qualidades deste último e se compraz no erro a que é conduzido, porque, então, longe de a secundar, o obsidiado repele toda assistência. É o caso da fascinação, infinitamente mais rebelde sempre, do que a mais violenta subjugação. [...] Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso meio de que se dispõe para demover de seus propósitos maléficos o obsessor. Allan Kardec: A gênese. Cap. 14, item 46.

Sugestões didáticas

Introdução

- » Fazer breve síntese sobre conceito e causas da *obsessão*, estudados no roteiro 1 deste módulo.
- » Apresentar os objetivos deste roteiro, introduzindo o assunto.

Desenvolvimento

- » Pedir aos alunos que formem um grande círculo. Em seguida, apresentar as questões referentes ao assunto deste roteiro, estudado em casa, conforme orientação anterior.

Quais os meios que a Doutrina Espírita nos oferece para prevenir a obsessão? Como ocorre o processo da desobsessão?

- » Esclarecer que cada participante disporá de um minuto para responder às questões.
- » Indicar um aluno para cronometrar o tempo de seus colegas

- » Dar início à discussão ouvindo o primeiro participante. Terminado o minuto da fala, seu vizinho continua a discussão completando, refutando ou levantando dúvidas. A atividade continua até que todos tenham participado. Passar, então, à questão seguinte, procedendo de igual modo.
- » Estimular um maior aprofundamento da discussão; se necessário, pedir aos participantes que contribuam com novos enfoques

Observação: O monitor deve continuamente utilizar um tom moderado, acalmando ânimos, incentivando a emissão de ideias positivas, contendo com delicadeza os mais falantes e, sempre que necessário, tecer apreciações em torno das ideias relevantes ao entendimento do assunto

Conclusão

- » Fazer a integração do assunto destacando os pontos principais sobre *desobsessão*.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- » as ideias apresentadas refletirem entendimento do assunto.

Técnica(s): exposição, discussão circular.

Recurso(s): *Subsídios* do roteiro; questões para a discussão circular.

Subsídios

Algumas pessoas deploram que haja Espíritos maus. De fato, não é sem um certo desencanto que encontramos a perversidade neste mundo, onde só gostaríamos de encontrar seres perfeitos. Desde que as coisas são assim, nada podemos fazer: é preciso aceitá-las como são. É a nossa própria inferioridade que faz com que os Espíritos imperfeitos pululem à nossa volta; as coisas mudarão quando nos tornarmos melhores, como já ocorreu nos mundos mais adiantados. [...] Ver e compreender o mal é uma maneira de nos preservarmos contra ele.³

Todos possuímos desafetos de existências passadas e, no estágio de evolução em que ainda respiramos, atraímos a presença de entidades menos evolvidas, que se nos ajustam ao clima do pensamento, prejudicando, não raro, involuntariamente, as nossas disposições e possibilidades de aproveitamento da vida e do tempo. A desobsessão vige, desse modo, por remédio moral específico, arejando os caminhos mentais em que nos cabe agir, imunizando-nos contra os perigos da alienação e estabelecendo vantagens ocultas em nós, para nós e em torno de nós, numa extensão que, por enquanto, não somos capazes de calcular. Através dela, desaparecem doenças-fantasmas, empecos obscuros, insucessos, além de obtermos com o seu apoio espiritual mais amplos horizontes ao entendimento da vida e recursos morais inapreciáveis para agir, diante do próximo, com desapego e compreensão.⁹

1. Prevenção das obsessões

Terapêuticas diversas merecem estudos para a supressão dos males que flagelam a humanidade. Antibióticos atacam processos de infecção, institutos especializados examinam a patologia do câncer, a cirurgia atinge o coração para sanar o defeito cardíaco e a vacina constitui defesa para milhões. Ao lado, porém, das enfermidades que supliciam o corpo, encontramos, aqui e além, as calamidades da obsessão que desequilibram a mente. [...] Vemo-las instaladas em todas as classes, desde aquelas em que se situam as pessoas providas de elevados recursos da inteligência àquelas outras onde respiram companheiros carecentes das primeiras noções do alfabeto, desbordando, muita vez, na tragédia passional que ocupa a atenção da imprensa ou na insânia conduzida ao hospício. Isso tudo, sem relacionarmos os problemas da depressão, os desvarios sexuais, as síndromes de angústias e as desarmonias domésticas.⁸

Assim, é necessário considerarmos que em todo processo patológico, seja do corpo físico ou da alma, a prevenção, ou a profilaxia, é a base de uma vida sadia. *Profilaxia é o conjunto de medidas preventivas que evitem o aparecimento de doenças. No caso da obsessão – sendo esta doença da alma –, a profilaxia é de vital importância. Como vimos, existe a obsessão porque existe inferioridade em nós.⁴* A prevenção da obsessão consiste na prática do bem e na confiança em Deus. Sendo assim, os Espíritos da Codificação nos orientam: [...] *Guardai-vos de atender às sugestões dos Espíritos que vos suscitam maus pensamentos, que sopram a discórdia entre vós outros e que vos insuflam as paixões*

más. Desconfiai especialmente dos que vos exaltam o orgulho, pois que esses vos assaltam pelo lado fraco. Essa a razão por que Jesus, na oração dominical, vos ensinou a dizer: “Senhor! não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal.”² [...], a única profilaxia eficaz contra a obsessão é a do Evangelho. É praticar o bem e ser bom.”⁵

2. O processo da desobsessão

*Atendendo ao trabalho da desobsessão nos arredores de Gáda-
ra, vemos Jesus a conversar fraternalmente com o obsessivo que lhe era
apresentado, ao mesmo tempo que se fazia ouvido pelos desencarna-
dos infelizes. Importante verificar que ante a interrogativa do Mestre,
a perguntar-lhe o nome, o médium, consciente da pressão que sofria
por parte das Inteligências conturbadas e errantes, informa chamar-se
“Legião”, e o evangelista acrescenta que o obsidiado assim procedia
“porque tinham entrado nele muitos demônios”. Sabemos hoje com
Allan Kardec, conforme palavras textuais do Codificador da Doutrina
Espírita, no item 6 do capítulo XII, “Amai os vossos inimigos”, de “O
evangelho segundo o espiritismo”, que “esses demônios mais não são do
que as almas dos homens perversos, que ainda se não despojaram dos
instintos materiais”. No episódio, observamos o Cristo entendendo-se, de
maneira simultânea, com o médium e com as entidades comunicantes,
na benemérita empresa do esclarecimento coletivo, ensinando-nos que
a desobsessão não é caça a fenômeno e sim trabalho de amor conjugado
ao conhecimento e do raciocínio associado à fé.”⁷*

Analizando o problema da obsessão – num grau de maior gravidade – Kardec expõe o seguinte: Nos casos de obsessão grave, o obsidiado fica como que envolto e impregnado de um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutares e os repele. É daquele fluido que importa desembaraçá-lo. Ora, um fluido mau não pode ser eliminado por outro igualmente mau. Por meio de ação idêntica à do médium curador, nos casos de enfermidade, preciso se faz expelir um fluido mau com o auxílio de um fluido melhor. Nem sempre, porém, basta esta ação mecânica; cumpre, sobretudo, atuar sobre o ser inteligente, ao qual é preciso se possua o direito de falar com autoridade, que, entretanto, falece a quem não tenha superioridade moral. Quanto maior esta for, tanto maior também será aquela. Mas, ainda não é tudo: para assegurar a libertação da vítima, indispensável se torna que o Espírito perverso seja levado a renunciar aos seus maus desígnios;

que se faça que o arrependimento desponte nele, assim como o desejo do bem, por meio de instruções habilmente ministradas, em evocações particularmente feitas com o objetivo de dar-lhe educação moral. [...] O trabalho se torna mais fácil quando o obsidiado, compreendendo a sua situação, para ele concorre com a vontade e a prece. Outro tanto não sucede quando, seduzido pelo Espírito que o domina, se ilude com relação às qualidades deste último e se compraz no erro a que é conduzido, porque, então, longe de a secundar, o obsidiado repele toda assistência. É o caso da fascinação, infinitamente mais rebelde sempre, do que a mais violenta subjugação. [...] Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso meio de que se dispõe para demover de seus propósitos maléficos o obsessor.¹

Ainda com respeito ao trabalho de desobsessão – considerado nas suas inúmeras facetas –, destacamos, a seguir, alguns trechos do livro *Missionários da luz* – do autor espiritual André Luiz – nos quais podemos constatar a importância e complexidade do trabalho dos Espíritos incumbidos de atender a obsidiados e obsessores, trabalho esse secundado pelos encarnados participantes das chamadas reuniões de desobsessão.

Tendo obtido permissão do instrutor Alexandre para acompanhá-lo ao trabalho de desobsessão, num Centro Espírita, André Luiz obtém deste Espírito orientador preciosas lições sobre o assunto. Eis o teor da conversa, iniciada pelo autor espiritual do livro:

– *Já conhece todos os casos?* – indaguei.

– *Todos* – respondeu Alexandre, sem hesitar. – *Dos cinco que constituirão o motivo da próxima reunião, apenas uma jovem revela possibilidades de melhoras mais ou menos rápidas. Os demais comparecerão simplesmente para socorro, evitando agravo nas provas necessárias.*

Considerando muito interessante a menção especial que se fazia, perguntei:

– *Gozará a jovem de proteção diferente?*

O instrutor sorriu e esclareceu:

– *Não se trata de proteção, mas de esforço próprio. O obsidiado, além de enfermo, representante de outros enfermos, quase sempre é também uma criatura repleta de torturantes problemas espirituais. Se lhe falta vontade firme para a autoeducação, para a disciplina de si mesma, é quase certo que prolongará sua condição dolorosa além da morte. [...]*

– A jovem a que me referi está procurando a restauração das forças psíquicas, por si mesma; tem lutado incessantemente contra as investidas de entidades malignas, mobilizando todos os recursos de que dispõe no campo da prece, do autodomínio, da meditação. Não está esperando o milagre da cura sem esforço e, não obstante terrivelmente perseguida por seres inferiores, vem aproveitando toda espécie de ajuda que os amigos de nosso plano projetam em seu círculo pessoal. A diferença, pois, entre ela e os outros, é a de que, empregando as próprias energias, entrará, embora vagarosamente, em contato com a nossa corrente auxiliadora, ao passo que os demais continuarão, ao que tudo faz crer, na impassibilidade dos que abandonam voluntariamente a luta edificante. [...]

Observei, agradavelmente surpreendido, as emissões magnéticas dos que se reuniam ali, em tarefa de socorro, movidos pelo mais santo impulso de caridade redentora. Nossos técnicos em cooperação avançada valiam-se do fluxo abundante de forças benéficas, improvisando admiráveis recursos de assistência, não só aos obsidiados, mas também aos infelizes perseguidores. De todos os enfermos psíquicos, somente a jovem resoluta a que nos referimos conseguia aproveitar nosso auxílio cem por cento. Identificava-lhe o valoroso esforço para reagir contra o assédio dos perigosos elementos que a cercavam. Envolvida na corrente de nossas vibrações fraternas, recuperara normalidade orgânica absoluta, embora em caráter temporário. Sentia-se tranquila, quase feliz.

Apesar de manter-se em trabalho ativo, Alexandre chamou-me a atenção, assinalando o fato. – Esta irmã – disse o orientador – permanece, de fato, no caminho da cura. Percebeu a tempo que a medicação, qualquer que seja, não é tudo no problema da necessária restauração do equilíbrio físico. Já sabe que o socorro de nossa parte representa material que deve ser aproveitado pelo enfermo desejoso de restabelecer-se. Por isso mesmo, desenvolve toda a sua capacidade de resistência, colaborando conosco no interesse próprio. Observe.

Efetivamente, sentindo-se amparada pela nossa extensa rede de vibrações protetoras, a jovem emitia vigoroso fluxo de energias mentais, expelindo todas as ideias malsãs que os desventurados obsessores lhe haviam depositado na mente, absorvendo, em seguida, os pensamentos regeneradores e construtivos que a nossa influência lhe oferecia. [...]

– Apenas o doente convertido voluntariamente em médico de si mesmo atinge a cura positiva. No doloroso quadro das obsessões, o princípio é análogo. Se a vítima capitula sem condições, ante o adversário, entrega-se-lhe totalmente e torna-se possessa, após transformar-se em

autômato à mercê do perseguidor. Se possui vontade frágil e indecisa, habitua-se com a persistente atuação dos verdugos e vicia-se no círculo de irregularidades de muito difícil corrigenda, porquanto se converte, aos poucos, em polos de vigorosa atração mental aos próprios algozes. Em tais casos, nossas atividades de assistência estão quase circunscritas a meros trabalhos de socorro, objetivando resultados longínquos. Quando encontramos, porém, o enfermo interessado na própria cura, valendo-se de nossos recursos para aplicá-los à edificação interna, então podemos prever triunfos imediatos.¹⁰

É fundamental compreender que, na terapêutica da desobsessão, o Espiritismo possui recursos valiosos, auxiliando a combater as influências negativas. No entanto, àquele que se candidata aos benefícios desses recursos, Emmanuel recomenda: [...] *natural esperes auxílio, mas é necessário igualmente que te auxilies. Refaz as forças físicas, sob a inspiração da ciência curativa que a Providência Divina te assegura na Terra, mas satisfaz também à medicação da alma, através de leituras edificantes, em cujos textos a Doutrina Espírita te ajude a retomar o controle de Espírito, promovendo o governo da casa íntima. Cultiva a oração, sem esquecer o trabalho sadio que te valorize o tempo e a presença, angariando, sobretudo, alguma atividade beneficente que te faça mais útil à felicidade do próximo, em necessidades talvez maiores que as tuas. Reage contra quaisquer impressões de mágoa ou ressentimento, evita, quanto possível, as circunstâncias em que a tua posição de convalscente seja suscetível de queda, e guarda-te no convívio de irmãos cujos laços de entendimento e de afinidade te garantam o equilíbrio que ainda não pudeste, de todo, recuperar. [...] Meditemos no esforço generoso daqueles que nos amparam e saibamos colaborar com eles, a benefício nosso. O enfermo mais ricamente assistido deve cooperar com o médico que o atende, para que se possa curar.⁶*

Referências

1. Kardec, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 50. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 14, item 46, p. 347-349.
2. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução Guillon Ribeiro. 89. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007, questão 469, p. 280-281.
3. _____. *Revista Espírita: Jornal de estudos psicológicos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Poesias traduzidas por Inaldo de Lacerda Lima. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Ano 1958. Item: Obsidiados e subjugados, p. 414-415.

4. SCHUBERT, Suely Caldas. *Obsessão/desobsessão*. Quarta parte. Cap. 1 (Profilaxia das obsessões), p.187.
5. _____. p. 188.
6. Xavier, Francisco Cândido. *Encontro marcado*. Pelo Espírito Emmanuel. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Item 56: Na cura da obsessão, p. 170.
7. _____. *Desobsessão*. Pelo Espírito André Luiz. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Item: Um livro diferente, p. 13-14.
8. _____. Item: Desobsessão, p. 17-18.
9. _____. Cap. 64 (Benefícios da desobsessão), p. 222.
10. _____. *Missionários da luz*. 39. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 18 (Obsessão), p.311.

PROGRAMA COMPLEMENTAR | MÓDULO VII

FENÔMENOS DE EMANCIPAÇÃO DA ALMA

OBJETIVO GERAL

Apresentar esclarecimento a respeito dos
fenômenos de emancipação da alma

FENÔMENOS DE EMANCIPAÇÃO DA ALMA

Roteiro 1

SONO E SONHOS

Objetivo específico

- » Estabelecer a diferença entre sono e sonho.
- » Justificar a importância do sono, do ponto de vista espírita.

Conteúdo básico

- » *Durante o sono, a alma repousa como o corpo? Não, o Espírito jamais está inativo. Durante o sono, afrouxam-se os laços que o prendem ao corpo e, não precisando este então da sua presença, ele se lança pelo espaço e entra em relação mais direta com os outros Espíritos. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 401.*
- » *Como podemos julgar da liberdade do Espírito durante o sono? Pelos sonhos. Quando o corpo repousa, [...] tem o Espírito mais faculdades do que no estado de vigília. Lembra-se do passado e algumas vezes prevê o futuro. Adquire maior potencialidade e pode pôr-se em comunicação com os demais Espíritos, quer deste mundo, quer do outro. [...] O sono liberta a alma parcialmente do corpo. Quando dorme, o homem se acha por algum tempo no estado em que fica permanentemente depois que morre. [...] O sonho é a lembrança do que o Espírito viu durante o sono. Notai, porém, que nem sempre sonhais. Que quer isso dizer? Que nem sempre vos lembrais do que vistes, ou de tudo o que haveis visto, enquanto dormíeis. É que não tendes então a alma no pleno desenvolvimento de*

suas faculdades. Muitas vezes, apenas vos fica a lembrança da perturbação que o vosso Espírito experimenta à sua partida ou no seu regresso, acrescida da que resulta do que fizestes ou do que vos preocupa quando despertos. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 402.

- » *Graças ao sono, os Espíritos encarnados estão sempre em relação com o mundo dos Espíritos. Por isso é que os Espíritos superiores assentem, sem grande repugnância, em encarnar entre vós. Quis Deus que, tendo de estar em contato com o vício, pudessem eles ir retemperar-se na fonte do bem, a fim de igualmente não falirem, quando se propõem a instruir os outros. O sono é a porta que Deus lhes abriu, para que possam ir ter com seus amigos do Céu; é o recreio depois do trabalho, enquanto esperam a grande libertação, a libertação final, que os restituirá ao meio que lhes é próprio. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 402.*
- » *O sono foi dado ao homem para reparação das forças orgânicas e também para a das forças morais. Enquanto o corpo recupera os elementos que perdeu por efeito da atividade da vigília, o Espírito vai retemperar-se entre os outros Espíritos. Haure, no que vê, no que ouve e nos conselhos que lhe dão, ideias que, ao despertar, lhe surgem em estado de intuição. É a volta temporária do exilado à sua verdadeira pátria. É o prisioneiro restituído por momentos à liberdade. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. 28, item 38.*

Sugestões didáticas

Introdução

- » Iniciar o estudo apresentando um cartaz contendo a seguinte questão: **Qual a importância do sono para a nossa existência?** Solicitar que os participantes, em duplas, discutam o assunto.
- » Ouvir as respostas das duplas, sem comentá-las.

Desenvolvimento

- » Em seguida, formar quatro grupos para a realização das seguintes tarefas, em duas etapas:

1ª. Etapa: 1) ler os itens 1 e 2 dos *Subsídios*; 2) responder às seguintes perguntas: a) Que diferença existe entre sono e sonho? b) Qual a importância do sono, do ponto de vista espírita? 3) escrever as respostas em folha de papel-pardo, afixando-a em local indicado pelo monitor.

2ª. Etapa:

Grupo I – 1) ler o item 3.1 dos *Subsídios*; 2) trocar ideias sobre o conteúdo lido, inclusive compartilhando experiências semelhantes ao caso relatado, eventualmente ocorridas com os integrantes do grupo.

Grupo II – 1) ler o item 3.2 dos *Subsídios*; 2) trocar ideias sobre o conteúdo lido, inclusive compartilhando experiências semelhantes ao caso relatado, eventualmente ocorridas com os integrantes do grupo.

Grupo III – 1) ler o item 3.3 dos *Subsídios*; 2) trocar ideias sobre o conteúdo lido, inclusive compartilhando experiências semelhantes ao caso relatado, eventualmente ocorridas com os integrantes do grupo.

Grupo IV – 1) ler o item 3.4 dos *Subsídios*; 2) trocar ideias sobre o conteúdo lido, inclusive compartilhando experiências semelhantes ao caso relatado, eventualmente ocorridas com os integrantes do grupo.

- » Findo o trabalho dos grupos, fazer uma exposição do assunto, a partir dos cartazes elaborados pelos participantes, esclarecendo pontos e dirimindo dúvidas.

Conclusão

- » Encerrar o estudo destacando a importância da prece à hora de dormir, a fim de que bem aproveitemos os momentos de liberdade que nos são concedidos pelo sono físico. Sentiremos, assim, ao despertar, energias novas, tornando-nos mais fortes contra o mal, mais corajosos diante das lutas da vida.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- » Os participantes realizarem adequadamente as tarefas propostas e ouvirem, com interesse, a exposição do assunto.

Técnica(s): exposição; estudo em duplas; trabalho em pequenos grupos.

Recurso(s): *Subsídios* do roteiro; cartaz; folhas de papel pardo; caneta hidrográfica; fita adesiva.

Subsídios

1. Sono e sonho: diferença entre um e outro

O Espírito jamais está inativo. Durante o sono, afrouxam-se os laços que o prendem ao corpo e, não precisando este então da sua presença, ele se lança pelo espaço e entra em relação mais direta com os outros Espíritos.²

Em resposta à questão 402 de *O livro dos espíritos*, dizem os Orientadores Espirituais que se pode julgar a liberdade do Espírito durante o sono pelos [...] sonhos. *Quando o corpo repousa, [...] tem o Espírito mais faculdades do que no estado de vigília. Lembra-se do passado e algumas vezes prevê o futuro. Adquire maior potencialidade e pode pôr-se em comunicação com os demais Espíritos, quer deste mundo, quer do outro. [...] O sono liberta a alma parcialmente do corpo. Quando dorme, o homem se acha por algum tempo no estado em que fica permanentemente depois que morre. Tiveram sonos inteligentes os Espíritos que, desencarnando, logo se desligam da matéria. Esses Espíritos, quando dormem, vão para junto dos seres que lhes são superiores. Com estes viajam, conversam e se instruem. Trabalham mesmo em obras que se lhes deparam concluídas, quando voltam, morrendo na Terra, ao mundo espiritual. [...] Isto, pelo que concerne aos Espíritos elevados. Pelo que respeita ao grande número de homens que, morrendo, têm que passar longas horas na perturbação, [...] esses vão, enquanto dormem, ou a mundos inferiores à Terra, onde os chamam velhas afeições, ou em busca de gozos quiçá mais baixos do que os em que aqui tanto se deleitam.³*

Mais adiante, na mesma questão, assinalam: *O sonho é a lembrança do que o Espírito viu durante o sono. Notai, porém, que nem sempre sonhais. Que quer isso dizer? Que nem sempre vos lembrais do que vistes, ou de tudo o que haveis visto, enquanto dormíeis. É que não tendes a alma em pleno desenvolvimento de suas faculdades. Muitas vezes, apenas vos fica a lembrança da perturbação que o vosso Espírito*

experimenta à sua partida ou no seu regresso, acrescida da que resulta do que fizestes ou do que vos preocupa quando despertos. A não ser assim, como explicaríeis os sonhos absurdos, que tanto os sábios, quanto as mais humildes e simples criaturas têm? Acontece também que os maus Espíritos se aproveitam dos sonhos para atormentar as almas fracas e pusilânimes. Em suma, dentro em pouco vereis vulgarizar-se outra espécie de sonhos. Conquanto tão antiga como a de que vimos falando, vós a desconheceis. Refiro-me aos sonhos de Joana, ao de Jacob, aos dos profetas judeus e aos de alguns adivinhos indianos. São recordações guardadas por almas que se desprendem quase inteiramente do corpo [...].⁴

Assim, os [...] sonhos são efeito da emancipação da alma, que mais independente se torna pela suspensão da vida ativa e de relação. Daí uma espécie de clarividência indefnida que se alonga até aos mais afastados lugares e até mesmo a outros mundos. Daí também a lembrança que traz à memória acontecimentos da precedente existência ou das existências anteriores. As singulares imagens do que se passa ou se passou em mundos desconhecidos, entremeados de coisas do mundo atual, é que formam esses conjuntos estranhos e confusos, que nenhum sentido ou ligação parecem ter. A incoerência dos sonhos ainda se explica pelas lacunas que apresenta a recordação incompleta que conservamos do que nos apareceu quando sonhávamos. É como se a uma narração se truncassem frases ou trechos ao acaso. Reunidos depois, os fragmentos restantes nenhuma significação racional teriam.⁵

Kardec pergunta aos Espíritos Superiores por que não nos lembramos sempre dos sonhos. Eles respondem o seguinte: Em o que chamais sono, só há o repouso do corpo, visto que o Espírito está constantemente em atividade. Recobra, durante o sono, um pouco da sua liberdade e se corresponde com os que lhe são caros, quer neste mundo, quer em outros. Mas, como é pesada e grosseira a matéria que o compõe, o corpo dificilmente conserva as impressões que o Espírito recebeu, porque a este não chegaram por intermédio dos órgãos corporais.⁶

A fim de que haja a emancipação do Espírito, porém, não há necessidade de o sono ser completo. Basta [...] que os sentidos entrem em torpor para que o Espírito recobre a sua liberdade. Para se emancipar, ele se aproveita de todos os instantes de trégua que o corpo lhe concede. Desde que haja prostração das forças vitais, o Espírito se desprende, tornando-se tanto mais livre, quanto mais fraco for o corpo.⁷ Dessa forma, estando [...] entorpecido o corpo, o Espírito trata de desprender-se. Transporta-se e vê. Se já fosse completo o sono, haveria sonho.⁸

2. A importância do sono, do ponto de vista espírita

Dizem os Instrutores da Codificação que, graças ao sono, [...] *os Espíritos encarnados estão sempre em relação com o mundo dos Espíritos. Por isso é que os Espíritos superiores assentem, sem grande repugnância, em encarnar entre vós. Quis Deus que, tendo de estar em contato com o vício, pudessem eles ir retemperar-se na fonte do bem, a fim de igualmente não falirem, quando se propõem a instruir os outros. O sono é a porta que Deus lhes abriu, para que possam ir ter com seus amigos do céu; é o recreio depois do trabalho, enquanto esperam a grande libertação, a libertação final, que os restituirá ao meio que lhes é próprio.*⁴

Sendo assim, o [...] *sono foi dado ao homem para reparação das forças orgânicas e também para a das forças morais. Enquanto o corpo recupera os elementos que perdeu por efeito da atividade da vigília, o Espírito vai retemperar-se entre os outros Espíritos. Haure, no que vê, no que ouve e nos conselhos que lhe dão, ideias que, ao despertar, lhe surgem em estado de intuição. É a volta temporária do exilado à sua verdadeira pátria. É o prisioneiro restituído por momentos à liberdade.*¹

No decorrer do sono, podemos entrar em contato com outros Espíritos encarnados, inclusive com pessoas que desconhecemos no estado de vigília. Podemos ter, sem o suspeitarmos, amigos em outro país.⁹ Dizem os Espíritos superiores: *É tão habitual o fato de irdes encontrar-vos, durante o sono, com amigos e parentes, com os que conheceis e que vos podem ser úteis, que quase todas as noites fazeis essas visitas.*⁹ Ao despertarmos, guardamos intuição desse fato, do qual se originam determinadas ideias, que nos surgem espontaneamente no estado de vigília.¹⁰

3. Experiências significativas durante o sono

A literatura espírita está repleta de exemplos de experiências significativas durante o sono. Alinhamos, a seguir, alguns exemplos dessas experiências.

3.1. Esclarecimentos gerais a Espíritos encarnados

No livro *Missionários da luz*, no capítulo intitulado *No plano dos sonhos*, André Luiz nos fala dos esclarecimentos prestados a

Espíritos encarnados durante o período do sono físico natural. Diz o referido autor: *Após alguns minutos de conversação encantadora, o Irmão Francisco [dirigente de equipe socorrista no plano espiritual] acercou-se do orientador, indagando sobre os objetivos da reunião da noite. – Sim – esclareceu Alexandre, afável –, teremos algum trabalho de esclarecimento geral a amigos nossos, relativamente a problemas de mediunidade e psiquismo, sem minúcias particulares. – Se nos permite – tornou o interlocutor –, estimaria trazer alguns companheiros que colaboram frequentemente conosco. Seria para nós grande satisfação vê-los aproveitando os minutos de sono físico. – Sem dúvida. Destina-se o serviço de hoje à preparação de cooperadores nossos, ainda encarnados na Crosta. Estaremos à sua disposição e receberemos seus auxiliares com alegria. Francisco agradeceu sensibilizado e perguntou: – Poderemos providenciar? – Imediatamente – explicou o instrutor, sem hesitação – conduza os amigos ao sítio de seu conhecimento. Afastou-se o grupo de “socorristas”, deixando-me verdadeiro mundo de pensamentos novos. Segundo informações anteriores, Alexandre dirigiria, naquela noite, pequena assembleia de estudiosos e, assim que nos vimos a sós, explicou-me, solícito: – Nosso núcleo de estudantes terrestres já possui certa expressão numérica; no entanto, faltam-lhe determinadas qualidades essenciais para funcionar com pleno proveito. Em vista disso, é imprescindível dotar os companheiros de conhecimentos mais construtivos. [...] – Atendendo às injunções dessa ordem, estabeleci um curso de esclarecimento metódico para melhorar a situação. [...] – Contamos, em nosso centro de estudos, com número superior a trezentos associados; no entanto, apenas trinta e dois conseguem romper as teias inferiores das mais baixas sensações fisiológicas, para assimilarem nossas lições. E noites se verificam em que mesmo alguns desses quebram os compromissos assumidos, atendendo a seduções comuns, reduzindo-se ainda mais a frequência geral.¹³ Em compensação, de quando em vez há o comparecimento fortuito de outros companheiros, como ocorre nesta noite, em face da lembrança do Irmão Francisco, que nos trará alguns amigos. – E os irmãos que comparecem – indaguei, curioso – conservam a recordação integral dos serviços partilhados, de estudos levados a efeito e observações ouvidas? Alexandre pensou um momento e considerou: – Mais tarde, a experiência mostrará a você como é reduzida a capacidade sensorial. O homem eterno guarda a lembrança completa e conservará consigo todos os ensinamentos, intensificando-os e valorizando-os, de acordo com o estado evolutivo que lhe é próprio. O homem físico, entretanto, escravo de limitações necessárias, não pode ir tão longe. O cérebro de*

carne, pelas injunções da luta a que o Espírito foi chamado a viver, é aparelho de potencial reduzido, dependendo muito da iluminação de seu detentor, no que se refere à fixação de determinadas bênçãos divinas. Desse modo, André, o arquivo de semelhantes reminiscências, no livro temporário das células cerebrais, é muito diferente nos discípulos entre si, variando de alma para alma. Entretanto, cabe-me acrescentar que, na memória de todos os irmãos de boa vontade, permanecerá, de qualquer modo, o benefício, ainda mesmo que eles, no período de vigília, não consigam positivar a origem. As aulas, no teor daquela a que você assistirá nesta noite, são mensageiras de inexprimíveis utilidades práticas. Em despertando, na Crosta, depois delas, os aprendizes experimentam alívio, repouso e esperança, a par da aquisição de novos valores educativos. É certo que não podem reviver os pormenores, mas guardarão a essência, sentindo-se revigorados, de inexplicável maneira para eles, não só a retomar a luta diária no corpo físico, mas também a beneficiar o próximo e combater, com êxito, as próprias imperfeições. Seus pensamentos tornam-se mais claros, os sentimentos mais elevados e as preces mais respeitadas e produtivas, enriquecendo-se-lhes as observações e trabalhos de cada dia.¹⁴

3.2. Atendimento individualizado

Em outra obra, *Nos domínios da mediunidade*, o mesmo autor relata um episódio de sono provocado pelos Espíritos benfeitores, com o objetivo de atendimento individualizado. Eis a descrição do fato: *Cuidadosamente, começaram ambos a aplicar-lhe passes sobre a cabeça, concentrando energia magnética ao longo das células corticais. Anésia viu-se presa de branda hipnose, que ela própria atribuía ao cansaço e não relutou. Em breves instantes, deixava o corpo denso na prostração do sono, vindo ao nosso encontro em desdobramento quase natural. Não parecia, contudo, tão consciente em nosso plano quanto seria de desejar. Centralizada no afeto ao marido, Jovino constituía-lhe obcecante preocupação. Reconheceu Teonília e Áulus por benfeitores e lançou-nos significativo olhar de simpatia, no entanto, mostrava-se atordoada, aflita... Queria ver o esposo, ouvir o esposo... O Assistente [Áulus] deliberou satisfazê-la. Amparada pelos braços da admirável amiga [Teonília], tomou a direção que lhe pareceu acertada, como quem possuía, de antemão, todos os dados necessários à localização do marido. Áulus conosco explicou que as almas, quando associadas entre si, vivem*

ligadas umas às outras pela imanação magnética, superando obstáculos e distâncias. Em vasto salão de um clube noturno, surpreendemos Jovino e a mulher que se fizera nossa conhecida [...], integrando um grupo alegre, em atitudes de profunda intimidade afetiva. Rodeando o conjunto, diversas entidades, estranhas para nós, formavam vicioso círculo de vampiros que não nos registraram a presença. [...] Ao defrontar o companheiro na posição em que se achava, Anésia desferiu doloroso grito e caiu em pranto. Seguida por nós, recuou ferida de aflição e assombro e tão logo nos vimos na via pública, bafejados pelo ar leve da noite, o Assistente abraçou-a, paternal. Notando-a mais senhora de si, embora o sofrimento lhe transfigurasse o rosto, falou-lhe com extremado carinho: – Minha irmã, recomponha-se. Você orou, pedindo assistência espiritual, e aqui estamos, trazendo-lhe solidariedade.¹⁵ Reanime-se! Não perca a esperança!... – Esperança? – clamou a pobre criatura em lágrimas. – Fui traída, miseravelmente traída... E o entendimento, entre os dois, prosseguia comovente e expressivo. – Traída por quem? – Por meu esposo, que falhou aos compromissos do casamento. – Mas você admite, porventura, que o casamento seja uma simples excursão no jardim da carne? Supôs que o matrimônio terrestre fosse apenas a música da ilusão a eternizar-se no tempo? Minha amiga, o lar é uma escola em que as almas se reaproximam para o serviço da sua própria regeneração, com vistas ao aprimoramento que nos cabe apresentar de futuro. Você ignora que no educandário há professores e alunos? Desconhece que os melhores devem ajudar aos menos bons? [...] – Mas Jovino... Áulus, porém, cortou-lhe a frase, acrescentando: – Esquece-se de que seu esposo precisa muito mais agora de seu entendimento e carinho? Nem sempre a mulher poderá ver no companheiro o homem amado com ternura, mas sim um filho espiritual necessitado de compreensão e sacrifício para soerguer-se, como também nem sempre o homem conseguirá contemplar na esposa a flor de seus primeiros sonhos, mas sim uma filha do coração a requisitar-lhe tolerância e bondade, a fim de que se transfira da sombra para a luz. [...] – Sim, sim... Reconheço... Entretanto, não me deixe sozinha... [...] – Mas como aceitá-la? Percebo-lhe a influência maligna... [...] Que fazer de semelhante criatura? – Compadeçamo-nos dela! Terrível ser-lhe-á o despertar.¹⁶ [...] Anésia, assemelhando-se a uma criança resignada, pousou no benfeitor os olhos límpidos, como a prometer-lhe obediência, e Áulus, afagando-a, recomendou: – Volte ao lar e use a humildade e o perdão, o trabalho e a prece, a bondade e o silêncio, na defesa de sua segurança. [...] Vimo-la despertar no corpo carnal, de alma renovada, quase feliz... Enxugou as lágrimas que lhe banhavam o rosto e tentou

*ansiosamente recordar, ponto a ponto, a entrevista que tivera conosco. Em verdade, não conseguiu alinhar senão fragmentárias reminiscências, mas reconheceu-se reconfortada, sem revolta e sem amargura, como se mãos intangíveis lhe houvessem lavado a mente, conferindo-lhe uma compreensão mais clara da vida.*¹⁷

3.3. Recordação de existência passada

Emmanuel, no livro *Há dois mil anos*, refere um outro tipo de experiência através do sono: a recordação de existência passada. Trata-se do sonho de Publius Lentulus, registrado no início da mencionada obra. Eis pequena parte do relato de Publius a seu amigo Flamínio: *Recolhi-me cedo e, quando parecia divisar junto de mim a imagem de Têmis [deusa romana da Justiça], que guardamos no altar doméstico, considerando as singulares obrigações de quem exerce as funções da justiça, senti que uma força extraordinária me selava as pálpebras cansadas e doloridas. No entanto, via outros lugares, reconhecendo paisagens familiares ao meu Espírito, das quais me havia esquecido inteiramente. Realidade ou sonho, não o sei dizer, mas vi-me revestido das insígnias de cônsul, ao tempo da República. Parecia-me haver retrocedido à época de Lúcio Sergius Catilina, pois o via a meu lado, bem como Cícero, que se me afiguravam duas personificações, do mal e do bem. Sentia-me ligado ao primeiro por laços fortes e indestrutíveis, como se estivesse vivendo a época tenebrosa da sua conspiração contra o Senado, e participando, com ele, da trama ignominiosa que visava à mais íntima organização da República. Prestigiava-lhe as intenções criminosas, aderindo a todos os seus projetos com a minha autoridade administrativa, assumindo a direção de reuniões secretas, onde decretei assassínios nefandos.... [...] Todavia, o que mais me humilhava nessas visões do passado culposo, como se a minha personalidade atual se envergonhasse de semelhantes reminiscências, é que me prevalecia da autoridade e do poder para, aproveitando a situação, exercer as mais acerbas vinganças contra inimigos pessoais, contra quem expedia ordens de prisão, sob as mais terríveis acusações.*¹²

3.4. Um caso se premonição

Os exemplos de experiências relevantes através do sono multiplicam-se, tanto nas obras mediúnicas como nas voltadas para as

pesquisas científicas. Dentre essas últimas, pode ser colhido, na obra *A morte e o seu mistério*, este interessante caso, relatado a Camille Flammarion pelo conceituado pesquisador, Sr. Frederico Passy: *Não a encontrei [a presente narrativa], [...] na sua obra O desconhecido e tenho a certeza de que o interessará, pois procede dum escritor escrupuloso, dum homem de integridade incontestável, o quaker Etienne de Grelet. Dou ao senhor a narrativa, tal qual como a transcrevi da relação da sua viagem à Rússia. Durante a sua permanência em S. Petersburgo, a Condessa Toutschkoff contou ao quaker viajante o seguinte: Uns três meses antes da entrada dos franceses na Rússia [invasão de Napoleão Bonaparte], o general, seu marido, estava com ela no seu domínio de Toula. Achando-se num hotel, em cidade desconhecida, ela sonhou que seu pai entrara, levando o filho único pela mão e dizendo-lhe estritamente: – A tua felicidade acabou. Teu marido caiu. Caiu em Borodino. Acordeu muito perturbada, mas, vendo seu marido junto dela, compreendeu que sonhava e adormeceu novamente. O mesmo sonho se repetiu, e ela sentiu tanta tristeza que levou muito tempo a recuperar a serenidade. O sonho voltou terceira vez. Experimentou tão grande angústia que despertou seu marido, perguntando-lhe: – Onde é Borodino? Ele não o sabia. Durante a manhã, ambos, com seu pai, se puseram a procurar este nome no mapa, sem encontrá-lo. Borodino era então lugar muito obscuro; mas tornou-se depois afamado, pela batalha sangrenta que se feriu nas suas cercanias. Entretanto, a impressão causada, na condessa, era profunda, e grande sua inquietação... O teatro da guerra era longe então, mas rapidamente se aproximou. Antes da chegada dos exércitos franceses a Moscou, o General Toutschkoff foi posto à testa do exército russo de reserva. Certa manhã, o pai da condessa, levando seu filho pela mão, entrou no quarto do hotel em que ela se hospedara. Estava triste, como a condessa o tinha visto em seu sonho, e dizia-lhe: – Ele caiu, ele caiu em Borodino. A condessa viu-se, como no sonho que tivera, no quarto, cercada dos mesmos objetos. Seu marido foi, efetivamente, uma das numerosas vítimas da renhida batalha que se pelejou perto do rio de Borodino, que deu o seu nome a uma aldeia.*¹¹

Os casos assinalados e inúmeros outros ocorridos ao longo da história da humanidade demonstram claramente a importância deste período de aparente repouso, e que mais não é do que bendita oportunidade de relacionamento com o mundo dos Espíritos. Compete a nós bem aproveitá-la para o nosso crescimento espiritual, uma vez que, conforme assinalam os Espíritos Superiores: O sono [...] *influi mais do que supondes na vossa vida.*⁴ *Eleve, pois, aquele que se ache*

*compenetrado desta verdade, o seu pensamento a Deus, quando sinta aproximar-se o sono, e peça o conselho dos bons Espíritos e de todos cuja memória lhe seja cara, a fim de que venham juntar-se-lhe, nos curtos instantes de liberdade que lhe são concedidos, e, ao despertar, sentir-se-á mais forte contra o mal, mais corajoso diante da adversidade.*¹

Referências

1. Kardec, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 127. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 28, Item 38, p. 468-469.
2. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 91. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006, questão 401, p. 249.
3. _____. Questão 402, p. 250-251.
4. _____. p. 251-252.
5. _____. p. 252.
6. _____. Questão 403, p. 252-253.
7. _____. Questão 407, p. 255.
8. _____. Questão 409, p. 255.
9. _____. Questão 414, p. 256.
10. _____. Questão 415, p. 257.
11. FLAMMARION, Camille. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. *A morte e o seu mistério*. vol. I, cap. IX, p. 241-242.
12. XAVIER, Francisco Cândido. *Há dois mil anos*. Pelo Espírito Emmanuel. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007, Primeira Parte, cap. 1, (Dois amigos), p. 20-21.
13. _____. *Missionários da luz*. Pelo Espírito André Luiz. 42. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 8, (No Plano dos Sonhos), p. 101-102.
14. _____. p. 103-104.
15. _____. *Nos domínios da mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 34. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 20, (Mediunidade e oração), p. 225-226.
16. _____. p. 227-229.
17. _____. p. 230.

FENÔMENOS DE EMANCIPAÇÃO DA ALMA

Roteiro 2**LETARGIA E CATALEPSIA****Objetivo específico**

- » Explicar os fenômenos de letargia e catalepsia do ponto de vista espírita, estabelecendo a diferença entre ambos.

Conteúdo básico

- » *A matéria inerte é insensível; o fluido perispirítico igualmente o é, mas transmite a sensação ao centro sensitivo, que é o Espírito. As lesões dolorosas do corpo repercutem, pois, no Espírito, qual choque elétrico, por intermédio do fluido perispiritual, que parece ter nos nervos os seus fios condutores. [...] A interrupção pode dar-se pela separação de um membro, ou pela secção de um nervo, mas, também, parcialmente ou de maneira geral e sem nenhuma lesão, nos momentos de emancipação, de grande sobre-excitação ou preocupação do Espírito. Nesse estado, o Espírito não pensa no corpo e, em sua febril atividade, atrai a si, por assim dizer, o fluido perispiritual que, retirando-se da superfície, produz aí uma insensibilidade momentânea. Poder-se-ia também admitir que, em certas circunstâncias, no próprio fluido perispiritual uma modificação molecular se opera, que lhe tira temporariamente a propriedade de transmissão. É por isso que, muitas vezes, no ardor do combate, um militar não percebe que está ferido e que uma pessoa, cuja atenção se acha concentrada num trabalho, não ouve o ruído que se lhe faz em torno. Efeito análogo, porém mais pronunciado, se verifica [...] na letargia e na catalepsia. Allan Kardec: A gênese. Cap. 14, item 29.*

- » *A letargia e a catalepsia derivam do mesmo princípio, que é a perda temporária da sensibilidade e do movimento [...]. Diferem uma da outra em que, na letargia, a suspensão das forças vitais é geral e dá ao corpo todas as aparências da morte; na catalepsia, fica localizada, podendo atingir uma parte mais ou menos extensa do corpo a permitir que a inteligência se manifeste livremente, o que a torna inconfundível com a morte. A letargia é sempre natural; a catalepsia é por vezes magnética. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 424 – comentário.*

Sugestões didáticas

Introdução

- » Iniciar o estudo afixando, em local visível, duas tiras de cartolina contendo, uma delas, a palavra LETARGIA e a outra, a palavra CATALEPSIA. Em seguida, verificar o entendimento dos participantes a respeito desses dois termos.
- » Ouvir as respostas.

Desenvolvimento

- » Fazer uma exposição sobre o assunto, com base no item 1 dos *Subsídios* do roteiro, usando cartazes ou transparências. Solicitar aos participantes que façam anotações dos pontos que julgarem significativos. Explicar-lhes que essas anotações lhes serão úteis na tarefa que deverão executar mais adiante.
- » A seguir, dividir os participantes em quatro grupos, para realização das seguintes tarefas:

Grupo I: a) ler o caso de letargia transcrito no item 2.1.1 dos *Subsídios*; b) designar um representante para relatá-lo aos demais grupos; c) com base no conteúdo apresentado pelo monitor, elaborar uma exposição explicando o caso lido, sob o ponto de vista espírita. Se necessário, fazer consultas ao item 1 dos *Subsídios*. Ilustrar a exposição com cartazes. Usar, se necessário, esquemas descritivos, ou desenhos que facilitem a compreensão do assunto.

Grupo II: leitura do item 2.1.2 e realização das demais tarefas dadas ao grupo I.

Grupo III: leitura do item 2.1.3 e realização das demais tarefas dadas ao grupo I.

Grupo IV: leitura do item 2.2.1 e realização das demais tarefas dadas ao grupo I.

- » Ouvir a apresentação dos grupos, prestando os esclarecimentos cabíveis.

Conclusão

- » Encerrar o estudo voltando ao conteúdo das tiras de cartolina apresentadas no seu início, verificando, por meio de breves perguntas, se os participantes aprenderam a diferença entre *letargia* e *cataplexia*.

Avaliação:

O estudo será considerado satisfatório se:

- » Os participantes realizarem corretamente as tarefas propostas para os grupos;
- » Ouvirem, atentamente, a exposição do monitor; c) souberem estabelecer a diferença entre *letargia* e *cataplexia*.

Técnica(s): exposição; trabalho em pequenos grupos; perguntas.

Recurso(s): *Subsídios* do roteiro; tiras de cartolina; cartazes/transparências / retroprojetor; folhas de papel pardo/cartolina; fita adesiva; canetas hidrográficas; lápis; papel.

Subsídios

1. Letargia e cataplexia: conceito; diferença entre ambas

Sabe-se, pelas informações constantes na Codificação Espírita, que a [...] *matéria inerte é insensível; o fluido perispirítico igualmente o é, mas transmite a sensação ao centro sensitivo, que é o Espírito. As*

lesões dolorosas do corpo repercutem, pois, no Espírito, qual choque elétrico, por intermédio do fluido perispiritual, que parece ter nos nervos os seus fios condutores. [...] A interrupção pode dar-se pela separação de um membro, ou pela secção de um nervo, mas, também, parcialmente ou de maneira geral e sem nenhuma lesão, nos momentos de emancipação, de grande sobre-excitação ou preocupação do Espírito. Nesse estado, o Espírito não pensa no corpo e, em sua febril atividade, atrai a si, por assim dizer, o fluido perispiritual que, retirando-se da superfície, produz aí uma insensibilidade momentânea. Poder-se-ia também admitir que, em certas circunstâncias, no próprio fluido perispiritual uma modificação molecular se opera, que lhe tira temporariamente a propriedade de transmissão. É por isso que, muitas vezes, no ardor do combate, um militar não percebe que está ferido e que uma pessoa, cuja atenção se acha concentrada num trabalho, não ouve o ruído que se lhe faz em torno. Efeito análogo, porém mais pronunciado, se verifica [...] na letargia e na catalepsia.¹

A letargia e a catalepsia, assim, [...] derivam do mesmo princípio, que é a perda temporária da sensibilidade e do movimento [...]. Diferem uma da outra em que, na letargia, a suspensão das forças vitais é geral e dá ao corpo todas as aparências da morte; na catalepsia, fica localizada, podendo atingir uma parte mais ou menos extensa do corpo a permitir que a inteligência se manifeste livremente, o que a torna inconfundível com a morte. A letargia é sempre natural; a catalepsia é por vezes magnética [isto é, provocada por um agente externo].⁹

Desse modo, na [...] letargia, o corpo não está morto, porquanto há funções que continuam a executar-se. Sua vitalidade se encontra em estado latente, como na crisálida, porém não aniquilada. Ora, enquanto o corpo vive, o Espírito se lhe acha ligado.⁷ Por isso é que os [...] letárgicos e os catalépticos, em geral, veem e ouvem o que em derredor se diz e faz, sem que possam exprimir que estão vendo e ouvindo.⁵ Essa visão e audiência eles não as têm pelos sentidos físicos e sim pelos espirituais. O Espírito tem consciência de si, mas não pode comunicar-se.⁵ Tal fato se dá porque [...] a isso se opõe o estado do corpo. E esse estado especial dos órgãos [...] prova que no homem há alguma coisa mais do que o corpo, pois que, então, o corpo já não funciona e, no entanto, o Espírito se mostra ativo.⁶

Em se rompendo, porém, [...] por efeito da morte “real” e pela desagregação dos órgãos, os laços que prendem um ao outro, integral se torna a separação e o Espírito não volta mais ao seu envoltório. Desde que

*um homem, aparentemente morto, volve à vida, é que não era completa a morte.*⁷ Isso se dá, principalmente, quando, por meio de cuidados dispensados no devido tempo, logra-se reatar os laços prestes a se desfazerem e, dessa forma, restituir à vida um ser que, de certo, desencarnaria, se não fosse socorrido.⁸ Nessas circunstâncias, o magnetismo pode constituir [...] *poderoso meio de ação, porque restitui ao corpo o fluido vital que lhe falta para manter o funcionamento dos órgãos.*⁹ Em suma, pode-se dizer que, em [...] *certos estados patológicos, quando o Espírito há deixado o corpo e o perispírito só por alguns pontos se lhe acha aderido, apresenta ele, o corpo, todas as aparências da morte e enuncia-se uma verdade absoluta, dizendo que a vida aí está por um fio. Semelhante estado pode durar mais ou menos tempo; podem mesmo algumas partes do corpo entrar em decomposição, sem que, no entanto, a vida se ache definitivamente extinta. Enquanto não se haja rompido o último fio, pode o Espírito, quer por uma ação enérgica, da sua própria vontade, quer por um influxo fluídico estranho, igualmente forte, ser chamado a volver ao corpo. É como se explicam certos fatos de prolongamento da vida contra todas as probabilidades e algumas supostas ressurreições. É a planta a renascer, como às vezes se dá, de uma só fibrila da raiz. Quando, porém, as últimas moléculas do corpo fluídico se têm destacado do corpo carnal, ou quando este último há chegado a um estado irreparável de degradação, impossível se torna todo regresso à vida.*²

2. Alguns casos de letargia

Os mais famosos fenômenos desse gênero são, sem dúvida, os narrados no Evangelho. Rememoremos os três, que poderíamos considerar clássicos: os de Lázaro, da filha de Jairo e do filho da viúva de Naim.

2.1 Lázaro

Estava enfermo Lázaro, de Betânia, da aldeia de Maria e Marta, sua irmã. Esta Maria, cujo irmão Lázaro estava enfermo, era a mesma que ungiu com bálsamo o Senhor e lhe enxugou os pés com os seus cabelos. Mandaram, pois, as irmãs de Lázaro, dizer a Jesus: Senhor, está enfermo aquele a quem amas. Ao perceber a notícia, disse Jesus: Esta enfermidade não é para morte, e, sim, para a glória de Deus, a fim de que o Filho de Deus seja por ela glorificado. Ora, amava Jesus a Marta, e a sua irmã e a Lázaro. Quando, pois, soube que Lázaro estava doente,

ainda se demorou dois dias no lugar onde estava. Depois, disse aos seus discípulos: Vamos outra vez para a Judeia. Disseram-lhe os discípulos: Mestre, ainda agora os judeus procuravam apedrejar-te, e voltas para lá? Respondeu-lhe Jesus: Não são doze as horas do dia? Se alguém andar de dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo; mas se andar de noite, tropeça, porque nele não há luz. Isto lhe dizia, e depois lhes acrescentou: Nosso amigo Lázaro adormeceu, mas vou para despertá-lo. Disseram-lhe, pois, os discípulos: Senhor, se dorme, estará salvo. Jesus, porém, falara com respeito à morte de Lázaro; mas eles supunham que tivesse falado do repouso do sono. Então Jesus lhes disse claramente: Lázaro morreu; e por vossa causa me alegro de que lá não estivesse, para que possais crer; mas vamos ter com ele. Então Tomé, chamado Dídimo, disse aos condiscípulos: Vamos também nós para morreremos com ele. Chegando Jesus, encontrou Lázaro já sepultado, havia quatro dias. Ora, Betânia estava cerca de quinze estádios [1 estádio = 25m] perto de Jerusalém. Muitos dentre os judeus tinham vindo ter com Marta e Maria, para as consolar, a respeito de seu irmão. Marta, quando soube que vinha Jesus, saiu ao seu encontro; Maria, porém, ficou sentada em casa. Disse, pois, Marta a Jesus: Senhor, se estiveras aqui não teria morrido meu irmão. Mas também sei que, mesmo agora, tudo quanto pedires a Deus, Deus to concederá. Declarou-lhe Jesus: Teu irmão há de ressurgir. Eu sei, replicou Marta, que ele há de ressurgir na ressurreição, no último dia. Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim, não morrerá, eternamente. Crês isto? Sim, Senhor, respondeu ela, eu tenho crido que tu és o Cristo, o Filho de Deus que devia vir ao mundo. Tendo dito isto, retirou-se e chamou Maria, sua irmã, e lhe disse em particular: o Mestre chegou e te chama. Ela, ouvindo isto, levantou-se depressa e foi ter com ele, pois Jesus ainda não tinha entrado na aldeia, mas permanecia onde Marta se avistara com ele. Os judeus que estavam com Maria em casa e a consolavam, vendo-a levantar-se depressa e sair, seguiram-na, supondo que ela ia ao túmulo para chorar. Quando Maria chegou ao lugar onde estava Jesus, ao vê-lo, lançou-se-lhe aos pés, dizendo: Senhor, se estiveras aqui, meu irmão não teria morrido. Jesus, vendo-a chorar, e bem assim os judeus que a acompanhavam, agitou-se no Espírito e comoveu-se. E perguntou: Onde o sepultastes? Eles lhe responderam: Senhor, vem, e vê. Jesus chorou. Então disseram os judeus: Vede quanto o amava! Mas alguns objetaram: Não podia ele, que abriu os olhos ao cego, fazer que este não morresse? Jesus, agitando-se novamente em si mesmo, encaminhou-se para o túmulo; era este uma gruta, a cuja entrada tinham posto uma

pedra. Então ordenou Jesus: Tirai a pedra. Disse-lhe Marta, irmão do morto: Senhor, já cheira mal, porque já é de quatro dias. Respondeu-lhe Jesus: Não te disse eu que se creres verás a glória de Deus? Tiraram, então, a pedra. E Jesus, levantando os olhos para o céu, disse: Pai, graças te dou porque me ouviste. Aliás, eu sabia que sempre me ouves, mas assim falei por causa da multidão presente, para que creiam que tu me enviaste. E, tendo dito isto, clamou em alta voz: Lázaro, vem para fora. Saiu aquele que estivera morto, tendo os pés e as mãos ligados com ataduras, e o rosto envolto num lenço. Então lhes ordenou Jesus: Desatai-o, e deixai-o ir. Muitos, pois, dentre os judeus que tinham vindo visitar Maria, vendo o que fizera Jesus, creram nele. Outros, porém, foram ter com os fariseus e lhes contaram dos feitos que Jesus realizara. (JOÃO, 11:1-46)

2.2 A filha de Jairo

Tendo Jesus passado novamente, de barca, para a outra margem, logo que desembarcou, grande multidão se lhe apinhou ao redor. Então, o chefe de sinagoga, chamado Jairo, veio ao seu encontro e, aproximando-se dele, se lhe lançou aos pés, a suplicar com grande instância, dizendo: Tenho uma filha que está no momento extremo; vem impor-lhe as mãos para a curar e lhe salvar a vida. Jesus foi com ele, acompanhando de grande multidão, que o comprimia. Quando Jairo ainda falava, vieram pessoas que lhe eram subordinadas e lhe disseram: Tua filha está morta; por que hás de dar ao Mestre o incômodo de ir mais longe? – Jesus, porém, ouvindo isso, disse ao chefe da sinagoga: Não te aflijas, crê apenas. – E a ninguém permitiu que o acompanhasse, senão a Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago. Chegando à casa do chefe da sinagoga, viu ele uma aglomeração confusa de pessoas que choravam e soltavam grandes gritos. – Entrando, disse-lhes ele; Por que fazeis tanto alarido e por que chorais? Esta menina não está morta, está apenas adormecida. – Zombavam dele. Tendo feito que toda a gente saísse, chamou o pai e mãe da menina e os que tinham vindo em sua companhia e entrou no lugar onde a menina se achava deitada. – Tomou-lhe a mão e disse: Talitha cumi, isto é: Minha filha, levanta-te, eu to ordeno. – No mesmo instante a menina se levantou e se pôs a andar, pois contava doze anos, e ficaram todos maravilhados e espantados. (MARCOS, 5:21-43).³

2.3 O filho da viúva de Naim

No dia seguinte, dirigiu-se Jesus para uma cidade chamada Naim; acompanhavam-no seus discípulos e grande multidão de povo. – Quando

estava perto da porta da cidade, aconteceu que levavam a sepultar um morto, que era filho único de sua mãe e essa mulher era viúva; estava com ela grande número de pessoas da cidade. – Tendo-a visto, o Senhor se tomou de compaixão para com ela e lhe disse: Não chores. – Depois, aproximando-se, tocou o esquife e os que o conduziam pararam. Então, disse ele: Mancebo, levanta-te, eu o ordeno. – Imediatamente, o moço se sentou e começou a falar. E Jesus o restituiu à sua mãe.

Todos os que estavam presentes ficaram tomados de espanto e glorificavam a Deus, dizendo: Um grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo. – O rumor desse milagre que ele fizera se espalhou por toda a Judeia e por todas as regiões circunvizinhas. (LUCAS, 7:11-17).⁴

São vários os episódios envolvendo os fenômenos estudados. Trazemos, ainda, para reflexão, o ocorrido com a médium Yvonne A. Pereira e por ela relatado no seu livro *Recordações da mediunidade*.

2.4 Morte aparente

Tendo vindo ao mundo na noite de Natal, 24 de dezembro, a 23 de janeiro, durante um súbito acesso de tosse, em que sobreveio sufocação, fiquei como morta. Tudo indica que, em existência pretérita, eu morrera afogada por suicídio, e aquela sufocação, no primeiro mês do meu nascimento, nada mais seria que um dos muitos complexos que acompanham o Espírito do suicida, mesmo quando reencarnado, reminiscências mentais e vibratórias que o traumatizam por períodos longos, comumente. Durante seis horas consecutivas permaneci com rigidez cadavérica, o corpo arroxeadado, a fisionomia abatida e macilenta do cadáver, os olhos aprofundados, o nariz afilado, a boca cerrada e o queixo endurecido, enregelada, sem respiração e sem pulso. O único médico da localidade – pequena cidade do Sul do Estado do Rio de Janeiro, hoje denominada Rio das Flores, mas então chamada Santa Teresa de Valença –, o único médico e o farmacêutico, examinando-me, constataram a morte súbita por sufocação, à falta de outra “causa mortis” mais lógica. A certidão de óbito foi, portanto, legalmente passada. [...] Eu era recém-chegada na família e, por isso, ao que parece, “minha morte” não abalava o sentimento de ninguém, pois, havendo ao todo vinte e oito pessoas na residência rural de minha avó materna, onde nasci, porquanto a família se havia reunido para as comemorações do Natal e do Ano-Novo, ninguém demonstrava pesar pelo acontecimento, muito ao contrário do que se passara na residência do fariseu Jairo, há quase dois mil anos... Vestiram-me então de branco e azul, como o

“Menino Jesus”, com rendinhas prateadas na túnica de cetim, faixas e estrelinhas, e me engrinaldaram a fronte com uma coroa de rosinhas brancas. [...] A eça mortuária, uma mesinha com toalhas rendadas, com as velas e o crucifixo tradicional, encontrava-se à minha espera, solenemente preparada na sala de visitas. Nem minha mãe chorava. Mas esta não chorava porque não acreditava na minha morte. Opunha terminantemente que me expusessem na sala e encomendassem o caixão mortuário. A fim de não excitá-la, deixaram-me no berço mesmo, [...] mas encomendaram o caixãozinho, todo branco, bordado de estrelinhas e franjas douradas... Minha mãe, então, quando havia já seis horas que eu me encontrava naquele estado insólito, conservando-se ainda católica romana, por aquele tempo, e vendo que se aproximava a hora do enterro, retirou-se para um aposento solitário da casa, fechou-se nele, acompanhou-se de um quadro com estampa representando Maria, Mãe de Jesus, e, com uma vela acesa, prostrou-se de joelhos ali, sozinha, e fez a invocação seguinte, concentrando-se em preces durante uma hora:”
 Maria Santíssima, Santa Mãe de Jesus e nossa Mãe, vós, que também fostes mãe e passastes pelas aflições de ver padecer e morrer o vosso Filho sob os pecados dos homens, ouvi o apelo da minha angústia e atendei-o, Senhora, pelo amor do vosso Filho: Se minha filha estiver realmente morta, podereis levá-la de retorno a Deus, porque eu me resignarei à inevitável lei da morte. Mas se, como creio, ela estiver viva, apenas sofrendo um distúrbio cuja causa ignoramos, rogo a vossa intervenção junto a Deus Pai para que ela torne a si, a fim de que não seja sepultada viva. E como prova do meu reconhecimento por essa caridade que me fareis eu vo-la entregarei para sempre. Renunciarei aos meus direitos sobre ela a partir deste momento! Ela é vossa! Eu vo-la entrego! E seja qual for o destino que a esperar, uma vez retorne à vida, estarei serena e confiante, porque será previsto pela vossa proteção.” [...] Entrementes, ao se retirar do aposento, onde se dera a comunhão com o Alto, minha mãe abeirou-se do meu insignificante fardo carnal [...] e tocou-o carinhosamente com as mãos, repetidas vezes, como se transmitisse energias novas através de um passe. Então, um grito estridente, como de susto, de angústia, acompanhado de choro inconsolável de criança, surpreendeu as pessoas presentes. Minha mãe, provável veículo dos favores caritativos de Maria de Nazaré, levantou-me do berço e despiu-me a mortalha, verificando que a grinalda de rosinhas me ferira a cabeça.¹⁰

Os casos acima relatados são perfeitamente explicáveis à luz dos ensinamentos sintetizados no item 1 destes *Subsídios*, o que nos leva a identificar, nos fenômenos de letargia e catalepsia, por mais

estranhos que pareçam, apenas fatos naturais resultantes do processo de emancipação da alma.

Referências

1. Kardec, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 52. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 14, item 29, p. 334-335.
2. _____. Item 30, p. 335-336.
3. _____. Cap. 15, item 37, p. 378-379.
4. _____. Item 38, p. 379.
5. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 91. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007, questão 422, p. 259.
6. _____. Questão 422-a, p. 259.
7. _____. Questão 423, p. 259-260.
8. _____. Questão 424, p. 260.
9. _____. Questão 424 - comentário, p. 260.
10. Pereira, Yvonne A. *Recordações da mediunidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. 2 (Faculdade nativa), p. 24-26.

Mensagem

*Prece do Espírito André Luiz

Senhor Jesus,

Dá-nos o poder de operar a própria conversão,

Para que o teu reino de amor seja irradiado

Do centro de nós mesmos!...

Contigo em nós,

Converteremos

* Xavier, Francisco Cândido. *Voltei*. Pelo Espírito Irmão Jacob. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 20 (Retorno à tarefa), p. 195-196.

A treva em claridade,
A dor em alegria,
O ódio em amor,
A descrença em fé viva,
A dúvida em certeza,
A maldade em bondade,
A ignorância em compreensão e sabedoria,
A dureza em ternura,
A fraqueza em força,
O egoísmo em cântico fraterno,
O orgulho em humildade,
O torvo mal em infinito bem!

Sabemos, Senhor,
Que de nós mesmos
Somente possuímos a inferioridade
De que nos devemos desvencilhar...
Mas, unidos a Ti, Somos galhos frutíferos
Na árvore dos séculos
Que as tempestades da experiência jamais deceparão!...
Assim, pois, Mestre Amoroso,
Digna-te amparar-nos
A fim de que nos elevemos
Ao encontro de tuas mãos sábias e compassivas,
Que nos erguerão da inutilidade
Para o serviço da Cooperação Divina,
Agora e para sempre. Assim seja!...

FENÔMENOS DE EMANCIPAÇÃO DA ALMA

Roteiro 3

SONAMBULISMO, ÊXTASE E DUPLA VISTA

Objetivo específico

- » Explicar o que é sonambulismo.
- » Estabelecer a diferença entre êxtase e sonambulismo.
- » Caracterizar o fenômeno de dupla vista.

Conteúdo básico

- » *O sonambulismo é [...] um estado de independência do Espírito, mais completo do que no sonho, estado em que maior amplitude adquirem suas faculdades. A alma tem então percepções de que não dispõe no sonho, que é um estado de sonambulismo imperfeito. No sonambulismo, o Espírito está na posse plena de si mesmo. Os órgãos materiais, achando-se de certa forma em estado de catalepsia, deixam de receber as impressões exteriores. Esse estado se apresenta principalmente durante o sono [...]. Quando se produzem os fatos do sonambulismo, é que o Espírito, preocupado com uma coisa ou outra, se aplica a uma ação qualquer, para cuja prática necessita de utilizar-se do corpo. Serve-se então deste, como se serve de uma mesa ou de outro objeto material no fenômeno das manifestações físicas [...]. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 425.*

- » *Que diferença há entre o êxtase e o sonambulismo? O êxtase é um sonambulismo mais apurado. A alma do extático ainda é mais independente. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 439.*
- » *No estado de êxtase, o aniquilamento do corpo é quase completo. Fica-lhe somente [...] a vida orgânica. Sente-se que a alma se lhe acha presa unicamente por um fio, que mais um pequenino esforço quebraria sem remissão. Nesse estado, desaparecem todos os pensamentos terrestres, cedendo lugar ao sentimento apurado, que constitui a essência mesma do nosso ser imaterial. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 455, p. 243.*
- » *O fenômeno a que se dá a designação de dupla vista tem alguma relação com o sonho e o sonambulismo? Tudo isso é uma só coisa. O que se chama dupla vista é ainda resultado da libertação do Espírito, sem que o corpo seja adormecido. A dupla vista ou segunda vista é a vista da alma. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 447.*
- » *O poder da vista dupla varia, indo desde a sensação confusa até a percepção clara e nítida das coisas presentes ou ausentes. Quando rudimentar, confere a certas pessoas o tato, a perspicácia, uma certa segurança nos atos, a que se pode dar o qualificativo de precisão de golpe de vista moral. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 455, p. 244.*

Sugestões didáticas

Introdução

- » Iniciar o estudo apresentando o assunto e os objetivos do roteiro.
- » Em seguida, solicitar aos participantes que se organizem em duplas e entregar, a cada dupla, uma ficha contendo as seguintes expressões: SONAMBULISMO; ÊXTASE; DUPLA VISTA.
- » Logo após, pedir aos integrantes de cada dupla que troquem ideias a respeito das palavras constantes nas fichas recebidas.

Desenvolvimento

- » Ouvir o entendimento do plenário acerca do conteúdo das fichas, sem comentá-lo.

- » Dividir os participantes em três grupos, para a realização das seguintes tarefas:

Grupo I: a) leitura do item 1 dos *Subsídios*; b) troca de ideias sobre o conteúdo lido; c) listagem das características do *sonambulismo*, apresentadas no texto; d) elaboração de cartaz com essas características; e) afixação do mesmo em lugar indicado pelo monitor; f) escolha de um representante para explicar o conteúdo do cartaz aos demais grupos.

Grupo II: a) leitura do item 2 dos *Subsídios*; b) troca de ideias sobre o conteúdo lido; c) listagem das características do *êxtase*, encontradas no texto; d) elaboração de cartaz com essas características; e) afixação do mesmo em lugar indicado pelo monitor; f) escolha de um representante para explicar o conteúdo do cartaz aos demais grupos.

Grupo III: a) leitura do item 3 dos *Subsídios*; b) troca de ideias sobre o conteúdo lido; c) listagem das características da *dupla vista*, registradas no texto; d) elaboração de cartaz com essas características; e) afixação do mesmo em lugar indicado pelo monitor; f) escolha de um representante para explicar o conteúdo do cartaz aos demais grupos.

- » Ouvir as conclusões dos grupos, solicitando aos seus representantes que incluam, dentre as características apresentadas, aquelas que, eventualmente, tenham sido omitidas.
- » A seguir, em conjunto com a turma, assinalar nos cartazes afixados os itens que indiquem as semelhanças e as diferenças existentes entre os fenômenos em questão, prestando os esclarecimentos que se fizerem necessários.

Conclusão

- » Encerrar o estudo ressaltando a importância dos fenômenos do sonambulismo, do êxtase e da dupla vista, para demonstração da existência da alma.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- » os participantes realizarem corretamente as tarefas propostas.

Técnica(s): cochicho; estudo em pequenos grupos; exposição.

Recurso(s): ficha; folha de papel pardo/ cartolina; fita adesiva; caneta hidrográfica.

Subsídios

1. Sonambulismo

De acordo com o Espiritismo, o sonambulismo natural é [...] *um estado de independência do Espírito, mais completo do que no sonho, estado em que maior amplitude adquirem suas faculdades. A alma tem então percepções de que não dispõe no sonho, que é um estado de sonambulismo imperfeito. No sonambulismo, o Espírito está na posse plena de si mesmo. Os órgãos materiais, achando-se de certa forma em estado de catalepsia, deixam de receber as impressões exteriores. Esse estado se apresenta principalmente durante o sono, ocasião em que o Espírito pode abandonar provisoriamente o corpo, por se encontrar este gozando do repouso indispensável à matéria. Quando se produzem os fatos do sonambulismo, é que o Espírito, preocupado com uma coisa ou outra, se aplica a uma ação qualquer, para cuja prática necessita de utilizar-se do corpo. Serve-se então deste, como se serve de uma mesa ou de outro objeto material no fenômeno das manifestações físicas, ou mesmo como se utiliza da mão do médium nas comunicações escritas.*¹ Os fenômenos do sonambulismo natural se produzem espontaneamente e independem de qualquer causa exterior conhecida. Mas, em certas pessoas dotadas de especial organização, podem ser provocados artificialmente, pela ação do agente magnético. O estado que se designa pelo nome de sonambulismo magnético apenas difere do sonambulismo natural em que um é provocado, enquanto o outro é espontâneo. O sonambulismo natural constitui fato notório, que ninguém mais se lembra de pôr em dúvida, não obstante o aspecto maravilhoso dos fenômenos a que dá lugar. Por que seria então mais extraordinário ou irracional o sonambulismo magnético? Apenas por produzir-se artificialmente, como tantas outras coisas? [...].⁵

Em verdade, para [...] o Espiritismo, o sonambulismo é mais do que um fenômeno psicológico, é uma luz projetada sobre a psicologia. É aí que se pode estudar a alma, porque é onde esta se mostra a descoberto. Ora, um dos fenômenos que a caracterizam é o da clarividência independente dos órgãos ordinários da vista. Fundam-se os que contestam este fato em que o sonâmbulo nem sempre vê, e à vontade do experimentador, como com os olhos. Será de admirar que difiram os efeitos, quando diferentes são os meios? Será racional que se pretenda obter os

mesmos efeitos, quando há e quando não há o instrumento? A alma tem suas propriedades, como os olhos têm as suas. Cumpre julgá-las em si mesmas e não por analogia. De uma causa única se originam a clarividência do sonâmbulo magnético e a do sonâmbulo natural. É um atributo da alma, uma faculdade inerente a todas as partes do ser incorpóreo que existe em nós e cujos limites não são outros senão os assinados à própria alma. O sonâmbulo vê em todos os lugares aonde sua alma possa transportar-se, qualquer que seja a longitude. No caso de visão a distância, o sonâmbulo não vê as coisas de onde está o seu corpo, como por meio de um telescópio. Vê-as presentes, como se se achasse no lugar onde elas existem, porque sua alma, em realidade, lá está. Por isso é que seu corpo fica como que aniquilado e privado de sensação, até que a alma volte a habitá-lo novamente. Essa separação parcial da alma e do corpo constitui um estado anormal, suscetível de duração mais ou menos longa, porém não indefinida. Daí a fadiga que o corpo experimenta após certo tempo, mormente quando aquela se entrega a um trabalho ativo.⁶

Note-se, contudo, que o [...] poder da lucidez sonambúlica não é ilimitado. O Espírito, mesmo quando completamente livre, tem restringidos seus conhecimentos e faculdades, conforme ao grau de perfeição que haja alcançado. Ainda mais restringidos os tem quando ligado à matéria, a cuja influência está sujeito. É o que motiva não ser universal, nem infalível, a clarividência sonambúlica. E tanto menos se pode contar com a sua infalibilidade, quanto mais desviada seja do fim visado pela natureza e transformada em objeto de curiosidade e de experimentação. No estado de desprendimento em que fica colocado, o Espírito do sonâmbulo entra em comunicação mais fácil com os outros Espíritos encarnados, ou não encarnados, comunicação que se estabelece pelo contato dos fluidos, que compõem os perispíritos e servem de transmissão ao pensamento, como o fio elétrico. O sonâmbulo não precisa, portanto, que se lhe exprimam os pensamentos por meio da palavra articulada. Ele os sente e adivinha. É o que o torna eminentemente impressionável e sujeito às influências da atmosfera moral que o envolva.⁷

Como se sabe, em [...] cada uma de suas existências corporais, o Espírito adquire um acréscimo de conhecimentos e de experiência. Esquece-os parcialmente, quando encarnado em matéria por demais grosseira, porém deles se recorda como Espírito. Assim é que certos sonâmbulos revelam conhecimentos acima do grau da instrução que possuem e mesmo superiores às suas aparentes capacidades intelectuais.

Portanto, da inferioridade intelectual e científica do sonâmbulo, quando desperto, nada se pode inferir com relação aos conhecimentos que porventura revele no estado de lucidez. Conforme as circunstâncias e o fim que se tenha em vista, ele os pode haurir da sua própria experiência, da sua clarividência relativa às coisas presentes, ou dos conselhos que receba de outros Espíritos. Mas, podendo o seu próprio Espírito ser mais ou menos adiantado, possível lhe é dizer coisas mais ou menos certas. Pelos fenômenos do sonambulismo, quer natural, quer magnético, a Providência nos dá a prova irrecusável da existência e da independência da alma e nos faz assistir ao sublime espetáculo da sua emancipação.⁸

A literatura espírita é plena de fatos de sonambulismo. Como exemplificação, eis o relato de um deles, nas próprias palavras de Allan Kardec, conforme consta na *Revista Espírita: Residindo em Bercy, na Rua Charenton, 43*, o Sr. Marillon havia desaparecido desde o dia 13 de janeiro último. Todas as pesquisas para descobrir o seu paradeiro foram infrutíferas; nenhuma das pessoas na casa das quais estava habituado a ir o tinham visto; nenhum negócio podia motivar sua ausência prolongada. Por outro lado, seu caráter, sua posição e seu estado mental afastavam qualquer ideia de suicídio. Restava a possibilidade de que tivesse sido vítima de um crime ou de um acidente; nesta última hipótese, porém, teria sido facilmente reconhecido e levado para sua casa, ou pelo menos, despachado para o necrotério. Todas as probabilidades apontavam, pois, para um crime, nele se firmando o pensamento, tanto mais quanto o Sr. Marillon havia saído para fazer um pagamento. Mas onde e como o crime havia sido cometido? Ninguém o sabia. Sua filha recorreu, então, a uma sonâmbula, a Sra. Roger que em muitas outras situações semelhantes dera provas de notável lucidez, que nós mesmos constatamos. A Sra. Roger seguiu o Sr. Marillon desde a saída da casa dele, às três horas da tarde, até cerca de sete horas da noite, quando ele se dispunha a voltar. Viu-o descer às margens do Sena para satisfazer a uma urgente necessidade, sendo aí acometido de um ataque de apoplexia. Ela descreveu tê-lo visto cair sobre uma pedra, abrir uma fenda na frente e depois rolar dentro d'água; não se tratou, pois, nem de suicídio, nem de crime; ainda havia dinheiro e uma chave dentro do bolso de seu paletó. A sonâmbula indicou o local do acidente, acrescentando que o corpo não mais se encontrava no local, em virtude de ter sido arrastado facilmente pela correnteza. Encontraram-no, com efeito, no local assinalado. Tinha a ferida indicada na frente, a chave e o dinheiro estavam no bolso e a posição de suas roupas indicava claramente que a sonâmbula não se havia enganado quanto ao motivo que o levava à

beira do rio. Diante de tantos detalhes, perguntamos onde se poderia ver a transmissão de um pensamento qualquer.¹¹

2. Êxtase

O êxtase, por sua vez, é, segundo o ensino espírita, [...] um sonambulismo mais apurado. A alma do extático é mais independente.²

De fato, no [...] sonho e no sonambulismo, o Espírito anda em giro pelos mundos terrestres. No êxtase, penetra em um mundo desconhecido, o dos Espíritos etéreos, com os quais entra em comunicação, sem que, todavia, lhe seja lícito ultrapassar certos limites, porque, se os transpusessem, totalmente se partiriam os laços que o prendem ao corpo. Cerca-o então resplendente e desusado fulgor, inebriam-no harmonias que na Terra se desconhecem, indefinível bem-estar o invade: goza antecipadamente da beatitude celeste e bem se pode dizer que pousa um pé no limiar da eternidade. No estado de êxtase, o aniquilamento do corpo é quase completo. Fica-lhe somente, pode-se dizer, a vida orgânica. Sente-se que a alma se lhe acha presa unicamente por um fio, que mais um pequenino esforço quebraria sem remissão. Nesse estado, desaparecem todos os pensamentos terrestres, cedendo lugar ao sentimento apurado, que constitui a essência mesma do nosso ser imaterial. Inteiramente entregue a tão sublime contemplação, o extático encara a vida apenas como paragem momentânea. Considera os bens e os males, as alegrias grosseiras e as misérias deste mundo quais incidentes fúteis de uma viagem, cujo termo tem a dita de avistar. Dá-se com os extáticos o que se dá com os sonâmbulos: mais ou menos perfeita podem ter a lucidez e o Espírito mais ou menos apto a conhecer e compreender as coisas, conforme seja mais ou menos elevado. Muitas vezes, porém, há neles mais excitação do que verdadeira lucidez, ou, melhor, muitas vezes a exaltação lhes prejudica a lucidez. Daí o serem, frequentemente, suas revelações um misto de verdades e erros, de coisas grandiosas e coisas absurdas, até ridículas. Dessa exaltação, que é sempre uma causa de fraqueza, quando o indivíduo não sabe reprimi-la, Espíritos inferiores costumam aproveitar-se para dominar o extático, tomando, com tal intuito, aos seus olhos, aparências que mais o aferram às ideias que nutre no estado de vigília. Há nisso um escolho, mas nem todos são assim. Cabe-nos julgar friamente e pesar-lhes as revelações na balança da razão.⁹

Há, ainda, com relação ao êxtase, uma singularidade. É que, se o extático ficasse entregue a si mesmo, poderia ocorrer a sua

desencarnação.³ Por isso [dizem os Espíritos Superiores] *é que preciso se torna chamá-lo a voltar, apelando para tudo o que o prende a este mundo, fazendo-lhe sobretudo compreender que a maneira mais certa de não ficar lá, onde vê que seria feliz, consistiria em partir a cadeia que o tem preso ao planeta terreno.*³ De toda forma, como assinala Denis, a [...] *felicidade dos extáticos, o júbilo que experimentam, contemplando as magnificências do Além, seriam só por si suficientes para nos demonstrar a extensão dos gozos que nos reservam as esferas espirituais, se as nossas grosseiras concepções nos não impedissem muitíssimas vezes de os compreender e pressentir.*¹³

À guisa de ilustração, extraímos da *Revista Espírita*, de Allan Kardec, o seguinte caso de *êxtase*, que, segundo a tradição, ocorreu com o famoso compositor italiano de música religiosa, Pergolesi, que viveu no século XVIII. O fato é relatado pelo Sr. Ernest Le Nordez:

Sabeis com que piedade aqui celebramos, ainda em nossos dias, a despeito da debilidade da fé, o tocante aniversário da morte do Cristo; a semana em que a Igreja o relembra a seus filhos é bem realmente, para nós, uma semana santa. Assim, reportando-vos à época de fé em que vivia Pergolesi, podeis pensar com que fervor o povo acorria em massa às igrejas, para meditar as cenas enternecedoras do drama sangrento do Calvário. Na sexta-feira santa Pergolesi acompanhou a multidão. Aproximando-se do templo, parecia-lhe que uma calma, há muito desconhecida para ele, se fazia em sua alma e, quando transpôs o portal, sentiu-se como que envolto por uma nuvem ao mesmo tempo espessa e luminosa. Logo nada mais viu; profundo silêncio se fez em seu redor; depois, ante os seus olhos admirados, e em meio à nuvem, na qual até então lhe parecia ter sido levado, viu desenharem-se os traços puros e divinos de uma virgem, inteiramente vestida de branco; ele a viu pousar seus dedos etéreos nas teclas de um órgão, e ouviu como um concerto longínquo de vozes melodiosas, que insensivelmente dele se aproximava. O canto que essas vozes repetiam o enchia de encantamento, mas não lhe era desconhecida; parecia-lhe que esse canto era aquele do qual não tinha podido perceber senão vagos ecos; essas vozes eram bem aquelas que, desde longos meses, lançavam perturbação em sua alma e agora lhe traziam uma felicidade sem limite. Sim, esse canto, essas vozes eram bem o sonho que ele tinha perseguido, o pensamento, a inspiração que inutilmente havia procurado por tanto tempo. Mas, enquanto sua alma, arrebatada no êxtase, bebia a longos sorvos as harmonias simples e celestes desse concerto angélico, sua mão, como que movida por força

*misteriosa, agitava-se no espaço e parecia traçar, mau grado seu, notas que traduziam os sons que o ouvido escutava. Pouco a pouco as vozes se afastaram, a visão desapareceu, a nuvem se desvaneceu e Pergolesi viu, ao abrir os olhos, escrito por sua mão, no mármore do templo, esse canto de sublime simplicidade, que o devia immortalizar, o Stabat Mater, que desde esse dia todo o mundo cristão repete e admira. O artista ergueu-se, saiu do templo, calmo, feliz e não mais inquieto e agitado. Mas nesse dia uma nova aspiração se apoderou dessa alma de artista: ela ouvira o canto dos anjos, o concerto dos Céus. As vozes humanas e os concertos terrestres já não lhe podiam bastar. Essa sede ardente, impulso de um grande gênio, acabou por esgotar o sopro de vida que lhe restava, e foi assim que aos 33 anos, na exaltação, na febre, ou melhor, no amor sobrenatural de sua arte, Pergolesi encontrou a morte.*¹²

3. Dupla vista

O fenômeno designado como *dupla vista* tem relação com o sonho e o *sonambulismo*, uma vez que, segundo ensina a Codificação Espírita, isso tudo [...] *é uma só coisa. O que se chama dupla vista é ainda resultado da libertação do Espírito, sem que o corpo seja adormecido. A dupla vista ou segunda vista é a vista da alma.*⁴

Com efeito, a alma às vezes emancipa-se também no estado de vigília, produzindo, neste caso, o fenômeno chamado de *dupla vista*, que [...] *é a faculdade graças à qual quem a possui vê, ouve e sente além dos limites dos sentidos humanos. Percebe o que exista até onde estende a alma a sua ação. Vê, por assim dizer, através da vista ordinária e como por uma espécie de miragem. No momento em que o fenômeno da segunda vista se produz, o estado físico do indivíduo se acha sensivelmente modificado. O olhar apresenta alguma coisa de vago. Ele olha sem ver. Toda a sua fisionomia reflete uma como exaltação. Nota-se que os órgãos visuais se conservam alheios ao fenômeno, pelo fato de a visão persistir, mau grado à oclusão dos olhos. Aos dotados desta faculdade ela se afigura tão natural, como a que todos temos de ver. Consideram-na um atributo de seus próprios seres, que em nada lhes parecem excepcionais. De ordinário, o esquecimento se segue a essa lucidez passageira, cuja lembrança, tornando-se cada vez mais vaga, acaba por desaparecer, como a de um sonho. O poder da vista dupla varia, indo desde a sensação confusa até a percepção clara e nítida das coisas presentes ou ausentes. Quando rudimentar, confere a certas*

*peessoas o tato, a perspicácia, uma certa segurança nos atos, a que se pode dar o qualitativo de precisão de golpe de vista moral. Um pouco desenvolvida, desperta os pressentimentos. Mais desenvolvida mostra os acontecimentos que deram ou estão para dar-se.*¹⁰

São muitos os casos de *dupla vista* encontrados na literatura espírita. A título de exemplo, citamos o seguinte, conforme consta na obra *A morte e o seu mistério*, de Camille Flammarion: *O professor Boehm, que ensinava matemáticas em Marburg, estando uma noite com amigos, teve de repente a convicção de que devia regressar a sua casa. Mas, como tomasse tranquilamente o seu chá, resistiu a esta impressão, a qual todavia tornou a arrastá-lo com tanta força que se viu obrigado a obedecer. Chegado à sua morada, encontrou aí tudo como o havia deixado; mas sentia-se obrigado a mudar o seu leito de lugar. Por mais absurda que lhe parecesse esta imposição mental, entendeu que a devia cumprir, chamou a criada e com o auxílio dela colocou a cama do outro lado do quarto. Feito isto, ficou satisfeito e voltou para junto de seus amigos a acabar o serão. Despediu-se deles às dez horas, voltou para casa, deitou-se e adormeceu. Foi despertado, durante a noite, por grande fragor e verificou que grossa viga tinha desabado, arrastando uma parte do teto e caindo no lugar que o seu leito havia ocupado.*¹⁴

Em suma, pode-se dizer que o [...] *sonambulismo natural e artificial, o êxtase e a dupla vista são efeitos vários, ou de modalidades diversas, de uma mesma causa. Esses fenômenos, como os sonhos, estão na ordem da natureza. Tal a razão por que hão existido em todos os tempos. A História mostra que foram sempre conhecidos e até explorados desde a mais remota antiguidade e neles se nos depara a explicação de uma imensidade de fatos que os preconceitos fizeram fossem tidos por sobrenaturais.*¹⁰

Referências

1. Kardec, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 91. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Questão 425, p. 260-261.
2. _____. Questão 439, p.265.
3. _____. Questão 442, p. 262.
4. _____. Questão 447, p. 267.
5. _____. Questão 455, p. 269-270.
6. _____. p. 270-271.

7. _____. p. 271-272.
8. _____. p.272-273.
9. _____. p. 273-274.
10. _____. p. 274-275.
11. _____. *Revista Espírita: Jornal de estudos psicológicos*. Tradução de Evandro Noletto Bezerra. Poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Ano I, novembro de 1858, n. 11 (Independência Sonambúlica), p. 473-474.
12. _____. Ano XII, fevereiro de 1869, n. 2 (Visão de Pergolese), p. 85-86.
13. DENIS, Léon. *No invisível*. Tradução de Leopoldo Cirne. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 12, p. 161.
14. FLAMMARIION, Camille. *A morte e o seu mistério*. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, vol. I, cap. 8, p. 231.

Mensagem

*Oração

Divino Benfeitor!

Amanhece em nossos caminhos. As sombras da noite moral insistente diluem-se ante a claridade que nos visita.

Em todos os trâmites de dor e inquietação foste a nossa segurança e o nosso apoio.

Sempre experimentamos a dita de fruir a tua presença.

No dia novo, segue conosco, Jesus, a fim de que não o nublemos com a treva teimosa que ainda perdura em nós, por culpa nossa.

Se não pudermos alcançar, por enquanto, os alcantis dourados, nos tentames da ascensão que nos destinas, faculta-nos embelezar as escarpas, a fim de melhorarmos a paisagem para os que vêm, corajosos, depois de nós...

Se não conseguirmos o êxito por nossa imprevidência, enseja-nos, ao menos, a sabedoria que impede o acumpliciamento com o crime.

Ensina-nos a valorizar o tempo, aplicando-o com elevação.

* FRANCO, Divaldo Pereira. *Tramas do destino*. Pelo Espírito Manoel P. de Miranda. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 30 (Novos Rumos), p. 299-300.

Não nos concedas a hora vazia, a fim de que a ociosidade não nos entorpeça o caráter.

Nós, que temos vivido em fugas incessantes, agora te suplicamos a coragem e o destemor para o avanço do Espírito robustecido pela fé e dignificado pelo sacrossanto sentimento do Amor.

Permite que façamos sempre segundo a tua e não a nossa vontade, por seres o Caminho, a Verdade e a Vida, que todos anelamos.

Senhor !

Despede-nos em tua santa paz!

PROGRAMA COMPLEMENTAR | MÓDULO VIII

A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO RELIGIOSO

OBJETIVO GERAL

Dar condições de entendimento da evolução do pensamento religioso

A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO RELIGIOSO

Roteiro 1

A BASE RELIGIOSA DA HUMANIDADE

Objetivo específico

- » Conceituar religião, religião natural e religião revelada.
- » Identificar as principais características da experiência religiosa humana.

Conteúdo básico

- » *Religião é o sentimento divino, cujas exteriorizações são sempre o Amor, nas expressões mais sublimes.* Emmanuel: *O consolador*, questão 260.
- » Religião natural [...] é a que parte do coração e vai diretamente a Deus [...]. Allan Kardec: *Obras póstumas*. Segunda parte, item: Futuro do Espiritismo, p. 299.
- » *No sentido especial da fé religiosa, a revelação se diz mais particularmente das coisas espirituais que o homem não pode descobrir por meio da inteligência, nem com o auxílio dos sentidos e cujo conhecimento lhe dão Deus ou seus mensageiros, quer por meio da palavra direta, quer pela inspiração.* Allan Kardec: *A gênese*. Cap. 1, item 7.
- » *Lembremo-nos, com o devido apreço aos irmãos que esposam princípios diferentes dos nossos, de que existem tantos modos de expressar confiança*

no Criador quantos são os estágios evolutivos das criaturas. Emmanuel: *Justiça divina*, item: Nos círculos da fé.

Sugestões didáticas

Introdução

- » Fazer uma breve exposição sobre o item 1 dos *Subsídios* (Conceito de religião, religião natural e religião revelada).
- » Pedir, então, à turma que leia silenciosamente o item 2 dos *Subsídios* (Características da experiência religiosa humana), destacando os pontos considerados importantes.

Observação: durante a realização da leitura, afixar no mural da sala de aula seis cartazes que tenham como título, respectivamente, as perguntas existentes no texto.

Desenvolvimento

- » Entregar, em seguida, a cada participante, uma tira de cartolina contendo recortes dos subitens 2.1 a 2.6 dos *Subsídios*, solicitando a montagem dos mesmos, como num quebra-cabeça e sem consulta prévia, nos cartazes do mural.
- » Explicar que a montagem dos subitens deve levar em consideração as perguntas registradas nos cartazes.
- » Verificar se a montagem dos subitens está correta, fazendo as devidas correções, se for o caso.

Conclusão

- » Ao término da reunião, esclarecer qual deve ser a postura do espírita perante os profítes de outras religiões, tendo como base a mensagem psicografada *Nos círculos da fé*, do Espírito Emmanuel, constante do livro *Justiça divina* (veja anexo).

Avaliação:

O estudo será considerado satisfatório, se:

- » os participantes realizarem corretamente a montagem dos subitens dos *Subsídios*.

Técnica(s): exposição; leitura; montagem de texto.

Recurso(s): *Subsídios* deste roteiro; questões; mensagem psicografada.

Subsídios

1. Conceito de religião, religião natural e religião revelada

A evolução moral da humanidade tem como base o sentimento religioso inato da existência de Deus.¹⁶ Esta religiosidade natural de todo ser humano fez surgir no cenário terrestre múltiplas formas de experiência religiosa, caracterizadas pela concepção do sagrado e pela submissão aos poderes divinos. Dessa forma, *religião* pode ser entendida como a crença na existência de um ente supremo como causa, fim ou lei universal. É [...] *o sentimento divino que prende o homem ao Criador. As religiões são organizações dos homens, falíveis e imperfeitas como eles próprios; dignas de todo acatamento pelo sopro de inspiração superior que as faz surgir, são como gotas de orvalho celeste, misturadas com os elementos da terra em que caíram.*¹⁸ Esclarece, porém, Emmanuel, que em face da Ciência e da Filosofia, [...] *é o sentimento divino, cujas exteriorizações são sempre o Amor, nas expressões mais sublimes. Enquanto a Ciência e a Filosofia operam o trabalho da experimentação e do raciocínio, a Religião edifica e ilumina os sentimentos. As primeiras se irmanam na Sabedoria, a segunda personifica o Amor, as duas asas divinas com que a alma humana penetrará, um dia, nos pórticos sagrados da espiritualidade.*¹⁴

Tais esclarecimentos abrangem tanto [...] *as religiões dos povos primitivos quanto as formas mais complexas de organização de vários sistemas religiosos, embora variem muito os conceitos sobre o conteúdo e a natureza da experiência religiosa.*¹⁰

O estudo da evolução do pensamento religioso classifica a religião em *natural* e em *revelada*. A *religião natural* indica que o

homem traz consigo, desde a sua origem, a ideia da existência de um Ente Superior. Os fenômenos da natureza são cultivados nas religiões naturais. Neste contexto, a adoração a Deus [...] *está na lei natural, pois resulta de um sentimento inato no homem. Por essa razão é que existe entre todos os povos, se bem que sob formas diferentes.*⁷ Sabemos, por outro lado, que o tóxico do intelectualismo procura desacreditar esta ordem de ideias, dizendo [...] *que o pensamento religioso é uma ilusão. Tal afirmativa carece de fundamento. Nenhuma teoria científica, nenhum sistema político, nenhum programa de reeducação pode roubar do mundo a ideia de Deus e a imortalidade do ser, inatas no coração dos homens. As ideologias novas também não conseguirão eliminá-las. A religião viverá entre as criaturas, instruindo e consolando, como um sublime legado.*¹⁷

É importante destacar que o [...] *Espiritismo é chamado a desempenhar imenso papel na Terra. Ele reformará a legislação ainda tão frequentemente contrária às leis divinas; retificará os erros da História; restaurará a religião do Cristo [...]; instituirá a verdadeira religião, a religião natural, a que parte do coração e vai diretamente a Deus, sem se deter nas franjas de uma sotaina ou nos degraus de um altar. Extinguirá para sempre o ateísmo e o materialismo, aos quais alguns homens foram levados pelos incessantes abusos dos que se dizem ministros de Deus, pregam a caridade com a espada em cada mão, sacrificam às suas ambições e ao Espírito de dominação os mais sagrados direitos da humanidade.*⁹

Em termos históricos, importa considerar que a [...] *teologia cristã introduziu o termo “revelação” — manifestação de um mistério escondido — para definir a especificidade da fé cristã, dependente de um evento histórico: o nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Religião revelada estaria assim em oposição a religião natural, uma vez que esta corresponderia a uma atividade humana que poderia ser analisada pela Filosofia, Psicologia, Sociologia ou qualquer ciência específica de religião.*¹¹ No sentido especial da fé religiosa, a revelação se diz mais particularmente das coisas espirituais que o homem não pode descobrir por meio da inteligência, nem com o auxílio dos sentidos e cujo conhecimento lhe dão Deus ou seus mensageiros, quer por meio da palavra direta, quer pela inspiração. Neste caso, a revelação é sempre feita a homens predispostos, designados sob o nome de “profetas” ou “messias”, isto é “enviados” ou “missionários”, incumbidos de transmiti-la aos homens.²

As religiões reveladas são o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo, respectivamente transmitidas por Moisés, Jesus e Maomé.

2. Características da experiência religiosa humana

2.1 O que a experiência religiosa tem em comum nas diferentes culturas?

Sendo Deus o eixo de todas as crenças religiosas e o objetivo de todos os cultos, o caráter de todas as religiões é conforme à ideia que elas dão de Deus. As religiões que fazem de Deus um ser vingativo e cruel julgam honrá-lo com atos de crueldade, com fogueiras e torturas; as que têm um Deus parcial e cioso são intolerantes e mais ou menos meticulosas na forma, por crerem-no mais ou menos contaminado das fraquezas e ninharias humanas.⁶

2.2 Haverá revelações diretas de Deus aos homens?

Algumas interpretações religiosas, cristãs e não-cristãs, acreditam que Deus pode revelar-se diretamente aos homens, sem utilização de intermediários. Em relação a esta questão, Kardec analisa: É uma questão que não ousaríamos resolver, nem afirmativamente, nem negativamente, de maneira absoluta. O fato não é radicalmente impossível, porém, nada nos dá dele prova certa. O que não padece dúvida é que os Espíritos mais próximos de Deus pela perfeição se imbuem do seu pensamento e podem transmiti-lo. Quanto aos reveladores encarnados, segundo a ordem hierárquica a que pertencem e o grau a que chegaram de saber, esses podem tirar dos seus próprios conhecimentos as instruções que ministram, ou recebê-las de Espíritos mais elevados, mesmo dos mensageiros diretos de Deus, os quais, falando em nome de Deus, têm sido às vezes tomados pelo próprio Deus.⁴

2.3 De que forma as verdades divinas são reveladas aos homens?

Todas as religiões tiveram seus reveladores e estes, embora longe estivessem de conhecer toda a verdade, tinham uma razão de ser providencial, porque eram apropriados ao tempo e ao meio em que viviam, ao caráter particular dos povos a quem falavam e aos quais eram relativamente superiores. Apesar dos erros das suas doutrinas, não deixaram de agitar os Espíritos e, por isso mesmo, de semear os germens do progresso [...]. Infelizmente, as religiões não são sempre instrumentos de dominação; o papel de profeta há tentado as ambições secundárias e tem-se visto surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias, que, valendo-se do prestígio deste nome, exploram a credulidade em

proveito do seu orgulho, da sua ganância, ou da sua indolência, achando mais cômodo viver às custas dos iludidos. A religião cristã não pôde evitar esses parasitas.³ Assim, devemos ficar atentos, pois, haverá [...] revelações sérias e verdadeiras como as há apócrifas e mentirosas. O caráter essencial da revelação divina é o da eterna verdade. Toda revelação eivada de erros ou sujeita a modificação não pode emanar de Deus.⁵

2.4 Onde surgiram as organizações religiosas do Planeta?

As primeiras organizações religiosas da Terra tiveram, naturalmente, sua origem entre os povos primitivos do Oriente, aos quais enviava Jesus, periodicamente, os seus mensageiros e missionários. Dada a ausência de escrita, naquelas épocas longínquas, todas as tradições se transmitiam de geração a geração através do mecanismo das palavras [tradição oral].¹²

2.5 Qual é a mais antiga manifestação religiosa conhecida?

São os Vedas, livros sagrados da religião hindu, [...] que contam mais de seis mil anos, já nos falam da sabedoria dos “Sastras”, ou grandes mestres das ciências hindus, que os antecederam de mais ou menos dois milênios, nas margens dos rios sagrados da Índia. Vê-se, pois, que a ideia religiosa nasceu com a própria humanidade, constituindo o alicerce de todos os seus esforços e realizações no plano terráqueo.¹³

2.6 O que é culto religioso?

É a forma respeitosa de reverenciar Deus. No homem primitivo, o culto se manifesta sob a forma de oferendas materiais ou de sacrifícios de seres humanos ou de animais, ingenuamente dedicados à Divindade. Não podemos esquecer, primeiramente, que nos [...] povos primitivos a matéria sobrepuja o Espírito; eles se entregam aos instintos do animal selvagem. Por isso é que, em geral, são cruéis; é que neles o senso moral ainda não se acha desenvolvido. Em segundo lugar, é natural que os homens primitivos acreditassem ter uma criatura animada muito mais valor, aos olhos de Deus, do que um corpo material. Foi isto que os levou a imolarem, primeiro, animais e, mais tarde, homens. De conformidade com a falsa crença que possuíam, pensavam que o valor do sacrifício era proporcional à importância da vítima.⁸ O homem culturalmente mais adiantado, porém materialista, cultua Deus por meio de rituais, mais ou menos sofisticados, existentes em diferentes seitas e interpretações religiosas. Os cultos religiosos são manifestações

externas da crença em Deus, [...] *depreendendo-se daí que a Verdade é uma só, e que as seitas terrestres são materiais de experiência e evolução, dependendo a preferência de cada um do estado evolutivo em que se encontra no aprendizado da existência humana.*¹⁵

2.7 O que é fé religiosa?

*Do ponto de vista religioso, a fé consiste na crença em dogmas especiais, que constituem as diferentes religiões. Todas elas têm seus artigos de fé. Sob esse aspecto, pode a fé ser raciocinada ou cega. Nada examinando, a fé cega aceita, sem verificação, assim o verdadeiro como o falso, e a cada passo se choca com a evidência e a razão. Levada ao excesso, produz o fanatismo. Em assentando no erro, cedo ou tarde desmorona; somente a fé que se baseia na verdade garante o futuro, porque nada tem a temer do progresso das luzes, dado que o que é verdadeiro na obscuridade, também o é à luz meridiana. Cada religião pretende ter a posse exclusiva da verdade; preconizar alguém a fé cega sobre um ponto de crença é confessar-se impotente para demonstrar que está com a razão.*¹

Referências

1. Kardec, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 127. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 19, item 6, p. 341-342.
2. _____. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 52. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 1, item 7, p. 24.
3. _____. Item 8, p. 25.
4. _____. Item 9, p. 25-26.
5. _____. Item 10, p. 26-27.
6. _____. Item 24, p. 34.
7. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 91. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007, questão 652, p. 356.
8. _____. Questão 669, p. 364.
9. _____. *Obras póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro. 39. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Segunda parte, item: Futuro do Espiritismo, p.330.
10. ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1995, volume 17, p. 9558.
11. _____. p. 9560.
12. Xavier, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 9 (As grandes religiões do passado), item: As primeiras organizações religiosas, p.81.

13. _____. p.82.
14. _____. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007, questão 260, p. 157.
15. _____. Questão 296, p. 173.
16. _____. *Emmanuel*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 4 (A base religiosa), item: A experiência que fracassaria, p.36.
17. _____. Item: O sublime legado, p. 37.
18. _____. Item: Religião e religiões, p. 37.

Anexo

*Nos círculos da fé

Acende a flama da reverência, onde observes lisura na ideia religiosa.

Lembre-mos, com o devido apreço aos irmãos que esposam princípios diferentes dos nossos, de que existem tantos modos de expressar confiança no Criador quantos são os estágios evolutivos das criaturas.

Há os que pretendem louvar a Infinita Bondade, manejando borés; há os que se supõem plenamente desobrigados de todos os compromissos com a própria crença, tão somente por se entregarem a bailados exóticos; há os que se cobrem de amuletos, admitindo que o Eterno Poder vibre absolutamente concentrado nas figuras geométricas; há os que fazem votos de solidão, crendo agradar aos Céus, fugindo de trabalhar; há os que levantam santuários de ouro e pedrarias, julgando homenagear o Divino Amor; e há, ainda, os que se presumem detentores de prerrogativas e honras especiais, pondo e dispondo nos assuntos da alma, como se Deus não passasse de arruinado ancião, ao sabor do capricho de filhos egoístas e intransigentes...

Ainda assim, toda vez que se mostrem sinceros, não lhes negues consideração e respeito.

* Xavier, Francisco Cândido. *Justiça divina*. Pelo Espírito Emmanuel. 12. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Item: Nos círculos da fé, p. 71-72.

Quase sempre, são corações infantis, usando símbolos como exercícios da escola ou sofrendo sugestões de terror para se acomodarem à disciplina.

Contudo, não lhes abrace as ilusões, a pretexto de honificar a fraternidade, porque a verdadeira fraternidade se movimenta a favor dos companheiros de evolução, clareando-lhes o raciocínio sem violentar-lhes o sentimento.

É preciso não engrossar hoje as amarras do preconceito, para que o preconceito não se faça crueldade amanhã, perseguindo em nome da caridade ou suplicando em nome da fé.

Se a Doutrina Espírita já te alcançou o entendimento, apoiando-te a libertação interior e ensinando-te a religião natural da responsabilidade com Deus em ti mesmo, recorda a promessa do Cristo: “Conhecereis a verdade e a verdade, afinal, vos fará livres”.

A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO RELIGIOSO

Roteiro 2

POLITEÍSMO

Objetivo específico

- » Esclarecer por que a ideia politeísta faz parte da evolução do pensamento religioso.
- » Identificar as tradições religiosas do politeísmo.

Conteúdo básico

- » *A concepção de um Deus único não poderia existir no homem, senão como resultado do desenvolvimento de suas ideias. Incapaz, pela sua ignorância, de conceber um ser imaterial, sem forma determinada, atuando sobre a matéria, conferiu-lhe o homem atributos da natureza corpórea, isto é, uma forma e um aspecto e, desde então, tudo o que parecia ultrapassar os limites da inteligência comum era, para ele, uma divindade. [...] Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 667.*
- » *Vamos encontrar, historicamente, as concepções mais remotas da organização religiosa na civilização chinesa, nas tradições da Índia védica e bramânica, de onde também se irradiaram as primeiras lições do Budismo, no antigo Egito, com os mistérios do culto dos mortos, na civilização resplandecente dos faraós, na Grécia com os ensinamentos órficos e com a simbologia mitológica, existindo já grandes mestres, isolados intelectualmente das massas, a quem ofereciam os seus ensinamentos exóticos, conservando o seu saber de iniciados no círculo restrito daqueles*

que os poderiam compreender devidamente. Emmanuel: *Emmanuel.*
Cap. 2, – item: As tradições religiosas.

Sugestões didáticas

Introdução

- » Pedir à turma que forme um grande círculo e faça leitura, em voz alta, do item 1 dos *Subsídios* deste roteiro, de forma que cada participante leia uma pequena parte do texto.
- » Em seguida, verificar por meio de indagações, análises de ideias, reflexões etc., se ocorreu efetiva compreensão do texto.

Desenvolvimento

- » Dividir, então, a turma em 5 grupos, entregando a cada um folhas de papel pardo (ou cartolinas) e pincéis hidrográficos, de cores variadas. Esclarecer que cada grupo deverá indicar um relator para apresentar as conclusões do trabalho, em plenária.
- » Pedir-lhes que façam uma síntese das principais características do politeísmo, tendo como referência o seguinte plano de trabalho:
 - Grupo 1: Características gerais do politeísmo (item 2 dos *Subsídios*).
 - Grupo 2: Características da tradição religiosa chinesa (item 2.1).
 - Grupo 3: Características das crenças religiosas hindus (item 2.2).
 - Grupo 4: Características do politeísmo egípcio (item 2.3).
 - Grupo 5: Características da mitologia grega e dos cânticos órficos (item 2.4).

Conclusão

- » Ouvir os relatos dos grupos, esclarecendo possíveis dúvidas e destacando, sempre que possível, as ideias espíritas citadas nos *Subsídios*.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório, se:

- » os participantes demonstrarem, nas atividades plenárias e grupais, que houve entendimento do politeísmo, no contexto da evolução do pensamento religioso e na identificação de tradições religiosas politeístas.

Técnica(s): leitura; estudo em plenária; trabalho em grupo.

Recurso(s): *Subsídios* deste roteiro; questões; folha de papel pardo/ cartolinas; pincéis hidrográficos.

Subsídios

1. A ideia politeísta no contexto da evolução do pensamento religioso

A história religiosa classifica religião em politeísta e monoteísta. Politeísmo é o sistema ou crença em vários deuses. O monoteísmo aceita apenas um Deus, Criador Supremo de todos os seres e coisas do universo. As manifestações politeístas apresentam algumas das seguintes características:

- » *Mitológica* – conjunto de mitos de determinado povo. Mito é um relato fantástico característico das tradições orais, geralmente protagonizado por seres que encarnam, sob forma simbólica, as forças da natureza e os aspectos gerais da condição humana.⁹
- » *Fetichista* – culto de objetos (fetiches) a que se atribui poder sobrenatural ou mágico.⁸
- » *Anímica* – culto da alma humana. *Os defensores da teoria animista [...] afirmam que a religião não começou pela mitologia nem pela adoração de objetos (fetichismo), mas pelo culto da alma.*⁶
- » *Adoração dos astros ou mitologia astral* – trata-se de uma teoria desenvolvida no século XIX, segundo a qual a religião começou com a adoração dos astros, considerados sagrados pelos povos primitivos.⁶
- » *Magia* – para alguns estudiosos, a magia é o ponto inicial da religião. Para outros, a magia antecede a manifestação religiosa.⁶

- » *Manismo* – esta característica indica que a religião nasceu do culto dos antepassados desde o momento em que o homem começou a cultivar os seus mortos.⁶

A crença em vários deuses foi o sistema religioso inicial porque a [...] *concepção de um Deus único não poderia existir no homem, senão como resultado do desenvolvimento de suas ideias. Incapaz, pela sua ignorância, de conceber um ser imaterial, sem forma determinada, atuando sobre a matéria, conferiu-lhe o homem atributos da natureza corpórea, isto é, uma forma e um aspecto e, desde então, tudo o que parecia ultrapassar os limites da inteligência comum era, para ele, uma divindade. Tudo o que não compreendia devia ser obra de uma potência sobrenatural. Daí a crer em tantas potências distintas quantos os efeitos que observava, não havia mais que um passo. Em todos os tempos, porém, houve homens instruídos, que compreenderam ser impossível a existência desses poderes múltiplos a governarem o mundo, sem uma direção superior, e que, em consequência, se elevaram à concepção de um Deus único.*³

Dessa forma, [...] *chamando deus a tudo o que era sobre-humano, os homens tinham por deuses os Espíritos. Daí veio que, quando um homem, pelas suas ações, pelo seu gênio, ou por um poder oculto que o vulgo não lograva compreender, se distinguiu dos demais, faziam dele um deus e, por sua morte, lhe rendiam culto.*⁴

*A palavra deus tinha, entre os antigos, aceção muito ampla. Não indicava, como presentemente, uma personificação do Senhor da natureza. Era uma qualificação genérica, que se dava a todo ser existente fora das condições da humanidade. Ora, tendo-lhes as manifestações espíritas revelado a existência de seres incorpóreos a atuarem como potência da natureza, a esses seres deram eles o nome de deuses, como lhes damos atualmente o de Espíritos. Pura questão de palavras, com a única diferença de que, na ignorância em que se achavam, mantida intencionalmente pelos que nisso tinham interesse, eles erigiram templos e altares muito lucrativos a tais deuses, ao passo que hoje os consideramos simples criaturas como nós, mais ou menos perfeitas e despidas de seus invólucros terrestres.*⁵

Assim, a [...] *ignorância do princípio de que são infinitas as perfeições de Deus foi que gerou o politeísmo, culto adotado por todos os povos primitivos, que davam o atributo de divindade a todo poder que lhes parecia acima dos poderes inerentes à humanidade. Mais tarde, a razão os levou a reunir essas diversas potências numa só. Depois, à proporção que os homens foram compreendendo a essência dos atributos divinos,*

retiraram dos símbolos, que haviam criado, a crença que implicava a negação desses atributos.²

2. Tradições religiosas do politeísmo

Em todas as épocas da humanidade Deus jamais deixou de enviar ao Planeta Espíritos missionários com a incumbência de instruir espiritualmente os homens. Neste sentido, [...] *as religiões houberam de ser em sua origem relativas ao grau de adiantamento moral e intelectual dos homens: estes assaz materializados para compreenderem o mérito das coisas puramente espirituais, fizeram consistir a maior parte dos deveres religiosos no cumprimento de fórmulas exteriores.¹ Nos tempos primevos, como na atualidade, o homem teve uma concepção antropomórfica de Deus. Nos períodos primários da Civilização, como preponderavam as leis da força bruta e a humanidade era um aglomeração de seres que nasciam da brutalidade e da aspereza, que apenas conheciam os instintos nas suas manifestações, a adoração aos seres invisíveis que personificavam os seus deuses era feita de sacrifícios inadmissíveis [...].²¹*

De forma abrangente, vamos [...] *encontrar, historicamente, as concepções mais remotas da organização religiosa na civilização chinesa, nas tradições da Índia védica e bramânica, de onde também se irradiaram as primeiras lições do Budismo, no antigo Egito, com os mistérios do culto dos mortos, na civilização resplandecente dos faraós, na Grécia com os ensinamentos órficos e com a simbologia mitológica, existindo já grandes mestres, isolados intelectualmente das massas, a quem ofereciam os seus ensinamentos exóticos, conservando o seu saber de iniciados no círculo restrito daqueles que os poderiam compreender devidamente.²⁰*

Vemos, então, que os habitantes do Planeta concebiam a religião de forma politeísta e antropomórfica, identificando em cada deus reverenciado qualidades supra-humanas. As ideias politeístas e antropomórficas aparecem na Religião, na Filosofia e em outras atividades culturais dos povos antigos. Destacaremos, a propósito, algumas contribuições registradas pela História.

2.1 Tradição religiosa chinesa

Desde as épocas mais distantes, Jesus enviou missionários às criaturas que se organizavam, econômica e politicamente, entre as primeiras comunidades da Terra.¹⁹ É importante considerar, porém,

que a tradição religiosa chinesa apresenta uma feição mais filosófica do que religiosa, propriamente dita, daí ser nomeada como “filosofia religiosa” ou “religião-filosófica”.

- » *Taoísmo*: originalmente, o termo chinês *Tao* significava “caminho”, palavra-chave de todas as antigas escolas filosóficas da China, inclusive o *Confucionismo*. Foi somente no séc. IV a.C., através de Lao-Tsu e Chuang-Tsu, que o Taoísmo recebeu impulso decisivo. Como religião, sabe-se que a doutrina começou a se tornar conhecida no séc. I a.C., quando era divulgada por sacerdotes mágicos, os quais, se julgando possuidores de poderes divinos, prometiam aos crentes a restauração da juventude, a aquisição de virtudes sobre-humanas e a garantia da imortalidade da alma.¹¹ *A bíblia do taoísmo é o Tao te King, que prega a existência de três caminhos: a) o Tao, ou caminho da realidade íntima (refere-se ao Criador, de onde brota a vida e ao qual toda a vida retorna); b) o Tao, ou caminho do universo, da norma, do ritmo da natureza, enfim; c) o Tao, ou caminho da vida humana.*¹⁴
- » *Confucionismo*: Emmanuel nos esclarece que Confúcio (ou Kong-Fo-Tsé), fundador do Confucionismo, [...] *na qualidade de missionário do Cristo, teve de saturar-se de todas as tradições chinesas, aceitar as circunstâncias imperiosas do meio, de modo a beneficiar o país na medida de suas possibilidades de compreensão. [...] Suas lições estão cheias do perfume de requintada sabedoria moral.*¹⁸

2.2 As crenças religiosas hindus

*As organizações hindus são de origem anterior à própria civilização egípcia e antecederam de muito os agrupamentos israelitas, de onde saíam mais tarde personalidades notáveis como as de Abraão e Moisés. As almas exiladas naquela parte do Oriente muito haviam recebido da misericórdia do Cristo, de cuja palavra de amor e de cuja figura luminosa guardaram as mais comovedoras recordações, traduzidas na beleza dos Vedas e nos Upanishads. Foram elas as primeiras vozes da filosofia e da religião no mundo terrestre, como provindo de uma raça de profetas, de mestres e iniciados, em cujas tradições iam beber a verdade os homens e os povos do porvir, salientando-se que também as suas escolas de pensamento guardavam os mistérios iniciáticos, com as mais sagradas tradições de respeito.*¹⁷

- » *Bramanismo*: durante a época védica, na vasta solidão dos bosques, nas margens dos rios e lagos, anacoretas ou *rishis* passavam os dias

no retiro. Intérpretes da ciência oculta, da doutrina secreta dos *Vedas*, eles desenvolveram misteriosos poderes, transmitidos de século em século, de que gozam ainda os faquires e os iogues. Dessa comunidade de pessoas solitárias nasceu o Bramanismo, a mais colossal das teocracias. Krishna, um brâmane educado pelos ascetas e anacoretas nas distantes regiões do Himalaia, foi o grande Reformador da religião hindu. Renovou as doutrinas védicas, apoiando-se nas ideias da “trindade universal” (mais tarde renascida na trindade católica), da imortalidade da alma e dos renascimentos sucessivos. Se considerarmos o Bramanismo somente pelas fórmulas ritualísticas, por suas prescrições ingênuas, cerimonial pomposo, ritos complicados, fábulas e imagens, seremos levados a nele não ver mais que um acervo de superstições. Seria, porém, erro julgá-lo unicamente pelas suas aparências exteriores. No Bramanismo, como em todas as religiões antigas, cumpre distinguir duas coisas: a) o culto e o ensino vulgar (manifestações exotéricas), repletos de fantasias e simbolismos que tanto cativam o povo. A esta ordem de ideias liga-se o dogma da metempsicose ou renascimento das almas culpadas em corpos de animais, insetos ou plantas; b) o ensino secreto (esotérico) que fornece explicações sobre a alma, seus destinos e sobre as leis divinas universais.⁷

- » *Hinduísmo*: esta religião tem origem no sincretismo dos ensinamentos védicos. Prega a existência de um número significativo de deuses, embora considere *Bramah* o primeiro “grande deus”, de onde provêm outros milhares de deuses. O Hinduísmo acredita na reencarnação: a alma pode passar de um corpo para outro, aperfeiçoando-se; ou melhor, aquele que praticou boas ações renasce após a morte noutra forma superior, ou terá, em caso contrário, que renascer inúmeras vezes pra alcançar a *moksha* (espécie de libertação das novas reencarnações), porque nascer outra vez é ter outro sofrimento. Para os hinduístas existe uma lei fatal: a lei do *Karma* que governa o destino dos seres humanos.¹⁰

2.3 O politeísmo egípcio

Nos círculos esotéricos, onde pontificava a palavra esclarecida dos grandes mestres de então, sabia-se da existência do Deus Único e Absoluto, Pai de todas as criaturas e Providência de todos os seres [...]. Desse ambiente reservado de ensinamentos ocultos, partiu, então, a ideia politeísta dos numerosos deuses, que seriam os senhores da Terra e do Céu, do homem e da natureza. As massas [populares] requeriam esse

*politeísmo simbólico, nas grandes festividades exteriores da religião. Já os sacerdotes da época conheciam essa fraqueza das almas jovens, de todos os tempos, satisfazendo-as com as expressões exotéricas de suas lições sublimadas. Dessa ideia de homenagear as forças invisíveis que controlam os fenômenos naturais, classificando-as para o Espírito das massas, na categoria dos deuses, é que nasceu a mitologia da Grécia, ao perfume das árvores e ao som das flautas dos pastores, em contato permanente com a natureza.*¹⁶

2.4 A mitologia grega e os cânticos órficos

*A palavra mitologia vem de mito cujo significado [...] abriga a noção de narrativa tradicional de conteúdo religioso. Entende-se, assim, por mitologia, em primeiro lugar o conjunto de narrativas desse tipo tal como se apresentam em um ou mais povos; em segundo lugar, o estudo das concepções mitológicas encaradas como um dos elementos integrantes da vida social. A narrativa mitológica envolve, basicamente, pretensos acontecimentos relativos a épocas primordiais, ocorridos antes do surgimento dos homens (história dos deuses) ou com os “primeiros” homens (história ancestral). Contudo, o verdadeiro objeto do mito não são os deuses nem os ancestrais, mas a apresentação de um conjunto de ocorrências fabulosas [concernentes ao legendário ou às narrativas criadas pela imaginação] com que se procurou dar sentido ao mundo e às relações entre os seres.*¹³

Os cânticos órficos fazem parte da tradição religiosa ocidental. Segundo a mitologia, Zeus teve nove filhas, denominadas musas, que dominavam a ciência universal e presidiam as artes liberais. Uma dessas musas, Calíope, patrona da poesia lírica e épica, e da eloquência, desposou Eagro, o deus-rio, de quem teve Orfeu, célebre cantor, músico e poeta. As belezas da harmonia e do conteúdo dos cantos e poesias órficos retratam, na gnose helênica (gnose=conhecimento sublime ou divino), o dualismo entre o bem e o mal, e as noções de corpo e alma.^{12, 15}

É importante registrar que foi o pensamento mítico e a gnose helênica que forneceram os elementos para a construção da Filosofia grega, a qual, por sua vez, representa a base da organização social e cultural dos povos do Ocidente. A mitologia grega e os cânticos de Orfeu, enquanto ligados à experiência religiosa, são caracteristicamente politeístas e antropomórficos, nos apresentando uma comunidade de deuses e deusas, detentores de poderes supra-humanos, e distribuídos numa organização hierarquicamente estruturada: chefia de um deus

maior e todo-poderoso (Zeus ou Júpiter) ao qual estavam submetidos os demais deuses: os principais, os subalternos a estes, as divindades infernais e os heróis ou semideuses.

Referências

1. Kardec, Allan. *O céu e o inferno*. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. 60. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Primeira parte, cap. 1, item 12, p. 19.
2. _____. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 52. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 2, item 17, p. 71-72.
3. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 91. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007, questão 667, p. 362-363.
4. _____. Questão 668, p. 363.
5. _____. Questão 668-comentário, p. 363.
6. AMORIM, Deolindo. *Cadernos doutrinários*. Salvador [BA]: Circulus, 2000. Cap. V (Estudos complementares - noções sumárias de história das religiões) p. 69.
7. DENIS, Léon. *Depois da morte*. Tradução de João Lourenço de Souza. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Parte primeira (Crenças e negações), cap. 2 (A Índia), p. 30 a 35.
8. DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Instituto Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 1333.
9. _____. p. 1936.
10. ENCICLOPÉDIA BARSA. Volume 7, item: Hinduísmo e Bramanismo, pág. 310.
11. _____. Volume 13, item: Taoísmo, p. 129-A.
12. ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1995, volume 10, p. 5358.
13. _____. Volume 14, p. 7762.
14. FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. Curso de estudo aprofundado da Doutrina Espírita: Programa religião à luz do Espiritismo. Brasília [DF]: FEB, 2005. Tomo I, Roteiro 2, p. 20.
15. GUIMARÃES, Ruth. *Dicionário da mitologia grega*. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 239-240.
16. Xavier, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 4 (A civilização egípcia), item: O politeísmo simbólico, p. 43-44.
17. _____. Cap. 5 (A Índia), item: A organização hindu, p. 49-50.
18. _____. Cap. 8 (A China milenária), item: Confúcio e Lao-Tsé, p. 76.
19. _____. Item: Fo-Hi, p. 75.
20. _____. *Emmanuel*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 2 (A ascendência do evangelho), item: As tradições religiosas, p. 26.
21. _____. Cap. 15 (A Ideia da imortalidade), item: O antropomorfismo, p. 87.

Mensagem

*Prece

Senhor, ensina-nos a oferecer-te o coração puro e o pensamento elevado na oração.

Ajuda-nos a pedir, em Teu Nome, para que a força de nossos desejos não perturbe a execução de teus desígnios.

Ampara-nos, a fim de que o nosso sentimento se harmonize com a tua vontade e que possamos, cada dia, ser instrumentos vivos e operosos da paz e do amor, do aperfeiçoamento e da alegria, de acordo com a tua Lei.

Assim seja.

* Xavier, Francisco Cândido. *Pai nosso*. Pelo Espírito Meimei. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006, p.103.

A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO RELIGIOSO

Roteiro 3

MOISÉS E O DECÁLOGO

Objetivo específico

- » Identificar a missão de Moisés.
- » Justificar a origem divina do Decálogo.

Conteúdo básico

- » *Deus é único e Moisés é o Espírito que Ele enviou em missão para torná-lo conhecido não só dos hebreus, como também dos povos pagãos. O povo hebreu foi o instrumento de que se serviu Deus para se revelar por Moisés e pelos profetas [...]. Os Mandamentos de Deus, dados por intermédio de Moisés, contêm o gérmen da mais ampla moral cristã. [...] Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. 1, item 9.*
- » *Moisés, como profeta, revelou aos homens a existência de um Deus único, Soberano Senhor e Orientador de todas as coisas; promulgou a lei do Sinai e lançou as bases da verdadeira fé. Como homem, foi o legislador do povo pelo qual essa primitiva fé, purificando-se, havia de espalhar-se por sobre a Terra. Allan Kardec: A gênese. Cap. 1, item 21.*
- » *O caráter essencial da revelação divina é o da eterna verdade. Toda revelação eivada de erros ou sujeita à modificação não pode emanar de Deus. É assim que a lei do Decálogo tem todos os caracteres de sua origem, enquanto que as outras leis moisaicas, fundamentalmente transitórias, [...] são obra pessoal e política do legislador hebreu. Com*

o abrandarem-se os costumes do povo, essas leis por si mesmas caíram em desuso, ao passo que o Decálogo ficou sempre de pé, como farol da humanidade. O Cristo fez dele a base do seu edifício, abolindo as outras leis. Allan Kardec: A gênese. Cap. 1, item 10.

Sugestões didáticas

Introdução

- » Fazer uma exposição introdutória do assunto do item 1 (A missão de Moisés) dos *Subsídios* deste roteiro, incentivando a participação de todos os alunos.

Observação: enriquecer a exposição com gravuras ou projeção de imagens e textos relacionados ao tema.

Desenvolvimento

- » Pedir à turma, em seguida, que se reúna em pequenos grupos para leitura do item 2 dos *Subsídios*, seguida de troca de ideias e de elaboração de uma síntese que contenha justificativas sobre a origem divina dos Dez Mandamentos.
- » Orientar os grupos a indicar um representante para apresentar, em plenária, as conclusões do trabalho.
- » Analisar as justificativas apresentadas pelos relatores, esclarecendo possíveis dúvidas.

Conclusão

- » Explicar, ao final, os Dez Mandamentos segundo a orientação espírita.

Avaliação:

O estudo será considerado satisfatório se:

- » os participantes justificarem corretamente a origem divina do Decálogo.

Técnica(s): exposição; leitura; trabalho em pequenos grupos.

Recurso(s): *Subsídios* deste roteiro.

Subsídios

1. A missão de Moisés

O Espírito Emmanuel nos informa que dos [...] *Espíritos degredados na Terra, foram os hebreus que constituíram a raça mais forte e mais homogênea, mantendo inalterados os seus caracteres através de todas as mutações. Examinando esse povo notável no seu passado longínquo, reconhecemos que, se grande era a sua certeza na existência de Deus, muito grande também era o seu orgulho, dentro de suas concepções da verdade e da vida.*⁹ Enquanto a civilização egípcia e os iniciados hindus criavam o politeísmo para satisfazer os imperativos da época, contemporizando com a versatilidade das multidões, o povo de Israel acreditava na existência do Deus Todo-Poderoso, por amor do qual aprendia a sofrer todas as injúrias e a tolerar todos os martírios. Quarenta anos no deserto representaram para aquele povo como que um curso de consolidação da sua fé, contagiosa e ardente. [...] *Todas as raças da Terra devem aos judeus esse benefício sagrado, que consiste na revelação de Deus Único, Pai de todas as criaturas e Providência de todos os seres.*¹⁰

O Judaísmo é uma religião revelada que teve em Moisés o seu missionário. *Deus é único e Moisés é o Espírito que Ele enviou em missão para torná-lo conhecido não só dos hebreus, como também dos povos pagãos. O povo hebreu foi o instrumento de que se serviu Deus para se revelar por Moisés e pelos profetas, e as vicissitudes por que passou esse povo destinavam-se a chamar a atenção geral e a fazer cair o véu que ocultava aos homens a divindade.*⁴

Moisés era um judeu, nascido no Egito, e criado por Termutis, irmã do faraó. *A religião israelita foi a primeira que formulou, aos olhos dos homens, a ideia de Deus espiritual [e Único]. Até então os homens adoravam: uns, o Sol; outros, a Lua; aqui, o fogo; ali, os animais. Mas em parte alguma a ideia de Deus era representada em sua essência espiritual e imaterial. Chegou Moisés; trazia uma lei nova, que derrubava todas as ideias até então recebidas. Tinha de lutar contra os sacerdotes egípcios, que mantinham os povos na mais absoluta ignorância, na mais abjeta*

escravidão, e contra esses sacerdotes, que desse estado de coisas tiravam um poder ilimitado, não podendo ver sem pavor a propagação de uma ideia nova, que vinha destruir os fundamentos de seu poder e ameaçava derrubá-los. Essa fé trazia consigo a luz, a inteligência e a liberdade de pensar; era uma revolução social e moral. Assim, os adeptos dessa fé, recrutados entre todas as classes do Egito, e não só entre os descendentes de Jacó [patriarca de uma das tribos de Israel], como erroneamente tem sido dito, eram perseguidos, açoitados, submetidos aos mais duros vexames e, por fim, expulsos do país, porque infestavam a população com ideias subversivas e antissociais. [...] Mas Deus Todo-Poderoso, que conduz com infinita sabedoria os acontecimentos de onde deve surgir o progresso, inspirou Moisés; deu-lhe um poder que homem algum havia tido e, pela irradiação desse poder, cujos efeitos feriam os olhos dos mais incrédulos, Moisés adquiriu uma imensa influência sobre a população que, confiando cegamente em seu destino, realizou um desses milagres [palavra entendida, aqui, como algo fabuloso, grande feito], cuja impressão deveria perpetuar-se de geração em geração, como lembrança imperecível do poder de Deus e de seu profeta. A passagem do mar Vermelho foi o primeiro ato da libertação desse povo. Mas a sua educação estava por fazer; [...] era preciso inculcar-lhes a fé e a moral, ensinando-lhes a pôr a força e a confiança num Deus criador, ser imaterial, infinitamente bom e justo.⁸

Moisés, como profeta, revelou aos homens a existência de um Deus único, Soberano Senhor e Orientador de todas as coisas; promulgou a lei do Sinai [cadeia montanhosa existente no Oriente Médio, local onde Moisés recebeu as Tábuas da Lei ou Dez Mandamentos] e lançou as bases da verdadeira fé. Como homem, foi o legislador do povo pelo qual essa primitiva fé, purificando-se, havia de espalhar-se por sobre a Terra.⁷

2. A origem divina do Decálogo

O caráter essencial da revelação divina é o da eterna verdade. Toda revelação eivada de erros ou sujeita a modificação não pode emanar de Deus. É assim que a lei do Decálogo tem todos os caracteres de sua origem, enquanto que as outras leis moisaicas, fundamentalmente transitórias, muitas vezes em contradição com a lei do Sinai, são obra pessoal e política do legislador hebreu.⁶ A Lei de Deus está formulada nos Dez Mandamento ou Decálogo. Nela [...] há duas partes distintas: a Lei de Deus [...] e a lei civil ou disciplinar [...]. Uma é invariável; a outra, [...] se modifica com o tempo; Mas, nem por isso os dez mandamentos

*de Deus deixavam de ser um como frontispício brilhante, qual farol destinado a clarear a estrada que a humanidade tinha de percorrer. A moral que Moisés ensinou era apropriada ao estado de adiantamento em que se encontravam os povos que ela se propunha regenerar, e esses povos, semisselvagens quanto ao aperfeiçoamento da alma, não teriam compreendido que se pudesse adorar a Deus de outro modo que não por meio de holocaustos, nem que se devesse perdoar a um inimigo. Notável do ponto de vista da matéria e mesmo do das artes e das ciências, a inteligência deles muito atrasada se achava em moralidade e não se houvera convertido sob o império de uma religião inteiramente espiritual. Era-lhes necessária uma representação semimaterial, qual a que apresentava então a religião hebraica. Os holocaustos lhes falavam aos sentidos, do mesmo passo que a ideia de Deus lhes falava ao Espírito.*⁵

*Moisés [...] foi inspirado a reunir todos os elementos úteis à sua grandiosa missão, vulgarizando o monoteísmo e estabelecendo o Decálogo, sob a inspiração divina, cujas determinações são até hoje a edificação basilar da Religião da Justiça e do Direito [...].*¹¹

Os Dez Mandamentos da Lei de Deus são os seguintes:²

I. Eu sou o Senhor, vosso Deus, que vos tirei do Egito, da casa da servidão. Não tereis, diante de mim, outros deuses estrangeiros. – Não fareis imagem esculpida, nem figura alguma do que está em cima do céu, nem embaixo na Terra, nem do que quer que esteja nas águas sob a terra. Não os adorareis e não lhes prestareis culto soberano.

II. Não pronunciareis em vão o nome do Senhor, vosso Deus.

III. Lembrai-vos de santificar o dia do sábado.

IV. Honrai a vosso pai e a vossa mãe, a fim de viverdes longo tempo na terra que o Senhor vosso Deus vos dará.

V. Não mateis.

VI. Não cometais adultério.

VII. Não roubeis.

VIII. Não presteis testemunho falso contra o vosso próximo.

IX. Não desejeis a mulher do vosso próximo.

X. Não cobiceis a casa do vosso próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu asno, nem qualquer das coisas que lhe pertençam.

*É de todos os tempos e de todos os países essa lei e tem, por isso mesmo, caráter divino. Todas as outras são leis que Moisés decretou, obrigado que se via a conter, pelo temor, um povo de seu natural turbulento e indisciplinado, no qual tinha ele de combater arraigados abusos e preconceitos, adquiridos durante a escravidão do Egito. Para imprimir autoridade às suas leis, houve de lhes atribuir origem divina, conforme o fizeram todos os legisladores dos povos primitivos. A autoridade do homem precisava apoiar-se na autoridade de Deus; mas, só a ideia de um Deus terrível podia impressionar criaturas ignorantes, em as quais ainda pouco desenvolvidos se encontravam o senso moral e o sentimento de uma justiça reta. É evidente que aquele que incluía, entre os seus mandamentos, este: “Não matareis; não causareis dano ao vosso próximo”, não poderia contradizer-se, fazendo da exterminação um dever. As leis moisaicas, propriamente ditas, revestiam, pois, um caráter essencialmente transitório.*³

Referências

1. Kardec, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 127. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 1, item 2, p. 55.
2. _____. p. 56-57.
3. _____. p. 57-58.
4. _____. Item 9, p. 61-62.
5. _____. p. 62.
6. _____. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 52. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap.1, item 10, p. 26-27.
7. _____. Item 21, p. 32-33.
8. _____. *Revista Espírita: Jornal de estudos psicológicos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Ano IV, setembro de 1861, n.º 09, item: Dissertações e ensinamentos espíritas, p. 414-415.
9. Xavier, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 7 (O povo de Israel), item: Israel, p. 65.
10. _____. Item: O monoteísmo, p. 68-69.
11. _____. *Emmanuel*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 2 (A ascendência do evangelho), item: A lei moisaica, p. 27.

Mensagem

*Oração

Perdoa-nos, meu Senhor,
Os débitos tenebrosos,
De passados escabrosos,
De iniquidade e de dor.

Auxilia-nos, também,
Nos sentimentos cristãos,
A amar nossos irmãos
Que vivem longe do bem.

Com a proteção de Jesus,
Livra a nossa alma do erro,
Sobre o mundo de desterro,
Distante da vossa luz.

Que a nossa ideal igreja
Seja o altar da Caridade,
Onde se faça a vontade
Do vosso amor... Assim seja.

Pai Nosso, que estás nos Céus,
Na luz dos sóis infinitos,
Pai de todos os aflitos
Deste mundo de escarcéus.

* Xavier, Francisco Cândido. *Parnaso de além-túmulo*. Mensagem do Espírito José Silvério Horta. 18. ed. (especial). Rio de Janeiro: FEB, 2006, p. 351-352.

Santificado, Senhor,
Seja o teu nome sublime,
Que em todo o universo exprime
Concórdia, ternura e amor.

Venha ao nosso coração
O teu reino de bondade,
De paz e de claridade
Na estrada da redenção.

Cumpra-se o teu mandamento
Que não vacila e nem erra,
Nos Céus, como em toda a Terra
De luta e de sofrimento.

Evita-nos todo o mal,
Dá-nos o pão no caminho,
Feito na luz, no carinho

A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO RELIGIOSO

Roteiro 4

JESUS E O EVANGELHO

Objetivo específico

- » Apresentar a concepção espírita de Jesus.
- » Identificar a essência dos ensinamentos contidos no Evangelho.

Conteúdo básico

- » *Qual o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo?*
Jesus. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 625.
- » *Para o homem, Jesus constitui o tipo da perfeição moral a que a humanidade pode aspirar na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que ensinou é a expressão mais pura da lei do Senhor, porque, sendo ele o mais puro de quantos têm aparecido na Terra, o Espírito Divino o animava. [...] Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 625 – comentário.*
- » *Jesus não veio destruir a lei, isto é, a lei de Deus; veio cumpri-la, isto é, desenvolvê-la, dar-lhe o verdadeiro sentido e adaptá-la ao grau de adiantamento dos homens. Por isso, é que se nos depara, nessa lei, o princípio dos deveres para com Deus e para com o próximo, base da sua doutrina. [...] Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. 1, item 3.*

- » *Amarás ao Senhor teu Deus, de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento. Esse é o grande e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante a esse: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Desses dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas. (MATEUS, 22:37-40).*

Sugestões didáticas

Introdução

- » Iniciar a reunião com uma exposição participativa em que se aborde, em linhas gerais, o tema Jesus e o Evangelho.

Desenvolvimento

- » Dividir a turma em pequenos grupos para leitura silenciosa dos *Subsídios*.
- » Em seguida, pedir aos participantes que, em plenária, respondam às seguintes questões:
 - 1ª - Apresentar a concepção espírita de Jesus.
 - 2ª - Explicar por que Jesus é considerado o Modelo e Guia da Humanidade.
 - 3ª - Identificar a essência dos ensinamentos do Evangelho.
 - 4ª - Comentar os esclarecimentos prestados por Jesus durante a conversa que teve com Zebedeu (veja o terceiro parágrafo dos *Subsídios*).

Conclusão

- » Apresentar, ao final, numa transparência (ou num cartaz) citações do Evangelho de Jesus que destaquem a excelência da mensagem cristã (veja sugestões, em anexo).

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- » as respostas às questões, apresentadas pelos participantes, indicarem que houve perfeito entendimento do assunto.

Técnica(s): exposição; leitura; trabalho em pequenos grupos; debate em plenária.

Recurso(s): *Subsídios* deste roteiro; transparência/retro- projetor.

Subsídios

1. Jesus: Guia e Modelo da Humanidade

Os Espíritos Superiores nos ensinam que Jesus é o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para nos servir de guia e modelo.⁴ Significa dizer que [...] *Jesus constitui o tipo da perfeição moral a que a humanidade pode aspirar na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que ensinou é a expressão mais pura da lei do Senhor, porque, sendo ele o mais puro de quantos têm aparecido na Terra, o Espírito Divino o animava.*⁵

*Jesus, cuja perfeição se perde na noite imperscrutável das eras, personificando a sabedoria e o amor, tem orientado todo o desenvolvimento da humanidade terrena, enviando os seus iluminados mensageiros, em todos os tempos, aos agrupamentos humanos e, assim como presidiu à formação do orbe, dirigindo, como Divino Inspirador, a quantos colaboraram na tarefa da elaboração geológica do planeta e da disseminação da vida em todos os laboratórios da natureza, desde que o homem conquistou a racionalidade, vem-lhe fornecendo a ideia de sua divina origem, o tesouro das concepções de Deus e da imortalidade do Espírito, revelando-lhe, em cada época, aquilo que a sua compreensão pode abranger.*¹⁰ Sabemos que raças [...] e povos ainda existem, que o desconhecem, porém não ignoram a lei de amor da sua doutrina, porque todos os homens receberam, nas mais remotas plagas do orbe, as irradiações do seu Espírito misericordioso, através das palavras inspiradas dos seus mensageiros.¹¹

Jesus [...] *é a Luz do Princípio e nas suas mãos misericordiosas repousam os destinos do mundo. Seu coração magnânimo é a fonte da vida para toda a humanidade terrestre. Sua mensagem de amor, no Evangelho, é a eterna palavra da ressurreição e da justiça, da fraternidade e da misericórdia. Todas as coisas humanas passaram, todas as coisas humanas se modificarão. Ele, porém, é a Luz de todas as vidas terrestres, inacessível ao tempo e à destruição.*⁸ Enviado de Deus, Ele foi a

representação do Pai junto do rebanho de filhos transviados do seu amor e da sua sabedoria, cuja tutela lhe foi confiada nas ordenações sagradas da vida no Infinito. Diretor angélico do orbe, seu coração não desdenhou a permanência direta entre os tutelados míseros e ignorantes [...].⁹

2. As bases da doutrina cristã

A mensagem cristã está sintetizada nestes ensinamentos: *Amarás ao Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento. Esse é o grande e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante a esse: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Desses dois mandamentos dependem toda a Lei e os profetas.* (MATEUS, 22:37-40).⁶

Tais orientações nos fazem refletir que a prática do bem, pela vivência da caridade, é a condição necessária para alcançarmos o reino dos Céus anunciado por Jesus, amando a Deus e ao próximo. *Caridade e humildade, tal a senda única da salvação. Egoísmo e orgulho, tal a da perdição. Este princípio se acha formulado nos seguintes precisos termos: “Amarás a Deus de toda a tua alma e a teu próximo como a ti mesmo; toda a lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos.” E, para que não haja equívoco sobre a interpretação do amor de Deus e do próximo, acrescenta: “E aqui está o segundo mandamento que é semelhante ao primeiro”, isto é, que não se pode verdadeiramente amar a Deus sem amar o próximo, nem amar o próximo sem amar a Deus. Logo, tudo o que se faça contra o próximo o mesmo é que fazê-lo contra Deus. Não podendo amar a Deus sem praticar a caridade para com o próximo, todos os deveres do homem se resumem nesta máxima: Fora da caridade não há salvação.*³

Estamos cientes de que a melhoria moral do ser humano não acontece de uma hora para outra. Exige esforço, perseverança e superação de inúmeros obstáculos, surgidos ao longo da caminhada evolutiva. Entretanto, consoante as promessas do Cristo, estaremos sempre guardados no seu imenso amor que nos concederá, ao final, o reino dos Céus, base da nossa imorredoura felicidade. A propósito, relata o Espírito Humberto de Campos que, durante elucidativa conversa com Zebedeu, pai dos apóstolos Tiago e João, Jesus teria afirmado: *a mensagem da Boa-Nova é excelente para todos; contudo, nem todos os homens são ainda bons e justos para com ela. É por isso que o Evangelho traz consigo o fermento da renovação e é ainda por isso que deixarei o júbilo e a energia como as melhores armas aos meus*

discípulos. Exterminando o mal e cultivando o bem, a Terra será para nós um glorioso campo de batalha. Se um companheiro cair na luta, foi o mal que tombou, nunca o irmão que, para nós outros, estará sempre de pé. Não repousaremos até o dia da vitória final. Não nos deteremos numa falsa contemplação de Deus, à margem do caminho, porque o Pai nos falará através de todas as criaturas trazidas à boa estrada; estaremos juntos na tempestade, porque aí a sua voz se manifesta com mais retumbância. Alegrar-nos-emos nos instantes transitórios da dor e da derrota, porque aí o seu coração amoroso nos dirá: “Vem, filho meu, estou nos teus sofrimentos com a luz dos meus ensinamentos!” Combateremos os deuses dos triunfos fáceis, porque sabemos que a obra do mundo pertence a Deus, compreendendo que a sua sabedoria nos convoca para completá-la, edificando o seu reino de venturas sem-fim no íntimo dos corações.⁷

Partindo das concepções do Judaísmo sobre Deus e a justiça divina, Jesus nos transmite, então, o maior código de moralidade, jamais imaginado existir no Planeta, ensinando e exemplificando, ele mesmo, a lei de amor em sua plenitude. Dessa forma, Jesus [...] *não veio destruir a lei, isto é, a lei de Deus; veio cumpri-la, isto é, desenvolvê-la, dar-lhe o verdadeiro sentido e adaptá-la ao grau de adiantamento dos homens. Por isso é que se nos depara, nessa lei, o princípio dos deveres para com Deus e para com o próximo, base da sua doutrina. Quanto às leis de Moisés, propriamente ditas, ele, ao contrário, as modificou profundamente, quer na substância, quer na forma.¹ Mas, o papel de Jesus não foi o de um simples legislador moralista, tendo por exclusiva autoridade a sua palavra. Cabia-lhe dar cumprimento às profecias que lhe anunciaram o advento; a autoridade lhe vinha da natureza excepcional do seu Espírito e da sua missão divina. Ele viera ensinar aos homens que a verdadeira vida não é a que transcorre na Terra e sim a que é vivida no reino dos Céus; viera ensinar-lhes o caminho que a esse reino conduz, os meios de eles se reconciliarem com Deus e de pressentirem esses meios na marcha das coisas por vir, para a realização dos destinos humanos. Entretanto, não disse tudo, limitando-se, respeito a muitos pontos, a lançar o germen de verdades que, segundo ele próprio o declarou, ainda não podiam ser compreendidas.²*

A mensagem cristã, cedo ou tarde, triunfará: O Evangelho do Divino Mestre ainda encontrará, por algum tempo, a resistência das trevas. A má-fé, a ignorância, a simonia, o império da força conspirarão contra ele, mas tempo virá em que a sua ascendência será reconhecida. Nos dias de flagelo e de provações coletivas, é para sua luz eterna que

*a humanidade se voltará, tomada de esperança. Então, novamente se ouvirão as palavras benditas do Sermão da Montanha e, através das planícies, dos montes e dos vales, o homem conhecerá o caminho, a verdade e a vida.*¹¹

Referências

1. Kardec, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 127. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 1, item 3, p. 58.
2. _____. Item 4, p. 58-59.
3. _____. Cap. 15, item 5, p. 277.
4. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 91. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007, questão 625, p. 346.
5. _____. Questão 625 – comentário, p. 346.
6. BÍBLIA DE JERUSALÉM. Diversos tradutores. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Editora Paulus, 2002. Evangelho segundo Mateus, 22:37-40.
7. Xavier, Francisco Cândido. *Boa Nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 35. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 4 (A Família Zebedeu), p. 35-36.
8. _____. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Introdução, p. 16.
9. _____. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007, questão 283, p. 168.
10. _____. *Emmanuel*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. II (A ascendência do evangelho), p.25.
11. _____. Item: O Evangelho e o futuro, p. 28.

Anexo

Citações Evangélicas

1. Evangelho segundo Mateus

- » Estando ele a caminhar junto ao mar da Galileia, viu dois irmãos: Simão, chamado Pedro, e seu irmão André, que lançavam a rede ao mar, pois eram pescadores. Disse-lhes: “Segui-me e eu vos farei pescadores de homens.” Eles, deixando imediatamente as redes, o seguiram. (MATEUS, 4: 18-20)

Bem-aventurados os pobres de Espírito, porque deles é o reino dos Céus.

- » Bem-aventurados os mansos porque herdarão a terra. Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus. Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus. Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos Céus. (MATEUS, 5:2-10)

2. Evangelho segundo Marcos

- » E ensinava-lhes muitas coisas por meio de parábolas. E dizia-lhes no seu ensino: Escutai: Eis que o semeador saiu a semear. E ao semear, uma parte da semente caiu à beira do caminho, e vieram as aves e a comeram. Outra parte caiu em solo pedregoso e, não havendo terra bastante, nasceu logo, porque não havia terra profunda, mas, ao surgir o sol, queimou-se, e, por não ter raiz, secou. Outra parte caiu entre os espinhos; os espinhos cresceram e a sufocaram, e não deu fruto. Outra parte, finalmente, caiu em terra boa, e produziu fruto que foi crescendo e aumentando; de modo que produziu trinta, sessenta e cem por um. E disse: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.” (MARCOS, 4:3-9)
- » Ele disse: “O que sai do homem, é isso que o torna impuro. Com efeito, é de dentro, do coração dos homens, que saem as intenções malignas; prostituições, roubos, assassínios, adultérios, ambições desmedidas, maldades, malícia, devassidão, inveja, difamação, arrogância, insensatez. Todas estas coisas más saem de dentro do homem, e são elas que o tornam impuro.” (MARCOS, 7:15, 20-23)

3. Evangelho segundo Lucas

- » Eu, porém, vos digo a vós que me escutais: “Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam, bendizei os que vos amaldiçoam, orai por aqueles que vos difamam. A quem te ferir numa face, oferece a outra; a quem te arrebatar a capa, não recuses a túnica. Dá a quem te pedir, e não reclames de quem tomar o que é teu. Como quereis que os outros vos façam, faze também a eles. Se amais os que vos amam, que graça alcançais? Pois até mesmo os pecadores amam aqueles que

os amam. E se fazeis o bem aos que vo-lo fazem, que graça alcançais? Até mesmo os pecadores agem assim!” (LUCAS, 6: 27-33)

- » Jesus perguntou-lhe “Qual é o teu nome? E ele disse: “Legião”, porque muitos demônios haviam entrado nele.” (LUCAS, 8: 30)

4. Evangelho segundo João

- » Diz-lhe Jesus: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim.” [...] E o que pedirdes em meu nome fá-lo-ei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho. Se me pedirdes algo em meu nome, eu o farei. [...] Quem não me ama não guarda as minhas palavras; e a palavra que ouvís não é minha, mas do Pai que me enviou. Estas coisas vos tenho dito estando entre vós. [...] Vós ouvistes o que vos disse: Vou e retorno a vós. Se me amásseis, alegrar-vos-íeis por eu ir para o Pai, porque o Pai é maior do que eu. (JOÃO, 14:6; 13-14; 24-25 e 28)
- » Assim falou Jesus, e, erguendo os olhos ao céu, disse: “Pai, chegou a hora: glorifica teu Filho, para que teu Filho te glorifique, e que pelo poder que lhe deste sobre toda carne, ele dê a vida eterna a todos os que lhe deste! Ora, a vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, o Deus único e verdadeiro, e aquele que enviaste: Jesus Cristo.” (JOÃO, 17:1-3)

A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO RELIGIOSO

Roteiro 5

A REVELAÇÃO ESPÍRITA

Objetivo específico

- » Citar as principais características de uma revelação.
- » Analisar o caráter da revelação espírita.

Conteúdo básico

- » *A característica essencial de qualquer revelação tem que ser a verdade. [...] Toda revelação desmentida por fatos deixa de o ser, se for atribuída a Deus. Não podendo Deus mentir, nem se enganar, ela não pode emanar dele: deve ser considerada produto de uma concepção humana. Allan Kardec: A gênese. Cap. 1, item 3.*
- » *Por sua natureza, a revelação espírita tem duplo caráter: participa ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica. Participa da primeira, porque foi providencial o seu aparecimento e não o resultado da iniciativa, nem de um desígnio premeditado do homem; porque os pontos fundamentais da doutrina provêm do ensino que deram os Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens acerca de coisas que eles ignoravam, que não podiam aprender por si mesmos e que lhes importa conhecer, hoje que estão aptos a compreendê-las. Participa da segunda, por não ser esse ensino privilégio de indivíduo algum, mas ministrado a todos do mesmo modo; por não serem os que o transmitem e os que o recebem seres passivos, dispensados do trabalho da observação e da*

pesquisa, por não renunciarem ao raciocínio e ao livre-arbítrio; porque não lhes é interdito o exame, mas, ao contrário, recomendado; enfim, porque a doutrina não foi ditada completa, nem imposta à crença cega; porque é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, a fim de tirar ele próprio as ilações e aplicações. Numa palavra, o que caracteriza a revelação espírita é o ser divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem. Allan Kardec: A gênese. Cap.1, item 13.

Sugestões didáticas

Introdução

- » Apresentar os objetivos específicos deste roteiro, comentando-os brevemente.
- » Tendo como base as orientações relacionadas à atividade extraclasse, indicadas no roteiro anterior, proceder da seguinte forma:
 - a) apresentar os painelistas;
 - b) citar o título dos temas que serão por eles desenvolvidos;
 - c) informar que cada painalista disporá de 10 minutos para expor o assunto;
 - d) pedir aos participantes que elaborem questões, durante a exposição dos painelistas, as quais serão esclarecidas no momento reservado à participação do auditório.

Desenvolvimento

- » Indicar o primeiro painalista para fazer uma exposição sobre *as principais características de uma revelação*.
- » Em seguida, passar a palavra para o segundo painalista que apresentará uma *análise do caráter da revelação espírita*. O terceiro expositor é solicitado a fazer um resumo das duas explanações anteriores, destacando pontos fundamentais.
- » Pedir, então, ao auditório que encaminhe as questões elaboradas.

- » Ler as questões recebidas, de forma sequencial e em voz alta, indicando um ou outro expositor para respondê-las.

Conclusão

- » Concluída a participação do auditório, encerrar o painel, ressaltando seus aspectos mais importantes.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório, se:

- » as ideias apresentadas pelos painelistas suscitarem a participação efetiva do auditório por meio de questões.

Técnica(s): painel de discussão (simplificado).

Recurso(s): *Subsídios* deste roteiro; questões elaboradas pelos participantes.

Subsídios

Pode o Espiritismo ser considerado uma revelação? Neste caso, qual o seu caráter? Em que se funda a sua autenticidade? A quem e de que maneira foi ela feita? É a Doutrina Espírita uma revelação, no sentido teológico da palavra, ou por outra, é, no seu todo, o produto do ensino oculto vindo do Alto? É absoluta ou suscetível de modificações? Trazendo aos homens a verdade integral, a revelação não teria por efeito impedi-los de fazer uso das suas faculdades, pois que lhes pouparia o trabalho da investigação? Qual a autoridade do ensino dos Espíritos, se eles não são infalíveis e superiores à humanidade? Qual a utilidade da moral que pregam, se essa moral não é diversa da do Cristo, já conhecida? Quais as verdades novas que eles nos trazem? Precisar-se-á o homem de uma revelação? E não poderá achar em si mesmo e em sua consciência tudo quanto é mister para se conduzir na vida?²

Definamos primeiro o sentido da palavra revelação. Revelar, do latim “revelare”, cuja raiz, “velum”, véu, significa literalmente sair de sob o “véu” — e, figuradamente, descobrir, dar a conhecer uma coisa secreta ou desconhecida. Em sua acepção vulgar mais genérica, essa palavra se

*emprega a respeito de qualquer coisa ignota que é divulgada, de qualquer ideia nova que nos põe ao corrente do que não sabíamos. Deste ponto de vista, todas as ciências que nos fazem conhecer os mistérios da natureza são revelações e pode dizer-se que há para a humanidade uma revelação incessante. A Astronomia revelou o mundo astral, que não conhecíamos; a Geologia revelou a formação da Terra; a Química, a lei das afinidades; a Fisiologia, as funções do organismo, etc.; Copérnico, Galileu, Newton, Laplace, Lavoisier foram reveladores.*³

1. Características da revelação

*A característica essencial de qualquer revelação tem que ser a verdade. Revelar um segredo é tornar conhecido um fato; se falso, já não é um fato e, por consequência, não existe revelação. Toda revelação desmentida por fatos deixa de o ser, se for atribuída a Deus. Não podendo Deus mentir, nem se enganar, ela não pode emanar dele: deve ser considerada produto de uma concepção humana.*⁴

*No sentido especial da fé religiosa, a revelação se diz mais particularmente das coisas espirituais que o homem não pode descobrir por meio da inteligência, nem com o auxílio dos sentidos e cujo conhecimento lhe dão Deus ou seus mensageiros, quer por meio da palavra direta, quer pela inspiração. Neste caso, a revelação é sempre feita a homens predispostos, designados sob o nome de “profetas ou messias”, isto é, “enviados ou missionários”, incumbidos de transmiti-la aos homens. Considerada debaixo deste ponto de vista, a revelação implica a passividade absoluta e é aceita sem verificação, sem exame, nem discussão.*⁵

Todas as religiões tiveram seus reveladores e estes, embora longe estivessem de conhecer toda a verdade, tinham uma razão de ser providencial, porque eram apropriados ao tempo e ao meio em que viviam, ao caráter particular dos povos a quem falavam e aos quais eram relativamente superiores. Apesar dos erros das suas doutrinas, não deixaram de agitar os Espíritos e, por isso mesmo, de semear os germens do progresso, que mais tarde haviam de desenvolver-se, ou se desenvolverão à luz brilhante do Cristianismo. É, pois, injusto se lhes lance anátema em nome da ortodoxia, porque dia virá em que todas essas crenças tão diversas na forma, mas que repousam realmente sobre um mesmo princípio fundamental — “Deus e a imortalidade” da alma, se fundirão numa grande e vasta unidade, logo que a razão triunfe dos preconceitos. Infelizmente, as religiões não sido sempre instrumentos de dominação; o papel de profeta

há tentado as ambições secundárias e tem-se visto surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias, que, valendo-se do prestígio deste nome, exploram a credulidade em proveito do seu orgulho, da sua ganância, ou da sua indolência, achando mais cômodo viver à custa dos iludidos. A religião cristã não pôde evitar esses parasitas.⁶

Só os Espíritos puros recebem a palavra de Deus com a missão de transmiti-la; mas, sabe-se hoje que nem todos os Espíritos são perfeitos e que existem muitos que se apresentem sob falsas aparências, o que levou São João a dizer: “Não acrediteis em todos os Espíritos; vede antes se os Espíritos são de Deus.” (I JOÃO, 4:1.) Pode, pois, haver revelações sérias e verdadeiras, como as há apócrifas e mentirosas. “O caráter essencial da revelação divina é o da eterna verdade. Toda revelação eivada de erros ou sujeita a modificação não pode emanar de Deus.” É assim que a lei do Decálogo tem todos os caracteres de sua origem, enquanto que as outras leis moisaicas, fundamentalmente transitórias, muitas vezes em contradição com a lei do Sinai, são obra pessoal e política do legislador hebreu. Com o abrandarem-se os costumes do povo, essas leis por si mesmas caíram em desuso, ao passo que o Decálogo ficou sempre de pé, como farol da humanidade.

O Cristo fez dele a base do seu edifício, abolindo as outras leis. Se estas fossem obra de Deus, seriam conservadas intactas. O Cristo e Moisés foram os dois grandes reveladores que mudaram a face ao mundo e nisso está a prova da sua missão divina. Uma obra puramente humana careceria de tal poder.⁷

2. Caráter da revelação espírita

Moisés, como profeta, revelou aos homens a existência de um Deus único, Soberano Senhor e Orientador de todas as coisas; promulgou a lei do Sinai e lançou as bases da verdadeira fé.¹¹ O Cristo, tomando da antiga lei o que é eterno e divino e rejeitando o que era transitório, puramente disciplinar e de concepção humana, acrescentou a “revelação da vida futura”, de que Moisés não falara, assim como a das penas e recompensas que aguardam o homem, depois da morte.¹² A parte mais importante da revelação do Cristo, no sentido de fonte primária, de pedra angular de toda a sua doutrina é o ponto de vista inteiramente novo sob que considera ele a Divindade.¹³ Jesus nos revela um [...] Deus clemente, soberanamente justo e bom, cheio de mansidão e misericórdia, que perdoa ao pecador arrependido e “dá a cada um segundo as suas obras.”¹³

O Espiritismo, dando-nos a conhecer o mundo invisível que nos cerca e no meio do qual vivíamos sem o suspeitarmos, assim como as leis que o regem, suas relações com o mundo visível, a natureza e o estado dos seres que o habitam e, por conseguinte, o destino do homem depois da morte, é uma verdadeira revelação, na acepção científica da palavra.⁸

Por sua natureza, a revelação espírita tem duplo caráter: participa ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica. Participa da primeira, porque foi providencial o seu aparecimento e não o resultado da iniciativa, nem de um desígnio premeditado do homem; porque os pontos fundamentais da doutrina provêm do ensino que deram os Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens acerca de coisas que eles ignoravam, que não podiam aprender por si mesmos e que lhes importa conhecer, hoje que estão aptos a compreendê-las. Participa da segunda, por não ser esse ensino privilégio de indivíduo algum, mas ministrado a todos do mesmo modo; por não serem os que o transmitem e os que o recebem “seres passivos”, dispensados do trabalho da observação e da pesquisa, por não renunciarem ao raciocínio e ao livre-arbítrio; porque não lhes é interdito o exame, mas, ao contrário, recomendado; enfim, porque a doutrina não foi “ditada completa, nem imposta à crença cega”; porque é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, a fim de tirar ele próprio as ilações e aplicações. Numa palavra, “o que caracteriza a revelação espírita é o ser divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem.”⁹

Quis Deus que a nova revelação chegasse aos homens por mais rápido caminho e mais autêntico. Incumbiu, pois, os Espíritos de levá-la de um polo a outro, manifestando-se por toda a parte, sem conferir a ninguém o privilégio de lhes ouvir a palavra. Um homem pode ser ludibriado, pode enganar-se a si mesmo; já não será assim, quando milhões de criaturas veem e ouvem a mesma coisa. Constitui isso uma garantia para cada um e para todos.¹

Um último caráter da revelação espírita, a ressaltar das condições mesmas em que ela se produz, é que, apoiando-se em fatos, tem que ser, e não pode deixar de ser, essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. Pela sua substância, alia-se à Ciência que, sendo a exposição das leis da natureza, com relação a certa ordem de fatos, não pode ser contrária às leis de Deus, autor daquelas leis. “As descobertas que a Ciência realiza, longe de o rebaixarem, glorificam a

Deus”; unicamente destroem o que os homens edificaram sobre as falsas ideias que formaram de Deus. O Espiritismo, pois, não estabelece como princípio absoluto senão o que se acha evidentemente demonstrado, ou o que ressalta logicamente da observação. Entendendo com todos os ramos da economia social, aos quais dá o apoio das suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, desde que hajam assumido o estado de “verdades práticas” e abandonado o domínio da utopia, sem o que ele se suicidaria. Deixando de ser o que é, mentiria à sua origem e ao seu fim providencial. “Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.”¹⁵

Entendemos, assim, que a revelação espírita é [...] *uma revolução completa a operar-se nas ideias, revolução tanto maior, tanto mais poderosa, quanto não se circunscreve a um povo, nem a uma casta, visto que atinge simultaneamente, pelo coração, todas as classes, todas as nacionalidades, todos os cultos. Razão há, pois, para que o Espiritismo seja considerado a terceira das grandes revelações.*¹⁰

A primeira revelação teve a sua personificação em Moisés, a segunda no Cristo, a terceira não a tem em indivíduo algum. As duas primeiras foram individuais, a terceira coletiva; aí está um caráter essencial de grande importância. Ela é coletiva no sentido de não ser feita ou dada como privilégio a pessoa alguma; ninguém, por consequência, pode inculcar-se como seu profeta exclusivo; foi espalhada simultaneamente, por sobre a Terra, a milhões de pessoas, de todas as idades e condições, desde a mais baixa até a mais alta da escala, conforme esta predição registrada pelo autor dos Atos dos apóstolos: “Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; os vossos filhos e filhas profetizarão, os mancebos terão visões, e os velhos, sonhos.”¹⁴

Referências

1. Kardec, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 127. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Introdução, item 2, (Controle universal do ensino dos Espíritos), p. 27.
2. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 52. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 1, item 1, p. 21.
3. _____. Item 2, p. 21-22.

4. _____. Item 3, p. 22.
5. _____. Item 7, p. 24.
6. _____. Item 8, p. 25.
7. _____. Item 10, p. 26-27.
8. _____. Item 12, p. 27.
9. _____. Item 13, p. 27-28.
10. _____. Item 20, p. 32.
11. _____. Item 21, p. 32-33.
12. _____. Item 22, p. 33.
13. _____. Item 23, p. 33-34.
14. _____. Item 45, p. 45.
15. _____. Item 55, p. 54.

Mensagem

*Melodia Sublime

“Ó Senhor Supremo de Todos os Mundos
E de Todos os Seres,
Recebe, Senhor,
O nosso agradecimento
De filhos devedores do teu amor!

Dá-nos tua bênção,
Ampara-nos a esperança,
Ajuda-nos o ideal
Na estrada imensa da vida...

* Xavier, Francisco Cândido. *Os mensageiros*. Pelo Espírito André Luiz. 44. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 32 (Melodia sublime).

Seja para o teu coração,
Cada dia,
Nosso primeiro pensamento de amor!
Seja para tua bondade Nossa alegria de
viver!...

Pai de amor infinito
Dá-nos tua mão generosa e santa.

Longo é o caminho.
Grande o nosso débito,
Mas inesgotável é a nossa esperança.

Pai Amado,
Somos as tuas criaturas,
Raios divinos
De tua Divina Inteligência.

Ensina-nos a descobrir
Os tesouros imensos
Que guardaste
Nas profundezas de nossa vida,
Auxilia-nos a acender
A lâmpada sublime
Da Sublime Procura!

Senhor,
Caminhamos contigo
Na eternidade!...
Em Ti nos movemos para sempre.

Abençoa-nos a senda,
Indica-nos a Sagrada
Realização.
E que a glória eterna
Seja em teu eterno trono!...

Resplandeça contigo a Infinita Luz,
Mane em teu coração misericordioso
A Soberana Fonte do Amor,
Cante em tua Criação Infinita
O sopro divino da eternidade.

Seja a tua bênção Claridade aos nossos
olhos,
Harmonia ao nosso ouvido,
Movimento às nossas mãos,
Impulso aos nossos pés.

No amor sublime da Terra e dos Céus!...
Na beleza de todas as vidas,
Na progressão de todas as coisas,
Na voz de todos os seres,
Glorificado sejas para sempre,
Senhor.

A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO RELIGIOSO

Roteiro 6

ESPIRITISMO: O CONSOLADOR PROMETIDO POR JESUS

Objetivo específico

- » Explicar por que o Espiritismo é o Consolador prometido por Jesus.
- » Identificar a abrangência do Espiritismo.

Conteúdo básico

- » *Se me amais, observareis os meus mandamentos, e rogarei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito [Consolador], para que convosco permaneça para sempre, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode acolher, porque não o vê nem o conhece. Vós o conheceis, porque permanece convosco. Não vos deixareis órfãos [...]. Mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai em meu nome, vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que eu vos disse. A Bíblia de Jerusalém. João, 14:15-17 e 26.*
- » *Jesus promete outro consolador: o Espírito de Verdade, que o mundo ainda não conhece, por não estar maduro para o compreender, consolador que o Pai enviará para ensinar todas as coisas e para lembrar o que o Cristo há dito. Se, portanto, o Espírito de Verdade tinha de vir mais tarde ensinar todas as coisas, é que o Cristo não*

dissera tudo; se ele vem lembrar o que o Cristo disse, é que o que este disse foi esquecido ou mal compreendido. O Espiritismo vem, na época predita, cumprir a promessa do Cristo: preside ao seu advento o Espírito de Verdade. Ele chama os homens à observância da lei; ensina todas as coisas fazendo compreender o que Jesus só disse por parábolas. [...] Vem, finalmente, trazer a consolação suprema aos deserdados da Terra e a todos os que sofrem, atribuindo causa justa e fim útil a todas as dores. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. 6, item 4.

- » *Ministrando a prova material da existência e da imortalidade da alma, iniciando-nos em os mistérios do nascimento, da morte, da vida futura, da vida universal, tornando-nos palpáveis as inevitáveis consequências do bem e do mal, a Doutrina Espírita, melhor do que qualquer outra, põe em relevo a necessidade da melhoria individual. Por meio dela, sabe o homem donde vem, para onde vai, por que está na Terra; o bem tem um objetivo, uma utilidade prática. Ela não se limita a preparar o homem para o futuro, forma-o também para o presente, para a sociedade. Melhorando-se moralmente, os homens prepararão na Terra o reinado da paz e da fraternidade. A Doutrina Espírita é assim o mais poderoso elemento de moralização, por se dirigir simultaneamente ao coração, à inteligência e ao interesse pessoal bem compreendido. Por sua mesma essência, o Espiritismo participa de todos os ramos dos conhecimentos físicos, metafísicos e morais. Allan Kardec: Obras póstumas. Segunda parte: Credo espírita (Preâmbulo), p. 388-389.*

Sugestões didáticas

Introdução

- » Iniciar o estudo dizendo que Jesus, ao despedir-se dos discípulos que compunham o seu colégio apostólico, prometeu-lhes a vinda de um outro Consolador. Acrescentar que alguns segmentos religiosos acreditam que o Consolador veio no chamado dia de *Pentecostes* (festa dos judeus em memória do dia que Moisés recebeu as Tábuas da Lei).

Desenvolvimento

- » Em seguida, relatar o episódio de *Pentecostes* (ATOS DOS APÓSTOLOS, 2).
- » Findo o relato, lançar ao plenário, para reflexão, as seguintes perguntas: Poderia o Consolador realmente já ter vindo? Será o Espiritismo o Consolador prometido por Jesus? Pedir aos participantes que não respondam a essas perguntas, apenas reflitam sobre o assunto.
- » Logo após, formar quatro grupos, para realização das seguintes tarefas:

Grupos I e II:

1) ler os *Subsídios* do roteiro; 2) elaborar, com base no item 1 dos *Subsídios*, um texto explicando por que o Espiritismo deve ser considerado o Consolador prometido por Jesus.

Grupos III e IV:

1) ler os *Subsídios* do roteiro; 2) extrair do item 2 dos *Subsídios* os principais pontos que identificam a abrangência do Espiritismo, anotando-os em folha de papel.

- » Ao término dessas atividades, reunir os **grupos I e II**, de modo que formem uma só equipe. Realizar idêntico procedimento com os **grupos III e IV**.
- » Os **grupos I e II**, reunidos, devem ler os textos elaborados; trocar ideias, promovendo eventuais acréscimos ou supressões; elaborar redação final para posterior apresentação, em plenária, após a escolha de um relator.
- » Os **grupos III e IV**, reunidos, devem ler os textos elaborados; trocar ideias, promovendo eventuais acréscimos ou supressões; confeccionar um cartaz para posterior apresentação, em plenária, após a escolha de um relator.
- » Em sequência, solicitar aos representantes escolhidos que apresentem as conclusões do trabalho.
- » Ouvir os relatos, prestando os esclarecimentos cabíveis.
- » Logo após, pedir aos participantes que expliquem, com base no estudo feito, por que o fenômeno ocorrido no dia de *Pentecostes* não poderia ser considerado como a vinda do Consolador prometido por Jesus. Verificar se as respostas estão embasadas nos itens 1 e 2 dos *Subsídios*, completando-as, se necessário.

Conclusão

- » Encerrar o estudo, enfatizando o trabalho dos espíritas relacionado à missão do Consolador (veja item 1, último parágrafo).

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- » os participantes, ao final das atividades, demonstrarem compreensão de que o Espiritismo é o Consolador prometido por Jesus, identificando a sua abrangência.

Técnica(s): exposição; trabalho em pequenos grupos.

Recurso(s): *Subsídios* do roteiro; folhas de papel; lápis/canetas; folhas de papel pardo; canetas hidrográficas.

Subsídios

1. Espiritismo: o Consolador prometido por Jesus

Jesus, na última ceia, ao despedir-se dos discípulos que compunham o seu colégio apostólico, prometeu-lhes a vinda de um outro consolador. Será o Espiritismo este consolador? Busquemos interpretar-lhe a promessa, de acordo com os ensinamentos da Doutrina Espírita. Diz Jesus: *Se me amais, observareis os meus mandamentos, e rogarei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito [Consolador], para que convosco permaneça para sempre, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode acolher, porque não o vê nem o conhece. Vós o conheceis, porque permanece convosco. Não vos deixareis órfãos [...]. Mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai em meu nome, vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que eu vos disse.* (JOÃO, 14:15-17 e 26).^{2,7}

Conforme ensina Allan Kardec, *Jesus promete outro consolador: o Espírito de Verdade, que o mundo ainda não conhece, por não estar maduro para compreender, consolador que o Pai enviará para ensinar todas as coisas e para lembrar o que o Cristo há dito. Se, portanto, o Espírito de Verdade tinha de vir mais tarde ensinar todas as coisas, é que o Cristo não dissera tudo; se ele vem lembrar o que o Cristo disse,*

é que o que este disse foi esquecido ou mal compreendido. O Espiritismo vem, na época predita, cumprir a promessa do Cristo: preside ao seu advento o Espírito de Verdade. Ele chama os homens à observância da lei; ensina todas as coisas fazendo compreender o que Jesus só disse por parábolas. Advertiu o Cristo: “Ouçam os que têm ouvidos para ouvir.” O Espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos, porquanto fala sem figuras, nem alegorias; levanta o véu intencionalmente lançado sobre certos mistérios. Vem, finalmente, trazer a consolação suprema aos deserdados da Terra e a todos os que sofrem, atribuindo causa justa e fim útil a todas as dores.

Disse o Cristo: “Bem-aventurados os aflitos, pois que serão consolados.” Mas, como há de alguém sentir-se ditoso por sofrer, se não sabe por que sofre? O Espiritismo mostra a causa dos sofrimentos nas existências anteriores e na destinação da Terra, onde o homem expia o seu passado. Mostra o objetivo dos sofrimentos, apontando-os como crises salutares que produzem a cura e como meio de depuração que garante a felicidade nas existências futuras. O homem compreende que mereceu sofrer e acha justo o sofrimento. Sabe que este lhe auxilia o adiantamento e o aceita sem murmurar, como o obreiro aceita o trabalho que lhe assegurará o salário. O Espiritismo lhe dá fé inabalável no futuro e a dúvida pungente não mais se lhe apossa da alma. Dando-lhe a ver do alto as coisas, a importância das vicissitudes terrenas some-se no vasto e esplêndido horizonte que ele o faz descortinar, e a perspectiva da felicidade que o espera lhe dá a paciência, a resignação e a coragem de ir até ao termo do caminho.

Assim, o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador Prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba donde vem, para onde vai e por que está na Terra; atrai para os verdadeiros princípios da lei de Deus e consola pela fé e pela esperança.³

Em uma comunicação inserida por Kardec em O evangelho segundo o espiritismo, o Espírito de Verdade, representando o próprio Cristo, ratifica esse entendimento, quando afirma: Venho, como outrora aos transviados filhos de Israel, trazer-vos a verdade e dissipar as trevas. Escutai-me. O Espiritismo, como o fez antigamente a minha palavra, tem de lembrar aos incrédulos que acima deles reina a imutável verdade: o Deus bom, o Deus grande, que faz germinem as plantas e se levantem as ondas. Revelei a doutrina divinal. Como um ceifeiro, reuni em feixes o bem esparso no seio da humanidade e disse: “Vinde a mim, todos vós que sofreis.”

Mas, ingratos, os homens afastaram-se do caminho reto e largo que conduz ao reino de meu Pai e enveredaram pelas ásperas sendas da impiedade. Meu Pai não quer aniquilar a raça humana; quer que, ajudando-vos uns aos outros, mortos e vivos, isto é, mortos segundo a carne, porquanto não existe a morte, vos socorrais mutuamente, e que se faça ouvir não mais a voz dos profetas e dos apóstolos, mas a dos que já não vivem na Terra, a clamar: Orai e crede! pois que a morte é a ressurreição, sendo a vida a prova buscada e durante a qual as virtudes que houverdes cultivado crescerão e se desenvolverão como o cedro. [...] Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instrui-vos, este o segundo. No Cristianismo encontram-se todas as verdades; são de origem humana os erros que nele se enraizaram. Eis que do Além-túmulo, que julgáveis o nada, vozes vos clamam: “Irmãos! nada perece. Jesus Cristo é o vencedor do mal, sede os vencedores da impiedade.”⁴

Em outra comunicação, colocada por Kardec como prefácio da obra citada, é ainda o Espírito de Verdade quem assinala: *Os Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos Céus, qual imenso exército que se movimenta ao receber as ordens do seu comando, espalham-se por toda a superfície da Terra e, semelhantes a estrelas cadentes, vêm iluminar os caminhos e abrir os olhos aos cegos. Eu vos digo, em verdade, que são chegados os tempos em que todas as coisas hão de ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido, para dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos. As grandes vozes do Céu ressoam como sons de trombetas, e os cânticos dos anjos se lhes associam. Nós vos convidamos, a vós homens, para o divino concerto. Tomai da lira, fazei uníssonas vossas vozes, e que, num hino sagrado, elas se estendam e repercutam de um extremo a outro do universo. Homens, irmãos a quem amamos, aqui estamos junto de vós. Amai-vos, também, uns aos outros e dizei do fundo do coração, fazendo as vontades do Pai, que está no Céu: Senhor! Senhor!... e podereis entrar no reino dos Céus.¹*

Sendo assim, consoante declaração de Emmanuel, o [...] *Espiritismo evangélico é o Consolador prometido por Jesus, que, pela voz dos seres redimidos, espalha as luzes divinas por toda a Terra, restabelecendo a verdade e levantando o véu que cobre os ensinamentos na sua feição de Cristianismo redivivo, a fim de que os homens despertem para a era grandiosa da compreensão espiritual com o Cristo.⁹ O Espiritismo, contudo, [...] não pode guardar a pretensão de exterminar as outras crenças, parcelas da verdade que a sua doutrina representa, mas, sim, trabalhar por transformá-las, elevando-lhes as concepções*

antigas para o clarão da verdade imortalista. A missão do Consolador tem que se verificar junto das almas e não ao lado das gloriolas efêmeras dos triunfos materiais. Esclarecendo o erro religioso, onde quer que se encontre, e revelando a verdadeira luz, pelos atos e pelos ensinamentos, o espiritista sincero, enriquecendo os valores da fé, representa o operário da regeneração do Templo do Senhor, onde os homens se agrupam em vários departamentos, ante altares diversos, mas onde existe um só Mestre, que é Jesus Cristo.¹⁰

2. A abrangência do Espiritismo

Allan Kardec, no item V da Conclusão de *O livro dos espíritos*, apresenta argumentação que descortina, de forma clara, a abrangência do Espiritismo. Suas palavras, embora retratando a realidade da época, resistem, pela força da lógica, o perpassar dos tempos:

Os que dizem que as crenças espíritas ameaçam invadir o mundo, proclamam, “ipso facto”, a força do Espiritismo, porque jamais poderia tornar-se universal uma ideia sem fundamento e destituída de lógica. Assim, se o Espiritismo se implanta por toda parte, se, principalmente nas classes cultas, recruta adeptos, como todos facilmente reconhecerão, é que tem um fundo de verdade. Baldados, contra essa tendência, serão todos os esforços dos seus detratores e a prova é que o próprio ridículo, de que procuram cobri-lo, longe de lhe amortecer o ímpeto, parece ter-lhe dado novo vigor, resultado que plenamente justifica o que repetidas vezes os Espíritos hão dito: “Não vos inquieteis com a oposição; tudo o que contra vós fizerem se tornará a vosso favor e os vossos maiores adversários, sem o quererem, servirão à vossa causa. Contra a vontade de Deus não poderá prevalecer a má-vontade dos homens.”

Por meio do Espiritismo, a humanidade tem que entrar numa nova fase, a do progresso moral, que lhe é consequência inevitável. Não mais, pois, vos espanteis da rapidez com que as ideias espíritas se propagam. A causa dessa celeridade reside na satisfação que trazem a todos os que as aprofundam e que nelas veem alguma coisa mais do que fútil passatempo. Ora, como cada um o que acima de tudo quer é a sua felicidade, nada há de surpreendente em que cada um se apegue a uma ideia que faz ditosos os que a esposam.

Três períodos distintos apresenta o desenvolvimento dessas ideias: primeiro, o da curiosidade, que a singularidade dos fenômenos

produzidos desperta; segundo, o do raciocínio e da filosofia; terceiro, o da aplicação e das consequências. O período da curiosidade passou; a curiosidade dura pouco. Uma vez satisfeita, muda de objeto. O mesmo não acontece com o que desafia a meditação séria e o raciocínio. Começou o segundo período, o terceiro virá inevitavelmente.

O Espiritismo progrediu principalmente depois que foi sendo mais bem compreendido na sua essência íntima, depois que lhe perceberam o alcance, porque tange a corda mais sensível do homem: a da sua felicidade, mesmo neste mundo. Aí a causa da sua propagação, o segredo da força que o fará triunfar. Enquanto a sua influência não atinge as massas, ele vai felicitando os que o compreendem. Mesmo os que nenhum fenômeno têm testemunhado dizem: “à parte esses fenômenos, há a filosofia, que me explica o que nenhuma outra me havia explicado. Nela encontro, por meio unicamente do raciocínio, uma solução racional para os problemas que no mais alto grau interessam ao meu futuro. Ela me dá calma, firmeza, confiança; livra-me do tormento da incerteza.” Ao lado de tudo isto, secundária se torna a questão dos fatos materiais.

Quereis, vós todos que o atacais, um meio de combatê-lo com êxito? Aqui o tendes. Substituí-o por alguma coisa melhor; indicai solução mais filosófica para todas as questões que ele resolveu; dai ao homem outra certeza que o faça mais feliz, porém compreendi bem o alcance desta palavra “certeza”, porquanto o homem não aceita como “certo”, senão o que lhe parece “lógico”. Não vos contenteis com dizer: isto não é assim; demasiado fácil é semelhante afirmativa. Provai, não por negação, mas por fatos, que isto não é real, nunca o foi e não pode ser. Se não é, dizei o que o é, em seu lugar. Provai, finalmente, que as consequências do Espiritismo não são tornar melhor o homem e, portanto, mais feliz, pela prática da mais pura moral evangélica, moral a que se tecem muitos louvores, mas que muito pouco se pratica. Quando houverdes feito isso, tereis o direito de o atacar.

O Espiritismo é forte porque assenta sobre as próprias bases da religião: Deus, a alma, as penas e as recompensas futuras; sobretudo, porque mostra que essas penas e recompensas são corolários naturais da vida terrestre e, ainda, porque, no quadro que apresenta do futuro, nada há que a razão mais exigente possa recusar. Que compensação oferecereis aos sofrimentos deste mundo, vós cuja doutrina consiste unicamente na negação do futuro? Enquanto vos apoiáis na incredulidade, ele se apoia na confiança em Deus; ao passo que convida os homens à felicidade,

*à esperança, à verdadeira fraternidade, vós lhes ofereceis o “nada” por perspectiva e o “egoísmo” por consolação. Ele tudo explica, vós nada explicais. Ele prova pelos fatos, vós nada provais. Como quereis que se hesite entre as duas doutrinas?*⁵

Essas palavras de Kardec deixam entrever o grande alcance social da Doutrina Espírita. Acreditar, porém, que [...] o Espiritismo possa influenciar sobre a vida dos povos, facilitar a solução dos problemas sociais é ainda muito incompreensível para as ideias da época. Mas, por pouco que se reflita, seremos forçados a reconhecer que as crenças têm uma influência considerável sobre a forma das sociedades. Na Idade Média, a sociedade era a imagem fiel das concepções católicas. A sociedade moderna, sob a inspiração do materialismo, vê apenas no universo a concorrência vital, a luta dos seres, luta ardente, na qual todos os apetites estão em liberdade. Tende a fazer do mundo atual a máquina formidável e cega que tritura as existências, e onde o indivíduo não passa de partícula, ínfima e transitória, saída do nada para, em breve, a ele voltar. Mas, quanta mudança nesse ponto de vista, logo que o novo ideal vem esclarecer-nos o ser e regular-nos a conduta! Convencido de que esta vida é um meio de depuração e de progresso, que não está isolada de outras existências, ricos ou pobres, todos ligarão menos importância aos interesses do presente. Em virtude de estar estabelecido que cada ser humano deve renascer muitas vezes sobre este mundo, passar por toda as condições sociais, sendo as existências obscuras e dolorosas então as mais numerosas e a riqueza mal empregada acarretando gravosas responsabilidades, todo homem compreenderá que, trabalhando em benefício da sorte dos humildes, dos pequenos, dos deserdados trabalhará para si próprio [...]. Graças a essa revelação, a fraternidade e a solidariedade impõem-se; os privilégios, os favores, os títulos perdem sua razão de ser. A nobreza dos atos e dos pensamentos substitui a dos pergaminhos. Assim concebida, a questão social mudaria de aspecto: as concessões entre classes tornar-se-iam fáceis e veríamos cessar todo o antagonismo entre o capital e o trabalho. Conhecida a verdade, compreender-se-ia que os interesses de uns são os interesses de todos e que ninguém deve estar sob a pressão de outros. Daí a justiça distributiva, sob cuja ação não mais haveria ódios nem rivalidades selvagens, porém, sim, uma confiança mútua, a estima e a afeição recíprocas; em uma palavra, a realização da lei de fraternidade, que se tornará a única regra entre os homens. Tal é o remédio que o ensino dos Espíritos traz à sociedade.⁸

Desse modo, certo é dizer-se que, ministrando [...] a prova material da existência e da imortalidade da alma, iniciando-nos em os mistérios do nascimento, da morte, da vida futura, da vida universal, tornando-nos palpáveis as inevitáveis consequências do bem e do mal, a Doutrina Espírita, melhor do que qualquer outra, põe em relevo a necessidade da melhoria individual. Por meio dela, sabe o homem donde vem, para onde vai, por que está na Terra; o bem tem um objetivo, uma utilidade prática. Ela não se limita a preparar o homem para o futuro, forma-o também para o presente, para a sociedade. Melhorando-se moralmente, os homens prepararão na Terra o reinado da paz e da fraternidade. A Doutrina Espírita é assim o mais poderoso elemento de moralização, por se dirigir simultaneamente ao coração, à inteligência e ao interesse pessoal bem compreendido. Por sua mesma essência, o Espiritismo participa de todos os ramos dos conhecimentos físicos, metafísicos e morais.⁶

Referências

1. Kardec, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 127. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Prefácio, p. 21.
2. _____. Cap. 6, item 3, p. 140.
3. _____. Item 4, p. 140-141.
4. _____. Item 5, p. 141-143.
5. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 91. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Conclusão: item V, p. 541-544.
6. _____. *Obras póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro. 39. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Credo espírita: Preâmbulo, p. 421-427.
7. BÍBLIA DE JERUSALÉM. Diversos tradutores. São Paulo: Edições Paulinas, 1981. O evangelho segundo São João. Capítulo 14, versículos 15 a 17 e 26, p. 1404-1405.
8. DENIS, Léon. *Depois da morte*. Tradução de João Lourenço de Souza. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Quinta parte (O caminho reto), cap. 55 (Questões sociais), p. 314-315.
9. Xavier, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007, questão 352, p. 199.
10. _____. Questão 353, p. 200.

Mensagem

*Algo mais no Natal

Senhor Jesus!
Diante do Natal, que te
lembra a glória
na manjedoura,
nós te agradecemos:
a música da oração;
o regozijo da fé;
a mensagem de amor;
a alegria do lar;
o apelo à fraternidade;
o júbilo da esperança;
a bênção do trabalho;
a confiança no bem;
o tesouro de tua paz;
a palavra da Boa-Nova,
e a confiança no futuro!...
Entretanto, ó
Divino Mestre!
de corações voltados
para o teu coração,
nós te suplicamos
algo mais!...

* Xavier, Francisco Cândido. *Antologia mediúnica do Natal*. Mensagem do Espírito Emmanuel. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Item 77, p. 211- 212.

Concede-nos, Senhor,
o dom inefável
da humildade para que tenhamos a precisa
coragem de
seguir-te os exemplos!

PROGRAMA COMPLEMENTAR | MÓDULO IX

MOVIMENTO ESPÍRITA E UNIFICAÇÃO

OBJETIVO GERAL

Apresentar visão geral do Movimento Espírita e da Unificação

MOVIMENTO ESPÍRITA E UNIFICAÇÃO

Roteiro 1

MOVIMENTO ESPÍRITA: CONCEITO E OBJETIVO

Objetivo específico

- » Conceituar Movimento Espírita, dando o seu objetivo.
- » Estabelecer a diferença entre Movimento Espírita e Doutrina Espírita.

Conteúdo básico

- » *Movimento Espírita é o conjunto das atividades que têm por objetivo estudar, divulgar e praticar a Doutrina Espírita, contida nas obras básicas de Allan Kardec, colocando-a ao alcance e a serviço de toda a humanidade. As atividades que compõem o Movimento Espírita são realizadas por pessoas, isoladamente ou em conjunto, e por Instituições Espíritas. FEB/CEI,* Divulgue o Espiritismo, uma Nova Era para a humanidade, p. 2.*
- » *Doutrina Espírita ou Espiritismo é [...] o conjunto de princípios e leis, revelados pelos Espíritos Superiores, contidos nas obras de Allan Kardec que constituem a Codificação Espírita: O livro dos espíritos, O livro dos médiuns, O evangelho segundo o espiritismo, O céu e o inferno e A gênese. FEB/CEI*, Conheça o Espiritismo, uma nova era para a humanidade, p.2.*

* FEB - Federação Espírita Brasileira e CEI - Conselho Espírita Internacional

- » *Poderemos receber um novo ensino sobre os deveres que competem aos espiritistas?*

Não devemos especificar os deveres do espiritista cristão, porque palavra alguma poderá superar a exemplificação do Cristo, que todo discípulo deve tomar como roteiro da sua vida. Emmanuel: O consolador, questão 362.

Sugestões didáticas

Introdução

- » Iniciar o estudo solicitando aos participantes que, em duplas, troquem ideias a respeito do significado das expressões *Movimento Espírita* e *Doutrina Espírita*.
- » Em seguida, ouvir os comentários da turma, explicando que o assunto será estudado no transcorrer da reunião.

Desenvolvimento

- » Reunir os participantes em pequenos grupos, para realização das seguintes tarefas, com base nos *Subsídios* do roteiro: 1) conceituar *Movimento Espírita*, dando o seu objetivo; 2) estabelecer a diferença entre *Movimento Espírita* e *Doutrina Espírita*; 3) listar, em folha de papel pardo ou cartolina, os procedimentos necessários à correta divulgação do Espiritismo.
- » Observar a apresentação das equipes, fazendo, se necessário, anotações de pontos a serem esclarecidos ou reforçados.
- » Realizar exposição sobre o assunto, a partir da apresentação dos grupos, tomando por base os *Subsídios* e a *referência bibliográfica*.

Conclusão

- » Concluir o estudo com as palavras de Emmanuel insertas no *conteúdo básico* do roteiro (questão 362 de *O consolador*).

Observação: Veja no anexo ao presente Módulo:

1. Mensagens mediúnicas; 2. Diretrizes da Dinamização das Atividades Espíritas; 3. Outras referências.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório, se:

- » Os participantes realizarem corretamente o trabalho proposto.

Técnica(s): cochicho; estudo em pequenos grupos; exposição.

Recurso(s): *Subsídios* do roteiro; folhas de papel; lápis/canetas; folhas de papel pardo/cartolina; canetas hidrográficas.

Subsídios 1. Movimento Espírita: conceito e objetivo Em verdade, não [...] *se pode falar em Movimento Espírita antes da Codificação, pois somente após esta é que o Espiritismo surgiu como Doutrina: a movimentação humana em torno das ideias espíritas só aconteceu após a revelação destas pelo plano espiritual e sua posterior compilação por Allan Kardec.*⁷ Só a partir daí, portanto, há que falar em ação dos espíritas visando à propagação do Espiritismo. Sendo assim, diremos que [...] *Movimento Espírita é o conjunto das atividades que têm por objetivo estudar, divulgar e praticar a Doutrina Espírita, contida nas obras básicas de Allan Kardec, colocando-a ao alcance e a serviço de toda a humanidade. As atividades que compõem o Movimento Espírita são realizadas por pessoas, isoladamente ou em conjunto, e por Instituições Espíritas. As Instituições Espíritas compreendem:*

- » *Os Grupos, Centros ou Sociedades Espíritas que desenvolvem atividades gerais de estudo, difusão e prática da Doutrina Espírita e que podem ser de pequeno, médio ou grande porte.*
- » *As Entidades Federativas que desenvolvem as atividades de união das Instituições Espíritas e de Unificação do Movimento Espírita [este assunto será estudado no próximo roteiro].*
- » *As Entidades Especializadas que desenvolvem atividades espíritas específicas, tais como as de assistência e promoção social e as de divulgação doutrinária.*
- » *Os Pequenos Grupos de Estudo do Espiritismo, fundamentalmente voltados para o estudo inicial da Doutrina Espírita.*⁵

A ação dos espíritas em torno da divulgação do Espiritismo enfrenta, porém, muitos obstáculos. Kardec os entrevê, como se constata em vários de seus escritos.

Muitas de suas palavras, embora reflitam a situação da época do surgimento da Doutrina Espírita, aplicam-se, com as devidas adaptações, à atualidade. Assim é que, conforme acentua, um [...] *dos maiores obstáculos capazes de retardar a propagação da Doutrina seria a falta de unidade. O único meio de evitá-la, senão quanto ao presente, pelo menos quanto ao futuro, é formulá-la em todas as suas partes e até nos mais mínimos detalhes, com tanta precisão e clareza, que impossível se torne qualquer interpretação divergente. [...] Somente o Espiritismo, bem entendido e bem compreendido, pode [...] tornar-se, conforme disseram os Espíritos, a grande alavanca da transformação da humanidade.*¹ Mais adiante, continua: *Dois elementos hão de concorrer para o progresso do Espiritismo: o estabelecimento teórico da Doutrina e os meios de a popularizar. O desenvolvimento cada dia maior, que ela toma, multiplica as nossas relações, que somente tendem a ampliar-se, pelo impulso que lhe darão a nova edição de O livro dos espíritos e a publicidade que se fará a esse propósito.*²

Como se vê, essas palavras do Codificador datam da época da segunda edição de *O livro dos espíritos*, em 1860, ocasião em que a Doutrina Espírita ainda estava sendo elaborada, denotando, contudo, a sua preocupação quanto à unidade do Espiritismo, para que fosse bem compreendido e, assim, corretamente divulgado.

O mesmo sucede quando se reporta, por exemplo, aos cismas ou divisões que podem surgir entre os espíritas. Diz o Codificador: *Uma questão que desde logo se apresenta é a dos cismas (divisões) que poderão nascer no seio da Doutrina. Estará preservado deles o Espiritismo? Não, certamente, porque terá, sobretudo no começo, de lutar contra as ideias pessoais, sempre absolutas, tenazes, refratárias a se amalgamarem com as ideias dos demais; e contra a ambição dos que, a despeito de tudo, se empenham por ligar seus nomes a uma inovação qualquer; dos que criam novidades só para poderem dizer que não pensam ou agem como os outros, pois lhes sofre o amor-próprio por ocuparem uma posição secundária.*

Se, porém, o Espiritismo não pode escapar às fraquezas humanas, com as quais se tem de contar sempre, pode todavia neutralizar-lhes as consequências e isto é o essencial. É de notar-se que os vários sistemas divergentes, surgidos na origem do Espiritismo, sobre a maneira de

explicarem-se os fatos, foram desaparecendo à medida que a Doutrina se completou por meio da observação e de uma teoria racional. [...] É este um fato notório, do qual se pode concluir que as últimas divergências se apagarão com a elucidação integral de todas as partes da Doutrina. Mas, haverá sempre os dissidentes, de ânimo prevenido e interessados, por um motivo ou outro, a constituir bando à parte. Contra a pretensão desses é que cumpre se premunam os demais.

Para assegurar-se, no futuro, a unidade, uma condição se faz indispensável: que todas as partes do conjunto da Doutrina sejam determinadas com precisão e clareza, sem que coisa alguma fique imprecisa. Para isso, procedemos de maneira que os nossos escritos não se prestem a interpretações contraditórias e cuidaremos de que assim aconteça sempre. Quando for dito peremptoriamente e sem ambiguidade que dois e dois são quatro, ninguém poderá pretender que se quis dizer que dois e dois fazem cinco. Conseqüentemente, seitas poderão formar-se ao lado da Doutrina, seitas que não lhe adotem os princípios ou todos os princípios, porém não dentro da Doutrina, por efeito de interpretação dos textos, como tantas se formaram sobre o sentido das próprias palavras do Evangelho. É este um primeiro ponto de capital importância.

O segundo ponto está em não se sair do âmbito das ideias práticas. Se é certo que a utopia da véspera se torna muitas vezes a verdade do dia seguinte, deixemos que o dia seguinte realize a utopia da véspera, porém não atravanquemos a Doutrina de princípios que possam ser considerados quiméricos e fazer que a repilam os homens positivos.

O terceiro ponto, enfim, é inerente ao caráter essencialmente progressivo da Doutrina. Pelo fato de ela não se embalar com sonhos irrealizáveis, não se segue que se imobilize no presente. Apoiada tão só nas leis da natureza, não pode variar mais do que estas leis; mas se uma nova lei for descoberta, tem ela que se pôr de acordo com essa lei. Não lhe cabe fechar a porta a nenhum progresso, sob pena de se suicidar. Assimilando todas as ideias reconhecidamente justas, de qualquer ordem que sejam, físicas ou metafísicas, ela jamais será ultrapassada, constituindo isso uma das principais garantias da sua perpetuidade.³ Essas considerações do Codificador, como outras que se encontram esparsas por toda a sua obra, formam um conjunto de instruções que, ao serem seguidas, darão ao Movimento Espírita as condições necessárias para que atinja o seu objetivo, que, como vimos, são o estudo,

a prática e a divulgação da Doutrina Espírita, colocando-a ao alcance e a serviço da humanidade.

2. Movimento Espírita e Doutrina Espírita

O conceito de Movimento Espírita antes mencionado torna clara a diferença entre este e Doutrina Espírita. Movimento Espírita é, desse modo, a ação dos espíritas, enquanto Doutrina Espírita é [...] *o conjunto de princípios e leis, revelados pelos Espíritos Superiores, contidos nas obras de Allan Kardec que constituem a Codificação Espírita: O livro dos espíritos, O livro dos médiuns, O evangelho segundo o espiritismo, O céu e o inferno e A gênese.*⁴

Todas as demais obras espíritas, por mais preciosas que sejam ou venham a ser, são e serão obras complementares, sem que isso diminua o extraordinário valor de muitas delas, pois a Doutrina Espírita é, como a definiu o próprio Codificador, essencialmente progressiva. [...] A Doutrina Espírita está imune a deturpações, porque qualquer ideia ou conceito que se mostre incompatível com os princípios consagrados nas obras da Codificação, poderá ser tudo, menos Espiritismo. Já o Movimento Espírita, por ser movimento livre de pessoas e instituições humanas, sem obrigações de obediência compulsória a hierarquias religiosas que não possuímos, não goza da mesma imunidade, exigindo, em razão disso, de cada espírita em particular, e de cada grupo ou instituição espírita, uma vigilância permanente, no mais alto sentido, para que nenhuma deturpação comprometa a pureza dos ideais que abraçamos. A força da Doutrina Espírita está em seus princípios e na sua permanente possibilidade de comprovação. [...] A razão de ser do Movimento Espírita só pode ser a divulgação e a prática da Doutrina Espírita. É nesse sentido que todas as potencialidades dos espíritas devem ser canalizadas para a difusão e a vivência do Evangelho Re-divivo, à luz da imortalidade e da reencarnação, da justiça perfeita e do inesgotável amor divino. Cada página de livro, jornal ou revista espírita, cada programa espírita de rádio ou televisão, cada palestra ou conferência espírita constituem sagrada oportunidade para a divulgação dos princípios e dos esclarecimentos da Doutrina dos Espíritos, levando à alma do povo as sementes da consolação e da esperança, do entendimento superior da vida e de uma nova conceituação da verdadeira fraternidade, com base nas sublimes verdades reveladas pelo Consolador Prometido e enviado por Jesus.

Todo aquele a quem a luz da Doutrina Espírita já iluminou tem o indeclinável dever de aproveitar integralmente as possibilidades que o Senhor da Vinha lhe concede, para estender a luz do conhecimento e do amor, com simplicidade e eficiência, desprendimento e sinceridade. Para falar ao povo simples, o exemplo de Jesus não deve ser esquecido: - a linguagem deve ser singela e direta, franca e fácil como a própria verdade. Importante é levar a mensagem do Espiritismo ao povo com correção e nobreza, elevação e dignidade.⁶

Assim, como exorta Emmanuel, que [...] não devemos especificar os deveres do espiritista cristão, porque palavra alguma poderá superar a exemplificação do Cristo, que todo discípulo deve tomar como roteiro da sua vida.⁸

Por isso, os [...] agrupamentos espiritistas necessitam entender que o seu aparelhamento não pode ser análogo ao das associações propriamente humanas.

Um grêmio espírita-cristão deve ter, mais que tudo, a característica familiar, onde o amor e a simplicidade figurem na manifestação de todos os sentimentos. Em uma entidade doutrinária, quando surgem as dissensões e lutas internas, revelando partidarismos e hostilidades, é sinal de ausência do Evangelho nos corações, demonstrando-se pelo excesso de material humano e pressagiando o naufrágio das intenções mais generosas. Nesses núcleos de estudo, nenhuma realização se fará sem fraternidade e humildade legítimas, sendo imprescindível que todos os companheiros, entre si, vigiem na boa-vontade e na sinceridade, a fim de não transformarem a excelência do seu patrimônio espiritual numa reprodução dos conventículos católicos, inutilizados pela intriga e pelo fingimento.⁹ Cuidemos, pois, para que a Doutrina Espírita se apresente sempre diante do mundo com a sua pureza original, buscando vivenciar os seus princípios enquanto realizamos as atividades que nos competem dentro do Movimento Espírita.

Referências

1. Kardec, Allan. *Obras póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro. 39. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Segunda parte. Projeto - 1868, p. 373-374.
2. _____. p. 374.
3. _____. Constituição do espiritismo, item II (Dos cismas), p. 382-383.

4. FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Conheça o espiritismo, uma nova era para a humanidade*. Documento aprovado pelo Conselho Federativo Nacional (em 1996), CFN, e pelo Conselho Espírita Internacional, CEI, (em 1998). Brasília: FEB, p. 2.
5. FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Divulgue o espiritismo, uma nova era para a humanidade*. Documento aprovado pelo Conselho Federativo Nacional, CFN, (em 1996) e pelo Conselho Espírita Internacional, CEI, (em 1998). Brasília: FEB, p. 2.
6. FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. Apostila *Movimento espírita*. Brasília: FEB, 1996, p. 2-3.
7. _____. p. 4.
8. Xavier, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, questão 362, p. 204.
9. _____. Questão 363, p. 204.

Mensagem

*A prece do fariseu e do publicano

“Dois homens subiram ao Templo para orar; um era fariseu e o outro publicano. O fariseu, de pé, orava interiormente deste modo: Ó Deus, eu te dou graças porque não sou como o resto dos homens, ladrões, injustos, adúlteros, e nem como este publicano; jejuo duas vezes por semana, pago o dízimo de todos os meus rendimentos.

O publicano, mantendo-se a distância, não ousava sequer levantar os olhos para o céu, mas batia no peito, dizendo: ‘Meu Deus, tem piedade de mim, pecador!’ Eu vos digo que este último desceu para casa justificado, mais do que o outro. Pois todo o que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado.”

* LUCAS, 18:10-14.

MOVIMENTO ESPÍRITA E UNIFICAÇÃO

Roteiro 2

O CENTRO ESPÍRITA: CONCEITOS, OBJETIVOS E ATIVIDADES BÁSICAS

Objetivo específico

- » Conceituar Centro Espírita.
- » Refletir sobre seus objetivos.
- » Enumerar as atividades básicas do Centro Espírita.

Conteúdo básico

- » *Os Grupos, Centros ou Sociedades Espírita: são núcleos de estudo, de fraternidade, de oração e de trabalho, praticados dentro dos princípios espíritas; [...] escolas de formação espiritual e moral, que trabalham à luz da Doutrina Espírita; [...] postos de atendimento fraternal para todos os que os procuram com propósito de obter orientação, esclarecimento, ajuda ou consolação; [...] oficinas de trabalho que proporcionam aos seus frequentadores oportunidade de exercitarem o próprio aprimoramento íntimo pela prática do Evangelho em suas atividades; [...] casas onde as crianças, os jovens, os adultos e os idosos têm oportunidade de conviver, estudar e trabalhar, unindo a família sob a orientação do Espiritismo; [...] recantos de paz construtiva, que oferecem aos seus frequentadores*

oportunidades para o refazimento espiritual e a união fraternal pela prática do “Amai-vos uns aos outros”; [...] núcleos que se caracterizam pela simplicidade própria das primeiras casas do Cristianismo nascente, pela prática da caridade e pela total ausência de imagens, símbolos, rituais ou outras quaisquer manifestações exteriores; são as unidades fundamentais do Movimento Espírita. FEB/CEI, Divulgue o Espiritismo, uma nova era para a humanidade, p. 3.*

- » *Os Grupos, Centros ou Sociedades Espírita têm por objetivo: promover o estudo, a difusão e a prática da Doutrina Espírita, atendendo às pessoas que buscam esclarecimento, orientação e amparo para seus problemas espirituais, morais e materiais; que querem conhecer e estudar a Doutrina Espírita; que querem trabalhar, colaborar e servir em qualquer área de ação que a prática espírita oferece. FEB/CEI*, Divulgue o Espiritismo, uma nova era para a humanidade, p. 3.*
- » *As atividades básicas dos Centros, Grupos ou Sociedades Espíritas são: reuniões de estudo da Doutrina Espírita; de explanação do Evangelho à luz da Doutrina Espírita, de aplicação de passes e atendimento fraterno através do diálogo; de estudo, educação e prática da mediunidade; de evangelização espírita para crianças e jovens; de divulgação da Doutrina Espírita; de serviço de assistência e promoção social espírita; de orientação para o estudo do Evangelho no Lar; de atividades do trabalho de Unificação do Movimento Espírita; de atividades administrativas necessárias ao seu funcionamento. FEB/CEI*, Divulgue o Espiritismo, uma nova era para a humanidade, p. 4.*

Sugestões didáticas

Introdução

- » Iniciar o estudo apresentando os objetivos específicos do roteiro. Dizer que o Centro Espírita tem tido várias denominações ao longo do tempo, tais como: Grupo, Sociedade, Casa, Templo.
- » Entretanto, sendo a denominação *centro espírita* a mais aceita, vem sendo usada pelo Conselho Federativo Nacional / CFN em seus documentos norteadores do Movimento Espírita.

* FEB: Federação Espírita Brasileira. CEI: Conselho Espírita Internacional

Desenvolvimento

- » Fazer uma exposição a respeito do pensamento de Kardec sobre o Centro Espírita, constante no item 1 dos *Subsídios*, salientando que os preciosos ensinamentos aí contidos permeiam a moderna concepção de Centro Espírita.
- » Em seguida, reunir os participantes em três grupos para realização das seguintes tarefas:

Grupo I: a) fazer leitura individual do item 2 dos *Subsídios*; b) sublinhar os pontos considerados mais significativos; c) trocar ideias sobre esses pontos com os demais integrantes do grupo. Logo após, o grupo deverá, com palavras próprias, elaborar um conceito único de Centro Espírita, que seja a síntese dos conceitos estudados.

Grupo II: a) ler o item 3 dos *Subsídios*; b) trocar ideias a respeito do conteúdo lido; c) fazer uma reflexão sobre os objetivos do Centro Espírita, estabelecendo relação entre a amplitude desses objetivos e a responsabilidade dos trabalhadores espíritas; c) compor um texto sintetizando as conclusões do grupo.

Grupo III: a) ler o item 4 dos *Subsídios*; b) trocar ideias acerca do conteúdo lido, fazendo uma relação entre as inúmeras atividades do Centro Espírita e a necessidade da preparação dos trabalhadores espíritas para realizá-las de forma adequada; c) elaborar um quadro dessas atividades para apresentação em plenário.

Observação: Colocar à disposição dos grupos folhas de papel pardo/cartolina; canetas hidrográficas; papel; lápis/canetas, para serem usados de acordo com as suas tarefas específicas.

- » Solicitar aos representantes dos grupos que façam a apresentação dos trabalhos realizados.
- » Fazer a integração do assunto, com base nos objetivos do roteiro, enfocando, em especial, os desafios a serem enfrentados pelos trabalhadores espíritas, a fim de conduzirem o Centro Espírita à realização dos seus objetivos. Dar oportunidade aos participantes para fazerem perguntas, de modo que todas as suas eventuais dúvidas sejam dirimidas.

Conclusão

- » Apresentar, num cartaz, para reflexão, as seguintes palavras de Emmanuel, contidas no item 2 dos *Subsídios*: *Um templo espírita, revivendo o Cristianismo, é um lar de solidariedade humana, em que os irmãos mais fortes são apoio aos mais fracos e em que os mais felizes são trazidos ao amparo dos que gemem sob o infortúnio.*

Observação: Veja no anexo ao presente Módulo:

1. Mensagens mediúnicas; 2. Diretrizes da Dinamização das Atividades Espíritas; 3. Outras referências.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- » os participantes demonstrarem, pela participação nas atividades realizadas durante o seu desenvolvimento, compreensão do que é um Centro Espírita, dos seus objetivos e das suas atividades básicas.

Técnica(s): exposição; trabalho em pequenos grupos.

Recurso(s): *Subsídios* do roteiro; cartaz; folhas de papel pardo/cartolina; canetas hidrográficas; papel; lápis/canetas.

Subsídios

1. O Centro Espírita

1.1. O pensamento de Kardec

A importância do Centro Espírita é tal que o próprio Kardec houve por bem dar instruções precisas a respeito do seu funcionamento, como se lê no capítulo 29 de *O livro dos médiuns*, intitulado *Das sociedades espíritas*. Extrairemos dessas instruções alguns pontos que se afiguram básicos ao norteamento do nosso estudo. Assinala o Codificador, logo no início do referido capítulo, que [...] *as reuniões espíritas oferecem grandíssimas vantagens, por permitirem que os que*

nelas tomam parte se esclareçam, mediante a permuta das ideias, pelas questões e observações que se façam, das quais todos aproveitam. Mas, para que produzam todos os frutos desejáveis, requerem condições especiais, que vamos examinar, porquanto erraria quem as comparasse às reuniões ordinárias.¹ Mais adiante, prossegue: O objetivo de uma reunião séria deve consistir em afastar os Espíritos mentirosos. Incorreria em erro, se se supusesse ao abrigo deles, pelos seus fins e pela qualidade de seus médiuns. Não o estará, enquanto não se achar em condições favoráveis.[...] Imagine-se que cada indivíduo está cercado de certo número de acólitos invisíveis, que se lhe identificam com o caráter, com os gostos e com os pendores. Assim sendo, todo aquele que entra numa reunião traz consigo Espíritos que lhe são simpáticos. Conforme o número e a natureza deles, podem esses acólitos exercer sobre a assembleia e sobre as comunicações influência boa ou má. Perfeita seria a reunião em que todos os assistentes, possuídos de igual amor ao bem, consigo só trouxessem bons Espíritos. Em falta da perfeição, a melhor será aquela em que o bem suplante o mal. [...]²

Uma reunião é um ser coletivo, cujas qualidades e propriedades são a resultante das de seus membros e formam como que um feixe. Ora, este feixe tanto mais força terá, quanto mais homogêneo for.³ E arremata: Toda reunião espírita deve, pois, tender para a maior homogeneidade possível.⁴ A seguir, aborda a questão da regularidade das reuniões, esclarecendo ser este um ponto não menos importante. Diz o Codificador: Em todas [reuniões], sempre estão presentes Espíritos a que poderíamos chamar frequentadores habituais, sem que com isso pretendamos referir-nos aos que se encontram em toda parte e em tudo se metem. Aqueles são os Espíritos protetores [...]. Ninguém suponha que esses Espíritos nada mais tenham que fazer, senão ouvir o que lhes queiramos dizer, ou perguntar. Eles têm suas ocupações e, além disso, podem achar-se em condições desfavoráveis para serem evocados. Quando as reuniões se efetuam em dias e horas certos, eles se preparam antecipadamente para comparecer [...].⁵

Entrando no assunto das Sociedades Espíritas propriamente ditas, diz Kardec: *Tudo o que dissemos das reuniões em geral se aplica naturalmente às Sociedades regularmente constituídas, as quais, entretanto, têm que lutar com algumas dificuldades especiais, oriundas dos próprios laços existentes entre os seus membros.[...]. O Espiritismo, que apenas acaba de nascer, ainda é diversamente apreciado e muito pouco compreendido em sua essência, por grande número de adeptos,*

de modo a oferecer um laço forte que prenda entre si os membros do que se possa chamar uma Associação, ou Sociedade. Impossível é que semelhante laço exista, a não ser entre os que lhe percebem o objetivo moral, o compreendem e o aplicam a si mesmos. Entre os que nele veem fatos mais ou menos curiosos, nenhum laço sério pode existir. Colocando os fatos acima dos princípios, uma simples divergência, quanto à maneira de os considerar, basta para dividi-los. O mesmo já não se dá com os primeiros, porquanto, acerca da questão moral, não pode haver duas maneiras de encará-la. Tanto assim que, onde quer que eles se encontrem, confiança mútua os atrai uns para os outros e a recíproca benevolência, que entre todos reina, exclui o constrangimento e o vexame que nascem da suscetibilidade, do orgulho que se irrita à menor contradição, do egoísmo que tudo reclama para a pessoa em quem domina. Uma Sociedade, onde aqueles sentimentos se achassem partilhados por todos, onde os seus componentes se reunissem com o propósito de se instruírem pelos ensinamentos dos Espíritos e não na expectativa de presenciarem coisas mais ou menos interessantes, ou para fazer cada um que a sua opinião prevaleça, seria não só viável, mas também indissolúvel.⁶

Continua o Codificador: *Já vimos de quanta importância é a uniformidade de sentimentos, para a obtenção de bons resultados. Necessariamente, tanto mais difícil é obter-se essa uniformidade, quanto maior for o número [de participantes]. Nos agregados pouco numerosos, todos se conhecem melhor e há mais segurança quanto à eficácia dos elementos que para eles entram. O silêncio e o recolhimento são mais fáceis e tudo se passa como em família. As grandes assembleias excluem a intimidade, pela variedade dos elementos de que se compõem; exigem sedes especiais, recursos pecuniários e um aparelho administrativo desnecessários nos pequenos grupos. A divergência dos caracteres, das ideias, das opiniões, aí se desenha melhor e oferece aos Espíritos perturbadores mais facilidade para semear a discórdia. Quanto mais numerosa é a reunião, tanto mais difícil é conterem-se todos os presentes.⁷*

Orienta ainda Kardec: *Visto ser necessário evitar toda causa de perturbação e de distração, uma Sociedade espírita deve, ao organizar-se, dar toda a atenção às medidas apropriadas a tirar aos promotores de desordem os meios de se tornarem prejudiciais e a lhes facilitar por todos os modos o afastamento. As pequenas reuniões apenas precisam de um regulamento disciplinar, muito simples, para a boa ordem das sessões. As Sociedades regularmente constituídas exigem organização mais*

completa. A melhor será a que tenha menos complicada a entrosagem. Umhas e outras poderão haurir o que lhes for aplicável, ou o que julgarem útil, no regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas [...] [primeira Sociedade Espírita, fundada].⁸

Finalmente, é importante destacar as condições que, segundo o Codificador, seriam mais favoráveis para um Centro Espírita atrair a simpatia dos bons Espíritos. Essas condições, que se relacionam com as disposições morais dos seus integrantes, são as seguintes: [...] *Perfeita comunhão de vistas e de sentimentos; Cordialidade recíproca entre todos os membros; Ausência de todo sentimento contrário à verdadeira caridade cristã; Um único desejo: o de se instruírem e melhorarem, por meio dos ensinamentos dos Espíritos e do aproveitamento dos seus conselhos. [...] Exclusão de tudo o que, nas comunicações pedidas aos Espíritos, apenas exprima o desejo de satisfação da curiosidade; Recolhimento e silêncio respeitoso, durante as confabulações com os Espíritos; União de todos os assistentes, pelo pensamento, ao apelo feito aos Espíritos [...]; Concurso dos médiuns da assembleia, com isenção de todo sentimento de orgulho, de amor-próprio e de supremacia e com o só desejo de serem úteis.⁹*

Assim, Kardec aponta, como condição básica para o funcionamento adequado de um Centro Espírita, a conduta moral dos seus participantes. Defluem dessas considerações do Codificador preciosos ensinamentos, que, como se verá a seguir, permeiam a moderna concepção de Centro Espírita.

1.2. Conceitos

Segundo consta no documento “Adequação do Centro Espírita para o melhor atendimento de suas finalidades”, produzido pelo Conselho Federativo Nacional – CFN, em 1975, o Centro Espírita, “[...] para bem atender às suas finalidades, deve ser um núcleo de estudo, de fraternidade, de oração e de trabalho, com base no Evangelho de Jesus à luz da Doutrina Espírita”¹²

Deve ser o local semelhante à “[...] casa de uma grande família, onde as crianças, os jovens, os adultos e os idosos tenham oportunidade de conviver, estudar e trabalhar.”¹³

O Centro Espírita deve também:

- » “[...] proporcionar aos seus frequentadores oportunidades de exercer o seu aprimoramento íntimo pela vivência do Evangelho [...];”¹⁴

- » “criar condições para um eficiente atendimento a todos os que o procuram com o propósito de obter orientação, esclarecimento, ajuda ou consolação.”¹⁵
- » [...] *manter-se em clima de ordem, de respeito mútuo, de harmonia, de fraternidade e de trabalho, minimizando divergências e procurando superar o personalismo individual ou de grupo, a bem do trabalho doutrinário, propiciando a união de seus frequentadores na vivência da recomendação de Jesus: “Amai-vos uns aos outros.”*¹⁶
- » [...] *caracterizar-se pela simplicidade própria das primeiras Casas do Cristianismo nascente, com total ausência de imagens, paramentos, símbolos, rituais, sacramentos ou outras quaisquer manifestações exteriores, tais como batizados e casamentos.*¹⁷
- » Deve, “[...] na condição de sociedade civil, organizar-se não apenas para desenvolver com eficiência as atividades básicas, mas também para cumprir as suas obrigações legais.”¹⁸

O Conselho Espírita Internacional aprovou, anos depois, o folder *Divulgue o Espiritismo, uma nova era para a humanidade*, onde as orientações em referência complementam o conceito de Centro Espírita, segundo o entendimento espírita.¹⁰

Dentre as orientações dos Espíritos Superiores a respeito do Centro Espírita, destacamos as seguintes, proferidas por Emmanuel, que sintetizam os conceitos antes apresentados. Este benfeitor espiritual afirma que o Centro Espírita, que ele chama de *templo*, é, [...] *na essência, um educandário em que as leis do Ser, do Destino, da Evolução e do universo são examinadas claramente, fazendo luz e articulando orientação [...]. Prestigiará a ciência do mundo que suprime as enfermidades e valorizará o benefício da prece e do magnetismo curativo, no socorro aos doentes. Divulgará o conceito filosófico e a frase consoladora. Propiciará o ensino, multiplicando o pão. Um templo espírita, revivendo o Cristianismo, é um lar de solidariedade humana, em que os irmãos mais fortes são apoio aos mais fracos e em que os mais felizes são trazidos ao amparo dos que gemem sob o infortúnio.*²¹

1.3. Objetivos

Os objetivos do Centro Espírita são, em essência, os mesmos do Movimento Espírita, isto é, o estudo, a divulgação ou difusão, e a prática do Espiritismo. Não poderia ser de outro modo, por ser aquele – o Centro Espírita –, a unidade fundamental do Movimento Espírita.

O Conselho Espírita Internacional, no folder *Divulgue o Espiritismo*, já mencionado, define como objetivos dos Centros, Grupos ou Sociedades Espíritas: [...] *promover o estudo, a difusão e a prática da Doutrina Espírita, atendendo às pessoas que buscam esclarecimento, orientação e amparo para seus problemas espirituais, morais e materiais; [...] querem conhecer e estudar a Doutrina Espírita; [...] querem trabalhar, colaborar e servir em qualquer área de ação que a prática espírita oferece.*¹⁰

À vista desses objetivos, pode-se dizer que, quando [...] *consideramos os objetivos do Espiritismo, que outros não são senão os de esclarecer e instruir, de assistir e orientar, de melhorar e educar, e avaliamos a extensão dos dramas e conflitos, das tragédias e convulsões sociais por que passa a humanidade, compreendemos melhor o que significa a disseminação das luzes e bênçãos da Terceira Revelação pela superfície do Mundo, florescendo e frutificando em outros solos, em outros meios, sob outros céus, para preservação e defesa dos Espíritos Encarnados, tão desejosos e necessitados de felicidade e quase sempre sem condições de conquistá-la. Dirigir um Centro Espírita, com senso de responsabilidade e Espírito de abnegação, conduzindo-o de acordo com os postulados kardequianos, é trabalho de sacrifício para o qual nem todos oferecem condições satisfatórias de adaptação e entrosamento, nem disposições de ânimo satisfatórias a enfrentar a realidade dos fatos ou os imprevistos das situações, fazendo o possível pelo engrandecimento da Casa. Por isso, é sempre louvável o vermos companheiros verdadeiramente dispostos a darem prosseguimento ao programa de edificação da humanidade, aceitando incumbências que lhes foram cometidas pelos Espíritos do Senhor e empenhando-se ao máximo por darem a elas profícuo desempenho. Deprequeamos, portanto, ao Pai Celestial suas bênçãos para que os diretores das Sociedades Espíritas sejam bem sucedidos no exercício de suas funções, levando de vencida as dificuldades que se lhes antepuserem aos passos. O fato de uma Casa Espírita ser modesta e composta de pessoas simples é antes um título de recomendação, uma razão de crédito de confiança, do que um fator contrário ao seu bom conceito, pois a simplicidade é, por excelência, a característica essencial do Espiritismo. Isto não quer dizer que nós, como seus adeptos, não nos esforcemos por aprender mais, por estudar sempre, melhorando nossas condições morais e intelectuais, acentuando o trabalho de cultura da mente e do coração. Não podemos difundir a luz se não nos iluminarmos, nem dar se não cuidarmos do nosso suprimento próprio. E semelhante conquista só é possível nos Centros Espíritas verdadeiramente bem estruturados nos ensinamentos doutrinário-evangélicos da Codificação Kardequiana.*

O que importa, em essência e em última análise, como condição primordial, é a natureza do trabalho cristão e o caráter de renovação do trabalhador empenhado na criteriosa execução do mesmo. Ante as necessidades que nos acossam e os problemas que nos rondam e desafiam, variáveis em natureza e extensão, é de todo imprescindível que estejamos deveras compenetrados da natureza de nossas responsabilidades doutrinário-administrativas e atentos ao esmerado cumprimento dos deveres delas decorrentes, a fim de fazermos jus às bênçãos dos nossos Maiores e podermos atender àqueles que algo esperam, efetivamente, dos Centros Espíritas.²⁰

1.4. Atividades básicas

As atividades básicas do Centro Espírita são apresentadas no documento *Adequação do Centro Espírita para o melhor atendimento de suas finalidades*, já referido. Em outro documento emanado do Conselho Federativo Nacional – *Orientação ao Centro Espírita* –, essas atividades se encontram detalhadas. O Conselho Espírita Internacional, por sua vez, no multicitado “folder” *Divulgue o Espiritismo, uma nova era para a humanidade*, sintetiza essas atividades. Valemo-nos deste último documento para fundamentar o estudo deste tópico, utilizando o *Orientação ao Centro Espírita* como fonte de consulta para os necessários complementos. Assim, são atividades básicas do Centro Espírita:

- » *Reuniões de estudo da Doutrina Espírita, de forma programada, metódica ou sistematizada, destinadas às pessoas de todas as idades e de todos os níveis culturais e sociais, que possibilitem um conhecimento abrangente e aprofundado do Espiritismo em todos os seus aspectos [...].¹¹*
A Federação Espírita Brasileira lançou dois programas específicos para o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, além de uma proposta para Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita (EADE).
- » *Reuniões públicas [...] para a explanação do Evangelho à luz da Doutrina Espírita, de maneira programada e com uma sequência de trabalho previamente estabelecida.¹⁹ Reuniões de estudo, educação e prática da mediunidade, com base nos princípios e objetivos espíritas, esclarecendo, orientando e preparando trabalhadores para as atividades mediúnicas [...].¹¹* A Federação Espírita Brasileira publicou um programa para o Estudo e Educação da Mediunidade, com vistas à preparação desses trabalhadores.
- » *Reuniões de evangelização espírita para crianças e jovens, de forma programada, metódica ou sistematizada, atendendo-os, esclarecendo-os e orientando-os dentro dos ensinamentos da Doutrina Espírita [...].¹¹*

- » *Trabalho de divulgação da Doutrina Espírita através de todos os veículos e meios de comunicação social compatíveis com os princípios espíritas, tais como: palestras, conferências, livros, jornais, revistas, boletins, folhetos, mensagens, rádio, TV, cartazes, fitas de vídeo e áudio [...].¹¹ Hoje, a internet tem sido utilizada como um dos principais meios de divulgação do Espiritismo.*
- » *Serviço de assistência e promoção social espírita destinado a pessoas carentes que buscam ajuda material: assistindo-as em suas necessidades mais imediatas; promovendo-as por meio de cursos e trabalhos de formação profissional e pessoal e esclarecendo-as com os ensinamentos morais do Evangelho à luz da Doutrina Espírita [...].^{11, 22} Atualmente, com o Manual de Apoio para as Atividades do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita – elaborado, em conjunto, pela FEB e as Federativas Estaduais –, as orientações e recomendações, contidas no opúsculo *Orientação ao centro espírita*, foram desenvolvidas e explicitadas com vistas à sua operacionalização.*
- » *Reunião de estudo do Evangelho no Lar, como apoio para a harmonia espiritual de suas famílias [...].¹¹ Com esse propósito, a Federação Espírita Brasileira editou o folheto *Evangelho no lar*.*
- » *Atividades que têm por objetivo a união dos espíritas e das Instituições Espíritas e a Unificação do Movimento Espírita, conjugando esforços, somando experiências, permutando ajuda e apoio, aprimorando as atividades espíritas e fortalecendo a ação dos espíritas [...].^{11, 25} As atividades de Unificação estão hoje sintetizadas no folheto *Divulgue o espiritismo, uma nova era para a humanidade*, lançado pelo Conselho Espírita Internacional em diversas línguas.*
- » *Atividades administrativas necessárias ao seu normal funcionamento, compatíveis com a sua estrutura organizacional e com a legislação de seu país.¹¹ A orientação para essas atividades encontra-se no *Manual de administração das instituições espíritas*, aprovado pelo Conselho Federativo Nacional.*

As atividades do Centro Espírita, desse modo sintetizadas, demonstram a amplitude da ação que lhe compete desenvolver para atingir os seus objetivos, competindo a nós – os trabalhadores espíritas – envidar os melhores esforços no sentido de promover o estudo, a difusão e a prática do Espiritismo junto a todos aqueles que buscam o Centro Espírita para esclarecimento, orientação e amparo.

É importante que o trabalhador espírita conheça e divulgue o livro *Orientação ao centro espírita*, que contém explicações básicas sobre essas e outras atividades.

Neste sentido, relacionamos, em seguida, os principais conteúdos constantes da *Orientação ao Centro Espírita*:

- » Missão dos espíritas, p. 7-9.
- » Os centros espíritas, p. 19-22.
- » Palestras públicas, p. 23-26.
- » Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, p. 27-30.
- » Atendimento espiritual no centro espírita, p. 31-54.
- » Estudo e educação da mediunidade, p. 55-57.
- » Reunião mediúnica, p. 59-64.
- » Evangelização espírita da infância e da juventude, p. 65-70.
- » Divulgação da Doutrina Espírita, p. 71-74.
- » Serviço de assistência e promoção social espírita, p. 75-79.
- » Atividades administrativas, p. 81-84.
- » Participação do centro espírita nas atividades de Unificação do Movimento espírita, p. 85-93.
- » Recomendações jurídicas, p. 95-98.
- » Recomendações e observações gerais, p. 99-110.
- » Anexos 1 e 2, p. 107-127.

Referências

1. Kardec, Allan. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 79. Ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 29, item 324, p. 441.
2. _____. Item 330, p. 446-447.
3. _____. Item 331, p. 447.
4. _____. Item 331, p. 447.
5. _____. Item 333, p. 449.
6. _____. Item 334, p. 449-451.
7. _____. Item 335, p. 451-452.
8. _____. Item 339, p. 459.
9. _____. Item 341, p. 456-457.
10. FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Divulgue o espiritismo, uma nova era para a humanidade*. Documento aprovado pelo Conselho Espírita Nacional, CFN, (em 1996) e pelo Conselho Espírita Internacional, CEI, p. 3

11. _____. p.4.
12. FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Orientação ao centro espírita*. César Perri de Carvalho - responsável pela equipe. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Anexo 1 (A Adequação do Centro Espírita para o melhor atendimento de suas finalidades), item 4, p. 108.
13. _____. Item 5, p. 108,
14. _____. Item 6, p.108.
15. _____. Item 7, p.108.
16. _____. Item 8, p.108.
17. _____. Item 9, p. 108.
18. _____. Item 10, p. 108.
19. _____. Cap. III (Atendimento espiritual no centro espírita), p. 39.
20. Gama, Alberto Nogueira da. *Nos centros espíritas*. Reformador. Rio de Janeiro: FEB, v. 98, n. 1817, agosto, 1980, p. 245.
21. Xavier, Francisco Cândido, VIEIRA, Waldo. *Estude e viva*. Pelos Espíritos Emmanuel e André Luiz. 9. Ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001. Cap 39 (*Espíritas, meditemos - mensagem de Emmanuel*), p. 222-223.

Mensagem

* Prece nas reuniões mediúnicas

Ao Senhor Deus onipotente suplicamos que envie, para nos assistirem, Espíritos bons; que afaste os que nos possam induzir ao erro e nos conceda a luz necessária para distinguirmos da impostura a verdade.

Afasta, igualmente, Senhor, os Espíritos malfazejos, encarnados e desencarnados, que tentem lançar entre nós a discórdia e desviar-nos da caridade e do amor ao próximo. Se procurarem alguns deles introduzir-se aqui, faze não achem acesso no coração de nenhum de nós.

Bons Espíritos que vos dignais de vir instruir-nos, tornai-nos dóceis aos vossos conselhos; preservai-nos de toda ideia de egoísmo, orgulho, inveja e ciúme; inspirai-nos indulgência e benevolência para com os nossos semelhantes, presentes e ausentes, amigos ou inimigos; fazei, em suma, que, pelos sentimentos de que nos achemos animados, reconheçamos a vossa influência salutar.

* Kardec, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 127. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 28, item 6.

Dai aos médiuns que escolherdes para transmissores dos vossos ensinamentos, consciência do mandato que lhes é conferido e da gravidade do ato que vão praticar, a fim de que o façam com o fervor e o recolhimento precisos.

Se, em nossa reunião, estiverem pessoas que tenham vindo impelidas por sentimentos outros que não os do bem, abri-lhes os olhos à luz e perdoai-lhes, como nós lhes perdoamos, se trouxerem malévolas intenções.

MOVIMENTO ESPÍRITA E UNIFICAÇÃO

Roteiro 3

O TRABALHO FEDERATIVO E DE UNIFICAÇÃO DO MOVIMENTO ESPÍRITA: CONCEITO, DIRETRIZES E ESTRUTURA

Objetivo específico

- » Conceituar trabalho federativo ou de Unificação do Movimento Espírita.
- » Identificar as suas diretrizes.
- » Explicar como se estrutura esse trabalho.

Conteúdo básico

- » *Trabalho federativo ou de Unificação do Movimento Espírita é uma atividade-meio que tem por objetivo fortalecer, facilitar, ampliar e aprimorar a ação do Movimento Espírita em sua atividade-fim, que é a de promover o estudo, a difusão e a prática da Doutrina Espírita. Decorre da união fraterna, solidária, voluntária, consciente e operacional dos espíritas e das Instituições Espíritas, através da permuta de informações e experiências, da ajuda recíproca e do trabalho em*

conjunto. FEB/CEI, Divulgue o Espiritismo, uma nova era para a humanidade, p. 5.*

- » *Esses grupos, correspondendo-se entre si, visitando-se, permutando observações, podem, desde já, formar o núcleo da grande família espírita, que um dia consorciará todas as opiniões e unirá os homens por um único sentimento: o da fraternidade, trazendo o cunho da caridade cristã. Allan Kardec: O livro dos médiuns. Cap. 29, item 334.*
- » *O Espiritismo é uma questão de fundo; prender-se à forma seria puerilidade indigna da grandeza do assunto. Daí vem que os centros que se acharem penetrados do verdadeiro Espírito do Espiritismo deverão estender as mãos uns aos outros, fraternalmente, e unir-se para combater os inimigos comuns: a incredulidade e o fanatismo. Allan Kardec: Obras póstumas. Segunda parte. Constituição do Espiritismo, item VI.*
- » *Estrutura-se [o trabalho federativo e de Unificação do Movimento Espírita] através da união dos Grupos, Centros ou Sociedades que, preservando a sua autonomia e liberdade de ação, conjugam esforços e somam experiências, objetivando o permanente fortalecimento e aprimoramento das suas atividades e do Movimento Espírita em geral. Os Grupos, Centros ou Sociedades Espíritas, unindo-se, constituem as Entidades e Órgãos federativos ou de Unificação do Movimento Espírita em nível local, regional, estadual ou nacional. As Entidades e Órgãos federativos e de Unificação do Movimento Espírita, em nível nacional, constituem a Entidade de Unificação do Movimento Espírita em nível mundial — o Conselho Espírita Internacional. FEB/CEI*, Divulgue o Espiritismo, uma nova era para a humanidade, p. 5.*

Sugestões didáticas

Introdução

- » Iniciar o estudo apresentando o assunto e os objetivos específicos do roteiro.
- » Em seguida, fazer exposição a respeito do contido no item 1 dos *Subsídios*, esclarecendo possíveis dúvidas sobre a matéria.

* FEB: Federação Espírita Brasileira. CEI: Conselho Espírita Internacional

Desenvolvimento

- » Dividir os participantes em 4 grupos, para realização das seguintes tarefas:

Grupo I: a) ler o item 2 dos *Subsídios*; b) trocar ideias sobre o conteúdo lido; c) fazer resumo por escrito das diretrizes do trabalho de Unificação definidas por Kardec, conforme consta do referido item, primeiro parágrafo.

Grupo II: a) ler o item 2 dos *Subsídios*; b) trocar ideias sobre o conteúdo lido; c) identificar e listar os principais pontos das diretrizes atuais do trabalho federativo e de Unificação do Movimento Espírita.

Grupo III: a) ler o item 3 dos *Subsídios*; b) trocar ideias sobre o conteúdo lido; c) colocar em forma de organograma a estrutura do trabalho federativo e de Unificação do Movimento Espírita.

Grupos IV: a) ler o item 3 dos *Subsídios*; b) trocar ideias sobre o conteúdo lido; c) fazer resumo por escrito dos marcos históricos aí descritos.

Observação: Colocar à disposição dos grupos folhas de papel pardo/cartolina; canetas hidrográficas; papel; lápis/canetas, para serem usados de acordo com as suas tarefas específicas.

- » Solicitar aos representantes dos grupos que façam a apresentação dos trabalhos realizados.
- » Observar as apresentações, anotando eventuais pontos a serem esclarecidos.
- » Fazer a integração do assunto, com base nos objetivos do roteiro, enfocando, em especial, os seguintes aspectos: a) comparação entre as diretrizes do trabalho de Unificação definidas por Kardec e as atuais, que norteiam o Movimento Espírita; b) comparação da estrutura atual do trabalho federativo e de Unificação com as ideias de Kardec a respeito da *comissão central*; c) importância dos fatos históricos, contidos nos *Subsídios*, para o trabalho de Unificação do Movimento Espírita. Dar oportunidade aos participantes para fazerem perguntas, a fim de que as eventuais dúvidas sejam dirimidas.

Conclusão

- » Concluir o estudo, pedindo a um dos participantes que leia, em voz alta, para reflexão de todos, trecho da mensagem do Espírito de Verdade, intitulada *Os Obreiros do Senhor*, conforme consta do anexo.

Observação: Veja no anexo ao presente Módulo:

1. Mensagens mediúnicas; 2. Diretrizes da Dinamização das Atividades Espíritas; 3. Outras referências.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório, se:

- » os participantes demonstrarem, pela participação nas atividades realizadas durante o seu desenvolvimento, compreensão do conceito, das diretrizes e da estrutura do trabalho federativo e de Unificação do Movimento Espírita.

Técnica(s): exposição; trabalho em pequenos grupos.

Recurso(s): *Subsídios* do roteiro; folha de papel pardo/ cartolina; canetas hidrográficas; papel; lápis/ canetas.

Subsídios

O trabalho federativo de Unificação do Movimento Espírita

1. Conceito

O trabalho federativo ou de Unificação do Movimento Espírita [...] *é uma atividade-meio que tem por objetivo fortalecer, facilitar, ampliar e aprimorar a ação do Movimento Espírita em sua atividade-fim, que é a de promover o estudo, a difusão e a prática da Doutrina Espírita. Decorre da união fraterna, solidária, voluntária, consciente e operacional dos espíritas e das Instituições Espíritas, através da permuta de informações e experiências, da ajuda recíproca e do trabalho em conjunto. É fundamental para o fortalecimento, o aprimoramento e o*

*crescimento das Instituições Espíritas e para a correção de eventuais desvios da adequada prática doutrinária e administrativa.*⁵ Esse trabalho se desenvolve através de [...] *um permanente contato com os Grupos, Centros ou Sociedades Espíritas, promovendo a sua união e integração e colocando à disposição dos mesmos, sugestões, experiências, trabalhos e programas de apoio de que necessitem para suas atividades. Realiza reuniões, encontros, cursos, confraternizações e outros eventos destinados a dirigentes e trabalhadores espíritas, para a renovação e atualização de conhecimentos doutrinários e administrativos, visando o aprimoramento e a ampliação das atividades das Instituições Espíritas e a abertura de novas frentes de ação e de trabalho.*⁵ Realiza, ainda, [...] *eventos destinados ao grande público, para a divulgação da Doutrina Espírita, a fim de que o Espiritismo seja cada vez mais conhecido e melhor praticado.*⁵

2. Diretrizes

As diretrizes do trabalho de Unificação do Movimento Espírita encontram-se claramente definidas nos escritos de Allan Kardec desde os primórdios do Espiritismo. Assim, diz o Codificador: *O Espiritismo, que apenas acaba de nascer, ainda é diversamente apreciado e muito pouco compreendido em sua essência, por grande número de adeptos, de modo a oferecer um laço forte que prenda entre si os membros do que se possa chamar uma Associação ou Sociedade. Impossível é que semelhante laço exista, a não ser entre os que lhe percebem o objetivo moral, o compreendem e o aplicam a si mesmos. Entre os que nele veem fatos mais ou menos curiosos, nenhum laço sério pode existir. Colocando os fatos acima dos princípios, uma simples divergência, quanto à maneira de os considerar, basta para dividi-los. O mesmo já não se dá com os primeiros, porquanto, acerca da questão moral, não pode haver duas maneiras de encará-la. Tanto assim que, onde quer que eles se encontrem, confiança mútua os atrai uns para os outros e a recíproca benevolência, que entre todos reina, exclui o constrangimento e o vexame que nascem da suscetibilidade, do orgulho que se irrita à menor contradição, do egoísmo que tudo reclama para a pessoa em quem domina.*

Uma Sociedade, onde aqueles sentimentos se achassem partilhados por todos, onde os seus componentes se reunissem com o propósito de se instruírem pelos ensinamentos dos Espíritos e não na expectativa de presenciarem coisas mais ou menos interessantes, ou para fazer cada um que a sua opinião prevaleça, seria não só viável, mas também indissolúvel. A dificuldade, ainda grande, de reunir crescido número de elementos

*homogêneos deste ponto de vista, nos leva a dizer que, no interesse dos estudos e por bem da causa mesma, as reuniões espíritas devem tender antes à multiplicação de pequenos grupos, do que à constituição de grandes aglomerações. Esses grupos, correspondendo-se entre si, visitando-se, permutando observações, podem, desde já, formar o núcleo da grande família espírita, que um dia consorciará todas as opiniões e unirá os homens por um único sentimento: o da fraternidade, trazendo o cunho da caridade cristã.*¹

Ao tratar da Constituição do Espiritismo, inserta em *Obras póstumas*, assinala ainda Kardec: *O Espiritismo sustenta princípios que, por se fundarem nas leis da natureza e não em abstrações metafísicas, tendem a tornar-se, e um dia certamente o serão, os da universalidade dos homens; todos os aceitarão, porque encontrarão neles verdades palpáveis e demonstradas, como aceitaram a teoria do movimento da Terra; mas, pretender-se que o Espiritismo chegue a estar, por toda parte, organizado da mesma forma; que os espíritas do mundo inteiro se sujeitarão a um regime uniforme, a uma mesma forma de proceder; que terão de esperar lhes venha de um ponto fixo a luz, ponto em que deverão fixar os olhos, fora utopia tão absurda como a de pretender-se que todos os povos da Terra formem um dia uma única nação, governada por um só chefe, regida pelo mesmo código de leis e submetida aos mesmos usos. Há, é certo, leis gerais que podem ser comuns a todos os povos, mas que sempre, quanto às minúcias da aplicação e da forma, serão apropriadas aos costumes, aos caracteres, aos climas de cada um. Outro tanto se dará com o Espiritismo organizado. Os espíritas do mundo todo terão princípios comuns, que os ligarão à grande família pelo sagrado laço da fraternidade, mas cujas aplicações variarão segundo as regiões, sem que, por isso, a unidade fundamental se rompa; sem que se formem seitas dissidentes a atirar pedras e lançar anátemas umas às outras, o que seria absolutamente antiespírita. Poderão, pois, formar-se, e inevitavelmente se formarão, centros gerais em diferentes países, ligados apenas pela comunidade da crença e pela solidariedade moral, sem subordinação de uns aos outros, sem que o da França, por exemplo, nutra a pretensão de impor-se aos espíritas americanos e vice-versa.*

É perfeitamente justa a comparação, de que acima nos valem, com os observatórios. Há-os em diferentes pontos do globo; todos, seja qual for a nação a que pertençam, se fundam em princípios gerais firmados pela Astronomia, o que, entretanto, não os torna tributários uns dos outros. Cada um regula como entende os respectivos trabalhos.

*Permutam suas observações e cada um se utiliza da Ciência e das descobertas dos outros. Assim acontecerá com os centros gerais do Espiritismo; serão os observatórios do mundo invisível, que permutarão entre si o que obtiverem de bom e de aplicável aos costumes dos países onde funcionarem, uma vez que o objetivo que eles colimam é o bem da humanidade e não a satisfação de ambições pessoais. O Espiritismo é uma questão de fundo; prender-se à forma seria puerilidade indigna da grandeza do assunto. Daí vem que os centros que se acharem penetrados do verdadeiro Espírito do Espiritismo deverão estender as mãos uns aos outros, fraternalmente, e unir-se para combater os inimigos comuns: a incredulidade e o fanatismo.*⁴

Essas orientações de Allan Kardec vêm inspirando, ao longo do tempo, os espíritas do mundo inteiro, fazendo com que o trabalho federativo e de Unificação se torne cada vez mais fortalecido. Encontram-se presentes nas seguintes diretrizes, que norteiam o Movimento Espírita no Brasil e no exterior: *O trabalho federativo e de Unificação do Movimento Espírita, bem como o de união dos espíritas e das Instituições Espíritas, baseia-se nos princípios de fraternidade, solidariedade, liberdade e responsabilidade que a Doutrina Espírita preconiza. Caracteriza-se por oferecer sem exigir compensações, ajudar sem criar condicionamentos, expor sem impor resultados e unir sem tolher iniciativas, preservando os valores e as características individuais tanto dos homens como das instituições. A integração e a participação das Instituições Espíritas nas atividades federativas e de Unificação do Movimento Espírita, sempre voluntárias e conscientes, são realizadas em nível de igualdade, sem subordinação, respeitando e preservando a independência, a autonomia e a liberdade de ação de que desfrutam. Todo e qualquer programa ou material de apoio colocado à disposição das Instituições Espíritas não terão aplicação obrigatória, ficando a critério das mesmas adotá-los ou não, parcial ou totalmente, ou adaptá-los às suas próprias necessidades ou conveniências. Em todas as atividades federativas e de Unificação do Movimento Espírita deve ser sempre estimulado o estudo metódico, constante e aprofundado das obras de Allan Kardec, que constituem a Codificação Espírita.*⁶

Todas essas atividades [...] têm por objetivo maior colocar, com simplicidade e clareza, a mensagem consoladora e orientadora da Doutrina Espírita ao alcance e a serviço de todos, especialmente dos mais simples, por meio do estudo, da oração e do trabalho.⁶ Finalmente, em [...] todas as atividades federativas e de Unificação do Movimento

*Espírita deve ser sempre preservado, aos que delas participam, o natural direito de pensar, de criar e de agir que a Doutrina Espírita preconiza, assentando-se, todavia, todo e qualquer trabalho, nas obras da Codificação Kardequiana.*⁶

Todas essas diretrizes tornam patente o fato de que, conforme assinala o Espírito Bezerra de Menezes, o [...] *serviço da Unificação em nossas fileiras é urgente mas não apressado. [...] É urgente porque define o objetivo a que devemos todos visar; mas não apressado, porquanto não nos compete violentar consciência alguma.*⁸

3. Estrutura

Conforme visto no item anterior, Kardec, na sua *Constituição do Espiritismo*, apresenta suas diretrizes gerais para o trabalho da Unificação. Ver-se-á neste item, com base também no referido escrito do Codificador, o seu pensamento quanto à estrutura mais adequada ao Movimento Espírita. Para isso, respigamos, nas considerações por ele tecidas, os seguintes trechos mais significativos para o estudo deste tópico: *Durante o período de elaboração, a direção do Espiritismo teve que ser individual; era necessário que todos os elementos constitutivos da Doutrina, saídos, no estado de embriões, de uma multidão de focos, se dirigissem para um centro comum, a fim de serem aí examinados e cotejados, de sorte que um só pensamento presidisse à coordenação deles, a fim de estabelecer-se a unidade no conjunto e a harmonia entre todas as partes.*² Adiante, prossegue: *Hoje, que o trabalho de elaboração se acha concluído, no que concerne às questões fundamentais; que estabelecidos se encontram os princípios gerais da Ciência, a direção, de individual que houve de ser em começo, tem que se tornar coletiva, primeiramente, porque um momento há de vir em que o seu peso excederá as forças de um homem e, em segundo lugar, porque maior garantia apresenta um conjunto de indivíduos, a cada um dos quais caiba apenas um voto e que nada podem sem o concurso mútuo, do que um só indivíduo, capaz de abusar da sua autoridade e de querer que predominem as suas ideias pessoais.*

Em vez de um chefe único, a direção será confiada a uma comissão central permanente, cuja organização e atribuições se definam de maneira a não dar azo ao arbítrio. [...] A comissão central será, pois, a cabeça, o verdadeiro chefe do Espiritismo, chefe coletivo, que nada poderá sem o assentimento da maioria. Suficientemente numeroso para se esclarecer por meio da discussão, não o será bastante para que

*haja confusão. [...] Para a comunidade dos adeptos, a aprovação ou a desaprovação, o consentimento ou a recusa, as decisões, em suma, de um corpo constituído, representando opinião coletiva, forçosamente terão uma autoridade que jamais teriam, se emanassem de um só indivíduo, que apenas representa uma opinião pessoal. [...] Fica bem entendido que aqui se trata de autoridade moral, no que respeita à interpretação e aplicação dos princípios da Doutrina, e não de um poder disciplinar qualquer. [...] Para o público estranho, um corpo constituído tem maior ascendente e preponderância; contra os adversários, sobretudo, apresenta uma força de resistência e dispõe de meios de ação com que um indivíduo não poderia contar; aquele luta com vantagens infinitamente maiores. Uma individualidade está sujeita a ser atacada e aniquilada; o mesmo já não se dá com uma entidade coletiva. Semelhante entidade oferece garantias de estabilidade, que não existe, quando tudo recai sobre uma cabeça única. Desde que o indivíduo se ache impedido por uma causa qualquer, tudo fica paralisado. A entidade coletiva, ao contrário, se perpetua incessantemente. Embora perca um ou vários de seus membros, nada periclita.*³

Esse pensamento de Kardec vem orientando a estruturação do Movimento Espírita, no Brasil e no exterior, respeitadas, obviamente, as necessidades dos novos tempos.

No Brasil, pode-se dizer que os esforços unificadores tiveram [...] seu marco inicial decisivo com a atuação segura de Bezerra de Menezes, que, inclusive, se inspirou nas páginas de Obras póstumas, de cuja obra foi o primeiro tradutor para o nosso vernáculo, e continuam até hoje, no sentido de preservar a unidade doutrinária e assegurar a continuidade da propagação do Espiritismo.⁹ Muitas foram as iniciativas postas em prática ao longo do tempo com vistas a dar ao Movimento Espírita uma estrutura adequada. Citaremos duas delas, que podem ser consideradas os principais marcos históricos do nosso Movimento. São as seguintes:

Bases de Organização Espírita

Trata-se de documento [...] proposto pela Federação Espírita Brasileira [FEB] e aprovado, após discussão e ligeiras modificações, por espíritas de todo o País, num conclave sem precedentes.⁹ Consta do referido documento que os participantes desse conclave, realizado em 1º. de outubro de 1904, resolvem, entre outros pontos de grande significado: [...] *empregar desde já todos os esforços para a criação, na*

*capital de cada Estado da União Brasileira, de um Centro calcado nos moldes da Federação do Rio de Janeiro [referência à FEB, que tinha a sede na cidade do Rio de Janeiro], tendo por fim promover a organização e filiação de associações de estudo e propaganda em todo o Estado. Tais instituições, aderindo ao programa da Federação Espírita Brasileira, a ela se filiarão com as respectivas associações subsidiárias, sem nenhuma relação de dependência disciplinar, mas unicamente com intuitos de confraternização e unidade de vistas.*¹⁰

Pacto Áureo

Transcorridos 45 anos, outro fato de grande importância marcou o processo de Unificação do Movimento Espírita no Brasil. Trata-se da *Grande Conferência Espírita no Rio de Janeiro – o Pacto Áureo –*, realizada em 5 de outubro de 1949. Os signatários desse acordo não são pessoas físicas apenas, como sucedeu no conclave de 1904. O Movimento Espírita havia crescido. Alguns Estados já possuíam as suas Entidades representativas, que assinaram o documento. Citaremos os três primeiros artigos do *Pacto Áureo*, por estarem mais diretamente ligados aos objetivos deste estudo: 1º) *Cabe aos Espíritos do Brasil porem em prática a exposição contida no livro Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho, de maneira a acelerar a marcha evolutiva do Espiritismo.* – 2º) *A FEB criará um Conselho Federativo Nacional, permanente, com a finalidade de executar, desenvolver e ampliar os planos da sua atual Organização Federativa.*¹¹ Cabe esclarecer que o artigo 1º. supracitado faz referência à missão espiritual do Brasil junto às demais nações, conforme revelado pelo Espírito Humberto de Campos no livro em referência. Emmanuel, prefaciando a mencionada obra, assinala: *Se outros povos atestarem o progresso, pelas expressões materialistas e transitórias, o Brasil terá a sua expressão imortal na vida do Espírito, representando a fonte de um pensamento novo, sem as ideologias de separatividade, e inundando todos os campos das atividades humanas com uma nova luz.*¹³ Em relação ao disposto no artigo 2º, citado, deve ser dito que o Conselho Federativo Nacional (CFN), órgão da Federação Espírita Brasileira, foi criado no dia 1º. de janeiro de 1950, na cidade do Rio de Janeiro e transferido, no dia 1º. de julho de 1978, para a sede da FEB em Brasília.

Como se vê, desde 1904, com a assinatura do documento *Bases de Organização Espírita*, citado, a Entidade federativa ou de Unificação do Movimento Espírita no Brasil é a Federação Espírita

Brasileira, sendo o seu Conselho Federativo Nacional, criado com base no *Pacto Áureo*, o órgão com a finalidade de executar, desenvolver e ampliar os planos da sua Organização Federativa. Atualmente, o Conselho Federativo Nacional é integrado pelas Federativas de todos os Estados brasileiros e conta, para fins específicos, com o assessoramento de Entidades Especializadas de Âmbito Nacional, tais como a Cruzada dos Militares Espíritas; a Associação Brasileira de Divulgadores do Espiritismo – ABRADE; o Instituto de Cultura Espírita do Brasil – ICEB; a Associação Brasileira dos Magistrados Espíritas – ABRAME. Dentre as inúmeras iniciativas marcantes do CFN, destaca-se, pelo seu alto significado, a criação das Comissões Regionais, em 2 novembro de 1985. Para dar uma ideia da amplitude do trabalho dessas Comissões, basta citar o *caput* e o item I do artigo 2º do seu Regimento Interno, a saber: *Artigo 2º. – As Comissões Regionais, que desenvolverão suas atividades observando os norteamentos do Conselho Federativo Nacional, têm por objetivos: I – coordenar e promover, em nível regional, com as Entidades Estaduais de Unificação do Movimento Espírita, as atividades que tenham por fim a difusão da Doutrina Espírita e as tarefas de Unificação, inclusive, visando a dotar as Instituições Espíritas dos conhecimentos necessários ao desenvolvimento de suas atividades.*¹² São constituídas por um representante de cada Entidade Estadual que integra a região correspondente (Norte, Nordeste, Centro ou Sul). As reuniões ordinárias das Comissões Regionais são realizadas uma vez por ano, em cada região, de forma rotativa quanto ao local. Dentre os documentos norteadores do trabalho do Movimento Espírita, aprovados pelo CFN, os principais são: *A Adequação do Centro Espírita para o melhor atendimento de suas finalidades* (outubro de 1977); o opúsculo *Orientação ao Centro Espírita* (julho de 1980), e *Diretrizes de Dinamização das Atividades Espíritas* (novembro de 1983).

No que toca ao Movimento Espírita mundial, deve ser destacado o seu grande marco histórico: a fundação, em 28 de novembro de 1992, do Conselho Espírita Internacional (CEI), [...] *organismo resultante, em âmbito mundial, das Associações Representativas dos Movimentos Espíritas Nacionais.*⁷ Assinaram a ata de fundação os seguintes países: Argentina, Brasil, Espanha, Estados Unidos, França, Guatemala, Itália, Portugal e Reino Unido. Atualmente o CEI é composto por 27 países membros. O Conselho Espírita Internacional lançou dois documentos de suma importância para o Movimento Espírita em todo o mundo: os folhetos *Conheça o Espiritismo, uma nova era para a humanidade*, e

Divulgue o Espiritismo, uma nova era para a humanidade, traduzidos em diversos idiomas.

Isto posto, resta apresentar, em síntese, a estrutura do Trabalho Federativo e de Unificação do Movimento Espírita, nacional e mundial. Esse trabalho se estrutura [...] *através da união dos Grupos, Centros ou Sociedades Espíritas que, preservando a sua autonomia e liberdade de ação, conjugam esforços e somam experiências, objetivando o permanente fortalecimento e aprimoramento das suas atividades e do Movimento Espírita em geral.*⁵ Esses [...] *Grupos, Centros ou Sociedades Espíritas, unindo-se, constituem as Entidades e Órgãos federativos ou de Unificação do Movimento Espírita em nível local, regional, estadual ou nacional.*⁵ Essas [...] *Entidades e Órgãos federativos ou de Unificação do Movimento Espírita, em nível nacional, constituem a Entidade de Unificação do Movimento Espírita em nível mundial – o Conselho Espírita Internacional.*⁵

Referências

1. Kardec, Allan. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 79. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 29, item 334, p. 449-451.
2. _____. *Obras póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro. 39. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Segunda parte. *Constituição do Espiritismo*, item IV, p. 390.
3. _____. p. 356-357.
4. _____. Item VI, p. 362-364.
5. FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. CONSELHO ESPÍRITA INTERNACIONAL. *Divulgue o Espiritismo, uma nova era para a humanidade*. Documento aprovado pelo Conselho Espírita Nacional CFN, (em 1996) e pelo Conselho Espírita Internacional CEI, (em 1998). Brasília: FEB, p. 5.
6. _____. p. 6.
7. _____. p. 7.
8. _____. p. 8.
9. FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Movimento espírita*. Brasília: FEB, 1996, item 4.3, p. 52.
10. _____. Item 4.3.1, p. 52-53.
11. _____. Item 4.3.2, p. 54.
12. _____. Item 4.3.4.2.2, p. 63.
13. Xavier, Francisco Cândido. *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 30. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Prefácio de Emmanuel, p. 11.

Anexo I

Texto para reflexão

*Os obreiros do Senhor

Aproxima-se o tempo em que se cumprirão as coisas anunciadas para a transformação da humanidade. Ditosos serão os que houverem trabalhado no campo do Senhor, com desinteresse e sem outro móvel, senão a caridade! Seus dias de trabalho serão pagos pelo cêntuplo do que tiverem esperado. Ditosos os que hajam dito a seus irmãos: “Trabalhemos juntos e unamos os nossos esforços, a fim de que o Senhor, ao chegar, encontre acabada a obra”, porquanto o Senhor lhes dirá: “Vinde a mim, vós que sois bons servidores, vós que soubestes impor silêncio aos vossos ciúmes e às vossas discórdias, a fim de que daí não viesse dano para a obra!”

**Pai-Nosso: Oração ensinada por Jesus

Pai Nosso,
que estás nos Céus

Santificado
seja o teu nome

Venha a nós
o teu reino

Seja feita
a tua vontade,
assim na terra
como no Céu.

* *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. 20, item 5.

** MATEUS, 6:9-13.

O pão nosso
de cada dia
dá-nos hoje

Perdoa as
nossas dívidas,
assim como perdoamos
aos nossos devedores

Não nos deixes
cair em tentação

Livra-nos do mal,
porque teu é o reino,
o poder e a glória
para sempre.
Assim seja.

Anexo II

Conteúdo

Neste anexo estão inseridas algumas informações úteis que complementam o estudo do tema *Movimento Espírita e Unificação*, quais sejam:

- » Mensagens mediúnicas.
- » Diretrizes de Dinamização das Atividades Espíritas.
- » Comissões Regionais.

1. Mensagens mediúnicas

*Unificação

O serviço da Unificação em nossas fileiras é **urgente** mas não **apressado**. Uma afirmativa parece destruir a outra. Mas não é assim. É urgente, porque define objetivo a que devemos todos visar; mas não apressado, porquanto não nos compete violentar consciência alguma. Mantenhamos o propósito de irmanar, aproximar, confraternizar e compreender, e, se possível, estabeleçamos em cada lugar, onde o nome do Espiritismo apareça por legenda de luz, um grupo de estudo, ainda que reduzido, da Obra Kardequiana, à luz do Cristo de Deus. Nós que nos empenhamos carinhosamente a todos os tipos de realização respeitável que os nossos princípios nos oferecem, não podemos esquecer o trabalho do raciocínio claro para que a vida se nos povoe de estradas menos sombrias. Comparemos a nossa Doutrina Redentora a uma cidade metropolitana, com todas as exigências de conforto e progresso, paz e ordem. Indispensável a diligência no pão e no vestuário, na moradia e na defesa de todos; entretanto, não se pode olvidar o problema da luz. A luz foi sempre uma preocupação do homem, desde a hora da fuma primeira. Antes de tudo, o fogo obtido por atrito, a lareira doméstica, a tocha, os lumes vinculados às resinas, a candeia e, nos tempos modernos, a força elétrica transformada em clarão.

A Doutrina Espírita possui os seus aspectos essenciais em configuração tríplice. Que ninguém seja cerceado em seus anseios de construção e produção. Quem se afeiçoe à ciência que a cultive em sua dignidade, quem se devote à filosofia que lhe engrandeça os postulados e quem se consagre à religião que lhe divinize as aspirações, mas que a base kardequiana permaneça em tudo e todos, para que não venhamos a perder o equilíbrio sobre os alicerces em que se nos levanta a organização.

Nenhuma hostilidade recíproca, nenhum desapareço a quem quer que seja. Acontece, porém, que temos necessidade de preservar os fundamentos espíritas, honrá-los e sublimá-los, senão acabaremos estranhos uns aos outros, ou então cadaverizados em arremidações

* Menezes, Adolfo Bezerra de. *Unificação*. Psicografia de Francisco Cândido Xavier. *Reformador*. Rio de Janeiro: FEB, 1995. Ano 113, nº 1999, outubro, p. 314.

que nos mutilarão os melhores anseios, convertendo-nos o movimento de libertação numa seita estanque, encarcerada em novas interpretações e teologias, que nos acomodariam nas conveniências do plano inferior e nos afastariam da Verdade.

Allan Kardec, nos estudos, nas cogitações, nas atividades, nas obras, a fim de que a nossa fé não faça hipnose, pela qual o domínio da sombra se estabelece sobre as mentes mais fracas, acorrentando-as a séculos de ilusão e sofrimento.

Libertação da palavra divina é desentranhar o ensinamento do Cristo de todos os cárceres a que foi algemado e, na atualidade, sem querer qualquer privilégio para nós, apenas o Espiritismo retém bastante força moral para se não prender a interesses subalternos e efetuar a recuperação da luz que se derrama do verbo cristalino do Mestre, dessedentando e orientando as almas. Seja Allan Kardec, não apenas crido ou sentido, apregoado ou manifestado, a nossa bandeira, mas suficientemente vivido, sofrido, chorado e realizado em nossas próprias vidas. Sem essa base é difícil forjar o caráter espírita-cristão que o mundo conturbado espera de nós pela Unificação.

Ensinar, mas fazer; crer, mas estudar; aconselhar, mas exemplificar; reunir, mas alimentar.

Falamos em provações e sofrimentos, mas não dispomos de outros veículos para assegurar a vitória da verdade e do amor sobre a Terra. Ninguém edifica sem amor, ninguém ama sem lágrimas.

Somente aqui, na vida espiritual, vim aprender que a cruz de Cristo era uma estaca que Ele, o Mestre, fincava no chão para levantar o mundo novo. E para dizernos em todos os tempos que nada se faz de útil e bom sem sacrifícios, morreu nela. Espezinhado, batido, enterrou-a no solo, revelando-nos que esse é o nosso caminho – o caminho de quem constrói para Cima, de quem mira os continentes do Alto.

É indispensável manter o Espiritismo, qual foi entregue pelos Mensageiros divinos a Allan Kardec, sem compromissos políticos, sem profissionalismo religioso, sem personalismos deprimentes, sem pruridos de conquista a poderes terrestres transitórios.

Respeito a todas as criaturas, apreço a todas as autoridades, devotamento ao bem comum e instrução do povo, em todas as direções, sobre as verdades do Espírito, imutáveis, eternas.

Nada que lembre castas, discriminações, evidências individuais injustificáveis, privilégios, imunidades, propriedades.

Amor de Jesus sobre todos, verdade de Kardec para todos.

Em cada templo, o mais forte deve ser escudo para o mais fraco, o mais esclarecido a luz para o menos esclarecido, e sempre e sempre seja o sofredor o mais protegido e o mais auxiliado, como entre os que menos sofram seja o maior aquele que se fizer o servidor de todos, conforme a observação do Mentor Divino.

Sigamos para frente, buscando a inspiração do Senhor.

BEZERRA

(Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião da Comunhão Espírita Cristã, em 20 abr. 1963, em Uberaba-MG)

*Unificação paulatina, união imediata, trabalho incessante...

Espíritas, meus irmãos!

Quando as clarinadas de um novo dia em luz nos anunciam os chegados tempos do Senhor; quando uma era de paz prepara a nova humanidade, neste momento dominada pela angústia e batida pela desesperação, façamos a viagem de volta para dentro de nós.

No instante em que os valores externos perdem a sua significação, impulsionando-nos a buscar a Deus no coração, somos, através de nossos irmãos, convidados à responsabilidade maior de amar, de servir e de passar...

Jesus, meus amigos, é mais do que um símbolo. É uma realidade em nossa existência. Não é apenas um ser que transitou da manjedoura à Cruz, mas o exemplo, cuja vida se transformou num Evangelho de feitos, chamando por nós.

Necessário, em razão disso, aprofundar o pensamento na Obra de Allan Kardec para poder viver Jesus em toda plenitude.

Estamos convidados ao banquete da era melhor, do Evangelho imortal, e ninguém se pode escusar, a pretexto algum.

* Menezes, Adolfo Bezerra de. *Unificação paulatina, união imediata, trabalho incessante...* Psicografia de Divaldo Pereira Franco. *Reformador*. Rio de Janeiro: FEB, 1995. Ano 113, nº 1999, outubro, p. 315.

Dias houve em que poderíamos dizer que não estávamos informados a respeito da verdade. Hoje, porém, sabemos...

Agora que a conhecemos, por experiência pessoal, vivamos o Cristo de Deus em nossas atitudes, afim de que o sol espírita não apresente a mensagem de luz, dificultada pelas nuvens densas que caracterizam o egoísmo humano, o ressentimento, a vaidade...

Unificação, sim, União, também.

Imprescindível que nos unifiquemos no ideal Espírita, mas que, acima de tudo, nos unamos como irmãos.

Os nossos postulados devem ser desdobrados e vividos dentro de uma linha austera de dignidade e nobreza. Sem embargo, que os nossos sentimentos vibrem em unísono, refletindo as emoções de amigos que se desejam ajudar e de irmãos que se não permitem avançar – deixando a retaguarda juncada de cadáveres ou assinalada pelos que não tiveram força para prosseguir...

A tarefa da Unificação é paulatina; a tarefa da união é imediata, enquanto a tarefa do trabalho é incessante, porque jamais terminaremos o serviço, desde que somos servos imperfeitos, e fazemos apenas a parte que nos é confiada.

Amar, no entanto, é o impositivo que o Senhor nos concedeu e que a Doutrina nos restaura.

Unamo-nos, amemo-nos, realmente, e dirimamos as nossas dúvidas, retificando as nossas opiniões, as nossas dificuldades e os nossos pontos de vista, diante da mensagem clara e sublime da Doutrina com que Allan Kardec enriquece a nova era, compreendendo que lhe somos simples discípulos. Como discípulos não podemos ultrapassar o mestre.

Demo-nos as mãos e ajudemo-nos; esqueçamos as opiniões contraditórias para nos recordarmos dos conceitos de identificação, confiando no tempo, o grande enxugador de lágrimas, que a tudo corrige.

Não vos conclamamos à inércia, ao parasitismo, à aceitação tácita, sem a discussão ou o exame das informações.

Convidamo-vos à verdadeira dinâmica do amor.

Recordemos, na palavra de Jesus, que “a casa dividida rui”, todavia ninguém pode arrebentar um feixe de varas que se agregam numa união de forças.

É, por isto, Espíritas, meus irmãos, que a Unificação deve prosseguir, mas a União deve vigor em nossos corações.

Somos semeadores do tempo melhor. Somos os pomicultores da era nova. A colheita que faremos em nome de Jesus caracterizar-nos-á o trabalho.

Adiante, meus irmãos, na busca da aurora dos novos tempos.

Jesus é o Mestre por excelência e Allan Kardec é o discípulo fiel.

Sejamos nós os continuadores honrados e nobres da Sua obra de amor e da Sua lição de sabedoria...

E quando as sombras da desencarnação descerem sobre vós, e nós outros, os já desencarnados, nos acercarmos a receber-vos, podereis dizer:

— Aqui estamos, Senhor, servos deficientes que reconhecemos ser, porque apenas fizemos o que nos foi determinado.

Ele, porém, magnânimo, justo e bom, dir-vos-á:

“Vinde a mim, filhos de meu Pai, entrai no gozo da paz”.

Muita paz, meus amigos!

Que o senhor vos abençoe.

BEZERRA

(Mensagem psicofônica recebida pelo médium Divaldo P. Franco, na noite de 20 abr. 1975, na sessão pública da Federação Espírita Brasileira em Brasília – DF.)

*2. Diretrizes da dinamização das atividades Espíritas

O Conselho Federativo Nacional, reunido na Sede Central da Federação Espírita Brasileira, em Brasília (DF), nos dias 25 a 27 de novembro de 1983, com o objetivo de apreciar as Conclusões das reuniões dos Conselhos Zonais das 1ª, 2ª, 3ª e 4ª Zonas, levadas a efeito em Rio Branco (AC), Maceió (AL), Cuiabá (MT) e São Paulo

* FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL. *Orientação ao centro espírita*. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Anexo 2 (Diretrizes da dinamização das atividades espíritas), p. 110-121.

(SP), de abril de 1982 a outubro de 1983, quando estudaram o tema - *“Diretrizes da Dinamização das Atividades Espíritas”*.

I - Considerando

a) Que, na fase de transição por que passa a humanidade, a Doutrina Espírita desempenha um importante papel, oferecendo, com lógica e segurança, a consolação, o esclarecimento e a orientação de que os homens hoje necessitam;

b) Que se faz necessário colocar ao alcance e a serviço de todos a mensagem consoladora e esclarecedora que a Doutrina Espírita oferece;

c) Que é de vital importância para a difusão e vivência da Doutrina Espírita que os Centros Espíritas, unidades fundamentais do Movimento Espírita, desenvolvam suas tarefas, de maneira a mais ampla possível, procurando atender plenamente às suas finalidades;

d) Que o estudo e o aperfeiçoamento de dirigentes e trabalhadores são fundamentais para que o Centro Espírita possa atender plenamente às suas finalidades;

e) Que aos órgãos de Unificação do Movimento Espírita cabe, permanentemente, a responsabilidade de reunir e analisar experiências já realizadas, inclusive pelos próprios Centros Espíritas, e colocar à disposição dos mesmos as sugestões, orientações, programas e apoio de que necessitam para o pleno desenvolvimento de suas atividades doutrinárias, assistenciais e administrativas;

f) Que a realização pelos órgãos de Unificação, das citadas atividades (letra “e”), promove a Unificação do Movimento Espírita e a união das sociedades e dos próprios espíritas, fundamentais para o fortalecimento do trabalho de difusão e vivência do Espiritismo;

g) Que, com o objetivo de colocar à disposição dos Centros Espíritas uma orientação segura para as suas atividades, o Conselho Federativo Nacional da FEB aprovou documento que enfeixa as conclusões sobre o tema “A adequação do Centro Espírita para o melhor atendimento de suas finalidades”, publicado na revista “Reformador”, de dezembro de 1977;

h) Que, com o objetivo de oferecer uma série de sugestões sobre como colocar em prática as recomendações contidas no documento anteriormente aprovado e acima citado (letra “g”), entidades estaduais

vêm colocando à disposição dos Centros Espíritas sugestões, orientações, programas e apoio para as suas atividades; e, com o mesmo objetivo, o Conselho Federativo Nacional da FEB, em julho de 1980, aprovou o documento “Orientação ao Centro Espírita”.

II - O Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira sugere às entidades estaduais de Unificação do Movimento Espírita:*

a) Que desenvolvam suas atividades no sentido de manter, permanentemente, a Unificação do Movimento Espírita, através da união das sociedades e dos próprios espíritas, para que, cada vez mais fortalecidos, coloquem ao alcance e a serviço de todos a mensagem que consola, esclarece e orienta oferecida pela Doutrina Espírita;

b) Que estimulem, como atividade principal, nos Centros Espíritas, o estudo sistematizado da Doutrina Espírita;

c) Que, objetivando o permanente aprimoramento das tarefas que os Centros Espíritas desenvolvem, promovam a realização de reuniões ou encontros de dirigentes e trabalhadores das Casas Espíritas, para:

1 - estudo aprofundado dos documentos “A adequação do Centro Espírita para melhor atendimento de suas finalidades” e “Orientação ao Centro Espírita”;

2 - exame e análise dos problemas e necessidades dos Centros Espíritas;

3 - análise de outros programas de estudo e trabalho, baseados na Codificação Kardequiana e decorrentes, inclusive, de experiências já realizadas pelos próprios Centros Espíritas;

4 - busca de soluções para os problemas e necessidades detectadas.

d) Que promovam permanente contato com os Centros Espíritas, colocando à sua disposição sugestões, orientações, programas e apoio de que necessitem para o desenvolvimento de suas atividades;

e) Que, visando ao conagraçamento da família espírita, promovam a realização de confraternizações, reunindo os frequentadores dos Centros e demais Sociedades Espíritas, a todos aproximando, irmanando e unindo, criando, assim, um clima de fraternidade e

* FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL. *Orientação ao centro espírita*. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Anexo 3 (Comissões regionais), p. 123-127.

de paz, onde todos sintam seu ânimo renovado para as atividades espíritas-cristãs;

f) Que estimulem e cooperem na implantação de Centros Espíritas ou, inicialmente, de grupos de estudos da Obra Kardequiana, orientando e apoiando o trabalho de elementos do próprio local;

g) Que esclareçam, permanentemente, os dirigentes e trabalhadores de Centros Espíritas sobre as origens, as características, as finalidades e as atividades de Unificação do Movimento Espírita e de união das Sociedades e dos próprios espíritas, alertando, inclusive, para a necessidade de se evitarem atividades paralelas, dispersivas e prejudiciais;

h) Que permutem com as demais Entidades Estaduais de Unificação do Movimento Espírita seus programas de trabalho, suas realizações e experiências, oferecendo e recebendo subsídios para as suas atividades;

i) Que intensifiquem esforços de integração dos Centros Espíritas ainda não adesos ao trabalho de Unificação;

j) Que, objetivando intensificar a divulgação do Espiritismo junto ao grande público, promovam veiculação nos órgãos de comunicação social (jornais, revistas, emissoras de rádio, televisão etc.) de matéria de cunho doutrinário (mensagens, notícias, *press-release*, etc.), se possível com a participação dos próprios espíritas;

l) Que estimulem e, se necessário, orientem a criação de equipes de visita a irmãos carentes de assistência material e, sobretudo, moral, nos hospitais, domicílios, albergues, orfanatos, prisões, colônias de hansenianos, etc.;

m) Que estimulem a integração do jovem às diversas equipes de trabalho dos Centros Espíritas, objetivando, através de troca de experiências e ideias, a preparação daqueles que continuarão o trabalho;

n) Que organizem programas de visitas aos Centros Espíritas do interior, com o objetivo de levar-lhes estímulos e experiências, bem como incentivar a aplicação do Manual “Orientação ao centro espírita – 1980” e oferecer-lhes orientações outras que se façam necessárias.

III- Observa, ainda, o Conselho Federativo Nacional da FEB:

a) Que o trabalho de Unificação do Movimento Espírita e de união das sociedades e dos próprios espíritas se assenta nos

princípios de fraternidade, liberdade e responsabilidade que a Doutrina Espírita preconiza;

b) Que o trabalho de Unificação do Movimento Espírita e de união das sociedades e dos próprios espíritas caracteriza-se por oferecer sem exigir compensações, ajudar sem criar condicionamentos, expor sem impor resultados e unir sem tolher iniciativas, preservando os valores e as características individuais tanto dos homens como das sociedades;

c) Que a integração e a participação dos Centros Espíritas nas atividades de Unificação do Movimento Espírita e de união das sociedades e dos próprios espíritas devem ser sempre voluntárias e conscientes, com pleno respeito à autonomia administrativa de que desfrutam;

d) Que os programas de colaboração e apoio aos Centros Espíritas devem ser colocados à sua disposição simplesmente como subsídio ao trabalho por eles desenvolvido;

e) Que em todas as atividades de Unificação do Movimento Espírita e de união das sociedades e dos próprios espíritas seja sempre estimulado o estudo metódico, constante e aprofundado das obras de Allan Kardec, enfatizando-se as bases em que a Doutrina Espírita se assenta e destacando a sua permanente atualidade frente ao progresso humano, em razão do caráter dinâmico e evolutivo que apresenta;

f) Que todas as atividades de Unificação do Movimento Espírita e de união das sociedades e dos próprios espíritas tenham por objetivo maior colocar, com simplicidade e clareza, a mensagem consoladora e orientadora da Doutrina Espírita ao alcance e a serviço de todos por meio do estudo, da oração e do trabalho;

g) que em todas as atividades de Unificação do Movimento Espírita e de união das sociedades e dos próprios espíritas seja sempre preservado, aos que dela participam, o natural direito de pensar, de criar e de agir que a Doutrina Espírita preconiza, assentando-se, todavia, todo e qualquer trabalho, nas obras da Codificação Kardequiana.

*3. Comissões Regionais

Resolução

O Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira

Considerando

a) Que os Conselhos Zonais, desdobramentos do Conselho Federativo Nacional, em seis ciclos de trabalhos, desde sua criação, cumpriram integralmente suas importantes atribuições, contribuindo para que o Movimento Espírita e as Instituições Espíritas dispusessem de instrumentos para a execução de suas finalidades, como sejam:

1 – o documento que enfeixa as conclusões sobre o tema “A adequação do Centro Espírita para o melhor atendimento de suas finalidades”, aprovado em outubro/ 77;

2 – o opúsculo “Orientação ao centro espírita”, aprovado em julho/80;

3 – as “Diretrizes da Dinamização das Atividades Espíritas”, aprovadas em novembro/83;

4 – o “Manual de Administração das Instituições Espíritas”, aprovado em novembro/ 84, a título de recomendação;

b) Que, ao fim do VI ciclo de trabalhos, a experiência adquirida demonstra que se torna aconselhável dinamizar a operacionalidade das Instituições Espíritas, facilitando as iniciativas que ponham em prática todo o acervo de resoluções anteriores;

c) Que, para isso, torna-se aconselhável aditar às atuais atribuições dos Conselhos Zonais outras tarefas, dotando-os de estrutura capaz de atender ao desdobramento e ao acréscimo de trabalhos;

Resolve:

I) Transformar os Conselhos Zonais em Comissões Regionais, mantida a atual divisão geográfica aprovada pelo Conselho Federativo Nacional.

* CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL. CFN. *Orientação ao centro espírita*, Rio de Janeiro: FEB, 2004, p. 97-103.

II) As Comissões Regionais terão as seguintes atribuições:

a) coordenar e promover com as Entidades Estaduais de Unificação do Movimento Espírita, observados os norteamentos do Conselho Federativo Nacional, as atividades que visem a dotar as Instituições Espíritas dos conhecimentos necessários ao desenvolvimento de suas atividades doutrinárias e assistenciais;

b) analisar temas indicados pelo Conselho Federativo Nacional.

III) As Comissões Regionais reger-se-ão pelo Regimento Interno aprovado pelo Conselho Federativo Nacional nesta data.

Brasília, 2 de novembro de 1985.

Regimento Interno

Artigo 1º – As Comissões Regionais criadas pelo Conselho Federativo Nacional em sua Reunião de 2 de novembro de 1985, têm suas normas de funcionamento traçadas por este Regimento Interno.

Dos Objetivos

Artigo 2º – As Comissões Regionais, que desenvolverão suas atividades observando os norteamentos do Conselho Federativo Nacional, têm por objetivos:

I – Coordenar e promover, em nível regional, com as Entidades Estaduais de Unificação do Movimento Espírita, as atividades que tenham por fim a difusão da Doutrina Espírita e as tarefas de Unificação, inclusive, visando a dotar as Instituições Espíritas dos conhecimentos necessários ao desenvolvimento de suas atividades;

II – promover reuniões periódicas de âmbito regional, possibilitando as trocas de informações e experiências, analisando e buscando o equacionamento de problemas comuns, planejando e organizando as tarefas destinadas a atender às necessidades levantadas;

III – coordenar e promover a realização de cursos e encontros destinados à preparação e atualização de trabalhadores para as tarefas junto aos órgãos de Unificação e às Casas Espíritas;

IV - analisar temas indicados pelo Conselho Federativo Nacional;

V - opinar sobre propostas, programas e outros instrumentos norteadores das atividades espíritas, a serem submetidos ao Conselho Federativo Nacional;

VI - assessorar as Entidades Federativas Estaduais, quando solicitadas, na estruturação dos órgãos destinados a coordenar em nível estadual as suas atividades doutrinárias, assistenciais e administrativas, bem como na promoção de reuniões, encontros e cursos, destinados a dirigentes e trabalhadores das Casas Espíritas.

Da Constituição

Artigo 3º – As Comissões Regionais serão constituídas por um representante indicado por cada Entidade Estadual participante do Conselho Federativo Nacional que integra a Região correspondente e coordenadas, cada uma, por um Coordenador e um Secretário designados pelo Presidente do Conselho Federativo Nacional, estes auxiliados por tantos Assessores quantos se fizerem necessários.

Parágrafo único - Os representantes das Entidades Federativas Estaduais poderão fazer-se acompanhar de Assessores.

Do Funcionamento

Artigo 4º – As Comissões Regionais reunir-se-ão, ordinariamente, uma vez por ano e, extraordinariamente, sempre que necessário.

Parágrafo Único - Nas reuniões de cada Comissão Regional, poderão participar, como assistentes, os integrantes das demais Comissões Regionais.

Da Competência

Artigo 5º – Compete a cada Comissão Regional:

I - Organizar seu plano de trabalho articulando-se com as Entidades Federativas Estaduais envolvidas na sua execução;

II - acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos relacionados com suas atividades;

III - definir o local e a pauta de suas reuniões;

IV - acertar com as Entidades Federativas Estaduais a forma de custeio dos seus gastos.

Artigo 6º – Compete ao Coordenador de cada Comissão Regional:

I - Coordenar e dirigir todas as atividades da Comissão;

II - convocar e dirigir as reuniões da Comissão.

Parágrafo 1º – Compete ao Secretário:

I - Substituir o Coordenador em suas faltas e impedimentos;

II - manter em ordem o arquivo e o expediente da Comissão, recebendo e expedindo a correspondência;

III - lavrar as atas das reuniões da Comissão;

IV - auxiliar o Coordenador no desempenho de suas funções, executando as tarefas que lhe forem atribuídas.

Parágrafo 2º – Compete aos Assessores do Coordenador executar as tarefas que lhes forem atribuídas.

Da Disposição Final

Artigo 7º – Este Regimento Interno, aprovado pelo Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira, em 2 de novembro de 1985, entra em vigor na data de sua aprovação.

(Do Reformador de jan./86.)

ESTUDO SISTEMATIZADO DA DOCTRINA ESPÍRITA

Programa Complementar – Tomo Único

EDIÇÃO	IMPRESSÃO	ANO	TIRAGEM	FORMATO
1	1	2008	10.000	18x25
1	2	2009	5.000	18x25
1	3	2010	10.000	18x25
1	4	2011	10.000	18x25
1	5	2012	6.000	18x25
1	6	2012	10.000	17x24
1	7	2014	3.500	18x25
1	8	2014	5.000	17x24
1	9	2015	5.000	17x24
1	10	2015	4.000	17x24
1	11	2016	5.000	17x24
1	12	2016	4.500	17x25
1	13	2017	4.000	17x25
1	14	2017	5.500	17x25
1	15	2018	2.000	17x25
1	16	2018	3.000	17x25
1	17	2019	2.300	17x25
1	18	2019	2.000	17x25

LITERATURA ESPÍRITA

EM QUALQUER PARTE DO MUNDO, é comum encontrar pessoas que se interessem por assuntos como imortalidade, comunicação com Espíritos, vida após a morte e reencarnação. A crescente popularidade desses temas pode ser avaliada com o sucesso de vários filmes, seriados, novelas e peças teatrais que incluem em seus roteiros conceitos ligados à espiritualidade e à alma.

Cada vez mais, a imprensa evidencia a literatura espírita, cujas obras impressionam até mesmo grandes veículos de comunicação devido ao seu grande número de vendas. O principal motivo pela busca dos filmes e livros do gênero é simples: o Espiritismo consegue responder, de forma clara, perguntas que pairam sobre a Humanidade desde o princípio dos tempos. Quem somos nós? De onde viemos? Para onde vamos?

A literatura espírita apresenta argumentos fundamentados na razão, que acabam atraindo leitores de todas as idades. Os textos são trabalhados com afinco, apresentam

boas histórias e informações coerentes, pois se baseiam em fatos reais.

Os ensinamentos espíritas trazem a mensagem consoladora de que existe vida após a morte, e essa é uma das melhores notícias que podemos receber quando temos entes queridos que já não habitam mais a Terra. As conquistas e os aprendizados adquiridos em vida sempre farão parte do nosso futuro e prosseguirão de forma ininterrupta por toda a jornada pessoal de cada um.

Divulgar o Espiritismo por meio da literatura é a principal missão da FEB, que, há mais de cem anos, seleciona conteúdos doutrinários de qualidade para espalhar a palavra e o ideal do Cristo por todo o mundo, rumo ao caminho da felicidade e plenitude.

O LIVRO ESPÍRITA

CADA LIVRO EDIFICANTE é porta libertadora.

O livro espírita, entretanto, emancipa a alma nos fundamentos da vida.

O livro científico livra da incultura; o livro espírita livra da crueldade, para que os louros intelectuais não se desregram na delinquência.

O livro filosófico livra do preconceito; o livro espírita livra da divagação delirante, a fim de que a elucidação não se converta em palavras inúteis.

O livro piedoso livra do desespero; o livro espírita livra da superstição, para que a fé não se abastarde em fanatismo.

O livro jurídico livra da injustiça; o livro espírita livra da parcialidade, a fim de que o direito não se faça instrumento da opressão.

O livro técnico livra da insipiência; o livro espírita livra da vaidade, para que a especialização não seja manejada em prejuízo dos outros.

O livro de agricultura livra do primitivismo; o livro espírita livra da ambição desvairada, a fim de que o trabalho da gleba não se envileça.

O livro de regras sociais livra da rudeza de trato; o livro espírita livra da irresponsabilidade que, muitas vezes, transfigura o lar em atormentado reducto de sofrimento.

O livro de consolo livra da aflição; o livro espírita livra do êxtase inerte, para que o reconforto não se acomode em preguiça.

O livro de informações livra do atraso; o livro espírita livra do tempo perdido, a fim de que a hora vazia não nos arraste à queda em dívidas escabrosas.

Amparemos o livro respeitável, que é luz de hoje; no entanto, auxiliemos e divulguemos, quanto nos seja possível, o livro espírita, que é luz de hoje, amanhã e sempre.

O livro nobre livra da ignorância, mas o livro espírita livra da ignorância e livra do mal.

EMMANUEL*

* Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião pública da Comunhão Espírita Cristã, na noite de 25/2/1963, em Uberaba (MG), e transcrita em *Reformador*, abr. 1963, p. 9.



Conselho Editorial:

Jorge Godinho Barreto Nery - Presidente
Geraldo Campetti Sobrinho - Coord. Editorial
Cirne Ferreira de Araújo
Evandro Noleto Bezerra
Maria de Lourdes Pereira de Oliveira
Marta Antunes de Oliveira de Moura
Miriam Lúcia Herrera Masotti Dusi

Produção Editorial:

Rosiane Dias Rodrigues

Capa:

Fátima Agra

Projeto Gráfico:

Luciano Carneiro de Holanda

Diagramação:

Rones José Silvano de Lima – www.bookebooks.com.br

Normalização Técnica:

Biblioteca de Obras Raras e Documentos Patrimoniais do Livro

Esta edição foi impressa pela Gráfica Santa Marta, São Bernardo do Campo, SP, com tiragem de 2 mil exemplares, todos em formato fechado de 170x250 mm e com mancha de 130/205 mm. Os papéis utilizados foram o Offset 75g/m² para o miolo e o Cartão Triplex 250 g/m² para a capa. O texto principal foi composto em fonte Minion Pro 11,5/14,5 e os títulos em Zurich Cn BT 14/16,8. Impresso no Brasil. *Presita en Brazilo.*